
ISABEL STILWELL
D. TERESA
UMA MULHER QUE NÃO ABRIU MÃO DO PODER
Mãe de D. Afonso Henriques.
Amante de Fernão Trava.
Rainha de Portugal.
6.ª EDIÇÃO
MANUSCRITO
ROMANCE


ISABEL STILWELL
D. TERESA
UMA MULHER QUE NÃO ABRIU MÃO DO PODER
Mãe de D. Afonso Henriques.
Amante de Fernão Trava.
Rainha de Portugal.
6.ª EDIÇÃO
MANUSCRITO
ROMANCE

ISABEL STILWELL

# D. TERESA

## UMA MULHER QUE NÃO ABRIU MÃO DO PODER

MANUSCRITO

# FICHA TÉCNICA

www.manuscrito.pt
facebook.com/manuscritoeditora

© 2015
Direitos reservados para Letras & Diálogos
Uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 BARCARENA

Título original: *D. Teresa*
Autora: *Isabel Stilwell*
Copyright © Isabel Stilwell, 2015
Copyright © Letras & Diálogos, Lisboa, 2015
Capa: *C&P Design*
Imagem da capa: © *Malgorzata Maj/Arcangel Images*
Fotografia da autora: *José Sérgio*
Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

ISBN 978-989-8818-02-7

1.ª edição em papel, Lisboa, maio, 2015

*Para as minhas três irmãs, Mary Anne, Lucy e Martha, que sempre, e mais do que nunca, são a minha referência, uma história de irmãs bem menos pacífica do que a nossa.*

## *Bierzo, março de 1086*

*A minha história é a história da ninfa do lago de Carucedo, que se estende pelo vale no sopé deste castelo de Urvel, que pertence à minha família desde tempos imemoriais.*

*Foi na margem destas águas que seduzi e encantei o maior dos homens e fui seduzida e encantada por ele. Quantas vezes me contaram a história da fada da água, de túnica longa e branca e olhos verdes, verdes como os meus, que saía de detrás de um penhasco e se sentava junto à margem a pentear os longos cabelos loiros, enchendo o ar com o canto que atraía a si todos aqueles que a ouviam. Quantas vezes me ri da ingenuidade da pobre ninfa, que acreditara ser capaz de prender para sempre o general romano, sempre tão altivo e soberbo, que a vinha escutar. Como me irritava e enfurecia quando me diziam que a ninfa se apaixonara por ele. Porque seria que nem a Ondina do lago se conseguia libertar do destino de todas as mulheres? Sabia de cor o que vinha a seguir, o repúdio, o vaidoso general a virar-lhe as costas, achando-a indigna do seu estatuto de cidadão de Roma. Por vezes, quando a minha ama chegava a esta parte da história, tapava-lhe a boca com as mãos. Não queria ouvir mais. Talvez soubesse, aquele saber sem se saber que se sabe, que tal como uma mosca atraída pela teia, também eu seria como ela. Era a sina das Moniz, das mulheres que recebiam o meu nome em batismo, das mulheres que nasciam e cresciam à beira de Carucedo, encantadas pela voz de Ondina.*

*Quando senti dentro de mim uma nova vida, tive esperança...*

*Afonso VI de Leão e Castela repudiara Inês da Aquitânia, porque não lhe dera um filho varão. E se fosse eu a conceber o herdeiro que tanto queria, de que precisava com urgência, porque não seria eu a rainha?*

*Aos 35 anos, o reconquistador das Espanhas aos mouros fizera desaparecer, sem olhar a meios, os dois irmãos, e agora Deus, ou o Diabo, pregava-lhe a maior das partidas, não lhe dava o filho que tranquilizaria a corte, cortando pela raiz as intrigas e conspirações dos que se preparavam para o dia em que a espada do inimigo trespassasse o seu senhor.*

*Quando, no escuro da noite, peguei na mão do rei e a pousei suavemente no meu ventre, Afonso exultou, cobriu-me de beijos, e eu adormeci, o meu corpo nu contra o dele, na certeza de que fora capaz de vencer a maldição do lago de Carucedo.*

*Levou-me para o palácio real de Leão, e a minha barriga de jovem de 18 anos cresceu, untada pelos óleos das escravas, abençoada pelas orações do abade de St. Isidoro, seguida e vigiada por Joseph ben Ferrusiel, a quem chamavam o Cidiello ou ha-Nasi, o príncipe, o médico judeu do rei.*

*Passeava no jardim de laranjeiras, longe das terras do Bierzo, e os senhores de Afonso, quando se cruzavam comigo, inclinavam a cabeça numa saudação reverente. Era da estirpe dos Moniz do Bierzo, mas mais do que isso era o amor do rei, a mulher em que crescia a sua semente. O poder e a glória tinham o cheiro doce da flor de laranjeira.*

*À ceia, Afonso sentava-me ao seu lado, e entrelaçávamos os braços, bebendo eu da sua caneca, e ele da minha, ao som da cítara e da harpa, vendo dançar as damas e os nobres, que, se diziam mal de mim, faziam-no pela calada, e aquilo que não ouvimos, e não sabemos, não nos rouba o sono.*

*Apenas o olhar de Urraca Fernandez, a minha «cunhada» mais velha, me provocava calafrios. Irmã, ou mais do que isso, quisesse eu acreditar nos rumores que se faziam ouvir pelos corredores do paço, seguia o rei para onde o rei fosse, a sua assinatura contraposta à dele. Afonso dependia dela como se preso por um cordão umbilical invisível ou por um segredo*

*demasiado pesado, demasiado perigoso, para que o quisesse carregar sozinho.*

*Mas mesmo Urraca Fernandez fingiu. Mesmo ela engoliu o ciúme e o desprezo, e aguardou. Porque sabia que, se o bebé fosse macho, nada poderia contra mim.*

*Pedi ao Dr. Ferrusiel para me dizer se trazia dentro de mim um varão ou uma menina, pela forma como a barriga crescia, pela maneira como se mexia, todos sabem que os rapazes são mais vivos e dão pontapés mais cedo, mas ele sorriu, aquele seu sorriso sábio, e recusou. Não havia forma segura de saber, garantiu-me, e o importante é que nascesse com saúde.*

*Fingi concordar. E pedi ajuda à minha escrava predileta, que me jurou o contrário. Conhecia quem possuía poderes para perscrutar aquele cofre sagrado onde os bebés se escondem, pediu-me dois maravides, e trouxe-ma ao paço, disfarçada de lavadeira. A feiticeira, ou bruxa, adivinha, não sei que nome lhe dar, acendeu velas de sebo, mandou fechar os cortinados em redor da minha cama, e subindo-me a camisa até ao peito, deixou a descoberto a minha pele branca. Pediu-me o anel de rubi que Afonso me dera, pendurou-o num pequeno ramo de salgueiro, e baloiçou-o sobre o ventre, e o anel rodopiou a uma velocidade crescente, em círculos que se tornavam cada vez mais apertados, louco, como um pião nas mãos de uma criança hábil.*

*— É uma menina, disse-me por fim.*

*Nessa noite trovejou de tal forma que de manhã o terreiro do jardim era um tapete de flores brancas, caídas ao chão antes de tempo.*

*Este ano não haverá fruta, disse-me a minha cunhada Urraca, quando quebrávamos o jejum depois da missa.*

*Vi que Afonso escutava a irmã e franzia o sobrolho, pressentindo a profecia maldizente.*

*Nessa noite consegui fazê-lo esquecer tudo, mas no dia de maio em que os gritos de um recém-nascido ecoaram pelos aposentos, e o rei entrou para ver a filha, encolhi-me entre os panos ensopados de suor e sangue, e chorei de desilusão, como a ninfa de Carucedo. Afonso beijou-nos suavemente a testa, a minha e a da pequenina criatura, e deu-lhe o nome de Elvira, o nome da sua irmã, doce e generosa, que passava sempre despercebida. E eu suspirei de alívio.*

*Meses depois estava de novo grávida. Não me purifiquei, não respeitei os quarenta dias de resguardo exigidos pela Igreja, nem sequer que o sangue parasse de correr.*

*Como a ninfa, penteei o meu cabelo loiro, fiz um risco preto em redor dos meus olhos verdes, usei a minha voz, o meu corpo, as poções dos mouros, os segredos da minha ama, e trouxe Afonso de novo para dentro de mim. E ainda hoje acredito que me amava, ou que pelo menos estivesse encantado pela ideia de que em mim a sua semente dava fruto. A minha barriga empinada, que túnicas vergonhosamente justas propositadamente realçavam, era a prova da sua vitória na cama, como no campo de batalha. Da sua virilidade. E um rei precisa que todos saibam que é capaz.*

*A minha cunhada Urraca Fernandez escondeu, de novo, o olhar venenoso e fingia uma vénia, uma vénia da mulher mais poderosa de Leão e Castela, domina de um infantado que a tornava também a mais rica, abadessa da Sagrada Colegiada de St. Isidoro. O seu poder terreno, visível na presença constante junto do rei, o seu ascendente divino ostentado na riqueza com que enchia a basílica que dedicava ao santo, cujo corpo o seu pai Fernando, o Bom, resgatara aos mouros de Sevilha.*

*Desta vez, não perguntei nada ao médico, recusei a ajuda da escrava, não implorei as preces dos frades e nenhum pêndulo baloiçou sobre o meu ventre.*

*Elvira no berço, tratada por todos como princesa, teria de dar lugar ao Afonso que estava para nascer. Estava certa disso. Mas não fui ingénua. Não me podia dar ao luxo de o ser. O sangue dos meus antepassados impedia-me de me entregar, sem planos, a um destino menor. Fiz meu aliado Roberto, o abade do Mosteiro de São Fagundes de Sahagún, o magnífico mosteiro real, a meio dia a cavalo de Leão, e que Afonso transformava no maior do seu império. Monge cluniacense, da poderosa ordem de Hugo de Cluny, aproveitei-me da sua insegurança e ambição e conquistei-o para a minha causa, prometendo-lhe mais poder e mais dinheiro, enganando-o*

*com a certeza de que se afrouxasse a sua missão de impor o rito litúrgico romano, eliminando o nosso tão amado rito moçárabe, ganharia força e popularidade. Roberto sentia a revolta nos seus próprios frades, nas gentes das aldeias e das vilas, que não entendiam porque procuravam destronar a liturgia dos cristãos da Península que tinham resistido ao islão, substituindo-a por uma forma vinda do estrangeiro, que os tornava estranhos na sua própria Igreja. O abade, em troca, sossegou a consciência de Afonso, que professava a tolerância entre cristãos, judeus e árabes, indo ao encontro do seu desejo de não ser alvo da ira do povo e do clero. E acredito que calou as vozes que me acusavam de viver em pecado, e me chamavam concubina, enquanto preparavam um casamento que melhor lhes conviesse.*

*Perdi.*

*Os pulmões de Teresa acordaram a cidade de Leão. A lua cheia brilhava no céu de janeiro, naquele ano de 1080, e não havia homem nem mulher, dos mais ricos aos mais pobres deste reino, que não quisesse saber o que dizia a carta, deitada sobre a mesa há nove meses, e que ditava a minha vitória ou a minha derrota.*

*Esta menina nem pestaneja, disse a parteira, quando a entregou nos braços do pai.*

*Afonso embalou-a, hipnotizado, preso do seu olhar. Teresa atraía-o com os seus olhos verdes, com os olhos da ninfa, iguais aos meus, os olhos verdes das Moniz do Bierzo.*

*Não era o varão que me podia salvar, mas tinha a força e a determinação de quem vinha para reinar, e saldou ali, naquela primeira hora, um pacto com o pai, que acredito ninguém será capaz de quebrar.*

*Quando Afonso ma pousou nos braços, fez-lhe o sinal da cruz na testa e baixinho murmurou:*

*— Teresa, filha minha.*

*Depois, depois tudo se precipitou. Vi-o no olhar da minha cunhada Urraca, e não quis esperar que Afonso me viesse mandar embora. Ordenei que enchessem as arcas com túnicas e capas, fechei as joias mais preciosas no cofre de marfim que o rei me oferecera, juntei-lhes as relíquias mais sagradas, a pequenina lasca da cruz de Cristo, para que me lembrasse sempre que o meu sofrimento não era comparável ao Dele, a minha cruz de St. André, e o fragmento de um osso do Santo Maior, e mandei as amas preparar as infantas para partir.*

*Voltava ao Bierzo, ao castelo de Urvel, ao lago de Carucedo. Com as duas filhas do rei.*

*Soube, semanas depois, que Constança da Borgonha, sobrinha de Hugo de Cluny, era a nova rainha de Castela e Leão. Numa união abençoada pela Santa Madre Igreja, Afonso tornava-se agora parente do abade dos abades, recompensando-o com mais ouro em troca da sua proteção, das suas orações, do perdão dos seus pecados e, sobretudo, do envio de cruzados, para reforçar o esforço da Reconquista. Da «sua» reconquista, a que se entregara de corpo e alma.*

*Disse-me o pobre D. Roberto, destituído do cargo em favor de Bernardo de Severiac, mais um proveniente das fileiras de Hugo, bem mais determinado e decidido do que o meu inconsolável amigo, a quem dei abrigo num dos meus mosteiros. Reconhecia assim a coragem com que me trouxe, para que lesse com os meus próprios olhos a cópia da carta que o papa Gregório enviara a Afonso, e que acabara de ditar o nosso destino.*

*A ameaça era clara: se o rei de Leão e Castela não se visse livre «dessa mulher de perdição, que fez um pacto com o abade de Sahagún, ver-me-ei obrigado a desembainhar a espada de S. Pedro».*

*Como a ninfa de Carucedo, ambicionei demasiado alto. Ou talvez fosse tudo uma questão de tempo, e a minha missão afinal consistisse em embalar o berço das minhas filhas e saber esperar.*

*Constança, apesar de já ser uma viúva de 36 anos, era fértil. Nove meses depois deu à luz, para minha consolação, uma menina, nascida no mesmo ano que Teresa. Batizaram-na de Urraca. Urraca de Leão e Castela.*

*A minha poderosa «cunhada» mandou dar-me conta da boa nova, e nem tentou esconder a*

*satisfação. A sobrinha, a legítima, frisou, recebera o seu nome. Cuspi no fogo, e cruzei os dedos em figas, desejando que a fúria dos céus se abatesse sobre ela, culpava-a de tudo. E nessa noite as minhas lágrimas encheram o vale, o vale do Bierzo, e cobriram a Galiza, Castela, Leão, e todas as terras sobre as quais Afonso e a sua irmã Urraca reinavam. Tal como as lágrimas da ninfa de Carucedo tinham submergido a cidade de Lucerna onde o seu traidor se afogou, também as minhas quiseram fazer desaparecer todas as Urracas...*

*Seis anos depois Afonso regressa ao Bierzo, aclamado imperador, título que ofereceu a si mesmo ao tomar ao infiel a grande cidade de Toledo, de que fez arcebispo frei Bernardo, o abade de Sahagún, um estrangeiro, símbolo do poder de Cluny na Ibéria cristã. Seis anos em que à riqueza dos impostos que cobrava aos califas mouros que tem sob o seu domínio somou poder e prestígio.*

*Afonso tem tudo, tudo menos um filho.*

*Aos 43 anos, Afonso de Castela e Leão volta, estou certa, atraído pelo canto da ninfa de Carucedo. O canto de Teresa, filha minha, Teresa nossa filha.*

# I PARTE

# TRÊS IRMÃS NA CORTE DE LEÃO (1086-1094)

## S. Pedro de Montes, Bierzo, abril de 1086

Teresa escondeu-se entre as rochas, fazendo sinal a Elvira para que estivesse calada como um rato. O imperador passou a galope, o leão da capa vermelha a rugir ao vento, deixando ver a cota dourada que só o rei podia usar. Seguia ladeado e protegido pelos seus homens, como convinha a quem viajava por estas veredas isoladas, onde os saqueadores ou os seus inimigos poderiam armadilhá-lo com facilidade.

O chão estava ainda gelado, abril acabado de entrar, e Teresa reparou com alívio que os cavaleiros estavam demasiado concentrados em evitar que as montadas escorregassem, para reparar nos quatro olhos, brilhantes, que os observavam por entre a folhagem. Demasiado distraídos para darem pela paisagem daquele vale do Paraíso, a neve no topo dos montes, a erva de um verde renascido, tão vivo que encandeava os olhos, os carvalhos e os castanheiros em flor, a descerem em direção ao rio.

Elvira subitamente espirrou. Uma vez, duas, três, as mãos a taparem a boca na urgência de abafar o barulho, que ecoava no silêncio absoluto, quase como uma avalanche. O jovem escudeiro que fechava a comitiva puxou as rédeas a fundo, e olhou em redor, desconfiado. Teresa reconheceu-o. «Alberto», murmurou baixinho, incapaz de conter a surpresa, mas ele não deu por ela, ou fingiu não dar, e esporeando o cavalo lazão partiu de novo no encalço dos outros, que já se afastavam.

Teresa saiu do esconderijo improvisado, furiosa com a irmã, que encolheu os ombros aflita, apontando para as mimosas em flor:

— Sabes que perto delas espirro sempre — lamentou-se.

Com 7 anos, Elvira era um ano mais velha do que Teresa, mas quem as conhecia, e para dizer a verdade mesmo quem as visse apenas uma vez, percebia que era Teresa quem dava as ordens, gizava os planos, construía as estratégias. Mandava, portanto.

— Não sei como é que um dia queres combater os mouros se nem te consegues esconder de um grupo de homens armados, nas montanhas que conheces desde que nasceste — refilou. E pegando na espada que deixara escondida entre os fetos, ordenou: — Agora não há nada a fazer, vamos embora que a mãe vai ficar furiosa por não estarmos vestidas e prontas para descer.

Elvira quis dizer que bem a tinha avisado de que o dia da chegada de Afonso VI não era o dia ideal para ensaiarem caminhadas nas serras, muito menos de espada na mão, mas não se atreveu.

Argumentos que não tinham dissuadido Teresa da sua expedição, tão determinada como a mãe, que, contra todas as previsões de temporal, há menos de dois dias mandara as filhas, e a gente da casa, atravessar as montanhas ainda nevadas, no difícil caminho do castelo de Urvel, até ao Mosteiro de S. Pedro de Montes, fundado e patrocinado pela família Moniz. Em tempos, havia sido ali que os ermitas tinham procurado a solidão, e agora Ximena buscava a proteção do abade Pedro. Mas talvez procurasse, acima de tudo, distância do lago de Carucedo...

— Porque será que o imperador cá vem? — perguntou ofegante Elvira, a pergunta que ninguém se atrevia a formular por palavras.

Teresa estacou em silêncio, enquanto sacudiu o cabelo loiro, endireitando a touca que nunca estava muito tempo direita na cabeça, apesar do esforço da ama, que a compunha vinte vezes por dia, não, quarenta, ou mesmo cinquenta, ou todas aquelas em que se cruzava com ela…

Talvez o pai viesse buscar a mãe, talvez a rainha Constança tivesse morrido, talvez os levasse a todos para a corte. Mas não queria confessar a Elvira o seu sonho, e por isso encolheu os ombros e respondeu, mal-humorada:

— E achas que eu sei? — E debruçando-se para apanhar uma margarida, começou a arrancar-lhe as pétalas, com fúria: «Bem me quer, mal me quer, muito, pouco ou nada.»

Irritava-a que a mãe fosse nada, ou quase nada, quando muito, pouco... Sabia que em tempos tinha sido «muito», mas que importava isso se agora era outra mulher que se sentava no trono à direita do pai, a quem os nobres beijavam a mão, e o povo aclamava à sua passagem. Se era ela, a outra, que tinha dado à luz uma filha legítima. A única. A sua meia-irmã Urraca.

Elvira esperou a explosão que se seguiria.

— A rainha devia ser a mãe — vociferou finalmente Teresa, enquanto atirava o pé da flor assassinada para o chão e a pisava.

Elvira esfregou os olhos inchados pelo pólen das flores que esvoaçava no ar, lavados agora pelas lágrimas:

— Não comeces com essa história outra vez — implorou.

Mas não tinha sorte nenhuma. Já sabia que não ia ter sorte nenhuma. Ultimamente, Teresa repetia e tornava a repetir a história de amor dos pais, ou de desamor, que uma das damas da mãe lhe contara às escondidas.

Por maldade, dizia a ama. Por inveja, garantia a criada, que se lembrava bem do ciúme que os amores de Ximena e Afonso tinham provocado naquela pequena corte de província. Mas fosse porque fosse, a verdade é que tinha estilhaçado o coração da irmã, e quando o coração da irmã era estilhaçado, sobrava para toda a gente à sua volta.

Teresa respirou fundo, aquele respirar fundo que a mãe repreendia sempre: «Teresa, pareces um boi a soprar pelas narinas, deixa-te disso», e calou-se. Elvira queria consolá-la, mas que podia dizer? Por muito ouro e terras que Ximena doasse aos conventos, por muito poder que a ligação ao imperador lhe trouxesse, o padre na prédica de domingo dizia vezes sem conta que os filhos não podem nascer fora do casamento. A alma da mãe estava em perigo, e quando Elvira fechava os olhos à noite via-a arder nas labaredas do Inferno, e ficava ali horas e horas a olhar o teto até que segurava contra si o corpo quente de Teresa, que dormia serenamente ao lado, e finalmente adormecia.

Teresa pareceu ler-lhe os pensamentos, e repetiu-lhe o que Ximena tantas vezes lhes dizia:

— Levanta a cabeça quando andas. És filha do imperador das Espanhas e da senhora do Bierzo. Nunca te esqueças disso.

* * *

Atravessaram o arco no muro da horta do Mosteiro de S. Pedro de Montes, e entraram pela porta de acesso às cozinhas, uma porta pesada de madeira que rodava com ruído nos gonzos, sempre aberta para que os irmãos menores pudessem ir deitar os restos aos porcos e às galinhas, e aos pobres...

A correr em bicos de pés, procurando não dar nas vistas, as irmãs subiram à torre alta, do lado esquerdo da igreja, onde a senhora do Bierzo se hospedava em S. Pedro de Montes. A ama recebeu-as aos gritos, agarrando Teresa pela gola da capa e abanando-a furiosa:

— Não vos tinha dito que hoje não havia saídas? E D. Teresa, o que faz outra vez com essa espada, não sabe que só a pode usar durante as lições?

As infantas nem tentaram protestar, deixando-se enfiar na tina de água morna, onde a criada as lavou com sabão de azeite e cinzas, até quase lhes arrancar a pele.

— Menina Teresa, deixe essas mãos de molho, ouviu? Olhe para essas unhas?!

Teresa, com os olhos a arder do sabão, ainda respigou. A ama inspirou fundo. Não podia dizer que não sabia a quem a infanta saía, tanto o pai como a mãe só faziam o que queriam.

Teresa, com o corpo esguio, a pele imaculada, os olhos verdes realçados por pestanas longas, não demoraria muito a saber usar a beleza a seu favor. A determinação faria o resto.

— E se estivesse caladinha e fizesse como a sua irmã, que já está vestida e pronta?

Elvira deixava que a criada lhe deitasse umas pingas de limão no cabelo para o tornar mais sedoso e fácil de pentear. Vestida com uma camisa de linho, coberta por uma túnica de burel, presa acima do ombro direito por um alfinete de pedras preciosas, os sapatos de bico de um couro de cordeiro fino, estava linda. Teresa lançou-lhe um olhar misto de inveja e orgulho.

— Ama, achas que o meu pai vai gostar mais dela? — perguntou, baixando a voz.

A ama envolveu-a na toalha para a secar, beijando-a de fugida. Aquela sua menina era sol e lua, trovão e brisa. Afagou-lhe os cabelos com ternura, se a soubessem levar seria leal até à morte.

* * *

— Teresa e Elvira, desçam com cuidado, sem tropeçar — recomendou uma das damas da mãe.

Elvira suspirou impaciente. Porque diziam sempre «Teresa e Elvira» e não «Elvira e Teresa»? Não valia de nada ter nascido um ano antes, ser a primogénita de Afonso VI, se a deixavam sempre para segundo lugar, ou para terceiro, se contasse com a irmã Urraca...

Os cânticos dos frades nas vésperas ecoavam nas paredes de pedra do mosteiro a gratidão pelos dons recebidos nesse dia agora que o Sol dava lugar ao brilho de Vénus, neste mosteiro escondido na serra mas que, nos últimos anos, crescera ao ponto de se tornar num dos mais importantes do Bierzo.

De cabeça baixa, os irmãos entoavam baixo as preces, enquanto acendiam as lareiras, cortavam a hortaliça na cozinha, punham as panelas ao lume e abriam as mesas no refeitório, onde hoje o imperador e a família se sentariam a cear.

Teresa estava demasiado distraída para prestar atenção a orações. Quando entrou na sala reservada à família Moniz, viu a mãe e as suas damas, sentadas num banco corrido próximo da lareira, as mãos em copa pousadas sobre o colo, os olhos no imperador, como que hipnotizadas.

Afonso VI era alto, muito alto, o cabelo castanho ondulado e bem tratado chegava-lhe aos ombros, a barba era longa, até ao peito. Teresa achava-o igual a Moisés com as tábuas dos mandamentos na mão, tal e qual a imagem que vira num dos grandes livros do mosteiro. Era tão forte, tão bonito, a pele tisnada do sol, apesar de a primavera ainda agora ter começado.

O imperador, ao reparar nas filhas, abriu os braços para as receber. Teresa procurou conter-se, mas não resistiu, correu para o pai, que a lançou ao ar, soltando uma gargalhada que se confundiu com a dele.

— Meu cabritinho do monte — disse-lhe o rei, beijando-a e pousando-a no chão, para, de seguida, beijar suavemente Elvira, que, direita e bem-comportada, esperava a sua vez.

— Dá-me uma espada nova, maior e de lâmina mais afiada? — pediu Teresa, fingindo não perceber o sobrolho franzido da mãe.

Afonso soltou uma nova gargalhada:

— O que é que fizeste à outra?

— Aprendi a lutar com ela, e já corto as ervas altas de uma vez só, mas não é a mesma coisa do que degolar um mouro, nem matar o inimigo a galope num cavalo. Um dia vou comandar o meu exército, como o imperador comanda o seu — disse a princesa, de um fôlego só.

Os homens de Afonso ergueram as canecas de vinho em saudação, e o imperador sentou a filha sobre o joelho:

— Só espero que a tua luta não seja contra mim, Teresa.

A filha olhou-o, como que a medir-lhe a altura e a força, e retorquiu convicta:

— Não, pelo menos para já não, porque perdia…

Afonso fingiu puxar-lhe uma orelha:

— Se fosse a ti não me atrevia! Mas fico contente que te juntes ao meu exército. Com a notícia de que os almorávidas vão desembarcar a sul, comandados pelo terrível Yusuf ben Tasufin, bem precisamos de que cresças depressa e aprendas a manejar essa espada.

Teresa procurou repetir o nome do chefe africano, atrapalhando-se a pronunciá-lo. Ouvindo rir, virou a cabeça zangada para descobrir quem se atrevia a troçar dela, dando de caras com Alberto, que, aos catorze anos, era o mais novo dos escudeiros do rei.

Alberto corou e fez uma vénia delicada e Teresa pensou, por minutos, se havia ou não de o crucificar. Saltou do colo do pai e apontando para o rapaz declarou:

— Da última vez que cá estiveram, o Alberto ensinou-me a usar a espada e a manejar o arco. Pai, pode deixá-lo ficar no Bierzo como meu professor?

A vingança servia-se fria. Afonso reparou, divertido, que o pobre escudeiro se engasgava na indignação. Por muito princesa que fosse, quem se imaginava Teresa para dispor assim da sua vida de soldado? Mas antes que o rei pudesse responder, Ximena deu dois passos em direção à filha mais nova e, pondo-lhe as mãos nos ombros, apertou-os com força, espetando as unhas compridas na sua carne. Teresa sabia bem o que aquilo queria dizer e, procurando esconder a dor, despediu-se do rei, num tom subitamente sóbrio:

— Parece-me que hoje vou para a cama mais cedo — disse e, beijando a mão do imperador, deixou que a ama a levasse dali para fora.

* * *

Os ventos vindos dos cumes nevados infiltravam-se por todas as frinchas, gelando a gente da casa até aos ossos, a noite no Bierzo era assim. Ximena puxou sobre os ombros a capa de urso, e chegando-se mais perto da lareira, onde enormes troncos ardiam, abriu as palmas das

mãos para o fogo. Nas labaredas pareceu-lhe ver o seu passado, ela e Afonso, tão felizes e despreocupados, Afonso a oferecer-lhe o anel que até hoje nunca tinha tirado do dedo, Afonso com Teresa nos braços, as laranjeiras em flor.

Sentiu que o imperador se aproximava dela, como pressentimos o corpo de outra pessoa sem precisar de o ver, e sentiu um arrepio. Não se voltou, mas um arrepio de desejo percorreu-lhe o corpo quando sentiu a mão do homem que nunca deixara de amar, pousada no seu ombro. Se estivessem sozinhos... Mas não estavam, e o ruído das canecas a pousar nas mesas, ou erguidas em saúdes, e as vozes dos cavaleiros de Castela e Leão trouxeram-na de volta à realidade. Mais tarde, talvez mais tarde, mas agora a sua missão era uma: saber o que trazia aqui o imperador e tirar o máximo de partido do pedido que certamente lhe vinha fazer.

Finalmente voltou-se, passando a mão pela cara para esconder o rubor, e a centímetros do corpo de Afonso engoliu em seco e perguntou:

— Porquê agora? — perguntou Ximena.

Afonso teve vontade de dizer que regressara apenas por ela, porque continuava a sonhar com as noites de paixão que tinham partilhado, porque sentia a falta dos seus comentários irónicos, da lucidez com que antecipava tudo, mas mentiria, e depressa seria apanhado em falta. Mais tarde, talvez mais tarde, disse a si mesmo, mas agora tinha de cumprir o que o trouxera ali. Endireitou as costas, recuou, procurando escapar ao feitiço da ninfa, e com um ar displicente respondeu:

— Porque é tempo. Parto em campanha para Saragoça. Queremos tomá-la e agora que Toledo caiu acreditamos que seja possível — respondeu-lhe o rei.

Ximena estremeceu, preocupada:

— Judeus, cristãos, árabes, conseguimos sempre viver em paz, nas mesmas cidades, respeitar o culto uns dos outros... Dizem-me que, mesmo depois da reconquista, em Toledo o muezim continua a ouvir-se tanto como os sinos. Não é um mundo melhor este que vais destruir?

Afonso encolheu os ombros, e Ximena reparou como se parecia com Elvira quando o fazia.

— Os cruzados que chegam do Norte não entendem porque não batalhamos nem às sextas, nem aos sábados, nem aos domingos. Não

querem acreditar que, mesmo na guerra, respeitemos os dias santos de cada um...

Ximena sorriu, pela primeira vez abertamente, e Afonso sentiu-se hipnotizado pelo brilho dos seus olhos verdes.

— Mas é um mundo único que acaba, Afonso. E sabes bem que quando estás doente chamas o médico judeu, e não o supersticioso do alveitar da corte que acende velas e faz rezas, mas não sabe onde está a cabeça e os pés do doente... E se destroem os regos que irrigam as culturas, e envenenam os poços que dão de beber a tanta gente, os reis das taifas ficam sem dinheiro para te pagar os impostos, e tu, por sua vez, não tens forma de financiar Cluny… segundo me dizem, vai grande a abadia de D. Hugo. Com o dinheiro de Espanha — acrescentou com uma ponta de cinismo na voz.

O rei soltou uma gargalhada:

— Não te calas, apesar de tudo o que aconteceu? Se o bom do Hugo de Cluny te ouve, já para não falar no papa, e no bispo de Santiago, teremos novas cartas!

Ximena baixou os olhos:

— Roma já sabe o que penso da sua colonização, e quanto a Santiago de Compostela, agradecem o teu empenho em tornar o caminho dos peregrinos vindos de França mais seguro e direto, estão-te gratos pelo financiamento de abadias e mosteiros para hospedarem quem viaja, mas, aqui para nós, mal se sintam com força suficiente, vão fazer-te frente...

O rei impacientou-se:

— Esta conversa deixou de ter sentido. São guerreiros fanáticos, não se importam de matar e morrer em nome do islão, treinados em conventos militares para impor a sua fé.

Ximena não resistiu a usar de mais ironia:

— Cruzados, portanto.

— Bem mais impiedosos, com cavalos mais velozes e talvez melhores cavaleiros... Já recebi recados dos califas do Sul, que os temem mais do que a nós. A guerra também é contra eles!

— E tens homens que cheguem? — perguntou Ximena.

Afonso contou-lhe como já tinham chegado mais cruzados, homens com experiência e rapazes novos, senhores da Borgonha e de França,

dispostos a expulsar os mouros, a troco de terras, de dinheiro, e do céu, evidentemente.

A aliança de Afonso e Constança fora inteligente, Ximena era suficientemente lúcida para o reconhecer. Voltou atrás:

— Mas com tanto que fazer para sul, porquê esta viagem ao Bierzo?

Afonso teve vontade de lhe dizer que todos os pretextos eram bons para a ver, mas o rosto cerrado de Ximena, que aos 26 anos continuava tão espantosamente bonita, não lhe permitiu continuar.

Bateu com as botas no chão para aquecer os pés, passou a mão pelo cabelo, franzindo a ruga do sobrolho, que se tornara mais profunda com o passar do tempo, e foi direito ao assunto:

— Quero levar Teresa e Elvira comigo.

— Elvira e Teresa — corrigiu Ximena, ríspida.

— Sim, Elvira e Teresa — emendou Afonso. — Quero levá-las para a corte de Leão. Fez-lhes bem o ar do campo e só ganharam por crescer longe de intrigas, mas agora...

— Agora o que é que mudou? É exatamente o que estou a perguntar — insistiu Ximena.

— Agora sinto que é justo dar-lhes as mesmas oportunidades que dou à minha filha Urraca. Como sabes, Constança teve mais filhas depois dela, mas todas morreram no berço — disse Afonso, calando-se por momentos.

Ximena não interrompeu o silêncio. Que podia dizer? Que tinha pena da mulher que a viera destronar?

— Se as quero casar bem, como pretendo, precisam de ser vistas na corte, de saber viver numa corte...

Ximena concordou. Não queria mostrar-se entusiasmada, mas quantas noites passara em claro a pensar que, se o rei de Leão e Castela viesse a ter muitos filhos e filhas, Teresa e Elvira — Elvira e Teresa, corrigiu-se em pensamentos — deixariam de lhe ser úteis e era provável até que as esquecesse. Ou as nomeasse damas de uma qualquer senhora, filhas bastardas arrumadas a um canto, irrelevantes...

Afonso percebeu o silêncio e avisou:

— Não desisti de ter um filho varão! Os homens no meu lugar não escolhem a vida que vivem.

«Nem as mulheres», esperou Ximena que o imperador dissesse, mas

não disse. Limitou-se a olhá-la com desejo.

A senhora do Bierzo baixou os olhos, mas depois voltou a levantá-los decidida. Não se ia deixar levar pela sedução, sem antes garantir o futuro das suas filhas. Conteve-se. Não se podia precipitar nos braços do imperador, pedindo-lhe que ficasse, dizendo que ainda lhe podia dar o filho varão por que ele tanto esperava. Deu um passo atrás e atacou:

— A quem vai ser entregue a educação das minhas filhas? — Afonso pareceu hesitar, e Ximena impacientou-se consigo mesma. — A pergunta é estúpida, sei disso. Elvira e Teresa vão ser entregues a Urraca Fernandez, tenho a certeza. — E irritada acrescentou: — Pobre Constança, pelo menos aqui, nas minhas terras, vivo livre da tua irmã.

A expressão de Afonso revelou fúria, e Ximena recuou, antes que fosse tarde:

— Quero que duas das minhas damas, a ama e duas criadas sigam com elas. E nunca antes de maio. Quero antes peregrinar a Santiago.

E inclinando a cabeça numa vénia propositadamente mal feita, saiu da sala.

* * *

À primeiríssima luz da madrugada, quando os sinos acordavam os monges para as laudes, Ximena levantou-se e abrindo a arca tirou de lá o frasco do bálsamo de rosas e mirra. Soltou as fitas da camisa de dormir, deixando-a cair aos seus pés, e em gestos suaves untou o corpo, sentindo as suas formas firmes, a sua pele delicada. Sacudiu a cabeça, soltando o cabelo que lhe chegava à cintura, e estremecendo de frio estendeu a mão para o manto que deixara no fundo da cama, cobrindo com ele o corpo nu.

Saiu para a câmara que separava o seu quarto daquele onde dormia Afonso, fazendo sinal ao soldado que guardava a porta para que a abrisse. Fechou-a atrás de si, sem barulho, e estacou uns segundos, inspirando o perfume a rosas que chegava do jardim, ou seria o seu? Depois puxou para trás o lençol coberto por um alfâmbar grosso e quente e deslizou para dentro da cama do rei.

A ninfa saía do lago, irresistivelmente atraída pelo seu amor.

— Ximena…

* * *

Teresa bateu o pé, zangada:

— Alberto, porque é que o imperador se foi embora sem se despedir de mim?

O pobre escudeiro abanava a cabeça, desconcertado. Fora tão surpreendido como a princesa pelas cavalariças vazias, os arreios desaparecidos… como raio adormecera num sono tão pesado que nem ouvira os homens do rei partir, ele que dormia ali mesmo na palha? A mão pressionava com força as têmporas, que latejavam de dor, recordando-o de que talvez tivesse exagerado nos púcaros de vinho que insistira em beber na véspera.

— Senhora D. Teresa, pode ter a certeza de que não sei. Porque se soubesse tinha partido com o imperador. Era o que me faltava ser condenado a ama-seca!

O rosto pálido de Teresa franziu de fúria:

— Como é que te atreves?

O abade Pedro, que acabara de sair para o terreiro frente à igreja, ao assistir à discussão, gracejou:

— Ainda só vamos na hora terça e já se insultam?

Teresa beijou-lhe o anel. A mão de D. Pedro escondida pelo linho da camisa, aquele cheiro a roupa lavada no rio e posta a secar ao sol a acalmá-la, e Alberto dobrou o joelho sobre o pó, beijando-lhe a sandália. Não por respeito, mas não vá o diabo tecê-las, e o diabo tecia-as a cada oportunidade, desejoso de reforçar o seu exército com moços novos e ambiciosos como ele, como lhe contara a sua querida mãe, que deixara em Coimbra.

O abade içou-o suavemente pelos ombros e olhou-o nos olhos, sossegando-o:

— Meu filho, ensinar a filha do imperador a lutar pela espada não é ser ama-seca — assegurou-lhe, numa voz suave.

Teresa abanou a cabeça, satisfeita, mas baixou os olhos mal o abade se virou para ela e a repreendeu:

— Não serás ama-seca se a princesa não se comportar como uma criança de colo e se se recordar das responsabilidades que lhe traz o facto de ser filha da senhora do Bierzo, patrona deste mosteiro.

A infanta escondeu as mãos para que D. Pedro não visse como tremiam, de vergonha, de raiva, de desejo de responder à letra… se ao menos encontrasse as palavras certas.

Gostava deste padre que conhecia desde pequena e que se referia sempre com mais deferência à sua mãe do que a Afonso. Sabia bem que nada agradava mais a Deus do que a fundação de um mosteiro, e patrocinar mosteiros era o que a sua mãe fazia com dedicação.

São Pedro de Montes, que o abade não se cansava de repetir que tinha sobre a sua alçada mais de 85 localidades e 62 igrejas, o Mosteiro de Peñalba de Santiago, e ainda havia o de Santo André de Espinareda. O pai podia mandar mais, mas mandava longe dali...

D. Pedro chamou-a de novo à terra:

— Não será melhor começar o dia de coração limpo, senhora D. Teresa?

Teresa conformou-se ao inevitável:

— Obrigada por teres ficado, Alberto — disse com o cuidado de não pôr demasiada convicção nas palavras.

— E agora vão quebrar o jejum, porque têm um dia longo pela frente — sorriu o abade Pedro.

Teresa fez menção de perguntar porquê, mas a ama já chamava por ela, impaciente.

* * *

Teresa estacou à porta, impressionada pela cena. A mãe sentava-se em cima de uma arca, junto à janela, e ao seu lado Elvira soluçava, inconsolável. O rosto de Ximena parecia cansado, as olheiras fundas, enquanto passava a mão suavemente pelo cabelo da filha mais velha, num gesto que preocupou a princesa, quase mais do que as lágrimas da irmã. O que teria acontecido para que estivesse tão terna?

Ao reparar nela, a mãe indicou-lhe o fundo da cama, e Teresa sentou-se, os pés a baloiçar da enxerga de palha, procurando desfazer o nó que se enrolara na garganta e a impedia de perguntar sequer o que tinha acontecido.

Ximena forçou um sorriso:

— A menina Teresa perdeu o pio pela primeira vez na vida?

Teresa desviou os olhos para que a mãe não os visse cheios de lágrimas. Não era preciso ser muito esperta para perceber, pela cara da mãe, pelas lágrimas da irmã e pela azáfama das criadas que enchiam as arcas de roupa e arrumavam tudo, que iam partir. E não podia ser para casa, ninguém chorava por regressar a casa...

— Vamos para casa, mãe?

— Hoje para casa — disse Ximena.

Mas antes que pudesse continuar, Elvira indignou-se:

— Mas depois para Leão, para a corte do imperador.

Os olhos de Teresa iluminaram-se:

— Vamos para a corte? Para Leão? Para a corte do imperador? — perguntou, sem esconder a excitação.

Porque estavam todos tão tristes, se tanto esperara por este dia.

Ximena exclamou:

— Meu Deus, que duas irmãs tão diferentes! Mas tens toda a razão, Teresa, só há motivo para alegria. Vão as duas para a corte, para Leão, Zamora, Sahagún, conhecer todos os palácios do imperador, aprender com os melhores...

Elvira limpou os olhos à manga e protestou, virando-se para Teresa:

— És mesmo tonta, não percebeste que a mãe fica cá, que a mãe fica em Urvel?

Teresa pareceu ter sido atingida por um raio. Sem a mãe? Na corte de Constança, da rainha Constança, na corte da princesa Urraca, a filha legítima do imperador, poucos meses mais nova do que ela, sem a proteção da mãe?

Juntou as sobrancelhas, como se desejasse que por pensamento as rivais se desfizessem em pó, mas depois sacudiu a cabeça com tanta força que perdeu a maldita touca, e, cruzando os braços, concluiu:

— Meninas mais pequeninas do que nós são enviadas para casa de nobres para serem educadas, não é assim, mãe? E podemos voltar ao Bierzo sempre que quisermos, não podemos, mãe?

Aproximando-se, atreveu-se a pôr os braços em redor do pescoço de Ximena, beijando-a, inspirando com convicção aquele cheiro a rosas que a inebriava, e depois, soltando-se, exclamou:

— Quando eu mandar muito, porque vou mandar muito, acredite minha mãe, vamos estar todas juntas outra vez!

Ximena voltou a colocar-lhe a touca no sítio, e olhando-a nos olhos concordou:

— Vais mandar muito, Teresa. Não tenho dúvidas. Trabalha para mereceres o poder, mas quando o tiveres não o deixes fugir. O poder permite-nos fazer coisas boas. Com ele podemos lavar os pecados que outros cometeram, lutar pela justiça, e assim servir ao Senhor Nosso Deus, que está no Céu.

Subitamente, Teresa recordou-se do malmequer que ontem tivera nas mãos: «Bem me quer, mal me quer, muito, pouco ou nada.»

Quando mandasse, a mãe voltaria a ser a mais amada pelo rei.

Elvira deitara a cabeça no colo da mãe. Por muito que se esforçasse, não entendia estas conversas. Tudo o que queria era viver em paz, e sete anos de vida diziam-lhe que quem mandava nunca tinha sossego.

Teresa começou a andar de um lado para o outro do quarto, os sapatos num sussurro contra a laje de pedra, subitamente impaciente:

— Quando partimos para Leão?

Ximena sorriu:

— Primeiro vamos em peregrinação a Santiago. Não vos quero fora daqui sem terem visitado o Santo Maior, sem terem rezado junto do seu túmulo.

Até Elvira se animou. Finalmente iam peregrinar, finalmente iam conhecer a grande cidade de Santiago, que atraía tanta gente.

— Agora vão preparar as vossas coisas, para recebermos a bênção do abade, antes de regressarmos a Urvel.

Teresa pensou no frio que ia passar, montada na sua mula, e Elvira temeu os cães selvagens e os lobos, que por vezes chegavam tão perto que se viam a olho nu e era preciso um dos soldados acender uma tocha de fogo para que se afastassem.

A irmã mais nova deu-lhe a mão, pressentindo o que lhe via na expressão:

— Lembras-te daquela vez em que até a mãe sacou da adaga e os soldados cortaram a cabeça aos salteadores que não nos deixavam passar?

Elvira tapou o rosto com as mãos, a querer esquecer, mas Teresa murmurou:

— Sabes que fui incapaz de fechar os olhos? Olhei e olhei e olhei,

hipnotizada pelas cabeças que pendiam ainda dos corpos, o sangue a escorrer, mas os olhos ainda vivos.

Elvira deu um grito:

— Não digas essas coisas que me fazes pesadelos.

Teresa, sentindo sobre si a atenção da ama, abriu a arca e começou a atirar lá para dentro os seus brinquedos:

— Não olhes para mim assim, ama, que já me confesso em Santiago.

A ama passou-lhe a mão pelos cabelos:

— Faz bem, menina, porque não nos devemos alegrar com a morte, mesmo com a dos nossos inimigos.

Teresa encolheu os ombros. Alegrava-se, disso não tinha dúvida, e suspeitava que o pai, sempre que cortava a cabeça a mais um sarraceno, sentia o mesmo.

* * *

A senhora do Bierzo acompanhara as suas filhas até ao paço de Astorga, a fronteira ocidental do seu território, a dois dias da cidade real de Leão. A partir daqui teriam de seguir sozinhas, pensou Ximena Moniz, enquanto subia as escadas que a levavam aos aposentos das princesas.

Fazendo sinal à ama, que bordava à luz da vela, Ximena entrou no quarto onde as filhas dormiam, procurando não tropeçar nos baús ainda abertos, para que de manhã se arrumassem as últimas coisas antes de os fechar. As despedidas tinham sido emocionadas, e os cabelos revoltos de Teresa e Elvira misturavam-se sob os travesseiros de linho, sinal de um adormecer difícil e de um sono agitado. Não voltaria a vê-las acordadas, partiria antes de o Sol se levantar para o Mosteiro de Santo André de Espinareda.

Sentou-se na beira do colchão e olhou-as como que pela última vez, quem sabe se não o seria? Teresa segurava presa na mão a pequenina caixinha de marfim, a caixa que Afonso lhe dera há tantos anos e que ontem passara à filha, e percebia-se que ao pescoço tinha pendurada a relíquia de Santo André, o santo da sua devoção. A caixinha redonda que dera a Elvira, forrada a seda do Oriente, recordava-lhe Zamora e Afonso. Pendurara-lhe também num medalhão a relíquia do lenho da cruz de Cristo, era justo que a desse à sua filha mais velha, por uma vez

não a podia discriminar. Ambas tinham com elas a vieira, a concha que provava que os peregrinos haviam chegado ao seu destino, apanhada nas praias de Finisterra. Esperava que o Santo Maior velasse pelas suas meninas...

Ficou mais um bocadinho, atrevendo-se a passar os dedos pelo cabelo de Teresa, como um pente de dentes largos, guardando no coração a memória daquela textura tão suave.

Ainda ontem, pediu ao astrólogo que lhe dissesse o que revelava o horóscopo das suas filhas, e respirara de alívio quando o sábio lhe garantira que o futuro de ambas brilhava como as estrelas mais luminosas do firmamento. Teresa teria a força para se impor, vergando todas as vontades à sua, e Elvira, Elvira partiria para longe, esperando-a uma vida de aventuras. Ximena duvidara, mas o homem limitara-se a olhá-la com desprezo, garantindo-lhe que o destino não estava nas mãos das mães, por muito reais que fossem, mas nas de Deus, e a vontade do Altíssimo podia ler-se nos astros. Por isso, sim, Elvira partiria.

Com o polegar estendido, desenhou-lhes na testa o sinal da cruz. Partiam com a sua bênção, mais nada lhes podia dar.

* * *

Alberto saltou do fardo de palha onde dormia ao ouvir o relinchar de uma égua, que os moços da cavalariça aparelhavam. Saiu disparado para o pátio e deu de caras com Ximena Moniz, a capa escarlate com o capuz puxado sobre o rosto, cobrindo-o de sombras, a senhora mais bela que alguma vez tinha visto. Ximena deu uma gargalhada trocista:

— O fiel escudeiro tem o sono leve! Aprendeu a lição desde que o rei partiu sem ele?

Percebendo que ofendera o pobre rapaz, reabrindo a ferida, pousou-lhe uma mão no ombro e disse-lhe num tom meigo:

— Vinha à tua procura, Alberto. Confio em ti e tenho um último pedido a fazer-te: toma conta delas, protege-as, dos males visíveis e dos invisíveis, naquela corte de víboras, de gente que usa os poderes ocultos para destruir quem lhes faz sombra…

O escudeiro assentiu com a cabeça, mas Ximena pretendia mais:

— Juras, Alberto?

Alberto jurou, e depois, entrelaçando as mãos, como se fossem um estribo, ajudou-a a montar. Com dois toques hábeis das rédeas partiu a galope, soltando subitamente um grito estridente e inesperado, como um grito de guerra: «Anasisapta.» A palavra ecoou nas muralhas e subiu aos campanários, rodopiando como um remoinho de vento, levantando as folhas do caminho.

— Anasisapta — repetiu Alberto, estremecendo.

E ouvindo o sino do Mosteiro de Astorga assinalar o fim dos cânticos da hora primeira, correu em direção à porta da igreja, como se estivesse possuído pela loucura. Entre os monges que saíam em fila, procurou o abade, e lançando-se aos seus pés implorou:

— Pai, preciso que um dos escribas escreva uma mensagem. É uma questão de vida ou de morte — acrescentou, num murmúrio.

O abade falou-lhe com doçura:

— Suponho que não virá mal ao mundo se procurares o irmão Raul e lhe pedires que te escreva essa carta — disse, encaminhando-o em direção à porta sagrada, que nenhum estranho se atrevia a franquear sem licença.

— Procura-o no segundo claustro — acrescentou.

Alberto sentiu-se ligeiro, o coração aos saltos, inundado por um sentimento de euforia, como se a pedra daquelas paredes, que se transformavam em colunas e arcos até ao céu, lhe desse coragem, como se a água que jorrava da fonte do jardim lhe permitisse aceder ao Paraíso. Benzeu-se por várias vezes enquanto caminhava em direção ao claustro para onde o abade o enviara, o claustro dos escribas, que dedicavam a vida a copiar os grandes livros. O cheiro ocre a tinta confirmou-lhe que estava próximo. Nunca entrara num *scriptorium* como aquele. Olhou, com espanto, para os mais de dez monges sentados em bancos altos, junto de mesas ainda mais altas, sobre as quais repousavam tinteiros grandes e vasos cheios de penas coloridas de todos os tamanhos e feitios.

— Irmão Raul — indagou baixinho.

Um monge de cara redonda e simpática sorriu:

— Pelo menos aqui, acho que sou o único.

Alberto sentiu-se subitamente a corar. Agora que estava perante a

situação, tremia. Como conseguiria explicar o que o trazia aqui? O súbito acesso de insanidade que o movera a este gesto?

— Preciso de escrever uma palavra. Num pergaminho virgem — anunciou, acabrunhado.

O irmão Raul indicou-lhe um banco sem ninguém, e o escudeiro encavalitou-se nele, as mãos a tremer.

— Presumo que queiras ser tu a escrever a tal palavra — disse.

Alberto concordou com a cabeça. Sabia as letras, aprendera-as na catequese em Coimbra, com um monge que garantia que ele tinha cabeça para essas coisas. Mas há quanto tempo não segurava uma pena, não controlava o gesto de encher o bico de tinta e de o chegar à tela, sem que esborratasse tudo. Temia deitar a oportunidade a perder, mas o irmão Raul parecia ter todo o tempo e paciência do mundo:

— Usa aquela tela já muito escrita, pega no pano, limpa o bico — foi instruindo, e Alberto sentiu-se cada vez mais excitado, como no primeiro dia em que vestira cota e elmo e lhe tinham posto uma espada na mão.

— Escreve primeiro o teu nome, para ver se essa mão para de tremer — sorriu-lhe o frade, escondendo a gargalhada, temendo ofendê-lo.

Alberto mordeu o lábio e desenhou com cuidado o A capitular, procurando não deixar que a pena parasse...

— Bravo! — exclamou o irmão Raul, e os outros monges olharam com curiosidade para o miúdo que testava a sagrada arte da escrita.

— Agora pega no pergaminho virgem e escreve a palavra que te trouxe até aqui.

As maçãs do rosto de Alberto voltaram a ficar da cor da romã, mais encarnadas do que o Sol quando se põe num final de tarde de verão.

— Esta pena é de um pato, de um pato macho? — perguntou ao ouvido do monge.

O irmão Raul respondeu-lhe igualmente num sussurro:

— Julgavas que te daria uma pena que não fosse mágica?

Alberto, comovido, de um lance, desabafou, falando baixo, com medo de que os outros o ouvissem:

— A senhora D. Ximena partiu a galope e gritou ao vento aquela palavra, aquela palavra que protege da doença e do mau-olhado, da magia negra e dos rancores. Sei que queria proteger as filhas, as filhas que me entregou à guarda, irmão Raul, a mim que sou apenas um

escudeiro. E sei que, se essa palavra mágica não for escrita num pergaminho virgem e com pena de pato macho, não serve de nada...

Perante o silêncio compreensivo do monge, acrescentou:

— Irmão Raul, não sou capaz de escrever uma palavra tão difícil e comprida.

O monge pediu-lhe a pena:

— Serei então eu a escrevê-la — disse, escrevendo a palavra com destreza e enrolando logo depois o pergaminho, passou-lhe um fio de linho que selou com lacre, entregando-o ao rapazinho:

— Leva isto contigo, guarda-o bem, mas não quebres o selo, exceto em situação de grande aflição.

Impedindo o jovem escudeiro de se ajoelhar aos seus pés, afagou-lhe o cabelo e encorajou-o:

— Vai à tua vida, meu filho, mas não te esqueças nunca de que não há palavra nenhuma que tenha nem mais força nem mais poder do que o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Alberto recuou devagarinho até à porta daquele lugar que lhe parecia mais sagrado do que todas as igrejas, procurando registar cada um dos detalhes. Quando fechou a porta, seguiu o rasto da corrente de ar, até encontrar a porta da cozinha, e quando se viu sob céu aberto inspirou o ar fresco da manhã e correu até ao paço.

— Alberto, onde é que te tinhas metido? — ouviu a voz de Teresa reclamar quando o viu chegar, ofegante.

A princesa estava rabugenta, como acontecia sempre que acordava cedo, pensou divertido, escondendo no bolso da capa o pergaminho poderoso.

— Em que posso servi-la, senhora D. Teresa — disse-lhe, fazendo-lhe uma vénia exagerada. Teresa, o cabelo preso num carrapito, coberto pelo capuz da capa, parecia uma cópia de Ximena Moniz, reparou subitamente Alberto, sobressaltado.

A princesa leu-lhe a expressão, e franzindo o nariz perguntou desconfiada:

— Estás tão agitado, o que é que me escondes?

— Alegra-me a ideia de partir consigo para Leão, senhora D. Teresa, é só isso. E sabe qual é a primeira coisa que vou fazer quando lá chegar?

Teresa continuou a olhá-lo com cuidado, mas nada conseguia diminuir o bom humor do escudeiro:

— Não sabe, então eu digo-lhe. Vou aprender a ler e a escrever!

A princesa indignou-se:

— Como é que alguém que pode passar o dia todo a montar a cavalo e a brandir a espada prefere ir sentar-se em frente de um pergaminho?

Mas Alberto já entrara para aparelhar as éguas brancas que o imperador mandara entregar às filhas. Queria que entrassem com toda a dignidade na cidade real. Teresa, ao ver o presente do pai, esqueceu tudo o resto. Estava na hora de partir.

Alberto cavalgou ao lado das duas princesas, à frente de um curto cortejo de gente e carroças atoladas de arcas. Junto ao peito trazia o pergaminho.

— Anasisapta — murmurou, apertando-o contra si, e pedindo assim proteção para as pequeninas filhas do rei e da senhora do Bierzo. Ou devia antes dizer «Jesus Cristo»? Aprenderia a escrever para que nunca mais escrevessem por ele, jurou a si mesmo.

## Paço de Leão, julho de 1086

A linha das muralhas da cidade de Leão já se via à distância, naquela planície tão árida, como nenhuma que Teresa conhecera até então. Voltava ao palácio onde nascera, mas partira dali apenas com semanas de vida, não guardava dele nenhuma memória, apenas as histórias que a ama contava de uma cidade cheia de gente e cheiros, de gritos e pregões, onde as procissões cruzavam as praças várias vezes ao dia, gente rezando para que Deus as salvasse da doença, lhes trouxesse ora sol, ora chuva, descontente com tudo.

Sentia as pernas moídas e a cabeça estonteada depois de dois dias sob o sol quente de junho, o pó do caminho a cobri-la por dentro e por fora, deixando-lhe a garganta tão seca que nem a água do cantil aliviava. Tirou o chapéu de palha de abas largas, que a ama a obrigara a usar, e abanou-se com ele, na esperança de uma aragem.

Alberto troçava dela, dizendo-lhe que com aquela resistência não sabia como havia, um dia, de comandar exércitos, e aí Teresa redescobria forças para se endireitar na sela e deitar-lhe a língua de fora.

Ouvira as damas da mãe a comentar que a entrada das princesas do Bierzo em Leão teria de ser «digna, mas discreta», o respeito pela rainha Constança assim o exigia, mas quando as trompetas soaram e a porta norte da cidade se abriu para as deixar passar, Teresa sorriu para a esquerda e para a direita, acenando a uma multidão que indiferente às vontades oficiais se juntara ao saber da chegada das filhas do imperador.

Deixaram para trás a ponte, contornaram a torre fortificada e, de repente, Teresa e Elvira foram surpreendidas por um palácio magnífico, torres altas aqui e mais baixas ali, janelas sem fim, e as armas de Leão e Castela no enorme escudo sobre a porta. O ruído de água a correr levou-as a observar melhor a grande praça, para repararem, com espanto, numa enorme fonte, de onde a água escoava por canais abertos, onde um grupo de miúdos se molhavam uns aos outros, entre risos e gargalhadas.

Os soldados indicaram-lhes a passagem para um enorme pátio interior, e dois criados correram para as desmontar, mas já lá estava

Alberto pronto para as ajudar a descer. As damas da mãe, a ama e as criadas fecharam um círculo em redor das princesas e assim atravessaram o terreiro, e seguindo as indicações de um escravo tão ricamente vestido que Teresa achou-o um príncipe, entraram numa sala maravilhosamente fresca. Apesar dos olhos cegos da luz, Teresa conseguiu perceber ao fundo duas cadeiras de madeira torneada, onde duas senhoras se sentavam, assistindo aparentemente impassíveis à chegada daquele pequeno bando. Uma era alta e magra, a cara austera mas magnífica, a segunda mais baixa e roliça, de rosto bonacheirão, como Teresa sempre imaginara as fadas da floresta convocadas para o batizado das princesas.

— Aposto que a magra é a tia Urraca e a outra a tia Elvira — disse baixinho Teresa ao ouvido de Elvira, e num gesto instintivo deram as mãos com força, entrelaçando os dedos como uma corda em que os fios se unem para a tornarem mais resistente.

Foi a tia Urraca quem falou primeiro. Num timbre alto, com picos mais estridentes, saudou-as a todas, avançando depois para as irmãs sempre a falar. Junto delas, beijou-as apressadamente, e, segurando-as pelo braço, afastou-as das damas, anunciando que, a partir de agora, seriam ela e a tia Elvira as responsáveis pelas sobrinhas. Indiferente à expressão de ódio da ama e de pânico das infantas, ordenou às duas crianças que a seguissem, sem se dignar sequer a olhar para trás, tão segura estava de que lhe obedeciam.

Teresa e Elvira, de mão dada, atravessaram salas magníficas, o chão de grandes lajes de pedra, cobertas de tapetes de couro, as paredes decoradas por enormes tapeçarias, iluminadas em pleno dia por castiçais com mil velas, tantas, tantas como nem em Santiago, junto do túmulo do santo, tinham visto.

Finalmente, a tia Urraca estacou junto de uma porta de carvalho, que lhes parecia gigante, e, abrindo-a de par em par, mandou-as entrar:

— Este é o vosso quarto, estimem-no bem — declarou.

As duas irmãs viram, com espanto, que as suas arcas de viagem já ali estavam, como que a marcar o território. Elvira controlou o impulso de correr a abrir o baú, procurando a caixa redonda que a mãe lhe dera e onde guardara o medalhão com o lenho da cruz sagrada, mas Teresa não resistiu, até sentir uma mão pesada sobre o ombro:

— Não é altura de desfazer as arcas, há ainda muito para ver.

Teresa, enervada, tentou libertar-se da garra, gritando:

— Tenho de tocar na relíquia de Santo André que a minha mãe me deu, tirei-a do pescoço para a viagem, tenho de lhe tocar.

A voz quase em lágrimas de criança de seis anos não demoveu Urraca Fernandez. Obrigando-a a pôr-se direita, confirmou:

— Ai isso é que não vais! Cada coisa a seu tempo e, se chegam mimadas pela mãe, depressa vão perder esses maus hábitos.

Elvira viu a tempestade no rosto de Teresa à crítica a Ximena Moniz, e desejosa de evitar o confronto entre a irmã mais nova e esta bruxa, fez uso de toda a sua arte, distraindo-a:

— Teresa, já viste como a nossa cama é magnífica? Tia Urraca, que cama tão bonita — comentou.

A admiração tornando-se genuína à medida que olhava mais de perto a cama de dossel, de reposteiros de seda encarnada, com listras douradas, uma colcha bordada a ouro que cobria aquilo que só podiam ser mais de três colchões de penas.

Felizmente, Teresa espantou-se, e o elogio surtiu efeito na tia Urraca, que inchou de satisfação. Mandara vir os tecidos de Sevilha, mas fora a rainha Constança que trouxera da Borgonha uma cama semelhante, que mandara copiar para os quartos do paço real de Leão.

— Venham então, preciso de vos mostrar a tribuna real, de onde podem assistir à celebração das horas, exceto às da noite, claro, acrescentou, como se tomasse consciência pela primeira vez de que tinha à sua frente apenas duas crianças.

Teresa e Elvira olharam fascinadas para a enorme Basílica de Santo Isidoro, ricamente adornada, as velas e as tochas deixando perceber a urna do santo, no altar-mor. Sem hesitação, ajoelharam-se e rezaram uma oração de agradecimento por terem chegado sãs e salvas, como a tia Urraca lhes ordenou.

— Será que agora já podemos ir para o quarto? — sussurrou Teresa, mas a tia Urraca tinha outros planos. Sentindo-se avaliada pelos olhos verdes da sobrinha mais nova, que tanto lhe lembravam os de Ximena, indicou-lhe as escadas em caracol, que desciam para um claustro escuro.

— É aqui que quero ser enterrada, é aqui que os vossos avós jazem

— disse numa voz fria, e Teresa e Elvira procuraram de novo a mão uma da outra.

Teresa olhou de soslaio para as tias, como que a avaliar o tempo que ainda lhes faltava de vida, e pela primeira vez a tia Elvira deu sinal de si, na forma de um risinho divertido.

— Temos as duas mais de cinquenta anos, mais velhas um bocadinho do que o imperador, mas, se Deus assim o quiser, ficaremos por cá mais alguns verões.

Quanto à tia Urraca, nem se dignou a comentar as infantilidades da irmã, e indicando o caminho, levou as sobrinhas para a basílica. Apontando para os arcos das portas, em forma de ferradura, e para as colunas trabalhadas que suportavam um magnífico teto em abóbada, comunicou que esta era a maior basílica de toda a Espanha e que faria parte das lições de todos os dias uma visita às obras e aos seus tesouros.

Subitamente, Teresa reparou nos frescos maravilhosos do teto, que contavam histórias, mostravam gente, e indiferente à ordem de que se despachasse, comentou entusiasmada:

— Elvira, repara, é um calendário. Cada mês tem o nome e a altura do ano agrícola. Estamos nas cearas, olha para o homenzinho com a foice na mão, mas o meu favorito é novembro, com o javali.

E virando-se para a tia Elvira, explicou:

— O meu pai, o imperador — corrigiu depressa, recordando que o deviam tratar apenas pelo título —, disse que me ia ensinar a caçar.

A tia Elvira passou-lhe a mão suavemente pelo cabelo, mas Urraca pareceu ter ficado ainda mais incendiada com o comentário:

— Teresa, não te tinha dito para te apressares? Não me obrigues a repetir a mesma coisa duas vezes...

Teresa ficou roxa de fúria, mas calou-se.

A tia Elvira atreveu-se a intervir:

— Urraca, porque é que não as deixamos ir tomar um banho, lavar o pó do caminho, e amanhã mostra-lhes tudo? As pobrezinhas mal se aguentam em pé.

Urraca recuou e olhou para as sobrinhas, que pareciam pequenos fantasmas à luz das tochas, e a custo concordou.

— Vamos então para cima, mas amanhã quero-as na basílica à hora

primeira, e logo depois no *scriptorium*. Serei eu a dar-vos lições — acrescentou.

— As de montar e de armas é o nosso Alberto — corrigiu Teresa.

A tia Urraca tentou rir:

— Sei que têm um escudeiro que o imperador vos deixou e que vai também ensinar a princesa Urraca — e, hesitando, acrescentou: — A vossa irmã Urraca.

— O Alberto é nosso — gritou Teresa, soltando um pranto, o pranto de uma criança cansada e desesperada, pela primeira vez longe da mãe, longe de casa.

Elvira correu a abraçá-la e a tia Urraca fez um gesto de desespero:

— Trata delas, Elvira, não me entendo com crianças — disse, subindo as escadas apressadamente.

## *Mosteiro de Santo André de Espinareda, julho de 1086*

*Ximena rezava frente às estações da Via Sacra que percorriam as paredes do grande claustro do Mosteiro de Santo André de Espinareda, quando o mensageiro chegou com uma nota enviada da corte de Leão.*

*«Bem chegadas, recebidas com toda a dignidade por D. Urraca Fernandez.» Era tudo o que dizia, escrito à pressa por uma das damas com o único objetivo de a sossegar. Acenou a cabeça, satisfeita, então sempre tinha sido Urraca a recebê-las. Temera que a cunhada fizesse questão em tratá-las como sobrinhas de segunda, meias-irmãs ilegítimas da única herdeira ao trono, já que o rei se encontrava ausente da corte a cercar Saragoça.*

*Mas era uma ingenuidade sua. Urraca Fernandez agia certamente, hoje, como sempre, em consentâneo com o seu irmão, e se o imperador viera buscar as filhas agora ao Bierzo era porque recebia o seu acordo. Mais do que isso, cumplicidade, fosse qual fosse o plano.*

*Olhou para a imagem de Cristo, esculpida na pedra, Cristo subindo ao monte das Oliveiras com a cruz aos ombros, a coroa de espinhos a ferir-lhe a cabeça, o rosto coberto de sangue, e suspirou. A história recente destes reinos era tudo menos bonita, e estava certa de que em breve haveria quem a contasse a Teresa e Elvira — Elvira e Teresa, repreendeu-se de novo. Já ela em criança a ouvira dos criados, por muito que os pais lhe garantissem que tudo não passava de rumores mal-intencionados. Mas isso fora antes de conhecer Afonso, antes de conhecer Urraca em pessoa. Depois, depois disso, acreditava sem dificuldade que a cunhada conspirara com o irmão, herdeiro do reino de Leão, para roubar ao rei Sancho o trono de Castela e ao pobre do rei Garcia o reino da Galiza e o Portucalense.*

*Afonso não gostava de falar de como conseguira reunir três coroas numa só cabeça, e ninguém se atrevia a fazê-lo à sua frente, mas no palácio de Leão dizia-se, nas cozinhas e por detrás das cortinas, que mandara assassinar o pobre Sancho e usurpara o trono a Garcia, que diziam preso, sem culpa formada, no castelo de Luna.*

*Ximena Moniz mudou para a estação seguinte, ajoelhando-se perante Jesus Cristo crucificado, mas o pensamento não deixava a história de vida do seu amante.*

*Verdade que fora Sancho a começar a disputa, prendendo Afonso no castelo de Burgos. Mas logo aí Urraca Fernandez viera em defesa do irmão do meio, contaminando a comida de Sancho com pós de sonhos, provocando-lhe alucinações — e a magia negra resultara, e um dia acordara aterrorizado, jurando que São João lhe ordenava que tirasse as grilhetas a Afonso, sob perigo de condenação eterna às chamas do Inferno.*

*Ximena imaginava o sorriso de Urraca ao ouvir o irmão possuído, e a encorajá-lo, a dizer-lhe que sim. Ximena imaginava a vénia humilde de Afonso, à porta da cela aberta, a jurar de boca e mãos fidelidade ao rei Sancho de Castela. E mais tarde Afonso e Urraca no quarto, abraçados, como tantas vezes os encontrara, ela a aconselhar: «Esconde-te em Toledo, são só uns meses, esconde-te na cidade onde mouros, judeus e cristãos te darão abrigo, e espera, espera o meu sinal!»*

*Os factos contavam que Urraca Fernandez logo depois se mudara de Leão para Zamora, nas margens do rio Douro, a ravina de lado a lado, e aquele castelo de muralhas tão espessas, não de uma volta, mas de duas, o fosso cheio de água, a cidade inatingível, a cidade do seu coração. Como desejava que Teresa e Elvira a conhecessem, será que se apaixonariam tanto por Zamora como ela?*

*Ximena recordou-se, subitamente, do rosto de Pedro Ansurez, o braço-direito dos dois irmãos, e a quem agora a pequena Urraca fora entregue para educar, a princesa mais preciosa entregue ao cúmplice do crime, segundo se dizia.*

*Ximena estremeceu, de frio ou de receio que as paredes lhe lessem os pensamentos, e por segurança benzeu-se. Mas ainda com os joelhos na laje fria, os maus pensamentos voltaram,*

*engolindo as palavras santas da ave-maria. Pedro Ansurez tinha então, nesses primeiros tempos, a responsabilidade de Zamora, e fora ele a espalhar a notícia de que dentro daquela fortaleza se preparava uma revolta. Sancho caíra na armadilha e acudira com as suas hostes, cercando a cidade. Pela calada da noite, um nobre traiçoeiro encontrou forma de se meter na tenda do então rei de Castela e de o apunhalar, matando-o pelas costas.*

*Sabendo da morte do seu irmão Sancho, sorrateiro como uma raposa pilha-galinhas, Afonso acudiu, simulando mágoa, e uma cúria de todos os magnatas de todos estes reinos o aclamaram Afonso VI, rei de Castela e Leão.*

*Ximena sentou-se sobre as pernas, aliviando os joelhos moídos, e não resistiu a sorrir. Não era preciso dizer que Urraca Fernandez presidiu à cerimónia ao lado do rei Afonso, destaque que roubou o fôlego mesmo aos menos desconfiados. Menos, note-se, porque desconfiados estavam todos. Os seguidores de Sancho ainda se tentaram revoltar, e um nobre, mais nobre do que todos os outros, chegou mesmo a pedir ao recém-aclamado rei uma prova da sua inocência, pedindo-lhe que na grande Catedral de Burgos, perante Deus, jurasse nada ter a ver com a morte do seu irmão Sancho. E Afonso jurara.*

*Ximena inspirou fundo o perfume a alfazema e rosmaninho do jardim de ervas aromáticas dos monges, inebriantes, como que a quererem afastar todas as dúvidas.*

*Se a história tivesse ficado por aqui, se Sancho tivesse sido a última morte, talvez considerasse a inocência do pai das suas filhas, mas depois havia a prisão de Garcia, atraído de novo por Urraca, pela domina capaz de tudo. Garcia viera, levado pela ambição, talvez imaginasse alargar o seu quinhão, talvez apenas porque queria rever a mãe que ficara na corte leonesa, sem perceber o que se passava com os filhos, ou sem querer saber.*

*Fosse como fosse, Garcia regressou e foi aprisionado no castelo de Luna. Com grilhetas. Até hoje, lá estava, esquecido, sem que ninguém perguntasse por ele, sem que ninguém quisesse saber, nem os galegos, nem os nobres que peregrinavam a Santiago.*

*Afonso assumiu, com naturalidade, mais um título, como assumira agora o de Toledo e de todos os territórios que reconquistasse aos mouros. Como uma constante em tudo, Urraca Fernandez permanecia ao seu lado, governava com ele, e, na sua ausência, por ele, e desprezava as mulheres com que o irmão se deitava, condescendendo apenas porque não podia ela dar-lhe o herdeiro de que tanto precisavam.*

*— Que Deus me perdoe — disse alto Ximena.*

*Mas como podia pensar de outro modo de uma mulher que roubara ao rei a única mulher que ele amara, a sua doce e amada Ximena, conspirando com os bispos e os abades para que nunca fosse rainha.*

*Ximena ergueu-se e subiu para a sua cela. Pecava ao ajoelhar-se perante Deus com tanto ódio no coração. Olhou a concha que agora pendia do cinto da túnica e mordeu o lábio em arrependimento. Não se podia esquecer, nem por um minuto, de que agora Urraca Fernandez, a sua inimiga, tinha nas mãos aquilo de que mais precioso possuía, as suas filhas. Por agora Urraca vencia. Teria de esquecer o passado e aliar-se a ela pelo futuro de Elvira e Teresa. Só isso agora importava. Jurou cumprir a nova promessa.*

## Paço Real de Leão, setembro de 1086

Teresa estava sentada no escritório, frente a um gigantesco livro quase da sua altura. Empoleirada num banco alto, seguia o que ia lendo com o dedo, mas sem tocar nas letras, o que era mais do que proibido.

Este era o seu livro favorito, a Bíblia moçárabe, com as suas ilustrações fabulosas de tantos e tantos detalhes que podia mergulhar durante horas numa só imagem.

— Tia Urraca, porque é que S. Lucas é uma vaca com cornos? — perguntou, apontando para a imagem que surgia por cima do nome do evangelista. E antes que a tia pudesse responder, voltava a interrogar: — E S. Marcos, porque é que tem orelhas de burro?

Urraca espreitou por cima do ombro da sobrinha e explicou-lhe o significado de cada uma das imagens:

— Os moçárabes são muito inteligentes, Teresa, e sem nunca renegar à sua fé cristã, mesmo quando viviam sob o jugo mouro, souberam aprender com judeus e muçulmanos o que eles sabiam de medicina e da natureza. Essas flores que vês, essas cores maravilhosas, vais encontrá-las em Zamora, quando lá formos, e em Toledo, Córdova, Sevilha, que em breve o imperador vai subjugar.

A tia Urraca parecia outra dentro do *scriptorium*, tinham descoberto com surpresa e alívio Teresa e Elvira. Aqui não perdia a cabeça, nem se enfurecia. Os primeiros tempos em Leão não tinham sido fáceis, mas rapidamente as princesas haviam aprendido a tirar partido da situação, e ao contrário do que Teresa imaginara, as lições eram das suas horas favoritas.

Sentando-se no canto do banco da sobrinha, as mãos esguias de dedos finos e longos, como se tocasse harpa, Urraca puxou para junto de si o livro de Santo Isidoro, que contava a vida do santo trasladado de Sevilha para Leão, e começou a ler alto, e até o timbre da sua voz se tornou mais doce.

Subitamente estacou:

— Alberto de Coimbra, o que fazes aí a espreitar às portas?

As princesas viraram-se no banco, espantadas, e de trás da porta surgiu o escudeiro, gaguejando:

— Senhora D. Urraca, gosto tanto de a ouvir.

Teresa entusiasmou-se:

— É verdade, tia, sabe o que é que ele quer mais do que tudo? Aprender a ler e a escrever, bem, mesmo bem — acrescentou com convicção.

Os lábios finos de Urraca formaram um quase sorriso, fazendo-lhe sinal para entrar.

— Então, se quer aprender, é melhor começar já, em lugar de escutar às portas as conversas que não lhe dizem respeito.

Com a mão pesada de anéis e pulseiras de ouro, indicou-lhe um banco, para onde Alberto subiu em êxtase.

Ignorando-o, imediatamente de seguida, Urraca continuou a contar a história de Isidoro, nascido em Cartagena, e que era tão esperto, e tão favorito de Deus, que se ensinou a si mesmo o latim, o grego e o hebraico, no tempo em que o comum dos mortais não aprendia nem uma língua. Conhecedor da mente e do corpo, foi médico e arcebispo de Sevilha, e compilou todo o seu saber num livro único. A sua obra, dizia a tia Urraca, era tão fácil de ler que um dia Elvira e Teresa, e Alberto, claro, quando soubessem muito mais e se esforçassem muito mais, frisou, podiam ler. Quando morreu há mais de quinhentos anos, contou, as pessoas rezavam-lhe e obtinham milagres, e pediam-lhe ajuda nas horas de doença, e bênçãos para as sementes desabrocharem e o fruto amadurecer, e nunca Santo Isidoro recusava nada a quem merecia os seus favores.

O barulho de risos e conversas voltou a interromper a aula:

— É Urraca, de certeza absoluta — disse Teresa, fazendo menção de se pôr em pé, para ir à porta espreitar.

Ao contrário do que esperavam, a meia-irmã ainda não lhes tinha sido apresentada, e as semanas corriam sem que a conhecessem, limitando-se a vê-la passar, sempre muito bem vestida, no meio de um séquito de damas e criadas que visivelmente a tratavam como uma rainha.

A tia Urraca levantou a voz:

— Onde é que achas que vais, Teresa?

— Conhecer Urraca, tia, passa sempre por nós e olha-nos sobranceiramente, como se não nos visse...

Urraca Fernandez não se deixou impressionar, mandando a sobrinha mais nova sentar-se, embora Alberto lhe tivesse notado um ligeiro franzir

de sobrancelhas. Diria que não concordava com o comportamento da filha de Constança, mas não estava disposta a confessá-lo.

— Tia, não nos tinha dito que Urraca se juntaria a nós nas lições?

Urraca Fernandez virou-lhe as costas, fingindo estar entretida a pôr no lugar os livros que tinha retirado para ler às suas discípulas:

— Ainda não houve oportunidade. Urraca tem lições com um professor indicado pelo seu aio, D. Pedro Ansurez, e por enquanto é assim que as coisas vão ficar.

E virando-se de novo para elas, certa de que a pequena comitiva já devia ir longe no corredor, disse-lhes:

— Alberto, a partir de hoje podes juntar-te a nós. E livrem-se de não fazerem todos os trabalhos que vos dei. E Teresa, com uma letra que se consiga ler, ouviste?

Os três saíram o mais depressa que conseguiram da sala.

— Alberto, tens de descobrir quem é que não quer que a Urraca se dê connosco — disse Teresa, já nas escadas.

Mas Alberto encolheu os ombros:

— Quem fica a perder é ela. Tudo se endireitará quando o imperador voltar.

Mas Teresa jurou a si mesma que ia tentar descobrir sozinha. Arrogante criança, e mimada ainda por cima. Ia pedir à Elvira, que escrevia melhor do que ela, para escrever a queixar-se à mãe. Ximena saberia o que se passava.

## *Castelo de Urvel, setembro de 1086*

*Ximena não conseguia dormir. Pondo a almocela de seda pelos ombros, saiu para o pátio e subiu os degraus até à muralha do castelo de Urvel. A noite estava quente e a lua cheia deixava ver a sombra redonda das copas das oliveiras e o perfil largo e alto dos carvalhos. Lá mais em baixo, como um espelho, brilhavam as águas do lago de Carucedo. Seria hoje que a ninfa saía do lago? Inspirou fundo e jurou a si mesma que lhe cheirava a rosas. Antes fosse a sua disposição romântica, mas não era. A carta que recebera de Leão ainda há pouco deixava-a enfurecida. Consigo mesmo por não ter antevisto a manobra de Pedro Ansurez, o mais leal e mais próximo conselheiro do imperador, o mais leal e mais próximo conselheiro de Urraca Fernandez. Não era preciso ter empreendido muito para saber que faria tudo para expulsar da corte as filhas de Ximena Moniz.*

*Que estúpida fora. Bastava que se tivesse colocado no lugar dele: alguma vez abriria mão do poder que lhe dava ser a guardiã de uma criança, filha legítima do rei, herdeira de um império? Alguma vez aceitaria na mesma corte, como raposas colocadas no galinheiro, as filhas do rei e de uma mulher astuta e ambiciosa como a senhora do Bierzo, desvalorizando o seu trunfo? Arriscando um xeque-mate?*

*Tinha de ser sincera consigo mesma: não podia condenar Ansurez por reagir como ela própria reagiria, ela que daqui de longe nem por um minuto deixava de pensar como podia manipular as suas próprias filhas, de forma a assegurar o seu futuro.*

*Fora imprevidente e era preciso corrigir o mal o quanto antes. Não podia permitir que Pedro Ansurez, aproveitando a ausência do imperador, proibisse a pequena Urraca de conhecer as meias-irmãs, alegando que os escrúpulos o impediam de tamanha afronta à rainha-mãe da sua protegida, e muito menos que pusesse em prática a intenção já declarada de devolver Elvira e Teresa ao Bierzo.*

*Prendendo atrás da orelha uma mecha do seu cabelo agitada pela brisa da noite, subitamente deu uma gargalhada: o conselheiro de Afonso poderia ter encontrado um pretexto menos absurdo do que alegar que o calor de Leão podia fazer mal às duas crianças habituadas à frescura dos montes.*

*Ximena mordeu o lábio com força e o sabor a sangue tingiu-lhe a boca. De pouco lhe valia recorrer à chantagem, recordar a D. Pedro de que partilhara o leito de Afonso muito tempo, e muitas vezes, e sabia da sua responsabilidade na conspiração para assassinar o irmão mais velho do rei. Que se importaria D. Pedro com isso, depois de o próprio Afonso ter jurado na Catedral de Burgos, perante a Igreja e perante Deus, que nada tivera a ver com o homicídio do irmão, que lhe importaria isso tantos anos passados, a coroa firmemente na cabeça do rei, agora imperador?*

*Custava-lhe acreditar que a cunhada Urraca cedesse à pressão do conselheiro, sabendo que contrariava assim a vontade expressa de Afonso.*

*Subitamente endireitou-se e começou a andar pelo adarve, nervosa. Será que o imperador deixara explícito, como lhe jurara, que as três princesas seriam tratadas como iguais? E se Urraca Fernandez e Pedro Ansurez estivessem mais uma vez unidos, seguros de que era essa a vontade do rei, que afinal desejava apenas duas filhas para alguma troca de favores com o abade de Cluny ou os duques da Borgonha, não tinha visto o mago de Astorga que Elvira partiria para longe?*

*Agitada, rodava cada vez mais depressa no dedo o anel de rubi que Afonso lhe dera, como um daqueles tornados de vento que se formam de repente, sem se saber como, e levam tudo. Não era apenas um bom casamento o que procurava para Elvira e Teresa, mas a partilha do poder real de que as considerava herdeiras, numa tradição que nunca privara infantas de herdar em partes iguais com os seus irmãos, de reinar.*

*Desejava-o, por respeito a si mesma, por respeito a um amor, primeiro, e a duas filhas nascidas antes da filha de Constança, de uma relação, sabia-o bem, abençoada por Deus, mesmo que não o fosse pela Igreja de Roma, ansiosa por se imiscuir nos pactos que até então se faziam apenas perante o Altíssimo, como mandavam os Evangelhos.*

*«Teresa, filha minha», a voz de Afonso ressoava-lhe na cabeça. Afonso não a podia ter enganado, não podia ter iludido a sua adorada filha Teresa.*

*Prendeu o cabelo longo de novo num rabo de cavalo, num gesto mecânico, e inspirou a brisa que se levantava das águas e arrefecia a noite.*

*Precisava de contornar Pedro Ansurez, mas como, através de quem? Há quanto tempo não ia a Braga visitar o bispo D. Pedro, que reconstruía a diocese destruída pelos mouros, num esforço extraordinário de devolver a força à sua sé. Escolhido pelo pai de Afonso, regia as suas ovelhas com a força do bom pastor, taxando-as de impostos que investia em cada pedra da catedral que prometia sagrar em breve.*

*D. Pedro era a peça-chave para mover no tabuleiro em seu favor, pensou Ximena. Estava insatisfeito com o imperador, e o imperador com ele. Como podia ser de outro modo, quando Afonso pedia ao abnegado bispo que, no momento em que finalmente solidificava o seu poder e a sua riqueza, afugentasse o seu rebanho, dizendo-lhe que a forma como celebravam e rezavam não era do agrado de Deus?*

*Estava certa de que o bispo receberia a sua visita com agrado, e acolheria com ainda mais entusiasmo o que lhe podia propor — duas princesas, no tabuleiro da corte de Leão, prontas a advogar a sua causa, e um dia, se as peças fossem bem jogadas, a defender a autonomia daquela diocese e o poder daquele que era, por tradição, o primaz de Espanha. Sossegada por ter finalmente um plano, voltou ao quarto e dormiu até manhã alta. Nem sequer ouviu a Ondina cantar.*

## Paço Real de Leão, outubro de 1086

Teresa percebeu pela cara da tia Urraca que hoje não podia levantar os olhos do livro. Quando se atreveu a perguntar se tinha dormido bem, recebeu de resposta um ríspido:

— Com a minha idade ninguém dorme bem.

Alberto fez-lhe sinal para que não insistisse. Cruzou os dedos naquele sinal combinado entre eles, e Teresa e Elvira entenderam que tinha alguma coisa para lhes contar.

Talvez, finalmente, o conselheiro Ansurez tivesse permitido que a meia-irmã Urraca as viesse conhecer. Impacientava-a a arrogância com que o amigo do pai as tratava, ouvia as damas queixarem-se do desplante com que se lidava com as filhas mais velhas do rei, e até a tia Elvira, habitualmente tão apagada, desabafara que não lhe parecia bem que se desobedecesse às ordens do irmão Afonso.

Mal a tia Urraca deu por acabadas as lições da manhã, fingiram um acesso de piedade, e ajoelhados na janela que dava para a basílica, Alberto finalmente falou:

— Vi o cavaleiro que hoje de madrugada chegou com novas ordens do imperador. Percebi que só as podia entregar à senhora D. Urraca, e apesar de gelado até aos ossos e da noite tão escura, percebia-se que vinha a galopar sem parar. Outubro já não é mês para se cavalgar à noite — acrescentou, ou não fosse escudeiro, e os escudeiros percebiam destas coisas.

Teresa interrompeu-o, impaciente:

— Desembucha, Alberto. Era uma ordem do imperador para que Pedro Ansurez trouxesse ao paço a princesa Urraca?

Alberto corou, irritado:

— Nem tudo no mundo tem a ver consigo, senhora D. Teresa! A notícia é muito, muito mais grave. À luz do que aconteceu, essas birras são brincadeiras de meninas — acrescentou, agastado.

Teresa empurrou-o, furiosa:

— Se não demorasses tanto a dizer o que é «muito, muito mais grave», eu não me punha com ideias.

Elvira estava pálida, já entendera que alguma coisa não correra bem em Zalaca, onde sabiam que os exércitos do pai se preparavam para

combater o infiel, com toda a confiança das vitórias anteriores.

— O meu pai está bem? — perguntou, num fio de voz.

Alberto esqueceu o amuo com Teresa e respondeu aflito:

— Foi ferido, mas nada de grave, não se preocupem.

Teresa empalideceu, mas não conseguiu resistir a retorquir:

— Então também não é essa a notícia muito, muito grave...

— Não é, de facto. A notícia grave é que perdemos. Fomos vencidos pelos infiéis.

Elvira e Teresa soltaram uma exclamação de horror. Não era possível! A reconquista era uma vitória sobre vitória, todas elas vontade de Deus, dizia o padre diariamente nas orações da manhã.

— Mas o padre… — começou por dizer Teresa, mas Alberto interrompeu-a:

— O padre sabe das coisas da Igreja, mas vê-se que nunca desceu a sul, não faz ideia de como se vive e defendem as fronteiras. Se tivesse vivido como eu em Coimbra, não subestimava a força dos mouros. Nem a sua determinação. Havia noites em que os sinos tocavam e todos os homens acorriam às muralhas com paus e pedras, e espadas e arcos se os tivessem, e outras em que era preciso formar bandos e sair a destruir os acampamentos que se aproximavam demais das nossas linhas. E se é assim em Coimbra, mais ainda o é em Santarém, onde o meu pai foi trespassado por uma seta. E, pelo que dizem, estes almorávidas são mil vezes mais cruéis.

As duas irmãs guardaram uns segundos de silêncio, pobre Alberto, que tinha perdido o pai, mas Teresa voltou à carga:

— Yusuf ben Tasufin ganhou — insistiu Teresa, com uma ponta de orgulho por já conseguir pronunciar, sem hesitação, o nome do temível chefe almorávida.

Alberto acenou que sim com a cabeça, pedindo-lhes segredo:

— Ainda só a senhora D. Urraca sabe do que aconteceu, mas hoje chegarão notícias a Leão, com tantos mortos e tantos feridos no campo de batalha vai ser uma tragédia. Mas não quero que saibam que nós sabemos.

— Mas o que aconteceu? Escutaste outra vez às portas? — perguntou Teresa, não contendo o sorriso.

— Yusuf atravessou a Andaluzia com sete mil guerreiros, almorávidas,

entendam, gente de África, sedenta de sangue, gente que não teme nem o Deus verdadeiro, nem o Inferno. Juntaram-se-lhe os homens das taifas de Sevilha, Badajoz e Granada, e ao todo eram trinta mil, e acamparam na margem norte do rio de Badajoz.

— A que chamam Zalaca — acrescentou Elvira, sempre a boa aluna.

— Sim — concordou Alberto, e os exércitos acamparam de um lado e do outro do rio, frente a frente.

As duas princesas benzeram-se apressadamente.

— O imperador tinha consigo apenas dezasseis mil homens.

— Já com os cruzados francos? — perguntou Elvira.

— Com os cruzados franceses — anuiu Alberto, ansioso por começar a descrever a batalha, tal como a ouvira descrever a Urraca Fernandez, sim, pelo buraco da fechadura:

— Quando viu como eram poucas as nossas forças, Yusuf ben Tasufin propôs ao rei Afonso que se convertesse ao islão. Indignado com a sugestão, Afonso VI decidiu atravessar o rio e atacar...

Alberto, satisfeito com o impacto das suas notícias — como gostava de dar notícias, pensou —, continuou, enchendo a voz de entusiasmo:

— As tropas do inimigo dividiram-se em três, cercaram as nossas e atacaram sem tréguas, e com dardos mortais. Atacaram dia após dia, matando mais de metade dos nossos melhores homens, gente da estima pessoal do rei, e depois os outros fugiram, que podiam fazer?

— E do lado deles, do lado deles? Não conseguimos atingir Yusuf ou algum cabecilha? — implorava Teresa por saber.

— Morreu o califa de Córdova, que era amado por todos, e confiava no imperador. A boa notícia é que a morte do filho de Yusuf obrigou-o a voltar ao Norte de África.

— Por agora — comentou Teresa, com lucidez.

* * *

Desta vez, Teresa não correu para os braços do pai, como fizera na sala de pedra de S. Pedro de Montes. Entrou na sala e avançou devagarinho para ele, passo a passo como a tia Urraca insistia, hipnotizada pelo cabelo e a barba do imperador, que de capa escarlate de seda sobre os ombros esperava por ela, sentado numa cátedra de

madeira, pintada a dourado. Também ele não abria os braços, como fizera sempre, nem a chamou «cabritinho do monte».

A princesa ensaiara mil vezes na cabeça o que lhe ia dizer, como o ia consolar pela batalha perdida, como discutiria com ele a estratégia militar destinada a expulsar definitivamente os mouros, mas agora tudo lhe parecia ridículo.

Elvira, que caminhava ao seu lado, foi a primeira a reparar na pequena Urraca, em pé ao lado do rei, os cabelos ondulados, de um ruivo-acastanhado herdado certamente da rainha Constança.

— É ela — murmurou num momento de ousadia, e Teresa empalideceu, sentindo-se subitamente traída. Porque a obrigava o pai a prestar vassalagem a esta irmã, mais nova do que ela, mais nova do que Elvira. Porque é que a primeira vez que as via em Leão era assim, sentado num trono, a herdeira ao seu lado, porque não as fora procurar à aula da tia Urraca ou as mandara chamar para falarem sozinhos?

Durante segundos parou de caminhar, como se os pés se tivessem colado aos tapetes que aqueciam um pouco o palácio de Leão, que se tornara nos últimos meses tão frio. A mão pesada da tia Urraca num ombro, como a garra de uma ave de rapina, trouxe-a de novo à realidade.

Concentrou os olhos no pai, tirou a meia-irmã do seu campo de visão, endireitou as costas como se estivesse num torneio a cavalo e avançou para o rei, ajoelhando-se aos seus pés, beijando-lhe o anel.

Reparou que Afonso tinha uma perna envolta em ligaduras, mas parecia tão saudável como sempre, e o pai deu-lhe ambas as mãos, levantando-a e beijando-a nas duas faces. E quando olhou para o seu rosto, e os seus olhos verdes se cruzaram com os dele, o tempo pareceu rodopiar, e o imperador, contagiado, exclamou:

— Nem reconhecia o meu cabritinho do monte, vestido de veludos e rendas. E a espada, Teresa? — provocou o rei.

A princesa corou, envergonhada. Não queria ser ridicularizada em frente a todos, em frente à irmã Urraca, que via pela primeira vez, e daquele senhor magro e alto que não tinha dúvida nenhuma era Pedro Ansurez, que elegera como inimigo.

Afonso ignorou o sobrolho carregado da filha, e chamando a pequena Urraca, apresentou-as, com solenidade:

— Urraca, esta é a tua irmã Teresa e a tua irmã Elvira.

Elvira mordeu o lábio zangada, porque trocavam sempre a ordem dos nomes…

Nenhum dos presentes teve dúvidas de que o imperador dava um sinal público de que reconhecia as três como suas filhas, na esperança de pôr um ponto final na guerra surda dos partidários de uma e de outras.

Urraca beijou as irmãs, fria e educadamente, e depois afastou-se um pouco, deixando-se observar por elas sem o menor sinal de timidez, como quem há muito se habituou a ser o centro das atenções. Era bonita, de facto, um pouco mais baixa e roliça do que Teresa, o cabelo mais escuro do que o dela, sem aquelas madeixas de um louro aberto que o sol do Bierzo abrira no cabelo de Teresa.

Mas as filhas de Ximena pouco tempo perderam a medir centímetros ou a comparar fisionomias. O que lhes prendeu a atenção foi a ousadia com que Urraca se vestia. Como se atrevia, no dia em que o pai regressava de uma derrota, a usar um *mudbages*, e sem camisa por baixo, ainda por cima. De seda vermelha adamascada e sem mangas, era justo ao corpo e da mesma cor que os sapatos de cordovão, o bico retorcido sobre si mesmo. E mais extraordinário ainda, a sua túnica estava presa sobre o ombro esquerdo, coisa que nunca antes haviam visto.

Depois dos cumprimentos feitos, foi a tia Urraca a levar as três sobrinhas para a sua pequena sala, onde lhes foi servido hipocraz e fatias de broa quente com manteiga, que quase fizeram Teresa esquecer a promessa de não abrir a boca, nem o sorriso.

— Finalmente conhecemo-nos — disse a pequena Urraca.

Teresa jurou, enquanto contava o encontro a Alberto, que a irmã lhe dirigira a palavra quando vira que tinha a boca cheia, de propósito para a embaraçar.

A verdade é que Elvira, ao ver que a irmã quase se engasgava, apressou-se a elogiar a meia-irmã, como alguém que se sente obrigada a aplacar um monstro, tal o medo de ser engolida por ele.

— É lindo esse *mudbages* — disse na sua voz delicada.

Mas Teresa, recuperada a palavra, disparou:

— Mas um pouco estranho usares um traje assim quando o imperador

acabou de ser derrotado.

Urraca não pareceu minimamente intimidada, nem pelo tom da irmã, nem pelo que dizia.

— Se o meu pai não quisesse que o usasse, não mo teria trazido de presente; um para mim e outro para a minha mãe, a rainha Constança — acrescentou, e até a tia Urraca se admirou com a acidez que conseguia imprimir às suas palavras.

Elvira corou, e Teresa mordeu o lábio, zangada. Porque não lhes trouxera também o pai um *mudbages*?

A meia-irmã mantinha o sorriso, visivelmente satisfeita com o impacto das suas palavras. Não perderia nenhuma oportunidade de lhes lembrar que era a filha legítima de Afonso VI e da sua esposa legítima, Constança da Borgonha.

A tia Urraca decidiu interromper esta primeira conversa que já ia tão azeda.

— Urraca, sobrinha, ainda não conheces Alberto? — perguntou, fazendo avançar o escudeiro.

Urraca observou o jovem, que com a idade se tornara esguio e bonito, e estendeu-lhe a mão a beijar.

A tia ignorou o gesto sedutor da sobrinha e acrescentou:

— Já combinei com D. Pedro e a partir de agora vais ter aulas de equitação e esgrima com ele.

Alberto fez-lhe uma vénia funda, o que só serviu para mais irritar Teresa, perturbando até o bom feitio de Elvira. Mas o escudeiro conseguiu pior:

— A senhora D. Urraca e D. Teresa parecem gémeas, não parecem, senhora D. Urraca Fernandez! — exclamou, provocador.

A tia Urraca soltou a primeira gargalhada que lhe tinham ouvido há dias ao ver como as palavras de Alberto enfureciam as suas duas sobrinhas. Os cantos da boca de uma e de outra curvavam da mesma forma, os olhos agigantavam-se e os sobrolhos, a par dos punhos, cerravam com violência.

— Gémeas, de facto — constatou, com o ar mais sério deste mundo, sentindo um aperto no coração. Não era dada a visões e a profecias, mas alguma coisa lhe dizia que o destino daquelas duas irmãs iria estar dolorosamente entrelaçado.

Elvira também baixou os olhos, perturbada, tocando por instinto no medalhão com a relíquia que a mãe lhe dera e que nunca tirava do pescoço. Que Nosso Senhor Jesus Cristo velasse pela sua ambiciosa irmãzinha, que tinha pela frente uma adversária tão fria e determinada como ela.

## *Castelo de Urvel, outubro de 1086*

*Ximena recebeu as cartas das suas damas e leu-as sofregamente. Boas notícias, apesar de tudo. Que lhe importava, por agora, se a princesinha Urraca vestia uma túnica com mais ouro entrelinhado ou se os seus sapatos eram encarnados?*

*O fundamental, e que aquelas tontas que mandara acompanhar as filhas não viam, era que as suas manobras de bastidores tinham dado frutos. A carta que escrevera em protesto a Afonso surtira efeito, e certamente as palavras de D. Pedro de Braga tinham feito o resto. Convinha politicamente ao rei manter-se nas boas graças de Roma e de Cluny, mas não esquecia a importância de Braga, e de não desagradar aqueles que garantiam a defesa da fronteira de Coimbra. Precisava deles, da sua coragem e dedicação, no esforço da reconquista.*

*Ximena enrolou de novo os pergaminhos, atando em seu redor a fita, com o lacre já partido. Acima de tudo, deixara o rei ainda mais consciente de que era preciso controlar o partido de Pedro Ansurez, o partido de Leão, criado em redor da princesa Urraca e ansioso por manter e ver crescer o seu poder. Fizera-o entender que só ganhava em espalhar os ovos por muitos cestos — se os senhores da Galiza, se os magnatas do Condado Portucalense queriam apostar também nas suas filhas Teresa e Elvira, tanto melhor.*

*A senhora do Bierzo mirou-se no espelho que Afonso lhe dera há muitos anos, e sorriu para si mesma. Restava-lhe uma carta na manga: enquanto o seu cunhado Garcia estivesse preso, era sempre possível ameaçar com o seu regresso, agitar as hostes galegas recordando-lhes que o seu rei, o seu verdadeiro rei, ainda estava vivo. E às mãos do irmão.*

## Mosteiro Real de Sahagún, inverno de 1088

Há dois anos que estavam na corte de Afonso VI, mas este seria o primeiro Natal passado em Sahagún. A corte recebera ordens para se preparar, eram precisos sempre dias para empacotar os baús, enrolar os tapetes e as tapeçarias, carregar os burros e as mulas com tachos e panelas, numa transumância de tanta gente, e tanta coisa, que mais parecia um carreiro de formigas a unir a cidade de Leão ao mosteiro real de S. Fagundes de Sahagún. Os senhores a cavalo, os outros a pé, numa peregrinação que trazia às bermas das estradas a arraia-miúda de todas as localidades atravessadas.

A princesa Urraca assumira, desde o início da viagem, ares de importância de quem se limita a repetir um hábito tão longo como os seus oito anos de vida, oferecendo-se constantemente, e de forma pedante, para fazer de guia e intérprete deste mundo que as irmãs desconheciam.

Enroladas nas capas de pele de urso, um lenço a proteger-lhes a cara da chuva gelada, era fácil identificá-las no pelotão da frente, montadas em três éguas brancas. E aqueles que tinham conhecido Ximena não tinham qualquer dificuldade em reconhecer qual era Teresa, não por ser a mais bonita de todas elas, mas pela expressão exasperada e caprichosa tão parecida com a da mãe quando contrariada. E bastava olhar para a altivez da pequena Urraca para perceber o motivo da sua irritação, pensou Alberto, com um encolher de ombros.

Quando, ao longe, a vila de Sahagún se tornou visível, à sombra de um gigantesco mosteiro cor de tijolo, a torre retangular, cortada de arcos, onde enormes sinos repicavam, Urraca gritou, genuinamente entusiasmada:

— Teresa, olha, estamos a chegar. Nunca tinhas visto um mosteiro tão grande, pois não? A minha aia diz que os mosteiros do Bierzo são pequenos, muitos deles perdidos no meio de serras.

Teresa trocou um olhar rápido com Elvira, que lhe recomendava, mais uma vez, que não gratificasse a provocação da meia-irmã com uma resposta, optando por ficar calada.

As torres das igrejas e a cúpula gigante do mosteiro real eram tão imponentes que tiravam o fôlego, só faria figura de parva se o fosse

comparar com o seu pequenino mosteiro de Peñalba de Santiago ou mesmo com S. Pedro de Montes.

Em lugar de responder, esporeou o cavalo e trotou para junto do pai, que, ao vê-la ao seu lado, a acolheu com entusiasmo:

— Teresa! O que dizes desta obra do teu pai? Olha a igreja, que ampliámos agora, ali ao centro; vês as alas do mosteiro? São mais de duzentos os monges, e por toda a vila se ouve o seu canto às horas santas.

A princesa perguntava por tudo, queria saber onde iam ficar, se o fumo que via subir ao céu era da padaria ou das grandes lareiras da cozinha, e o imperador, vendo tudo como que pela primeira vez pelos olhos da filha, falava dos seus projetos de futuro para tornar o mosteiro tão rico e poderoso como a grande Abadia de Cluny, a casa-mãe de que todos falavam.

Alberto atreveu-se a aproximar-se, como um bom escudeiro que vela pela sua dama, cumprimentou o imperador com um inclinar respeitoso da cabeça e suspirou:

— É magnífico. Parece um oásis, no meio deste descampado sem fim.

Nas pequenas hortas, os monges, com a sombra do capucho a esconder-lhes o rosto, aproveitavam o dia de sol para recompor as vedações e mondar as ervas daninhas de um horto magnífico, cada canteiro desenhando uma figura geométrica perfeita. Um deles batia com uma vara comprida no lombo de um burro, que fazia mover a nora de um poço, levando a água a correr pelos regos que davam de beber às plantas.

À entrada da comitiva, os sinos das igrejas tocaram a repique, e o imperador pediu:

— Volta para junto das mulheres, Teresa.

Endireitando-se na sela, foi rodeado pelos seus homens, dirigindo-se num pequeno grupo para um edifício imponente, onde o esperavam ao portão.

— É ali a hospedaria que a rainha Constança mandou construir para nos albergarmos? — perguntou Teresa a Alberto, escondendo mal a sua excitação. — Será que ficamos ali?

A pequena Urraca estava já ao seu lado, e esquecendo o amuo de a

ter visto em entusiasmada conversa com o pai, apressou-se a informá-la:

— Sim, é ali que ficamos. Aqui está o forno, onde todos os aldeões cozem o pão, e nos dias de feira vamos ao mercado, onde se compram os melhores tecidos. — Depois, voltando-se para o escudeiro, ordenou: — Alberto, levas os nossos cavalos para as cavalariças, que são ali, do outro lado do terreiro?

Mas Alberto estava paralisado, só os olhos mexiam, seguindo avidamente um grupo de dez ou quinze rapazes que seguiam em procissão, as palmas das mãos unidas sobre o peito em oração.

— D. Urraca, quem são aquelas crianças?

Urraca ergueu-se na sela, feliz pelo facto de Alberto lhe dirigir uma pergunta, de a dar como mais conhecedora do que Teresa, e apressou-se a responder:

— São os oblatos. Os senhores de terras e castelos entregam um dos seus filhos à Igreja. Mas aceder ao oblato em Sahagún, ao mosteiro favorito do imperador, é a maior das honras, e como há muitos a quererem entrar, mandam-nos para aqui muito cedo, daí parecerem-te tão pequenos.

— Mas como é essa admissão, o que acontece nesse momento? — interrogou Alberto.

— Os pais trazem-nos até cá, depois da entrada ter sido acordada com o abade. Entram e o camareiro retira-lhes a roupa do mundo exterior, e veste-os com uma camisa de linho, e por cima as vestes de oblato, que aqui é uma camisa cinzenta, como vês. Depois as crianças, ainda acompanhadas pelos pais, vão à presença do abade Diogo, que sucedeu ao abade Bernardo de Toledo, e assinam papéis a transferir o filho para a ordem. É como se faz também em Cluny.

— É como se faz em Cluny… — comentou Teresa, trocista, guardando sempre em si a rebeldia contra os cluniacenses que herdara da mãe.

Urraca franziu o sobrolho.

— E que mal tem isso? Sahagún é a Cluny de Espanha, o maior mosteiro a seguir ao de Hugo de Cluny, primo da minha mãe.

— E o homem mais poderoso da Europa, já sabemos... — disse Teresa.

Alberto fez um gesto de irritação, as implicações constantes entre as

princesas eram de moer a paciência a um santo.

— D. Urraca, e o que acontece a seguir? — insistiu Alberto, soletrando as palavras para que se percebesse que a discussão das infantas era enfadonha.

— Depois, o rapaz segura com uma mão a patena com uma hóstia e, na outra, o cálice — contou Urraca.

— Com vinho? — perguntou Alberto.

— Vinho misturado com água, são crianças — esclareceu Urraca. Por fim, o abade abençoa o capuz puxado sobre a cabeça de cada oblato. — Pelo menos é o que vem nos livros, pelo menos é o que me contam, porque nunca vi — corrigiu antes que Teresa a tentasse desacreditar.

— E depois, se tiver talento para a escrita, pode ser escriba do mosteiro, do mosteiro real, como o irmão Raul, em Astorga — murmurou Alberto em voz baixa, mas Teresa ouviu-o.

— Estás a pensar em tornar-te monge, Alberto? Olha que com a tua idade já serias noviço — disse em tom de troça.

Estranhando que o escudeiro continuasse calado, aumentou a provocação:

— Deixavas para sempre a espada? — perguntou espantada por não ouvir um protesto imediato.

Mas, para sua perplexidade, nada parecia irritar Alberto, que agora seguia o voo das pombas brancas como a neve, que pousavam na torre sineira.

A voz estridente da tia Urraca acordou-os a todos para a realidade. Ao longe, à porta da hospedaria, a todo-poderosa irmã do rei dava ordens para que os criados baixassem devagarinho a liteira onde a rainha Constança viera transportada.

— Doente, sempre doente — pensou a pequena Urraca, impaciente.

Doente, mas nunca mais morta, pensou Teresa, que ainda alimentava o sonho de um dia ver no trono a sua querida mãe.

* * *

Teresa não conseguia tirar os olhos da vela que derretia devagarinho, a cera escorrendo em lágrimas. Era uma vela enorme, de um amarelo-vivo, feita da cera das abelhas, uma vela de medir o tempo.

Lembrava-se de como a mãe lhe ensinara a saber as horas passadas pela quantidade de cera derretida, passatempo das noites de inverno em Urvel, quando o vento soprava tão forte e os trovões faziam tremer as paredes do castelo, no alto daquele monte tão protegido do inimigo, mas demasiado próximo de um céu que inclemente se abria em raios. Elvira sempre tivera mais jeito do que ela a ler as horas, recordou Teresa, porque ela perdia-se em sonhos e histórias inventadas, distraindo-se do que estava a fazer.

Nessa tarde passeara nos jardins da hospedaria de Sahagún e o barulho do correr da água invadiu-a de umas saudades imensas do Bierzo e da mãe, do castelo de Urvel e de S. Pedro de Montes. À ceia provara o mel do mosteiro, mas não sabia a nada, não era como o das suas serras, com cheiro de alfazema e rosmaninho, sabor a flor de amendoeira, que, estava certa, não havia em mais lugar nenhum do mundo.

O Natal viera e fora, e hoje sentia-se agitada e triste. Quando a cerimónia acabasse, se acabasse alguma vez, suspirou entediada, iria pedir a Alberto uma lição de esgrima. Quando se sentia assim perdida dentro de si mesma, só melhorava quando embirrava com alguém ou sentia o perigo de uma lâmina a roçar-lhe o peito. Decididamente, uma vida de contemplação num mosteiro não era para ela.

## Paço Real de Leão, agosto de 1089

A barba ruiva, tão ruiva como fogo, do conde Eudes da Borgonha era o tema de conversa entre as damas da corte de Leão, enquanto bordavam sentadas sobre grandes almofadas, as portadas das janelas fechadas, para afastar o calor de agosto. Entre elas chamavam-lhe Borel, que significava ruivo na língua catalã, e riam como meninas tontas, quando toda a gente entendia, logo à primeira, a quem se referiam.

As fontes da cidade estavam quase secas, e os médicos da corte avisavam que era tempo de fugir para as montanhas, antes que as pestanças fizessem vítimas no palácio, como já acontecia nos bairros pobres da cidade, mas Afonso estava decidido a homenagear com uma festa inesquecível os nobres cruzados que, com ele, tinham aguentado o cerco de Tudela e as campanhas por terras mouras.

As damas falavam de Borel, é verdade que falavam, mas também de todos os outros estrangeiros altos e loiros, magníficos nas suas armaduras, que no paço curavam as feridas, antes de atravessarem de novo os Pirenéus, de regresso aos seus castelos. Conheciam-nos ao longe, vistos através de janelas resguardadas por portadas de tabuinhas ou dos passeios no fresco da tardinha pelos pátios e jardins. Algumas, mais atrevidas, gabavam-se de já terem sido contempladas pelas suas canções e sonetos, quando se debruçavam de um muro da horta ou se tinham atrevido até a uma sala distante dos aposentos reservados às mulheres. Desobediência que, de uma ou de outra forma, todas acabavam por arriscar, na esperança de se cruzarem com os francos. Sonhavam que algum as levasse dali, para um casamento rico, tornando-as castelãs de um sítio só seu. Que conveniente era o som da cítara e do alaúde, permitindo-lhes conversar sem que Urraca Fernandez as entendesse, e de penitência as mandasse ajoelhar no chão duro e rezar dez vezes a ave-maria ou, pior ainda, a longa e complicada evocação de Santo Isidoro.

Elvira e Teresa também tentavam esconder as gargalhadas, esforçando-se por ser aceites entre estas mulheres que lhes pareciam tão mais experientes do que elas.

— Princesa Elvira, qual é que vai escolher? E a senhora D. Teresa já

viu aquele que lhe faz palpitar o coração? — perguntou uma das damas mais atrevidas.

As princesas coraram e olharam-na sem saber o que dizer. Sabiam que um dia o pai as casaria para selar uma qualquer aliança, seria agora? Seria com estes francos? Mas antes que Teresa conseguisse arquitetar uma resposta que as pusesse no lugar, Urraca entrou de rompante pela sala e rodopiando sobre si mesma anunciou a quem a queria ouvir que estava prometida a D. Raimundo da Borgonha. Elvira escutou com interesse a meia-irmã, que lhe descrevia o parentesco de Raimundo e a riqueza do enxoval que agora teriam de preparar, mas Teresa afastou-se, pretextando um desinteresse que não sentia.

* * *

Nessa noite, deitadas sobre a cama, a janela aberta de par em par e o lençol atirado para o chão, tal o calor, Teresa perguntou:

— Elvira, achas que o pai também já escolheu um dos sobrinhos da rainha Constança para nosso marido?

Elvira contemplou as ripas de madeira do teto em silêncio.

Teresa impacientou-se:

— Adormeceste? Responde, achas ou não?

Elvira inspirou fundo e depois expirou com força:

— O pai precisa de estrangeiros nas suas fileiras, o abade de Cluny quer o dinheiro do pai para acabar a sua gloriosa abadia, a rainha Constança deseja mais aliados na corte, por isso...

Teresa esqueceu por momentos a noite tórrida, e virando-se de lado, a cara para o rosto da irmã, exclamou entusiasmada:

— Achas que posso dizer com qual quero ficar? Não quero um marido velho e feio!

Elvira soltou uma gargalhada:

— Escolher? Não sei. Tu consegues tudo do pai, mas não vais conseguir escapar aos velhos, são todos mais velhos do que nós! A Urraca disse-me que Raimundo tem vinte anos, mais do dobro da idade dela.

Teresa voltou a rebolar na cama, ficando agora deitada sobre as costas:

— Aposto que quem vai escolher o nosso marido é a mãe!

Elvira sobressaltou-se. Como? Se estava no Bierzo, se há anos que não se viam, embora trocassem cartas quase todos os dias. Mas talvez Teresa tivesse razão. Sabia bem que Ximena Moniz possuía informadores na corte, e deviam ser bons, porque parecia estar sempre um passo à frente de todos eles.

— Achas? — perguntou, sabendo que a questão era retórica.

— Acho — respondeu Teresa, e bocejou, benzendo-se apressada, não fosse algum espírito mau entrar-lhe pela boca aberta, trazendo doenças ou má sorte.

Elvira, à cautela, benzeu-se também.

— O futuro a Deus pertence, Teresa, vamos dormir.

Mas Teresa não tinha sono. Se pudesse escolher, que príncipe quereria? Mas por muito que tentasse imaginar, só lhe vinha à cabeça a imagem de Moisés, as barbas compridas, o cabelo até aos ombros, como no livro. A imagem do rei, seu pai, o homem mais bonito, forte e poderoso que conhecia. E foi a pensar nele que finalmente adormeceu.

* * *

— É hoje, é hoje, é hoje — cantarolava Teresa, subindo as escadas da capela onde rezavam as primeiras orações da manhã.

Urraca vinha um pouco atrás dela, mais ofegante, e igualmente entusiasmada:

— Teresa, vou dançar com Raimundo, e o pai vai anunciar os nossos esponsais — disse orgulhosa.

Teresa, por momentos, sentiu um arrepio. A ama jurara-lhe que as meninas tão pequenas como elas não saíam de casa da família para a casa do marido, mesmo quando se fazia o juramento, e que só muito mais tarde, aí pelos doze anos, se casariam de facto, porque a Igreja não consentia que antes disso dormissem juntos, consumassem a relação, evitando que os filhos nascessem de raparigas tão novas. Mas a ideia de um dia ser tomada por um homem aterrorizava-a.

Subitamente preocupada com a meia-irmã, parou no degrau onde estava e quis saber:

— Urraca, vais já com Raimundo? Sei que o pai vos deu um castelo,

mas vais já para lá?

Urraca estranhou o tom preocupado e instintivamente estendeu a mão para a irmã, pousando-a no seu braço:

— Não vou, não olhes para mim tão assustada. Pedro Ansurez disse-me ontem que o rei quer que continue a viver com ele durante mais uns anos. Além disso, Raimundo, depois da cerimónia do noivado, volta para a Borgonha, tem assuntos a tratar...

Teresa, que deixara o toque de Urraca prolongar-se, baixou o ombro, fazendo cair a mão da irmã:

— Ainda bem. Mas hoje vou conhecê-lo?

— Vais conhecê-lo a ele e ao primo dele, Henrique. Também é sobrinho da minha mãe, e irmão mais novo de Eudes, a quem chamamos de Borel.

E depois, voltando ao seu ar altivo, acrescentou:

— Mas é mais pobre do que Raimundo! A família é grande, não tem razão nenhuma para querer voltar à Borgonha.

— É mais novo do que Raimundo? — perguntou Teresa, sem resistir à curiosidade.

Urraca estranhou a pergunta:

— Preferes novo e pobre do que velho e rico?

Teresa deu uma gargalhada:

— Se pudesse, queria novo e rico, mas tendo de escolher, prefiro novo. Não quero um marido velho!

Urraca hesitou:

— Não sei que idade tem, mas se está no exército a lutar ao lado do pai, deve ser velho.

E depois, irritada, acrescentou:

— A minha mãe nunca te vai deixar casar com ele.

E vendo Elvira, acabada de chegar ao patamar, a observá-la, acrescentou:

— Têm de procurar outros cruzados que não sejam parentes tão próximos da rainha Constança.

Teresa enfureceu-se:

— Urraca, casamos com quem o pai quiser. O pai é que é o imperador.

Urraca encolheu os ombros:

— A mim tanto me faz. Sou herdeira do trono e já escolhi Raimundo, pouco me importa o que vos acontece...

Elvira deu a mão a Teresa e puxou-a:

— Não a oiças, Teresa, não a deixes estragar a festa, vamos embora, que agora temos aula com a tia Urraca.

Vendo que a irmã não saía do sítio, aliciou-a:

— E a seguir esgrima com o Alberto.

Teresa esqueceu a irritação, e as filhas de Ximena subiram os degraus que restavam a dois e dois, deixando Urraca sozinha.

* * *

Teresa vestiu um gibão de peles e Alberto ajudou-a a apertar o elmo. Tinha sido o presente de anos do imperador, e a princesa jurava que nada na vida, mas nada mesmo, a tinha deixado mais feliz.

Subiu para o tronco de madeira que servia de escada para que montasse sozinha, e já em cima do cavalo seguiu as instruções do escudeiro, que a enviara para o outro lado do campo, preparado para um torneio. Alberto era como um irmão mais velho, pensou satisfeita, ainda bem que o imperador cedera ao seu capricho e lho «emprestara» vitaliciamente.

— Alberto, quando um dia comandares exércitos contra os almorávidas, vais ser o meu general — gritou.

Alberto negou o pedido com um aceno de cabeça:

— Não me parece que a princesa deva andar em batalhas, e pela minha parte tenho outros planos.

Mas Teresa já erguia a lança na mão, o braço direito forte, e galopava na sua direção sem medo.

Alberto esquivou-se ao golpe, abrindo a viseira para a corrigir:

— Com mais calma no ataque final, princesa.

Teresa mordeu o lábio, procurando concentrar-se. Mas quando avançava de novo distraiu-se com um grupo de cavaleiros que entravam no terreiro, o estandarte do rei ao vento, não deixando dúvidas de quem vinha aí. Os moços da estrebaria correram a segurar as rédeas, e os cavaleiros desmontaram agilmente de um salto.

Teresa deu um grito de alegria:

— É o imperador!

Afonso virou-se para de onde vinha a voz, sorrindo divertido ao ver a filha, de elmo e viseira, a lança enorme na sua mão tão pequena.

Aproximando-se da montada da filha, deu-lhe uma palmada na garupa, segurando simultaneamente a perna de Teresa, para que o nervosismo do cavalo não a levasse a cair:

Teresa riu às gargalhadas, feliz:

— Pai, não me segure, nunca caio de um cavalo!

Os cavaleiros saudaram a princesa com uma inclinação da cabeça, e Teresa reparou num deles, mais novo do que todos os outros, o cabelo loiro a cair-lhe sobre os ombros, o rosto marcado por uma barba rala e clara, iluminado por um sorriso aberto:

— Senhor D. Afonso, esta é qual das suas filhas? — perguntou em francês.

— Senhor D. Henrique, apresento-lhe a princesa Teresa — disse Afonso.

Teresa sentiu o peito encher-se de ar, tal o orgulho de ouvir o seu nome assim pronunciado pelo pai, os seus olhos verdes faiscando de alegria.

O cruzado aproximou-se do cavalo, prendeu a mão da princesa na sua e beijou-a:

— Encantado. Sou Henrique.

— Conde D. Henrique da Borgonha — acrescentou o imperador.

Henrique riu:

— Uma menina tão pequena consegue segurar uma lança tão grande?

Alberto, que escutava em silêncio, trocou um olhar divertido com o imperador, qualquer coisa como um «Ai, nem sabes como te vais arrepender!». Para evitar uma discussão, o rei atalhou:

— A princesa Teresa cresceu nas montanhas, montava antes mesmo de saber andar, e usa a espada desde criança.

Teresa ficou muda. Apetecia-lhe convocar Henrique para um torneio, explicar-lhe como um dia ia derrotar os sarracenos. Mas perdeu a voz. Henrique percebeu que a tinha ofendido e pondo o seu ar mais sério sugeriu:

— Desculpe! Mas pode fazer-me engolir a afronta num duelo, o que

acha?

Teresa contemplou-o com os seus olhos verdes, tão verdes que Henrique teve a sensação de que se perdia neles, e mais segura de si respondeu:

— Se quiser perder!

Afonso fê-la escorregar da sela e abraçando-a pousou-a no chão:

— Presunção e água benta cada um toma a que quer. Vamos, Henrique. E tu, Teresa, volta à lição!

## *Mosteiro de S. Pedro de Montes, agosto de 1089*

*A notícia de que Urraca estava prometida a D. Raimundo da Borgonha chegara depressa ao Mosteiro de S. Pedro de Montes, onde Ximena descansava do calor de Astorga. Mas mais depressa ainda viera a informação de que Constança exigia que o marido nomeasse o genro herdeiro de todo o seu reino.*

*Ximena imaginava a impaciência com que Afonso calcorrearia as salas do paço, sem vontade de desistir do projeto de vir a ter um herdeiro varão a quem legaria todo o poder. Imaginava a irritação que sentiria contra os nobres de Leão e Castela, rodeando-o como víboras, avisando-o dos perigos de ceder às imposições da rainha, de Bernardo de Toledo, do partido da Borgonha. Não podiam ver com bons olhos a escolha de um estrangeiro para cônjuge da pequena Urraca. Conhecia-o. A esta hora calcorrearia as salas, resistindo à tentação de chamar o astrólogo para que lhe lesse o futuro nos astros, ansioso por um sinal de que a saúde de Constança vacilaria em breve definitivamente... Deixando-o livre para voltar a casar. Precisava de um varão, não o satisfazia esta ideia de repartir os seus reinos por filhas e genros.*

*A senhora do Bierzo conhecia o imperador, pensou Ximena, com satisfação. Com saudade. Ximena fechou os olhos. Sabia bem que Afonso temia a hora da morte, sabia que, apesar do ouro gasto a comprar orações pela sua alma, não estava certo de que alguns dos seus atos em vida lhe valessem mais do que as chamas do Inferno. Mas sabia, acima de tudo, que Afonso gostava de viver, de sentir o ar nos pulmões quando gritava «A eles», de bochechar um bom vinho, saboreando-o, de ouvir a música das ruas de Toledo, de gozar o corpo de uma mulher.*

*Por isso, sim, tinha a certeza de que a esta hora Afonso calcorrearia as lajes da sala, procurando uma inspiração. Conhecia-o suficientemente bem para pensar como ele. Não precisava de espiões. Afonso, estava segura, daria a Raimundo jurisdição sobre a Galiza, confiar-lhe-ia a administração do Condado Portucalense, mandá-lo-ia para sul, com a missão de deter o novo avanço dos almorávidas, e repovoar a Estremadura, pô-lo-ia à prova. Simultaneamente, para apaziguar os senhores de Leão e Castela, manteria a princesa Urraca à guarda de Pedro Ansurez, o maior de todos eles. E com tudo isto procuraria ganhar tempo.*

*Mas enquanto Afonso protelava, ela teria de agir. Era preciso garantir que Elvira e Teresa ficassem noivas o mais rapidamente possível, antes que um filho de Urraca e Raimundo as excluísse da equação. Um neto legítimo poderia facilmente cegar o coração do imperador, dando uma força incontestável ao partido dos estrangeiros.*

*Cansada de se angustiar dentro de portas, Ximena decidiu descer ao rio, embalada pelo barulho das pequenas cascatas, cumprimentando as lavadeiras com que se cruzava e os homens que pescavam salmões para vender aos monges. Crescera nestas montanhas e nestes vales, e era aqui que pensava melhor.*

*Segundo lhe contavam os seus informadores, havia um outro sobrinho que Constança queria favorecer, o conde D. Henrique. De sangue mais nobre do que o de Raimundo, embora mais novo e mais pobre, tinha a grande vantagem de ser sobrinho-neto de Hugo de Cluny, com todo o poder que daí lhe podia advir. Contavam-lhe ainda que se distinguia no campo de batalha. Afonso gostava dele, diziam-lhe.*

*Indicavam-lhe ainda Raimundo de St. Gilles, com a possibilidade de ascender ao título de conde de Toulouse, mas contra ele tinha a idade, quase tão velho como o imperador, e ao que parecia determinado a peregrinar à Terra Santa. Seria a viagem que o mago profetizara a Elvira?*

*Olhando o céu azul, de um azul tão forte que obrigava a cerrar os olhos, Ximena entendeu que não valia a pena mentir a si mesma, porque Deus Nosso Senhor lá em cima, mesmo em cima, não deixava que lhe escondessem nada. E, se não mentisse a si mesma, teria de confessar que preferia deixar Elvira partir a separar-se de Teresa. Debruçando-se, pegou num malmequer e desfolhando-lhe as folhas decidiu. Seria Teresa a casar com Henrique, conde da Borgonha.*

*Exigiria que Afonso os dotasse, como fizera a Raimundo e Urraca, de um reino...*

*Pobre Elvira, pensou, atirando o caule da planta dilacerada para o chão, que injusta é a vida, que nem o amor de uma mãe é proporcional à dedicação de uma filha. Elvira sempre fora a que se preocupara com ela, a que desde pequenina velava à sua cabeceira, aquela que daria a vida para salvar aqueles que amava.*

*Vendo as silvas cheias de amoras, estendeu as mãos com cuidado para não se picar e apanhou as mais pretas e maduras, deixando que lhe derretessem na boca.*

*Fazia um favor a Elvira, afinal. Sabia que odiaria o clima de tensão e atrito que disputar e defender um território exigiria, aplacando nobres e senhores, gerindo o descontentamento dos bispos e dos arcebispos, mexendo cordelinhos atrás da cena, engolindo sapos e vergando a consciência, na certeza de que os fins justificam os meios. Sim, decididamente a sua escolha era a melhor para a sua filha mais velha.*

*De soslaio olhou de novo o céu, de que não conseguia ver o fim. Talvez Deus hoje estivesse distraído.*

## Mosteiro Real de Sahagún, Natal de 1089

— Alberto de Coimbra, senta-te aqui e toma nota de um recado meu para D. Diogo de Sahagún.

Alberto estremeceu quando o imperador se abeirou dele à mesa de jantar em Sahagún, em frente de tanta gente, de tantos escribas melhores e mais feitos à pena.

Porquê eu? E porquê agora?, perguntou-se, enquanto se levantava de supetão e fazia uma vénia profunda ao seu senhor.

Todos estes anos procurara destacar-se quando o rei passava por ele, esperando que lhe agradecesse a dedicação com que protegia as filhas, a paciência e coragem com que aceitara a forma como fora abandonado na cavalariça de S. Pedro de Montes, mas habitualmente D. Afonso passava por ele como se não o visse. E agora isto? Quando levantou os olhos, viu os de Teresa tão curiosos como os seus.

O rei, dando uma gargalhada perante o nervosismo do escudeiro, insistiu alto, levando a que toda aquela gente sentada a cear o imitasse na gargalhada. Sem fazer ideia daquilo do que riam, pensou Alberto, irritado.

— Alberto, senta-te e escreve — insistiu Afonso, e com um gesto da mão indicou aos criados que era ali que deviam depositar o tinteiro e o pergaminho encomendado.

Quando todos esperavam as palavras ditadas do rei, este baixou-se e sussurrou umas palavras ao ouvido do rapaz, deixando-os a todos em suspenso.

Teresa ainda se pôs de pé, aproximando-se, mas o pai mandou-a sentar-se.

— A minha filha é mais curiosa, ou mais ousada, do que todos aqui presentes. Mas esta nota é secreta.

Teresa, com descaramento, protestou:

— Se é secreta, porque é que a manda escrever em público?

Afonso deu uma nova gargalhada:

— Exatamente para que tu e toda esta gente fizessem essa pergunta. Mando escrever uma carta privada em público porque quero, posso e mando.

O silêncio caiu sobre a sala, sepulcral. Só a tia Urraca abria o sorriso

que tão raramente lhe viam, divertida, e Alberto, demasiado concentrado no que fazia para dar atenção ao que acontecia em seu redor, exclamou:

— Posso ir entregar a nota pessoalmente?

— Queres ir entregar em pessoa uma nota de encomenda de pergaminhos e tinteiros — riu Afonso, e os presentes riram também, como se achassem de facto alguma graça a este estranho sentido de humor do imperador.

— Vejo que ainda coras, como em criança — disse-lhe, mas o seu sorriso era agora generoso. E alto, para que todos o ouvissem, acrescentou: — Depois da forma como me tens servido, servindo as minhas filhas, é o mínimo que posso fazer: vai em paz, e diz ao abade que lhe peço que cumpra o que aí escrevi e ainda todos os teus desejos inconfessados.

Alberto atravessou o pátio a correr em direção à porta principal da abadia. Ninguém franqueava aquelas portas sem ordens superiores, e as exceções eram raras. Funcionava como uma colmeia, rodeada de irmãos leigos e criados, interlocutores dos habitantes da vila que vinham às cozinhas vender os seus produtos ou pedir autorização para cozer pão, e depois se ia dividindo em círculos concêntricos dos noviços para o superior, cada um com a sua tarefa, unidos pelo silêncio e pela oração. Mas Alberto tinha na mão um livre-trânsito do rei e sentia-se poderoso. Afonso VI fora claro: o abade devia realizar os seus desejos mais secretos. Certamente que Urraca Fernandez, a quem se confiara, os partilhara com o irmão. Alberto encolheu os ombros, se fosse sincero consigo mesmo, diria que não só sabia que assim seria, como, mais do que isso, planeara que assim fosse. Pobre Teresa, como ficara perplexa, mais tarde explicar-lhe-ia tudo.

Quando comunicou ao que vinha, o irmão porteiro, desconfiado, fez perguntas, mas confrontado com o selo real, acabou por se calar e o levar à presença de D. Diogo.

Alberto ajoelhou-se e beijou os dedos do abade, entregando-lhe o pergaminho:

— Sei o que diz, senhor abade — confessou.

E gaguejando, com medo de ser acusado de ter espiolhado uma mensagem do imperador, apressou-se a explicar:

— Não o li, Deus me valesse se alguma vez cometesse tal indiscrição,

mas o que quero dizer é que sei o que diz porque fui eu que o escrevi. O rei tinha pressa no que aí pede...

D. Diogo olhou-o com simpatia, enquanto lia a nota. Conseguia rever-se nele, naquele cabelo despenteado, naqueles olhos brilhantes e curiosos, um dia também fora assim, corando e gaguejando, numa transparência que perdera há muito.

— Queres ir entregar isto ao claustro dos copistas? Vai agora que tenho de ir para as orações, de que eles estão dispensados, porque as horas de sol são poucas e precisam de as aproveitar todas. Escrevem a palavra de Deus, enquanto nós a cantamos — acrescentou, perante o ar surpreendido do escudeiro.

E a toada repetitiva dos monges, aquele canto que o papa Gregório pusera todos os conventos e igrejas a cantar, já se ouvia tão forte e tão belo, ecoando nas paredes de pedra como um encantamento a que era impossível resistir. Como uma serpente enfeitiçada, Alberto foi atraído por ele, parando junto de uma das janelas superiores, onde os irmãos doentes assistiam às cerimónias, espreitando, discretamente. O que viu tirou-lhe o fôlego: o chão da enorme igreja parecia coberto de neve, os hábitos brancos dos frades prostrados forravam as lajes, e deitados, a testa pousada no chão, cantavam em adoração ao sacrário exposto no altar-mor.

Voltava a sentir, sem saber de onde vinha, a mesma emoção profunda que experimentara em Astorga, naquele dia em que o irmão Raul o sentara ao seu lado, escrevendo por ele a palavra mágica: seria Anasisapta ou Jesus Cristo? Nunca se atrevera a quebrar o lacre, mas o pergaminho trazia-o sempre consigo.

O toque da sineta, que indicava que os monges se podiam erguer, sobressaltou-o. O que lhe fariam se o encontrassem ali a espiolhar, ainda para mais sem cumprir a missão que lhe fora confiada?

Voltou ao claustro, e correu na direção indicada, passando pela enfermaria: como eram engraçados aqueles molhos de ervas pendurados do teto, tal e qual como na cozinha da mãe em Coimbra. Subitamente sentiu a sua mão fresca na sua testa quente, ouviu a sua voz a embalá-lo, recordou o conforto do seu beijo nas faces rosadas de febre. Parou por segundos, dobrando-se sobre si mesmo num espasmo de dor, como quem correu muitos quilómetros e de repente perde o ar e

as forças para continuar o caminho. Que seria da sua mãe, alguma vez voltaria a Coimbra, alguma vez voltaria a receber o seu beijo, a ouvi-la dizer o seu nome?

O irmão enfermeiro aproximou-se zangado. Que fazia aqui um escudeiro, em terreno sagrado? Alberto endireitou-se, ainda ofegante, explicou ao que vinha, fingiu que se tinha perdido, perguntou para que lado ficava o escritório. Mas não precisava de direções. O cheiro a pele curtida teria sido o suficiente para o guiar, disse para si mesmo, recomposto. Nada o preparava para a grande biblioteca, que abria para o claustro menor, os livros enormes e pesados, mais livros do que alguma vez vira na vida, alguns em estantes, outros em gigantescos escaparates, lombadas e lombadas de couro com letras a ouro. As secretárias de madeira escura, cada uma com o seu banco alto, eram a perder de vista. Mais de vinte monges se debruçavam concentrados sobre o seu trabalho, os tinteiros de tinta preta de pó de chumbo e de tinta encarnada, tantos como nunca tinha visto, as penas das mais variadas formas e cores, como se estivessem ali as de todos os pássaros que voavam nos céus, nas Espanhas e no mundo inteiro.

Seria blasfémia afirmar que este claustro era o território mais sagrado de toda a abadia?, perguntou-se. Não teve tempo de responder, porque o prior do claustro interrompeu a tarefa de entregar pergaminhos limpos a dois copistas para lhe perguntar:

— Ao que vens?

Alberto, sem uma palavra, estendeu-lhe a nota do imperador.

— Foi o abade Diogo que me deu ordem de trazer o recado pessoalmente — sentiu-se na obrigação de justificar. E logo acrescentou: — Posso esperar pela encomenda, não tenho pressa nenhuma.

O prior do claustro avaliou-o com uma frieza que o deixou gelado, e sem lhe dirigir palavra deu ordens rápidas a dois noviços, que partiram para uma sala adjacente, continuando em silêncio o que estava a fazer.

Alberto, a medo, aproximou-se devagarinho de uma mesa vaga, e deitando um olhar sobre o ombro para se assegurar de que o prior estava distraído, passou o dedo indicador pelas penas como quem afaga a crina de um cavalo ou o cabelo de uma mulher, pensou, corando.

Um monge velhinho, com o rosto tão encarquilhado que os olhos mal

se descobriam entre as rugas, exclamou, fazendo-o saltar:

— Vejo em ti um copista ou mesmo mais do que isso — disse-lhe o monge e Alberto estremeceu.

— Só alguém que ama a escrita toca assim nas plumas. Sabes escrever?

Alberto acenou que sim com a cabeça:

— Aprendi com a senhora D. Urraca Fernandez, quando dava aulas às princesas — explicou, com orgulho indisfarçado, mas percebeu que o nome da irmã do rei não inspirava bons sentimentos no monge.

Alberto fez contas rápidas de cabeça, sim, provavelmente o velhinho recordava-se das guerras da sucessão em que, segundo lhe contavam, a irmã do senhor D. Afonso tivera um papel controverso. Alguns diziam mesmo diabólico.

— Se a conhecesse hoje — disse Alberto.

E o monge abanou a cabeça, como que a repreender-se a si mesmo:

— Lês os pensamentos dos outros, rapaz, e os meus não são de alguém que quer morrer santo e não tem muito tempo para purificar a alma! Desculpa, são coisas que a memória ainda não apagou.

E abrindo o riso:

— E vê lá tu que nem me lembro do que comi hoje pela manhã!

O prior do claustro pôs um dedo sobre a boca em sinal de silêncio, e o irmão baixou os olhos, como que em arrependimento, mas continuou baixinho:

— Para mim, a regra do silêncio sempre foi a mais difícil, mas quando se ama a palavra de Deus como eu a amo, e nos permitem passá-la a escrito, aceita-se tudo.

Puxando Alberto pelo braço, apontou-lhe o trabalho que tinha sobre a mesa. Para espanto do escudeiro, não havia aqui imagens de santos, nem capitulares iluminadas com figuras do Diabo em sofrimento.

— São cenouras — exclamou Alberto, pondo imediatamente a mão sobre a boca, nem se atrevendo a olhar em direção do prior.

O velhinho riu:

— Estou a traduzir um tratado de medicina mouro. Sabem muito mais do que nós sobre a arte de curar, e só gente estúpida se recusa a ver isso. Mas o imperador vê mais longe, trouxe-o de Toledo e pediu que o passasse a latim, e aqui só eu dominava o árabe.

Alberto olhou-o com admiração:

— Como aprendeu?

— Nas ruas da cidade onde vivia, nas mesquitas, onde permitiam a entrada de crianças cristãs que quisessem aprender a ler e a escrever.

Alberto sentiu as pernas tremer, como se tivessem perdido a força:

— De que cidade?

O velho olhou-o com um ar sábio:

— De Coimbra.

Alberto parecia ter visto um fantasma, e o monge riu:

— Se fiz o caminho até aqui, porque não o hás de fazer tu? Dentro em breve este banco e esta mesa estarão livres, e enquanto não estiverem seria teu professor — propôs, e rindo acrescentou: — Vão precisar de mais alguém que saiba escrever o nome das plantas em árabe.

O escudeiro não sabia o que havia de fazer às mãos que tremiam.

— Ainda bem que ainda te apanhei aqui — disse o abade Diogo. — Os irmãos leigos levam a encomenda, enquanto falamos um bocadinho — e segurando-o por um braço empurrou-o em direção aos jardins.

Alberto teve tempo para um aceno rápido ao monge de pele encarquilhada, que lhe respondeu com um sorriso, como quem diz «em breve falamos de novo».

Mas a voz que ouviu foi a do abade Diogo:

— E se falássemos da outra ordem que o imperador nos deu?

Alberto tossiu, nervoso:

— A de que lhe confessasse o meu desejo?

— E de que eu o realizasse — concordou D. Diogo, as mãos atrás das costas, como quem tem todo o tempo do mundo para escutar. A magia do lugar e o acolhimento do monge funcionaram, e de repente a língua de Alberto pareceu desatar-se e contou-lhe tudo. O que sabia que sabia e aquilo de que não fazia ideia que sabia, surpreendendo-se a si mesmo.

## Paço Real de Leão, primavera de 1090

Teresa e Elvira adormeceram abraçadas, as pálpebras inchadas de tanto chorar. Há meses que preparavam a visita à mãe em Astorga, que lhes tinha prometido que depois iriam a Urvel e ao Mosteiro de S. Pedro de Montes, no Bierzo, apaziguando as saudades de anos de separação com planos para este tempo em que voltariam a estar juntas. Mas a tia Urraca, pouco antes da ceia, chamara-as ao *scriptorium* para lhes dizer que estava tudo cancelado. A instabilidade política que a revolta na Galiza provocara contraindicava que as princesas deixassem a corte, deixassem o paço de Leão. Teresa protestara, com fúria.

— Não vê que a minha mãe assim não me vai reconhecer? Tenho dez anos e estou muito mais alta do que era, nenhum dos vestidos com que saí do Bierzo me cabe, e o meu cabelo, tia, o meu cabelo mudou de cor, não percebe isso? E Elvira, tia, como é que vai reconhecer a Elvira, que tem agora o cabelo ondulado e escuro, e a deixam andar com ele solto, só com uma fita, sem touca nem nada — exclamou, vermelha de fúria.

Para espanto de Elvira, a tia Urraca não levantara a voz, nem esganiçara um protesto, olhando-a com o que parecia até pena, se Elvira acreditasse que a tia Urraca sabia o que isso era. Nem tão-pouco lhe gritara que regressasse à sua presença, quando a princesa saiu desembestada pela porta.

— Elvira, vai consolar a tua irmã — disse-lhe, por fim, e Elvira sentira o coração apertar-se num nó, será que imaginavam que não sentia nada, não lhe doía nada esta desilusão, como se por ser educada e obediente ficasse sempre a perder.

Fora encontrar Teresa a andar de um lado para o outro do quarto, a ama num desassossego enquanto a princesa jurava que ia fugir, que com a ajuda de Alberto chegaria em dois dias ao castelo, e nunca mais voltaria para Leão, mesmo que o pai mandasse um exército inteiro atrás dela.

Tinham jantado nos aposentos, uma canja de galinha e um copo de vinho quente com especiarias, que a ama jurava que as iria acalmar, e tinham-se deitado, na certeza de que o mundo acabava naquela noite.

* * *

Urraca entrou na sala de aulas, num choro dramático, como se desempenhasse uma cena de uma peça de teatro. Quando a tia Urraca ensaiou um berro, a sobrinha fingiu desmaiar, caindo nos braços de Elvira, que, aflita, se precipitou para a segurar.

— Urraca, espero que tenhas uma boa razão para entrar assim pelo meu *scriptorium* — vociferou a tia.

Urraca, ofegante, num fio de voz respondeu:

— Tia, o meu noivo, que acabou de chegar da Borgonha, vai partir de novo. É preciso travar o novo ataque de Yusuf. O imperador precisa dele para derrotar os almorávidas, que invadem de novo.

Teresa impacientou-se e a tia Urraca não a deteve:

— Para com isso, Urraca. A Elvira e eu não vemos a nossa mãe há anos e não estamos a fazer uma fita como esta.

Urraca ainda abriu a boca para protestar, mas Teresa voltou a calá-la, apontando para a palidez que descera sobre o rosto de Elvira:

— Sentes-te bem? — perguntou aflita.

Elvira nunca chamava a atenção sobre si, passava-se alguma coisa. A irmã engoliu em seco e tentou manter a voz segura:

— Vão partir todos os cruzados com o imperador?

Teresa imaginou que se preocupava com a possibilidade de o pai ir desprotegido para a guerra:

— Elvira, vão, com certeza que vão, não te preocupes, não vai acontecer nada a Afonso de Leão e Castela.

Mas, naquele momento, Elvira não pensava no pai.

## *Castelo de Urvel, primavera de 1090*

*Nunca acreditara que Afonso cumprisse a promessa de mandar as filhas passar a primavera ao Bierzo. Fingira crer, respondera com esperança às cartas das filhas que anunciavam a decisão de chegar ao vale sagrado a tempo de ver as amendoeiras em flor, mas sabia perfeitamente que o imperador não podia tirar as princesas da corte neste momento, tornando mais visível a sua ilegitimidade, chamando a atenção para a ninfa de Carucedo que o seduzira.*

*O papa Urbano II ordenara que se fizesse um concílio em Palência, na ânsia de continuar a missão que o papa Gregório não concluíra, reformando a Igreja, libertando-a da vergonha do pecado e da cumplicidade com os grandes senhores — «Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus» —, vergando a Roma esta Península onde se lutava contra os mouros, mas os cristãos seguiam ritos tingidos pelo inimigo, obedecendo a bispos que seguiam as suas próprias leis, as ordens dos papas franceses. Não se espantara com a eleição de Urbano, criado nos claustros da grande Abadia de Cluny, tão próximo de Hugo, ao ponto de se dizer que, na realidade, era Hugo que ocupava a cadeira de Pedro.*

*Ximena sorriu, um sorriso amargo. Estava certa de que os seus inimigos, dentro e fora da Igreja, não deixariam de fazer chegar aos ouvidos do novo apóstolo supremo que o rei das Espanhas continuava ligado àquela que o seu antecessor considerara uma proscrita, que acolhia junto de si as filhas desse amor.*

*Afonso tinha razão, era preferível não chamar a atenção sobre as origens da princesa, não chamar a atenção sobre si. Conformara-se em não ver Elvira e Teresa, e conspirava. Que mais podia fazer uma mãe?*

*Elvira e Teresa seriam mais do que senhoras do Bierzo, mesmo que o seu lugar e o seu poder fossem invejados por muitos, Teresa e Elvira, ou melhor, Elvira e Teresa, repreendeu-se, ocupariam o trono que por tão pouco lhe escapara.*

*Sobrava-lhe tempo para procurar aliados. A vida ensinara-lhe que a ambição e a inveja eram terreno fértil para alianças e para semear a discórdia, sobretudo quando provocadas pela injustiça. Tinha talento para ambas as artes. A nomeação de D. Bernardo de Toledo como primaz das Espanhas viera estilhaçar o consenso da Igreja na Península, dividira os condes portucalenses e galegos, incitava à revolta — não era o bispo de Braga há muito mais tempo primaz das Espanhas, recordou Ximena, de novo indignada, o que passara pela cabeça de Afonso ao permitir tal coisa? E como se não chegasse, permitira ao estrangeiro que viesse sagrar a sé que D. Pedro dedicara a retirar dos escombros. Tinha Bernardo o imperador sob algum feitiço, ou pior, já não mandava nada? Porque não fora só este o disparate. Protagonizara um outro golpe, de consequências dramáticas. O concílio sagrara bispo de Coimbra D. Crescónio, mais um francês, mais um cluniacense para ocupar a mais fundamental das cidades fronteiriças. Fora feita, contudo, uma cautelosa ressalva: a cadeira vaga seria ocupada apenas aquando da morte do governador Sesnando Davides, que nunca escondera a sua oposição ao rito litúrgico de Roma. O rei conseguira assim impedir a loucura de afrontar o alvazil, o homem que mais fizera para defender a cidade, para fortificar as suas defesas, e manter a paz com as taifas a sul. Como devia desesperar D. Bernardo a sobranceria com que o velho Sesnando ignorava as suas ordens, permitindo que nas igrejas de Coimbra se salmodiasse como sempre, recusando alterar a ordem dos hinos ou reduzir a cerimónia em mais de uma hora... Mas Sesnando mantinha unidos judeus, a que pertencia por sangue, cristãos, a fé que professava, e árabes, com os quais crescera. Era inteligente e perspicaz, enriquecera como nenhum outro, e não estava disposto a deitar tudo fora criando revoltas dentro dos seus muros, enfraquecendo a determinação daqueles que lutavam para manter um mundo que lhes era favorável.*

*Lembrava-se de em pequena ouvir a história de Sesnando, preso em criança pelos muçulmanos e levado para Sevilha, onde a facilidade com que aprendia e o seu talento para as*

*armas deram nas vistas. Ensinaram-lhe, deram-lhe oportunidades, e aprendeu a combater, a saquear e a degolar os seus opositores. Rico, veio oferecer os seus préstimos ao pai de D. Afonso, pondo-lhe em cima da mesa o plano para reconquistar a «sua» Coimbra. Ximena lembrava-se de como lhe contavam que Sesnando se fechara três dias em vigília na Catedral de Santiago de Compostela antes de partir em campanha e que inspirado pelo santo reconquistara a cidade, depois de um cerco de seis semanas. De facto, só se tivessem ensandecido o podiam afrontar. Afonso VI sabia bem que, naquele pedaço de terra vital, Sesnando era rei...*

*Impacientara-se. Afonso semeava ventos, esperava que estivesse à altura das tempestades. Quanto mais desmobilizados estivessem os magnatas portucalenses e mais zangados os condes da Galiza, melhor. Mais ávidos estariam de aceitar líderes fortes, que consubstanciassem a revolta.*

*O pobre D. Pedro seria o primeiro a abrir os braços para quem chegasse a prometer restituir a independência à diocese, reforçá-la e engrandecê-la, como era de direito. Os seus informadores daqui e dali tinham-no ajudado a entender a raiz deste inesperado ódio do imperador ao seu prelado de mão, escolhido pelo seu pai, o rei D. Fernando. Ansioso por encher os cofres da diocese, D. Pedro fechara os olhos aos limites da mesma, e aproveitando o facto de não haver bispo do Porto, taxara paróquias e mosteiros alheios como se fossem seus.*

*Havia decididamente muito a fazer. Dentro e fora de casa.*

## Paço Real de Leão, junho de 1090

Teresa sentou-se ao lado das tias e das irmãs, e o mais longe possível da rainha Constança, evitando o seu olhar, sempre tão perturbador.

Rezava-se a missa solene de bênção dos guerreiros que partiam em campanha. Afonso VI, a cota de malha sobre uma camisa de veludo azul, com estrelas douradas, sentava-se num trono forrado a damasco vermelho, colocado em destaque junto ao altar, a coroa sobre os seus cabelos ondulados, alisados com óleos perfumados. O cruzado Raimundo de St. Gilles, o mais velho e importante de todos eles, e os condes Raimundo e Henrique sentavam-se entre os nobres vindos de todas as partes do reino, e inclinavam a cabeça, escondendo o rosto nas mãos e rezando com fervor para que fossem poupados às adagas afiadas dos almorávidas. Pediam coragem, a coragem de darem a vida, se necessário fosse, para devolver aos cristãos a terra roubada.

Teresa desviou os olhos do altar, onde D. Bernardo, arcebispo de Toledo, presidia à cerimónia, ladeado pelo bispo de Leão, e de tantos outros, vestidos nos seus mais vistosos paramentos, numa mancha de cor que quase feria os olhos. Decididamente preferia observar o pai com cuidado.

Nos últimos dias, as princesas tinham estado confinadas aos seus aposentos, e o imperador nem sequer permitira que jantassem com a corte. Nada parecia igual aos rituais que preparavam as campanhas nos outros anos, constatou a infanta. Ouvira a tia Urraca comentar que «longe iam os tempos dos gestos fanfarrões», palavras que Teresa não entendera bem o que queriam dizer, mas percebera bem que a guerra selvagem dos homens do deserto atemorizara os corações mesmo dos mais bravos guerreiros. Alberto explicava-lhe, com paciência, que nada os preparava para esta gente do Magrebe, de pele escura e dentes brancos e afiados como os dos animais, e que na sua senda assassina arrasavam tudo por onde passavam, destruindo tanques e diques, lançando fogo às searas, queimando casas, matando gente, saqueando as mesquitas para destruir os livros e as imagens, odiando por igual cristãos, judeus e os mouros das taifas, que consideravam traidores da sua fé.

A homilia do bispo de Leão alongava-se e Teresa distraiu-se a olhar os tesouros da basílica, a cada dia mais rica por obra e graça da tia Urraca, que para lá canalizava o dinheiro das suas terras. Observou a tia Elvira, que passava sempre despercebida, mas as criadas diziam ser a mais amada pelo povo, a quem, às escondidas da irmã, entregava dinheiro e comida. Alberto jurava que todos os dias Elvira Fernandez saía pela porta dos fundos do paço, o rosto escondido pelo lenço que usava como uma moura, entregando maravedis aos pedintes que silenciosamente a aguardam numa esquina.

Teresa espantara-se quando o escudeiro jurara que um dia iria escrever sobre as duas irmãs, tão diferentes como o trigo do joio. Teresa procurou Alberto entre os acólitos que serviam à missa e como previa lá estava ele a segurar o livro sagrado, virando-o para o bispo, que lia um salmo, passando as páginas, sem precisar sequer de as olhar.

Subitamente, o pensamento fugiu para Henrique da Borgonha, e sem dar por isso repetiu vezes sem conta o seu nome em silêncio, tantas que sentiu uma tontura. Henrique, nos últimos tempos, vinha assistir a todas as suas aulas de espada e de arco. Ainda hoje de manhã lá tinha estado, e Teresa atrevera-se a pedir-lhe que lhe escrevesse a contar tudo, sem esquecer o número de almorávidas que caíssem a seus pés. Henrique respondera-lhe entre risos: «Enquanto conseguir escrever é sinal de que ainda não me cortaram a cabeça.»

D. Bernardo preparava agora a bênção final, e Teresa sentiu repentinamente um nervoso miudinho. Não ouvira nada, nem dos Evangelhos, nem da prédica, como iria responder amanhã ao interrogatório cerrado que a tia Urraca certamente lhe faria? Suspirou fundo, enquanto levava a mão à cabeça e ao peito num sinal da cruz. Alberto ou Elvira teriam de lhe fazer um resumo, mais uma vez.

Teresa seguiu as mulheres num cortejo lento pela ala lateral, que ligava com uma porta que ia direita ao paço, evitando que fossem vistas na praça pública, onde o povo se juntara para saudar os cristãos guerreiros que partiam, e deu por si a observar atentamente os cavaleiros que saíam pela porta principal, em procissão. Num impulso puxou o braço de Elvira, mesmo à sua frente:

— Mana, o Henrique olhou para mim.

Mas Elvira puxou-lhe o braço com força e entredentes ameaçou:

— Livra-te de acenar.

E Teresa juntou as mãos em oração, para fugir à tentação de lhe dizer adeus.

Elvira benzeu-se, discretamente, pedindo perdão pela inveja que tantas vezes sentia da sua irmã Teresa. Nunca se importara, mas agora incomodava-a que a irmã fizesse com que todos se rissem às gargalhadas. Olhando de relance para os cruzados, deu por si a perguntar porque seria que, mais do que tudo, a perturbava quando era Raimundo de St. Gilles a parecer encantado com Teresa?

Teresa beliscou-lhe o braço:

— Elvira, estás a ficar para trás.

Elvira olhou-a, aflita:

— Alguém reparou?

Teresa fez-lhe uma festa no braço e num impulso sussurrou-lhe ao ouvido…

— Se repararam nalguma coisa, só pode ter sido em ti, que és a mais bonita de todas as mulheres que aqui está.

Elvira sentiu os olhos encherem-se de lágrimas. Como é que a ama dizia quando falava de Teresa, procurou recordar. Ah, sim, qualquer coisa como que era o sol e a lua, a trovoada e a brisa da primavera. Não se enganava, pensou, e puxando-a para si beijou-a.

— O que é que te deu? — perguntou Teresa, surpreendida.

Mas Elvira encolheu os ombros, com um sorriso, a que a irmã respondeu com outro, mais largo ainda do que o dela.

## *Castelo de Urvel, agosto de 1090*

*Quando recebeu a resposta de D. Pedro de Braga, sorriu, satisfeita. Escrevera-lhe a espicaçar o ódio do bispo às gentes de Cluny, mas juntara um novo trunfo. Já se dera sua eminência conta de que o novo casal real, senhores da Galiza, apostaria certamente em engrandecer o poder já tão forte da diocese de Santiago de Compostela? Seria por acaso que D. Afonso VI acabara de substituir o bispo de Santiago por um outro que era reconhecido como mais ambicioso e sem dúvida nenhuma muito próximo de Roma, ou pretendia tornar o túmulo do santo mártir no maior centro de peregrinação da Europa, desviando de Braga os que tradicionalmente lá rumavam para ver as sagradas relíquias? Não seria mais um passo para transformar o santuário galego na sede de uma nova arquidiocese, roubando a Braga o título? Como Bernardo de Toledo, um estrangeiro, já fizera.*

*Estava certa de que não dava nenhuma novidade ao prelado, e, no entanto, o facto de o deixar saber que outros pensavam assim deixá-lo-ia ainda mais nervoso.*

*Mas fornecera-lhe uma outra informação, essa talvez em primeira mão, porque também ela a acabara de saber pelos seus infiltrados na corte de Leão: o conde D. Raimundo estava prestes a nomear Diego Gelmirez para um cargo na cúria de Santiago, colocando os seus peões em posições estratégicas, ou julgando fazê-lo, porque o jovem Diego, se fosse tão traiçoeiro e ambicioso como o seu pai do mesmo nome, saberia dar a volta ao jogo a seu favor, estava certa disso. D. Pedro estremeceria só de ouvir o nome.*

*O isco fora bom, e a resposta provava que atingira os objetivos. O arcebispo de Braga comunicava-lhe que as suas preocupações, e as dos magnatas portucalenses, coincidiam com as suas. Contava-lhe como reagiam com desconfiança à chegada do «estrangeiro» Raimundo, com a sua senda colonizadora romana, e os seus costumes tão diferentes. Não esqueciam, sequer, que Elvira e Teresa eram filhas mais velhas do imperador e de uma senhora de sangue nobre, uma de entre eles, e que nas veias de Urraca corria o sangue de uma borgonhesa.*

*Ximena pensou que fora sábia em não desvendar para já o seu plano: acenara-lhe apenas com a força das suas duas filhas, duas filhas do imperador, acolhidas junto dele na corte, educadas pela omnipotente Urraca Fernandez.*

*Como o lince das serras do Bierzo, bastava-lhe agora esperar o momento certo para cair sobre a presa. E que prazer lhe dava a sensação de que, embora longe do leito do imperador, continuava a ser capaz de o adivinhar, de o controlar.*

*Sabia que Afonso VI procuraria forma de sossegar os seus nobres; sabia que apostaria na sua filha Teresa, porque era esse o pacto que com ela firmara desde o berço, sabia que a usaria para travar as ambições de poder de Raimundo e Urraca, e daqueles que à volta deles se reuniriam. Agora era preciso que Henrique da Borgonha se revelasse tão hábil na sedução e na diplomacia como era no campo de batalha.*

*Sorriu satisfeita: das traições que se cometem para usar a coroa, Afonso sabia mais do que o bastante. E o bom de quem sabe é que também teme. Usaria esse medo, esse remorso, para conseguir o que queria.*

## Paço Real de Leão, agosto de 1090

Teresa entrou na sala onde Elvira, sentada numa almofada alta, bordava com as damas da tia Urraca, ao som da harpa e da cítara, e sem conseguir esconder a excitação, faz-lhe sinal para que fosse ter com ela. Sentou-se no banco de pedra junto à janela, e esperou que a irmã guardasse as agulhas e as linhas, pedisse licença para se levantar à dama que lhe ensinava um novo ponto, e se aproximasse dela, num passo lento, como se não tivesse pressa nenhuma.

— Tens de andar tão devagar, como se pisasses ovos? — indignou-se Teresa, mas Elvira discretamente fez-lhe sinal de silêncio com um dedo sobre a boca, e a irmã mais nova encolheu os ombros, mas calou-se. — O que tenho para te dizer vale bem a interrupção.

Elvira tentou esconder a curiosidade, mas não foi capaz, para satisfação de Teresa, que adorava estes momentos em que todas as atenções se viravam sobre ela..

— Uma criada contou à ama, que ouviu a um criado da cozinha, que se dá com um dos criados do rei, que o nosso pai, quando voltar da guerra, vai decidir com quem vai casar as duas filhas que teve com Ximena Moniz.

Elvira sobressaltou-se:

— Mas vai casar-nos com quem, sabes?

Teresa endireitou as costas, e saboreou o momento de expectativa de Elvira, não era todos os dias que conseguia que a irmã mais velha se interessasse pelo que tinha a dizer:

— Sei!

— E sabes como? — retorquiu Elvira, agitada.

— Porque a tia Urraca tem o livro de linhagens marcado em duas páginas: na do conde D. Henrique da Borgonha e na do conde Raimundo de St. Gilles.

— Mas Urraca diz que a rainha não quer os sobrinhos casados com as filhas de Ximena Moniz — sussurrou Elvira.

— Talvez não goste lá muito da ideia, mas vês por aí mais alguma filha do rei em idade de casar? Já percebeu que o que importa é conseguir casamentos reais com os francos, reforçando o poder do partido da Borgonha contra o dos nobres de Leão, Castela e Galiza, e

somos filhas do imperador, não somos, que nos trata como tal e se morrer vai deixar-nos parte dos seus reinos.

Elvira tentou repreendê-la, mas Teresa ignorou-a, voltando ao que lhe interessava:

— Eu já escolhi — anunciou.

O coração de Elvira estremeceu. Se Teresa tivesse escolhido Raimundo, determinada como era, e menina querida do pai, como todos o sabiam, estava perdida. Teresa percebeu a angústia na expressão da irmã e depois disparou:

— Podes ficar descansada, quero o Henrique!

O alívio na cara de Elvira era evidente, e a irmã mais nova deu-lhe um abraço apertado:

— Há séculos que percebi que estás apaixonada pelo Raimundo de St. Gilles, embora não entenda o que vês num homem com idade para ser teu pai.

E antes que a irmã pudesse perguntar-lhe se o seu interesse pelo franco era assim tão evidente, Teresa deu-lhe a resposta:

— Sim, o teu interesse por ele é óbvio! E podes ficar descansada, porque também já reparei na maneira como ele olha para ti, e faz tudo para ficar sentado ao teu lado. Mas aquilo pelo qual temos de dar graças é por não gostarmos do mesmo, isso sim é que teria sido um problema, porque se eu quisesse Raimundo...

Elvira tapou-lhe a boca com a mão antes que pudesse continuar. Preocupava-se com Teresa, com este gosto que revelava por ostentar o poder e de como o podia usar a seu bel-prazer. Tão parecida com a mãe, suspirou, e a mãe, pensou angustiada, acabara tão sozinha.

— Teresa — disse, segurando-lhe na mão carinhosamente —, não deves humilhar os teus adversários, não é bom ter inimigos, o mundo dá muitas voltas.

Teresa franziu o sobrolho, sem entender o que Elvira lhe procurava explicar:

— Não humilho ninguém, limito-me a dizer a verdade, como Nosso Senhor nos ensina. E prefiro o Henrique porque acho que é melhor cavaleiro, mais divertido e muito mais bonito… e além disso mais novo, não te disse que não queria velhos? — E depois, rindo descaradamente, acrescentou: — E agora vou dizer à Urraca que li a linhagem do meu

futuro marido e que é muito melhor do que a do dela.

Elvira benzeu-se. Se nem a tia Urraca conseguia domesticar Teresa, que podia fazer ela? Teresa deu uma das suas fantásticas gargalhadas:

— Vem, mana, vamo-nos despedir deles! Também não vale a pena fazermos muitos planos antes de sabermos se voltam vivos.

Elvira estremeceu, mas Teresa já abria a porta, sem olhar para trás.

* * *

— Hoje não há lições nem saltério, nem bordados, agulhas ou cítaras — declarou Urraca Fernandez aos seus três alunos, a túnica negra a denunciar uma morte próxima. — Morreu o meu irmão Garcia — acrescentou antes que tivessem tempo de lhe perguntar o que tinha acontecido.

Teresa olhou-a, desconfiada, e depois de uns segundos disparou:

— Tia Urraca, mas não é esse o tio que está preso há muitos anos? Que o rei mandou prender?

Alberto sentou-se ainda mais hirto no banco. Em que boca do lobo se metia a princesa, pensou aflito. Nem quando subia aos montes nevados do Bierzo, um precipício de cada lado, corria tanto perigo.

A própria infanta entendeu imediatamente que falara de mais e gaguejando procurou retirar o que tinha dito, mas, para surpresa de todos, Urraca Fernandez respondeu numa voz pousada e fria, como se há muito estivesse preparada para esta pergunta. E para a resposta que teria de dar.

— As coisas que a menina diz, as coisas que a menina ouve e repete — repreendeu, mas era um repreender de quem faz um introito obrigatório, nada mais.

Teresa baixou os olhos, apertando a túnica contra si com os braços cruzados contra o peito, em sinal de contrição, e Urraca Fernandez continuou, num tom de que tinham sido eliminadas as notas estridentes que habitualmente o definiam.

— O meu irmão Garcia estava doente há muito tempo. Fechado no castelo de Luna, por vontade própria, porque não suportava o sol, nem tão-pouco a luz, uma doença rara que os médicos nunca conseguiram curar. Infelizmente morreu hoje, para desgosto de todos nós.

Alberto rezou para que Teresa não decidisse contestar as afirmações, nem contra-argumentar como era seu costume, mas o susto de há minutos ainda surtia efeito, e para seu espanto a princesa levantou-se e beijou a mão da tia, desejando-lhe os seus mais sentidos pêsames.

Elvira ficou tão espantada como o escudeiro, mas imitou-a logo de seguida, e Alberto, recuperado da aflição, ofereceu os seus préstimos. Que foram recusados.

— Voltem para os vossos aposentos e esperem pelas costureiras, que vos vão tirar as medidas para as túnicas que terão de vestir para as cerimónias fúnebres.

As irmãs deram a mão e saíram sem mais uma palavra, e Alberto, feita uma vénia, seguiu-as.

* * *

Alberto deu um salto de medo quando na passagem sentiu uma mão no ombro, e virou-se, pronto a esmurrar quem se atrevia a surpreendê-lo por trás, sem aviso.

— Senhora D. Teresa, isso não se faz, é perigoso — gritou, vendo que lhe dançavam os olhos de troça.

— Alberto, pareces uma menina — criticou. — Não sei se estarás à altura daquilo que te vou pedir. — E segurando-o por um braço conduziu-o rapidamente pelas salas do paço, até às escadas de caracol, as mesmas que tinha descido no primeiro dia em que chegara a Leão. — Sim, são as mesmas — respondeu-lhe Teresa, antes mesmo de o escudeiro perguntar. — As que dão para o panteão, estás farto de saber — disse-lhe, empurrando-o para que seguisse à sua frente.

Alberto estava fascinado:

— E onde vamos? — perguntou, fingindo-se impaciente.

— Ver o corpo do meu tio Garcia antes que selem o caixão e o coloquem na basílica para velar — sussurrou a princesa. — Despacha-te que os guardas foram jantar.

Uma fiada de velas em grandes candelabros de ferro iluminava os arcos de pedra da sala, e era impossível a esta luz perceber os detalhes do calendário pintado no teto de que Teresa tanto gostava, mas sim, lá estava um caixão de madeira de ripas toscas, a tampa meio aberta, tudo

pronto para trasladar o rei da Galiza para uma urna magnífica de embutidos de marfim. Teresa sabia que depois seria incorporada na de pedra, onde os pedreiros cinzelariam o nome do filho de D. Fernando e umas palavras de homenagem, quantas vezes a tia Urraca lhe ensinara o processo, indiferente a que a sobrinha não fosse mais do que uma menina.

A princesa aproximou-se do caixão:

— Nunca vi um morto, Alberto — explicou, como se a curiosidade justificasse tudo. E perante o silêncio do escudeiro estarrecido, acrescentou: — Preciso de me habituar a ver gente morta se vou andar na guerra, não te parece?

Mas quando os olhos se habituaram ao escuro, permitindo-lhe ver o corpo sem vida, deu um grito, recuando assustada.

Alberto não resistiu a olhar também, sentiu um desmaio, mas teve a presença de espírito de voltar a empurrar a tampa, deixando-a mais ou menos como a tinham encontrado.

Teresa já subia as escadas a correr, e o escudeiro seguiu-a o mais depressa que as pernas o levaram.

No patamar do seu quarto, a princesa, ofegante, abriu os olhos com horror:

— É tudo verdade, Alberto, é tudo verdade. Viste as grilhetas nos calcanhares, a carne a crescer em redor, como pulseiras colocadas num braço que engordou?

Alberto foi incapaz de a sossegar, estava tão chocado como ela:

— Como se estivessem colocadas há muitos anos — confirmou.

— Há dezassete anos, Alberto! Há dezassete anos, de certezinha absoluta. A história da luz, do sol, da doença, é tudo falso. O que nos contaram é verdade, o meu pai e a tia Urraca mantiveram-no preso em Luna todos estes anos. E agora, seguros de que está morto, trazem-no para Leão com pompa e circunstância, como bons irmãos que querem parecer ser. E enterram-no como rei da Galiza que era, agora já não lhes faz diferença nenhuma.

Alberto não sabia o que dizer. Só se lembrava do estremecer do velho monge de Sahagún quando lhe contara que era aluno de Urraca Fernandez. Quantas mais histórias saberia ele? Um dia, havia de as ouvir e de as escrever, para que os bons recebessem a recompensa

merecida, e os maus, o castigo.

Deitada na cama, a cara enterrada num travesseiro, Teresa não conseguia apagar a imagem das grilhetas do tio Garcia. Talvez tivesse sido louco, talvez tivesse sido ele a querer matar o imperador, não estavam sempre os condes da Galiza a revoltar-se contra ele?

Subitamente, ouviu dentro de si a voz da mãe: «Há coisas que um rei é obrigado a fazer e que Deus abençoa, por muito que as outras pessoas não entendam.» Quantas vezes lho repetira, mas nunca percebera o que queria dizer. Será que a preparava para um dia conhecer este crime, saberia ela o que acontecera, teria feito parte do plano para tirar do caminho mais este irmão, lutara também para que Afonso VI reunisse sob si todas as terras de Espanha?

Não queria acreditar. Se a mãe fosse dona desses segredos, a tia Urraca nunca se atreveria a arquitetar um plano para a substituir pela rainha Constança. Ximena Moniz nunca hesitaria em usar a seu favor, a favor das suas filhas, segredos como estes.

Tinha de saber. Esfregou os olhos, afastando o sono e o cansaço, e tirando da arca uma pena, um tinteiro e um pergaminho, sentou-se no chão a escrever.

## *Castelo de Urvel, agosto de 1090*

*Ximena retirou do bolso interior da túnica a carta que recebera de Teresa, a letra nervosa e atrapalhada. Via-se que não se dera ao trabalho de desenhar primeiro as linhas, nem as margens, nem tão-pouco de afiar a pluma, tal a pressa de enviar o recado.*

*Comprimiu os lábios com força, como fazia quando estava perturbada: Teresa pedia-lhe que confirmasse que fora Afonso a mandar prender Garcia, queria saber se Urraca Fernandez ajudara a montar-lhe uma armadilha. Mas a última questão que colocava era a mais difícil de responder. Escrevia: «Mãe, minha mãe, é certo que os reis façam coisas proibidas a outros, se estiver em causa um bem maior?»*

*Ximena levantou os olhos para a vela que ardia no candelabro e suspirou. Apetecia-lhe responder que eram tudo questões a colocar ao pai e à tia. É que, sinceramente, ao lado deles, era um menino de coro.*

*Fugiria às respostas, a que, aliás, estava segura de que a filha conhecia de antemão, distraindo-a com uma repreensão. Teresa não podia pôr por escrito estas questões, mesmo quando o mensageiro era o mais fiel dos criados. Era urgente que criassem entre elas uma linguagem cifrada. Talvez Alberto, que lhe diziam convertido à arte da escrita, a pudesse criar.*

*Quanto às cerimónias fúnebres de Garcia, pobre cunhado, não admira que o imperador e a irmã as quisessem ricas e inesquecíveis. Sentiam, certamente, o imenso alívio de o ver silenciado para sempre.*

*Suspirou, angustiada. A ninfa de Carucedo inundara uma cidade romana inteira, deixando as águas destruir as minas de ouro, vencendo o general que a desprezara, mas o que ganhara com isso? Seria o sabor da vingança suficiente para dar sentido a uma vida inteira?*

*Esperava não estar a arrastar Teresa, a sua querida filha, pelo mesmo caminho.*

## Paço Real de Leão, primavera de 1092

Os 68 anos do abade de Cluny não o impediam de visitar pela segunda vez Leão. Teresa não queria acreditar que fosse verdade, mas Henrique jurava-lhe que sim, que o pai de mais de duas mil abadias espalhadas pela Europa, tantas delas em Espanha, onde nada acontecia sem o seu consentimento, insistira em voltar a visitar pessoalmente o imperador Afonso e participar num concílio em terras de Espanha.

A princesa olhava-o estupefacta.

— E o rei está contente? — perguntou, desconfiada.

Aos 12 anos, tornara-se ainda mais alta e ainda mais bonita, uma beleza de fazer virar as cabeças quando passava, como dizia a ama. Mais do que isso, pensou Henrique, divertido, era já capaz de se manter calada numa cerimónia e de silenciar alguns dos seus pensamentos… mas nem a tia Urraca a amansara totalmente. Provavelmente aprendera com a irascível tia Urraca a ser ainda mais perspicaz e cínica, concluiu Henrique, sorrindo. Ao longo destes dois anos tinha aprendido a adorar a espontaneidade e a força desta princesa, que lhe tinha sido prometida em casamento.

Teresa, pendurando-se-lhe no braço, com uma sem-cerimónia que neles se tinha tornado habitual, protestou:

— Henrique, estás a pensar em quê? Perguntei-te se o rei está contente? É uma honra esta visita, mas o que o traz cá?

O conde borgonhês abanou a cabeça, fingindo-se ofendido:

— Um tio vem visitar o sobrinho mais querido e toda a gente pressupõe que há outros motivos?

Teresa sacudiu os seus cabelos loiros, que a ama tornava ainda mais brilhantes com sumo de limão e vinagre, e deu uma gargalhada:

— Quando é que foi a última vez que o viste?

— Fui à abadia pedir-lhe a bênção antes de partir para a Reconquista. Encontrei-o nas obras do mosteiro, como se fosse um dos pedreiros, os planos do arquiteto na mão, a indicar onde devia ficar esta e aquela pedra.

E depois, entusiasmando-se:

— Não imaginas como são os planos da abadia, é uma cidade, a igreja que agora constroem tão grande, de perder de vista. O meu tio era

o irmão mais velho do grande senhor de Saumur, o herdeiro das terras e do título, mas desde criança avisou que queria ingressar em Cluny, que na altura era um pequeno mosteiro de um dissidente beneditino, fundado pela família num dos vales de caça mais bonitos da propriedade.

— Deixou o título, tudo, para ser monge?

— Tudo, entrou muito novo, mas aos vinte e quatro anos já era abade. Para orgulho do pai, com que entretanto fez as pazes.

Teresa inspirou fundo: às vezes os pais não sabiam tudo e enganavam-se. Como acontecera com o seu quando não tivera a coragem de manter a ligação com Ximena Moniz e se deixara levar para um casamento com Constança, que, era bom não esquecer, era também sobrinha do grande abade.

Franziu o sobrolho, como acontecia quando pensava em alguma coisa que lhe desagradava e não sabia como havia de sair dela. Gostava de Henrique, mas detestava Constança, Urraca e todos esses estrangeiros que andavam com eles. Admirava Hugo de Cluny, e entendia a necessidade de os cristãos se unirem sob a mesma lei, não fazendo cada qual o que lhe passava pela cabeça. Entendia que precisavam da força que vinha do lado de lá dos Pirenéus, mas não podia aceitar que tomassem o poder do imperador, porque, afinal, assim um dia tomariam o dela. Seria Henrique capaz de os afrontar? Subitamente irritada, insistiu:

— Não respondeste à minha pergunta. O meu pai está contente com a vinda do abade Hugo?

— Não faço ideia. Porque é que não lhe perguntas diretamente?

Teresa mordeu o lábio, zangada.

— Pois é exatamente isso que vou fazer.

Mas não foi a correr ter com o pai. Sabia que não lhe diria nada. A mãe teria a resposta, mas a mãe não estava ali. Talvez Alberto soubesse, porque, agora, estava sempre tão próximo da tia Urraca, e a tia Urraca, essa, sabia de certeza.

Sentou-se num dos bancos de pedra no vão da janela que dava para um dos pátios, um banco numa sala onde ninguém entrava, e para onde, por isso mesmo, gostava de fugir. Gostava de assistir ao ir e vir das pessoas lá em baixo sem que a vissem, e foi o que fez, até que a chegada de Pedro Ansurez a acordou daquele torpor. Chegava

visivelmente apressado, como se tivesse sido chamado de urgência, a túnica impecavelmente branca como a de um senador romano, como vinham nos livros, contrastava com a capa de lã encarnada e gola de arminho, esvoaçando quando desmontou com desenvoltura e, largando as rédeas, subiu as escadas para os aposentos do rei, dois degraus de cada vez. Sempre ladeado por dois guardas, constatou Teresa. Pedro Ansurez pelo menos admite que tem inimigos em cada esquina, pensou.

Subitamente teve um pressentimento: se Henrique acabara de saber da chegada do abade Hugo, então talvez o pai tivesse acabado de receber a notícia. Pôs-se de pé de um salto. Era por isso que o seu conselheiro chegava tão agitadamente ao paço.

Tantos anos neste palácio eram suficientes para conhecer como as palmas das mãos as salas, as escadas e os recantos. Puxou sobre a cara o capuz da capa, desceu para as cozinhas, cruzando-se com os criados e os escravos, subiu aos quartos, e chegou em poucos minutos à pequena sala contígua à grande sala onde certamente Afonso VI se viria reunir com o seu homem de mão. Depois foi só esconder-se por trás da tapeçaria e escutar. Pressionou a mão contra o peito, procurando que o coração sossegasse, e inspirou devagar como a mãe lhe ensinara em pequenina para controlar o medo. «Ouve, mas não te deixes ouvir», escrevia-lhe constantemente Ximena, quando lhe dava conta dos rumores escutados na corte.

Não teve de esperar muito que chegassem, nem de se esforçar para ouvir, porque a voz do pai era forte, e quando estava zangado, como agora, escutavam-no certamente do outro lado do palácio real.

— Vem buscar mais dinheiro para acabar as obras e teremos de encontrar forma de o arranjar. Precisamos de mais soldados, nunca precisámos tanto, até tive notícia de que o califa de Córdova não consegue arregimentar a sua gente — vociferava Afonso.

Pedro Ansurez, cauteloso, media o terreno:

— Mas isso é impossível, desde esta guerra que os mouros não têm possibilidade de nos pagar os tributos com que garantiam a paz.

Afonso deu uma gargalhada:

— Não há pior do que um homem apaixonado pela construção, não devia ser Deus o grande arquiteto? — rematou.

Pedro Ansurez não resistiu:

— Mas precisamos mesmo de mais soldados estrangeiros? Acredito que os senhores de Castela, de Leão, da Galiza e os portucalenses chegariam desde que recebessem as terras recuperadas aos sarracenos. Agora, até os califas e os seus homens estão dispostos a alinhar pelo nosso lado contra Yusuf e os seus cães de fila!

Afonso bateu com o pé no chão, impaciente:

— Não podemos hostilizar Cluny. Esqueces-te de que sem Cluny não havia mosteiros e monges a cuidar dos peregrinos que nos chegam dos Pirenéus. Sem a grandeza do santuário, seríamos mais pobres e mais frágeis frente a Roma.

Mudou de tom. Piedoso agora:

— Pedro, precisamos de Cluny, precisamos da oração dos monges, precisamos que rezem por nós e nos garantam um lugar no Céu.

E genuinamente contristado acrescentou:

— Pequei de mais, peco de mais, para confiar que as minhas boas obras cheguem para me levar à casa do Senhor.

Pedro Ansurez olhou para a enorme tapeçaria e calou-se. Teresa espalmou-se contra a parede, aterrorizada, sem se atrever sequer a tocar a relíquia de Santo André que trazia sempre ao pescoço. Também ela, no dia em que Deus Nosso Senhor decidisse o seu destino eterno, iria certamente para o Inferno, pensou aflita.

Felizmente, em Afonso a fome suplantava sempre os escrúpulos.

— Vamos mas é para a mesa, que com um estômago vazio é que nada se decide — comandou subitamente o rei, de regresso à sua boa disposição natural. E ambos saíram, na direção de onde vinha um delicioso cheiro a javali assado. Teresa é que perdera definitivamente o apetite.

## Mosteiro Real de Sahagún, junho de 1092

O ponto de encontro seria em Sahagún. O imperador anunciou que seria naquele mosteiro real o primeiro encontro com o homem mais poderoso da Europa, aquele que dirimia os conflitos de reis e intercedia na primeira linha junto do papa, quando não era o papa que lhe pedia favores.

«O meu pai quer que o abade de Cluny admire a abadia que mandou construir para os monges da sua ordem», dissera Urraca, mas Teresa respondera-lhe com acinte: «E o meu pai deseja mostrar ao senhor de Cluny que os seus monges estão em Espanha por vontade dele. A Cluny de Espanha.»

A discussão resultara acesa, até que a tia Urraca ameaçara deixá-las no paço de Leão.

Mas hoje nem Teresa conseguia ser cínica.

Os soldados do rei, trajados de gala, ladeavam as portas da vila, as bandeiras esvoaçavam ao vento gelado que corria a planície. Nos aposentos do rei, as pratas e os cobres brilhavam na mesa posta para a ceia, e nas paredes estavam armados os panos mais magníficos que Teresa alguma vez vira. Na sala de receções, a cadeira real, de ouro e carmim, contrastava com as lajes de pedra cobertas por magníficos tapetes. Na abadia, grande e sóbria, nada mudara, exceto que se tinham colocado mais bancos na mesa do topo do refeitório, onde D. Diogo se sentaria mais tarde para receber o abade de todos os abades. Os monges sabiam que acima de Hugo de Cluny estava Deus, mas hoje até isso lhes era permitido esquecer.

Ao som do repicar de todos os sinos da vila, Afonso, de armadura cintilante, Pedro Ansurez, de capa engalanada, D. Bernardo de Toledo e D. Diogo de Sahagún, sobriamente vestidos com o hábito branco e preto dos cluniacenses, avançaram ao encontro da comitiva de D. Hugo, seguidos pelos nobres da corte, onde se destacavam, a secundar o rei, D. Raimundo e D. Henrique, a capa de linho branco dos soldados francos sobreposta à túnica branca.

Às mulheres foi-lhes permitido esperar na porta de entrada da hospedaria real, a rainha Constança, a tia Urraca e a tia Elvira, numa primeira linha, ladeadas pelas três princesas, para as quais tinham sido

feitas túnicas magníficas, os cabelos presos em tranças que rodeavam a cabeça, encimadas com coroas de pedras preciosas.

Mas ninguém, nem os senhores, nem os criados, esperava ver chegar um homem de cabelo grisalho, alto e direito como um fuso, montado num pequeno jumento, como Cristo entrando em Jerusalém. A comitiva não tinha mais de cinco pessoas, três monges, um deles levando o burro pela mão, e dois criados com fardos às costas, certamente os poucos haveres que traziam consigo.

Hugo de Cluny, os olhos azuis a que a idade não tirara nem a cor nem o brilho, sorria à esquerda e à direita, abençoando com o sinal da cruz o povo que, num gesto espontâneo, se fora ajoelhando à sua passagem.

Quando se aproximou da sobrinha Constança, desmontou com a ajuda de um dos criados, abraçou-a, e depois, num gesto fraternal, pousou a mão aberta sobre as cabeças de Urraca e de Elvira Fernandez, e das três princesas que se tinham ajoelhado ao vê-lo aproximar-se.

Em seguida, deixando-os a todos perplexos, recusou o convite para subir ao pequeno paço, e Teresa ouviu a sua voz pela primeira vez: era cristalina e suave como o som de uma flauta transversa, capaz de os levar a todos atrás com a sua magia.

— Sou um pai que retorna a casa, o senhor D. Afonso entenderá que a minha primeira visita terá de ser aos meus filhos — disse bem alto, condimentando a dureza das palavras com um sorriso amável.

E, com toda a descontração, enlaçou o seu braço no do rei e pediu-lhe que o apoiasse nos metros que os separavam da entrada da grande igreja.

— Tenho a certeza de que o seu desejo é igual ao meu. Antes de mais, assistiremos à missa — acrescentou, antes que Afonso lhe fizesse algum pedido ou tentasse comandar a sua vontade.

Diogo de Sahagún e Bernardo de Toledo não conseguiam esconder a satisfação, embora Teresa suspeitasse que já sabiam de antemão que tudo se passaria assim.

Henrique dissera-lhe que o velho abade prezava, acima de tudo, a disciplina e o ritual, e fazia destas visitas um momento de exemplo e inspiração. De facto, as portas da magnífica igreja estavam já abertas de par em par, e, alinhados de um lado e do outro, os monges levantavam

as vozes aos céus.

— E agora nós? Ficamos de fora? — zangou-se Teresa. E Urraca não ficou menos furiosa, ao verem fechar-se as portas de carvalho sobre o séquito feminino.

— Onde está o Alberto? — perguntou subitamente Teresa, mas não o encontrou em lado nenhum.

Em Sahagún, o seu fiel escudeiro esquecia tudo. Esquecia-se até dela. A princesa mordeu de novo o lábio, irritada. «Um destes dias mando-o embora», resmungou. Mas o que mais a incomodava é que no fundo pressentia que Alberto já pouco se importaria com isso. Alberto pertencia já a outro mundo.

## Paço Real de Leão, julho de 1092

— Basta-me ver esse teu sorriso de orelha a orelha para ficar maldisposta — resmungou Teresa, quando Urraca entrou na sala onde as damas bordavam, tão feliz que os pés pareciam nem tocar no chão.

Urraca deitou-lhe a língua de fora. Estava demasiado satisfeita para permitir que os comentários da irmã a perturbassem. Sabia bem que o que tinha para dizer seria vingança suficiente.

— A minha mãe, a rainha — disse, gozando o efeito que estas palavras surtiam sempre em Teresa, que sentindo a mão de Elvira a apertar-lhe o braço resistiu a replicar. — A minha mãe, a rainha — repetiu Urraca —, acaba de me dizer que vai ser o abade de Cluny, tio de Raimundo, a celebrar o nosso casamento.

As damas pousaram as agulhas e as linhas e levantaram-se para a abraçar, contentes, e Elvira empurrou Teresa em direção à meia-irmã para que a cumprimentasse também.

Como é que Alberto, que o imperador chamara para junto de si como escrivão durante estes dias, não lhe contara nada? Idiota, devia estar tão ufano da confiança recebida que nem lhe viera dizer aquilo que, certamente, já transcrevera para o pergaminho. Quando o visse matava-o, com aquele golpe fatal de espada que o próprio lhe ensinara.

Mas Urraca não a deixou divagar:

— Vai ser dentro de duas semanas, antes de Raimundo partir de novo com o imperador em campanha, tenho tudo para preparar. Quero uma túnica da melhor seda, fica-me bem, não fica, e quero capas...

Teresa quase se deixou contagiar. Gostava de festas, e de escolher tecidos e de mandar fazer camisas, túnicas e capas às costureiras da corte de Leão, mas porque é que o pai nunca mais anunciava os seus noivados, porque não a casava também a ela? E Elvira, que era a mais velha, porque não era o casamento de Elvira primeiro?

Urraca encontrava sempre forma de a lembrar que não era a escolhida, fazendo-a desconfiar de que a mãe a enganara quando a deixara acreditar que o pai a amava sobre todas as outras. Urraca era a herdeira, aquela em redor da qual se faziam todas as apostas, o cavalo em que Pedro Ansurez e os outros nobres apostavam. Nascera mulher, era certo, mas seria Urraca a herdar o reino, todos os reinos, se o pai

morresse em combate, e com a fúria assassina dos almorávidas a possibilidade de ser já este verão era grande. Não admira que a rainha Constança quisesse tornar definitiva a união da filha com o sobrinho, que em breve poderia ser rei de Leão e Castela, da Galiza e de tudo o resto.

E o que seria dela e de Elvira se o imperador caísse fatalmente no campo de batalha, trespassado pela lança do inimigo: devolvê-las-iam ao Bierzo? Se é que Urraca não lhes tiraria também os castelos de Urvel e de Astorga, vingando-se daquela que fora a mais amada pelo rei?

Sentiu uma tontura, e depois outra, e o sangue a fugir-lhe da cabeça, desmaiando no chão. O grito de Elvira já não o ouviu.

Teresa acordou na cama, incensos a arder em seu redor. Virou a cabeça com esforço, pondo a mão para perceber onde lhe doía, sentindo o peso de ligaduras que escorregavam sobre os olhos.

— Esteja quietinha, senhora D. Teresa — ouviu, reconhecendo a voz do Dr. Ferrusiel, sentado num banco de três pés ao seu lado.

A mãe falara-lhe muitas vezes nele com inusual ternura. Tentou sorrir, mas saiu um esgar de dor, como lhe doía o maxilar.

— Não fale, não fale — insistiu ele, uma voz rouca e funda, apertando-lhe a mão entre as suas. — Trouxe-a ao mundo, não se preocupe que não a vou deixar partir dele tão cedo.

Que bem lhe sabia o conforto daquelas mãos enrugadas e quentes. Subitamente sentiu os olhos encherem-se de lágrimas:

— Quero a minha mãe, quero a minha mãe — murmurou, desfazendo-se em soluços, escondendo a cara nas almofadas, envergonhada.

Ferrusiel deixou-a chorar, como se nada visse ou ouvisse, até que os soluços sossegaram como os círculos feitos por uma pedra atirada à água e que acabam por desaparecer. Quando a sentiu sossegada, perguntou-lhe, como se tivesse acabado de chegar:

— Sabe porque desmaiou?

Teresa mordeu a bochecha com força. Sabia, é claro que sabia. Fora possuída pelo Diabo, que a inundara de ódio, amargo como fel, nesta altura do mês em que o sangue da vergonha corria e as mulheres estavam impuras. Seria mais apropriado ter ao seu lado um exorcista do que um médico, quis dizer. Mas não disse nada.

Subitamente sobressaltou-se com um vulto que saía da sombra, era

Belzebu que chegava para a levar, estava certa disso. Procurou focar o olhar e definiu-se a figura da tia Urraca. Vira-a a perder-se em soluços, a chorar pela mãe? O Dr. Ferrusiel acenou que não com a cabeça, entendendo a pergunta que não fora formulada, e o coração de Teresa voltou de novo a bater mais compassadamente.

— Portei-me como uma menina de colo — rosnou entredentes, e Urraca Fernandez não a desmentiu.

— O Dr. Ferrusiel diz-me que estas fraquezas acontecem nos momentos de grande crescimento, e sabe Deus como tens crescido, que já nada te serve. Recomenda-me que te envie uns meses para o Bierzo, entende que precisas do ar do campo, embora eu não veja como todos aqueles pós que andam no ar podem fazer bem seja a quem for.

Teresa olhou para o médico com toda a gratidão do mundo, e depois de engolir em seco duas vezes encontrou de novo a voz. Um fio de voz, mas suficientemente audível para dizer:

— É a Elvira que espirra e fica com os olhos encarnados. A mim o pó das flores a voar ao vento só me dá força.

— Está decidido, então — rematou a tia Urraca, sem se dignar a comentar a explicação absurda da sobrinha. Tossiu, e subindo uns decibéis, como fazia quando estava enervada, acrescentou: — É pena que não estejas cá para o casamento da tua irmã, mas tendo em conta que não és a noiva, não faz de facto diferença nenhuma.

## *Castelo de Urvel, julho de 1092*

*Era este o seu ponto favorito no castelo de Urvel, a torre mais alta, de onde via o lago, tão lá em baixo que quase dava vertigens olhá-lo. Era esta a sua noite favorita, a noite de S. João, em que a ninfa de Carucedo saía das águas e cantava para encantar todos os homens que a ouvissem.*

*Sorriu para o escuro da noite, como quem sorri para um anjo que passa. Teresa estava em casa. Sentira o coração gelar quando recebera a carta da cunhada Urraca a comunicar-lhe que a filha mais nova vinha a caminho. A garganta apertara-se num nó quando soubera que faltava ao casamento da princesa herdeira, celebrado por Hugo de Cluny, imaginando-a fora das graças da corte, destituída por Afonso por algum pecado que ainda não conhecia. Porque a nota de Urraca Fernandez não dizia mais senão um «vai a caminho».*

*Mas Teresa chegara magnífica, as faces rosadas pelo sol do caminho. Teresa já mulher, mas com a mesma alegria e a mesma capacidade de descrever as pessoas e os sítios, os pensamentos e os sentimentos, tão viva que Ximena se comovera.*

*Depois o dia a dia caíra na rotina, montavam a cavalo e caçavam, rezavam nos mosteiros, passeavam nas serras, faziam as contas da casa e cobravam aos rendeiros.*

*Havia momentos em que Ximena perguntava aos céus porque não podia ser sempre assim, mãe e filha, um dia casada com um bom homem, nobre e rico, gente conhecida, e depois netos a correrem-lhe em redor das saias. Mas em noites como esta, em que a ninfa emergia das águas, e ouvia o seu canto em cada uma das pedras do vale de Urvel, sabia que Teresa era filha de Ximena Moniz e de Afonso VI de Leão e Castela, e nada na sua vida podia ser igual à das outras meninas.*

*Se ao menos conseguisse ler os céus, pensou, contemplando as estrelas sobre a sua cabeça, se conseguisse ler os céus talvez entendesse o que acontecia na terra e a desassossegava. Maldito Yusuf ben Tasufin, que se apoderara de Granada, Málaga e Sevilha. Afonso acorrera aos pedidos de socorro do rei de Sevilha, mas não chegara a tempo de proteger a cidade e a sua riqueza, as suas mesquitas e bibliotecas, assistindo ao longe, e impotente, às chamas que destruíam milhares de livros que os almorávidas consideravam heréticos. Nem a tempo chegara de salvar o grande califa. Como era irónica a vida de Al Mutamid, o poeta, o escritor, o sábio, que num impulso abrira as portas aos fanáticos com o seu pedido de socorro, e acabava levado preso para África, os filhos mortos, a sua cidade e a sua obra destruída. Constava que apenas a nora, a moura Zaida, sobrevivera, fugindo para Toledo, que Pedro Ansurez protegia noite e dia, a cidade que não podia voltar a cair nas mãos do infiel.*

*Ximena abanou a cabeça, contristada, se Afonso não se tivesse deixado enredar na teia dos monges de Cluny, talvez tudo pudesse ter sido diferente. Mas agora não havia nada a fazer.*

*O genro do rei, D. Raimundo, agora com o título de conde da Galiza, protegia o Ocidente, com ordens de levar boa gente a povoar o Sul, as margens do Tejo e toda a extensão entre o Douro e a serra de Guadarrama.*

*As preocupações de Ximena, no entanto, estavam ali, em Urvel, só queria saber de Teresa e do seu futuro, de Elvira, que ficara na corte de Leão, ambas com o destino por cumprir. Era preciso trabalhar para que Urraca e Raimundo não ficassem com tudo, era preciso intrigar e mexer cordelinhos para que os novos condes não estabelecessem o seu poder na Galiza, dominando Santiago de Compostela, o xeque-mate capaz de tornar irrelevante todas as outras peças no tabuleiro. Sabia que Raimundo confirmara a nomeação de Diego Gelmirez para um lugar na administração do santuário, era um primeiro passo...*

*Pior ainda, pensou angustiada, seria o nascimento de um neto varão, uma possibilidade crescente, o herdeiro que tornaria as suas filhas figuras secundárias — mesmo com a herança do infantado que certamente receberiam das tias Urraca e Elvira, ficariam, como elas, obrigadas*

*a permanecer solteiras já que nenhum casamento justificaria abdicarem daqueles rendimentos.*

*Não podia esquecer D. Pedro, indignado com as últimas decisões do concílio de Leão, onde tinha declarado mais uma vez a sua oposição ao rito romano. Até onde imaginava o pobre que podia levar a sua afronta ao rei? Sobretudo agora que Sesnando Davides já não era deste mundo, o bispo de Braga ficaria ainda mais isolado, e Coimbra, em breve, teria também sobre ela o dedo de Roma. Raimundo e os seus correligionários franceses já tomavam lugares importantes na cidade, e D. Crescónio fora sagrado bispo de Coimbra pelo próprio Bernardo de Toledo, que continuava tão ativo e determinado como sempre.*

*Ximena Moniz voltou ao quarto, e deitou-se para um sono de pesadelos. Embalada pelo canto da ninfa, da sua ninfa, com a nitidez da luz do dia viu Afonso nos braços de uma moura.*

*Acordou sobressaltada e com uma certeza firme: Teresa tinha de regressar à corte, tinha de regressar e já. Contra vontade, as lágrimas caíram-lhe pelo rosto. Se chorasse todas as que guardava dentro de si, o vale submergeria.*

## Paço Real de Leão, inverno de 1093

Teresa debruçou-se da janela para ver chegar o cortejo exótico, que há dias era anunciado à boca calada nos corredores do palácio de Leão: dois diplomatas mouros tinham chegado há dias com instruções para falar apenas com o imperador. E Afonso recebera-os à porta fechada, mas portas fechadas, sorriu Teresa para si mesma, era coisa que o pai devia saber que não existiam na sua corte. Havia sempre um criado, um escudeiro, uma dama ou um escriba que não resistia a dar com a língua nos dentes, e até os soldados que as guardavam falavam mais do que deviam.

Os mouros tinham sido discretos, desaparecendo na noite como tinham surgido, invisíveis, mas a notícia correu depressa, primeiro apenas uma palavra ou duas — Omar Al Mutawakkil, rei da taifa de Badajoz, pedia auxílio urgente ao rei de Castela e Leão. Por coincidência ou não, chegava agora a Leão a moura Zaida, recolhida em Toledo desde a morte do seu marido, o emir de Córdova, a pedido, dizia-se, do sogro, o califa de Sevilha, o odiado Al Mutamid, que apodrecia a estas horas no desterro em Marráquexe, certamente arrependido do dia em que implorara a ajuda dos almorávidas.

Teresa inclinou-se mais, perscrutando o horizonte. Tinha ouvido sussurrar que o pai se apaixonara por ela, e aproveitava agora a ameaça de uma nova invasão almorávida e o terror dos califas do Sul para a trazer em segredo para junto de si, pretextando que era um «presente» com que queriam comprar a sua ajuda. Mas alguns diziam que vinha grávida. Grávida do imperador, sussurravam os mais atrevidos.

E era por isso que aqui estava. Inclinou-se ainda mais, e esforçou os olhos para tentar perceber quantos vinham na comitiva que agora já se via ao longe, os panos coloridos, as cores garridas dos seus trajes, os arreios das montadas que ninguém igualava a surgirem cada vez mais nítidos — aproximavam-se de Leão, num trote aberto, e era óbvio que os soldados estavam avisados porque se mantinham nos seus postos, imperturbáveis.

Os portões do Sul abriram-se, mas não se ouviram trompetas, nem tambores, e a comitiva foi conduzida para o Pátio das Gazelas, o mais discreto do paço.

Teresa saiu de onde estava e, atravessando salas, postou-se atrás das portadas de madeira de uma janela de onde podia ver Zaida sem ser vista, a moura de cara tapada por um véu que refletia ouro à luz do Sol, a desmontar agilmente de um cavalo árabe, magnífico, rodeada de cinco mulheres igualmente cobertas, a que um dos criados indicou a porta de acesso à casa. A moura hospedada na ala recém-construída, que ainda não tinha sido estreada, o que pensaria a tia Urraca de semelhante afronta? Encolheu os ombros irritada consigo mesmo, claro que por esta hora o pai já tinha posto a par a sua querida irmã de tudo o que se ia passar e conseguido o seu consentimento. Era sempre assim. Ou tinha sido, até agora.

Agora não havia mais nada para ver, e para se chegar mais perto dos aposentos de Zaida precisava da ajuda de Alberto. Não conhecia ele os costumes árabes, e até falava um pouco da língua? Então que pusesse os seus conhecimentos ao seu serviço, pensou. E desistindo da janela foi procurar o escudeiro.

## Burgos, primavera de 1093

Tudo o resto lhe escapara ao controlo. A moura esperava um filho, e ninguém duvidava quem era o único homem que se atreveria a entrar no *hamam* e a possuir a mulher entregue à sua guarda. Mas se dúvidas havia, dissiparam-se de vez quando foi anunciado pela *domina* Urraca, ela mesma, que o prior da Basílica de Santo Isidoro convertera Zaida ao cristianismo e que o batismo da princesa moura aconteceria na Catedral de Burgos, a mesma onde o rei Afonso VI de Castela e Leão jurara aos nobres nada ter feito contra o seu irmão. O filho, ou filha, de Zaida nasceria cristão.

A corte inteira foi convidada, e não houve uma alma que se recusasse a percorrer a distância, apesar do Sol que ardia no céu e queimava os campos de trigo e as cabeças dos incautos, conscientes de que Zaida era agora bem mais do que a nora de um califa deposto.

Na imensa catedral, Teresa, como todos os outros, abrira os olhos de curiosidade quando a moura deixou cair o lenço, permitindo que o seu cabelo negro e liso se espalhasse sobre os ombros e fosse aspergido pela água santa que o bispo soltou da concha de prata com que a batizou. A voz suave da moura ecoou na basílica, firme e segura:

— Tomo o nome de Isabel — disse.

E não houve homem nem mulher, de toda aquela gente, que não tivesse aberto a boca de espanto e admiração. Zaida era magnífica, provocando o desejo, a inveja, o ciúme, todos aqueles sentimentos que se sentem, e se negam, e se escondem.

Teresa escondeu a sua admiração, como todos os outros, procurando incansavelmente um defeito que a desvalorizasse, agora que nem sequer a podia chamar de «infiel», e bastava um olhar para o rosto escondido nas mãos em oração da tia Urraca para perceber que ela fazia o mesmo.

Como não era preciso ser adivinho, nem mágico, para decifrar o olhar de Afonso VI quando olhava para a oferenda do califa de Sevilha. O pai estava hipnotizado, enfeitiçado, pensou Teresa com irritação, certamente prisioneiro de algum feitiço mouro, que era preciso revelar e quebrar. Pela primeira vez teve pena de Constança, que alegara mais uma vez a doença para não estar — ficara em Leão, rodeada das suas damas,

cada vez mais fraca, diziam, mas Teresa já não acreditava.

Mas pouco importava o que pensava Constança, Urraca, Elvira, ou os nobres da corte, ou a sua mãe, Ximena, a quem escrevera a contar tudo. Porque agora não interessava nada a beleza de Zaida, nem tão-pouco a sua fé, mas o filho do rei que escondia no seu ventre, tapado pelo vestido largo de sedas e damascos com que entrara na igreja do Senhor. Até se saber se era rapaz ou rapariga, o imperador estaria preso na sua teia. E todos eles com ele.

## *Mosteiro de S. Pedro de Montes, primavera de 1093*

*Ximena deixou cair sobre o colo a carta do abade de S. Pedro de Montes e suspirou fundo. Estas últimas semanas tinham desafiado os seus nervos, habitualmente de aço, pensou, enquanto estendeu a mão para a caneca de barro onde uma tisana quente fumegava.*

*D. Pedro de Braga deixara-se levar pelo desespero e num gesto suicida cometera a loucura de procurar reconhecer o título de arcebispo de Braga pelo antipapa. Quantas cartas escrevera a desencorajá-lo do disparate, mas a inveja e a raiva tinham-lhe toldado o raciocínio, só podia ser isso, e o teimoso do homem jogara tudo. E como era evidente perdera.*

*Que prazer deveria ter sentido Bernardo de Toledo quando lhe chegara a informação desta aliança tentada com aquele que procurava desafiar o papa legítimo, o sabor da vitória na boca, agora que já nada o impedia de fazer cair a espada sobre a cabeça daquele que há tantos anos lhe fazia frente.*

*Não se espantara nada com a decisão-relâmpago do legado da Santa Sé, que num concílio sumário destituíra finalmente Pedro de Braga, a humilhação das humilhações. Pior, se fosse possível pior, o rei furioso dera-lhe uns dias para arrumar as malas e condenara-o a procurar clausura até à morte num mosteiro.*

*Menos um aliado, pensou Ximena, irritada. Porque não se mantivera quieto e calado, esperando o momento oportuno, que havia de surgir quando os magnatas portucalenses percebessem a importância de reforçar o poder de Braga, frente às dioceses rivais que todos os dias ganhavam mais força. Não podia tardar muito. Pelo menos faria tudo para que não tardasse.*

*Ximena levantou-se, virando-se para a lareira, para aquecer. Mal soubera da destituição, decidira que havia toda a urgência em enclausurá-lo depressa e discretamente num dos seus mosteiros, antes que desse com a língua nos dentes. Enviara a Braga o seu mais fiel mensageiro com a missão de, em segredo, trazer o prelado para o Bierzo. A bem ou a mal, estava nas entrelinhas, da carta que não tinha escrito, era demasiado perigoso passar ao papel coisas como estas. Mas o criado voltara de mãos a abanar. Ninguém sabia de D. Pedro, apenas constava que chorara como uma criança ao receber a ordem do rei, rezara sozinho junto das relíquias e desaparecera, temendo a ira do rei de Leão e Castela, temendo os assassinos de Bernardo de Toledo, que jurara estarem no seu encalço.*

*Ingénuo, viera procurar aquela que acreditava ser sua aliada, suspirou Ximena, debruçando-se para prender de novo nas mãos a nota cifrada recebida há pouco do abade de S. Pedro de Montes. Dava-lhe conta de que os seus monges tinham encontrado um pobre homem quase morto, gelado até aos ossos, numa vereda do vale, aparentemente abandonado pelos servos. Como bons samaritanos, transportaram-no para a enfermaria do mosteiro, contava o abade, que dizia ter acorrido logo a vê-lo, pressentindo que pudesse ser o deposto D. Pedro, procurando recolher-se na casa fundada por S. Frutuoso, também ele bispo de Braga, também ele desejoso de se esconder de um mundo de maldade e corrupção.*

*«E foi então que mandei que todos saíssem da sala, para que só eu despisse este homem das roupas ensopadas que trazia, e em boa hora o fiz. Cosidos por dentro da camisa de lã, estavam o báculo e a mitra. Escondi-os, e peço-lhe a sua opinião sobre o destino a dar-lhes. Quando D. Bernardo de Toledo souber que faltam em Braga, não descansará enquanto não os encontrar, e é bom que nenhum dos meus monges tenha alguma vez de mentir.»*

*Felizmente, dizia ainda, Pedro de Braga parecia demasiado confuso para se denunciar, «julgo que perdeu a memória, não parece saber quem é».*

*Ximena hesitara, sabendo o risco de acolher um proscrito pelo rei, um arcebispo da Santa Madre Igreja, um resistente, que rapidamente se poderia tornar profeta ou santo da causa dos que se rebelavam contra os «estrangeiros». Logo ela, que todos sabiam de que lado estava, logo agora que se via na urgência de mudar de lado, por enquanto, pelo menos.*

*Estava certa de que os dias do rito moçárabe, praticado abertamente, chegavam ao fim, e que o próximo bispo a ocupar a cadeira de Braga seria mais um francês, certamente vindo direitinho de uma das casas de Cluny. Mas sentia-se igualmente segura de que os magnatas portucalenses lutariam para manter o poder e a força da metrópole bracarense e que o recém-chegado rapidamente entenderia que a sua sobrevivência passava pela oposição a Toledo, mesmo que para tanto tivesse de morder a mão do dono, conhecia a natureza dos homens, ninguém abria assim mão do poder que lhe era colocado nas mãos.*

*E era ao seu lado, nesta luta, que queria estar, através de Teresa. Ximena voltou a sentar-se, bebendo de um gole o que restava da infusão: a cada dia que passava estava mais certa de que era urgente casar a filha com o conde D. Henrique, esquecendo toda a sua animosidade aos estrangeiros, aos sobrinhos de Constança.*

*Inspirou fundo. Para isso era necessário levar Afonso a transformar uma promessa vaga num contrato sério, a premiar o novo casal com um reino, como aquele que oferecera à sua filha Urraca.*

*Decididamente não podia hostilizar o imperador, nem dar a entender ao seu futuro genro, um homem de Cluny, que acolhia nas suas terras o seu mais declarado opositor.*

*Puxou para junto de si a tabuinha da escrita, e molhando a pena no tinteiro escreveu: «Vista um hábito ao pobre homem e faça-lhe a vontade, recolhendo-o à clausura, obrigado, como nenhum outro, ao voto do silêncio.» Estava certa de que a ironia não escaparia ao perspicaz abade. Mais tarde se veria se era caso ou não de reavivar a memória ao infeliz.*

## Paço Real de Leão, verão de 1093

Henrique ficou sentado ao seu lado à mesa do jantar. Teresa admirava o seu cabelo loiro e ondulado, cor de palha, que lhe chegava aos ombros e que por vezes prendia com uma fita. Os primeiros dias de sol já tinham deixado marcas, e as sardas cobriam o seu nariz, como pequenos feijõezinhos, pensou a princesa. Henrique adivinhou-lhe os pensamentos, e esfregando a cara, meio envergonhado, meio trocista, respondeu:

— Tenho a certeza absoluta, Teresa, de que, se apanhasses sol, também tinhas sardas como as minhas — disse Henrique, tratando-a de forma informal.

A princesa de Leão deu uma gargalhada:

— Coisa que nunca vais saber, porque não tenho a menor intenção de andar por aí como uma camponesa sem chapéu.

— Mas é pena, porque te deviam ficar bem, como me ficam a mim — concluiu divertido Henrique.

— Modéstia não é, decididamente, uma qualidade dos primos da Borgonha. O Raimundo da Elvira não conta, é um guerreiro a sério, por isso tem mais do que razões para se vangloriar dos seus feitos, e mesmo assim consegue ser mais modesto do que vocês — disse provocadora.

Henrique ergueu a caneca e bebeu o vinho de um trago:

— Bebo à saúde de Raimundo de St. Gilles. É um ramo diferente da família, Teresa, daí a modéstia.

Teresa deu-lhe um murro no braço, num toca e foge que fazia com que o seu coração acelerasse.

— Tudo isto para não falarmos de Zaida — sussurrou.

Henrique suspirou fundo:

— Que o abade de Cluny não saiba destes batizados apressados...

Teresa, corando, respondeu:

— Muito menos de princesas mouras grávidas de reis.

Henrique tapou-lhe a boca com a mão:

— Para tanta ambição, Teresa, um bocadinho mais de reserva não te ficava mal.

Teresa corou de novo, agora um vermelho fundo, que não conseguia

disfarçar, e depois de um silêncio em que tentou recuperar a coragem perguntou baixinho:

— Qual é o passo que se segue?

Henrique pegou-lhe no braço, com gentileza, e em voz alta, que pretendia ser ouvida, anunciou um pretexto para saírem sozinhos dali.

— Se não se sente bem, senhora D. Teresa, sugiro que venha comigo apanhar ar fresco.

E, levando-a para um dos terraços, zangou-se:

— Teresa, não são perguntas que se façam à mesa, com mais cem pessoas em redor. Se queres saber a resposta a questões como essas, escolhe um sítio seguro e onde não esteja mais ninguém.

Teresa detestava ser repreendida e sentir-se uma menina catorze anos mais nova do que ele, mas sabia que Henrique tinha razão. Estendendo a mão com a palma virada para cima, disse-lhe:

— Bate!

E ele segurou-a e beijou-a, fechando os dedos sobre os beijos que lhe dera, olhando depois em redor para se certificar de que não eram observados.

Teresa sentiu-se a estremecer por dentro, borboletas na barriga como lhe contava a criada que se sentia quando se estava apaixonado, mas que nunca experimentara antes. Ficou sem fala, mas Henrique veio em seu socorro:

— Desculpa, desviámo-nos do assunto que aqui nos trouxe. Querias saber o que vai acontecer a seguir?

Teresa acenou que sim e Henrique continuou:

— Agora, se nascer um príncipe.

Teresa ripostou logo, rápida como uma seta disparada do arco:

— Julgo que o senhor conde era um dos maiores prejudicados.

Henrique sacudiu os cabelos, em sinal de assentimento.

— Éramos os dois prejudicados, e Raimundo e Urraca bem mais do que nós.

— Urraca e Raimundo devem estar aterrorizados — concordou Teresa, e não resistiu a um sorriso triunfante. — Se esta criança for o varão pelo qual o meu pai espera há uma eternidade, adeus coroa. Se calhar, adeus condado da Galiza.

— Vamos ver. Agora temos um assunto mais grave por resolver, uma

esperança que se pode tornar num pesadelo — constatou Henrique, e satisfeito com a surpresa que causara em Teresa continuou, puxando-a para si para lhe falar ao ouvido: — O teu pai quis fazer este batismo depressa porque vamos partir. Os mensageiros de Al Mutawakkil de Badajoz prometeram-lhe a entrega de Lisboa, Sintra e Santarém em troca de apoio contra Yusuf.

Teresa não controlou um grito:

— Lisboa...

Henrique tapou-lhe de novo a boca com a mão:

— Importas-te de não falar tão alto, e o melhor mesmo é não repetir esses nomes. Ninguém sabe.

— Ninguém sabe que o meu pai vai fingir atacar essas cidades quando o que pretende é protegê-las, que elas vão fingir defender-se, mas sabendo de antemão que vão capitular, ficando ao cuidado do imperador até receberem ordem em contrário?

Henrique saudou-a:

— Nada te escapa, senhora.

Mas Teresa já pensava sozinha:

— Talvez o meu pai lhe tenha dado a entender que as devolverá mais tarde, e Al Mutawakkil quisesse acreditar, ou não tenha outro remédio senão fingir que acredita. Mas, Henrique, o meu pai nunca as tornará a dar.

Henrique abanou a cabeça, pensativo:

— Se for capaz de sair disto ileso, sem deixar que Yusuf entenda que fez jogo duplo, basta-lhe acenar e os mouros destas cidades encarregar-se-ão de voltar para o seu lado.

— Para que isso não aconteça, é preciso matar os mouros que lá vivem e repovoar os castelos com gente nossa — entusiasmou-se Teresa.

Henrique assobiou:

— Sinto em ti a vontade de subir para a sela e pegar na espada. Metes-me medo, será que um dia me vais cortar a cabeça enquanto durmo?

Teresa deu uma gargalhada:

— Se fosse a ti não fazia essas perguntas... Um dia, no Bierzo, o meu pai perguntou-me se seria capaz de comandar um exército contra ele e

até agora sempre pensei que não, mas...

Henrique abriu os olhos, orgulhoso:

— Não tenho dúvida nenhuma de que farias tudo para defender os seus interesses. — E chegando-se mais próximo de Teresa murmurou: — Mas posso pôr o pescoço a salvo, agora que somos dois por um?

Teresa concordou:

— Somos os dois um.

Henrique inclinou a cabeça, e beijando-a repetiu:

— Os dois um só.

— Quando partem? — perguntou Teresa quando os seus lábios se separaram, sem largar a mão que prendia a sua.

— Muito em breve.

— Escreves-me?

Henrique apertou os braços em seu redor.

— Escrevo e prometo voltar são e salvo! — disse-lhe ao ouvido.

* * *

Teresa abriu a carta e com entusiasmo constatou que era de Henrique. A letra tão certinha que parecia de menina, pensou divertida. Tinha de lhe dizer isto, era suficiente para o enfurecer. Respirou de alívio. Se escrevia estava vivo!

*Senhora D. Teresa,*

*Agora já pode pronunciar os nomes de Lisboa, Sintra e Santarém em voz alta sem medo. Caíram às mãos do rei Afonso VI de Leão e pertencem-lhe agora por direito.*

*No princípio do mês de abril estivemos em Coimbra, uma cidade magnífica construída sobre o rio Mondego. Tal como Alberto tantas vezes nos contou, no mercado misturam-se gentes, línguas e cheiros, todos tão diferentes, e os cristãos entram nas mesquitas, assim como os muçulmanos nas igrejas, de pedra escura, magníficas. Espero que um dia as possamos ver juntos.*

*Não encontrámos resistência ao descer até Lisboa, que é uma cidade verdadeiramente magnífica, uma cidade de colinas, com um castelo no topo daquela que está mais próxima do rio, e de onde saem ruas e ruelas que descem até à praia. O Tejo abre-se à chegada ao mar, e não é possível dizer onde acaba um e começa o outro, tão largo é que nalguns sítios não se vê a outra margem. Custa a acreditar que é o mesmo que passa em Toledo.*

*Os mouros resistiram pouco, desconfiávamos que ia ser assim, mas apesar disso foi uma boa surpresa. O seu pai parecia ter rejuvenescido vinte anos, sempre na frente dos soldados, firme nas decisões, generoso nas penas, é um chefe militar como um dia*

*ambiciono ser. Em Sintra, no dia 8 de maio, destaquei-me, posso dizer-to só a ti. A serra é tão alta como as serras do Bierzo, e ergue-se como um promontório à Lua, que quando bate nas muralhas do castelo deixa-nos a certeza de que é mágica. Só por vontade própria alguém ali sitiado abre as suas portas, mas foi o que aconteceu. De qualquer maneira, fui o primeiro a entrar, seguindo as instruções do imperador para que os mouros fossem tratados com respeito e a sua mesquita respeitada. Santarém seria nossa mesmo que não houvesse qualquer pacto anterior, porque os soldados vinham tão esfusiantes com as vitórias que nada os teria podido parar. Raimundo fica por cá, o imperador nomeou-o tenente destes lugares, e além da defesa incumbiu-o de povoar estes lugares.*

*Não posso continuar, mas espero voltar em breve. Julgo que o imperador também tem todas as razões para querer regressar.*

*Até breve,*

*Henrique*

## Paço Real de Leão, dezembro de 1093

— É um rapaz — disse Alberto, o cabelo revolto e suado, como se tivesse acabado de correr uma maratona.

Teresa sentou-se e abanou-se com um leque, a face tão pálida que Elvira acreditou que a irmã ia desmaiar. Segurando-a por um braço, quis saber:

— E como está Zaida?

Teresa encolheu os ombros zangada. Elvira parecia estar a provocá-la:

— Espero que não esteja nada bem. Elvira, porque é que tens de fazer sempre o papel de boazinha? — protestou. — Alguém quer que Zaida, ou Isabel, ou lá como se chama agora, esteja bem?

Havia momentos em que Alberto tinha vontade de esbofetear a princesa. Não se conteve:

— Felizmente entre as três irmãs há uma que tem bons sentimentos cristãos. Só não me indigno mais consigo, senhora D. Teresa, porque imagino o que D. Urraca estará a dizer dentro de momentos... — e ao chegar ao fim da frase riu. E Elvira riu com ele.

Teresa cruzou os braços sobre o peito, aparentemente mais satisfeita:

— É verdade que ela ainda se sentirá mais ameaçada do que eu. Vai fazer de tudo para engravidar rapidamente — constatou.

Elvira fingiu dar-lhe um puxão de orelhas:

— Dizem-me que D. Constança está mesmo às portas da morte. Com esta notícia, coitada, acho que será...

— De vez, mana, o que queres dizer é que desta vez morre de vez.

Alberto confirmou:

— A senhora D. Urraca Fernandez proibiu as damas de comentarem o nascimento, e sobretudo o facto de ser um varão. Acredita que D. Constança não resistirá ao desgosto.

Elvira insistiu:

— Alberto, não me respondeste se Zaida está bem.

Alberto sorriu-lhe:

— Pelo que me dizem, extraordinariamente bem. Recusou as parteiras da corte, que estavam amuadas à porta, e fez-se rodear apenas das mulheres dela. Nenhum homem é aceite nos seus

aposentos.

— O meu pai já a visitou? — quis saber Teresa.

Alberto acenou que sim com a cabeça e acrescentou:

— Não saiu da sala ao lado durante as seis horas que tudo isto durou. Dizem que passeava como um animal enjaulado. A senhora D. Urraca é que pela primeira vez não esteve ao seu lado, disse que preferia ajoelhar-se junto do túmulo do santo e pedir a sua intervenção.

Teresa pôs-se de pé e, tal como o pai, calcorreou a sala de um lado para o outro:

— Vão dizer que sou má, também já estou habituada, mas aposto que a nossa tia rezou com fervor para que esta criança fosse uma rapariga ou não nascesse com vida.

Elvira benzeu-se apressadamente:

— Elvira, não te benzas, que Zaida também não o fará de certeza. Aquele batizado foi uma fachada, só para que o pai pudesse agora mandar batizar o filho.

— O nosso irmão — repetiu Elvira, quase que para se ajudar a si mesma a acreditar. Desde que se lembrava de si que ouvia toda a gente falar no desejo do imperador de ter um filho.

— Nosso meio-irmão, filho de uma moura, deve ser a ideia de partir que te pôs tão sentimental — protestou Teresa. — Vou ter de escrever à mãe a contar, tenho de ser eu a dizer-lhe tudo. Alberto, esqueci-me de perguntar. A criança já tem nome?

— Sancho, infante Sancho — acrescentou.

— O pai vai mesmo reconhecê-lo como filho, como herdeiro: infante Sancho Afonsez — repetiu mais baixo, e por momentos o seu olhar habitualmente desafiante suavizou e entristeceu: — Elvira, acho que a mãe nunca acreditou que este dia ia chegar.

Elvira enrolou o cabelo no dedo, como fazia quando estava nervosa:

— Ximena Moniz confiou que este dia não ia acontecer — concordou.

* * *

Afonso não poupou em festas e festejos, apesar do desacordo visível da irmã Urraca. Era a primeira vez, diziam todos, dos nobres aos criados, que os dois irmãos pareciam em desacordo, e constava nas

cozinhas que Urraca Fernandez deixara de ir ao quarto do irmão quebrar o jejum, logo depois da missa, como fazia todas as manhãs.

Mas Afonso estava demasiado contente com o pequenino Sancho para se importar. Logo no dia após o parto, escolhera apressadamente as madrinhas e os padrinhos, e perante toda a corte o bispo de Leão batizara o pequenino, a sua cabecinha coberta de cabelo muito liso e negro molhada com a água da Terra Santa.

Urraca e Raimundo chegaram mesmo a tempo da cerimónia, evitando conversas prévias, mas se Alberto tinha dúvidas sobre o estado de espírito da filha legítima do rei, ficou com a certeza de que não se tinha enganado.

Reunidos na grande sala para o banquete que se lhe seguiu, entre as flautas e as harpas, Urraca murmurou:

— Que exemplo dá o rei aos seus súbditos quando os filhos do pecado são tratados como se resultassem de um casamento abençoado pela Igreja — disse, soletrando as palavras com cuidado para que o sentido do que dizia não pudesse escapar às filhas de Ximena Moniz.

Teresa esqueceu onde estava, esqueceu as boas maneiras, e respondeu ácida:

— Mas a Igreja perdoa que um imperador, perante uma mulher infértil ou que não lhe dá filhos saudáveis, faça outras alianças temporárias para concretizar esse objetivo.

Urraca ficou vermelha como um pimento e pediu ajuda a Raimundo, como agora fazia sempre:

— Isso são costumes primitivos com que alguns tentaram defender o concubinato. Hoje o papa não permite tal coisa.

Teresa sorriu trocista:

— Como se vê! Quando se é um contribuinte tão generoso como Afonso VI, vai-se fazendo o que se quer.

Henrique pousou a mão serenamente sobre o braço de Teresa e virando-se para Alberto, que acabara de chegar, tentou desviar o assunto:

— Meu caro Alberto, o que fazes aqui de tabuinha e pena nas mãos? Não terás por acaso aí um tinteiro para deitarmos sobre estas duas mulheres, que querendo provar que descendem de Eva, se digladiam e matam uma à outra?

Alberto deu uma gargalhada:

— Tinta, senhor, tinta é demasiado preciosa. Mas se lhes disser que, a pedido do rei, faço a crónica deste dia e tenho como missão registar todos os comentários que vou ouvindo, talvez as senhoras queiram reformular as declarações que vão ficar para a posteridade.

Raimundo, que não tinha a mais pequena gota de humor, olhou o escudeiro como se o achasse insolente e comentou:

— Talvez seja de registar a ausência de D. Bernardo de Toledo e dos outros bispos, à exceção do pobre de Leão, que é um pouco como um cão amestrado.

Urraca riu, como parecia rir de tudo o que o marido dizia. Mas Alberto sentiu-se gelar por dentro. Talvez Deus escrevesse direito por linhas tortas e este menino mouro fosse melhor rei, um dia, do que o genro francês do imperador.

Teresa ia intervir, zangada, quando sentiu a mão de Henrique apertar-lhe o braço e, fingindo tirar-lhe uma mosca do cabelo, murmurou-lhe ao ouvido:

— Há momentos em que mais vale estar calada.

Teresa apertou os lábios num silêncio inesperado, e Elvira e o escudeiro entreolharam-se admirados. Talvez o que fosse de registar era o efeito que o duque da Borgonha tinha sobre a princesa — não havia mais ninguém na Terra capaz de a silenciar numa situação dessas.

O silêncio embaraçoso foi cortado por Henrique, que mudou a conversa, perguntando:

— Raimundo, quando é que partes para sul?

Falar de campanhas e de exércitos, dos planos de repovoamento para as terras e territórios agora conquistados, de Lisboa e de Santarém, era aquilo de que o novo conde da Galiza mais gostava de fazer.

Urraca, vendo o olhar interessado de Teresa, que procurava apanhar os detalhes da conversa, disse-lhe baixo:

— Sabes que vou com Raimundo até Coimbra?

Teresa e Elvira olharam-na com curiosidade. Era a primeira vez que a recém-casada partia com o marido, o que presumia que já tinham consumado o casamento.

Que vontade tinham de saber todos os detalhes. Teresa, numa voz subitamente sedutora, disse-lhe:

— Hoje à tarde, nos bordados, tens de nos contar tudo.

Urraca, feliz pela atenção que merecia da meia-irmã, caiu na armadilha:

— Não posso contar tudo, mas tenho muito para vos ensinar.

Elvira voltou a trocar um olhar com Alberto, que parecia sempre atento a todas as conversas, por muitas que sucedessem ao mesmo tempo. Estas duas irmãs pareciam, de facto, gémeas. Para o bem e para o mal.

* * *

O caixão seguia à frente, numa carroça puxada por mulas brancas, coberto com panos de ouro e seda, as armas de Leão e Castela bordadas, para que quem visse o cortejo passar soubesse que ali ia a rainha.

Como se precisassem de bandeiras e símbolos quando seguia no cortejo o rei, a túnica e a capa negras, a coroa de ouro e pedras preciosas a encimar os seus cabelos já quase brancos, que lhe chegavam aos ombros, a barba mais comprida e desleixada, sinal de que o desgosto o impedia de cuidar de si mesmo.

Na urna ia Constança. Constança da Borgonha, a rainha de Leão e Castela que viera um dia roubar o lugar à mãe. Constança, sobrinha de Hugo de Cluny, que sob a aparência de uma mulher frágil e doente comandara o reino à sua maneira. Bastava olhar em redor para entender como fora capaz de criar uma teia de homens e mulheres de poder, estrangeiros que tinham ascendido nos territórios de Espanha aos lugares mais desejados, aos cargos mais poderosos, aos postos avançados no território a reconquistar, colhendo privilégios e riqueza.

Bastava olhar, confirmou Teresa para si mesma. Raimundo, sobrinho e genro, cavalgava do lado esquerdo do imperador, e do direito, montada numa égua branca, estava Urraca, um véu preto a cobrir-lhe totalmente a cara, um vulto negro, que Teresa via estremecer num ritmo sincopado, tomada pelo choro.

Bernardo de Toledo devia-lhe tudo, ou pelo menos muito, como tantos dos que o seguiam, padres, monges e bispos, ou cruzados, que, como Henrique, tinham encontrado para cá dos Pirenéus riqueza, terra, uso para o seu temperamento belicoso e até casamento.

Teresa impacientara-se com o pai quando o vira chorar como uma criança no velório na Basílica de Santo Isidoro. Seriam todos os homens assim, capazes de duas faces, de dois corações, de dois amores? Porque dizia a Igreja que o Diabo gostava de se vestir de mulher para seduzir e enganar, quando os homens eram capazes de ser tão hipócritas e oportunistas?

Puxou o manto sobre si mesma, o vento gelado da pradaria a cortar-lhe a cara, tornando rosadas as maçãs do rosto, os olhos ainda mais verdes, cheios de lágrimas causadas pelo frio e não pelo desgosto.

Por vezes tinha medo de si mesma. Seria um monstro, sem sentimentos, como Elvira e Alberto lhe diziam? Mas chorara quando a mão do Dr. Ferrusiel apertara a sua, e chorara muitas vezes pela mãe quando se sentira sozinha e desprotegida, e chorara, admitia com vergonha, quando Henrique lhe dera um beijo de despedida, e depois desaparecera a correr pelas escadas, talvez para lhe esconder as suas lágrimas.

Contudo, reconhecia que não tinha o coração de ouro de Elvira. Mas como podia ter, pensou, justificando-se, se desde menina a mãe confiava nela para continuar o seu sonho inacabado. Ninguém lhe dizia as coisas assim, claro está, mas lia esse desejo nas entrelinhas do que a mãe dizia, do que a mãe escrevia, encontrara-o na forma como o pai a atirava ao ar e se ria, orgulhoso, quando lhe prometera um dia comandar exércitos.

«Mas todos acabamos em pó. És pó e em pó te tornarás», dizia-lhe tantas vezes o seu confessor, e aqui estava Constança, duquesa da Borgonha, a confirmá-lo.

Sacudiu a cabeça para afastar pensamentos mais tristes, tinha essa arte, dizia-lhe Henrique, de ser capaz de não pensar no que não queria, de comandar o pensamento para grandes objetivos sem se perder em detalhes. Não sabia bem se a elogiava ou criticava quando o afirmava, e Henrique, como que a sentir os seus olhos na parte de trás da sua cabeça, virou-se por momentos e sorriu-lhe.

A rainha Constança seria enterrada ao lado da primeira mulher do rei, a pobre Inês, que repudiara por não lhe dar filhos. E Ximena? Porque é que Ximena Moniz, a mãe das princesas Teresa e Elvira de Leão, não tinha um lugar na grande abadia?

Sentiu de novo aquele sabor a fel — quantas vezes o pai lhe dizia que era uma serpente que morreria se mordesse a própria língua. Sem saber porquê, olhou de novo em volta, procurando o rosto de Zaida. Para escândalo de todos, ou todos tinham fingido que estavam escandalizados, o imperador dera ordem de que ela e o filho viessem prestar as suas últimas homenagens à rainha de Castela e passar com todos eles o Natal em Sahagún. Quando chegassem à hospedaria, fechar-se-ia no quarto para contar tudo à mãe. Era preciso agir antes que fosse tarde de mais.

## *Castelo de Urvel, dezembro de 1093*

*Mais uma carta de Teresa, pensou Ximena ao ouvir as vozes dos soldados a anunciar a chegada de um cavaleiro a galope, já altas horas da noite. Desde o nascimento de Sancho que a princesa lhe escrevia todos os dias, às vezes várias vezes por dia, no código cifrado que Alberto criara para elas.*

*O nascimento de Sancho, ao contrário do que seria de esperar, tirara-a da apatia em que tinha mergulhado pela primeira vez na vida, como se a confirmação dos seus pesadelos tivesse sido um alerta. Passara a interpretá-los como avisos. Deus Nosso Senhor queria fazer dela instrumento da fé cristã, queria, estava certa disso, que Teresa servisse a sua causa.*

*Animada por um renovado espírito de missão, planeava uma estratégia. Teresa não podia saber de nada, era nova de mais, impulsiva de mais para ser posta a par de uma jogada tão difícil, mas Raimundo e Henrique seriam joguetes essenciais. E Pedro Ansurez. Desta vez teria de esquecer rivalidades e aliar-se a D. Pedro, que estaria tão interessado como ela, mais ainda, em eliminar o «obstáculo». E Pedro Ansurez, estava segura disso, encontraria forma de incluir Urraca Fernandez na conspiração.*

*Uma energia renovada fê-la sentir-se viva. Deixou o seu lugar junto das damas, que cantavam ao som da cítara, e dirigiu-se à porta. Como imaginara, o criado ofegante subia a escada alta que dava acesso à torre com o pergaminho na mão.*

*Curiosa, percebeu que desta vez o lacre não era de Teresa, mas de Henrique da Borgonha. Porque lhe escrevia ele? Agitada, desenrolou-o e começou a ler, ali mesmo sob a luz do candelabro de cem velas que iluminava o patamar. Henrique dirigia-se-lhe com uma familiaridade que não esperava, pedia-lhe desculpa por escrever sem o conhecimento de Teresa e pedia-lhe ajuda: era preciso insistir com o rei para que formalizasse o casamento com a princesa sua filha, antes que as ligações a Borgonha lhe parecessem irrelevantes. Temia, confessava-lhe, que, encantado como estava pela princesa Zaida, Afonso VI, agora viúvo de Constança, casasse com a moura, legitimando assim o seu filho. Contava-lhe que o seu primo Raimundo não acreditava na possibilidade, certo de que o imperador não teria a ousadia de impor aos nobres um rei mouro, mas o que conhecia de Afonso VI indicava-lhe o contrário: tolerante, admirador dos reis das taifas e da sua cultura, perante uma princesa jovem e culta como era Zaida, não deixaria que as opiniões de terceiros constituíssem obstáculos aos seus desejos.*

*Ximena inspirou por segundos o ar frio da noite e pensou que das razões de Raimundo desconfiava visivelmente Henrique, e desconfiava ela — mais dia menos dia, Urraca engravidaria, e postos perante a possibilidade de apoiar um neto legítimo como herdeiro ou um bastardo mouro, os nobres pressionariam o rei a escolher o primeiro.*

*Ximena mordeu nervosamente o lábio. Afonso não mudara, e o futuro genro conhecia-os a todos bem, e não hesitava em usar amores e desamores para conseguir os seus intentos. Poderia ter ido diretamente ao rei, mas pedira-lhe ajuda a ela, sabendo que conspiraria em seu favor. Porque o seu favor era o da sua filha. Estava segura de que o sabia.*

*Não respondeu à carta.*

*Deixou que as criadas a despissem e preparassem para a cama, desfazendo a sua longa trança e penteando o seu cabelo loiro, já com tantas madeixas brancas. Ajoelhou-se no chão gelado do castelo, perante a imagem da Virgem, e rezou para que Deus Nosso Senhor a inspirasse em sonhos. Quando de manhã acordou, estava tranquila. O plano estava feito e acreditava que tinha o selo de Deus.*

*Escreveu a Bernardo de Toledo uma carta improvável e que por isso mesmo estava certa seria lida. Pedia-lhe a bênção para Teresa e Elvira, ou melhor, Elvira e Teresa, sugerindo-lhe as vantagens de apressar o casamento. «Elvira fará em breve 15 anos, e Teresa, 14, e como mãe sentir-me-ia mais tranquila se estivessem ao cuidado de um marido, o seu futuro assegurado,*

*numa corte onde os bons costumes estão longe de ser regra, e o receio pela segurança das minhas filhas me rouba o sono.» Falava-lhe como mãe, mas sabia bem que Bernardo seria levado pela lisonja, certo de que levara a aliada de Pedro de Braga a capitular com ele. Não seria indiferente, por esta altura, à beleza de Teresa, nem à sua fogosidade, entenderia o desejo de a ver bem entregue. Agora que Constança morrera, teria vontade de assegurar os peões de Cluny, obedientes a Roma, no seio da família real de Leão. Quantos mais territórios estivessem nas mãos do sobrinho do abade, mais prósperos seriam os mosteiros, mais fácil seria a vida dos cluniacenses nestes reinos, mais longe chegariam nas terras conquistadas.*

*Depois recebeu em Urvel, a caminho de Santiago, Diego Gelmirez, cuja posição na estrutura do santuário crescia de dia para dia. Confirmou que era tão arrogante, vaidoso e ambicioso como o pai, que conhecera, e estava certa de que tinha a cadeira do bispo em vista, e manipularia Raimundo até a obter. Quando finalmente lá se sentasse, o novo conde da Galiza talvez viesse a descobrir que não tinha nele o criado fiel que imaginara. Mas lidaria com esses problemas quando os problemas chegassem. Agora interessava-lhe apenas convencê-lo de que o filho da moura podia boicotar os seus sonhos, e que ajudaria os seus senhores se agitasse os nobres da Galiza contra a possibilidade de um sarraceno vir a ocupar o lugar do imperador. «Que sentido fará a vida de tantos que a perderam a lutar para reaver as terras para lá do Tejo, se coroarmos um mouro?», foi dizendo, enquanto o criado ia enchendo os copos com o vinho tinto da adega. Estava certa de que, mal encontrasse um tinteiro e uma pena, Gelmirez recomendaria a Raimundo e a Urraca que defendessem o seu futuro, e que eles, por sua vez, escreveriam a Pedro Ansurez solicitando-lhe que encontrasse forma de tirar Zaida do caminho, e que Pedro Ansurez se reuniria com Urraca Fernandez para planear o mais rapidamente possível um novo casamento para o imperador, uma ligação irrecusável, como fora a de Constança...*

*Chegava o momento mais difícil. Disfarçando a caligrafia, escreveu uma última missiva, enviada em segredo, por um mensageiro mercenário e sem cara, à feiticeira Lubélia, que tantos favores negros prestava na corte. Pedia apenas ingredientes para um veneno poderoso, que sem cheiro e sem sabor seria indetetável na boneca que embebiam em leite para sossegar o pequenino Sancho. O remetente teria o nome de uma das criadas de Urraca Fernandez. Com um riso pérfido, recordou que provavelmente Urraca Fernandez já se lhe teria adiantado.*

*Mas era preciso mais um passo para que o plano estivesse completo. Faltava a carta que escreveria a Afonso avisando-o do perigo que o filho corria, insinuando cuidadosamente o nome dos envolvidos. Sabia-o perto, em Coimbra, escolhera já o mensageiro que ia enviar com a ordem de que cavalgasse sem parar, matando o cavalo com o esforço se possível, mas correndo, correndo veloz como o vento para conseguir chegar a tempo.*

*Sorriu a Alberto quando o viu entrar na sala. Pedira a Teresa que lho enviasse, para uma missão que não confiaria a mais ninguém. Alberto viera, atraído pelas memórias das veredas do Bierzo que não voltara a ver, pela voz de Ximena, a dama que, de capa vermelha ao vento, gritara «Anasisapta» antes de partir sem olhar para trás.*

*«Obrigada», disse-lhe, pousando as mãos brancas e suaves sobre os cabelos revoltos do escudeiro, que se tornara um homem forte e bonito, os olhos de uma sinceridade que quase a fizeram hesitar. Ou fingir para si mesma que hesitava. Sentando-o ao seu lado, num banco de madeira, entregou-lhe o pergaminho selado e pediu:*

*— É uma questão de vida ou de morte, Alberto. Não havia mais ninguém em quem pudesse confiar, só tu podes chegar a tempo ao imperador.*

*Pálido, Alberto levantou-se e, beijando-lhe de novo as mãos, jurou mais uma vez servi-la.*

*— Santarém — disse, a voz a tremer —, terei de ir até Santarém, é lá que está o rei. — Estremeceu. Era longe e a terra onde o seu pai tinha perdido a vida.*

*Dias depois, quando viu o horror estampado na cara do rei, depois a fúria, Alberto temeu ter sido usado por Ximena. Não seria a primeira vez. Que diria a carta que com tanto esforço entregara a Afonso VI?*

## Paço Real de Leão, outubro de 1094

— Henrique, o que é que a minha mãe escreveu ao meu pai, sabes? — perguntou Teresa, calcorreando a sala, nervosa.

— Não sei, Teresa, juro que não sei. Não és tu que te correspondes com ela todos os dias? — perguntou o conde.

— Achas que ela pode ter tido alguma coisa a ver com a conspiração para matar o pequenino Sancho? — perguntou, baixinho e a medo.

Teresa encolheu os ombros. Desde que o pai voltara à corte de Leão inesperadamente, chamando à sala Pedro Ansurez e a tia Urraca, que de lá tinham saído brancos como a cal, acreditava em tudo.

Henrique insistiu:

— O que é que te disse o Alberto? Foste tu que o mandaste ao Bierzo a pedido da tua mãe e foi ele que entregou a mensagem ao rei.

Teresa impacientou-se:

— O que faz da minha mãe a salvadora da vida do filho de Zaida, não a homicida.

— É verdade que sim, é verdade — concordou Henrique —, mas Pedro Ansurez e Urraca Fernandez podem não ter a mesma opinião. Se já eram inimigos de Ximena Moniz, não sei o que são agora.

— Disparate, Henrique. Não foi a minha mãe que os acusou. A tia Urraca disse-me hoje que sabia que não, que o aviso chegara de Diego Gelmirez, de Santiago de Compostela, que ouvira a um peregrino que a vida de Sancho corria perigo. Um peregrino que, por sua vez, o ouvira dizer numa taberna de Leão.

— Então por que a ligação ao braço-direito do rei e à sua irmã favorita?

Teresa encolheu de novo os ombros.

— Talvez porque o meu pai não é estúpido. Quem são as duas pessoas mais desesperadas neste paço com a conversão de Zaida, desculpa, da princesa Isabel, e o nascimento de um varão mouro?

Henrique teve vontade de dizer «Teresa e Urraca», mas não se atreveu a testar o sentido de humor da princesa. Em lugar disso, arriscou:

— Pedro Ansurez em nome de Urraca, e Urraca Fernandez porque quer defender os interesses de Teresa de Leão.

Teresa parou e olhou-o estupefacta:

— Urraca Fernandez quer defender os meus interesses? — perguntou incrédula. — Estás a brincar comigo, Henrique.

— Não estou, juro que não estou. És a sobrinha predileta da senhora, brilham-lhe os olhos quando olha para ti, sorri quando falas, tem orgulho na tua coragem e até na tua impertinência.

Teresa voltou a caminhar, impaciente:

— Deliras. E de qualquer forma é indiferente, Urraca Fernandez até podia gostar de mim, mas isso não mudava nada. Como não muda o facto de odiar a minha mãe, por histórias passadas. E é a minha irmã Urraca que descende do casamento que considera sagrado, será sempre do lado dela que a minha tia estará. Do lado da lei.

Foi a vez de Henrique franzir o sobrolho:

— Nem parece tua essa conclusão, Teresa. Não me estás sempre a falar do tio Garcia e das grilhetas...

A princesa não o deixou acabar:

— Tens razão, já não sei nada. Se calhar foi mesmo ela que encomendou o veneno à feiticeira, foi mesmo ela e Pedro Ansurez que se tentaram livrar do bebé. Era um crime fácil, Henrique. Quantas crianças morrem nos primeiros meses? Quase todas! Era mais fácil contar as que sobrevivem.

E, enervada, concluiu:

— O pior, Henrique, o pior é se os suspeitos convencerem o meu pai de que tudo não passou de uma efabulação da minha mãe. Talvez seja por isso que nos quer falar. Talvez se veja obrigado a enviar-me de novo para o Bierzo, talvez não permita o nosso casamento, afinal nunca marcou uma data, nunca mais falou nele, e Urraca já casou há tanto tempo.

Henrique aproximou-se dela, pousando-lhe uma mão sobre o braço:

— Não sei o que dizia a carta de Ximena, mas aposto que indicava que o veneno estaria no pano que embebem em leite para lhe dar a chuchar. E estava, Teresa. Quando o físico da corte chegou junto de Zaida, o pano tinha sido levado para lavar. O rei mandou resgatá-lo e testaram-no num cachorrinho que não durou mais do que uma hora.

— Sabiamente iam-lhe dando aos poucos, para simular uma doença? Porque uma morte súbita chamava demasiado a atenção — matutou

Teresa, e o seu rosto não conseguia esconder o fascínio que tudo aquilo lhe provocava.

Henrique repreendeu-a:

— Matar alguém é um pecado mortal, matar um bebé inocente é...

Teresa benzeu-se:

— Cala-te, Henrique. Queres que alguém te oiça e ainda pense que tive alguma coisa a ver com este crime horrível?

Mas dentro de si ressoava a frase da tia Urraca, a frase da mãe, quando lhe diziam que às vezes há coisas que quem detém o poder tem a obrigação de fazer... Impedir uma criança moura de lhe roubar o trono não seria uma dessas situações?

Os gritos na praça fizeram-nos acorrer à janela: os soldados traziam a rodos uma mulher do povo, vestida de negro, rodeada de uma multidão que gritava «Bruxa, bruxa, morte à bruxa».

— Vamos ver o que esta tem a dizer quando lhe partirem, um a um, os dedos das mãos, e depois os dos pés — disse baixo Teresa.

— Pobre mulher, espero que seja ela a culpada, porque, mesmo que não tenha nada com o assunto, vai confessar tudo, confessam sempre — concluiu Henrique.

Teresa mordeu o lábio, aflita. Tinha tanto a aprender. Será que um dia seria capaz de permanecer indiferente quando prendessem quem atentasse contra a sua vida? Seria capaz de conspirar com a habilidade da mãe.

Oxalá, pensou aflita, não tivesse perdido a mão desta vez, e tudo se virasse contra ela e Elvira, porque, embora não o confessasse a ninguém, estava certa de que a mãe tentara um novo xeque-mate. Pobre Elvira, que suspirava apenas com a bênção de um bispo para partir com o seu amado para longe dali.

— Henrique, o que aconteceu a Zaida e a Sancho? — perguntou.

Henrique passou as mãos pelo cabelo longo e indicou o horizonte:

— A esta hora estão em Toledo. O imperador quis que partissem imediatamente para a cidade, onde está certo de que estará em segurança.

— Mas Toledo é controlada por Pedro Ansurez...

— E Bernardo de Toledo, que parece também estar implicado, mas sei que o rei ordenou que Zaida e o bebé sejam rodeados de criados e

soldados moçárabes.

Subitamente, as portas abriram-se e Afonso entrou, a barba desalinhada, o cabelo já branco, revolto. Teresa teve vontade de correr para os seus braços, mas conteve-se. Que saudades tinha de ser apenas o cabritinho do monte do seu querido Moisés. Mas o tempo não voltava atrás. Envelhecido e aquebrantado, Afonso estendeu-lhe as mãos a beijar e depois apertou-a por momentos contra si.

— Teresa, filha minha — disse.

Pronunciara as palavras mágicas, as palavras que selavam o laço que os unia desde que viera ao mundo. Teresa suspirou de alívio. Não estava zangado, nem com ela, nem com Henrique, nem com Ximena, não podia estar zangado com Ximena, senão nunca lhe falaria assim.

O rei sentou-se na cadeira real e apontou para dois bancos, indicando que Henrique e Teresa se sentassem a seus pés.

— São tempos difíceis estes — começou —, e em tempos difíceis é preciso tomar decisões rápidas e firmes. Por isso mesmo decidi que o vosso casamento não pode ser adiado mais tempo. Preciso de genros, de uma família leal e unida ao meu lado.

Teresa sabia que o rei se refreava de explicar que esta nova conspiração deixava bem claro que não podia colocar todas as apostas no mesmo cavalo. Sabia-o há muito, desde que governava reinos tão diferentes, de gente tão distinta.

Henrique estava já de pé e fazia uma vénia de agradecimento ao sogro. Teresa imitou-o e beijou de novo as mãos ao imperador, virando para ele os seus olhos verdes.

Afonso estremeceu. Os olhos da ninfa de Carucedo, os olhos de Ximena, da que amara como nenhuma outra, e que agora salvara o seu filho. Fez-lhe uma pequena cruz na testa e murmurou:

— Eu te abençoo, minha filha.

Fugindo a comover-se, acrescentou, virando-se sorridente para ambos:

— Como certamente Henrique não te quer pelos teus lindos olhos, logo falaremos do resto...

— E Elvira? — perguntou subitamente Teresa.

A cara de Afonso tornou-se séria:

— Elvira vai casar com Raimundo. Já lhe disse que partirá dentro de

duas semanas.

Teresa sentiu as pernas tremer e Henrique deu-lhe o braço, com medo que caísse.

— Duas semanas, mas isso é amanhã — protestou sem forças.

Afonso abanou a cabeça, entristecido:

— É o que o destino lhe reserva. Não diz a tua mãe que o mago de Astorga viu que Elvira ia partir para longe?

Teresa concordou, subitamente mais angustiada do que alguma vez estivera na vida. O que seria de si sem Elvira, com quem partilhava tudo, desde que se lembrava de si?

Pediu licença para sair, e mal passou a porta desatou a correr, as sandálias a voarem sobre a laje.

Elvira chorava tanto como ela quando se abraçaram no quarto, os cabelos entrelaçados, morenos e loiros, como se fossem um só.

— Porque é que não ficam cá, porque não casam e ficam cá, como Henrique e eu, como Urraca e Raimundo? — implorava Teresa, soluçando como um bebé.

— Porque o Raimundo acredita que agora o seu destino é libertar Jerusalém do infiel.

— Vai-te levar para longe, para depois te deixar e partir numa expedição militar, isso ainda faz menos sentido. Vou pedir ao pai… — começou, mas Elvira interrompeu-a:

— Não vais pedir nada ao pai. Eu quero ir. Para França e depois com ele para onde for, nunca ficarei em casa à espera...

Teresa esfregou os olhos, limpando as lágrimas com a mão, olhando para ela, espantada:

— Vais em cruzada? E se engravidares, se ficares à espera de um filho?

Elvira sorriu, a esperança nos olhos:

— Levo-o comigo se tiver nascido antes, e se estiver dentro de mim viajará com facilidade, e nascerá onde o pai e a mãe estiverem.

Teresa não sabia se havia de ficar contente ou zangada. Zangou-se:

— Não podes gostar mais dele do que de mim, é um disparate, só o conheces há uns meses, pronto, há uns anos, e nem sequer tem cá estado...

Elvira puxou-a contra si, e Teresa deixou a cabeça cair-lhe sobre o

ombro:

— Pateta, és tão inteligente às vezes e tão tonta outras. Gosto de maneira diferente...

— Não se gosta de maneira diferente, gosta-se mais ou gosta-se menos.

Elvira deu uma gargalhada:

— É claro que se gosta de maneira diferente, vais descobrir que sim.

Teresa recusava-se a concordar:

— Sei muito bem de quem gosto mais e de quem gosto menos. Gosto do Henrique, é claro que gosto, fico contente quando volta vivo das batalhas, e fiquei contente quando o pai finalmente marcou o nosso casamento, mas prefiro-te a ti. De todas as pessoas do mundo, prefiro-te a ti. Mesmo mais do que da mãe e do pai. Prefiro-te a ti, Elvira, e és a única pessoa desinteressada e sensata que conheço, a única que me daria um conselho para meu bem, mesmo que te prejudicasse. Como posso viver sem isso, nesta corte de linguarudos e víboras?

E deixando-se cair sobre as almofadas, como se tivesse morrido, deu um grito de protesto:

— Como me podes deixar com Urraca? Já viste como ela nos olha com sobranceria, vai fazer-me a vida num inferno. Aposto que é o único objetivo da sua vida, humilhar-me, fazer-me sentir a cada momento menos poderosa do que ela.

Elvira sacudiu a cabeça, subitamente divertida:

— A ti ninguém te vai fazer gato-sapato, querida mana. Já sabes o que a mãe viu nos astros, vais ser poderosa, vais ter em quem mandar...

O rosto de Teresa abriu-se num sorriso:

— O pai disse que vai dar a Henrique um condado. Quer dizer, disse que lhe vai dar terras, e só pode ser um condado. Se a Urraca tem a Galiza, eu quero o Condado Portucalense. Liga com o Bierzo, e a mãe diz que é preciso reforçar de novo o poder de Braga, para fazer frente ao de Santiago.

Elvira fingiu benzer-se:

— Pobres santos, pobres santuários, um na mão da minha irmã Teresa, outro subjugado à ambição de Urraca; que os santos nos valham.

Teresa voltou a sentar-se, um plano já congeminado:

— Elvira, Elvira, deixa-te de conversas, acabei de me lembrar de uma coisa: se vais para a Terra Santa, vais-me mandar relíquias, não vais? Com relíquias de santos mais valiosos do que Santiago, Braga está segura. Ainda há dias ouvi o pai dizer que pagou uma fortuna pela vela do barco em que S. Pedro andava no mar da Galileia.

Elvira torceu o nariz:

— Um pano velho de alguém...

Teresa indignou-se:

— Isso é blasfémia, Elvira. Lembras-te daquele peregrino que nos quis vender uma caixa com o som dos sinos do rei Salomão? A mãe não quis, mas fiquei sempre a achar que tinha poderes... Mandas-me tudo o que encontrares?

Elvira concordou:

— Mando — sorriu — relíquias verdadeiras do Oriente.

Teresa parecia ter esquecido o desgosto da partida, agora que encarregara a irmã de uma missão. Elvira partia ao seu serviço, coisa completamente diferente do que partir por um outro amor.

A irmã voltou a afagar-lhe o cabelo:

— Teresa — disse numa voz meiga —, Teresa, acho que tu e o Henrique vão ser felizes. Ele tem suficiente autoridade sobre ti para conter os teus ímpetos mais perigosos — acrescentou a rir.

— Os meus ímpetos não são perigosos, até a tia Urraca diz que estou irreconhecível.

Elvira sorriu:

— Sim, melhoraste um bocadinho nestes quinze anos em que te conheço, mas ainda serias capaz de me fazer andar de espada na mão por um campo de trigo, a cortar cabeças a hipotéticos mouros, como fazias no Bierzo.

Teresa sorriu, nostálgica:

— Acho que se calhar nunca vamos ser tão felizes como fomos naqueles tempos, pois não?

Uma recordação subitamente pareceu assustá-la:

— Exceto quando a ama nos punha em frente de uma panela de água a ferver, para nos dizer que era assim o Inferno. E claro que eu ia lá parar se me continuasse a portar mal.

Elvira franziu o sobrolho:

— Mas resultou comigo, Teresa, rezo a toda a hora para não cair nas tentações de Satanás. O confessor disse-me que agora que me caso tenho mais ocasiões de pecar.

Teresa interrogou-a, curiosa:

— Explicou-te porquê?

Elvira corou:

— Porque há mulheres que gostam que o marido as procure e se deliciam com os prazeres da carne — disse a medo.

Teresa desviou os olhos, embaraçada:

— A Urraca pareceu gostar. Não ficaste com a ideia de que gostava? Será mesmo pecado gostar?

Elvira hesitou:

— O confessor disse-me que a mulher deve ficar imóvel, procurando não se mexer, e deixar que o marido acabe a sua tarefa.

Teresa puxou as pernas contra si e pousou a cabeça nos joelhos, pensativa:

— Mas se não era para ter prazer, porque é que as mulheres têm? A Urraca disse que tinha, e sabes que as damas, aquelas que casaram e as outras que experimentaram sem casar, sussurram sempre esses assuntos entre risinhos...

Elvira repreendeu-a:

— Não deves ouvir essas conversas, e só a tontinha da Urraca é que nos vinha falar da sua intimidade.

Teresa sorriu:

— Tens razão, se calhar é tudo mentira, era só para nos fazer inveja.

— Ou para plantar em nós a semente do pecado, Teresa. Não te esqueças que o Diabo usa todos os estratagemas.

A irmã mais nova tocou na relíquia de Santo André e benzeu-se:

— Não sei, não sei se acredito que tudo o que é bom é coisa do Diabo, Elvira. O Alberto diz que os árabes não tinham essa ideia do corpo. Até há livros que explicam o funcionamento dos órgãos e como ter mais prazer nisso que os maridos e as mulheres fazem...

Elvira parecia água a ferver na panela, tal a sua ira:

— A que propósito andas a falar com o Alberto sobre essas coisas? E o que te interessam os costumes dos infiéis a esse respeito?

— Quando nos convém chamamos-lhes infiéis, mas quando estamos

doentes pedimos-lhes ajuda, a eles e aos judeus, para se sentarem à nossa cabeceira. Fiquei eternamente grata ao Dr. Ferrusiel. E a mãe também.

Teresa não se atreveu a dar voz a mais nenhum dos seus pensamentos. Tinha a certeza de que a mãe tivera prazer ao deitar-se com o pai, tinha a certeza de que a ninfa de Carucedo desejara ser possuída pelo general romano por quem se apaixonara. Mordendo o lábio, sentiu uma secreta esperança de que, pecado ou não, Henrique e ela encontrassem juntos o prazer.

Elvira tinha-se posto de pé e sacudia a túnica, procurando livrá-la do enxovalho causado pelos abraços da irmã.

— Mana, o confessor voltou a frisar que as quintas, sextas e domingos são proibidos pela Igreja.

— Os que restam chegam perfeitamente — respondeu, deitando a língua de fora à irmã chocada.

Nessa noite, quando já estavam deitadas, Teresa esperou que Elvira adormecesse, o seu sono regular e sereno, e depois beijou-lhe a testa, com um imenso carinho, as lágrimas a caírem-lhe pela cara. Porque seria que gostava tanto de provocar toda a gente, de levar tudo ao limite, de desafiar e chocar? De repente recordou-se de novo da panela de água a ferver e estremeceu. «Perdão, meu Deus, e livra-me das chamas do Inferno», rezou com fervor.

## Paço Real de Leão, novembro de 1094

Teresa recebeu uma carta de Henrique e desenrolou o pergaminho lentamente, procurando que aquele momento durasse muito, muito tempo.

Elvira partira há dias, com uma comitiva de vinte homens e mulheres, baús e arcas apinhados de camisas, túnicas e capas, que os raminhos de alfazema protegiam das traças e dos bichos. O pai oferecera-lhe joias e baixelas de ouro e prata, guardadas na viagem por soldados, e um dote em dinheiro, para que não dependesse do marido para tudo. Raimundo de St. Gilles, disse-lhe, vai ser rico, e tudo aponta para que herde o título de Toulouse, mas uma mulher não deve ficar sem nada de seu, dissera à sua filha mais velha, abençoando-a.

Com a carta de Henrique na mão, Teresa demorou o prazer de ler a sua carta, deixando-se por mais um bocadinho na nostalgia. Recusara-se a estar na praça a acenar um último adeus a Elvira. Beijara-a de manhã como fazia todas as manhãs e dissera-lhe um até logo, como se fosse um dia como outro qualquer. E depois montara a sua égua e partira para caçar, com dois soldados como escolta, na direção contrária. Que falta lhe fizera Alberto, enclausurado agora em Sahagún, traindo-a trocando a espada pela pena.

A recordação deixou-lhe os olhos cheios de lágrimas. Sentia que um tempo acabava. Como sobreviveria sem Elvira, Ximena, Alberto, e até Urraca.

Urraca que, aos 14 anos, estava grávida, triunfantemente grávida, obrigada a repouso, guardada por damas e amas, que velavam pela princesa e pelo seu filho. Porque Urraca não punha a possibilidade de não ser um rapaz, finalmente o herdeiro legítimo ao trono.

Subestimavam Zaida, a princesa Isabel, subestimavam o imperador, que encontrava todos os pretextos para ir a Toledo ver o filho.

De quem tinham mais a recear agora, pensou, mordendo o lábio, de Urraca e Raimundo, e do neto que aí vinha, ou do pequeno Sancho Afonsez, que crescia, diziam, em força e determinação? Por qual deles iam os barões portucalenses lutar, pensou, finalmente abrindo a carta de Henrique.

Era apenas uma curta nota, a dar conta da dificuldade crescente de

Raimundo em proteger Santarém, depois de ter perdido Lisboa e Sintra, de repovoar os territórios conquistados.

Henrique, justo, dizia que não era sério acusá-lo de um falhanço quando se sabia que a força almorávida era imbatível e que a tomada anterior das praças se devera apenas a um plano do pobre do califa de Badajoz, agora morto, e o califado destruído. Ninguém fazia frente aos homens de Yusuf, aos homens de véu sobre os olhos, dispostos a derramar o sangue cristão.

Mas Teresa sabia que o passado se esquece depressa. Que o presente é que importa. Teresa sabia que faria tudo para que o pai não esquecesse que o seu genro mais velho deitara a perder o que ele próprio, Afonso VI, conquistara. Por esta altura, sorriu, o pai já não aceitava desvalorizar a campanha que lhe rendera os territórios na linha sul do Tejo como resultado de outra coisa senão a sua coragem e valentia, a forma destemida como organizara os seus homens e marchara sobre as cidades.

Afonso VI regressaria antes de todos, estava certa disso. Teria tempo de lhe avivar a memória.

Selando de novo o pergaminho, decidiu que era tempo de tomar um banho de leite de amêndoa, deixando as escravas lavar-lhe o cabelo e protegê-lo com sumo de limão e camomila, que lhe davam o brilho, quase o brilho, do sol do Bierzo. Depois escreveria à mãe.

## *Castelo de Urvel, novembro de 1094*

*Ximena olhou com satisfação o tabuleiro de xadrez que Afonso lhe enviara de Toledo, cristãos contra mouros, as peças pintadas com cores magníficas, a pele branca do exército do imperador a contrastar com o rosto escuro dos almorávidas, com os seus turbantes coloridos. Estendeu a mão para a rainha cristã, pintada com as cores de Leão e Castela, e que substituía o grão-vizir dos tabuleiros antigos, perscrutando-lhe o rosto. Gostava de imaginar que aqueles olhos verdes eram os seus, que o cabelo loiro que caía sobre os ombros, preso por uma fita de pedras preciosas e flores, era o da ninfa de Carucedo, a que um dia seduzira o rei de Leão e Castela — queria acreditar que Afonso a mandara fazer assim, uma mensagem discreta de que não a esqueceria nunca. E não esquecia. Com o presente viera outro ainda maior, a nomeação para a tenência do castelo de Urvel e das terras do Bierzo, um lugar de poder que raramente era atribuído a uma mulher. O imperador homenageava assim a mãe das filhas que dava em casamento.*

*Sorriu satisfeita consigo própria, fazendo o cavalo branco saltar duas casas para a frente e uma para o lado: o seu plano resultara! Elvira recebera ouro e terras, e Teresa e Henrique tornavam-se senhores do Condado Portucalense, abrindo todas as possibilidades...*

*Passando os dedos pelos bispos, sorriu de novo: a nomeação para Braga estaria para breve, estava certa disso, e o genro e a filha tratariam de encontrar um bispo que estivesse do seu lado, lutando contra Toledo e Santiago, dando forma à ambição dos nobres portucalenses, ansiosos por autonomia e relevância. Se tudo corresse bem, Raimundo e Urraca falhariam. Falhariam no seu desejo de um filho varão. Assegurara-se disso, infiltrando nas cozinhas do castelo de Lugo uma cozinheira que juntava aos pratos servidos à princesa as ervas que tornavam o útero inóspito a rapazes. E Raimundo falharia no campo de batalha, diziam-lhe os seus informadores que era indeciso, temeroso, sem estratégia, como se vira quando o sogro o tinha deixado à frente dos homens no Sul. Aliando a sua inabilidade guerreira à forma como enchia os bolsos e distribuía lugares e terras pelos francos, em breve teria inimigos por todos os lados e seriam os galegos os primeiros a impedi-lo de se intitular seu rei.*

*Pousando de novo o bispo no tabuleiro, Ximena observou-o: era coincidência ou Afonso também o mandara pintar à semelhança de Diego Gelmirez, que ascendia na hierarquia de Santiago e em breve seria bispo da diocese, apostado, sem escrúpulos e com toda a ambição, a torná-la a mais importante de Espanha. Diego morderia a mão do dono, para espanto de Raimundo e Urraca, profetizou Ximena, sentando-se na cadeirinha que mandara fazer para estar frente à lareira.*

*Só então olhou com atenção para as peças do inimigo declarado. Almorávidas decididos a tomar de assalto todo o Al-Andalus, guerreiros que não temiam a própria morte e que avançavam para norte. Proteger as fronteiras era mais vital do que nunca, guardar Toledo uma prioridade, defender a linha do Tejo junto a Santarém uma prioridade, e povoar todas as terras para que houvesse quem estivesse disposto a morrer por elas. Esperava que Henrique fosse capaz de o fazer, sem se deixar ferir por uma seta ou trespassar por uma lança. Não o conhecia pessoalmente, talvez depois de casar Teresa tivesse a autonomia de se poder deslocar para onde queria, talvez Henrique quisesse saber como era Ximena, que fazia parte de tantas das suas conversas. Teria de esperar, paciente, como paciente aguentara o sofrimento de ver Elvira partir sem a voltar a ver, e ela, mãe, consolara-se com a certeza de que tudo aconteceria como Afonso previa: o irmão mais velho de Raimundo de St. Gilles era frágil, de saúde precária, e dentro em pouco não seria mais desta terra, deixando a Raimundo o título de conde de Toulouse, um dos mais antigos da Europa, e uma imensa fortuna.*

*Mas Elvira pouco quisera saber das previsões dos pais. Elvira estava profundamente apaixonada pelo marido e partira, realizando a profecia lida nos astros. Pobre Elvira, tão meiga e*

*tão leal, que injusto é uma mãe amar mais uma filha do que outra, suspirou. Mas contra isso desistira há muito de lutar.*

## Mosteiro Real de Sahagún, Natal de 1094

Este ano, o imperador ordenara a mudança para a passagem do Natal em Sahagún mais cedo do que o habitual, ainda as neves não cobriam os montes que se viam ao longe e o vento nem sequer começara a soprar pela planície.

— Para que é esta pressa toda, daqui a pouco estamos a celebrar o Natal no dia de Todos os Santos — protestou Teresa.

O silêncio da ama fê-la levantar a cabeça do que estava a fazer, imediatamente em estado de alerta.

— O que é que todos sabem e ninguém me diz? — interrogou, zangada.

A ama respondeu rezingona, que a idade e o frio não lhe melhoravam a disposição:

— Cada um deve saber o seu lugar, senhora D. Teresa.

Teresa franziu o sobrolho:

— Deve estar para acontecer uma coisa grave. Mas é estranho, a mãe não me disse nada, e a mãe avisa-me sempre do que está para acontecer — murmurou para si.

A ama encolheu os ombros, não perdoava a Ximena nunca a ter mandado substituir, nunca mais voltara ao Bierzo, nunca mais vira os seus dois filhos, que, por esta altura, nem sequer a reconheceriam, dez anos passados.

Teresa nem deu pela raiva contida da ama, tão segura estava de que nem ela nem nenhuma das suas criadas e damas tinham outro desejo na vida senão o de cuidar dela e a servir. Sentando-se na borda da cama, fixou os olhos no fio de luz que vinha da janela e resmungou:

— Se não me dizes o que se passa, vou ter de ir perguntar ao Alberto. Ou espreitar pela janela até ver chegar Pedro Ansurez e escutar às portas.

Mas não foi preciso. As novidades chegavam sempre às cozinhas primeiro, mas depois subiam aos andares de cima a uma velocidade vertiginosa. O pedido de que fosse ter com a tia Urraca ao escritório era prova disso.

Urraca Fernandez tinha envelhecido neste último ano, o cabelo branco era de um branco que encandeava os olhos, reparou Teresa, ao

entrar na sala onde, entre penas e pergaminhos, a tia Urraca parecia mais um dos grandes livros de capa de couro gasta pelo tempo.

— Há quase dez anos que te ensino e há dez anos que não consigo que batas à porta e peças para entrar — refilou na sua voz estridente, e Teresa, ignorando-a, aproximou-se e beijou-a na face, com um descaramento que estava certa a tia adorava.

— Mas aprendi outras coisas — comentou —, como, por exemplo, que, quando quiser espalhar um segredo, devo assegurar-me de que chega primeiro às cozinhas. Será que os servos têm melhor audição do que nós ou somos nós que nem damos por eles e falamos na sua presença como se não existissem? — perguntou, sentando-se num banco alto, frente a uma das secretárias, onde aprendera a ler e a escrever.

Urraca Fernandez teve vontade de rir. Havia tantas semelhanças entre Teresa e Afonso que não podiam deixar de ser pai e filha. Para ser sincera, pareciam-lhe haver tantas semelhanças entre Teresa e ela própria que por vezes gostava de pensar que a sobrinha era sua filha, a criança que nunca tinha tido, demasiado comprometida com o irmão no governo destes reinos, demasiado satisfeita com o seu papel de *domina* do infantado para que lhe passasse sequer pela cabeça deitar tudo a perder, ficando apenas a esposa de um homem, um joguete nas suas mãos, como eram todas as mulheres que caíam na asneira de casar.

Teresa sentiu-se assustada pelo silêncio:

— Tia Urraca, o que é que aconteceu, porque é que o imperador quer a corte em Sahagún nesta altura do ano?

Urraca voltou a si e sorriu-lhe satisfeita, esfregando as mãos a pretexto do frio, mas Teresa conhecia-a, esfregava-as por ter triunfado. Um qualquer plano maquiavélico estava cumprido a seu favor.

— Diga lá, tia.

— A impaciência não é uma característica que os homens apreciem, Teresa, e agora que vai casar dentro de uns meses...

— Em janeiro, no princípio de janeiro, disse o pai, talvez mesmo em Sahagún.

— Em Sahagún será. Mas antes de ti casa Afonso VI.

A notícia apanhou a princesa de surpresa, e Teresa pousou as mãos com força no tampo de madeira, como se tivesse medo de cair.

— O pai vai casar?

E logo corrigiu:

— O imperador vai casar? Mas com quem?

Como é que Alberto não lhe tinha dito nada, e o que se passava com os informadores de Ximena Moniz, e os de Henrique, que garantia ter também olhos e ouvidos em todo o lado.

A tia Urraca sentia prazer no choque que a informação causara.

— Com a princesa Berta da Toscana, uma princesa italiana.

— Para acabar com o poder dos senhores de França e da Borgonha — ripostou Teresa, rápida como sempre.

— O herdeiro da coroa de Espanha será descendente da linha mais nobre da Toscana.

Teresa franziu o sobrolho, irritada:

— É um plano seu e de Pedro Ansurez, aposto.

— E do imperador, claro. Alguma vez o imperador obedece seja a quem for? — rematou Urraca Fernandez, segura.

— Como reagiu Urraca? Como reagiu perante a traição do seu protetor e guardião? Pedro Ansurez está a sentir que Raimundo ocupa o seu lugar e reage com ciúme?

A tia Urraca Fernandez protestou:

— Lá vem a infanta Teresa com as suas teorias da conspiração. Viu grilhetas nos pés do seu tio Garcia, tentativas de homicídio onde não existem, e agora considera traição que um conselheiro do rei, que o é desde o primeiro dia, recomende um casamento legítimo com o objetivo de obter um herdeiro legítimo.

A palavra legítima feria sempre os ouvidos de Teresa, embora ninguém se atrevesse — a não ser a meia-irmã Urraca — a usá-la quando se referiam a ela ou a Elvira.

Inspirou fundo. Porque reagia assim, se estava tão pouco interessada como os nobres de Leão em ver Sancho, filho de Zaida, subir ao poder. E ainda menos, se possível, suportar a humilhação de Urraca no lugar do pai, nem que fosse como regente para um filho a quem o avô deixara os seus reinos. Viesse Berta. Mas o alerta estava dado: o imperador fora sensível às intrigas e procurava forma de dissipar o poder dos francos. Henrique e Raimundo saberiam ler os sinais. E não ficariam contentes.

Decidiu que não daria mais indicações à tia Urraca daquilo que

pensava ou sentia. Limitou-se a concluir:

— Caso ao mesmo tempo que o meu pai, é isso?

A tia Urraca não tinha resposta pronta.

— Vou falar com ele sobre o assunto. Se o bispo de Toledo vem abençoar o casamento do imperador, certamente que não se importará de oficiar a vossa cerimónia. E afinal os convidados são os mesmos.

Teresa saltou do banco com agilidade, furiosa:

— Tenho a certeza de que o Henrique prefere uma cerimónia só nossa do que casar ao lado da toscana.

Sinceramente, estava certa de que o conde da Borgonha preferia ser casado pelo abade de Sahagún que fosse do que se apresentar no altar ao lado da mulher que lhe podia destruir todos os planos.

## *Paço de Astorga, janeiro de 1095*

*A carta que recebera de Teresa era tão longa que quando desenrolara o pergaminho não lhe cabia no colo. Quebrara o lacre com emoção, o lacre de uma mulher casada, a assinatura de Teresa, condessa de Portucale. Casara o pai e casara a filha, com uns dias de intervalo, ambos em Sahagún, abençoados por cluniacenses, num rito latino, de onde tinham sido erradicadas toda a alegria e exuberância da liturgia moçárabe.*

*Aos 15 anos, Teresa era mulher do conde D. Henrique, autorizada a consumar o casamento, em breve, e Ximena nunca percebera a filha tão feliz. Sem dar por isso sentiu os olhos marejados de lágrimas. Sentia que a tinha perdido um bocadinho. E perder um bocadinho de Teresa doía.*

## Mosteiro Real de Sahagún, janeiro de 1095

A decisão estava tomada. Casadas as suas três princesas, Alberto sentia-se livre do compromisso assumido perante o imperador de velar por elas, selado pela promessa silenciosa que fizera a Ximena Moniz, quando lhe entregara as filhas para que as conduzisse sem perigo ao paço de Leão.

Agora podia seguir a sua vocação.

Disse-o ao abade Diogo, que com um sorriso suave lhe respondeu como se há muito o esperasse:

— Alberto, depois de todos estes anos a servir na corte, não te vai ser assim tão difícil entender as regras desta casa. Procuramos imitar a obediência de Jesus Cristo ao pai, na certeza de que é o caminho mais seguro para a união com Deus.

— Aprendo depressa, ajoelho-me quando se ajoelham, levanto-me quando se levantam, faço como fizeram — disse Alberto, para acrescentar depressa: — Com humildade.

O abade riu:

— A humildade é boa para tudo, meu filho — e piscou-lhe um olho. Abades ou bispos, todos se acabavam por fingir humildes nesta ligação com a coroa, da mesma forma que Afonso, rei e imperador, se fazia humilde perto deles, vergava a cabeça e beijava-lhes o anel...

E, sorrindo de novo, perguntou:

— Sabes que não vais dormir mais do que três horas de seguida?

Quantas vezes não tinha Teresa procurado dissuadi-lo de entrar no mosteiro alegando a exigência das oito horas canónicas, marcadas pelos sinos que se ouviam por toda a vila de Sahagún.

Foi a vez de Alberto sorrir:

— Já estou imune a essa ameaça, senhor abade. Tenho um sono leve e adormeço em qualquer lado, estou habituado a dormir montado a cavalo.

Subitamente consciente do que dissera, Alberto corou aflito.

O abade deu uma gargalhada franca:

— Ou seja, vais aproveitar estar prostrado às cinco da manhã no chão da minha igreja para pôr o sono em dia? E consegues entoar cânticos gregorianos enquanto ressonas? Olha que me parece bem mais difícil do

que te manteres em cima de um cavalo, mas se calhar tens dotes que eu não tenho.

Alberto levou as mãos à cara, as maçãs do rosto ardiam:

— Não, não — disse atrapalhado —, quer dizer que consigo recuperar muito bem do cansaço, os guerreiros conseguem.

O abade fez-lhe um sinal, pedindo-lhe que se sentasse num dos bancos de pedra do claustro, sentando-se ao seu lado.

— Está frio neste lugar. Sabes porque construímos claustros virados para jardins, onde corre água sem parar?

E sem esperar pela resposta acrescentou:

— É a visão do Paraíso que nos espera um dia, o alento de que precisamos nos dias duros, porque há dias duros, muito duros...

Apontando para uma figura monstruosa, de várias cabeças, esculpidas no topo da coluna de pedra que lhes fazia face, exclamou:

— As tentações do Diabo estão em todo o lado. Cá dentro também, não imagines que conseguimos um círculo de fogo para as manter de fora. São as tentações da comida, que por vezes não resistimos a ir roubar à despensa, a inveja, a luxúria; por vezes basta o roçar da camisa de lã que usamos junto ao corpo para nos despertar os desejos da carne, que é preciso controlar. Mas, mais do que tudo, Satanás tenta-nos através dos pensamentos...

Alberto tinha os olhos no chão, incapaz de suster o olhar de D. Diogo. Sabia bem a força dos pesadelos todas as noites, sabia bem que fora usado por Ximena, que montara a armadilha da tentativa de envenenamento de Sancho, fazendo dele o mensageiro do aviso ao imperador...

O abade observou-lhe a expressão:

— Isto não é um lugar de refúgio de corações despedaçados, mas mentia se não dissesse que aqui esses corações se tratam e curam, que aqui se encontra outro sentido para a vida, quando lá fora já nada nos alicia. Mas és novo de mais para desistir, filho, não há só uma mulher para cada homem.

Alberto protestou:

— Não estou aqui para fugir de nenhuma mulher, até porque há mulheres de que não conseguiremos fugir nunca...

— Mas conheces a regra? Nunca mais, em pensamentos ou atos, te

unirás a uma mulher. Hugo de Cluny tem sido firme, porque em muitos mosteiros se tem fechado os olhos à concupiscência, e mesmo o clero secular envergonha quando esquece os votos de celibato e vive em adultério, dando maus exemplos, de uma só vez desrespeitando os votos que fizeram e desrespeitando o sagrado casamento. — A sua voz era mais dura.

Alberto acenou com a cabeça, firme. Agora o abade imaginava que estava apaixonado por alguma mulher, talvez por alguma das princesas que servia, talvez por Teresa, e não era nada disso.

— Estou aqui porque quero dedicar a minha vida a servir a Deus.

O abade levantou-se:

— E encontras consolo no canto?

Alberto contou como o emocionavam as orações entoadas naquele canto seguro e repetitivo, as vozes em uníssono, sem que uma fosse mais importante do que a outra, uma prece aprendida e repetida todos os dias, à mesma hora, como notas de uma mesma pauta.

Disse tudo isto num discurso empolgado e fluente, e o abade pousou-lhe a mão sobre a cabeça, feliz:

— És um homem de Cluny, e com esta fluência talvez o que mais te vai custar aqui será a regra do silêncio.

Alberto, entusiasmado pelo elogio, confessou:

— Escreverei. Em vez de falar, vou escrever.

Pronto, o segredo estava revelado.

O abade olhou-o, procurando ler mais fundo no coração deste jovem soldado que se queria tornar monge:

— Nós copiamos livros, meu filho, copiamos o que outros escreveram, aquilo que é bom para as almas que mais gente leia...

Alberto voltou a baixar os olhos, não estava seguro de que D. Diogo concordasse com os seus planos. Queria contar histórias, queria falar do que tinha vivido, da vida dos que viviam em seu redor. Mas era cedo para o confessar. Primeiro iria copiar e deixar que os outros o ensinassem, como o monge de pele encarquilhada. Ainda estaria vivo?

— Não sei nada, mas tentarei aprender tudo. Copiarei com o melhor dos meus empenhos e viverei das sagradas palavras.

O abade despenteou-lhe o cabelo:

— Vamos ver, filho, vamos ver. Pelo menos aprendeste depressa a

utilidade da falsa modéstia — disse rindo.

— Mas posso começar já? Aceita-me hoje? Trouxe comigo tudo o que preciso.

O abade riu de novo:

— Dado que vais entrar neste sagrado mosteiro sem nada, o que trouxeste já foi de mais.

Alberto empalideceu:

— A espada e um pergaminho? — perguntou.

— Nem a espada nem o pergaminho — respondeu o abade.

Alberto empalideceu:

— Ofereço a espada e queimo o pergaminho — respondeu, levantando a cabeça, os seus olhos claros decididos.

— Bem-vindo, irmão Alberto. Dou-te duas horas para te despedires do mundo. Volta à tarde, pela porta dos fundos, que darei ordens para iniciares o noviciado.

Alberto ajoelhou-se e beijou-lhe a mão.

O escudeiro voltou depressa à hospedaria real. Duas horas para se despedir do mundo? O que fora fazer? Subiu as escadas de pedra, saltando os degraus, a mão direita na espada que baloiçava à cintura, a espada que sentia parte do seu corpo, desde que o seu senhor lha dera há mais de dez anos. Como viveria sem ela? Abriu a porta de madeira, que rangeu, e fechou-a à chave, grato por todos os outros soldados que partilhavam o dormitório estarem ao serviço. Procurou debaixo da enxerga onde dormia o saco onde guardava a pena, o tinteiro e os pergaminhos virgens, onde guardava o pergaminho onde o irmão Raul um dia escrevera a palavra mágica exclamada alto por Ximena, a palavra que protegeria as suas filhas. Anasisapta ou Jesus Cristo, a dúvida persistia. Partiu o lacre e desenrolou a tela devagarinho, o coração a bater tão forte e rápido que o deixava sem ar.

A sua curiosidade estaria a deixar em risco Teresa e Elvira, a quem jurara proteger?

Deixou-se cair para o chão, sentando-se na laje fria, as costas contra a parede de pedra, o rolo no colo.

Restava-lhe agora ver, memorizar e escrever. Contaria um dia a história da menina do Bierzo que cortava ervas como se decapitasse o infiel, que aos seis anos dava ordens ao pai, imperador de todas as

Espanhas, que conduzira à corte de Leão, decidida a assegurar o seu lugar como filha muito amada de Afonso VI. Teresa seria a heroína da sua crónica, mas não a única personagem, pensou, revirando o pergaminho nas mãos. Urraca Fernandez, a tia Urraca, que se dedicara a ensinar-lhe a escrever, escreveria sobre ela, não para apagar tudo o que outros tinham visto e dito sobre a irmã do rei, mas para mostrar o seu outro lado, a face da mulher poderosa e firme, orgulhosa da sua ascendência e decidida a assegurar que as suas sobrinhas estivessem preparadas para honrar a linha feminina da família, servindo a Santo Isidoro, e a Deus segundo as suas possibilidades. Da mulher generosa que acreditara no sonho de um escudeiro. Falaria de Urraca, irmã de Teresa, a quem também ensinara a usar a espada e a montar um cavalo, guerreira ambiciosa, que agora era mulher de Raimundo e que disputaria o trono do pai com Teresa e Sancho, o filho da moura Zaida, com que nestes últimos meses aprendera tanto. Escreveria sobre o passado, o presente e talvez até se atrevesse a adivinhar o futuro.

Sorriu, subitamente divertido, enquanto as «gémeas» Teresa e Urraca fossem vivas, não haveria sossego na Terra nem falta de inspiração.

Decidido, desenrolou o resto do pergaminho, e dez anos depois leu a palavra inscrita.

— Jesus Cristo — disse baixinho.

Sempre o soubera. Só em Jesus Cristo se encontrava a paz. Só Deus Nosso Senhor poderia proteger Teresa e Elvira.

Soltando a espada do cinto, olhou-a agora sem pena. O seu destino tinha sido adivinhado pelo irmão Raul há tantos anos em Astorga. Hoje à tarde entraria pela porta do Mosteiro de Sahagún, sem medo da pobreza, do silêncio, da castidade.

Num pergaminho branco, escreveu:

*Princesa,*

*Cumpro o meu destino, sei que cumprirá o seu. Obrigado por naquele dia, em S. Pedro de Montes, me ter escolhido. Sirvo-a agora, até à morte, com as minhas orações e a minha pena.*

*Irmão Alberto.*

Depois enrolou-o, passou-lhe uma fita e entregou-o a um dos escudeiros mais novos do rei, dizendo-lhe:

— Dou-te esta espada em troca da promessa de que entregarás esta carta à senhora D. Teresa — e perante a alegria do rapaz acenou-lhe um adeus e dirigiu-se a passos largos para a sua nova casa.

# II PARTE

# O SABOR DO PODER (1095-1109)

## Serra do Gerês, primavera de 1095

O caminho serpenteava pela serra do Gerês acima, as folhas verdes a despontar, as árvores a acordarem devagarinho para mais uma primavera. Teresa, montada numa égua ainda nova que o pai lhe oferecera para a viagem, com Henrique ao seu lado, num cavalo lazão, pensou que nunca tinha sido tão feliz na vida. Era a primeira viagem que faziam juntos, a primeira visita ao Condado Portucalense, ao «seu» condado, como não se cansava de repetir. Sorriu para o marido, que lhe apontava o cume mais alto destes montes que teriam de atravessar para chegar a Guimarães — mais tarde ou mais cedo, atiraria à cara de Urraca que ficara com o cruzado mais bonito, mais corajoso e mais inteligente, o conde guerreiro que não perdia praças acabadas de conquistar.

Rodeados de uma pequena comitiva, tinham partido de Leão, em direção a Astorga, onde Ximena Moniz lhes dera a bênção. Como tinham sido animadas as discussões à mesa e pela noite fora, com o tio Soeiro Mendes, um dos barões portucalenses mais importantes e que subira ao Bierzo para dar as boas-vindas à sobrinha. Sentira-se a conspirar, e como lhe soubera bem, pensou divertida.

Braga, falara-se muito de Braga nessas noites, na urgência de lhe devolver a importância de outrora, fazendo frente a Toledo e a Santiago de Compostela, e Teresa não fora capaz de esconder a vaidade por prestarem tanta atenção ao que tinha para dizer, de tal forma que nem a mãe a interrompera, como fazia dantes. Queria acreditar que até Soeiro Mendes e até Henrique a tinham olhado com admiração.

Valia mesmo a pena ser uma mulher casada, constatou, puxando o véu de seda que lhe tapava a cara para o lado, olhando diretamente o Sol que já quase marcava o meio-dia. Prendendo as rédeas numa só mão, libertou a outra para a passar pelo ventre liso, mas cheio de esperança.

Ontem, Ximena ajudara-a a preparar-se para se deitar, dispensando as criadas. Lavara-lhe o cabelo com camomila, e depois aspergira-o com vinagre, untara-lhe o corpo com óleo de rosas, e que bem soubera aquele cheiro a mãe, que associava à mãe desde que se lembrava de si, e em seguida vestira uma camisa até aos pés de seda bordada,

preparada para aquela noite.

«Gosto de pensar que será aqui, nas terras do Bierzo, que conceberás um filho. Lembra-te, Teresa, mais urgente do que tudo é engravidares de um varão», tinha-lhe dito Ximena, enquanto atava as fitas que moldavam ousadamente a camisa ao corpo da filha de 15 anos, o busto seguro, a pele macia e lisa.

Teresa retorquira, assustada: «Mas hoje é quinta-feira, mãe, sabe bem que a Igreja comanda a abstinência às quintas, sextas e domingos, e que a infração é paga com a cólera de Deus.» E era verdade que tinha medo. Mas Ximena pressionara o dedo indicador contra os lábios da filha, em sinal de silêncio. Teresa ainda ouvia dentro de si a voz rouca da mãe: «Ordens de Roma, que te devem entrar por um ouvido e sair por outro. O que tem a Igreja de se meter com o que se passa na cama entre homem e mulher abençoados por Deus, Virgem Santíssima? Já viste quantos dias são proibidos: fora todos os dias em que a mulher sangra, e a Quaresma, o Advento e sei lá mais o que vão inventar esses monges francos. Já pensaste, Teresa, que são homens celibatários, que se vingam do prazer que não podem, ou não devem, ter?»

Teresa lembrava-se de ter retorquido, trémula, que a mãe se esquecia que Henrique era um desses estrangeiros, mas Ximena limitara-se a encolher os ombros: «Se fizeres as coisas bem, ele não saberá, nem quererá saber, a quantas está.»

Recostou-se na sela, deixando os pés baloiçar suavemente de encontro à garupa da montada, observando Henrique, que conversava agora com um dos cavaleiros, os ombros lançados bem para trás, o cabelo dourado e comprido, tão seguro de si. Decididamente, ontem soubera fazer as coisas bem, sorriu satisfeita consigo mesma.

De novo a mão voltou ao ventre — como gostava que ali tivesse ficado vida. Precisavam urgentemente de um filho varão, e a conselho de Ximena usava todas as armas em simultâneo, até já pedira à cozinheira uma dieta de alimentos que aquecem o sangue e tornam homens e mulheres mais férteis. Espargos, cenouras, alcachofras, mandrágoras, a mulher entendera o que pretendia, e melhor do que ninguém saberia o que introduzir no caldo e o que fazer para acompanhar a carne.

Subitamente, ao dobrar uma curva da estrada, as vozes foram

abafadas pelo ruído de uma enorme cascata, magnífica, que caía do cimo de um penhasco entre as rochas e os fetos, transformando-se num lago verde, verde-esmeralda, que brilhava à luz do Sol. Que saudades tinha do som da água a correr, que lhe marcara a infância e que nos últimos anos nos planaltos secos de Leão e Sahagún se limitara a ouvir jorrar dos fontanários que davam de beber às cidades.

Aos poucos foram entrando na floresta mais profunda, onde o sol de abril não conseguia chegar, uma floresta de árvores de troncos escuros, cobertos de musgos que pareciam cabelos verdes de guerreiros, os ramos entrelaçados numa muralha cerrada, como lanças de soldados que se digladiavam num campo de batalha. De um e de outro lado da estrada, pareciam vigiar a sua passagem, prontos a acordar de um inverno longo para os atacar.

Teresa sentiu um arrepio e instintivamente procurou o punho da sua espada, mas não estava lá. Henrique não a deixara usar a espada à ilharga como gostava, como Alberto lhe ensinara. Dissera-lhe que uma condessa não devia chegar armada ao novo condado. Que vinham em paz. Mas sentia-se indefesa sem ela. Porque sabia, sabia bem, que vinham em paz, mas dispostos à guerra, a filha bastarda de um rei, quase criança, e um conde, jovem e estrangeiro, que regressavam a Guimarães para tomar o lugar que os antigos condes portucalenses tinham deixado vazio há tantos anos. Ximena não lhe escondera nada, Soeiro não fizera segredo de como teriam de vencer a desconfiança, mas mais do que isso o poder instalado dos magnatas locais habituados a responder apenas ao imperador, um rei num reino distante, que tinha mais em que pensar.

Não usaria a espada enquanto não a usar servisse os seus objetivos. Faria, pelo tempo que fosse necessário, o papel de esposa obediente, que fala só depois do marido, vista mas não ouvida. Subitamente reconheceu, na forma das nuvens que cobriam o céu, o rosto de Urraca Fernandez, da tia Urraca, que dedicara uma vida inteira a urdir com o irmão os destinos do reino, tão poderosa como ele, detentora de todos os segredos, sempre um passo à frente de todos os outros, numa aliança indestrutível. Seria assim com Henrique, com aquela terra que agora era sua, dada pelo pai, o rei, o imperador, que numa noite de janeiro a tomara nos braços e, encandeado pelos seus olhos verdes,

dissera, como num encantamento: «Teresa, filha minha.»

* * *

Chegaram ao Mosteiro de Santa Maria ao cair da noite. Afonso VI e os seus homens já lá estavam, a caminho de Coimbra, e talvez daí para Santarém, que era preciso proteger a todo o custo, depois do desaire de Lisboa e Sintra.

Teresa estava exausta com o longo dia a cavalo, mas recusou ajuda para desmontar, saltando com destreza perante o espanto do irmão beneditino que segurava a montada pelas rédeas. Quando Henrique reparou em duas monjas que atravessavam o escuro pátio, as mãos em oração, exclamou zangado:

— O teu pai não me tinha dito que íamos ficar num mosteiro dúplice. Nunca teremos a causa ganha se o imperador continua a dar exemplos como estes.

Teresa agarrou o braço do marido com força:

— Que disparate, Henrique — disse, irritada.

Henrique calou-se, mas sacudiu o braço, livrando-se da mão da mulher.

Teresa insistiu:

— Henrique, este era o mosteiro mais em caminho, não faz sentido que nos desviássemos dele apenas porque mantém o antigo hábito de acolher monges e monjas. O imperador limita-se a respeitar os costumes antigos deste condado, que agora é teu. É bom que aprendas com ele.

Henrique, habitualmente calmo, não conseguia sossegar:

— Mas se premiamos com uma visita aqueles que resistem às decisões da Igreja e do papa, a mensagem de que o imperador é fraco correrá depressa...

Teresa fulminou-o com os olhos:

— Cuidado com o que dizes. Cabeças têm rolado por traições menores do que essas.

Henrique sacudiu as botas da terra, fingindo que não a ouvira. Teresa tinha razão. A bonomia de Afonso VI e a forma hábil como parecia estar bem com Deus e com o Diabo iludiam uma vontade de ferro. Era capaz de quebrar um inimigo ou um traidor como quem esmigalha uma formiga

entre os dedos. Sem alarido.

Mas não havia mais tempo para discussões. Henrique foi conduzido para a ala masculina e Teresa para a feminina.

— Nem os casais abençoados por Deus poderiam partilhar uma cela conjunta nesta casa sagrada, queres mais prova da santidade desta gente? — conseguiu ainda sussurrar Teresa a um Henrique que se deixava conduzir por um irmão bonacheirão e conversador.

A irmã que levou Teresa à cama que lhe tinha sido reservada, num dormitório comprido, juntou as mãos ao peito e anunciou:

— O abade pede-lhe que desça assim que se tiver refrescado da viagem.

A criada de Teresa tinha-se adiantado, e num canto da sala, tapada por um biombo, já estava uma tina de água a fumegar, para que a princesa pudesse lavar a cara e as mãos e mudar de roupa.

Afável, a princesa sorriu para a monja e garantiu que desceria de pronto.

* * *

Teresa hesitou por momentos na ombreira da porta. Afonso VI estava sentado numa mesa corrida e conversava animadamente com o abade ao seu lado, as canecas à frente de cada um, obviamente já cheias. O seu sorriso era largo, e a barba agora quase branca tornava-o ainda mais parecido com Moisés. Sorriu. Por muitos anos que passassem, seria sempre a iluminura de Moisés com as tábuas dos mandamentos na mão que lhe viria à memória quando se recordasse do pai.

Desde que Sancho nascera, parecia ter rejuvenescido. Quando a tia Urraca esperara que o irmão se dedicasse, com empenho, a engravidar a pobre Berta, o rei parecia fugir da cama da nova mulher, lançando-se em campanhas militares à menor oportunidade, encontrando todas as desculpas para procurar Zaida e o filho.

«Só ficará prenha por vontade do Espírito Santo», ouvira uma das damas da nova rainha de Leão e Castela lamentar-se. Não tinha dúvida de que Urraca urdia feitiços para que o rei não tivesse mais filhos, sobretudo varões.

Que ingénuos eram todos, pensou. Vira, com os seus próprios olhos,

a alegria com que o pai falava do pequenino Sancho, como lhe trouxera um cavalo de pau e o ajudara a montá-lo, as mãos sobre os seus cabelos escuros, como lhe lembrara o dia em que lhe dera um igual numa das suas visitas a S. Pedro de Montes. Como podia ela, e a própria Ximena, imaginar que a ilegitimidade de Sancho contaria para alguma coisa, quando o imperador proibira fosse quem fosse de mencionar a bastardia das suas filhas mais velhas?

Urraca, Raimundo e até Henrique estavam certos de que os nobres, o bispo de Toledo, Hugo de Cluny e o papa nunca aceitariam no trono o filho de uma moura, mas qual moura, se Zaida se convertera ao cristianismo na véspera de o menino nascer?

Ingénuos, eram todos ingénuos, suspirou Teresa, olhando de novo para o pai. Bastava observá-lo para entender que mudara, que agora era finalmente abu-Afonso, pai de um filho homem, detentor do prefixo que os árabes juntavam ao nome próprio depois de terem gerado um varão, para que todos soubessem que tinham garantido um descendente que cantaria os seus feitos, imortalizando-os. Afonso VI, rei de Leão e Castela, não abriria mão de Sancho. Como não tinha aberto mão dela.

Teresa, sem dar por isso, permanecera quieta, os olhos na mesa principal. A voz do pai despertou-a:

— Teresa, vem sentar-te aqui ao meu lado e ao lado do abade que nos acolhe nesta sua casa.

A princesa sorriu e caminhou para o lugar que lhe apontavam:

— Boa noite, abade Joaquim — disse, beijando-lhe a mão. — Boa noite, meu pai — acrescentou com doçura.

Procurou Henrique e sorriu-lhe: era Teresa, filha do rei Afonso VI e de Ximena Moniz, mulher de Henrique da Borgonha, senhora do Condado Portucalense. Que nunca mais ninguém se atrevesse a fazê-la sentir menos do que era. Muito menos Urraca. Sobretudo Urraca.

## Paço de Guimarães, junho de 1095

Da janela do pequeno paço de Guimarães, Teresa via o castelo no cimo do monte, os andaimes de madeira a revelarem, mesmo ao longe, que já tinham começado as obras de restauro que Henrique comandara que se fizessem mal tinham chegado a esta terra, que agora era sua.

Ficara desiludida com o palácio dos antigos condes, cá em baixo junto da pequena vila, tão modesto e desconfortável quando comparado com o paço de Leão ou a hospedaria real de Sahagún. Pior ainda, tão insignificante quando comparado com o castelo de Grajal de Campos, onde a corte de Urraca e Raimundo crescia e corria o risco de ofuscar a do imperador.

A tia Gontrode Moniz, irmã da sua mãe e mulher do bom Soeiro Mendes, recebera-a com entusiasmo e prometera-lhe que em breve o paço desabitado há tantos anos se revestiria do luxo que a princesa lhe quisesse dar, e desde esse dia, há quase dois meses, que Teresa se empenhava numa tarefa até ali desconhecida, a de dona de casa, mandando vir tecidos e almofadas, tapeçarias e colchas, num passatempo a que descobrira algum encanto.

Mas se as correntes de ar na sala da cúria diminuíam e o quarto tinha já uma magnífica cama, com um dossel de veludo, as saudades de Elvira pareciam não encontrar consolo, e noite após noite acordava procurando na almofada os caracóis da irmã, que durante tantos anos enrolara no dedo para adormecer.

A tia Gontrode ajudara-a a escolher uma pequena corte entre as mulheres e as filhas dos magnatas portucalenses, mas Teresa achava-as demasiado provincianas, desesperando-a a ignorância que revelavam em relação às coisas do mundo. «Henrique, são supersticiosas e beatas, escandalizam-se quando me veem sair para a caça, e a maioria, para não dizer todas, não sabe ler nem escrever», protestava à noite, quando estavam juntos na mesma cama. Henrique pedira-lhe paciência e jurara-lhe que em breve voltariam a Leão e à corte do imperador, levando algumas das damas com eles. «Vais ver que aprendem depressa», dissera-lhe, mas havia dias em que Teresa se escondia no escritório e lá passava todo o tempo que não estava na capela ou em sessões do conselho, de que insistira fazer parte.

Talvez por tudo isto a chegada à corte do seu primo Paio Soares da Maia, o filho mais velho de Soeiro e Gontrode, tinha surtido nela um efeito tão profundo. Paio escrevia, Paio lia, Paio tinha opiniões sobre tudo, discutindo com ela fossem as invasões almorávidas ou a forma de administrar o território, e Paio, como ela, preferia o escritório a todas as outras divisões do paço. Além do mais lembrava-lhe Alberto.

O ranger da porta a abrir distraiu-a dos seus pensamentos, e ao ver que era o primo que chegava sorriu.

— Senhor D. Paio — disse trocista —, o que o traz aqui?

— Um pedido de que vá comigo até ao escritório, onde tem à sua espera mais oportunidades de usar a pena! Como gostei tanto de a ver preparar o foral de povoamento às gentes de Guimarães, tenho mais uma série de documentos para assinar.

Teresa deu uma gargalhada, satisfeita:

— Primo, com que então anda a ler os meus papéis — provocou, e as faces rosadas mostravam bem como lhe agradara o elogio. Nas últimas manhãs assinara com Henrique as primeiras doações, e que satisfação lhe dera o poder dispor de terras e lugares, de decidir quem merecia privilégios e quem não os receberia.

Paio leu-lhe os pensamentos e conduzindo-a ao escritório apontou-lhe a mesa onde estavam já preparados os documentos a testemunhar no dia seguinte. Recebera ordens do conde D. Henrique, que sairá para a caça com os nobres portucalenses e galegos, para apresentar estes documentos finais à condessa, e era o que fazia.

— Os escrivães não têm a sua caligrafia, senhora minha prima, e pedem que os desculpe — disse com ironia.

Teresa debruçou-se sobre os pergaminhos e Paio recuou um passo e ficou em silêncio junto da parede. Em breve, estava seguro, a condessa daria um grito de indignação, ordenando que se corrigisse uma palavra ou frase, determinada a que tudo estivesse perfeito. Era visivelmente aluna de Urraca Fernandez, a que, constava, nada menos do que a perfeição chegava.

Paio tinha a exata mesma idade de Teresa, e desde pequeno que ouvia falar dos encantos da prima, mas também da força do seu caráter, herdado, dizia a mãe, da mais voluntariosa de todas as suas irmãs. «Não te esqueças nunca», dissera Gontrode ao filho quando constara do

casamento de Teresa com Henrique e da doação que o pai lhes fizera do Condado Portucalense, «que debaixo de uma beleza ímpar, de um sorriso encantador e de uns olhos verdes iguais aos da tua tia Ximena está a determinação da senhora do Bierzo.»

O súbito protesto de Teresa interrompeu-lhe os pensamentos, e Paio deu uma gargalhada, descarado:

— Estava a demorar, senhora D. Teresa. Nem queria acreditar que o escrivão tivesse acertado em tudo.

Teresa, ignorando os comentários, passou-lhe para a mão o pergaminho e ordenou:

— Trata de mandar passar tudo isto a limpo. Quero que se diga explicitamente de quem sou filha.

Paio inclinou a cabeça, em sinal de obediência, e saiu do escritório, prometendo regressar logo que possível. Precisava de aprender a controlar a língua, Teresa podia estimá-lo, mas não lhe permitiria que pisasse o risco. A estratégia dos condes era clara: sabiam que Henrique era ainda olhado com desconfiança por ser estrangeiro e que Teresa, sendo filha do rei, era mulher e quase criança, e para combater estas falhas tinham optado, com inteligência, por chamar a si os magnatas portucalenses, comprando a sua lealdade com doações, benefícios, colocando-os em lugares de responsabilidade no governo do seu novo território, esperando ver o poder de que estavam imbuídos aceite sem contestação.

Paio tirava o chapéu a Henrique, pela perspicácia com que arquitetava os seus planos, sempre atento a todas as oportunidades, aproveitando-as com agilidade. A fama de guerreiro corajoso precedia-o e era um trunfo poderoso, sobretudo quando o objetivo de todos estes senhores era partir em campanhas contra os mouros, onde buscavam honra, glória e proventos.

Quanto a si, não gostava particularmente de guerras, preferia os corredores do paço e sentia-se mais à vontade entre livros, tinteiros e penas. Estava confiante de que dia a dia se tornaria imprescindível nesta corte — era esperto, não tinha falsas modéstias a esse respeito, e aprendia depressa com o pai, que detinha já a confiança absoluta de Henrique e Teresa, aparentemente esquecidos de que há escassos meses, não mais do que isso, Soeiro Mendes da Maia fora o braço-

direito de Raimundo e Urraca. Mas esses eram tempos em que o genro mais velho do rei estava nas suas boas graças. Hoje, Henrique e Teresa brilhavam no firmamento, e os senhores portucalenses teriam a inteligência de se arregimentar em seu redor, vigiados pelos condes com olhos de falcão.

* * *

Tábuas corridas tinham sido montadas em cima de cavaletes, formando mesas ao longo da sala. O ruído das canecas de estanho, e do ir e vir de travessas, era abafado pelos tetos baixos de madeira, quase não deixando ouvir a música dos flautistas que Teresa insistira que acompanhassem as refeições.

Os condes sentavam-se em lugar de destaque, ladeados de um lado por Soeiro Mendes da Maia e do outro por Bernardo de Toledo, que os honrara com a sua presença.

— O lado da família Moniz e os parentes do conde D. Henrique, os monges de Cluny — sibilou Paio, com cinismo, à mãe, que lhe deu uma cotovelada com força:

— Tem cuidado com o que dizes! Já sabes que o pai não te quer a ouvir falar de religião — vociferou, enquanto estendia a mão para uma fatia de pão de centeio, ainda quente do forno.

Paio encolheu os ombros:

— Os Mendes da Maia são patronos de Santo Tirso, quer mosteiro mais pró-Roma, pró-Cluny, do que aquele? Mas D. Teresa está dividida, assim como o imperador, sabem bem que ir contra as tradições estabelecidas comporta riscos.

Gontrode encolheu os ombros:

— A mim isso pouco me interessa. Porque é que não vais falar desses assuntos ali com os francos que vieram com D. Bernardo, na esperança de que D. Henrique os ajude a estabelecerem-se por aqui, e depois apresentavas aquele ali, mais alto e de cabelo ruivo, à tua irmã?

O filho olhou-a irritado:

— Mãe, está a brincar comigo! Nem parece irmã de Ximena Moniz. Que D. Teresa não a oiça. Garanto-lhe que a sua sobrinha só passa por mulher submissa, interessada em tapeçarias e almofadas, enquanto lhe

convier. Não há nada que o conde D. Henrique decida sem a consultar. Não subscreve sempre as opiniões dela, mas escuta-a sempre.

— Pudera, ela é que é filha do rei, e a filha favorita — comentou Gontrode.

— Porque a sua irmã foi a mulher que o imperador mais amou — confirmou Paio, pensativo —, mas os senhores de Leão, que são os conselheiros mais próximos de Afonso VI, vão preferir Urraca. Dizem que às portas da morte D. Constança fez o marido prometer que nomearia herdeiros a única filha e o seu sobrinho e genro.

Gontrode chupou os dedos besuntados com a perna de frango que acabara de comer, e olhando de novo para Teresa, em animada conversa com o marido, abanou a cabeça, discordando:

— Fala-se constantemente de Sancho, filho de Zaida, que agora se chama Isabel. A senhora D. Teresa não o diz claramente, mas tenho a certeza de que acredita que será ele a suceder ao seu pai.

Paio sobressaltou-se:

— É impossível. Sancho é filho de uma moura. Os senhores de Leão e Castela nunca o aceitariam.

Gontrode sorriu:

— Claro que aceitam, se tivesses vivido o que viveu a tua mãe, sabias que o mundo dá muitas voltas. Se o imperador apostar nele como herdeiro, no seu único varão, quem é que se vai atrever a contestá-lo, arriscando-se a ser corrido da corte no mesmo instante? Depois da sua morte, será outra conversa...

Paio desafiou-a:

— Então é melhor que escolha um moçárabe para a sua filha, em lugar de a querer casar com um ruivo francês.

— Podes estar certo de que, se se chamasse Sancho, fosse filho de Zaida e futuro rei de Leão e Castela, obrigava-a mesmo a casar. E o teu pai engoliria o orgulho e ia levá-la ao altar!

Paio afastou da sua frente a fatia de pão com carne que permanecia intocada, puxou para trás o banco e levantou-se:

— Vou ver se os documentos que a senhora condessa mandou que fossem passados a limpo já estão prontos. Sempre dou alguma utilidade ao meu tempo.

Gontrode sorriu satisfeita. Adorava provocá-lo. E, além do mais, não

mentia — até Pedro Ansurez casaria uma filha com Sancho, se a tivesse.

## *Castelo de Urvel, junho de 1095*

*Ximena ergueu a caneca de hipocraz, saudando um Deus invisível em sinal de gratidão, e depois bebeu o vinho quente, com canela e amêndoa, de um trago só. Acabara de escrever a Teresa a dar-lhe a boa nova. Urraca dera à luz, depois de um parto longo e doloroso, uma rapariga. Podiam respirar de alívio. A pequenina Sancha Raimundes não vinha retirar o lugar a ninguém. Não havia um neto para embevecer o avô Afonso e levá-lo a considerar a possibilidade de lhe deixar o trono do seu império.*

*A dama que colocara no séquito de Urraca fizera bem o seu serviço, enviando-lhe minutos depois do parto todos os detalhes do sucedido.*

*«Quando as parteiras se calaram, como fazem sempre quando é menina, a princesa Urraca uivou como um animal ferido. Depois escondeu a cara nos lençóis e chorou sem parar», escrevera.*

*Pousou a caneca e nervosamente brincou com o anel que Afonso lhe dera e que nunca retirava do dedo. Era dura a sina das mulheres, desprezadas desde o momento do nascimento, sem posses ou poder, filhas, depois esposas, de quem se esperava apenas que engravidassem e dessem à luz rapazes.*

*Olhou em redor para a sala do castelo de Urvel, para as tapeçarias penduradas nas paredes, as almofadas espalhadas pelo chão, a mesa armada para o jantar, a comida na mesa, e, do outro lado da porta, criados e soldados, e suspirou. Não se podia queixar. Era senhora do Bierzo, com mosteiros sob a sua proteção. Não se podia queixar, mãe de uma filha casada com Raimundo de St. Gilles, em breve conde de Toulouse, mãe de Teresa, condessa portucalense, mulher de Henrique da Borgonha.*

*Mas será que no momento de dar à luz não era ainda pior ser princesa do que mulher do povo?*

*Esperava que Teresa engravidasse depressa. Era urgente que tivesse um rapaz. Esboçou um sorriso triste — como podia condenar os outros, se também ela faria tudo para que a filha fosse mãe daquele que um dia podia herdar o trono do avô. Benzeu-se e pediu ao Céu um trunfo para a jogada seguinte.*

*Mandaria que entregassem ervas com esta carta. Podia revoltar-se contra o destino das raparigas, mas quando chegava à prática, Ximena não brincava em serviço.*

## Paço de Coimbra, verão de 1095

— Viste como os senhores desta cidade de Coimbra hesitam? Como se atrevem! Percebeste que não sabem, ou fingem não saber, quem sou? Que o imperador nos doou estas terras, que és tu quem detém a sua confiança? — gritou Teresa, quando a porta do quarto se fechou e se assegurou de que estava sozinha com Henrique.

O marido pediu-lhe que falasse mais baixo:

— Estão confusos, sabes tão bem como eu que há uns meses estavam neste paço Urraca e Raimundo, oferecendo generosamente benefícios a todos, marcando território, com o beneplácito do imperador. Tenho a certeza de que a carta do teu pai se extraviou — acrescentou, com pouca ou nenhuma convicção na voz.

Teresa levantou os braços em desespero:

— Tanta ingenuidade. Podes conhecer o teu primo, mas a Urraca conheço-a eu e sei do que ela é capaz. Deve ter ficado absolutamente furiosa com Raimundo quando perdeu Lisboa, e não lho perdoará, mas mais zangada ainda estará com o rei por nos ter oferecido a autoridade sobre este reino. Agora é condessa da Galiza, nada mais, ficou de uma assentada sem as terras de Entre Douro e Minho, de Coimbra, os novos territórios até Santarém.

Henrique acenou, preocupado:

— Nem ela nem Raimundo vão aceitar a decisão de Afonso VI de braços cruzados.

— Imaginas como terá ficado fora de si quando soube que Soeiro Mendes da Maia estava em Guimarães para nos receber e prestar serviços? Vai tentar que paguemos caro este privilégio, que aos olhos dela é resultado de uma cabala da minha mãe. Herdou da rainha Constança o ódio a Ximena Moniz, e a mim detesta-me quase tanto. Sempre que puder vai vingar-se.

— Exageras, Teresa. Cresceste com Urraca, não te detesta nada. Ou pelo menos assim tanto — acrescentou rindo —, mas não te preocupes, a cidade vai entender depressa que agora só me tem a mim. Tens de perceber que mais baralhados ainda devem ter ficado quando Soeiro trocou de partido.

— Temos de fazer doações maiores do que as de Urraca. Doaremos

aos mosteiros que seguem a reforma, entendem assim que somos portadores das ordens de Afonso VI.

Henrique impacientou-se e ripostou com fervor:

— Não compramos os monges, Teresa, premiamos os mosteiros que entenderem depressa que a reforma de Roma pretende uma Igreja mais forte, mais independente do poder terreno.

Teresa olhou-o com ternura. Ternura genuína. Admirava a convicção do marido, mas por vezes impacientava-se com a sua ingenuidade.

— Henrique, formula a questão como quiseres. O que importa é que eles, os que estão mais próximos do povo, os que ensinam as crianças nas suas escolas, os que assistem os doentes nas suas enfermarias e acolhem os idosos, entendam, entendam todos, que devem a riqueza que têm às doações dos seus senhores.

Henrique abanou a cabeça e comentou irónico:

— Quem te ouvisse falar não ficaria com muito boa opinião das tuas virtudes cristãs.

A condessa estremeceu, subitamente assustada:

— Não digas isso, amanhã já me confesso, não quero arder nas chamas do Inferno, mas tens de entender que quero merecer a confiança do meu pai, a quem jurámos servir...

— Então, ajoelha-te comigo e reza. Até amanhã pode acontecer muita coisa, vamos encomendar as nossas almas a Deus — disse-lhe o marido, e Teresa ajoelhou-se rapidamente ao seu lado, a mão na relíquia de Santo André.

— Reza para que o meu pai tenha recebido a minha carta de protesto e esclareça tudo isto rapidamente. Coimbra é uma cidade demasiado importante para que se brinque com ela — disse Teresa.

Henrique riu:

— Vou obedecer-te e tenho a certeza de que Deus fará o mesmo. Se Urraca é vingativa, sei que nem eu nem o Altíssimo queremos sofrer as consequências de te contrariar.

Teresa conseguiu rir:

— A tua sorte é achar-te tanta graça.

— Não tanta como eu a ti — disse-lhe Henrique e, puxando-a para dentro da cama, beijou-a com ardor.

«Que seja hoje, que seja antes do ano acabar», rezou baixinho a

princesa, enquanto se entregava.

## Paço de Coimbra, Natal de 1095

Era o primeiro Natal, desde há quase dez anos, que Teresa passava longe de Sahagún. Longe de Alberto, pensou, triste, enquanto uma escrava moura lhe penteava o cabelo e o entrançava com fitas coloridas.

Há quase três meses que estavam em Coimbra, cidade pela qual se tinha apaixonado, sobranceira ao rio Mondego. Afonso VI recebera a carta de protesto da filha, e a 18 de dezembro chegara, finalmente, uma nova ordem do imperador que deixava bem claro que o conde D. Henrique era agora o senhor destas terras. E encarregava-o de descer a Santarém em breve, onde doara carta de foral, procurando que mais gente povoasse aquelas terras.

Por essa altura, os ventos já tinham começado a mudar, e os apoiantes incondicionais de Raimundo foram-se silenciando, e com uma arte que Teresa observava e aprendia rodearam a cúria dos novos condes, maldizendo os senhores anteriores e bajulando os atuais.

Como resumia o seu primo Paio, tão cínico como ela, «estrangeiro por estrangeiro, que ficasse então o que tinha demonstrado maior arte no campo de batalha, que acima de tudo era preciso ordenar que se reconstruíssem os muros e fortalecesse os castelos da raia, postos avançados de uma cidade cobiçada pelo inimigo».

Mas Teresa olhava mais para dentro das muralhas do que para fora, fascinada com a agitação nas ruas, onde se cruzavam gentes tão diferentes, o monge com o rabi, as mulheres de caras escondidas por véus, outras nas suas túnicas simples, e os pregões dos aguadeiros que vendiam água e ecoavam nas vielas estreitas. Tal e qual Alberto tantas vezes lhe descrevera a sua cidade natal, tão cheia de vida e de cor.

Num súbito acesso de saudades, escrevera-lhe para Sahagún, mas o abade D. Diogo devolvera a carta, pedindo-lhe que se refreasse de voltar a enviar correspondência, que o noviço Alberto estava impedido de receber cartas de mulheres.

Enfurecera-se. Não era uma «mulher», mas a filha do imperador, senhora do Condado Portucalense, casada e respeitável, além do mais. Encontraria outra forma. Se uma carta não era entregue, Alberto teria de vir a Coimbra recebê-la.

Subitamente sentiu outro ânimo, já pouco lhe importava o dia triste e a

chuva lá fora.

Impaciente, irritou-se com a criada moura:

— Já acabaste? Como achas que vou conseguir manter-me aqui quieta com este frio? Onde anda a lenha, a lareira vai-se apagar!

A moura teve vontade de lhe puxar o cabelo com força ou de deixar que o pente lhe arranhasse o couro cabeludo, mas conteve-se, a vida já lhe ensinara que bastava um erguer de sobrancelhas, ou um tom de voz alterado, para receber uma reprimenda, quando não pior. Se o dia a dia das criadas era penoso, o das escravas dependia apenas da boa vontade das senhoras, e Teresa era demasiado temperamental para que arriscasse. Na sua voz cantada, limitou-se, por isso, a lembrar a princesa de que estavam na consoada e todos andavam ocupados.

A condessa pareceu subitamente alegrar-se com a ideia das frutas caramelizadas, de que tanto gostava, das laranjas abertas em gomos, polvilhados com sementes de romã.

— Se não há lenha, há casacos — comentou, agora sorrindo, e a serva trouxe-lhe um abafo de pele de urso, oferecido por Henrique.

Quando desceu à sala e se sentou ao lado de Henrique, em cadeiras forradas a veludo carmim, sussurrou-lhe ao ouvido:

— Posso pedir-te um presente de Natal?

Henrique sorriu, divertido:

— Tenho a certeza de que me vais pedir a Lua...

Teresa deu uma gargalhada curta:

— Desta vez quero apenas que mandes vir Alberto.

## Mosteiro Real de Sahagún, janeiro de 1096

Alberto largou as penas que afiava, pousando-as apressadamente na secretária, e seguiu o irmão que lhe trouxera o recado. Era urgente. D. Diogo queria falar-lhe com urgência. Subiu as escadas acelerando o passo, baixando a cabeça para passar nos arcos de pedra mais baixos. Crescera uma mão-travessa neste ano em Sahagún, e emagrecera mais do que isso, com este regime alimentar de apenas duas refeições por dia, pão, hortaliças e um copo de vinho, peixe por vezes e carne só em dias de festas religiosas, que, felizmente, pensou com um sorriso, não faltavam. Ofegante, parou para respirar fundo antes de bater à porta da cela de D. Diogo, com cuidado de que o toque fosse suave, a impaciência não era uma virtude.

O sobrolho do abade estava carregado e ordenou-lhe que fechasse a porta atrás de si, o tom mais brusco do que o habitual.

— Tenho um pedido de D. Henrique para que vás a Coimbra.

— Coimbra! — exclamou Alberto.

A expressão de perplexidade era tão genuína que o abade sossegou-o. Todo este plano era vingança de D. Teresa, despeitada pela devolução da carta, estava seguro de que sim, mas tranquilizava-o saber que o antigo escudeiro da princesa não parecia estar de forma nenhuma envolvido no plano. Fosse como fosse, não se podia dar ao luxo de recusar a vontade de Henrique da Borgonha, sobrinho muito amado do abade dos abades, Hugo de Cluny.

— Precisam de todas as espadas e lembraram-se de ti — explicou.

Alberto fez menção de o interromper. Queria dizer-lhe que os seus serviços aos cavaleiros de Leão e Castela, da Galiza ou do Condado Portucalense tinham cessado quando entrara no templo de Deus, queria explicar-lhe que não havia campanhas em pleno inverno, que tudo não passava de uma cilada, mas o abade fez-lhe sinal de silêncio.

— Não te cabe discutir ordens, ou já te esqueceste da regra da obediência?

Alberto baixou a cabeça, mas de olhos no chão não resistiu a responder:

— Nem sequer espada tenho.

D. Diogo sorriu:

— Que todos os problemas fossem esses, meu filho. Se vais servir D. Henrique, certamente te arranjará espada e cavalo. Aliás, já mandou ambos.

Alberto levantou a cabeça, espantado:

— Mandou um cavalo?

— Um palafrém, o cavalo de batalha espera por ti quando chegares, certamente.

O abade aclarou a voz e comunicou:

— Deus escreve direito por linhas tortas. Talvez não seja pior este teste. Ias tomar votos por agora, não era?

Alberto disse que sim. A cada segundo que passava estava mais certo de que era vítima de mais uma ideia mirabolante de D. Teresa. O que prepararia desta vez a nova condessa?

Enquanto o abade falava sobre a importância de servir a Deus e aos homens, Alberto sentia a excitação crescer. Há quantos anos não voltava a Coimbra, estaria a mãe ainda viva? Levaria a pena e os pergaminhos e tomaria nota de tudo, precisava de conhecer a nova corte, voltar a ver os campos verdes de Montemor-o-Velho, de recolher histórias para a crónica destes tempos que iria escrever.

D. Diogo parecia não reparar no silêncio do noviço, estava habituado a falar do púlpito para uma assistência que não se manifestava...

— Lembras-te das exigências da regra? — disse a dada altura.

A pergunta era retórica, e Alberto nem tentou responder, ocupado que estava com os novos planos.

— Castidade, obediência e pobreza! Exigências mais difíceis de cumprir na corte de reis do que entre as quatro paredes, não te esqueças disso. Dou-te autorização para ir, meu filho, e quando voltares tomarás então votos. — E talvez, então, aquela mulher te deixe então em paz, teve vontade de acrescentar.

Mas não o fez.

Alberto inspirou fundo, procurando que os pulmões se enchessem de cada um dos cheiros que o vento trazia. Mentiria se dissesse que cavalgar com um pequeno saco às costas não lhe provocava uma maravilhosa sensação de liberdade.

Sobre as vestes de noviço, fora autorizado a usar a capa dos cluniacenses. No cinto de couro prendera a espada, a sua espada, como

era possível que D. Teresa tivesse a sua espada, certamente comprara-a ao escudeiro, como lhe podia agradecer este gesto, e o cavalo era um dos seus favoritos, que relinchou de felicidade quando lhe deu uma festa no pescoço.

Partiu com a bênção do abade, afinal combater o infiel era uma missão abençoada pela Igreja, tão sagrada como rezar pela salvação das almas.

Alberto não concordava. Era tão mais fácil galopar ao encontro das fileiras inimigas, o sabor a sangue do infiel no ar, inebriante como um vinho forte, a espada na mão direita, erguida alto, o elmo, a viseira e o colete a darem uma ilusão de imortalidade. Mil vezes, milhões de vezes mais difícil era sentar-se em silêncio num banco a rezar, ou espalmado no chão, repetir as palavras do cântico, sem deixar que o espírito voasse para longe, como aquelas pombas brancas que habitavam a cúpula e batiam asas ao tocar dos sinos.

À saída, o irmão copista entregara-lhe um pergaminho, um tinteiro e uma pena. «Usa-os para gravar aquilo que vires e escutares, toma notas porque não te esqueças de que são os monges que escrevem a História», dissera-lhe, antes de o abraçar com força. «E não morras por lá», acrescentara o irmão enfermeiro, fechando-lhe o punho sobre umas folhas que lhe colocara na palma, murmurando: «Usa-as caso o sangue não estanque.»

Mas ao terceiro dia, ao ver Coimbra ao longe, a sua cidade à sua espera, Alberto esqueceu Sahagún, esqueceu todas as recomendações, esqueceu tudo.

## Paço de Coimbra, janeiro de 1096

Teresa estava linda, num vestido de seda verde, da cor dos seus olhos, o cabelo liso e loiro, mais escuro do que se lembrava dele, preso por uma tiara de pedras preciosas, que o impediam de cair sobre a cara. Fizera 16 anos há dias, o rosto tornara-se mais longo e fino, o corpo mais longo e voluptuoso, mas ainda sem ter perdido as formas arredondadas de menina.

Alberto, emocionado, inclinou a cabeça numa vénia e beijou-lhe a mão, mas a princesa não resistiu e deixou que os seus braços o envolvessem num suave abraço.

— Perdoas-me ter-te tirado ao mosteiro? — disse-lhe, como se fossem irmãos, separados desde a véspera.

— Para saber se perdoo ou não, preciso de entender — murmurou Alberto, subitamente tímido.

Percebia agora como se desabituara desta conversa fácil da corte, e parecia levar mais tempo a encontrar as palavras. Teresa deu uma gargalhada divertida:

— Não sabes se podes perdoar Teresa de Leão, senhora de um reino que vai do Douro ao Tejo, por menos do que isso foram homens mandados para o cadafalso. — Alberto manteve-se firme:

— Gostava de entender.

Teresa, provocadora, brincou com a tiara, puxando-a para trás:

— Lembras-te como a minha mãe e a minha ama se queixavam de que as toucas não ficavam quietas na minha cabeça?

Alberto sorriu, recordando os dias de S. Pedro de Montes, uma Teresa como um cabrito a trepar aos montes.

— Pois, agora custa-me passar o dia com estas coisas a prenderem-me os cabelos.

— Imagino o que sofrem as criadas — retorquiu Alberto, encontrando de novo a língua e o humor com ela.

Teresa riu:

— Não me vais chamar menina mimada de novo, pois não?

Foi a vez de Alberto rir, e antes que pudesse responder, Teresa fulminou-o com o olhar:

— É que nem te atrevas! Julgas que já não te consigo ler os

pensamentos, nem te atrevas a comparar-me com a minha irmã.

Alberto fez um gesto como se estivesse a selar a boca, e a princesa voltou a sorrir:

— Já não queres saber porque te chamei? Tentei dizer-te por carta, pedir-te para vir de uma maneira menos espalhafatosa, mas o abade de Sahagún devolveu-ma!

Alberto olhou-a estupefacto. D. Diogo de Sahagún não sabia, decididamente, com quem se estava a meter.

— Exatamente. Não precisas de dizer, basta pensares, que já sabes como é entre nós — disse-lhe, subitamente meiga. — Mas deixemos o abade de Sahagún em Sahagún. Achei que devias vir porque sabia que tomavas votos em breve, e pareceu-me importante que não te fechasses num mosteiro sem antes veres a tua mãe...

A palidez desceu sobre o rosto do noviço:

— Está viva?

— Veio ao paço e pediu para me ver. Os soldados não a queriam deixar passar do portão, mas a minha ama vinha do mercado e ouviu-a falar «do meu filho Alberto» e correu a dizer-me. Dei ordens para que ma trouxessem. Queixou-se de que há anos que não te vê...

Alberto corou, um misto de arrependimento e irritação:

— Tenho estado ao seu serviço, senhora D. Teresa.

A princesa fez um trejeito de desprezo:

— Não me uses para mascarar as tuas falhas. Mas agora deixa-te disso, o que importa é que a vás ver depressa. Achei-a trémula e frágil, não me parece que viva muito mais. — Alberto, num gesto impulsivo, dobrou o joelho ao chão e beijou-lhe de novo a mão, agradecido.

Teresa passou-lhe a mão pelos cabelos:

— Agora vai ter com ela.

## Paço Real de Leão, Natal de 1096

— Sancha! — exclamou Teresa, correndo para abraçar a sobrinha.

Espantara-se com o salto que o coração dera no peito ao ver a criança que acabara de fazer um ano, sentada num tapete rodeada de brinquedos, aos pés de Urraca.

Com a pequenina Sancha ao colo, debruçou-se para beijar Urraca, que retribuiu, pedindo-lhe desculpa por não se levantar.

— Perdi muito sangue — explicou.

Teresa sentou-se ao lado da cama onde a irmã estava deitada, frente à lareira, o rosto tão pálido como era rosado o da sua filha.

— Tenho muita pena — disse Teresa.

Urraca, que não acreditava por um minuto na sinceridade da irmã, fez um gesto com a mão como quem diz «prefiro não voltar a falar nisso» e perguntou:

— E tu, já conseguiste ficar de esperanças?

Teresa sentiu um nó na garganta. Nada parecia resultar, as damas diziam-lhe que ainda era nova, e Ximena recordara que só fora mãe aos 18 anos e que era preciso paciência. Sentando-se numa almofada, pousou de novo a sobrinha junto dos brinquedos, e sem responder à irmã escolheu de entre eles uma boneca de trapos:

— Esta é a que o pai nos trouxe de Toledo quando éramos pequenas?

Urraca sorriu e por segundos o rosto suavizou-se:

— Ainda te lembras? A minha ama guardou todos os meus brinquedos. Mas esse elefante aí foi o pai que lhe deu há dias.

Teresa estendeu a mão para o elefante bordado a mil cores e comentou:

— É um brinquedo árabe. Trouxe-o de Toledo — acrescentou com ironia.

Um pouco de cor subiu ao rosto de Urraca quando lhe disse:

— Chega-te mais perto, o que tenho a dizer é só para ti.

Teresa aproximou-se, curiosa:

— Ainda não sabes?

— Não sei o quê?

— Que o pai trouxe de novo Zaida para a corte. Aliás, diz-me Pedro Ansurez que a corte está tão árabe que este paço mais parece o palácio

de um califa — acrescentou desgostosa.

Teresa quis saber mais:

— E Sancho veio com ela?

— Claro que sim, e fica fechado nos seus aposentos, e um provador prova antes tudo o que lhe é dado para comer. Por ordem do imperador.

— Ordens do pai — confirmou Teresa incrédula. — Mas acreditam que alguém o quer matar?

Urraca anuiu com a cabeça:

— Desconfia de todos, dos nossos maridos, sobretudo.

Teresa olhou-a, incrédula:

— Estive com ele, tratou-me como sempre, até nos convidou para passarmos o Natal na corte, estás a mentir.

— Juro-te que não estou.

— Só se o teu querido Pedro Ansurez intriga — protestou Teresa.

— Só se o teu Soeiro Mendes da Maia sussurra contra mim e Raimundo — protestou Urraca.

— Deixa-te disso agora, explica-me só: o imperador vai nomeá-lo herdeiro, é para isso que nos reuniu aqui?

— Não, não, não digas isso. Não vai chegar a isso — protestou Urraca, a voz a esganiçar-se, assemelhando-se à de Urraca Fernandez. — A herdeira de Afonso VI sou eu. E Raimundo — acrescentou a contragosto.

Teresa ia protestar, mas recordou a exigência de Henrique quando vinham a caminho — «Nem uma palavra sobre a sucessão. Não respondas a provocações, não digas nada. Tudo se pode virar contra ti, contra nós» — e limitou-se a dizer:

— Falemos de outra coisa, o que será, será.

Urraca concordou, e o choro de Sancha desviou convenientemente o rumo da conversa:

— Não me disseste o que achas da minha filha?

Teresa pegou de novo ao colo na criança e passou-lhe a mão pelo cabelo encaracolado:

— É linda e tem os olhos azuis do Raimundo.

— Mas não é um rapaz — lamentou-se Urraca —, e tenho a certeza de que este, quer dizer, aquele que trazia no ventre, era um menino.

Teresa abanou a cabeça, fingindo-se contristada:

— Será para a próxima — disse, e Urraca, despeitada, irritou-se:

— Não respondeste à pergunta: não consegues engravidar?

— Será em breve — respondeu Teresa, secamente. — E a rainha Berta? — perguntou. — A rainha não engravida?

Os lábios de Urraca formaram um sorriso, discreto, escorregadio, de quem não pode confessar a satisfação que sente:

— Não. Parece que está muito doente.

Teresa, espantada, perscrutou o rosto de Urraca, e Urraca desviou o olhar. Com que então Urraca tratara de se assegurar que Afonso VI não teria mais descendência legítima. Menos uma tarefa desagradável que ficava para ela, suspirou.

* * *

Quando Henrique chegou ao quarto, trazia-lhe um saquinho, que lhe estendeu:

— Deu-mo Zaida, discretamente pôs-mo na mão depois do jantar — explicou-lhe o marido, e Teresa sentou-se na cama, com um grito de surpresa:

— Zaida? Para mim? Mas para o que é?

— Disse-me que eram extratos de uma planta doce do deserto e que de onde vem a usam para engravidar.

— Porque é que ela me quer ajudar? — perguntou Teresa, agitada.

Henrique encolheu os ombros:

— Só me disse que todas as mulheres anseiam ser mães.

Não era a primeira vez que Zaida se tentava aproximar dela. Lembrava-se de como Alberto elogiava a compaixão e generosidade da princesa moura, mas nunca fora capaz de corresponder aos seus gestos de simpatia. E agora isto?

Puxou o fio dourado do saco de veludo azul e cheirou as ervas, a medo, lançando-o para o chão — quem era Zaida para se intrometer na sua vida? Mas uma voz dizia-lhe: lembra-te de que ela deu à luz um rapaz. E sem que Henrique desse por isso desceu da cama e discretamente recolheu a dádiva. Estava demasiado desesperada para desprezar esta oportunidade.

## Mosteiro Real de Sahagún, 1 de janeiro de 1097

Alberto sentou-se no banco de pedra do claustro, os olhos postos nos buxos cobertos de geada e na água que jorrava da fonte, no centro do jardim.

Dentro de horas ia tomar votos, no primeiro dia do ano de 1097, repetiu a si mesmo. Tinha visto tantos outros a fazê-lo. Diria que não tinha nada seu. Nem pai, nem mãe. Estava grato a Teresa, juntava essa gratidão a tantas outras, por ter estado à cabeceira da mãe antes de morrer, pobre mãe presa à vida apenas pelo desejo de o voltar a ver, definhara um dia depois do beijo que lhe dera, as mãos a correrem a manta que a cobria em busca das dele, para as apertarem com força.

Não tinha nada seu, nem mãe, nem pai, repetiu a si mesmo de novo, renunciava a toda a propriedade, para sempre.

Nessa madrugada fora ao irmão camareiro, buscar a roupa que seria sua a partir de agora: dois pares de ceroulas, seis pares de meias grossas para o inverno, no verão andavam descalços ou de sandálias abertas, uma túnica preta de lã, que chegava aos pés, e um cinto. O escapulário, como se sentira importante quando o irmão lhe entregara o escapulário, a túnica sem mangas que só os monges podiam usar, e o capuz em bico que os distinguia.

Os braços estendidos para segurar o seu enxoval, sorriu quando o irmão lhe pôs a capa sobre os ombros, preta por fora, branca por dentro, sinal do mundo contaminado pelo pecado e da alma pura, que devia ser a sua.

«Já não tens mãos que cheguem, levas sobre as costas, que, com o frio que está nesta última noite do ano, até te sabe bem. E espera, falta a pele de carneiro, mas não te habitues a andar com ela, porque senão gelas à noite quando te tiveres de prostrar no chão da igreja», disse-lhe.

Alberto atrevera-se a perguntar se teria direito a sapatos forrados para o inverno, mas de resposta recebeu umas pancadinhas nas costas:

— Na Quinta-Feira Santa, meu filho, Quinta-Feira Santa. No Natal recebes um novo capuz e uma nova camisa, que o Menino Jesus também vem para os monges de Sahagún, e novas meias pelo São Martinho. Quanto a ceroulas, pede-me mais se precisares, discretamente, não gosto de premiar os descuidados — acrescentou

com uma gargalhada.

E olhando-o de novo de cima a baixo suspirou:

— Com o que continuas a crescer, também te arranjarei uma nova túnica quando essa estiver acima do tornozelo, nota bem.

Trouxera ainda um pente de madeira, agulhas e linha.

— Se tiveres alguma coisa para coser, coses tu! E toma uma faca, que podes usar no cinto quando viajares.

Entrelaçando agora as mãos contra o peito, por baixo da capa, repetiu:

— Não tenho nada, nada quero ter.

Mas à segunda vez que entoou o refrão calou-se.

Temia pecar. Não era verdade que nada quisesse ter. Pouco lhe importava a roupa, e já fizera o luto pela armadura de cavaleiro que nunca seria sua, mas seria capaz de matar se lhe tirassem as tabuinhas de cera pelas quais esperara dois anos. Não conseguira esconder a euforia que sentira quando o irmão escrivão lhe passara para as mãos a moldura de madeira, as placas de cera de abelha endurecidas e o estilete com que podia escrever. Um bloco discreto, que cabia num bolso ou num saco e podia levar consigo para qualquer sítio, qualquer lugar. Não se cansava de escrever e apagar, escrever e apagar, uma possibilidade tão difícil nos pergaminhos, em que era preciso cautelosamente rasurar para voltar a escrever por cima, evitando deixar que a tinta borrasse.

Que estúpido fora, pensou, torcendo as mãos ao ponto de ouvir as articulações estalar, que estúpido fora quando não resistira a perguntar:

— É possível dar-me mais do que uma tábua? — Ainda ontem tinha visto na biblioteca novos livros formados por placas ligadas entre si por peças de couro.

O irmão escrivão olhara-o com inveja. Sabia que muitos lhe chamavam, nas costas, o menino bonito do abade, o protegido do imperador, e até, suspeitava, o amante das princesas, sim, estava seguro de que se atreviam a tanto, devia ter sido mais cauteloso. Estremeceu ao pensar na resposta que tinha ouvido:

— Uma chega, e se a perderes não há substituição.

Alberto sentira vontade de usar a nova faca, mas em lugar disso agradecera, inclinando-se em submissão, esperava tê-lo enganado com

uma humildade que não sentia.

Olhou de novo lá para fora, o contraste da escuridão do claustro com a luz do pátio, agora que o sol saíra detrás das nuvens e refletia-se no tanque, em breve os sinos tocariam para as orações.

Pondo-se de pé, jurou a si mesmo que hoje aos outros votos juntaria um em segredo: nunca mais ninguém seria capaz de lhe ler os pensamentos. Nem mesmo Teresa.

## *Paço de Astorga, janeiro de 1097*

*Com as mãos ainda a tremer de frio, Ximena pegara na pena para escrever com urgência a Henrique e Teresa. Acabara de se cruzar no Mosteiro de Astorga nada mais, nada menos do que com Diego Gelmirez, como lhe metia asco aquele cabelo oleoso a cair-lhe sobre a cara, os olhos pequenos mas inquietos como os de um lobo antes de saltar sobre a presa. Diego estava visivelmente satisfeito consigo próprio, as armas de Santiago de Compostela bordadas na capa, a faixa preta em redor da cintura a anunciar uma promoção, e percebeu que vinha do castelo de Grajal de Campos. De receber novas ordens de Raimundo, não era difícil de concluir.*

*Ximena aceitara o convite para jantar à mesa que mandara armar, na certeza de que, se fosse tão parecido como o seu pai como parecia, cederia facilmente à mistura de lisonja e vinho e lhe contaria tudo.*

*Pediu à criada que lhe penteasse o cabelo até que brilhasse, e prendeu-o numa trança única, larga, presa no final por um gancho de pedras preciosas. Desceu à sala, decidida a usar de todo o seu charme e simpatia, embora dissesse a si mesma que Diego não via os outros mas apenas o reflexo de si nos olhos de quem tinha à frente. Prometeu a si mesma não denunciar o escárnio, nem a troça, que sentia, deixando que os seus olhos refletissem apenas a admiração que não sentia.*

*Benzera-se apressadamente antes de dobrar a esquina que lhe dava acesso ao refeitório, que Deus lhe perdoasse, mas era por uma boa causa.*

*Não se enganara, o vinho fresco da colheita desse ano, a aguardente que os monges faziam tão bem e os seus elogios descarados depressa tiveram o efeito desejado sobre a vaidade de Gelmirez, que estava ansioso de contar a quem o quisesse ouvir que acabara de ser nomeado por D. Raimundo administrador da diocese de Santiago. «Mais um passo», repetia, pomposo, sem acrescentar para onde ia a escada, sorrindo como se estivesse certo de que a inteligência de Ximena lhe permitia seguramente entender onde queria chegar.*

*E Ximena entendeu, e felicitou-o pelo seu sucesso, e garantiu-lhe que iria muito mais longe, quem sabe um dia a cátedra seria sua, e Diego acabou por se abrir e confessar que já tinha notícias de Roma, e eram boas, disse, propondo-lhe um brinde.*

*Ximena sorrira, os olhos verdes mais verdes, e levantara a caneca, e engolindo o orgulho perguntara:*

*— Não me disse D. Diego o que celebramos?*

*E o novo administrador de Santiago deu uma gargalhada, e inclinando-se sobre ela sussurrou-lhe ao ouvido, o bafo de vinho a deixá-la sem ar:*

*— D. Raimundo conseguiu que Roma elegesse e consagrasse Dalmácio como bispo de Santiago.*

*E antes que Ximena conseguisse responder acrescentou, como quem tira um trunfo da manga:*

*— Mas mais importante do que isso, o papa concedeu autonomia à diocese, Santiago agora só responde ao Santo Padre.*

*Ximena escondera o espanto e procurara usar de novo a arma da lisonja:*

*— Quem sabe se um dia Santiago não dominaria todas as outras dioceses, afinal é ali que está Tiago Maior, o primeiro discípulo mártir, aquele que todos veneram. Quem sabe se até Braga...*

*Mas mal pronunciara a palavra Braga arrependera-se.*

*Diego era vaidoso, e já estava ébrio, mas nem a vaidade conseguia inebriar a desconfiança. Como podia a mãe de Teresa, a sogra de Henrique, dos condes portucalenses, rejubilar em que Santiago engolisse Braga, como aliás estava nos seus planos.*

*Retraíra-se imediatamente e tentara emendar o passo em falso:*

*— Dizem-me que Bernardo de Toledo vai escolher para Braga um dos seus monges mais inteligentes. E ligado a Roma — arriscou.*

*Diego franzira o sobrolho, com um gesto brusco afastando a franja dos olhos, e esquecendo de novo as cautelas cuspira:*

*— Todos homens de Cluny.*

*Ximena, noutra ocasião, perante outra pessoa, seria a primeira a concordar, mas não queria cair no mesmo erro. Se queria mais informações de Diego, tinha de continuar a contrariá-lo:*

*— Como é D. Dalmácio. Todos homens de Bernardo de Toledo e de Afonso VI.*

*Diego soltou uma risada de escárnio:*

*— Os povos não gostam de ser governados por estrangeiros, nem de ouvir missa rezada por gente que não conhece. E, já agora, os nobres também não... Voltará o tempo em que querem um dos seus a ocupar as cátedras...*

*Ximena queria concordar com ele, mas não podia, queira dizer que a missa em latim e com a liturgia romana afastava os cristãos dos seus lugares de culto, mas engoliu o que tinha a dizer e insistiu em provocá-lo:*

*— E que importa isso, se é o imperador e Bernardo de Toledo que decidem quem é ou deixa de ser bispo. Já se esqueceu do pobre D. Pedro de Braga? O primeiro precisa do segundo para poder escolher os seus bispos, o segundo precisa do primeiro para lhe pagar as contas, não é fácil quebrar um pacto tão conveniente.*

*— O futuro o dirá, mas uma coisa lhe posso garantir já: Braga não pode concorrer com Santiago de Compostela, com o lugar onde está o túmulo do santo.*

*Ximena atrevera-se a continuar a enervá-lo:*

*— Não sei porque não! Afinal Braga tem tantas relíquias. E muito mais relíquias terá em breve. A minha filha Elvira parte em cruzada com Raimundo de St. Gilles e sei que Teresa já lhe pediu que envie todas as relíquias que encontrar, sem olhar a custos...*

*Diego Gelmirez batera com o punho na mesa zangado, mas limitara-se a dizer:*

*— Senhora D. Ximena, garanto-lhe que outros tempos vêm aí. Olhe em seu redor e o que vê? A sala cheia de peregrinos que vão e vêm de onde? De Braga, porventura?*

*Ximena sabia que a cada ano que passava os caminhos que conduziam a Santiago tinham cada vez mais gente, as hospedarias a crescerem como cogumelos para os albergar, os mosteiros, grandes e pequenos, multiplicando-se para os acolher, e diziam-lhe que em Santiago os vendilhões do templo — como lhes chamava — vendiam tudo e mais alguma coisa em cada esquina. Não podia negar que Braga tinha caído no esquecimento. Não podia contar que ressuscitá-la era uma prioridade da sua filha e do seu genro.*

*Estranhando o silêncio, Gelmirez provocou:*

*— É uma pena que a sua filha Teresa, mais bonita não há, aliás agora que olho para os seus olhos vejo de onde herdou ela os dela, não seja a filha legítima...*

*Ximena tinha tossido, e disfarçado a fúria que certamente lhe transparecia no rosto, inclinando-se para o cesto do pão. Levara segundos a recuperar a compostura e acreditava que Diego não tinha percebido o quanto a perturbara.*

*Quando estava segura de que a voz não sairia trémula, respondeu, com ironia:*

*— Não esperava que um fiel lacaio de D. Urraca pensasse de outra forma.*

*Diego entendera que se tinha excedido e desta vez fora ele a recuar:*

*— O que é preciso é que as irmãs unam esforços para que o trono não caia nas mãos do filho de uma moura. Isso sim seria trágico.*

*Ximena nada dissera, havia demasiados ouvidos e demasiado próximos para que se comprometesse com uma opinião acerca do único filho varão de Afonso.*

*Pretextando as horas e a necessidade de partir de madrugada para Urvel, despediu-se com um sorriso:*

*— Muito obrigada por este jantar, D. Diego, e tenho a certeza de que nos voltaremos a encontrar em breve. Afinal, agora os nossos caminhos irão cruzar-se com frequência.*

*Diego levantou-se para lhe beijar a mão, reconhecendo:*

*— Terei de atravessar repetidamente as suas terras, estou certo de que nos voltaremos a encontrar.*

*Nessa noite Ximena quase não dormira, mas não se atrevera a pôr no papel nada do que tinha ouvido, mesmo usando a cifra de Alberto, que continuava a utilizar na sua correspondência com Teresa. Estava certo de que, temendo que o vinho o tivesse levado a falar de mais, Diego Gelmirez ordenaria aos seus homens que a vigiassem e impedissem qualquer correspondência de seguir. Quanto mais tarde Henrique e Teresa soubessem da sua nomeação, mais tarde reagiriam.*

*Mas agora que estava de novo em casa, tinha de fazer chegar a notícia a Coimbra. Era preciso acelerar a nomeação de um bispo para Braga. Era urgente que fosse rapidamente arcebispo. E que todas as dioceses que antigamente lhe pertenciam voltassem ao seu domínio. Por Teresa, por Henrique, mas também, pensou Ximena, porque queria derrotar este homem oleoso e sem caráter que ofendia todos os homens santos que serviam a Igreja.*

*Esfregou as mãos uma contra a outra para que aquecessem, e sem despir o casacão que trazia da rua sentou-se a escrever.*

## Paço de Guimarães, janeiro de 1097

Quando o viu, Henrique abandonou o grupo de homens com quem falava, e acelerando o passo abriu os braços para neles estreitar um monge alto e magro, já de meia-idade, a pele branca e cheia de sardas, pelo menos a que se via, porque quase toda estava coberta por uma longa barba loira. Os olhos eram claros, e mais claros pareciam porque as pestanas e as sobrancelhas, de tão loiras, eram quase invisíveis.

— D. Geraldo, que bom vê-lo aqui! — exclamou, contente, enquanto se afastava para o olhar de novo, e depois rindo-se aproximou-se e beijou-lhe a mão. — Nem sabe como mexi mundos e fundos para que fosse o escolhido. Quando o imperador me disse que finalmente tinha sido nomeado bispo de Braga, não podia ter ficado mais contente.

Antes que Geraldo de Moissac pudesse responder, Bernardo de Toledo, que vinha uns passos atrás, protestou:

— Que o imperador nomeou?

Henrique corrigiu:

— D. Bernardo, desculpe-me. Queria dizer: D. Geraldo, que contente que fiquei quando soube que o papa o nomeou para Braga.

Geraldo pôs-lhe a mão no braço e apertou-o discretamente. Não era o momento de discussões, muito menos para reabrir a ferida, a maior ferida da Igreja, a dificuldade que continuava a sentir em meter na cabeça dos poderosos que as nomeações, fossem de sacerdotes ou bispos, competiam exclusivamente à Igreja. Um poder que, obviamente, imperadores e reis se esforçavam por manter, numa guerra que acabava por ser uma negociação, ou não precisassem uns dos outros. E desta vez Henrique vencera, o que não fora assim tão difícil, atendendo a que Geraldo era um francês e um homem de Cluny, tudo o que o próprio D. Bernardo procurava para uma cátedra vazia desde a destituição de D. Pedro, que com a sua vontade indomável tantas dores de cabeça dera ao bispo de Toledo.

Henrique entendeu o sinal e desviou a conversa:

— Talvez o senhor D. Bernardo não saiba que foi este homem que me deu a primeira comunhão?

Geraldo saudou a estratégia, contando:

— Fui durante muito tempo abade do Mosteiro de Santa Maria da

Caridade, na Borgonha, de que os duques eram patronos. E já então o Henrique nunca parava quieto. Nunca te pedi para me ajudares na igreja, pois não?

Henrique deu uma gargalhada:

— Nunca! Tinha medo que tropeçasse numa vela e incendiasse a abadia.

— Ou pior, que cantasses! — acrescentou o novo bispo.

Teresa, que se mantivera invulgarmente calada, esperando que o marido a apresentasse, não resistiu a entrar na conversa:

— Já desafinava então? Felizmente o padre confessor dá-lhe sempre o silêncio como penitência.

E dando uns passos em frente beijou o anel do novo bispo, dando-lhe as boas-vindas.

Geraldo prendeu as mãos da condessa nas suas e durante uns segundos os seus olhos cruzaram-se, como que a medir forças. Geraldo teve, desde aquele minuto, a certeza absoluta de que o esperava uma longa e difícil tarefa. Lidar com Teresa seria bem mais duro do que com Henrique, disse a si mesmo, e no entanto abraçava o desafio com entusiasmo, havia qualquer coisa nela que apetecia conquistar. Quanto a Teresa, ficou segura de que este era o homem destinado a cumprir a missão. Ximena não se enganara quando há dias lhe escrevera: «A cátedra de Santiago está vaga, mas Diego Gelmirez ganha a cada dia mais força em Santiago. Diz-me fonte segura que prepara uma ida a Roma, e tem já suficiente dinheiro na bolsa para comprar as benesses que deseja para a diocese. Vai ser bispo, não tenham a menor dúvida, e não descansará enquanto não aniquilar Braga ou a reduzir à insignificância. E uma Braga sem poder significa um Condado Portucalense sem poder. Tu, Teresa, filha do imperador, e Henrique não o podem permitir. Dê por onde der, é preciso que Geraldo de Moissac adote a vossa causa como sua. Julgo que desta vez até Bernardo de Toledo percebe o que terá a perder deixando que Santiago de Compostela cresça sem rival. Por muito que lhe custe permitir que Geraldo seja bispo, não se vai opor. Mas Henrique tem de fazer o resto, que haja alguma vantagem em ser estrangeiro.»

O tio Soeiro foi o terceiro a cumprimentar o novo bispo. Teresa sabia que, em nome dos nobres, iria exigir que Geraldo afrontasse diretamente

Gelmirez. Por cima de Bernardo de Toledo se fosse preciso. Mas D. Bernardo parecia ter ouvido Ximena Moniz, ou Ximena escutado D. Bernardo, porque o primaz das Espanhas entrou na discussão, colocando-se a favor da urgência de apelar ao papa que devolvesse a Braga o poder de uma diocese metropolita.

— Amanhã chega D. Maurício Burdino, o novo bispo de Coimbra, que daqui seguirá comigo para lá — revelou D. Bernardo.

Teresa imaginou o comentário sarcástico de Ximena se aqui estivesse: «Mais um francês, mais um homem de Cluny. Não sei como é que a Igreja sobreviveu nestas terras mil anos sem eles.»

Não estava Ximena mas estava Paio, constatou ao reparar que o olhar do primo procurava o seu. Os Moniz não estavam, decididamente, completamente convertidos à hegemonia francesa, mesmo quando dormiam com eles na cama, pensou, abrindo o seu sorriso mais doce e encantador.

## *S. Pedro de Montes, fevereiro de 1097*

*Ajoelhando-se na igreja de S. Pedro de Montes, Ximena rezou ao lado do corpo de um monge, estendido numa esteira de palha em frente do altar-mor, o rosto encarquilhado, uma túnica branca sem adornos.*

*Ximena atravessara as montanhas cheias de neve, apenas com dois escudeiros, para lhe prestar uma última homenagem. Não lhe voltara a falar em vida, pensou com amargura, não o podia fazer, mas dera-lhe abrigo, uma cela e comida no prato. E fora a ela, e a este pequeno mosteiro perdido nos vales do Bierzo, que o velho bispo de Braga se quisera recolher em horas de aflição.*

*D. Pedro, bispo de Braga, destituído por Roma por fazer frente a Bernardo de Toledo, por tentar restituir a sua diocese à grandeza que merecia, bastião de um Condado Portucalense poderoso e livre. Mantivera-o ali anónimo, nem os outros frades sabiam quem era aquele ermita com que, por vezes, partilhavam uma refeição. Mas agora era diferente. Agora a sua morte era um sinal. D. Geraldo, o novo bispo de Braga, seria informado do dia, da hora e do local onde o seu antecessor fechara para sempre os olhos. Diria missa pela sua alma na Sé de Braga, que D. Pedro reconstruíra, no altar que pusera de pé e o seu inimigo toledano consagrara.*

*Teresa e Henrique assistiriam, faria questão de que assim fosse, e o seu cunhado Soeiro asseguraria que todos os magnatas do condado estivessem presentes, com as suas famílias. Afonso VI tomaria conhecimento da cerimónia, D. Bernardo de Toledo igualmente, mas, mais importante ainda, Diego Gelmirez teria a certeza de que a revolta se iniciara. Que soava o princípio de uma nova era.*

*Benzendo-se, Ximena ergueu-se decidida a que tudo se cumprisse. D. Pedro de Braga era-lhe tão útil na morte como tinha sido em vida, sussurrou para si mesma. Paz à sua alma.*

## Paço de Guimarães, março de 1097

Teresa puxou as cortinas da cama de dossel e esperou que Henrique se deitasse ao seu lado para lhe sussurrar ao ouvido:

— Finalmente fomos abençoados.

Henrique susteve a respiração, sem querer acreditar no que a mulher lhe dizia. Tinha medo de se mostrar contente, quantas vezes não o fizera, para descobrir que afinal a bênção terminava cedo e o sangue levava a esperança. Teresa sentiu o rosto crispar-se na escuridão, os punhos a cerrarem-se, mesmo sem querer.

— É mais tarde desta vez. Esperei mais tempo antes de te dizer. As minhas mulheres já confirmaram. Vai ser um rapaz, sei que vai ser um rapaz. Será o primeiro neto varão de Afonso VI.

Henrique beijou-a sofregamente nos lábios e passou as mãos suavemente pelos peitos, levando Teresa a gemer:

— Não toques aí, doem-me tanto.

Henrique recolheu as mãos, aflito. Não queria estragar o que tinha demorado tanto tempo a conseguir.

Teresa riu:

— Não me vou partir aos bocadinhos, a dor é sinal de que tudo corre bem.

Henrique entusiasmou-se:

— Vamos dizer ao teu pai, já podemos dizer? Para que se saiba.

— Que é um rapaz, sei que é um rapaz — sussurrou Teresa, aconchegando-se perto do marido. Na verdade, que sabia ela? Usara vez após vez a farinha de tâmaras que Zaida lhe dera, naquele abençoado saquinho, e finalmente engravidara. Depois tomara todas as infusões que a mãe lhe enviara, e a tia Gontrode encomendara do mercado, em segredo, espargos verdes que trincava certa do seu efeito.

Henrique quis acreditar. Teresa era sempre tão segura nas suas opiniões, tão convincente, que estava certo de que, se dizia que era um rapaz, seria um rapaz.

— Comparada com essa notícia, a que tinha para te dar não tem importância nenhuma — suspirou Henrique.

E com isso despertou imediatamente a curiosidade da infanta:

— Vi que tinhas recebido uma carta do meu pai, o que é que dizia?

Henrique encheu o peito de ar, satisfeito.

— Reforçou a minha autoridade entre o Minho e o Tejo, mas, melhor do que isso, enviou-me um mandado que me permite pôr na ordem o nosso caro D. Maurício e intervir naquela disputa que tenho com ele sobre os impostos e o risco. Tenho carta branca do imperador.

Teresa soergeu-se num braço, contente:

— Com os cordões da bolsa nas tuas mãos, o nosso querido amigo vai ser mais humilde.

E passando-lhe a mão no rosto sorriu-lhe satisfeita:

— O meu pai confia em mim. Confia em nós — acrescentou rapidamente. — E quando souber que vai ter um neto, um neto varão, vai perceber que é o nosso apoio que não pode dispensar.

Henrique concordou:

— Temos de ser firmes na questão de Braga, como a tua mãe tão bem nos recomenda. Não podemos deixar que Gelmirez, que vai acabar por comer as papas na cabeça do meu primo Raimundo, estou certo disso, continue a somar poder em Santiago de Compostela.

— Nas nossas últimas conversas com D. Geraldo senti que estava a começar a impacientar-se com os golpes baixos de Gelmirez em Roma. Não seria bom que Geraldo fosse também ele ao papa, afinal nesse campo tem vantagens, é cluniacense...

Henrique concordou:

— Já escrevi a Hugo de Cluny, que me diz que neste momento o papa só pensa na cruzada, temos de esperar um pouco. Mas o próprio tio Hugo prometeu-me falar-lhe na questão.

Teresa franziu o sobrolho.

— Temos de aliciar mais mosteiros a Cluny, por aqui a resistência ainda é enorme. E compreensivelmente — suspirou.

— Compreensivelmente, não — impacientou-se Henrique. — Como te disse mil vezes, uma Igreja que não é una é uma Igreja sem força...

— E isso é mau para nós? — perguntou a condessa, bem consciente de que a sua autoridade ganhava num território que se virasse mais para as vontades dos seus senhores do que para o Santo Padre em Roma.

Mas Henrique irritou-se:

— Pareces o teu pai a falar. Tanto quanto possível, a Deus o que é de Deus, a César o que é de César.

Teresa irritou-se com a hipocrisia do marido:

— E o que é de César para Deus, quando se trata de construir uma abadia.

Henrique sentou-se na cama, enervado:

— Pareces uma dama da corte a falar, daquelas que só percebe de ponto de cruz e repete umas alarvidades que o marido, ignorante, diz em casa — disparou.

O tom de Teresa também subiu:

— Dado que essas são a maioria, faço bem em saber como pensam...

— Saber como pensam não é pensar como elas. Teresa, temos de jogar nos dois tabuleiros, precisamos de conseguir a confiança dos nossos súbditos, e simultaneamente da Igreja. E nisso tens razão, temos de doar mais terras e fontes de rendimento aos conventos que sigam a regra beneditina e se inspirem em Cluny, é a melhor forma de os outros perceberem que vale a pena andar para a frente...

— Ou para trás — concluiu Teresa, que preferia ter a última palavra.

Henrique suspirou:

— A estas horas, o que queiras. Mas a minha prioridade é descer a Santarém para confirmar que as fortificações da cidade estão feitas. Agora que o tempo aquece, os almorávidas vão voltar, tenho informações disso.

Teresa estremeceu:

— Se ao menos Yusuf fosse assassinado, a cabeça do mal cortada. Não é possível uma emboscada? Os súbditos de Al Mutamid, califa de Sevilha, morto na prisão em África, querem certamente vingar-se?

— Já tantos tentaram, e nem próximos de Yusuf conseguiram, acabando torturados e mortos. São dissecados vivos, lenta e cruelmente, nas praças públicas, para que ninguém lhes siga o exemplo.

— Não admira que, por muito que tu e o meu pai, pessoalmente, marchem por estas terras em busca de povoadores, ninguém queira arriscar a vida e a dos seus mudando-se mais para sul.

— Mas é por isso que temos de tentar. Os terrenos são férteis, a agricultura é boa, e quanto mais tiverem, menos quererão perder, ficando mais dispostos a juntar-se a nós quando for preciso defender o que conquistaram do infiel. Se ao menos conseguíssemos Lisboa, Teresa. Lisboa é um ponto estratégico.

Teresa rebolou sobre a barriga, sorrindo ao sentir como o seu ventre tão liso nas últimas semanas assumira formas arredondadas, e segurou a cabeça entre as duas mãos, como se fosse uma criança deitada na relva, num dia de sol.

— Mas Lisboa já é a nossa cidade eleita — riu trocista. — Graças ao facto de Raimundo a ter tão lamentavelmente perdido...

Henrique rebolou, colocando-se na mesma posição que ela:

— Não faz mal estares deitada assim? O peso não faz mal à criança? — quis saber antes de mais nada.

Teresa riu, feliz por ser o centro das suas atenções:

— Não te vais juntar às mulheres à minha volta que me avisam contra tudo. A tia Gontrode é a pior de todas: não posso montar, não posso sair à rua porque basta contemplar algum rosto deformado que o bebé corre o risco de vir assim; e sabe Deus quantos leprosos e doentes há — acrescentou, enojada.

— Podes ter a certeza de que me junto a quem te avisa. Ainda bem que Gontrode Moniz te tenta meter na cabeça algum juízo. Em França, lembro-me de as minhas irmãs terem medo de ver uma *bougie soufflé*, como é que se diz em português, ah, já sei, uma vela subitamente apagada pelo vento, por se temer que o bebé morresse na barriga da mãe.

Teresa benzeu-se apressadamente:

— Que pensamento horrível... É o Diabo que passa e leva toda a luz com ele.

Henrique arrependeu-se de a ter assustado:

— São disparates, superstições, então neste paço estávamos todos mortos, porque o que mais há são correntes de ar — acrescentou, tentando fazê-la rir.

Mas Teresa ficara perturbada. Não queria por nada deste mundo perder o bebé que crescia dentro de si, e Henrique tinha razão, cabia-lhe fazer tudo para o proteger. Vendo-a calada, Henrique lembrou:

— Tu, que gostas tanto de ler, vais encontrar com certeza um livro de algum médico judeu ou árabe que te explica com certeza o que faz mal e o que não faz. Talvez Alberto te encontre um na biblioteca de Sahagún...

Teresa mudou de posição, encostando-se ao corpo quente do marido, deixando-o pôr os braços em redor dos seus ombros.

— Vou rezar a Santa Margarida, rezas comigo.

E, sossegados pela ladainha, acabaram os dois por adormecer.

* * *

A tia Gontrode ameaçara-a com o Inferno se insistisse em galopar pelos montes, ao lado dos homens, em perseguição de gamos e raposas.

«O Inferno, isso mesmo, que é o lugar onde ardem as mulheres que não aceitam o seu desígnio, cuidando da semente que o Espírito Santo lhes depositou no ventre», pregara. Teresa ainda começara a rir, será que a tia ainda não entendera a relação de causa e efeito que presidia à conceção, mas ao ver a rispidez da irmã de Ximena Moniz, calou-se. Sabia o que tinha lido nos compêndios de medicina dos árabes, que Alberto lhe mostrara em Leão, mas como podia ter a certeza absoluta de que Deus todo-poderoso não condenava às chamas as mães que descuidavam a sua missão?

Por isso, contra vontade aceitara. Mas apenas as caçadas, deixara claro, porque se recusava a viajar de liteira puxada por cavalos, enervava-a estar ali presa, sem o vento a passar-lhe nos cabelos, e os olhos livres para verem tudo à sua volta. Já bastava que Henrique não a deixasse levar a espada.

Agora que não podia sair com os outros, nestas manhãs de sol, sentava-se junto da janela, e via-os partir, em grupo, as trompetas dos soldados a anunciar a abertura dos grandes portões, o som do casco dos cavalos a fazer tremer a terra, as capas coloridas dos senhores do Condado Portucalense tornando-se pontos cada vez mais pequenos no horizonte.

Quando deixava de os ver, ia procurar Paio e esquecia tudo mergulhando nos livros de contabilidade ou nos documentos que Henrique já lera, certamente, porque acordava sempre com o cantar dos galos.

E era no escritório que estava quando um criado lhe trouxe uma carta acabada de chegar.

— É de Elvira, Paio. — E quebrando o lacre sentou-se num banco alto e começou a ler.

*Minha muito querida irmã,*

*Tenho-me lembrado de ti todos os dias enquanto vamos percorrendo estas estradas a caminho de Constantinopla. Raimundo comanda um exército de mais de cinco mil homens e uma retaguarda de carroças com os mantimentos de que precisamos para a viagem que tem sido bem mais longa e difícil do que tínhamos imaginado.*

*Quando a estrada é boa, chegamos a percorrer 35 quilómetros por dia, mas têm sido duros estes tempos. Sou praticamente a única mulher neste grupo e tenho visto coisas que nunca imaginei assistir, mas a fé não vacila. Raimundo partiu com a decisão de passar o resto dos seus dias na Terra Santa, e anima-me a ideia de que vamos ser capazes de resgatar Jerusalém.*

*Não tem sido fácil, nada fácil, e o coração caiu-me aos pés quando Raimundo foi assaltado por bandidos, que o maltrataram seriamente, mas acabaram por o soltar quando perceberam quem era — que Deus seja louvado.*

*Quanto à tua pergunta, não, não estou à espera de um filho, e tudo farei nos próximos tempos para não ficar de esperanças.*

*Reza por mim,*

*Elvira*

Teresa leu de um fôlego. A cruzada de Elvira enchia-a de espanto e inveja. Quem diria que a sua irmã tão assustadiça se tornaria num soldado do exército cristão, que atravessava meio mundo para expulsar o infiel de Jerusalém, suportando as dores da viagem, o cansaço e os perigos, sem saudades do conforto da corte francesa, da corte de Leão.

Passou a mão pelo ventre e sentiu-se estremecer por dentro, também ela estaria melhor numa cruzada. Não podia confessar a ninguém, mas não acreditava que tivesse as qualidades que fizessem dela uma boa mãe. Queria muito um filho varão porque precisava dele, mas não era daquelas mulheres cujo olhar se tolda de comoção quando vê uma criança, sabia que não era.

Lembrava-se de que Ximena lhe dissera, muitas vezes, que só depois de ter Elvira nos braços sentira alguma coisa, e tinha a certeza absoluta do amor da mãe, não tinha? Encolheu os ombros, os filhos serviam os pais, ela era útil a Ximena, não tinha dúvida disso, e era assim que devia ser. Não morrera Cristo para fazer a vontade do pai?

Paio, intrigado com o silêncio, quis saber:

— Está tudo bem com a prima Elvira?

Quando Teresa levantou o rosto, o seu sorriso era o do costume:

— Em breve chega a Constantinopla. Vou escrever-lhe a pedir que nos conte tudo. O Henrique é que, quando ouvir tudo isto, vai ter outra

vez vontade de partir, custa-lhe tanto não ser um dos cruzados...

Paio protestou:

— O papa já proibiu os nobres das Espanhas de se juntarem aos cruzados que vão para a Terra Santa. Diz, e com razão, que a nossa cruzada é aqui. Ainda temos de recuperar Lisboa e Sintra, e de procurar ir ainda mais além — suspirou. Ainda bem que Henrique o nomeara camareiro-mor e responsável pela segurança da senhora D. Teresa, sentia-se muito mais feliz numa cama de vários colchões, ao abrigo de um teto, do que a gelar numa tenda, num acampamento militar. Mas não o disse.

## Paço de Guimarães, setembro de 1097

«Santa Margarida, protetora das mulheres grávidas que se colocam sob a vossa proteção, rogai por nós.» A voz de Teresa era já um sussurro, presa entre os dedos da mão uma relíquia da santa, uma lasca do osso do braço, que Elvira, ao saber da gravidez da sua irmã mais nova, lhe mandara do Oriente.

E as dores sossegavam, e Teresa voltava a conseguir pensar.

— Tia Gontrode, leia-me de novo a carta de Elvira — implorava. E Gontrode voltava a ler-lha:

*Minha muito querida irmã, estrela do meu coração. Uma nota breve para te enviar esta relíquia de Santa Margarida, padroeira das mulheres que dão à luz. Raimundo permitiu-me que a comprasse a preço de ouro, porque sabia que mais do que tudo desejava que tivesses contigo* um pedaço *miraculoso desta santa.*

Uma contração voltou e Teresa fechou de novo os olhos, tentando não gritar. Nunca sentira dores assim, o corpo explodia.

— Respira fundo, Teresa, respira fundo — incitava Gontrode com toda a experiência dos seus cinco filhos. E a dor parecia que a deixava, e Teresa voltava a pedir:

— Tia, leia mais, por favor continue a ler.

Com as mãos trémulas, Gontrode segurava o pergaminho e lia:

*Engolida por Satanás, disfarçado de um dragão, salvou-se, rasgando a pele da besta com um pequeno crucifixo que desde menina lhe pendia ao pescoço. Guarda-a junto de ti quando a hora chegar, e sei que Santa Margarida trará esse meu sobrinho, ou sobrinha, ao encontro da luz. E a ti te guardará de todo o mal, fica na paz do Senhor.*

*Da tua irmã que tanto te ama,*

*Elvira*

A barriga de Teresa voltou a contrair-se e a princesa soltou um grito agudo e longo.

— Rezem, rezem comigo — conseguiu dizer.

«Santa Margarida, protetora das mulheres grávidas que se colocam

sob a vossa proteção, rogai por nós», orou a tia, e as vozes das outras damas fizeram coro.

Beatriz, a parteira, parecia alheia a todas as orações, e até à pobre parturiente, dando ordens às duas ajudantes, que traziam alguidares de água tépida, que lhes chegavam da cozinha. A cadeira de parto mandara-a fazer a tia Gontrode ao marceneiro de Guimarães, «porque há de servir muitas vezes, se Deus quiser», justificara a dama quando apresentara a conta ao tabelião para que lhe fosse paga.

— Saiam ali para o canto que aqui só empatam — ordenou Beatriz, e as damas recuaram para a ponta do quarto, sem se atreverem a refilar. A fama da parteira era demasiado poderosa, e o momento demasiado solene, para que pudessem protestar contra o tom da mulher. Uma palavra em falso e não hesitaria em mandá-las sair da sala. — E vocês as quatro — disse, virando-se para quatro outras mulheres que permaneciam imóveis —, está na altura — ordenou, e as mulheres foram para os seus postos, uma em cada ombro da infanta e duas a apoiá-la com as mãos contra as costas. Teresa recebeu a ordem de que fizesse toda a força de que fosse capaz.

De cócoras, quase deitada, Beatriz estendeu as mãos para apanhar o corpo escorregadio do bebé, que finalmente deslizava para fora.

— Tragam-me a faca — pediu, e com um golpe seguro cortou o cordão umbilical, entregando a criança à ama de leite, que já estava pronta para a receber, levando-a para junto da lareira, que mesmo em setembro estava acesa para garantir ao bebé o calor de que precisava.

O silêncio no quarto disse a Teresa tudo o que precisava de saber. Com ou sem espargos verdes, acabava de dar à luz uma rapariga. Que não lhe dissessem o que já sabia.

Mordendo o lábio, chorou. Lágrimas grossas, de dor, porque Beatriz tinha as mãos dentro dela, indiferente aos espasmos dolorosos, de desilusão, de angústia.

— O que vou dizer a Henrique, o que vou dizer a Ximena Moniz — murmurava baixinho, enquanto as parteiras a ajudavam a deitar-se na cama de lençóis a cheirar a sabão e a água do rio.

A tia aproximou-se com a menina já enfaixada, os panos de algodão macio a prender-lhe os braços e as pernas, como um pequeno embrulho, e fingindo não ver as lágrimas deitou a princesa ao lado da

mãe.

— Não te esqueças como és amada pela tua mãe.

Teresa voltou a cara para o rosto da filha, o cheiro de alfazema, mel e linho lavado a envolver aquela criatura tão doce, de olhos muito abertos e determinados, e sentiu um impulso de a segurar junto de si.

— Tia, ajude-me a levantar-me um bocadinho, quero pegar na Urraca ao colo.

Gontrode e as damas estacaram.

— Disseste Urraca, Teresa? — perguntou-lhe a tia Gontrode, dando voz à surpresa de todos.

Teresa parecia tão espantada como elas.

— Durante todos estes meses recusei-me a pensar no nome de uma rapariga. Nem deixei que Henrique o fizesse… e agora sai-me assim Urraca.

— Urraca vai ficar lisonjeada — disse a medo Gontrode.

Teresa observava o rosto da filha, fascinada:

— Como é que um bebé tão pequenino tem expressões tão diferentes — disse, parecendo não ter ouvido nada do que a tia lhe dissera, mas quando Gontrode ia repetir a pergunta, Teresa olhou-a nos olhos, os olhos verdes de fúria: — É uma homenagem à minha tia Urraca, à irmã do meu pai, à mulher que me ensinou tanto, sobretudo que as mulheres podem ter vida própria.

«E muito poder», disse baixinho ao ouvido da sua primeira filha.

A ama de leite esperou junto da cama, paciente, que Teresa lhe desse ordem de levar a princesinha, a quem ia dar de mamar. Junto ao berço colocara mel, pão e ouro, para afastar o mau-olhado e garantir o mais brilhante dos futuros.

Dois dias depois, Urraca Henriques foi batizada por D. Geraldo, arcebispo de Braga, perante o olhar orgulhoso do conde D. Henrique, rodeado pelos senhores de Portucale. Teresa, da janela do quarto onde estava confinada por mais um mês, viu-os sair da igreja com satisfação: filha ou filho, que importava, começava ali uma nova dinastia.

* * *

— Era o que faltava. Sessenta e seis dias por ser uma rapariga,

contra trinta e três se tivesse sido um rapaz? Pouco me importa de onde vem essa ordem, porque não a vou cumprir — gritava Teresa, de cabeça perdida com o confessor, que a impedia de entrar na igreja antes daquela data.

O infeliz saiu dizendo que ia consultar o senhor bispo de Braga, mas que estas eram as ordens que recebera, as regras a que todas as mulheres eram sujeitas. «Pelo menos aqui em Braga, não sei qual é o hábito em França», acrescentou, sem conseguir esconder o acinte na voz para com aquela que casada com um estrangeiro desejava modificar o que estava estabelecido.

Teresa sentiu o sangue ferver. Estrangeira? Como se atrevia aquela criatura a insinuar que a filha do rei de Leão e Castela e da senhora do Bierzo era estrangeira?

Estava disposta a esperar os quarenta dias se também a Virgem Maria os guardara como tempo de purificação, mas no domingo estaria na Sé de Braga, nada menos do que a Sé de Braga, para marcar o regresso à vida. Queria que todos a vissem, segura de si, mãe de uma filha, em breve grávida de um varão, estava certa disso, recusando-se a ser tratada como menos do que era. Entraria na cidade episcopal a cavalo, montando à amazona, por uma vez cederia aos preceitos, e assistiria à missa, com uma vela na mão, um pouco afastada dos fiéis. Tinha de chamar as costureiras ao paço, precisava de vestidos novos, temia ter engordado de mais, olhava o corpo e não o reconhecia, agora disfarçaria as formas, dando ordens à cozinheira para que lhe preparasse apenas caldos. O pior era o pão, o de centeio, e a broa de milho, a que não resistia. Que raiva, porque é que Urraca Raimundes conseguia passar dias sem comer e ficar magra como um choupo?

Vestiria uma túnica larga, com uma capa azul, bordada com estrelas, luas não, luas era blasfémia, só a Virgem nos altares podia ter luas de ouro nos seus mantos escuros como a noite.

Avisaria D. Geraldo de que a cerimónia teria de ser formal, pediria a Paio que levasse uma carta com o seu pedido, só confiava em Paio para não dar com a língua nos dentes. E D. Geraldo leria o prólogo do Evangelho de S. João, e depois desceria os degraus do altar trazendo-lhe o pão consagrado, e aspergindo-a com água benta purificava-a para que pudesse juntar-se a Henrique, nas cadeiras de veludo dispostas à

esquerda do altar, e todos virariam os olhos para os senhores do reino de Portucale, de um Portucale que se estendia do Minho a Santarém, quem sabe se em breve a Lisboa.

## Santiago de Compostela, dezembro de 1097

Urraca estava magnífica, a coroa a moldar-lhe o cabelo que descia abaixo dos ombros, solto, de um castanho-dourado que lembrava as castanhas que saltavam da casca de espinhos e cobriam o chão dos caminhos que levavam os peregrinos a Santiago de Compostela. Teresa olhou-a com admiração e depois baixou os olhos depressa para que a irmã não a apanhasse a observá-la.

Urraca, reparando que a irmã parecia entretida com a leitura da escritura que ia assinar, aproveitou para olhar para ela. Teresa estava linda, ninguém diria que fora mãe apenas há uns meses, a túnica justa, um cinto de ouro a marcar-lhe a cintura, e em redor do pescoço um colar de pedras preciosas que refletiam a luz dos archotes acesos, porque o dia estava escuro, como eram os dias de inverno neste sítio.

Viera apenas porque Raimundo insistira que não podia dar parte de fraca, revelar o quanto a punha fora de si a decisão da irmã e do cunhado de doar à igreja da sua diocese, ao seu santuário, terras como a Correlhã e Monte Maior, ricas em gado e em lenha.

Protestara junto do pai, mas Afonso VI limitara-se a rir — porque ria sempre quando a via enervada — e a dizer que não entendia o desagrado. «Só tens vantagens em que Santiago seja mais rica», comentara. Será que queria que acreditasse que Teresa e Henrique favoreceriam Santiago sem outro propósito que não irritá-la, minar o seu poder, quando tudo o que queriam era fortalecer Braga? Não sabia ainda dizer qual era o plano escondido, mas estava absolutamente certa de que a estratégia servia um interesse que não o dela. Nem o de Raimundo. Nem tão-pouco o de Diego Gelmirez.

Teresa percebeu a irritação de Urraca, com crescente satisfação. «Resultou!», teve vontade de murmurar ao ouvido de Henrique ou de Paio, que, como muitos outros nobres, tinha acompanhado o casal em peregrinação ao túmulo do apóstolo.

Mais desesperado do que Urraca só Diego Gelmirez, ao observar a devoção com que D. Geraldo, bispo de Braga, se ajoelhou nos degraus do altar-mor, em oração. Teresa escondeu com a mão um risinho. Não duvidava da santidade de D. Geraldo, mas tinha a certeza de que sabia da impressão que causaria ao seu maior rival.

Mas não podia ser ela a ingénua. Não visitava esta cidade há alguns anos e ficara de boca aberta perante a sua opulência. Ximena já lha tinha descrito, mas é diferente ler numa carta ou ver com os próprios olhos. A nova catedral crescia já alta, as torres imponentes, os claustros tão grandes ou maiores do que os de Sahagún, mas era a quantidade de gente que mais a espantava. Chegavam em grupos, com o seu bastão de peregrinos, os pés feridos pela caminhada, muitas vezes já de vários meses. Parecia a Torre de Babel, tantas as línguas que se falavam, e enquanto os mais pobres acampavam nos campos em redor, cozendo o pão nos fornos dos pequenos conventos e enchendo a bilha da água nas fontes que Gelmirez instalara em vários pontos, os mais ricos alojavam-se em hospedarias, onde os monges tratavam-lhes as feridas dos pés e ofereciam uma cama para que descansassem.

Em frente da basílica, não tinha fim a linha de peregrinos a aguardar vez para, finalmente, beijarem o túmulo do santo, pedindo-lhe que intercedesse por eles e pela absolvição dos seus pecados, e por todo o lado encontravam-se vendedores, dispostos a ceder a concha do peregrino por um preço que, nos dias de festa, era altíssimo.

— E sobre tudo isto Diego Gelmirez recebe os impostos e as taxas, não admira que as obras cresçam a olhos vistos — murmurou Paio.

Teresa concordou com um aceno discreto da cabeça.

— Não admira que Diego Gelmirez receie a concorrência de Braga — acrescentou, incorrigível.

— D. Bernardo tem razão em temer o poder de Santiago de Compostela. Não admira que tenha amolecido a sua posição e agora se esforce por fortalecer a causa dos direitos de Braga. Precisa rapidamente de um contrapoder a isto tudo! — argumentou Teresa.

Paio aproximou-se e disse ainda mais baixo:

— E se tem todos os outros bispos na mão, Gelmirez é outra conversa...

Sorriu ao ver que os olhares de Urraca e Gelmirez se pousavam, de novo, nela. A estratégia de Henrique resultara. Com esta doação davam um sinal de que o Condado Portucalense poderia estar interessado em alargar o seu poder à Galiza. Afinal, não estavam ali os nobres, com as suas espadas e lanças, os seus cavalos, em sinal de obediência ao conde D. Henrique?

O notário acabara de ler a longa escritura de doação e fazia sinal para que Teresa e Henrique se aproximassem, para assinar. Que gozo lhe deu debruçar-se sobre a mesa e ler: «Teresa, filha do imperador de Toledo.»

Chegando-se para trás, viu Henrique, alto e bonito, a escrever: «Henrique, conde de Portucale e Coimbra.» Sorriu-lhe, de relance, era a primeira vez que assinava assim.

## Mosteiro Real de Sahagún, dezembro de 1097

Estendido no chão de uma cela escura, Alberto ardia em febre e delirava. Chamava alto pela mãe, por Teresa, por Urraca, pedia a espada, gritava que lhe trouxessem o cavalo. Estava de castigo, e fosse da fome, da raiva ou da escuridão, a verdade é que caíra numa febre que o consumia.

Subitamente, a porta abriu, rangendo nos gonzos, e um vulto entrou, fechando-a de novo. Sem que dissesse uma palavra, chegou aos lábios do monge uma malga de barro com um líquido quente, que Alberto sorveu avidamente, segurando as mãos que lhe davam de comer como um náufrago se agarra a um tronco que flutua. Um cheiro a hortelã e a cânfora encheu o pequeno espaço, e quando o desconhecido o ajudou a deitar-se de novo no chão, Alberto imaginou que estava no jardim dos aromas do mosteiro, e os olhos encheram-se dos canteiros milimetricamente desenhados, dividindo espécies, semeadas por cores, para que na primavera florissem formando o escudo dos cluniacenses.

Ainda tentou protestar quando ouviu a porta fechar-se sobre si e a chave rodar três vezes na fechadura.

— Não me deixem aqui, tenho medo — gritou.

Naquela tarde, no entanto, a porta abriu-se de par em par e foi D. Diogo que entrou, e quando o viu mandou chamar o irmão enfermeiro.

— Que disparate foi este, irmão Alberto? — disse, ajoelhando-se ao lado do escudeiro monge, que fez um esforço para lhe beijar as mãos, agradecido.

— Ainda bem que voltou, abade — foi tudo o que Alberto conseguiu dizer.

— Há quanto tempo está o irmão Alberto aqui? — perguntou, zangado, D. Diogo ao irmão que vigiava a porta.

— Há três semanas a pão e água. Porque se recusava a obedecer, mesmo quando foi castigado de outras formas — respondeu frei Augusto, que chegara entretanto.

O abade e o vice-abade confrontaram-se com os rostos crispados:

— Julgo que, enquanto D. Diogo está fora, quer que imponha a regra aos meus irmãos, não é assim? — desafiou Augusto.

— Sem esquecer a caridade, a maior de todas as virtudes — retorquiu

D. Diogo.

— A caridade com quem a merece, o chicote para quem desafia a autoridade e comete o pecado da soberba. E se há alguém soberbo neste Mosteiro de Sahagún é o irmão Alberto, que nem o nome mudou quando tomou votos, tal o medo de que na corte do rei o deixassem de reconhecer.

D. Diogo pôs a mão sobre o ombro de Alberto, que se preparava para responder.

— Devemos tirar primeiro a trave do nosso olho, antes de a procurar nos dos outros — retorquiu o abade. — E agora que já voltei, irmão Augusto, vai deixar que seja eu a encarregar-me deste assunto. Quanto a castigos, já me parecem os bastantes — acrescentou, enquanto viu o irmão enfermeiro levar nos braços o corpo maltratado de Alberto.

Deitado na enfermaria, os vergões das pontas do chicote desinfetados e envolvidos por ligaduras de pano fino, a barba feita e o rosto limpo das mordidelas de ratos, Alberto sentia-se quase como novo.

— Quero confessar-me, quero confessar o pecado que tive em tudo isto — argumentou Alberto, satisfeito com a forma que encontrara de relatar o que acontecera na ausência do abade, sem que frei Augusto o pudesse impedir de falar.

D. Diogo embarcara na artimanha e mandara sair os outros doentes da enfermaria, para que o segredo do sacramento não fosse posto em causa, sentando-se num banco para ouvir a história de Alberto.

— Padre, pequei — disse Alberto, benzendo-se.

— Não tenho dúvida nenhuma de que sim, irmão Alberto, quantas vezes te disse que devias ser mais humilde.

Alberto ia protestar que o seu pecado não era a falta de humildade, mas calou-se. Talvez fosse. Ou melhor, tinha a certeza de que era. Mas não por ter sido escudeiro, nem por ter tido uma espada. Aquilo de que tinha mais orgulho era de saber ler e escrever, de ter sido aluno de Urraca Fernandez, de se ter sentado ao lado do irmão Raul, em Astorga, enquanto o monge escrevia Anasisapta, ou melhor, Jesus Cristo, pensou, deixando que os lábios doridos se transformassem num traço que lembrava um sorriso.

— Conta-me o que aconteceu e deixa-me fazer o juízo de onde está o pecado.

Alberto anuiu.

— Sabe que passo muitas horas a escrever, e guardo nas minhas tábuas de cera as notas de um livro que hei de um dia escrever.

— As crónicas de Sahagún — disse D. Diogo, sem conseguir deixar de rir.

— As crónicas de Sahagún, que nome tão bom, D. Diogo, será assim que lhes chamarei. Sabe que Diego Gelmirez já tem em Santiago de Compostela dois dos seus prelados a escrever a história compostelana?

D. Diogo agradeceu a informação. Já lhe tinham falado disso, e talvez esta ideia de Alberto não fosse tão disparatada, mas não lho iria dizer a meio de uma confissão.

— Irmão Alberto, recordo-lhe que isto é um sacramento...

Alberto pediu desculpa e voltou à história:

— Dizia-lhe eu, D. Diogo, que escrevo onde posso e quando posso. Não falto aos meus serviços, nem o faço nas horas em que copio os sagrados textos para a abadia. Se falar com o monge escrivão verá que não tem queixas de mim. Escrevo à noite, nas horas em que não estamos na igreja a rezar, e como mais apressadamente para me sobrar tempo. Não bebo vinho às refeições, nem os dois copos a que temos direito, porque sei que me dariam ainda mais sono do que aquele que tenho, e preciso de me manter bem acordado. A certa altura percebi que estava sob a vigilância invejosa de frei Augusto e de mais dois ou três irmãos, de que me abstenho de dizer os nomes. Imaginam privilégios onde não os tenho. Se me dão uma túnica nova, porque a outra não me cabe, dizem logo que me tratam assim por causa do meu passado, e o juízo repete-se com tudo o que me acontece. Ora, um desses irmãos, durante as vésperas, escapuliu-se da igreja alegando uma indisposição e vasculhou o meu colchão, roubando-me três placas de cera.

D. Diogo procurava esconder a indignação, mantendo-se em silêncio, e Alberto, depois de um olhar de relance para a expressão do abade, certificando-se de que o compreendia, continuou:

— Não só as roubou como as entregou ao irmão Augusto. O irmão Augusto leu-as e encontrou referências à senhora D. Teresa, a D. Urraca, a Ximena Moniz, senhora do Bierzo, e claro aos tempos em que fui escudeiro do senhor D. Afonso VI. Fazem parte das crónicas que já comecei.

— E para as quais devias ter pedido a minha autorização, Alberto. Sabes bem que não somos livres de escrever o que queremos, mas apenas o que os nossos superiores nos indicam, como não somos livres de ler aquilo que não está autorizado.

Alberto ia protestar, dizer-lhe que a senhora D. Urraca Fernandez, a mais piedosa das senhoras, dizia que mesmo para criticar é preciso conhecer, mas um gesto de D. Diogo fê-lo mudar de ideias.

— Recordo-te, irmão Alberto, que nesta confissão são os teus pecados que quero ouvir e não os dos outros, muito menos as reformas que aplicarias à Ordem de Cluny, ao Mosteiro de Sahagún ou ao próprio papado — disse, esperando que o tom firme que tentava impor à sua voz escondesse a vontade de rir que lhe dava sempre a ousadia deste escudeiro.

Alberto pediu de novo perdão e continuou:

— O vice-abade Augusto chamou-me e disse-me que considerava que aquelas placas eram a prova de que precisava para me condenar. E mandou-me que as apagasse.

Alberto mordeu o lábio com força, fazendo correr sangue. D. Diogo manteve-se em silêncio, e Alberto prosseguiu:

— Disse-me que, para um monge vaidoso e desobediente como eu, o castigo mais eficaz era ser obrigado a apagar as palavras escritas. Recusei-me. Disse-lhe que tinha levado meses a recolher e sistematizar toda a informação, que era a história de um reinado que ali estava, pouco importavam os nomes, que só conhecendo o passado podemos evitar cometer os mesmos erros no futuro.

Quando lhe falei de erros enfureceu-se. Perguntou-me quem era eu para registar os erros dos outros, para decidir quais eram os erros dos outros. Ainda tentei explicar-lhe que não queria julgar, mas apenas registar, para que se conhecesse. Mas de nada valeu. Vermelho de fúria, mandou que me levassem para o pátio e me vergastassem.

Quando me voltaram a trazer, ensanguentado, disse-lhes que me deixassem no chão, e ali, no meio do refeitório, em frente a todos, apagou todas as placas, meses de trabalho, e partiu o estilete e a minha «caixa», que me tinha sido dada no dia em que tomei votos.

Alberto não conteve as lágrimas e soluçava como uma criança. D. Diego sabia que haveria olhos e ouvidos a seguirem esta confissão,

havia sempre, e refreou-se de qualquer gesto, entrelaçando as mãos no colo, com medo de não resistir a abraçar o pobre rapaz. Onde falhara? Como é que não conseguira converter o coração de Augusto? Como é que com tantas horas de oração e de trabalho, de vida em comum, com tantas leituras dos santos Evangelhos, e do bom exemplo de Jesus Cristo e dos santos, havia ovelhas no seu rebenho tão cheias de rancor? Como deixara que Satanás se infiltrasse nos claustros deste sagrado convento, o maior das Espanhas, o mais admirado? Chegavam-lhe sobretudo filhos segundos e filhos terceiros de grandes famílias, talvez já amargurados por não terem o destino dos seus irmãos mais velhos, seria isso que tornava as suas almas tão cegas? Seria por isso que Augusto, cujo irmão era um dos nobres de Leão mais próximos do imperador, invejava este pobre escudeiro que os acasos da vida colocara num lugar privilegiado junto das filhas do imperador, aluno dileto da mulher mais poderosa de Leão e Castela?

Suspirou.

Alberto aproveitara o silêncio para enxugar envergonhadamente as lágrimas com as ligaduras que protegiam da infeção as chagas que o irmão Augusto abrira nas palmas das mãos.

D. Diogo limitou-se a apontar para as mãos:

— E isso, como foi?

Alberto conteve as lágrimas e disse:

— Feridas abertas com ferro em brasa no claustro dos copistas. Em frente de todos os meus irmãos escrivães. O irmão Augusto declarou alto e com ironia: «As mãos de Jesus Cristo, achas que Ele escrevia depois de o terem crucificado?»

O abade benzeu-se. Não poderia julgar Augusto sem virar do avesso o mosteiro, por isso esperaria umas semanas e depois destacá-lo-ia para um mosteiro mais próximo de Santiago de Compostela. Até porque a partir de hoje seria o inimigo visceral de um homem que já estava na calha para o suceder e que tinha atrás de si uma família poderosa, ansiosa por ter neste mosteiro real também um braço armado.

Sim, a partir do dia em que tinha resgatado Alberto da cela, teria de evitar as sombras e os corredores mais escuros desta santa casa, preparando-se para ser vítima de todas as intrigas.

Erguendo-se, D. Diogo fez o sinal da cruz, os dedos a rasgarem o ar,

e declarou para quem o estivesse a ouvir:

— Estás perdoado dos teus pecados. Reza dez rosários, e vai em paz e que Deus te acompanhe.

Depois, sem dizer uma palavra, saiu da enfermaria e seguindo para a igreja rojou-se no chão frente ao altar, pedindo a Deus que lhe perdoasse. Quando D. Bernardo regressasse ao mosteiro, implorar-lhe-ia que o mandasse substituir.

## Paço Real de Sahagún, Natal de 1097

A primeira coisa que Teresa fez quando chegou a Sahagún foi visitar a tia Urraca, ansiosa por lhe mostrar a sua primeira filha, de três meses. Bateu à porta de mansinho e uma voz cansada, mas autoritária, ordenou-lhe que entrasse.

Olhou em redor do quarto, procurando a tia Urraca, sentada junto do fogo ou à mesa de trabalho, e o coração saltou dentro do peito quando percebeu o vulto, como uma sombra, por detrás das cortinas de dossel corridas em redor da grande cama.

— Tia? — perguntou a medo.

Nunca, mas nunca, tinha visto Urraca Fernandez deitada, constatou assustada. Tinham-lhe dito que estava mais velhinha, que lhe custava andar longas distâncias, mas só podia estar a morrer para estar na cama àquela hora da manhã.

Precipitando-se, com a mão que não prendia a pequenina Urraca, abriu as cortinas de rompante.

— Tia Urraca — exclamou Teresa, sentindo as lágrimas saltar-lhe dos olhos ao vê-la, subitamente consciente do quanto sentiria no dia em que partisse.

O rosto de Urraca Fernandez abriu num sorriso largo, que logo se fechou, e procurando esconder a alegria na voz disse como se a visse todos os dias:

— Teresa, fecha a porta, que a corrente de ar faz com que a lareira fume para fora!

Teresa riu, aliviada:

— Porque será que nunca aprendi a fechar as portas atrás de mim, como tantas vezes me ensinou.

Urraca escondeu de novo a vontade de rir:

— Se fosse só isso que não tivesses aprendido comigo. Exceto a tua letra, que é redondinha e perfeita e que me deves a mim, tudo o resto que te ensinei entrou-te por um ouvido e saiu-te pelo outro. Mas mostra-me lá essa criança, que presumo seja tua filha...

— Tem o seu nome, tia — disse Teresa, enquanto pousava a pobre criança assustada, mas silenciosa, sobre a coberta de seda e ouro que cobria a cama da mulher mais poderosa de Leão.

Urraca ignorou o comentário e fez uma festa rápida no cabelo da pequenina, que permanecia paralisada:

— Tem o cabelo do pai e os teus olhos. Mas a quem é que vais entregar a sua educação? — perguntou, como se dentro de si restasse a esperança de ter a seu cargo mais uma geração de sobrinhas.

Teresa sorriu-lhe, docemente:

— Gostava que pudesse aprender consigo, como eu aprendi. Lembra-se daquele dia em que aqui cheguei com cinco, seis anos?

— Seis anos. Porque será que te falta sempre o rigor? — corrigiu a tia.

Teresa sentou-se ao lado da pequenina Urraca, dando à criança uma pulseira com que brincar:

— Tens uma ama para a criança, espero. Pulseiras para a mão de uma menina de meses! Já viste que, se essas bolas se soltam, pode engoli-las — disse, retirando bruscamente das mãos da pequenina Urraca o brinquedo, levando a criança a desatar num pranto.

Teresa encolheu os ombros e estendeu uma outra cheia de berloques à princesinha:

— Esteja descansada que a Urraca tem ama e aia, e tudo o resto. Mas a viagem de Santiago de Compostela para cá foi cansativa e a pobre ia gelando, apesar do colo da ama de leite e do capote de pelo de urso que mandei que usasse nas viagens.

A tia Urraca, ao ouvir o nome de Santiago de Compostela, arrebitou, esquecendo de vez a sobrinha mais pequena:

— E o que foste tu fazer a Santiago?

Teresa encolheu os ombros, o sorriso de malícia a denunciar tudo:

— Rezar junto do túmulo do santo e pedir o mesmo que Urraca Raimundes lhe foi pedir.

— Um filho varão! Se ao menos Berta tivesse engravidado — suspirou.

Teresa olhou-a, com pena:

— Foi a única batalha que a tia não ganhou.

— Ainda não ganhei — retorquiu a tia, a voz firme. Para logo acrescentar: — O teu pai está longe de ser um homem velho.

Teresa disparou:

— Pode não ser velho, mas se tiver mais filhos não vai ser de Berta,

tia Urraca.

— Porque a rainha não é fértil? — perguntou, interessada, a tia.

— Porque não dorme com ela, gasta todas as suas energias com Zaida — rematou Teresa, impiedosa.

O rosto da velha Urraca endureceu e os olhos faiscaram.

— Não são assuntos que uma filha deva comentar.

— Nem uma irmã — disparou Teresa.

— Herdaste essa má educação da tua mãe e não há nada a fazer — zangou-se a tia, certa de atingir a ferida perpetuamente aberta.

Teresa reagiu imediatamente, pegando na filha ao colo e preparando-se para sair do quarto.

— Não sei que ideia tive em dar o seu nome e não o de Ximena à minha primeira filha — atirou, zangada.

— Porque é o da mulher mais poderosa de Espanha. Ou era — suspirou Urraca Fernandez, fechando os olhos, cansada.

Teresa olhou para o rosto branco, tão branco como a almofada de linho onde repousava, e pensou que inútil era deixar-se levar pelas provocações de uma mulher já tão enfraquecida.

Voltou a sentar-se na cama e numa voz mais suave comentou:

— Seremos sempre como cão e gato, tia?

Urraca Fernandez deixou os olhos cerrados, mas tateando a sua mão procurou a da sobrinha:

— Talvez. Mas agora que importa isto, fala-me de ti e de Henrique.

Teresa apertou a mão que tinha na sua:

— E de Alberto?

Urraca abriu os olhos e desta vez foi ela a sorrir:

— De Alberto sei eu tudo. Escreve-me sempre.

Teresa abanou a cabeça, surpreendida:

— Escreve-lhe? Mas estão proibidos de escrever para fora — disse sem esconder o ciúme.

— Talvez não te possa escrever a ti, mas todas as semanas recebo uma carta dele. Passou por um mau bocado, mas acredita, Alberto vai conseguir o que quer, Alberto vai escrever a nossa crónica, a crónica do tempo que vivemos.

Depois, exausta, comandou:

— Vai-te embora, leva essa criança à ama, e chamem-me a criada.

Preciso de uma infusão.

Teresa beijou-lhe a testa, e os olhos fugiram sem saber o que os atraía, pousando na coroa de ouro, a coroa da rainha Urraca, senhora do infantado, que assinara mais diplomas com o imperador do que qualquer uma das suas mulheres. A coroa que descansava agora numa almofada de veludo, sobre uma enorme arca de magníficos embutidos.

A atenção de Urraca Fernandez seguiu a da sobrinha e numa voz forte afirmou:

— Em breve será tua.

## Mosteiro Real de Sahagún, Natal de 1098

— Teresa, não tens juízo nenhum — protestou o imperador, abraçando a filha de barriga proeminente de oito meses, que acabara de desmontar do cavalo.

— O pai sabe bem que odeio vir em liteiras. Preciso do ar fresco porque senão enjoo, e já enjoei o suficiente nesta gravidez. E, de qualquer maneira, o que é que pode acontecer: despachar o parto? Mas é exatamente o que quero! Quero que esta criança nasça em Sahagún, perto de si. E seja batizada por Alberto.

Afonso ajudou-a a subir os degraus, enquanto lhe sussurrava:

— A tua irmã Urraca acabou de perder mais um bebé.

Teresa estacou no degrau para respirar fundo:

— Já me disseram que estava muito ao princípio, acontece.

— Não vás dizer isso à tua irmã. Está convencida de que lhe deitaram um mau-olhado, que foi vítima de bruxedo — suspirou. — Não come nada sem que um provador experimente primeiro...

Teresa olhou-o, espantada:

— Mas quem é que queria fazer uma coisa dessas?

Afonso encolheu os ombros:

— Escuso de te dizer... Acredita que Zaida, ou melhor, Isabel, quer impedi-la de ter um rapaz.

E levantando a voz, impaciente, protestou:

— Estou cansado de que toda a gente me queira morto e esteja já a planear a minha sucessão!

Teresa, percebendo a desconfiança do pai e fingindo brincar, pôs as cartas na mesa:

— Se amanhã tiver um rapaz, as más-línguas dirão que espero que nomeie herdeiro o seu primeiro neto varão!

Afonso sorriu, um sorriso exasperado:

— Também tu?! Vou contratar o provador de Urraca. Se há alguém aqui em perigo sou eu.

E beijando a filha na testa insistiu:

— Não digas disparates e vai mas é deitar-te.

* * *

No primeiro dia de janeiro, Teresa entrou em trabalho de parto, e horas depois chorou amargamente quando ouviu o silêncio da parteira. Mais uma rapariga, o silêncio só podia significar que de nada valera as plantas apanhadas na lua cheia, os espargos verdes que repetira, a dieta rigorosa que seguira com convicção. Nem tão-pouco as orações.

Virou a cabeça para o lado e fingiu dormir quando a ama lhe trouxe a menina enfaixada e perfumada, mas o choro suave e doce da bebé impeliu-a a olhar para ela, redonda e cor-de-rosa, uma penugem castanha na cabeça, uns olhos escuros, enormes, abertos e surpreendidos. Arrebatou-a das mãos da ama e beijou-a.

— Sancha, não chores, a mãe está aqui — disse-lhe baixinho ao ouvido.

Que lhe importava Henrique, Ximena ou fosse quem fosse.

— Sancha, não chores, a mãe está aqui — repetiu, beijando-a de novo.

Naquela tarde, Henrique levou a criança nos braços e Alberto batizou-a sob a enorme abóbada da igreja do mosteiro real. Estava certa de que Alberto serviria a sua pequenina filha como a tinha servido a ela.

## Paço de Guimarães, setembro de 1099

D. Geraldo desmontou e entregou as rédeas ao moço da cavalariça. Chegava ao paço de Guimarães, sem escolta, à hora de maior calor, deste dia quente de setembro, as pingas de suor a escorrerem pela cara, apesar do chapéu de palha que usava na cabeça como um vulgar homem do campo.

«Um homem de Deus não teme», era o seu lema de vida, e fosse no púlpito ou na sala do paço, defendia que não vale a pena espreitarmos inimigos em cada canto porque nem um fio de cabelo cairá das nossas cabeças sem que o Senhor o permita. E se precisasse de alguma coisa, dizia com um sorriso, tinha sempre o seu báculo, a cobra enrolada e vencida pela cruz.

Hoje vinha invulgarmente apressado, e sem esperar que o acompanhassem subiu dois a dois os degraus até à sala onde sabia que os condes o esperavam.

— Tenho boas notícias, muito boas notícias! — exclamou, enquanto avançava para Henrique e Teresa, tirando do bolso interior da capa um pergaminho.

Teresa veio ao seu encontro, sem conseguir esconder o entusiasmo:

— O novo papa confirmou?

Geraldo acenou que sim com a cabeça:

— Braga é de novo uma diocese metropolitana.

Teresa dobrou o joelho e beijou-lhe a mão, levantando depois para D. Geraldo uns olhos sorridentes:

— Senhor arcebispo.

Geraldo sorriu de volta:

— Não é o título que me importa, senhora D. Teresa, mas o que vem com ele. Braga não vai desaparecer à sombra de Santiago de Compostela.

— Nem de Toledo — acrescentou Henrique, para quem esta nomeação tinha um sabor especial a vitória, depois de meses de cartas escritas para Hugo de Cluny e todos os seus contactos em França e Itália.

Teresa sorriu, mas não disse o «Não me faças pecar, Henrique» que lhe estava na ponta da língua.

Geraldo sorriu também:

— Tenho a certeza de que D. Bernardo estará tão feliz como nós, afinal o primaz das Espanhas só quer uma Igreja mais forte e organizada.

Henrique e Teresa entreolharam-se. Tinham a certeza exatamente do contrário, mas entendiam que o cinismo era mais prudente.

— Talvez D. Bernardo entenda assim, mas tenho a certeza de que Urraca e Raimundo não o farão — não resistiu a acrescentar Teresa.

Geraldo olhou-os, preocupado:

— Se há causa que Pascoal II abraça é a das investiduras — disse, e o seu tom era de aviso.

Henrique corrigiu apressadamente:

— Sabemos que as nomeações dos bispos e dos arcebispos competem só a Roma, mas de facto os condes da Galiza não podem deixar de ficar preocupados...

Teresa não quis manter a máscara:

— Senhor D. Geraldo, não me faça cometer o pecado da hipocrisia.

— Se o da hipocrisia a impedir de cometer um pecado ainda maior, talvez seja preferível — respondeu o novo arcebispo de Braga.

Teresa não se deixou desconcertar:

— Tenho de lhe dizer o que penso, aqui só entre nós. Urraca, e eu conheço a minha irmã, entenderá depressa que o carisma do novo arcebispo de Braga e as relíquias da nossa sé vão atrair muitos peregrinos. Como acontecia antes da ocupação moura.

Geraldo concordou:

— Pretendo que a Sé de Braga tenha de novo a importância que outrora teve. Vou continuar o trabalho de D. Pedro, que falhou no dever da obediência, mas foi de facto um trabalhador incansável na recuperação da catedral. E expondo as relíquias dos santos que fazem parte do nosso património tornaremos mais viva a vida da nossa comunidade. É preciso que as pessoas se convertam, é preciso que rezem pelas suas almas e percebam que não podem pensar em Deus apenas na hora da morte...

Mas, para Teresa, mais importante do que tudo era a vitória sobre Urraca.

Henrique, vendo-a calada, aproveitou para falar:

— Temos a certeza de que só Roma decidiu a sua eleição, senhor D. Geraldo, mas uma cadeira vaga em Santiago neste momento será - ocupada por uma escolha do meu primo Raimundo.

— E da mulher, que manda nele — insistiu Teresa, de regresso à conversa.

Geraldo franziu de novo o sobrolho:

— Será quem o papa Pascoal II entender.

— Desta vez pelo menos não será D. Bernardo o responsável. Santiago de Compostela já não está nas mãos dele — concluiu Teresa.

Henrique, entendendo que o discurso da mulher incomodava o novo arcebispo, propôs:

— E se fôssemos almoçar?

Teresa suspirou. Quantas vezes vira o pai usar a comida para terminar conversas que não lhe interessavam.

* * *

A notícia de que os cruzados tinham conquistado Jerusalém era propagada de cada púlpito. O sonho do papa concretizara-se, o infiel fora afastado do lugar santo. Padres, abades e bispos apelavam agora à peregrinação aos lugares santos, mas no paço de Guimarães Teresa e Henrique falavam incessantemente da carta recebida de Elvira, em que a irmã dava conta de que ela e o marido tinham recusado a coroa. Raimundo negara a honra, dizendo que maldito era o homem que aceitasse suceder a Jesus Cristo, rei dos judeus, ali coroado e crucificado com uma coroa de espinhos. Elvira contava que partiam agora para um outro território, que queriam tornar seu, enquanto um primo aceitava a nomeação como defensor do Santo Sepulcro.

— Teresa, tenho de ir em peregrinação — insistira Henrique, que parecia decidido a partir naquele momento.

Teresa passou-lhe a pequenina Sancha para o colo, dizendo:

— Tens um reino aqui e infiéis a combater em Coimbra. Para além de duas filhas, que precisam da tua proteção.

Henrique embalou a filha por momentos, e Teresa voltou a pegar nela.

— Levamo-las connosco quando voltarmos para Leão — disse com uma voz que não admitia discussão.

Henrique suspirou:

— Sempre é verdade que Berta está gravemente doente? Podes ter a certeza de que, se morre, o teu pai vai casar com Zaida, com Isabel.

Teresa agitou-se:

— Urraca e Raimundo já chegaram à corte. Dizem-me que o pequeno Sancho é protegido noite e dia, por ordens do imperador.

Henrique concordou:

— Dá ordens. Vamos partir esta semana. Não podemos ficar longe do sítio onde o futuro se decide. — E olhando de novo para a filha suspirou, baixinho: — Se ao menos tivesse sido um rapaz.

Teresa ouviu-o e protestou:

— Quando ela crescer, o mundo vai ser outro e as mulheres serão rainhas.

«Como a tua mãe», murmurou ao ouvido da sua filha mais nova.

## *Castelo de Urvel, setembro de 1099*

*— Aconteceu! — gritou Ximena.*

*À sua frente, o seu espião temia que lhe desse o destino reservado aos mensageiros das más notícias, mas a senhora do Bierzo parecia nem o ver, caminhando de um lado para o outro, falando sozinha.*

*Reparando que o pobre homem estava ainda no canto onde o deixara, Ximena acenou-lhe para que desaparecesse dali, e o escudeiro saiu, sem dizer palavra.*

*— Sabia que Diego Gelmirez lá chegaria, só não tinha a certeza de quando. Uma nomeação papal, tão pouco depois da nomeação de Geraldo para arcebispo e da reabilitação de Braga. Diego já tem as suas marionetas afinadas em Roma, é preciso avisar Teresa e Henrique, não podem cruzar os braços — protestava Ximena na solidão do seu quarto.*

*Não conhecia pessoalmente Raimundo, mas diziam-lhe que estava determinado a provar a Afonso VI que perder uma batalha não significava perder a guerra. Lisboa poderia ter caído, por sua culpa, na mão dos almorávidas, mas estava certo de que o sogro entenderia rapidamente que era ele, ele e a sua filha legítima, que merecia a coroa de Leão e Castela. Senão pela via das armas, pela guerrilha religiosa e diplomática, o trunfo do túmulo do santo e a riqueza que lhe chegava de ser senhor do caminho dos peregrinos que se dirigiam àquele que era já o maior santuário da Europa fariam o resto.*

*E Diego Gelmirez era uma boa cartada. Pelo menos, estava segura disso, enquanto conviesse ao ambicioso novo bispo de Santiago a aliança com Raimundo e Urraca. Morderia a mão do dono se isso lhe desse jeito.*

*Tinha ainda uma vantagem sobre Geraldo — era um nobre da terra, um bispo galego colocado num tabuleiro galego, sabia que isso contava, enquanto o outro era mais um franco, mais um peão de Toledo, mais um homem de Cluny.*

*Diziam-lhe — abençoada rede de informadores, pensou Ximena, com um sorriso de contentamento consigo própria —, diziam-lhe que Pedro Ansurez estava impaciente com a esterilidade da sua protegida, que depois da pequena Sancha não voltara a engravidar. Como se fosse culpa da pobre, indignou-se por momentos a mãe de Teresa, num invulgar momento de solidariedade feminina. Mas talvez fosse, pensando melhor, dado que, ao que constava, Urraca tinha períodos de grande lassidão, em que ficava dias deitada na cama, recusando-se a levantar, e nem sequer queria ver a filha.*

*Seria possível virar o imperador contra a filha Urraca? Virar os nobres de Castela contra os condes da Galiza? Suspirou, subitamente cansada.*

## Paço Real de Leão, Natal de 1099

As vozes das crianças ecoavam no paço de Leão, mais altas à medida que Teresa se aproximava do quarto de brinquedos das suas filhas.

Sentia-se feliz neste paço a que conhecia todos os recantos e a que, afinal, chamava casa, sentia-se bem nesta corte cheia de cor e música, onde os cortesãos se vestiam como em nenhum outro lugar, se recitava poesia, e não havia um único jantar sem surpresas de malabaristas e bobos, de mulheres esbeltas que dançavam sensualmente deixando ver os corpos tingidos pelo sol, quase nus. Não a admirava, nem um bocadinho, que os nobres mais velhos de Leão criticassem, com desprezo, este «antro mouro», como sussurravam entre si, e até Raimundo e Henrique franzissem o sobrolho, estranhando que um imperador tão devoto permitisse tal coisa, ali mesmo paredes meias com a Colegiada de Santo Isidoro.

Parou para espreitar pela janela para o pátio onde tantas vezes recebera aulas de Alberto, de onde vira chegar Zaida e a sua comitiva, mal sabendo então que trazia dentro de si a criança que os deixava a todos na corda bamba. Os olhos desviaram-se para as janelas de portadas fechadas do quarto da tia Urraca, diziam-lhe que já não conhecia as pessoas, mas que o irmão a visitava todos os dias, e segurando-lhe na mão lhe dava conta de todas as decisões políticas e administrativas que tomara naquele dia. Amanhã subiria a vê-la, talvez com Urraca, talvez as duas juntas lhe dessem alguma alegria, nem que fosse pelo pretexto de uma discussão, sorriu.

Não estranhara nada quando ontem chegara às portas da cidade quase ao mesmo tempo que Urraca e Raimundo, uns e outros fingindo surpresa, mas todos conscientes de que nestes tempos de indecisão era preciso marcar presença neste lugar onde tudo se decidia.

«Vai para Leão, vê e sê vista, lembra todos os dias ao teu pai o dia em que, segurando-te nos braços, disse: “Teresa, filha minha”», escrevera-lhe Ximena.

Abriu a porta sem bater e estacou, espantada.

O imperador sentara-se num banco baixo e em seu redor, numa algazarra sem fim, corriam Urraca Henriques e Sancha Raimundes,

perseguidas por um menino de cabelos escuros, presos por uma fita de linho e brilhantes, mais velho do que elas. Só podia ser Sancho, que bonito que era, aos quatro anos, quase cinco, alto e elegante, os olhos claros como os de Afonso VI, num contraste enorme com os cabelos escuros e lisos herdados da mãe.

Quando a viu, Afonso sorriu-lhe:

— Teresa, filha minha.

Quando a filha se ajoelhou para lhe beijar a mão, afagou-lhe a cabeça como sempre fazia, afastando-a para a observar:

— Que idade tens, Teresa? Dezanove? A idade que a tua mãe tinha quando Elvira nasceu?

Teresa sentiu, como sentia sempre, que Afonso via nela Ximena, e de cada vez recordava o seu amor por ela, mesmo agora que o diziam enfeitiçado pela moura.

— Trouxe o tio Sancho a conhecer as sobrinhas — disse.

No berço, quase a fazer um ano, a pequenina Sancha assistia de dedo na boca, plácida como sempre.

Teresa olhou-o em silêncio, muda de comoção, mas o imperador pareceu nem dar por nada.

— É um bom menino, e a destreza com o cavalo e a espada parece a tua! Lembras-te de como me pedias sempre espadas quando ia ao Bierzo?

Teresa esforçou-se por sorrir.

— Chamava-te cabritinho, lembras-te? Gostava que Sancho crescesse no campo como tu cresceste, mas é impensável, precisa de se preparar, o tempo passa, e em breve estará a combater contra os mouros.

Teresa olhou o pai, subitamente assustada, estaria a perder o juízo, como diziam alguns dos seus nobres.

— O pobrezinho nem tem cinco anos — argumentou, mas Afonso olhou-a, irritado:

— Fiz planos para ti, posso fazer planos para este meu filho, ou não posso? Vais-te juntar a essa gente que gostaria de o ver posto de lado? Esqueces-te de que, se fosse assim, tu também o estarias?

Teresa sentiu um arrepio. Recordou aqueles meses em que Pedro Ansurez não permitia que a meia-irmã Urraca lhes dirigisse a palavra.

Mas Sancho era filho de uma moura, que sentido fazia que um mouro lutasse pelos cristãos contra o seu próprio povo? Depois lembrou-se de quantos havia naquela corte que o tinham feito e mudou de assunto:

— E o que acha da minha Urraca?

Afonso entusiasmou-se:

— Não vês como aprende com o tio? Como olha para todos os golpes da espada e os procura imitar? Tem três anos mas não se atrapalha com o cavalo de pau, vou-lhe comprar um cavalinho, achas que já o pode montar?

Ao ouvir o seu nome, a princesa Urraca olhou para o avô e para a mãe e o seu sorriso abriu-se, subitamente reservado.

Afonso observou a filha, preocupado:

— Estás pouco com ela? — perguntou.

Teresa encolheu os ombros:

— Tenho pouco tempo e viajamos muito, por segurança deixo-a muitas vezes em Guimarães, sobretudo agora que são duas.

Não lhe podia falar da desilusão por serem raparigas, não lhe podia dizer que preferia ter tido um rapaz, o que faria se o pai lhe respondesse que também ele sentira o mesmo? Procurando que não lhe fizesse mais perguntas, levantou-se, atravessou o quarto e pegou ao colo em Sancha.

— Não me peças que lhe pegue — disse o imperador a rir —, que não sei o que lhes fazer enquanto são tão pequeninos. — Mas nesse momento a pequenina Sancha olhou-o, com uns olhos tão verdes como os de Ximena, tão verdes como os de Teresa, e Afonso, num impulso, tirou-a dos braços da mãe e beijou-lhe a testa. «Preso na magia da ninfa de Carucedo», deu Teresa por si a murmurar.

* * *

Primeiro assinou Afonso VI, desviando-se em seguida da mesa onde as escrituras estavam pousadas, ao lado de cinco tinteiros, cada um com a sua pena de pato selvagem, os verdes e os azuis a cintilarem à luz que entrava pela janela. Raimundo e Urraca assinaram de seguida, e quando Teresa pegou na pena o seu nome ficou inscrito já quase no fundo da página, mas o de Henrique ainda coube depois do dela.

Nos últimos dias de dezembro, o imperador decidira aproveitar a presença das filhas na corte para despachar doações e escrituras a mosteiros. Mais ainda, insistira que os nobres de Portucale e da Galiza, que tinham chegado à corte com eles, os assinassem também, atribuindo-lhe uma importância que os próprios agradeciam com deferência.

— Berta já não desce para assinar — reparou Urraca, sussurrando ao ouvido de Teresa, que olhou em redor à procura da pobre rainha, que tantas vezes, de tão pálida e doente, tão posta de parte, passava despercebida.

Urraca sentiu a satisfação de dar uma notícia de que a irmã ainda não tinha conhecimento:

— Disse-me o meu confessor que não vai resistir mais de um ou dois dias — acrescentou.

Teresa franziu o sobrolho, assustada:

— Alguma doença contagiosa? Temos no paço os nossos filhos — acrescentou, nervosa.

Urraca acenou que não com a cabeça:

— Sabes como sou com doenças, como tenho visto dois espirros resultarem em morte, e o mal a chegar a um castelo inteiro, dizimando todos. Sabes como temo desagradar a Deus e que Deus mostre o seu descontentamento...

Teresa impacientou-se. A hipocondria da irmã era conhecida, e pelo que sabia agravara-se com o tempo:

— Não olhes para mim assim — irritou-se Urraca. — Estava só a explicar-te porque mandei saber ao médico da rainha o que se passava. E o que sei é que Berta morre de sangue fino. Mandou que lhe colocassem sanguessugas, quando uma velha aia da cidade lhe disse que a ajudariam a engravidar, e agora enfraqueceu demais.

— Pobre Berta, há seis anos que faz tudo para ter um filho, e desconfio...

Urraca mandou-a calar:

— Não desconfias de nada, ouviste? Queres espalhar por aí um rumor de envenenamento, outra vez, para que depois uns se acusem aos outros e o rei se sinta na obrigação de fazer prisioneiros, fingindo saber quem é o culpado?

Teresa concordou. Todas as suspeições eram perigosas. E podiam voltar-se contra aqueles que mais tinham a ganhar com a morte da rainha sem deixar herdeiros.

Tomou nota, no entanto, do nervosismo de Urraca. Pediria à mãe que mandasse investigar.

## Catedral de Burgos, maio de 1100

Quando Teresa soube da morte de Berta, soube imediatamente o que iria acontecer a seguir. Poucos dias depois de ter enterrado a terceira mulher legítima, sob as lajes da igreja de Sahagún, Afonso anunciou o casamento com Zaida. Em Burgos, seria em Burgos, decretou, na catedral onde Zaida se convertera em Isabel, perante os olhares de toda a corte. E como nesse dia, também neste 14 de maio insistira que ninguém faltasse ao casamento que decidira fazer contra a opinião de todos. Contra Hugo de Cluny, contra Bernardo de Toledo, contra os seus vassalos mais fiéis, que lhe pediam que reconsiderasse: porquê casar se podia mantê-la como concubina, tratá-la como rainha, sem lhe dar a coroa.

Mas a ameaça do imperador levou-os a todos, bispos e nobres, à catedral escolhida, e no dia não se encontrava um centímetro livre no altar, um banco livre, um bocadinho do chão por ocupar. Exceto uma cadeira, uma cadeira dourada, de almofada no assento, uma cadeira real. A cadeira destinada a Urraca Fernandez.

Teresa reparou como o pai observava de soslaio o lugar vazio, um misto de sobrolho carregado e sofrimento visível. Fora vencido, nenhum dos seus apelos fora capaz de convencer a irmã a comparecer.

Apelara a Teresa, e Teresa, agora ali sentada, sentiu um nó na garganta ao recordar a visita gorada à tia. Urraca mantivera-se firme: «Fui rainha, usei a coroa, tive poder, mais poder do que qualquer outro, governei, mas agora o meu irmão perdeu a razão. Teresa, não foi para isto que fiz tudo, que fizemos o que fizemos, não foi para isto...» A voz embargara-se, e depois remetera-se ao silêncio, e nada do que Teresa dissera, nenhuma das suas provocações, resultara.

Teresa olhou de novo a cadeira vazia e teve a certeza de que nunca mais a voltaria a ver.

## Paço Real de Leão, dezembro de 1101

Teresa cobriu o rosto com o véu, procurando esconder os olhos inchados de tanto chorar, aconchegando-se na capa larga que tapava a sua barriga proeminente de quase nove meses. Levantou a cabeça, em sobressalto, quando sentiu um toque muito leve no ombro, quem se atrevia a tocar-lhe, pensou por segundos, e depois sorriu:

— Alberto! Disseram-me que tinhas sido o último a vê-la. Sofreu?

O monge sentou-se num banquinho próximo, naquela sala onde se juntava tanta gente, e murmurou:

— Não, senhora D. Teresa, morreu em paz, o Senhor finalmente, aos sessenta e oito anos, libertou-a de um longo cativeiro.

Teresa não conseguiu conter as lágrimas, e num impulso pousou a mão sobre a mão de Alberto, indiferente a que alguém os pudesse ver.

— Uma infantilidade, eu sei, mas pensava que ela era imortal, o que é que queres — justificou-se.

— Mesmo no final, falou de si. Apesar da falta de ar a cada palavra — contou Alberto.

Teresa estremeceu e num fio de voz pediu:

— Conta-me tudo.

— Insistiu em saber se o seu bebé já tinha nascido. Disse-lhe que não, e que sabia que tu desejavas muito que fosse um rapaz...

— E ela, o que disse a tia Urraca, Alberto?

— A senhora D. Urraca tentou negar com a cabeça. Disse-me que sabia que era uma rapariga e que a enchia de contentamento. Porque, disse-me, sabia que esta criança seria «tão única como Teresa», foram estas as palavras que usou.

A princesa retirou a mão, quase assustada, pousando-a sobre a barriga:

— Uma rapariga? E a tia Urraca estava contente? Não estás a dizer isso só para me consolar?

Alberto riu:

— Alguma vez disse alguma coisa para a consolar?

Teresa não conteve um sorriso:

— Nunca, lá isso é verdade.

Alberto continuou:

— Apontou depois para a coroa, a coroa de ouro que usava sempre...

Teresa acenou, impaciente. Claro que sabia qual era a coroa, aquela que era agora a «sua» coroa.

Alberto fingiu não dar pela irritação e mantendo a voz pousada acrescentou:

— Disse-me que a coroa era para si, mas que depois queria que fosse para a sobrinha-neta, porque corria no sangue de uma e de outra a força, a determinação e a ambição das mulheres de Leão.

Teresa endireitou as costas, como se tivesse insuflada de vida:

— Alberto, vem comigo, vamos descer ao panteão pelas escadas de caracol, lembras-te?

E antes que o monge pudesse dizer fosse o que fosse, levantou-se e atravessou a sala em passos decididos, agradecida pela confusão que lhe permitia passar despercebida. Alberto seguiu-a, que vontade tinha de lhe puxar a capa e a mandar desacelerar. Quando chegou ao seu lado, refilou:

— Queria mesmo que toda aquela gente viesse connosco?

Teresa sorriu:

— Conheço esta gente quando está assim em alcateia, não dão por nada que não estejam à espera que aconteça.

— Mas por favor, senhora D. Teresa, desça essas escadas com cuidado, não tem seis anos como quando as descia quase de olhos vendados.

Teresa encolheu os ombros, mas seguiu o conselho, apoiando-se na parede de pedra fria, e que bem lhe sabia aquele toque rugoso do granito, a raspar-lhe as mãos, fazendo-a sentir-se viva.

— Felizmente está iluminada por tochas — disse, olhando as pinturas do teto e suspirando:

— Vês dezembro, Alberto? Sempre gostei tanto deste calendário, são pessoas de carne e osso.

— Como as que estão ali fora, de candeias na mão. Olhe, senhora D. Teresa, é o povo de Leão que vem prestar uma última homenagem à sua tia.

Teresa olhou de relance, voltando depois o olhar para a basílica, que se entrevia para lá do claustro:

— À tia Elvira choraram-na genuinamente, era a princesa dos pobres,

mas o que os fascinava na tia Urraca era o facto de ser uma mulher de poder, rainha como o meu pai, tão poderosa, dizem, como ele. Não gostavam dela, ninguém gosta de mulheres poderosas.

E, suspirando, sentou-se num pequeno banco de pedra, frente aos túmulos dos seus avós e tios.

— Alberto, nas tuas crónicas vais escrever como a tia Urraca nos trouxe aqui e nos contou os feitos do seu pai Fernando, e como se comoveu ao ler a inscrição no túmulo...

Alberto garantiu-lhe que sim, mas subitamente Teresa agitou-se de novo, os olhos presos no túmulo do seu tio Garcia:

— Lembras-te como fugimos quando o vimos com as grilhetas ainda nos tornozelos? E como a tia Urraca nos mentiu, sem pestanejar sequer. Alberto, diz-me, ouviste a sua confissão?

— Ouvi, senhora D. Teresa — respondeu o frade, cauteloso.

— E vais contar nas tuas crónicas o que ela te disse? Vais escrever nas tuas crónicas a verdade sobre a conspiração para matar o meu tio Sancho? Ela pediu perdão?

Alberto juntou as mãos atrás das costas e passeou de um lado para o outro, procurando conter a fúria.

— Aos vinte e um anos não sabe ainda que um confessor leva consigo as confissões que ouve para o túmulo?

A condessa sorriu:

— Mas vais resistir a escrever sobre isso, Alberto? No futuro, no futuro vão querer saber se foi ou não assim, se a minha tia e o meu pai se conluiaram ao ponto de matarem os seus irmãos para reinarem sobre Leão, Castela e a Galiza.

— Não vou entrar nesse jogo, senhora D. Teresa, pode ser capaz de manipular muita gente, mas a mim nunca o fará.

— Eu sei — concordou Teresa. E ficou subitamente silenciosa. — Só espero que o meu pai não morra num campo de batalha, sem ter tempo de se confessar — suspirou.

E Alberto benzeu-se, assustado.

* * *

Nessa mesma noite, Teresa sentiu as primeiras contrações. O bebé

chegava cedo, mais cedo do que o previsto, nem sequer tinha entrado ainda no período de resguardo.

— Ela vai nascer no mesmo paço em que nasci — disse eufórica, enquanto uma das damas se preparava para chamar as parteiras da cidade.

Mas Teresa, ofegante, impediu-a:

— Não vão chegar a tempo. Vai ter com a rainha, vai pedir a Zaida que me faça chegar as dela, que estão de sobreaviso, está do mesmo tempo que eu.

As damas entreolharam-se, medrosas, e as criadas, que corriam com a lenha para aquecer a água, estacaram. Teresa impacientou-se:

— Querem ser todas enforcadas por traição? — gritou. — A rainha Zaida é católica, como qualquer uma de nós, chamem-na, tragam-me quem ela indicar.

As dores aumentavam e os pachos quentes que lhe punham nas costas pareciam não surtir qualquer efeito.

— Digam ao senhor D. Henrique que a nossa filha vai nascer. — Quando viu entrar Zaida e duas parteiras, uma delas com um véu a tapar-lhe a cara, mandou que todas as suas mulheres saíssem.

A «moura» pousou-lhe a mão sobre a testa e sorriu-lhe.

— Vai correr tudo bem — disse.

Teresa, o suor a cair-lhe sobre o rosto, ia mordendo o pano branco que lhe punham entre os dentes, e agradeceu as mãos quentes que lhe apertavam os rins e seguravam os ombros.

As parteiras iam-na encorajando, pedindo-lhe que ora descansasse, ora fizesse força, e uma delas apalpava a barriga, comentando:

— O bebé é pequenino, mas está muito subido, temo que o cordão da vida lhe esteja em redor do pescoço.

Depois, falando muito depressa numa língua que Teresa não entendia, deu ordens às outras mulheres, pedindo a Zaida que traduzisse:

— Senhora D. Teresa, é preciso que se deite e respire fundo — insistiu, e as mulheres que a seguravam deixaram-na escorregar até estar deitada sobre a cama.

Teresa mordeu o pano com força, e Zaida cobriu-lhe o rosto com um pano fresco embebido em alecrim e hortelã e encorajou-a:

— Vai doer, detesto quando me dizem que não vai, sabendo que não é verdade.

Teresa conseguiu concordar com um gesto, odiava que não lhe dissessem o que a esperava.

Tão forte era a dor que por momentos pareceu perder a consciência, sem perceber que a parteira introduzia a mão fundo dentro de si para alargar o cordão que sufocava a criança sempre que era expelida para fora.

Finalmente ouviu-se um grito, um grito forte de um bebé vivo, e bem vivo.

A parteira, satisfeita consigo mesma, exclamou, fazendo-se entender com custo:

— Se não fosse por mim, princesinha, não vivias. Nunca te esqueças disso.

Teresa ouviu o choro ao longe, incapaz de articular palavra, mas aos poucos voltou a si e engoliu a poção que a mulher lhe chegava à boca:

— É uma rapariga, não é? — perguntou a Zaida.

— E igualzinha a si, senhora D. Teresa, os olhos redondos e abertos, como se não quisesse perder pitada do que acontece no mundo.

E acolhendo o embrulho que a parteira lhe entregava, pousou-o nos braços da mãe.

— Aqui a tem, bem desperta para conhecer aquela que a trouxe ao mundo.

Teresa sentiu as lágrimas caírem-lhe pelo rosto:

— Sabe que a tia Urraca adivinhou que seria assim? Vou chamar-lhe Teresa, Teresa Henriques, nascida no paço de Leão como a mãe. E agora levem-na e deixem-me dormir.

Zaida beijou-a inesperadamente na testa, murmurando:

— Também eu terei uma filha, e depois desta uma outra.

Teresa sentiu-se demasiado ensonada pelo que bebera para encontrar a lucidez para lhe responder. Estava absolutamente certa de que a nova rainha de Leão e Castela nunca teria um rapaz que pudesse comprometer a sucessão do seu querido Sancho. Como num sonho, viu-a afastar-se, alta e elegante na sua túnica colorida, o suave ruído dos pendentes de ouro no cinto a marcarem o ritmo dos seus passos, e pediu a Deus que a abençoasse.

* * *

Urraca veio visitá-la dias depois do nascimento. Triunfante, sabia que vinha triunfante, constatou Teresa mal a viu, eufórica por ter mais uma sobrinha. Podia não ser capaz de engravidar de novo, mas pelo menos a meia-irmã não tivera o neto que poderia levar Afonso VI a inclinar-se decisivamente para o lado do conde D. Henrique e da sua filha favorita, porque Urraca sabia que Teresa sempre fora a menina do pai.

— Deixei a Sancha com as tuas filhas, julga que são bonecas e entretém-se a tratá-las como tal — disse Urraca, espreitando a pequenina Teresa, que mamava ao colo da ama, mais perto da lareira.

— É clarinha como tu, mas esta penugem é ruiva como a do Henrique, que bonita é — acrescentou, beijando-lhe a cabeça redonda.

— Sabes que a tia Urraca disse ao Alberto que era uma rapariga?

Mas Urraca parecia conhecer a história toda.

— O pai disse-me, e sei também que vais herdar a coroa que era dela. Fizeste-lhe cabelos brancos, mas tinhas a força que ela admira nas mulheres — acrescentou, e Teresa franziu o sobrolho, perplexa.

Urraca percebeu o gesto e riu:

— Esqueceste que, como dizia o Alberto, o irmão Alberto, melhor dito, somos gémeas, nas coisas boas e nas coisas más.

Teresa esboçou um riso amarelo:

— Essa é a maior de todas as provocações. E sempre reagiste a ela com tanta fúria como eu.

Urraca riu:

— Mas agora vejo vantagens em recordar-te que sou capaz das mesmas coisas que tu, para o bem e para o mal.

Teresa impacientou-se:

— Desde que entraste que estás com um ar triunfante. O que é que aconteceu lá fora enquanto estou aqui dentro fechada, sem saber se é dia ou noite?

Urraca olhou em seu redor para as janelas tapadas com mantas e tapetes e repreendeu-a:

— Se soubesses o frio que está lá fora. Bem te podes dar por agradecida por estares aqui neste quarto tão quente. Mas não vou

desviar a conversa: o que aconteceu foi que a tia Urraca nos deixou o infantado. A ti e a mim, tudo.

Teresa estremeceu. A riqueza do infantado era imensa, não só em proventos da terra como em conventos e até cidades.

— Somos ricas — constatou Teresa, sem esconder a satisfação.

— Lembras-te que diziam que nunca o poderíamos herdar porque nos tínhamos casado? Como nos contavam que a tia Urraca e a tia Elvira tinham preferido ficar solteiras e poderosas do que ter de abdicar daquilo que herdaram das suas antepassadas?

— E não é assim?

— A tia Urraca estudou o assunto com os maiores juristas e concluiu que não, a única condição é que o infantado permaneça indiviso e que passe para as mãos de mulheres...

Teresa teve vontade de dizer que não sabia como se iriam entender a gerir um património comum, mas calou-se. Não era altura de estragar uma notícia tão extraordinária. Rica, tinha dinheiro seu. E os juristas que haviam escrutinado os direitos de sucessão da tia Urraca certamente que lhe dariam razão quando defendia, como tantas vezes fazia, que o Condado Portucalense era seu por direito. O pai doara-o à filha, como estava autorizado a fazer com território conquistado, que lhe pertencia por direito, por morte de Henrique seria ela a comandá-lo. Sozinha. Rainha, como Urraca Fernandez sempre o fora.

O choro da bebé sobressaltou-a:

— Achas que está bem? — perguntou, agitada.

Urraca já a trazia ao colo.

— Já viste estes olhos?

— A minha mãe diz que eu tinha uns iguais em bebé.

Urraca torceu o nariz:

— Já sei a história! De como o pai te pegou ao colo e olhando-te disse...

Urraca não foi capaz de continuar, mas Teresa, baixinho, terminou a frase: «Teresa, filha minha.»

## Paço Real de Guimarães, primavera de 1102

Teresa abriu a carta da mãe, ansiosa. Estava sozinha no governo do condado, já que Henrique partira nos exércitos do imperador rumo a Valência, tomada pelos almorávidas, procurando conter uma invasão a norte, o mais a norte do que há muitos anos se atreviam.

Era curta, só podia ser um aviso. Ximena contava-lhe como vira Diego Gelmirez passar por Astorga**,** as vestes episcopais de sedas e brocados, usadas na estrada como se fosse dizer missa na catedral, rodeado de uma comitiva de trinta homens, cónegos, padres e secretários, criados e serviçais, que levavam quem passava por eles a virar a cabeça de espanto.

Nem eu nem Henrique viajamos assim, pensou, e mesmo Raimundo e Urraca não se atreviam a tanto. A vaidade do bispo de Santiago era estonteante — com todo o desplante deixava o jumento a D. Bernardo, gozando bem da riqueza terrena que lhe viera parar às mãos.

Mas nada disso importava agora. O fundamental é que Ximena garantia que Gelmirez se dirigia a Braga e que a sua visita estava longe de ser inocente.

Teresa estremeceu. Quem lhe dera que Henrique ali estivesse.

* * *

— D. Geraldo, fui avisada de que D. Diego Gelmirez está a chegar, com as piores intenções.

O arcebispo levantou as sobrancelhas claras, os olhos azuis a brilharem de ironia, e não disse nada.

Teresa riu:

— Sabe que se peca tanto por pensamentos como por atos, não sabe?

D. Geraldo rodopiou o báculo, a cobra parecia viva quando rodava àquela velocidade, e na sua voz serena respondeu, escondendo o divertimento:

— Acredite que prefiro os pecados por atos aos da hipocrisia, mas não posso agir contra alguém que ainda não me ofendeu, com base numa informação...

Teresa impacientou-se:

— Mas pode acautelar-se. E há razões para ter cautela. D. Diego Gelmirez não o visita por cortesia.

D. Geraldo voltou de novo a erguer as sobrancelhas, as sardas do rosto esbatidas pela ausência de sol deixavam-no com um ar cansado e pálido:

— O novo bispo de Santiago anunciou-me uma visita, quer ver as obras da sé, quer venerar os nossos santos...

Teresa levantou-se da cadeira e foi direta à janela do paço de Guimarães como se esperasse ver chegar D. Diego e a sua comitiva.

— Não o deixe sozinho com as nossas relíquias...

D. Geraldo riu:

— A senhora D. Teresa não está a insinuar que debaixo do pálio o bispo de Santiago de Compostela esconda uma picareta.

Teresa olhou-o a direito, sem esconder a sua irritação:

— Digo-lhe que vem decidido a levá-las, é tudo o que sei, é tudo o que a minha mãe me manda dizer, depois de o ter visto em Astorga.

D. Geraldo sobressaltou-se. A condessa era impulsiva e o seu mau génio conhecido, mas uma afirmação tão disparatada era disparatada de mais para ser mentira. E, no entanto, recusava-se a acreditar.

Teresa leu, de novo, os pensamentos do arcebispo e impacientou-se:

— Está avisado, faça como quiser.

E beijando-lhe a mão saiu da sala enfurecida. Como se atrevia a duvidar dela, pior, a duvidar de Ximena Moniz? Se ao menos Henrique não estivesse fora. Vezes e vezes sem conta, era assim: os homens desvalorizavam a palavra das mulheres, imaginavam que eram suscetíveis à intriga e à má-língua e que os humores as impediam de pensar com frieza e racionalidade. E estes estrangeiros eram ainda piores do que os outros. Falaria ao seu tio Soeiro, daria indicações a Paio, por muito que a enervasse admiti-lo, se queria que lhe obedecessem, teria de usar a voz de um homem. Soeiro Mendes da Maia acreditaria no recado da sua cunhada Ximena.

* * *

O povo apinhava-se nas ruas e nas janelas para ver passar a procissão de D. Gelmirez, o grande bispo de Santiago de Compostela,

que, num gesto de cortesia, dizia-se, visitava pela primeira vez Braga, reconhecendo-lhe a dignidade que o papa lhe restaurara.

Na missa de domingo passado, D. Geraldo, um santo homem que cuidava dos pobres e tinha sempre uma palavra para aqueles que acorriam à sé em aflição, apelara a que todos vestissem o que tinham de melhor, lançassem nos parapeitos a colcha da cama e saudassem os homens da Galiza que vinham venerar S. Frutuoso, sobretudo S. Frutuoso, o santo dos santos, que espalhara a palavra e a fé do Senhor, levando os homens a deixar os maus caminhos e a dedicarem-se à palavra de Deus.

Mas o povo sabia que ia ver mais, sabia que veriam passar a senhora D. Teresa e as princesinhas Urraca e Sancha, as damas da corte, nos seus mantos de seda bordados a ouro, os cabelos entrelaçados de flores e fios de prata, rodeada dos magnatas portucalenses, a espada à ilharga, montados em cavalos ainda mais engalanados do que eles.

E ninguém os desiludiu. Gritaram vivas a Teresa, gritaram vivas às princesinhas, e esquecidos da fome do inverno, do peso dos impostos e das mil e uma injustiças contra as quais protestavam todo o ano, saíram à rua a fechar a procissão, e encheram a sé, embalados pelos cantos, enebriados pelo cheiro de velas, incenso e mirra. E mesmo sem entenderem uma palavra do que os arcebispos, os bispos e os padres rezavam lá no altar, de costas viradas para as gentes, roubando-lhes a vista sobre o sacrário, comungaram com eles na certeza de que ali estava o Deus vivo, o único Deus.

Teresa gostava de ser aclamada e de sentir sobre si os olhares dos seus vassalos, e durante o caminho debruçava-se e beijava uma criança aqui e outra ali, e mandava que distribuíssem pão aos que lhe pediam comida. Urraca, com cinco anos, e Sancha, apenas com três, entregavam moedas às crianças que se aproximavam dos seus jumentos, e sorriam, sorriam sempre, como a mãe lhes ordenara.

A cerimónia fora longa e seguira-se-lhe uma ceia, a mesa de refeição tão cheia de iguarias que nem se via a toalha sobre a qual pousavam as travessas, e quando Teresa se despediu, a noite já ia alta e Gelmirez aceitara o convite para pernoitar em casa do arcebispo.

Quando se despediu de D. Geraldo, Teresa murmurou:

— Escutou o meu alerta? — perguntou.

Geraldo sorriu-lhe:

— Não me parece que, se quisesse assaltar a diocese, aceitasse albergar-se em minha casa.

Teresa sacudiu a cabeça, zangada. A ingenuidade do arcebispo desesperava-a.

Num tom de voz mais agressivo, disse alto, suficientemente alto para que Gelmirez a ouvisse:

— Não me diga que não o avisei.

No dia seguinte, o bispo de Santiago de Compostela pediu as chaves para visitar sozinho as igrejas da diocese, cumprindo promessas antigas, e por um instante, por um momento, D. Geraldo desconfiou de que talvez Ximena, talvez Teresa tivesse razão, e Gelmirez preparasse um golpe baixo. Repreendeu-se. Recusava-se a vigiar e a desconfiar de um prelado da sua Igreja. Entregou-lhe as chaves, indicou-lhe o caminho e ajoelhou-se na sua capela a rezar, pedindo perdão por se ter deixado levar por maus pensamentos.

* * *

Paio bateu à porta da sé, os punhos contra a madeira, desesperado. A luz nascia no horizonte e em breve seria a primeira missa da manhã, mas ninguém parecia ouvi-lo. Bateu de novo e um sacristão ensonado abriu-a. O alferes de D. Teresa passou por ele sem sequer o cumprimentar, direto aos aposentos de D. Geraldo. O arcebispo acordara e, enrolando-se num manto apesar da aflição, chegou à sala quando Paio acabava de entrar.

— A Igreja de S. Vítor e a de Sta. Susana foram assaltadas por D. Diego Gelmirez. Os malditos galegos entraram em S. Vítor e escavaram do lado direito do altar, levando a arca de mármore onde estavam...

D. Geraldo sentou-se no primeiro banco que encontrou, pálido, e completou a frase:

— Onde estavam as relíquias de Nosso Senhor Santo Salvador e de muitos outros santos!

Paio assentiu e continuou:

— Levaram-nas, selaram a arca e levaram-na, a cavalo, a esta hora já vão longe.

Tremendo, D. Geraldo perguntou:

— Atreveu-se, atreveu-se a levar os corpos de S. Cucufate e de S. Silvestre?

Paio tapou o rosto com as mãos, tremendo também, de raiva e de comoção:

— Tirou-os dos sarcófagos e envolveu-os em tecido de linho e mandou que seguissem também para Santiago.

— Para Santiago — exclamou Geraldo, prestes a desmaiar.

Paio pôs-se de pé, indignado:

— Não lhe disse tudo, senhor arcebispo, não lhe disse tudo, violou o túmulo da virgem Sta. Susana, e foi ele, ele com as suas mãos sujas, que pegou no corpo da santa e a mandou seguir com as outras.

Geraldo tremia dos pés à cabeça:

— E S. Frutuoso, como deixei sem guarda as cinzas do bem-aventurado S. Frutuoso — chorou.

— Foram também, foram também. Celebrou missa na igreja e, quando todos já tinham saído da igreja, abeirou-se do seu sepulcro e levou-o. Sabia que seria morto se soubessem que o levava, e fugiu pela noite. Dizem que o vai esconder numa quinta de Santiago que se chama Correlhã.

A indignidade máxima parecia ter trazido Geraldo de novo à vida. Numa voz de trovão, gritou:

— Senhor D. Paio, preciso dos soldados da senhora D. Teresa. Temos de os tentar apanhar. Como é possível que um homem de Deus cometa tamanho ultraje.

Paio disparou para a porta, mas Geraldo ainda teve tempo de gritar:

— Em segredo, em segredo, porque senão o povo levanta-se...

— Deixe que se levante e tire a pele a estes ladrões de sepulcros, o crime mais abjeto imaginável — respondeu Paio, já no portão da sé, pronto a montar no seu cavalo.

* * *

Geraldo parecia ter envelhecido vinte anos, dobrado sobre si mesmo, os olhos baixos, quando semanas depois veio ao paço de Guimarães.

Teresa controlou a sua raiva, pobre D. Geraldo, a terra não era

decididamente o lugar dos homens bons, e depois de o cumprimentar passou-lhe para a mão um pergaminho.

— Leia o relato que D. Hugo, cónego e arcediago da sé compostelana, faz do destino dado às nossas santas relíquias — disse Teresa — e procure não desesperar com o tom laudatório dessa crónica encomendada por Gelmirez. — O arcebispo não perguntou onde tinha a princesa roubado o documento. Parecia-lhe agora o menor dos crimes.

D. Hugo dava conta de que o bispo de Santiago entregara a carga preciosa ao arcediago, com a ordem de que escolhessem caminhos secretos até à cidade de Tui, temendo a fúria dos populares que lhe tirassem a preciosa carga, entre os quais já corria o rumor de que o bispo praticara um ato indigno, preparando-se para levar para a sua cidade os santos tirados da terra portucalense. Gelmirez despistara as atenções mantendo-se na Correlhã, sem nada nas mãos que atraísse suspeita. O arcediago, chegado a Tui, tentara atravessar o rio Minho, que estava agitado por tempestades, mas depois de os corpos terem sido colocados sobre a margem do rio, pareceu que o rio sentiu a reverência deles por a aspereza do forte vento ter acalmado e por ter sido dissipada a intempérie atmosférica; e o rio concedeu aos santos a transportar tanta permissão de transporte quanto a superfície da sua água pôde prover, e, apaziguadas as vagas, a superfície da água deslocava-se com tão grande tranquilidade que nem a água se agitava pela mais pequena flutuação. Colocaram os santos trasladados no Cenóbio de S. Bartolomeu, que se situa nos arredores da cidade de Tui. Então, o arcediago, confiando os corpos ao encargo de um fiel guarda, diácono e cónego de São Tiago Apóstolo, regressou a Correlhã para junto do bispo e informou-o acerca do que acontecera na viagem e onde ele deixara os santos de Deus. Mais tarde o diácono, a quem já dissemos que foi atribuída a guarda, levou religiosamente os referidos santos, por ordem do pontífice, para a Igreja de São Pedro de Cela, a qual havia construído o bem-aventurado Frutuoso.

Geraldo ficou silencioso, o pergaminho tremia na sua mão. Teresa sentiu uma pena imensa deste homem tão bondoso que era incapaz de aceitar a maldade suprema, sobretudo vinda de um homem da Igreja.

Olhando-a, como quem espera uma palavra que o ajudasse a entender, o arcebispo disse baixo:

— Não preciso que me digam, já sei que o povo de Santiago vai acolher estas relíquias em festa, pouco querendo saber que foram roubadas pela calada da noite por um homem que tem uma responsabilidade moral inigualável. Vão descalçar-se, até Gelmirez vai tirar os sapatos e à frente da multidão conduzir os corpos dos santos, levando-os para o lado do túmulo de São Tiago. Pelo menos serão tratados com respeito, acredito que serão tratados com respeito.

Ao ouvir esta última frase, Teresa atirou os braços aos céus, em desespero:

— Senhor D. Geraldo, vamos apresentar já hoje uma queixa ao papa, antes que o sabujo de D. Hugo escreva para Roma a dizer que salvou as relíquias de maus-tratos, que lhes deu finalmente o lugar de honra que mereciam. O papa tem de saber do que Gelmirez é capaz.

Geraldo enrolou o pergaminho e devolveu-o à condessa:

— Pode ter a certeza de que não descansarei enquanto as relíquias não voltarem a Braga.

E passando o dedo suavemente pela cobra do seu báculo, sorriu:

— A cruz há de esmigalhar a cobra.

Teresa viu-o partir com impaciência. Geraldo estava disposto a esperar pelo dia do Juízo Final, e ela, ela queria justiça imediata. E implacável.

## Astorga, janeiro de 1103

Paio pediu admissão aos aposentos de Henrique e Teresa, no paço de Astorga, e mal o viram perceberam que trazia más notícias. Com um gesto quase impercetível da mão, os conselheiros e as damas saíram em silêncio e os guardas voltaram a fechar as portas, postando-se à sua frente.

— O que é que aconteceu? — perguntou Teresa, ansiosa.

O mordomo-mor retirou de debaixo da túnica um pergaminho, espalmado contra o peito para dar menos nas vistas, e estendeu-o ao conde D. Henrique.

— A escritura que o imperador nos pediu que testemunhássemos hoje à tarde — antecipou Henrique, curioso, enquanto Teresa procurava ler o que estava escrito. E foi ela que deu um grito:

— Henrique, olha aqui, Sancho é tratado por D. Sancho, só o meu pai é que recebe o título de dom, sabes isso.

— Mas reparem no lugar da assinatura — tranquilizou Paio. — É abaixo, logo abaixo para ser mais rigoroso, dos condes portucalenses.

— Por enquanto! — ripostou Teresa, a voz estridente, lembrando a da tia Urraca.

Henrique arrancou-lhe o documento, e com ele nas mãos andou para a frente e para trás, falando como que consigo mesmo:

— Então sempre é verdade.

Foi Paio que respondeu:

— É verdade, e mais do que isso, o senhor D. Afonso vai nomeá-lo governador de Toledo.

— Mas isso é impossível, é uma afronta — gritou Henrique — entregar o governo da capital imperial a um miúdo de dez anos. Tem dez anos, Teresa?

Teresa acenou que sim.

— Entregar-lhe o governo da cidade cuja conquista lhe valeu o título de imperador é fomentar a criação de uma fação sanchista entre os seus nobres — declarou Henrique, genuinamente chocado.

Paio concordou:

— Pedro Ansurez já abandonou Urraca para se manifestar disponível para assessorar Sancho.

Perante a boca aberta de espanto de Teresa, acrescentou, numa voz cínica:

— Afirma que serve até à morte o imperador e cumprirá as suas vontades.

Henrique voltou a ler a escritura, uma simples doação ao Mosteiro de Astorga, e estacou:

— Teresa, o imperador quer apaziguar-te com esta doação a Astorga, uma terra que está sobre a tenência da tua mãe, que pertence à diocese de Braga por direito…

Apaziguar Ximena fazia sentido. Tantos anos passados, num momento em que se preparava para deixar passar à frente das suas filhas o bastardo da moura, Afonso acenava a Ximena com uma generosíssima doação de terras.

Teresa riu nervosamente:

— Como se a minha mãe, como se eu me contentasse com isto!

Henrique concordou. Por muito importante que fosse a doação, não adiantava nada às suas ambições. Recusava-se a deixar que o afastassem da corrida àquilo que se sentia no direito de ter, uma parte do reino por morte do sogro, tão simples como isso.

— Raimundo e Urraca já sabem disto? — perguntou Teresa a Paio.

O mordomo encolheu os ombros:

— Só se tiverem alguém tão rápido como eu a copiar.

Teresa conseguiu rir:

— E tão capaz como tu de convencer o escrivão-mor do rei de que és uma pessoa de confiança.

Paio e Henrique sorriram.

— Urraca terá o documento, mais cedo ou mais tarde, mas sempre antes da escritura — comentou Henrique, que não tinha dúvidas nenhumas acerca da capacidade que as irmãs tinham de se antecipar a tudo.

— O que sugeres que façamos? — perguntou Teresa.

— Agimos como se nada fosse. Sorrimos e tu, Teresa, sobretudo tu, agradeces. Esta doação é duplamente dura para Raimundo e Urraca, porque, para além da questão de Sancho, deixa claro, mais uma vez, que o rei procura todas as ocasiões para te favorecer.

Teresa suspirou:

— Não posso deixar de me colocar no lugar de Urraca e Raimundo. Urraca sempre se viu como a herdeira legítima, a filha da rainha Constança, tudo isso, e Raimundo acreditou, desde o primeiro momento, que viria a ser rei…

— Diz mesmo que o imperador o declarou herdeiro — comentou, a medo, Paio.

Teresa enfureceu-se:

— Mas isso é mentira. Um rumor posto a correr depois da morte da rainha Constança. Mas mesmo que o meu pai tivesse encarado essa hipótese, o comportamento de Raimundo quando lhe deu o governo das terras a sul estragou tudo: cobrou impostos em nome do rei e encheu os bolsos, foi um mau vassalo, e o imperador está atento.

Henrique parecia não os ouvir:

— Paio, é preciso percebermos quem está do lado de Sancho, quem alinha com Raimundo. Descobre-me isso, e ainda quem está indeciso e poderia alinhar por mim. Por nós — acrescentou apressadamente. — E tu, Teresa, escreve depressa a Ximena Moniz. Ninguém melhor do que ela para descobrir as sensibilidades destes nobres, saber quem são os descontentes, e mexer os cordelinhos a nosso favor. Não podemos cair no erro de abordar alguém que corra a contar tudo ao adversário.

Teresa concordou, e Henrique insistiu:

— Teresa, hoje à tarde lembra-te da tua tia Urraca. Nada de comentários, nem apartes, nem tão-pouco amuos. Sorris e agradeces, viva a hipocrisia.

Teresa encolheu os ombros, indignada:

— Achas mesmo que preciso que mo lembres?

Olhando em volta, procurou o apoio de Paio, mas Paio era inteligente de mais para se imiscuir nas discussões dos seus senhores e já tinha saído.

## Paço de Guimarães, abril de 1103

Teresa viu-os partir da torre do castelo de Guimarães, à primeira luz da manhã. A capa negra do hábito cluniacense de D. Geraldo contrastava com a capa branca de Henrique, sem elmo nem armadura, os dois no centro de um pequeno grupo de soldados que velava pela sua segurança.

Partiam juntos, discretamente, decididos a enfrentar o papa pessoalmente, mexer todas as influências junto do abade Hugo de Cluny e procurar reforçar apoios, a única forma, acreditavam, de conseguir que se fizesse justiça. Geraldo escrevera incessantemente ao papa, mas Diego Gelmirez continuava impune, o seu roubo sem castigo. E Braga demasiado frágil para o enfrentar.

Teresa olhou o horizonte em direção a Santiago de Compostela. Sentia uma vontade irresistível de pegar na espada, juntar atrás de si os nobres portucalenses e resolver o assunto pela força. Nos seus sonhos, chegava a lâmina ao pescoço do bispo galego e apagava de vez o sorriso escarninho que estava certa lhe iluminava a cara sempre que olhava as relíquias roubadas. Imaginava-o a mandar construir capelas e altares para os santos que não lhe pertenciam. E mais fora de si ficava quando deixava a imaginação correr e de olhos fechados via Urraca, triunfante, ajoelhada junto ao corpo de Sta. Susana, fingindo piedosa devoção.

Nem mesmo o generoso e gentil Geraldo conseguia disfarçar a raiva. Fosse qual fosse o resultado, não esqueceria esta afronta, e mais tarde ou mais cedo Gelmirez e Urraca pagariam esta afronta.

Depois dos sinais a favor de Sancho que tinham visto em Astorga, era preciso mentir. Henrique e ela mentiram até a Soeiro Mendes, dizendo-lhe que Henrique acompanhava o bispo da sua principal diocese apenas até aos Pirenéus, seguindo depois em peregrinação para Jerusalém, sob risco de acicatar as intrigas que por esta altura Urraca e Raimundo já urdiam na corte de Afonso VI, insinuando ao imperador que os condes portucalenses conspiravam com Cluny e Roma contra o seu casamento com a moura, contra o seu filho Sancho e qualquer possibilidade de o nomear herdeiro.

Teresa sabia que com a idade o pai se tornara mais desconfiado,

fragilizado pela morte da tia Urraca e pelas guerrilhas internas, tendo-se tornado muito mais suscetível à má-língua. Mais ainda quando mexiam com a sua consciência e lhe recordavam que Hugo de Cluny, amigo, confessor e aliado, não hesitaria em transferir a aliança para o seu sobrinho cruzado, empenhado em favorecer os cluniacenses em Espanha e em prosseguir a luta contra o infiel.

Durante uma fração de segundo, a imagem das grilhetas em redor dos calcanhares do tio Garcia voltaram-lhe à mente, ela e Alberto debruçados sobre o caixão, o grito de horror. E a placidez da tia Urraca quando, com todo o descaramento, lhe perguntara quem o mandara aprisionar… Quem com ferro mata com ferro morre, melhor do que ninguém Afonso VI sabia do que a ambição é capaz.

Sacudiu a cabeça, procurando limpar o pensamento. Encheu o peito com o ar frio da manhã e foi tomada por uma excitação indisfarçável: era a primeira vez que Henrique lhe deixava, se bem que com o apoio de Soeiro Mendes da Maia, é verdade, o governo dos seus territórios.

Benzendo-se, pediu ferverosamente pela segurança da viagem do marido. Com satisfação, recordou a noite passada, em que se tinham despedido com paixão — se ao menos tivesse engravidado, se ao menos Deus a abençoasse com um filho varão. Passou a mão pelo ventre, numa oração silenciosa, e regressou aos seus aposentos. Dentro de uma hora, Soeiro e Paio estariam prontos para reunir.

* * *

— Mãe, mãe, porque é que não me deixou despedir-me do pai? — protestou Urraca, correndo para ela mal a viu entrar no quarto das crianças. Teresa olhou para a sua filha Urraca, que aos seis anos lhe lembrava tanto como tinha sido com aquela idade: impulsiva, corajosa, disposta a tudo quando se lhe metia uma ideia na cabeça. Mas como Ximena a domara a ela, também ela tinha de manter Urraca na ordem:

— Urraca, se voltas a falar comigo assim, ficas dois dias a pão e água no teu quarto.

Urraca estacou por segundos, como que a contrapesar o prazer de protestar no momento com o castigo, e decidiu que preferia o castigo:

— Não me importo nada de ficar dois dias a pão e água desde que

tire a Sancha da minha cama, não me deixa dormir, chora e grita como um bebé, diz que tem pesadelos.

Teresa estendeu os braços a Sancha, que se aninhou neles por segundos, como quem trinca e engole um rebuçado porque sabe que senão lho tiram.

— Que história é esta de pesadelos, Sancha? — perguntou Teresa, ligeiramente impaciente. Sancha tinha muito de Elvira, e se precisava de domar a impulsividade de Urraca, não fazia tenções nenhumas de permitir que a ama, a sua querida ama, que insistira em supervisionar a educação das suas meninas, transformasse Sancha numa piegas, com medo de tudo.

— São sonhos maus, mãe — disse Sancha, recuando um passo. — Não tenho culpa, a ama diz que são ideias do Diabo, que aproveita o sono para entrar na minha cabeça.

Teresa procurou a ama, que se fingia atarefada a mudar a roupa à pequenina Teresa.

— Ama, que conversa é esta? — trovejou a condessa.

A ama levantou a cabeça do que fazia, olhos de desafio:

— A menina sabe que é assim, porque é que me vai repreender? Não lho disse a si tantas vezes, quando era desta idade?

Perante a impaciência de Teresa, acrescentou:

— Já disse à menina Sancha que não é preciso chorar, basta que se benza e reze um pai-nosso e Satanás não lhe fará mal.

Teresa puxou de novo Sancha para si:

— Vês, só tens de rezar e tudo fica bem.

Sancha olhou-a como quem não acredita, mas também não quer desafiar a mãe e a ama de uma só vez. Urraca, furiosa por ter passado para segundo plano, voltou à carga:

— Vai-me dizer porque é que o pai saiu sem se despedir de mim? Para onde ia com tanta pressa…

Teresa decidiu evitar o confronto direto, Urraca ganhava sempre, ou não tivesse o nome da mulher mais poderosa que conhecera, pensou com um suspiro de saudade.

— Urraca, o pai foi ao vosso quarto, beijou-vos e abençoou-vos, como faz sempre antes de partir.

Urraca acenou a cabeça com um não vigoroso:

— Não veio, não. Acordo sempre quando ele me faz o sinal da cruz na testa e fala comigo em francês — disse, a voz quase num choro.

— Estavas cansada, num sono muito pesado, mas garanto-te que é verdade, nunca partiria sem te dizer adeus — respondeu Teresa, recordando como a magoara quando, nas suas raras visitas, Afonso VI partira sem se despedir dela.

Pegando na mão da filha, levou-a até à cama:

— Vamos ver se te deixou alguma coisa? — E sem que a criança reparasse enfiou o pequenino crucifixo que trazia sempre no bolso da túnica por baixo da almofada:

— Vê bem, Urraca, porque tenho a certeza de que te terá deixado um sinal, já que dizes que não falaste com ele.

Urraca levantou o lençol e a coberta, procurou debaixo das esteiras sobrepostas e finalmente levantou a almofada, gritando triunfante:

— Mãe, mãe, o pai deixou-me uma cruz.

Os seus olhos brilhavam à claridade da manhã, como duas poças de água em que o sol bate, e num gesto impulsivo escondeu o rosto contra as pernas da mãe, que lhe deu uma festa no cabelo:

— O pai foi a Jerusalém em peregrinação, vai trazer relíquias para a sé, e com certeza não se esquecerá de ti.

E, virando-se para Sancha, num impulso retirou de em redor do pescoço a sua relíquia de St. André e, ajoelhando-se, disse-lhe:

— Vamos combinar uma coisa: a mãe empresta-te esta relíquia de St. André que a avó Ximena me deu quando deixei o Bierzo e assim não há Diabo que chegue ao pé de ti. Quando já não tiveres medo, devolves-ma, combinado?

E dando duas voltas do fio de ouro em redor do pescoço de Sancha, recomendou:

— Livra-te de o perderes!

— Mãe, mãe — ouviu de repente, e procurando subir-lhe para o colo estava a pequenina Teresa. Tomou-a nos braços e deu uma volta no ar com ela:

— Já consegues chamar-me pelo nome — disse eufórica. — Ouviram, meninas, a mana a chamar a mãe? — E as gargalhadas da pequenina Teresa encheram o quarto, os olhos das mulheres Moniz incandescentes.

«Teresa, filha minha», sussurrou-lhe ao ouvido.

## *Castelo de Urvel, maio de 1103*

*Leu e releu a carta com alegria. Elvira dera à luz um filho varão, o primeiro varão legítimo desta família! Legítimo, sim, protestou alto consigo mesma, cada vez mais certa, à medida que o tempo passava, que a sua relação com Afonso VI de Leão e Castela fora isso mesmo, um casamento, pelo menos aos olhos da sua fé, aquela que garantia que bastava Deus para oficiar o amor de um homem e de uma mulher.*

*— Afonso Jordão — repetiu baixinho.*

*Elvira, lá longe em Tripoli, escolhia o nome de Afonso para o herdeiro da casa de St. Gilles, para o filho do homem a quem fora oferecida a coroa de Jerusalém!*

*Ainda hoje escreveria ao imperador para lhe dar a notícia, afinal eram agora avós de um neto, do primeiro Afonso desta geração. A vaidade do imperador seria tocada, tinha a certeza disso.*

*Se a mãe desta criança fosse Teresa, teria a certeza de que tentaria levar Afonso VI a reconsiderar o favoritismo cada vez mais evidente pelo filho da moura, mas Elvira não. Elvira e Raimundo de St. Gilles já tinham anunciado o desejo de construírem um reino em Tripoli, que o cruzado planeava conquistar, próximo de Constantinopla, que tanto os fascinara. Elvira era a filha generosa que prestava uma homenagem ao pai.*

*Enrolou o pergaminho e ajoelhou-se em oração. Rezou por Elvira e pelo pequenino Afonso, e rezou por Teresa, que sabia desesperada pela súbita infertilidade, e a quem este nascimento doeria muito. A única satisfação que podia mitigar o seu ciúme seria a constatação de que, apesar de tudo, o primeiro Afonso era filho da sua irmã Elvira e não de Urraca.*

*Sorriu com amargura, como era amargo este jogo de poder, e depois, levantando-se, sentou-se no banco junto da lareira e chamou a velha criada que todas as noites lhe penteava cem vezes o cabelo.*

*— Livra-te de me dizeres que por ser avó pela quarta vez tenho cabelos brancos — avisou, com um sorriso de felicidade nos lábios.*

## Paço de Guimarães, maio de 1103

D. Maurício Burdino, que D. Geraldo deixara a substituí-lo em Braga, dirigiu-se à condessa, sem um sorriso.

— Notícias de Roma — disse.

Teresa desviou o olhar do bispo de Coimbra. Havia sempre qualquer coisa de ameaçador neste monge que subira tão alto e tão depressa. Teresa sentia que a fúria com que perseguia o rito moçárabe, e todos os que ainda se atreviam a utilizá-lo, algum dia se poderia voltar contra eles. Henrique dava-se melhor com ele do que ela, mas Henrique continuava em peregrinação...

— D. Geraldo parece ter conseguido grandes vitórias junto do Santo Padre — acrescentou o bispo.

Teresa entusiasmou-se:

— Conseguiu que o papa penalizasse D. Diego Gelmirez?

D. Maurício negou, e com aquela voz arrastada que tanto irritava a condessa acrescentou:

— Temos de dar graças pelas nossas bênçãos...

Teresa interrompeu-o, a voz alterada:

— Conseguiu ou não?

Maurício repreendeu-se intimamente a si mesmo, porque insistia em tratar D. Teresa como uma mulher como as outras, em que tudo devia ser explicado com palavras doces e apelando à piedade e à devoção. Estava seguro de que a condessa só lhe beijava a mão por obrigação, não tendo por ele qualquer consideração particular. Tossicou e continuou, assegurando-se de que fazia o relato com menos palavras, até porque quanto mais depressa dali saísse melhor. Quando seria que Henrique voltava da peregrinação?

— O papa Pascoal II foi cauteloso. Já tinha recebido de D. Gelmirez uma versão dos acontecimentos, em que lhe garantia ter salvo as relíquias da destruição.

Teresa inspirou alto, e Maurício apressou-se:

— Sabemos que tudo não passam de mentiras, mas pelos vistos o papa teve-as em consideração. E sendo assim foi salomónico.

— Ou seja, não nos devolveu as relíquias dos nossos santos, mas deu-nos o quê em troca?

— Confirmou a jurisdição da Sé de Braga sobre dioceses da Galiza, para além do Porto, Coimbra, Lamego e Viseu — explicou o bispo, deixando evidente a sua preocupação.

Teresa provocou-o:

— Tem medo que Coimbra reaja mal, afinal sempre foi independente. Como tem corrido o seu esforço de abolir a liturgia moçárabe, ainda se ouvem as salmodias nas missas?

O rosto de D. Maurício contraiu-se. A mulher pode ser a serpente do Diabo.

— D. Raimundo e D. Gelmirez já sabem disto? — perguntou.

— D. Geraldo insistiu que fosse o papa a dar-lhes a notícia.

Teresa acenou, satisfeita.

— Uma bula?

— Uma bula a pedir que se reconheçam a dignidade e os direitos metropolitas da Sé de Braga. Enviou-a ao conde D. Raimundo, a D. Gelmirez, ao bispo de Astorga e a mim — concluiu orgulhoso.

— Mas não quis uma guerra aberta com Compostela! É demasiado preciosa para Roma, um bastião que lhe poderá ser muito útil se os tempos se tornarem conturbados!

Maurício fingiu não entender a insinuação de que Roma se preparava para uma guerra de sucessão atribulada. Teresa preferiu conduzir a conversa para território mais seguro.

— Ficou marcado o próximo concílio? — perguntou.

— Mais para o fim do ano, em Palência — explicitou Maurício.

Certamente que o pai não se atreveria a nomear Sancho antes do encontro de bispos e nobres, a que o rei presidia. Talvez no concílio o fizessem mudar de ideias, quem sabe se ela e Urraca estariam por essa altura grávidas. Se Afonso de Leão se lembraria do seu neto Afonso Jordão…

O silêncio de Teresa foi a oportunidade pela qual Maurício esperava, e o mais depressa que pôde despediu-se e afastou-se do paço, longe de Guimarães, a caminho de Braga. Também ele tinha muito em que pensar.

* * *

Nessa noite recebeu uma nota curta de Henrique, uma carta que chegava anónima por um mensageiro discreto. Henrique dizia-lhe que conseguira, com a ajuda de Hugo de Cluny, adquirir relíquias preciosas que enviaria brevemente. Teresa devia recebê-las como enviadas pelo marido da Terra Santa, reencaminhando-as para a Sé de Braga. Quanto a ele, seguia para Leão, onde Afonso VI reunia agora com a corte, chegado de Burgos e a caminho de Toledo.

«Julgo que é fundamental acompanhar o imperador, vermos e sermos vistos, ouvir e sermos ouvidos, por isso peço-te que, mal D. Geraldo volte a Braga, venhas ter imediatamente comigo», escrevia. Teresa sorriu para si mesma. Se a guerra acontecia na corte, era na corte que ela queria estar.

## Cidade Imperial de Toledo, abril de 1104

Zaida atraía o olhar de toda a sala. O turbante de seda florida envolvia-lhe os cabelos, deixando apenas uma ou outra madeixa esvoaçar de fora, como que a lembrar que os seus eram negros como as asas de um corvo, e os brincos de ouro e prata, magníficos, pendiam-lhe das orelhas perfeitas, tão grandes como Teresa nunca vira iguais.

Atravessou o espaço como se os pés nem sequer pousassem nos tapetes estendidos a cobrir as lajes da sala do alcácer de Toledo, a luz e a sombra dos arcos visigóticos que tornavam este espaço deslumbrante, como quem atravessa uma floresta e passeia entre as árvores.

As fileiras dos nobres convocados abriam para a deixar passar, e não houve nenhum que não se lembrasse do seu batismo em Burgos há dez anos, quando escondia dentro de si aquele que hoje seria aqui aclamado.

Quando os seus olhos se cruzaram com os de Teresa, de pé junto do estrado alteado onde o imperador esperava por ela, Zaida sorriu. Os olhos enormes, pintados de um azul-turquesa que causava escândalo, tão sorridentes como a sua boca, e Teresa não conseguiu deixar de sorrir de volta.

Sentada à direita do imperador, no centro do seu poder, nesta cidade alpendorada num monte no meio de uma planície árida, terra de sinagogas e de mesquitas, mas onde vencia a catedral, Zaida estava disposta a perdoar todos os que a queriam longe da cama do rei, a quem já dera três filhos. Só um varão, só um Sancho, que um dia sucederia ao pai.

Afonso VI parecia uma criança a quem fora dado o melhor dos brinquedos, a boneca preferida, o cavalinho de pau, o peão que rodopia.

Olhava para Zaida e para Sancho, cheio de orgulho. Porque Sancho também lá estava. À esquerda do pai, alto para a idade, a pele mais clara do que a da mãe, mas o mesmo inigualável cabelo preto, sedoso e brilhante, como nunca o de Teresa ficara, mesmo quando a ama o lavava com limão e vinagre.

Também Sancho sorriu para Teresa, para Urraca, para Raimundo e para Henrique, e para todos os que mantinham o olhar no seu. Zaida educara-o para conquistar, para seduzir, para vencer obstáculos com a

inteligência e não com a força. O seu aio gabava-se de nunca ter tido melhor aluno, mas Teresa desconfiava da opinião de aios, cujo lugar depende do agrado do mestre. Se fosse a tia Urraca a dizê-lo, teria acreditado, deu por si a pensar, sem conseguir deixar de imaginar o que diria a rainha Urraca Fernandez, lá de cima, ao ver o trono porque tanto lutara entregue a um mouro. Ou quase.

Afonso VI planeava o que aconteceria depois da sua morte, pensou com cinismo, que omnipotência a dele, imaginando porventura que depois de morto a sua vontade se imporia a todos eles, que, por muito que o amassem, se digladiariam para usar a coroa. Não matara Afonso dois irmãos para conseguir o mesmo?, atreveu-se a pensar.

Teresa não ouviu as palavras do pai, não as quis ouvir, mas mais tarde, na cama com Henrique, confessou:

— Nada disto é definitivo, o meu pai pode estar ferido numa perna, mas tem saúde, e eu…

Henrique apertou-a contra si:

— Tenho estado tanto tempo fora que não admira que nada tenha acontecido — disse, beijando-a.

Teresa rabujou:

— Não me vais dizer que Zaida te deu de novo um saquinho com ervas, porque tenho a certeza de que foi ela que me condenou a ter só filhas…

Henrique calou-a com um beijo:

— Não digas isso que é pecado!

Teresa afastou-o, com brusquidão:

— Hoje não, hoje não. Depois de tudo aquilo, Urraca veio dizer-me, com aquele seu sorrisinho triunfante, que está grávida.

Henrique fez-lhe uma festa no cabelo, que não recusou:

— E tu também vais estar, em breve. E vou fazer uso de todos os conselhos que recebi do abade de Cluny e vou garantir que o meu filho herde um reino digno de um filho da rainha Teresa.

Mas Teresa hoje não queria saber de estratégias nem de planos. Por uma vez na vida. Estava demasiado magoada por dentro, vazia, como se lhe tivessem roubado a alegria e a vontade.

Afonso VI, rei, depois imperador, mas sempre Moisés com as tábuas sagradas, como no grande livro de iluminuras. O pai que a atirava ao ar

e lhe chamava cabritinho, que assistia orgulhoso às suas aulas de esgrima e a desafiava a cortar a erva verde que cobria os montes, e um dia a cabeça dos almorávidas que invadiam o reino. Como lhe custara hoje ver aquele olhar nos cabelos negros de Sancho. Sentia que falhara, que era uma mulher, nada mais do que isso.

## *S. Pedro de Montes, setembro de 1104*

*Setembro estava mais fresco do que o costume, mas continuava a ser o mês favorito de Ximena. Acolhera-se a S. Pedro de Montes e retomara os seus passeios junto ao rio, onde encontrava por momentos uma paz que não tinha.*

*Henrique e Teresa vieram ter com ela, Henrique regressado do cerco de Medinaceli, onde de novo os cristãos tinham sido derrotados pelos almorávidas, Teresa na ânsia de o voltar a ver.*

*Ximena observou-os, vendo-os descer de braço dado, até junto do rio, enquanto discutiam, ali onde os carvalhos centenários não contavam o que ouviam.*

*— Temos de agir antes que o bebé de Urraca nasça! Se for um varão, o partido de Raimundo crescerá a olhos vistos, até Pedro Ansurez, que se tornou sanchista, pensará duas vezes — dizia-lhe Teresa.*

*— Mas Raimundo tem muitos inimigos entre os nobres de Leão e Castela. Não sei se o imperador não lhe deu um presente envenenado quando lhe ofereceu o governo de Zamora e a repovoação das terras toledanas — respondeu Henrique.*

*A mulher sorriu-lhe:*

*— O meu pai é perito em presentes envenenados, podes ter a certeza de que joga em todas as casas, mesmo agora, mesmo depois de ter dito claramente que Sancho é o herdeiro.*

*— A mim mandou-me para Medinaceli, ao comando de cinco mil homens, um cerco difícil. Por um lado foi uma honra, uma prova de confiança, por outro, tendo em conta a força dos almorávidas…*

*— O que importa é que saíste vitorioso, Henrique, o mais importante num reino que procura reconquistar território aos mouros, e vencer esses malditos sarracenos, é ser capaz de empunhar com valentia uma espada e comandar homens. É aí o teu trunfo, e a falha de Raimundo, que deves explorar.*

*— Mas Sancho está a ser treinado pelos melhores mestres. O rei assegurou-lhe os nobres de Castela e Leão, e até Pedro Ansurez…*

*— Eu sei, eu sei, mas é muito novo, tem dez anos. O imperador pode satisfazer o seu orgulho pessoal em finalmente percorrer as ruas de Toledo como abu-Afonso, mas as pessoas sabem que o filho não passa de uma criança — protestou Teresa.*

*— Agora, mas o teu pai não é tão velho assim. Se viver mais dez anos, o que é natural, Sancho já terá vinte nesse dia triste — contestou Henrique.*

*— Não vale a pena pensar no futuro distante, o que interessa neste momento é conseguir o máximo de benefícios, aproveitando estas cisões, Henrique.*

*— Sei disso — respondeu o conde impaciente. O que quero é consolidar o meu território, ganhar mais terras e conseguir fazer alianças. Não vou disputar a liderança de Raimundo, pelo menos não para já, e nunca quando a mulher espera um filho…*

*— Os informadores da minha mãe dizem-lhe que grande parte do clero está insatisfeito, aquele que não está sob a jurisdição de Diego Gelmirez, evidentemente, e que teme o que aconteceria se o conde da Galiza fosse coroado.*

*Henrique anuiu:*

*— Os mosteiros que aderiram à regra beneditina, e que são muitos...*

*— Se ouvires a tua sogra, dir-te-á que são de mais — contestou Teresa.*

*— O que quero dizer é que os cluniacenses poderão estar do nosso lado. Raimundo e Urraca não têm sido generosos com a ordem…*

*— E a Abadia de Cluny depende da riqueza que a coroa de Espanha lhe garante há tantos anos.*

*Henrique torceu o nariz. Não era um cínico, e a insistência de Teresa, para não falar de Ximena, neste tema exasperava-o.*

*— Quantas vezes te disse que não é uma questão de dinheiro. Os mosteiros de Cluny têm sido uma rede de influência na conversão de uma Igreja dispersa e por isso sem força numa unidade que se quer que pense e aja sob as mesmas diretivas, sob o poder de Roma. Só assim há leis e regras e se acabam com tantos escândalos que não podem senão atrair a fúria de Deus.*

*Teresa apanhou umas amoras:*

*— Hummm, vou levar algumas destas amoras à minha mãe, ela diz sempre que nenhumas no mundo têm este sabor.*

*Henrique aceitou provar uma, mas não se distraiu:*

*— Uma moral mais forte, à prova de críticas.*

*— Em que, como defende Pascoal II, os bispos sejam nomeados apenas por Roma, sem interferência dos monarcas ou dos grandes senhores?*

*Henrique sorriu:*

*— Em princípio, sim, mas que seja aberto a negociação.*

*Teresa comeu mais duas amoras:*

*— Henrique, vou dizer-te o que quero, aqui no meio destes vales sem ouvidos: quero juntar Coimbra, Santarém e Lisboa ao nosso condado, mas também Zamora, e quem sabe se Toledo. Tens um plano?*

*Henrique riu:*

*— Sigo os conselhos do tio Hugo. Espero que as nossas doações aos mosteiros cluniacenses rendam fruto. Sabes que temos sido discretos para não interferir na relação que o teu pai tem com o abade de Cluny. Para não dar ideia de que concorremos com ele.*

*Teresa interrompeu:*

*— Diz antes, «concorria»...*

*Henrique concordou, visivelmente satisfeito consigo próprio.*

*— Agora é altura de darmos um passo em território inimigo. Devemos fazer uma grande doação a St. Isidoro de Dueñas. Tu dirás que a escolheste porque St. Isidoro é da tua devoção, uma devoção que herdaste da tia Urraca.*

*Teresa estendeu as mãos para um marmeleiro:*

*— Vou mandar marmelos para o paço de Guimarães, para que os façam em calda, para proteger as nossas filhas do inverno. Ou se calhar peço aqui aos monges que os cozam, para que não apodreçam pelo caminho…*

*— Teresa, não te distraias da conversa, concordas ou não concordas?*

*— Desculpa, Henrique. Uma doação a St. Isidoro, as orelhas de Raimundo e de Urraca vão ferver, mas a fúria do meu pai também acorda… Para já, nunca acreditará que a minha devoção se deve à tia Urraca, Henrique, ninguém melhor do que ele sabe que até ao último dia da sua vida defendeu secretamente o rito moçárabe, o rito do seu querido St. Isidoro.*

*Exaltado, Henrique protestou:*

*— O que não é pior! Não é pior que saiba que não pode tratar assim as suas filhas e os seus genros, ainda por cima quando comandam os seus exércitos. Mas a doação é um pretexto para que me junte com todos aqueles que, acreditamos, possam servir a nossa causa. Quando chegar aos ouvidos de Raimundo que não estamos quietos, ficará disposto a negociar…*

*— Os dois, frente a frente? — perguntou Teresa, incrédula.*

*— Com um mediador.*

*Teresa olhou-o com admiração:*

*— Hugo de Cluny manda um dos seus, fará isso por ti?*

*— Por mim, não, mas pela solução que mais lhe convém. Achas que um imperador filho de Zaida manterá os privilégios da ordem? E quanto a Raimundo, D. Hugo está certo de que a sua aposta seria no movimento dissidente de beneditinos, que ganha força na Europa, ou nalgum outro que o próprio Diego Gelmirez trataria de criar.*

*— Já pensaste onde queres fazer o encontro, digo o primeiro, o encontro do clero de Portucale*

*e de Leão, dos nobres de Portucale e de Leão, os mais insatisfeitos, e os dissidentes da Galiza. E, claro, aqui o abade de S. Pedro de Montes, com os seus mosteiros e paróquias…*

*Henrique subitamente riu:*

*— As amoras são ótimas, mas agora precisava de jantar e já oiço os sinos!*

## Terra de Campos, janeiro de 1105

Teresa encostou-se à janela e espreitou, como fazia quando era pequena no paço de Leão, só que agora tinha ao lado as filhas Urraca e Sancha, tão curiosas como ela com o que se passava lá fora. Trouxera as filhas mais velhas consigo, contra o conselho de Henrique, que as queria entregues a uma das famílias nobres do condado, «porque assim sentirão que crescem entre eles», argumentara. Mas Teresa discordara, «quem melhor lhes pode ensinar a desempenhar este papel do que eu?», e Henrique acabara por ceder.

— Mãe, olhe quem chega, Ermígio e Egas Moniz, veja as armas dos Ribadouro no estandarte! — exclamou Urraca. — E veja ali, os cinco Paios, vieram todos juntos.

Em pequenos grupos, mas como se tivessem combinado chegar todos à mesma hora, os 27 nobres portucalenses e os senhores e o clero de Leão foram chegando.

Teresa encheu os pulmões de ar, subitamente preocupada. Nunca na vida Afonso de Leão e Castela acreditaria que este verdadeiro concílio tinha como único propósito juntar testemunhas de uma doação ao Mosteiro de Santo Isidoro. Estava certa de que entre os convocados haveria espiões, tanto do rei como de Raimundo. Quais seriam?

Preparava-se para se juntar a Henrique na sala de receções quando o coração parou:

A pequenina comitiva de Sahagún chegava, e um irmão ainda jovem ajudava aquele que era certamente o abade Diogo, o jumento branco a indicar que ali ia um homem poderoso mas humilde. Sorriu satisfeita quando o monge se virou e percebeu que era Alberto. Como não tinha pensado nisso? Era evidente que o cronista de Sahagún não podia perder este momento histórico. Troçaria dele. Fingiria implorar que a retratasse para a posteridade como a única mulher presente nesta doação. Riu para si mesma: nem podia fazer de outra forma porque estavam todos aqui para a ver apor o seu nome, primeiro antes de todos os demais, nesta generosa doação de terras que lhe pertenciam à comunidade cluniacense de Dueñas.

Urraca também reparara nele, e Teresa, divertida, viu a filha correr para o seu antigo escudeiro, como uma sobrinha procura o abraço de

um tio que adora. Teresa sorriu-lhe serenamente. Era bom saber que estava aqui.

* * *

Quando se deitaram naquela noite, Teresa encostou a cabeça ao ombro de Henrique e sussurrou satisfeita:

— Por esta hora já Urraca e Raimundo sabem que temos connosco a Igreja e muitos dos nobres de Leão.

Henrique sorriu:

— O mais engraçado é que suspeitarão que isto é um golpe do próprio imperador para nos conquistar para a causa de Sancho.

A mulher franziu o sobrolho:

— E se for, Henrique? Os caminhos do meu pai são ínvios. Não estranhaste ver chegar o seu oficial-mor? É um homem leal ao imperador, acima de qualquer suspeita, como poderia estar aqui sem a autorização do rei?

Henrique deixou-se cair sobre as costas e observou as ripas de madeira do teto:

— Afonso VI dá-nos um sinal de que está disposto a comprar a nossa aliança, a apostar numa outra das suas filhas, mas prefiro fingir que não entendi a mensagem. Prefiro que o imperador fique na dúvida, que perca o sono imaginando que garanti o apoio dos soldados francos, dispostos a vir secundar-nos se mantiver este seu desejo de ver um filho de uma moura no trono. E quero que Raimundo duvide também. Fique nervoso, venha ao nosso encontro...

Teresa olhou o marido, com orgulho, e Henrique beijou-a:

— Mas enquanto esperamos podemos ir tratando da nossa sucessão.

Teresa beijou-o de volta.

## Paço de Viseu, fevereiro de 1105

Teresa ouviu o barulho dos passos de Henrique, que subia visivelmente apressado as escadas principais. Ouviu-o a despedir-se dos seus homens, pareceu reconhecer as vozes de Ermígio Moniz e de Paio, e o ruído de portas que abriam e fechavam, e das mesas que os criados desarmavam, para arrumar.

Não descera para jantar, estava demasiado agoniada para se atrever a afastar-se demasiado do alguidar que a criada lhe deixara ao lado da cama.

Queria desesperadamente que fossem sinal de que estava de novo grávida, depois destes três anos em que a semente não parecia agarrar-se à terra, por muitos chás que bebesse. Nem as ervas de Zaida tinham surtido efeito, como se Deus Nosso Senhor e a Virgem Santíssima fizessem ouvidos moucos às suas preces por um filho.

Os passos de Henrique aproximavam-se, ouviu-o dar as boas-noites às damas que bordavam no quarto contíguo, e finalmente a porta abrir:

— Tenho novidades — exclamou, sem reparar sequer na pele lívida da mulher, nem tão-pouco nas toalhas espalhadas sobre a cama.

— Também eu — gemeu Teresa, mas Henrique estava demasiado excitado com a notícia para reparar no lamúrio da princesa.

— Raimundo quer um encontro. Propõe um pacto, um pacto de sucessão.

Teresa sentou-se na cama, esquecendo o mal-estar, e exclamou tão entusiasmada como o marido:

— Morderam o isco! Agora é preciso estudar as contrapartidas, fazer um plano.

Henrique concordou:

— Já pedi a Paio, e só a Paio, ninguém pode saber deste encontro ou seremos todos enforcados por traição.

Teresa estremeceu. Moisés, com as tábuas na mão, a imagem do pai era tão nítida que parecia que se esticasse uma mão a poderia tocar:

— Não estamos a trair o meu pai, pelo contrário, asseguramo-nos assim de que conhecemos todos os passos que Raimundo e Urraca pretendem dar, temos mais informação para o proteger — protestou, mais para si mesma do que para o marido.

Henrique anuiu, pomposo:

— Sou leal e vassalo obediente de Afonso VI, procuro apenas acautelar o nosso futuro, acautelar o futuro destes reinos.

Teresa mordeu o lábio:

— Conseguimos agir antes de o bebé de Urraca nascer, enquanto ninguém sabe se é rapaz ou rapariga? — perguntou.

— Impossível. Precisamos da presença de um enviado do tio Hugo, precisamos que seja ele a moderar este encontro, ou não chegaremos a conclusão nenhuma. Avisado agora, chegará apenas lá para maio, mais cedo nunca.

Teresa não conseguiu conter um vómito, tapando a boca com a mão, e Henrique deu um salto de contente:

— Estás à espera de criança? Que bom augúrio! Desta vez vai ser o herdeiro por que tanto esperávamos — disse mais alto, abraçando-a.

— Henrique, não aguento esse cheiro a cavalos — disse a princesa.

— Enjoas outra vez o meu cheiro — exclamou com uma gargalhada —, então estás mesmo grávida. — E beijando-a na testa saiu do quarto a assobiar.

## *Bierzo, março de 1105*

*A chuva caía com tanta força que era impossível ver a mais do que dez metros de distância, e os raios abriam o céu, como se o mundo estivesse para acabar. Ximena e a sua pequena comitiva tinham procurado refúgio numa pequena albergaria, apanhados inesperadamente pela tempestade, neste primeiro dia de março.*

*Acolhera-se junto da lareira, e o estalajadeiro trouxera-lhe uma sopa, que fumegava, e a senhora do Bierzo agradeceu, aquecendo as mãos no barro quente. Como lhe sabia bem aquele travo amargo da couve-galega, que aquecia por dentro.*

*Viajava para Astorga, de regresso a S. Pedro de Montes, numa missão a pedido de Henrique, que não podia ser adiada, fizesse o tempo que fizesse.*

*A pequena sala estava cheia de fumos e de vozes, peregrinos e viajantes como ela, apanhados pela borrasca, e a mulher do estalajadeiro e os filhos corriam de um lado para o outro, procurando aproveitar esta bênção que lhes caíra dos céus.*

*Aos poucos, Ximena começou a distinguir as vozes, que de ruído se transformaram em palavras com sentido, e o nome repetido dos condes da Galiza levou-a a mudar de lugar, aproximando-se discretamente da mesa onde um jovem escudeiro se queixava de que com chuva ou sem ela teria de continuar o seu caminho.*

*«Esta mensagem para o imperador não pode esperar», confessara, demasiado cheio da sua importância para conseguir esconder a missão que o trazia ali. E é claro que o seu interlocutor insistira em saber mais, e é evidente que o rapazinho acabara por contar que a senhora D. Urraca acabara de dar à luz um filho, o primeiro neto varão de Afonso VI de Castela e Leão, dizia ele.*

*Ximena sentira o sangue subir à cara de indignação, o primeiro? Como o primeiro, se o pequenino Afonso Jordão já tinha quase três anos, mas o bom senso prevaleceu, e deixou-se estar, bebendo a sopa da taça e calando assim a boca de falar de mais.*

*Urraca tivera um rapaz, finalmente um rapaz, pensou, irritada. Por mais uns meses e teria sido Teresa a vencê-la dando à luz um varão, estava certa disso.*

*Puxou sobre si a capa, sentindo-se subitamente cansada. Elvira tinha agora 26 anos, e Teresa, 25 anos, há um quarto de século que lutava incessantemente para que chegassem ao lugar que mereciam, ao lugar que ela teria ocupado se Urraca Fernandez e Hugo de Cluny, e o papa de Roma, não se tivessem intrometido na sua vida. E o mais irónico de tudo isto, pensou irritada, é que agora servia Roma, servia o abade que a afastara de Afonso. Como tudo teria sido diferente se, como acontecia agora com Urraca, tivesse tido um filho, suspirou.*

*Sacudiu os cabelos ainda molhados e discretamente aproximou-se de novo do fogo, a que o filho mais novo do estalajadeiro, que idade teria tão pequeno, não mais de seis ou sete, acrescentava um tronco de madeira mais pesado do que ele. Fez um sinal ao seu criado para que ajudasse a criança, parecia que não a via a soçobrar debaixo de meia árvore cortada, o que se passava na cabeça dessa gente que ainda parecia menos sensível às dores dos que lhes eram próximos do que aqueles que tinham nascido em berço de ouro?*

*Já estava demasiado escuro lá fora para partirem ainda hoje. Mas a criada já concluíra o mesmo e aproximando-se e tocando-lhe no braço disse: «Venha, senhora D. Ximena, vamos ficar no pequeno estábulo, não há mais onde dormir, e imagino que prefira a palha limpa do que a cama dos estalajadeiros.» Ximena concordou.*

*Mas antes de subir tirou do pequeno saco pergaminho, tinta e pena e escrevinhou umas palavras rápidas.*

*— Encontra-me alguém que leve isto, em segredo, ao senhor D. Henrique, a Guimarães — disse, entregando à criada a carta selada e pondo-lhe nas mãos duas moedas de prata.*

## Paço de Guimarães, junho de 1105

Henrique entrou no quarto, onde estavam só os dois, e enquanto descalçava as botas anunciou:

— A tua mãe escreveu a concordar que o encontro seja no Mosteiro de Peñalba de Santiago.

Teresa, a barriga de seis meses, disfarçada por um vestido largo, sorriu-lhe:

— No Vale do Silêncio, é o sítio certo para este encontro. Vais gostar do mosteiro, é muito pequeno, escondido numa aldeia de xisto, a meio de uma encosta, rodeado de montanhas, que mesmo agora ainda terão neve, lá em cima nos picos.

E com um sorriso de saudade acrescentou:

— Nesta altura, os rios correm com tanta força que o barulho é ensurdecedor, e as urzes cobrem os montes, sabes, a minha mãe costumava dizer que àquela altitude as orações já iam a meio caminho do céu.

— Mas será seguro? Há espiões e informadores em todo o lado, sabes disso — insistiu Henrique.

— A senhora do Bierzo é a patrona do convento e os monges são obrigados ao voto do silêncio — sorriu, irónica. — Por alguma razão lhe chamam o Vale do Silêncio.

— E parece-te que Urraca concordará com o lugar? Sempre disseste que se recusava a pronunciar o nome da tua mãe, a aproximar-se das terras que o rei lhe deu.

Teresa encolheu os ombros:

— Tudo depende como tu e o Raimundo jogarem as cartas, se não lhe derem alternativa, entre ficar em casa ou assistir ao que se passa, vai preferir ir...

— Mas posso garantir que Ximena Moniz não fará de anfitriã?

Teresa franziu o sobrolho:

— Já devias ter percebido que Ximena faz o que lhe dá na cabeça, mas acredito que terá bom senso que chegue para não dar nas vistas quando sabe que dar a cara pode prejudicar a filha.

— Não te irrites, estava só a perguntar. Tenho a maior admiração pela tua mãe, sabes disso, mas...

— Temes que seja tão frontal como a filha? Não, a minha mãe não vai aparecer sabendo que Urraca Raimundes está nas redondezas.

Henrique pareceu aliviado.

— E achas que esse mosteiro tem espaço para acolher a comitiva da senhora D. Urraca? — perguntou, provocador.

Mas Teresa levou a pergunta a sério:

— Sinceramente não tem. Urraca gosta demasiado das suas damas e do seu séquito para ficar alojada numa cela de ermita no cimo de um monte, onde mesmo no verão as neves não desaparecem. Diz-lhe que escolha um mosteiro próximo, com mais espaço, e depois só ela e Raimundo surjam nas conferências — respondeu, levantando ligeiramente a voz, num timbre que recordava o da tia Urraca Fernandez.

— Não te enerves, sabes que pode fazer mal à criança, que basta uma emoção forte para que lhe aconteça qualquer coisa.

Teresa passou a mão sobre o ventre redondo:

— Esta criança é forte, tem um espírito guerreiro, devias ver os pontapés que me dá a todas as horas, nem à noite sossega.

— Achas que é um rapaz? — perguntou Henrique, a medo.

— Não, sabes perfeitamente que não — disse Teresa, como se a sua afirmação fosse perfeitamente racional, fechando por ali o assunto. Recusava-se a alimentar esperanças, fosse a quem fosse, sobretudo a si própria.

E desviando o assunto quis saber:

— O que diz o abade Hugo?

Henrique abriu uma arca fechada a sete chaves e tirou de lá uma carta recém-chegada:

— Tudo decorre como planeado. O nascimento de Afonso Raimundes torna a nossa causa mais frágil, mas por outro lado Raimundo sabe, como Hugo de Cluny, que o teu pai nomeou um novo aio a Sancho e que muitos dos nobres de Castela, mais de Castela do que de Leão, já o juraram de mãos e boca.

Teresa agitou-se:

— Tens confirmação de que Pedro Ansurez o fez? Mesmo depois do nascimento do filho de Urraca Raimundes?

— Estava entre eles, mas sabes tão bem como eu que estes juramentos servem enquanto convém. Escolherá o filho do rei até ao dia

em que for necessário escolher o neto. Desde que seja um varão.

Teresa pôs-se de pé, zangada.

— Lá vêm os estrangeiros com a necessidade de um varão. Pela lei de Navarra, uma mulher pode herdar o mesmo que um homem. E um rei pode doar às filhas as terras que bem entender, como tu, mais do que todos, devias saber.

Henrique mudou o rumo da conversa:

— D. Hugo concorda com a redação de um pacto e vai enviar um mediador. Para que seja discreto, pensa aproveitar a visita anual de um provincial às suas comunidades em Espanha, D. Dalmácio, jurista...

Teresa assobiou como um moço da cavalariça, e Henrique olhou para ela abismado: conseguia ser a mais feminina das mulheres e a mais maria-rapaz que alguma vez tinha visto.

A princesa riu:

— Aprendi com o Alberto. Uma mulher que monta a cavalo como um homem, usa a espada e a lança e acampa como um soldado à beira da estrada também assobia.

Henrique concordou:

— De facto é ingénuo da minha parte imaginar que não viesse tudo no mesmo pacote.

— Não seria melhor que D. Dalmácio viesse disfarçado de peregrino? Não sei como é que pretendem esconder a sua vinda de D. Bernardo de Toledo, que tem espiões em todo o lado, dentro da Abadia de Cluny incluído, mas...

— Quem disse que pretendiam esconder alguma coisa de D. Bernardo? Pelo que percebo, recebe cópias das nossas cartas.

Teresa abriu os olhos de espanto, mas Henrique continuou:

— Não era possível montar esta operação se Bernardo de Toledo não estivesse a par dela.

A princesa sorriu:

— Isso quer dizer que ele concorda.

Henrique suspirou:

— Se quiseres ver o problema pelo lado positivo, é isso que significa, mas o que também demonstra é que o braço-direito do imperador está tão preocupado como nós com a possibilidade de que o rei morra e deixe a coroa a Sancho Afonsez.

Teresa sentou-se num banco largo, a barriga já estava demasiado pesada para que estivesse tanto tempo de pé, e pousou a cabeça nas mãos, olhando o fogo que ardia na lareira:

— O que D. Bernardo imagina é que vais assinar um pacto em que te comprometes a ajudar Raimundo e Urraca a chegar ao trono. Imagina que por serem primos e cunhados se unem...

Henrique concordou:

— É assim que lê a situação, imagino que sim, mas nós sabemos bem que me limito a usar o medo que Raimundo tem de mim, tem de nós — acrescentou convicto. — Tem medo que nos juntemos a Sancho, para o derrotar a ele e ao seu filho...

— E porque não? — perguntou a princesa. — Porque não nos havemos de juntar a um príncipe de dez anos, educado para reinar, filho de uma princesa educada na corte de Sevilha e que é mais culta do que qualquer um de nós?

— Por enquanto, Sancho e os seus nobres não nos vieram pedir apoio, mas quando vierem pesaremos as vantagens e os inconvenientes. Por enquanto, os nobres de Castela e Leão não precisam de nós para nada e por isso nada nos vão oferecer.

— E o que conseguiste negociar? O que vai Dalmácio escrever na escritura? Já pediste conselho a Paio?

Henrique fez que sim com a cabeça:

— Só ele está dentro do nosso segredo, porque preciso de um conselho jurídico. A minha proposta é Toledo. Em troca da ajuda de que vai precisar para conquistar o trono de Castela e Leão, queremos Toledo. Se for eu a chegar primeiro à cidade, fico com um terço do tesouro e dou-lhe dois terços. Se for ele, dar-me-á dois terços.

Teresa teve vontade de assobiar de novo.

— E então a Galiza? — quis saber.

— Ficaremos com ela na condição de não ser possível dar-me Toledo.

A princesa encolheu os ombros, num gesto de incredulidade:

— É mais viável pensarmos na Galiza. Nunca nos vão dar a capital do império, a cidade do ferro e das espadas, do ouro e da ciência.

Henrique deu uma gargalhada:

— Mulher de pouca fé! Vou ser eu a tomar Toledo. Antes de Raimundo. Antes de Sancho.

## *S. Pedro de Montes, junho de 1105*

*Ximena caminhava junto ao rio que corria na encosta do Mosteiro de S. Pedro de Montes. A carta de Elvira, dando conta da morte de Raimundo no incêndio que deflagrara no palácio em Tripoli, deixara-a angustiada — será que a filha e o neto regressariam a França, voltariam ao Bierzo?*

*O ruído de cascos a galope nas pedras da pequena ponte distraiu-a da melancolia, e tapando o sol dos olhos com a mão procurou perceber quem chegava. Seria finalmente o mensageiro de Teresa, com notícias de como tinha corrido o dia em Peñalba de Santiago, onde os condes portucalenses e os condes da Galiza assinavam um pacto de mútua ajuda? Estava demasiado longe para que reconhecesse, mas parecia-lhe o hábito de um monge cluniacense. Quem poderia ser? Quem conhecia os caminhos da serra, porque do lado de onde vinha era alguém que sabia que era mais curto e mais rápido atravessar pelos montes do que percorrer a estrada de terra batida.*

*Viria ter consigo se o assunto fosse com ela, pensou, voltando de novo a atenção para o rio, onde dois irmãos tentavam apanhar trutas para o almoço.*

*E recordou. Deliciara-se a irritar Urraca Raimundes com a sua presença logo no primeiro dia. O seu genro Henrique fulminara-a com os olhos, porque sim, era verdade que se comprometera a não aparecer, mas à última hora não resistira — afinal que senhora do Bierzo não receberia convidados tão distintos às suas terras.*

*Teresa disfarçara o riso. Não com a boca, Teresa era demasiado inteligente para pôr contra si, ou mais contra si, a sua meia-irmã, mas rira com os olhos. Uma mãe sabe reconhecer o riso e a ironia nos olhos de uma filha.*

*Quanto a ela, limitara-se a dar-lhes as boas-vindas, e a deixar-lhes umas maçãs e umas ameixas, e os votos de que chegassem a um acordo rápido. E frutífero. Abençoado por Deus, naquele vale que era seu.*

*Quando Ximena ouviu uma voz a chamar pelo seu nome, mesmo atrás de si, sobressaltou-se e olhou para quem a chamava.*

*Durante uns segundos estremeceu:*

*— Alberto? Irmão Alberto — disse surpreendida.*

*Alberto sorriu-lhe abertamente:*

*— Senhora D. Ximena, há quanto tempo.*

*Ximena não queria lembrar a última vez que encontrara o escudeiro, e em que lhe pedira que, sem saber, fosse uma peça-chave num plano montado para conseguir o casamento de Teresa com Henrique, mas ficou mais tranquila quando percebeu que Alberto não lhe vinha pedir contas. Parecia ter-se esquecido. Tomara que se tivesse esquecido.*

*— O que fazes aqui, tão longe de Sahagún?*

*Alberto começou a caminhar ao lado do rio, cumprimentando os irmãos pescadores:*

*— Esperemos que apanhem peixe fresco. Sonho com uma truta, desde que me enviaram para a serra. Estou cansado do peixe seco e salgado que chega ao Mosteiro de Sahagún.*

*Ximena não queria saber dos gostos gastronómicos do frade:*

*— Vens de Peñalba de Santiago? — perguntou incrédula.*

*Alberto riu:*

*— A senhora do Bierzo que eu conhecia sabia disfarçar melhor a sua incredulidade.*

*Ximena riu:*

*— A idade tira-nos a paciência para muitos efeitos especiais. Vamos diretos aos assuntos e estamos também mais dispostos a sofrer as consequências. Cansam menos do que a mentira e os subterfúgios.*

*O irmão Alberto concordou com a cabeça.*

*— Venho de Peñalba. Vim com D. Dalmácio nesta visita que faz às casas de Cluny em Espanha. Tomo notas, redijo relatórios e cartas.*

*Ximena sorriu-lhe com ironia:*

*— O que eu ganhei em franqueza perdeste tu, meu rapaz...*

*Alberto encolheu os ombros:*

*— Há pássaros com ouvidos, também aprendi que até as andorinhas dão recados.*

*Ximena olhou em redor e reparou, espantada, que vários aldeões tinham descido da aldeia e apanhavam fruta nas árvores junto à margem.*

*— Eles ouvem cada vez melhor e eu estou cada vez mais mouca. Vamos andando mais um pouco, temos de começar a subir a encosta se queres comer a truta fresca.*

*Quando se afastaram, Alberto contou-lhe que o encontro tinha sido rápido. Urraca estava ansiosa por partir, dizia que o silêncio dos vales a incomodava, mas na realidade temia que o pai soubesse o que preparavam. Teresa, contou Alberto, sem conseguir esconder o orgulho, apesar da barriga de sete meses manteve-se de pé durante a leitura da escritura, sem sinais de cansaço, mas foi condescendente com a meia-irmã, recomendando-lhe que repousasse porque, afinal, fora mãe há menos de dois meses.*

*Contou também que Raimundo, pai de um varão, agia com a arrogância de quem tem a sucessão assegurada, mas não deixava de olhar por cima do ombro com receio de que algum espião do sogro por ali andasse.*

*Quanto a Henrique? D. Henrique estava igual a si próprio. Confiante, às vezes excessivamente confiante, como quem está quando se sente entre aliados, e a supremacia na batalha.*

*— Devia ter ouvido como a sua voz ecoou naquela pequena sala. Jurou pela vida do primo, garantiu que a sua prisão ocorreria sempre contra a sua vontade. Mais importante, jurou que após o falecimento do rei... sim, atreveram-se a escrever a palavra — sussurrou Alberto, incomodado.*

*— Depois do falecimento do rei, o que jurou? — retorquiu Ximena, sem querer que Alberto perdesse o fio à meada.*

*— Jurou defender para D. Raimundo toda esta terra do rei Afonso. Contra todo o homem ou mulher. E depois veio a parte de Toledo. Se a conquistar primeiro, ficará com a cidade e dará a D. Raimundo dois terços do tesouro.*

*— E que tesouro... — suspirou Ximena.*

*— Mas as condições são duras, senhora D. Ximena, e não sei, se o dia chegar, se o senhor D. Henrique as conseguirá cumprir. D. Henrique jurou que se tornará vassalo do primo.*

*Ximena riu, mas o riso revelava angústia:*

*— Suspeito que tens toda a razão. Estás a ver a senhora D. Teresa a jurar vassalagem à meia-irmã?*

*Alberto deu uma gargalhada:*

*— Não viverei para ver esse dia, suspeito!*

*— E a Galiza? Também ficou escrito que ficará dos condes portucalenses se Raimundo não lhes puder dar Toledo?*

*— Sim, sim. D. Raimundo entrega-lhes a Galiza, desde que o senhor D. Henrique o ajude a conquistar as terras de Leão e de Castela.*

*— Sentiste que o senhor Dalmácio Geret... que o apoio de Cluny está mais com Raimundo ou com Henrique? — perguntou Ximena.*

*Alberto sentiu-se perturbado pela pergunta, que exigia admitir que o enviado de D. Hugo tomava partido, mas acabou por responder:*

*— Julgo que é claro que D. Dalmácio e que D. Hugo de Cluny têm uma preferência evidente pelo senhor D. Henrique. Numa crise apoiarão o senhor D. Henrique...*

*Dito isto, Alberto olhou o céu e inspirou fundo:*

*— É triste este preparar de uma guerra...*

*Ximena encolheu os ombros. Não tinha medo da guerra, muito mais receio tinha de que Sancho usurpasse o reino à sua filha, estragasse todos os planos que tinha feito para Teresa.*

*Entrelaçando o seu braço no de Alberto, disse:*

*— Deves estar exausto e cheio de fome. Vamos para cima, que o abade de S. Pedro ficará radiante de te ver!*

## Paço de Coimbra, outubro de 1105

Teresa embalava-o nos braços e baixinho, quase num sussurro, cantava-lhe:

«O meu menino cheira a alfazema, todos os meninos são como ele, ou nunca ninguém deu à luz antes de mim?»

Não se cansava de olhar este Henrique pequenino pelo qual tanto tinha esperado. Esta surpresa que negara até ao fim, que negara mesmo quando a parteira lhe mostrara a criança como viera ao mundo.

«O meu menino cheira a alfazema, todos os meninos são como ele, ou nunca ninguém deu à luz antes de mim?», repetiu, passando um dedo suavemente pelo nariz arrebitado do seu recém-nascido.

— Se o teu pai me ouvisse a cantar-te a canção da ama moura, mandava já cá o padre aspergir-me de água benta — comentou baixinho.

Mas o conde D. Henrique pouco se importaria com as canções desta cidade de Coimbra, ou de qualquer outra, tão feliz estava por ser pai de um varão. Henrique Henriques, como fora batizado, levado à sé numa festa que trouxera à cidade os senhores portucalenses, reunidos em redor daquele que um dia iria comandar os seus destinos.

Lá fora o calor estava insuportável, ninguém se lembrava de um mês de outubro assim, e os cantos e pregões da cidade chegavam-lhe pela janela, que finalmente fora destapada, deixando entrar a luz.

Teresa deixou-se escorregar nas almofadas, pousando o bebé no pequeno berço de madeira que as irmãs já tinham usado antes dele, e deixou-se ficar em adoração ao menino, até que o barulho de uma porta a abrir a sobressaltou.

Não quis acreditar. Esfregou os olhos, pestanejou com força e olhou de novo:

— Elvira — murmurou, e o coração disparou, batendo com tanta força que levou uma mão ao peito, assustada. — Elvira — repetiu mais alto, sem conseguir sair de onde estava.

— Teresa — respondeu Elvira, ajoelhando-se nas almofadas ao seu lado, tomando-a nos braços.

— Não aguento tanta felicidade — gemeu Teresa, e o corpo estremeceu em soluços.

Elvira sorriu, o seu riso cristalino, o riso que não ouvia há mais de dez anos, o riso da sua irmã mais velha.

— Teresa, acho que nunca te vi chorar de felicidade — disse-lhe, passando-lhe a mão pelo cabelo entrançado.

A princesa riu também, limpando os olhos:

— Isso é porque nunca me tinhas aparecido vinda do nada, depois de tanto tempo.

Elvira debruçou-se sobre o berço, sorrindo para o seu novo sobrinho:

— Estás preparado para ter a mãe mais tontinha à face da Terra?

Teresa abraçou-a de novo:

— Se vieste para lhe dar novidades como essa, podes ir embora. — E olhando agora com cuidado para a irmã, comentou preocupada: — Estás linda, mas com um ar cansado...

Elvira aconchegou-se na capa preta, bordada a ouro, e suspirou:

— Primeiro morreu Raimundo, depois o nosso sobrinho, padrinho e tutor do meu filho, de quem me tinha tornado muito próxima... — E Elvira hesitou.

— Foi depois disso que decidiste voltar? — perguntou Teresa, pressentindo que a irmã não lhe contava tudo, talvez mais tarde, a pobre acabara de chegar. — Uma mulher completamente sozinha no Oriente não dura muito. E Afonso Jordão tem um reino a reclamar...

Por segundos, o olhar de Teresa perturbou-se. Elvira encolheu os ombros:

— Não mudaste nada, Teresa! — exclamou, na voz um traço de irritação.

Teresa pegou no bebé, que choramingava, disfarçando o desconforto:

— Não mudei, como? — perguntou.

— Pensaste que voltava para reclamar o trono de Castela e Leão para o meu filho, não vale a pena dizeres que não.

— É o neto varão mais velho — justificou-se Teresa.

Elvira sacudiu a cabeça, a tiara de diamantes magnífica no seu cabelo castanho, mas que o sol da viagem tinha aclarado:

— Conheces o imperador melhor do que eu. Dizem-me que assinaste, com Urraca, uma escritura em Oviedo em que o nome do infante Sancho constava pela primeira vez antes dos vossos, logo a seguir ao do rei...

A condessa olhou-a com admiração:

— Quando saíste de cá, pouco te importavam essas coisas, mas agora lembras-me a mãe.

Elvira tirou-lhe o pequenino Henrique dos braços e depois de o beijar manteve-o aconchegado a si:

— Não é a informação de que dispomos que faz o pecado, mas a forma como a usamos. E se tu e a mãe conspiram, como almas gémeas, eu vim em paz... Mais sábia do que a menina de quinze anos que de cá saiu, mas lembra-te que Raimundo e eu recusámos ser coroados reis de Jerusalém.

Teresa concordou com a cabeça. Na realidade, nunca entendera aquele gesto do cunhado e da irmã — estava segura de que no lugar dela não teria hesitado.

Elvira riu de novo:

— Dizem-me que amanhã vais ser abençoada na sé. Venho trazer-te ao mundo dos vivos.

Teresa riu com ela:

— Estes quarenta dias de prisão normalmente enlouquecem-me, mas desta vez tudo pareceu mais fácil... E o Henrique vem cá a todo o minuto. Mas estou ansiosa por sair daqui. Por conhecer o teu Afonso Jordão.

— É um bocadinho maior do que o primo Henrique, lá isso é, mas vais gostar dele. As tuas filhas já o adoram — acrescentou.

— E daqui vais para Leão? — não resistiu a perguntar a irmã mais nova.

— Daqui para o Bierzo. Nem imaginas as saudades que tenho de Urvel, do nosso vale, de S. Pedro de Montes.

— Da mãe?

Elvira concordou:

— Da mãe! Nos últimos anos escreveu-me quase todos os dias, pela primeira vez na vida senti que se lembrava de que tinha outra filha.

Teresa protestou:

— As coisas que tu dizes. Eu é que fazia tudo por ter a atenção dela, a pobre coitada não tinha outro remédio — acrescentou num acesso de generosidade.

Elvira pôs-se de pé, sem deixar o abraço em que acolhia o pequenino Henrique:

— Só havia uma ninfa de Carucedo — constatou, como quem nem permite que o facto seja discutido.

Teresa não o fez.

— Fui muito amada por Raimundo. Fomos muito felizes, contra todas as expectativas, e sim, apesar de ele ser tão mais velho.

Teresa sentiu a tensão momentânea a desvanecer:

— Como eu e Urraca troçávamos de ti.

— As gémeas — picou Elvira, e Teresa corou, ameaçadora:

— Hoje em dia nem o Alberto se atreve a dizer tal coisa.

Elvira provocou:

— Cada uma com o seu filho varão, no mesmo ano...

E rindo da irritação da irmã, comentou:

— Não te irrites, Teresa, acabei de chegar.

Mas Teresa sentiu que entre elas talvez nem tudo voltasse a ser como era...

## Paço de Guimarães, maio de 1106

Teresa viu-os partir. Viu-o partir. «Príncipe da terra portucalense», repetiu a si mesma, que feliz tinha ficado ao vê-lo, destemidamente, assinar assim a última doação que tinham feito. E o seu príncipe partia agora, respondendo ao chamamento do imperador. Era preciso impedir que os almorávidas subissem mais a norte, era preciso defender Toledo. Sem Toledo, tudo estaria de novo perdido.

Tinham passado os últimos dias em escrituras e doações, na tentativa de agradar aos súbditos, de convencer as gentes que corajosamente ocupavam terras mais a sul de que seriam recompensadas pelo risco que tomavam. Porque era um risco. Coimbra mantinha-se como uma cidade fronteira, os castelos de Montemor e Soure cumpriam a missão, e depois sucedia-se-lhes aquela terra de ninguém até Santarém, que ainda permanecia cristã, que Deus a mantivesse assim, mas sempre alvo de incursões. Mas Lisboa era demasiado importante para que Henrique a esquecesse, e demasiado importante para que os almorávidas descansassem por um segundo a sua guarda.

Pouco importava o Sul, neste momento. Afonso VI chamava os vassalos para a defesa de Toledo, tomada que estava Valência, a fortaleza mais a norte que os mouros tinham na sua posse.

Não era surda aos mexericos. Sabia que diziam que o imperador envelhecia, que se enfeudava aos nobres de Leão, que o seu amor cego pelo pequeno Sancho o levava a não perceber, ou a querer perceber, como estavam divididos os seus senhores, como conspiravam.

Benzeu-se e ajoelhou-se junto da pequenina estatueta da Virgem Maria que Elvira lhe mandara do Oriente, e rezou. Rezou ferverosamente para que o pai nunca viesse a saber do pacto assinado nos montes do Bierzo.

Havia momentos em que temia que tivessem ido longe de mais, noutros consolava-se com a certeza de que era apenas o futuro que queriam acautelar.

Por uma e outra vez estivera quase para contar a Elvira, a pedir-lhe conselho, talvez perdão, mas o orgulho impedira-a. Magoara-a a rapidez com que Elvira reagira à sua sugestão de que pudesse ter voltado em busca de um lugar para o filho, um trono para Afonso Jordão. Quando

fechava os olhos, guardava a imagem dos olhos da irmã, a desconfiança, talvez desprezo, com que a olhara. Ninfa de Carucedo, que culpa tinha que os seus olhos verdes, quando o cheiro das laranjeiras corria os ares, tivessem prendido para sempre Afonso. Mas uma filha assim trai o pai?

Zangada consigo mesmo, pôs-se de pé, quase virou as costas à Virgem, como se as virasse a Elvira.

Paio esperava-a. E era preciso passar pela sala de aulas de Urraca, Sancha e Teresa para se certificar de que aprendiam. E já que lá estava aproveitaria para ver o pequenino Henrique, que mantinha o cheiro a alfazema, a magia que a fazia sentir mágica também.

## *Castelo de Urvel, 2 de setembro de 1106*

*Há quanto tempo não subia à torre de Urvel e olhava o lago? Movida por um impulso súbito, Ximena fez sinal à criada de que afinal não se ia já deitar. Subiria lá acima, numa noite de lua cheia, não, não precisava de candeia, nem de companhia. Os guardas viram-na passar em silêncio, trocando um olhar entre eles, temendo a imprudência deste passeio noturno, bastava que uma pedra rolasse num dos degraus para que a senhora de Urvel tropeçasse e caísse.*

*Mas os passos de Ximena eram seguros, os passos de quem desde que se lembra de si percorreu os mesmos caminhos, de pés que sabem de cor o caminho.*

*E a Lua fazia o resto.*

*Lá em cima Ximena olhou para o horizonte, e sentiu subitamente um aperto no peito, que a deixou sem ar, a cabeça a desvanecer, como se não soubesse onde estava, e perdesse o norte.*

*Cerrou o punho esquerdo, o que não a apoiava, e deixou que as unhas se cravassem na palma da mão, na esperança de que a dor a trouxesse de novo à segurança de si. O exercício pareceu resultar, e com um silvo o ar voltou a encher-lhe os pulmões. As oliveiras da encosta tornaram a assumir forma, e aos poucos a respiração sossegou, e a água voltou a ter margens, à medida que os contornos se tornavam mais definidos.*

*Olhou a Lua que brilhava sobre a sua cabeça a medo, e viu que aos poucos, devagarinho, desaparecia sob um disco negro que, aos poucos, tapava a luz.*

*Ouviu gritos vindos do terreiro do castelo, onde a sua gente dormia, aproveitando ainda o calor de setembro para fazer dos fardos de feno esteiras, e sentiu os passos apressados dos soldados, que a uma voz de comando assumiam os seus postos.*

*Ouviu a voz do padre a pedir orações, e o murmurinho seguro de ladainhas que pediam proteção e clemência.*

*Gritos e choros chegaram-lhe lá de fora, da aldeia mais próxima, onde os sinos tocavam a repique, só porque sim, porque ninguém podia acudir à escuridão, nem devolver a luz. Prometiam-se sacrifícios, pedia-se perdão, rogava-se clemência.*

*Ajoelhou-se também. Ao contrário da maioria dos outros, sabia que a lua encontrara forma de se interpor entre a terra e o sol, que o fenómeno acontecia de vez em quando, mas não podia deixar de ler nos sinais da natureza um aviso.*

*Rezou por Teresa. Rezou por Urraca, Sancha, a pequenina Teresa, o pequenino Henrique. Rezou por Elvira e por Afonso Jordão, com a sua pele tisnada pelo sol onde brilhavam olhos azuis como mar. E rezou por Afonso. Por Afonso VI de Castela e Leão.*

*E ao dizer, baixinho, o seu nome, como tantas vezes lho havia sussurrado ao ouvido, implorou: «Não, não o deixes morrer. Não o deixes morrer antes de mim.»*

*Naquela noite o mundo saíra fora dos eixos e alguma coisa mudara...*

*Devagarinho a luz foi voltando, as vozes em oração foram-se ouvindo mais baixas, e sentiu, com um sobressalto, uma mão no braço:*

*— Ai Deus me valha, minha senhora, o susto que me pregou, venha para dentro, venha.*

*A velha criada, mais velha do que ela, resgatava-a. Beijou-lhe os cabelos cinzentos:*

*— O que seria de mim sem ti — agradeceu.*

*E a criada resmungou:*

*— Isso não sei, minha senhora, mas que o meu coração estava melhor sem os sustos que me prega, disso não tenho dúvida nenhuma.*

*Na manhã seguinte ordenou aos seus soldados:*

*— A partir do fim do dia, tragam-me todos os peregrinos que encontrarem a caminho de Santiago. — Se aquilo que pressentira ontem à noite fosse verdade, os peregrinos vindos do Norte trariam consigo a confirmação... Era preciso esperar pacientemente para saber.*

## Sé de Braga, 3 de setembro de 1106

D. Geraldo repreendeu-os a todos na primeira missa da manhã, a sé a transbordar de gente. Bateu três vezes com o báculo no chão, para conseguir silêncio, e forçando a voz chamou-lhes infiéis. Medrosos. De consciência pesada.

Precisavam que a Lua se escondesse por momentos para então sim escrutinarem a consciência e virem a correr à igreja a implorar perdão. Quantas vezes lhes pregara que a morte pode advir quando menos a esperamos, que as candeias têm de ter sempre azeite, estar sempre prontas...

E afinal o que fora aquilo? Só um fenómeno da natureza, nada mais.

Mas o povo sabia bem o que tinha visto, a luz da Lua ofuscada, e a noite tão escura, mais escura que uma lua nova, caíra sobre eles, presságio de uma desgraça, sinal de um descontentamento daquele que regia a terra e os mares, e por maioria de razão os céus. O povo gemia, e acendia velas, e procurava chegar às caixas das relíquias, na esperança de uma bênção acrescida.

Teresa, o rosto coberto por um véu negro, ouvia, sentada junto do altar, com destaque, as filhas ao seu lado.

Teresa, com cinco anos, não parava de fazer perguntas:

— Urraca, conta-me o que aconteceu.

Sancha não perdia a oportunidade de desacreditar a irmã mais velha:

— Ela não faz ideia porque estava a dormir.

— E tu estavas acordada? — perguntou a irmã mais nova.

Urraca escondeu um risinho por detrás da mão:

— Foste apanhada, Sancha Henriques.

— Não fui, não senhora, porque estava acordada e vi tudo. Vi a Lua enorme e cheia de luz e a ficar mais escura, e mais escura, quando o Diabo a cobria.

Teresa fez-lhes sinal de que se calassem. Mas a sua filha Teresa não se calava assim:

— Não era o Diabo. D. Geraldo disse que não era o Diabo.

A condessa fez-lhes sinal, e quando as três se aproximaram disse-lhes, rispidamente:

— Parecem meninas do povo, ignorantes e incultas. Urraca, não

estudaste o compêndio de astronomia que frei Alberto nos enviou? Sancha, não estás farta de saber que por vezes o Sol esconde a Lua? E tu, Teresinha, não ligues às tuas irmãs. E agora calem-se as três.

Mas Teresa não estava tranquila. Quando quebrou o jejum na companhia de D. Geraldo, disse-lhe:

— Sei que me vai dizer que Deus não nos envia sinais assim dos céus, que isso é para gente que não sabe ler nem escrever, mas ontem senti uma angústia tão profunda. Será que aconteceu alguma coisa ao Henrique, D. Geraldo?

Geraldo negou, energicamente.

— Sei que o senhor D. Henrique está bem.

Teresa olhou-o surpreendida:

— Está a dizer-me que sente o mesmo que eu?

— Filha, a luz venceu. A luz venceu a escuridão, o dia nasceu radioso. É isso que importa. Jesus Cristo morreu na cruz para que a luz vencesse. Há sempre um preço a pagar. A seu tempo saberemos qual foi...

* * *

As cartas de Henrique e de Ximena chegaram em simultâneo. As duas numa bandeja lado a lado. Paio olhou a condessa, curioso. Qual abriria primeiro, mas Teresa, de mãos trémulas, escolheu a do marido:

— Dizem de certeza a mesma coisa, mas a de Henrique é uma informação direta — disse, enquanto partia o lacre.

Paio viu-a empalidecer, e trazendo um banco ajudou-a a sentar-se:

— O meu pai foi ferido com gravidade. Numa perna, esmigalhada pelos cascos dos cavalos em fuga. Perdemos a batalha de Salatrices e o imperador foi transportado para Toledo, onde estão os melhores médicos.

— O imperador ferido! — exclamou Paio, horrorizado. — Mas morreram muitos dos nossos? — perguntou, tentando disfarçar o medo na voz.

Teresa voltou a olhar a carta, como se quisesse ler nas entrelinhas:

— Não diz. Mas conta que fomos salvos por um toque de retirada. As cornetas do inimigo soaram agudas, os tambores deixaram o seu ritmo

infernal, e os guerreiros recuaram, desaparecendo no horizonte. Os nossos já eram tão poucos, e tão fracos, que nem sequer os perseguiram.

Paio olhou-a intrigado:

— Sabe-se porquê?

Teresa encolheu os ombros.

— Mais nada — disse, mostrando-lhe a folha, como a querer que o seu mordomo confirmasse que mais nada lá estava escrito. — Talvez a minha mãe saiba mais...

E vendo o ar incrédulo de Paio conseguiu esforçar um sorriso:

— Vê-se que não cresceste ao lado da tua tia, Paio. — E desdobrando o pergaminho exclamou, entusiasmada: — D. Geraldo tinha razão. A Terra foi liberta de um grande mal: Yusuf morreu! Yusuf ben Tasufin morreu, Paio. Na noite em que a luz venceu as trevas.

Paio estendeu a mão para a carta, estupefacto. Como é que a senhora do Bierzo, no seu reino perdido entre as montanhas, sabia mais do que acontecia no mundo do que o conde D. Henrique, no campo de batalha?

Teresa conseguiu rir:

— Se julgas que vai cair da carta uma poção mágica ou uma unha de morcego, estás enganado. A minha mãe tem a melhor rede de informadores do mundo, é só isso. Tenho de ir falar com D. Geraldo.

Paio viu-a sair, sem coragem para lhe dizer aquilo que, no fundo, também ela sabia: que o filho de Yusuf, Ali ben Yusuf, já se preparava para atacar de novo, em nome do pai. Ao serviço do deus dos infiéis, cujo nome não se atrevia a pronunciar.

Precisava de ir ver o pai, precisava de ir para Toledo, de estar ao seu lado. Reuniu o conselho e pediu-lhes que governassem até à chegada de Henrique. Deixava os filhos, não podia viajar tão depressa quanto queria com eles, não desejava levar consigo mais do que uma dúzia de guardas, e cavalos para substituição no caminho, para que tivesse de parar o menor número de vezes possível. Precisava de chegar o mais rapidamente possível. Antes de Urraca, antes de Elvira...

Paio viu-a partir aos primeiros raios de sol, magnífica, no seu cavalo branco, a capa azul-escura, tão escura que era quase negra, a realçar o loiro da trança que lhe caía pelas costas.

Teresa partia a mando do coração ou da ambição, pensou, enquanto subia os degraus para o escritório. Riu de si próprio. Que pergunta absurda, como se os termos fossem contraditórios entre si.

Tudo o que Teresa fazia era coração e ambição.

## Paço de Guimarães, novembro de 1106

Teresa correu pelas escadas acima e abriu a porta do quarto das crianças com um empurrão, girando-a nos guinchos.

Os olhos vindos da claridade daquele dia de sol de novembro piscaram, assustados, não via nada na penumbra, com cheiro a alfazema e a alecrim, queimados certamente na lareira que ardia.

Sentiu a mão da ama na sua, quase antes de a ver, e gritou, zangada, aquela ira que resulta do medo e do sentimento de impotência:

— Porque não me avisaram mais cedo? Estão cá os médicos — acrescentou, enquanto se ajoelhava junto do berço do pequenino Henrique, de que se via apenas o rosto redondo e corado, enfaixado como estava em panos.

— Tirem-lhe estas faixas que não o deixam mexer-se! — exclamou.

A ama ainda protestou que o médico ordenara que assim fosse, mas não se atreveu a desobedecer, começando a deslindar as ligaduras de pano de linho, que se destinavam a conservar o calor.

Teresa tirou-lhe a criança do colo e com suavidade destapou-lhe a cabeça, passando-lhe a mão pelos caracóis ruivos, tão ruivos como os do pai de que herdava o nome.

— Pobre Henrique, um menino que já quase anda, enfiado neste colete de forças, pobre Henrique, cozido e assado neste quarto sem ar.

A criança fervia, e Teresa exclamou de horror ao ver a pele branca que ia descobrindo cheia de borbulhas encarnadas e purulentas:

— Varíola — murmurou, num sussurro, e olhando em redor viu pendurados os panos encarnados, as colchas vermelho-sangue e entendeu tudo. A doença do Diabo, que temia a cor das labaredas do Inferno. Nada mais havia a fazer senão rezar e procurar que o Demo fugisse daquele quarto, daquele paço.

— Onde estão as princesas? — gritou aterrorizada.

— Mãe, mãe, estava a ver que nunca mais perguntava por mim — ouviu a voz da sua filha Teresa, vinda do outro lado do quarto.

Sem largar Henrique, como se não suportasse deixá-lo nem por um segundo, correu ao canto de onde vinha a voz:

— Abram as janelas, ouviram, abram as janelas, este calor e esta escuridão só podem fazer mal.

Mas ninguém lhe obedecia.

Ajoelhada ao lado da cama da filha mais nova, beijou-a sofregamente. Como Henrique, ardia em febre, as mãos envoltas em panos e atadas às barras laterais da cama.

— Mãezinha, não a posso abraçar — suspirou, um suspiro conformado.

— As mãos atadas como um prisioneiro — protestou Teresa, e sem esperar pela resposta da pobre rapariga que velava dia e noite pela princesa, desatou-as, beijando-lhe as palmas cor-de-rosa, de pele suave.

— A mãe fica aqui e não te deixa coçar. És crescida, tens cinco anos, e vamos pedir à avó uma pomada de ervas que te vai sossegar — disse, procurando controlar a voz, para que não tremesse, para que não contagiasse a sua pequenina com o terror que sentia.

— E Urraca e Sancha, onde estão? — perguntou, com medo de perguntar.

— As princesas foram com a sua tia Gontrode, estão a salvo.

— Não tinham sinais do mal? Deus seja louvado.

— Estavam de saúde, o padre benzeu-as com água benta, e em Santo Tirso ainda não há notícias de o mal ter chegado. Aqui... já fez muitas mortes.

Mas a criança interrompeu a conversa:

— Mãe, cante para mim, para mim e para o Henrique — acrescentou generosamente.

Teresa deu-lhe de beber a poção de briónia e casca de salgueiro-branco que o médico receitara — «para que não lhe suba tanto a febre», explicou a ama, estendendo-lhe a caneca —, e depois sentou-se ao lado da cama, o príncipe, o varão, o bebé onde depositava toda a sua esperança, de novo no berço, que trouxera para junto da irmã.

«O meu menino cheira a alfazema, todos os meninos são como ele, ou nunca ninguém deu à luz antes de mim?»

— A mãe canta só para o Henrique? — quis saber a pequenina. — As criadas disseram que filhas a mãe tem mais, mas que menino só o tem a ele.

Teresa sentiu um golpe de culpa — quantas vezes pensara o mesmo no caminho de regresso de Sahagún, que injusto era o mundo em que

uma mãe sobrepunha um filho a outro. E em nome de quê? De um poder que ela, melhor do que ninguém, sabia que as mulheres exerciam tão bem como os homens.

Zangou-se com a filha:

— Só pode ser a febre que te leva a dizer disparates! — protestou. E cantou: «São José foi buscar lenha porque a noite estava fria...»

Minutos depois, Teresa e Henrique dormiam um sono agitado, mas dormiam.

— É bom sinal, não é? — perguntou, animada, ao médico que acabara de entrar.

O bom médico abanou a cabeça, preocupado:

— Vamos ver, senhora, vamos ver. A varíola engana como o Diabo. Quando parece que a vencemos, volta, e o pequenino é uma presa fácil... Vamos ver como passa a meia-noite...

Teresa agradeceu a escuridão do quarto. Não queria que a vissem - chorar.

* * *

Ajoelhou-se na igreja e rezou com fervor. Trazia à cintura um cinto apertado, em sacrifício, como se a dor da morte do seu pequenino Henrique não fosse suficiente. Como se a ferida aberta na carne ajudasse a aliviar a de um coração despedaçado.

Tinham-no sepultado ontem, num pequenino caixão de madeira, embutido a marfim, junto do altar-mor da Sé de Braga. D. Geraldo clamara que era um santo, um menino-anjo, que àquela hora estaria junto de Deus, seu pai, alegrando-o.

Henrique estivera ao seu lado, uma mecha de cabelo subitamente esbranquiçada, uma marca visível do seu sofrimento.

Teresa contorceu-se de dor, dobrando-se sobre si mesma, a cabeça caída como um animal ferido.

Culpava-se, culpava-se terrivelmente. Estivera fora demasiado tempo, demasiado tempo perdido em intrigas da corte, em negociações e estratégias, em rivalidades estúpidas, na corte de Toledo, na corte de Leão, e deixara os filhos sem mãe. E Deus não dormia.

Sentia nas damas da corte a crítica, sentia-a no olhar dos padres e

até dos bispos, sentia-a no desprezo da mulher de Pedro Ansurez e dos grandes de Leão e Castela: tinha marido, tinha Henrique, porque não lhe deixava a ele a política e se dedicava aos filhos, como era função de uma mulher? Porque montava à cavaleiro, uma perna de cada lado da montada, pondo em risco a sua fertilidade e o cálice sagrado que recolhia a semente do macho, porque usava uma espada à ilharga e atravessava sozinha, com pouco mais de seis soldados, as planícies desertas da meseta ibérica, chegando às portas de Toledo exausta, como um mero escudeiro a quem se entrega uma mensagem urgente. Mas, acima de tudo, porque decidia com Henrique, porque decidia por Henrique, porque governava com força e determinação, na ausência do marido, e na sua presença também.

Escondeu o rosto nas mãos e pediu perdão. Perdão pela sua ambição, por se atrever a ser como a tia Urraca, desafiando aqueles que diziam que as mulheres eram instáveis e perigosas, a quem nada se podia confiar, porque um dia pensavam de uma maneira e no outro de outra, os humores como as marés, ao sabor do poder da Lua?

Tapou os ouvidos com as mãos. Não queria ouvir as palavras de Diego Gelmirez. Como se regozijaria quando soubesse da morte do pequenino Henrique. Como aproveitaria para usar o seu exemplo nos sermões dos domingos seguintes, mandando inscrever a história, como parábola, nas suas crónicas compostelanas, que construía para glorificarem o seu mandato na Terra.

Entre lágrimas cantou a canção de embalar que tinha sido a de Henrique pequenino, a que seria sempre a do seu primeiro filho varão.

E depois, no silêncio da igreja, perante a mãe de todas as mães, desfez-se num pranto inconsolável.

Da porta, Geraldo olhava-a com bondade. Teresa, condessa de Portucale, Teresa, rainha, Teresa, mãe, na dor igual a todas as mães.

## Catedral de Burgos, maio de 1107

Os olhos escuros de Sancho Afonsez brilhavam tanto como a armadura de ouro que vestia, iluminada pelos vitrais da Catedral de Burgos, como se fosse um dos heróis retratados que ganhara vida. Mas não brilhavam tanto como os do imperador, que a perna ferida obrigava a ficar sentado, nem tão-pouco como os da rainha Zaida, em pé do seu lado esquerdo, a mão a fugir-lhe num gesto protetor para o ombro do seu filho mais velho, alto para os seus 13 anos, os cabelos negros e crespos domados a custo. O olhar percorria aquela igreja cheia, que vinha aclamar o seu príncipe, a esperança de uma Espanha onde um dia cristãos e mouros pudessem viver de novo como nos tempos em que crescera na corte do rei de Sevilha.

Os senhores de Leão, Castela, Aragão, Galiza e Portucale alinhavam-se à frente do imperador e do seu herdeiro, nem tão-pouco se atrevendo a um sussurro entre eles. A partir de hoje ninguém, mais a norte ou mais a sul, nas Espanhas ou fora delas, podia afirmar que não conhecia a vontade de Afonso VI. Que se calassem os intriguistas, se desfizessem os partidos deste e daquele, se rasgassem pactos e acordos, porque o herdeiro estava encontrado. Sancho, filho de uma moura, nascido fora do casamento, nada disso importava. Quem não o servisse, não servia o pai, e quem não servia o pai, morria pela espada. Ou pela corda.

Um por um, os contestatários juraram lealdade, beijando-lhe as mãos e declarando alto e a bom som que o protegeriam em tempo de paz ou de guerra, no paço ou no campo de batalha. E os que antecipadamente se tinham alinhado ao partido do príncipe olhavam-nos já com a sobranceria dos vencedores.

Teresa e Henrique dobraram o joelho e juraram também. E regressados aos seus lugares olharam em direção à porta, procurando em vão Raimundo e Urraca.

— Não acredito que tenham a coragem de não aparecer — murmurou Henrique.

Teresa, procurando ser discreta, voltou a olhar em seu redor:

— Talvez se tenham atrasado. É impossível que se atrevessem a afrontar tão declaradamente o imperador — comentou a princesa, com uma ponta de admiração na voz. Teria Urraca a coragem de fazer o que

ela não fora capaz?

— A não ser — murmurou Henrique — que o pouco avisado seja eu. Quem sabe se o rei não nos prepara uma surpresa maior ainda do que esta...

Teresa pôs-lhe a mão no braço e apertou-o:

— Não sabíamos que eram estes os seus desejos... Limitámo-nos a prometer apoiar Urraca e Raimundo contra aqueles que quisessem impedir a sua ascensão ao trono. Afinal é a herdeira legítima — disse com esforço.

Henrique riu:

— Meu Deus, estás ainda mais preocupada do que eu, para conseguires nomear Urraca como «herdeira legítima».

Teresa olhou para as lajes do chão, como quem quer decifrar as letras escritas nas campas, sob os seus pés:

— Limito-me a constatar a verdade...

Henrique percebeu que Pedro Ansurez estava demasiado perto, não precisava de ter bom ouvido para escutar o que diziam. Com um pequeno gesto da cabeça indicou-o à princesa, que se calou de imediato.

Era preciso esperar para ver. Hugo de Cluny e todos os poderosos que tinham testemunhado as doações dos condes portucalenses às ordens de Cluny não deixariam de interpor a seu favor.

— Sancho pode ser o filho favorito do meu pai, mas eu sou a filha de que ele mais gosta — não resistiu Teresa a acrescentar, mas Henrique fez-lhe de novo um sinal de silêncio. Quanto menos se dissesse, melhor.

* * *

Teresa sentou-se à direita do pai, o lugar que lhe fora atribuído na mesa a sossegar as suas inquietações, a dar-lhe de novo esperança. Ainda bem que Urraca não viera, ao que parece a pretexto de uma doença, ainda bem que Elvira ainda estava em França, preocupada com a herança de Afonso Jordão, ainda bem que, por um dia, era a única filha do imperador.

— Cabritinho do monte — ouviu em sobressalto, há muito tempo o pai não lhe chamava assim.

Olhou-o olhos nos olhos, como não fazia há tanto tempo, e admitiu:

— Acho que nunca fui tão feliz como naqueles dias no Bierzo, em que corria para si e me atirava ao ar como se fosse uma boneca...

Afonso fez-lhe uma festa apressada no braço:

— Também fui feliz. Tinha acabado de conquistar Toledo, lembras-te? E fui pedir à tua mãe que vos mandasse para a corte de Leão. — Durante segundos, a filha percebeu que a memória do pai regressava a S. Pedro de Montes, a Ximena, àquela noite em que a mulher que tanto amara escorregara para o seu lado na cama quente, o cheiro a rosas, a ninfa de Carucedo.

Teresa esperou que ele voltasse a dirigir-se-lhe. Afonso parecia ter-se esquecido de que a tinha ao seu lado, e erguendo o cálice de estanho bem alto saudou todos os presentes:

— À saúde de Sancho Afonsez. — E todas as canecas cheias de vinho novo se levantaram num coro ensurdecedor que encheu a sala.

— Mas antes de mais à saúde de Afonso VI, imperador de todas as Espanhas! — exclamou com uma gargalhada.

O riso correu as mesas, e os copos ergueram-se com ainda mais fervor:

— Muitos anos viva o imperador — gritaram.

Teresa pôs-lhe a mão no braço:

— Longe viva o imperador — repetiu.

Afonso sorriu-lhe:

— Tens os olhos dela. Teresa, filha minha — disse, com as recordações do Bierzo a invadirem-lhe o espírito.

* * *

Nessa noite Teresa sentiu que pela primeira vez desde a morte do pequenino Henrique estava inteira de novo. Como se a certeza do amor do pai a reconciliasse consigo mesma.

Deitada ao lado de Henrique, abraçou-o pelas costas e encostou a cabeça ao seu ombro:

— Estás a dormir? — perguntou.

Henrique, demasiado bem bebido, ressonou em resposta.

— Em breve, em breve, Deus Nosso Senhor nos dará outro Henrique,

outro bebé ruivo, outro bebé a cheirar a alfazema, e que me faça acreditar que o mundo pode renascer a cada manhã.

Fechando os olhos, adormeceu, dormiu hora após hora, sem sonhos nem pesadelos, serena. Henrique, ao vê-la assim, tão em paz, saiu da cama sem um ruído.

— Finalmente dorme — murmurou satisfeito para si mesmo.

* * *

Antes de partirem para Guimarães, Afonso estendeu à filha e ao genro um pergaminho:

— Levem-no, como sinal da minha boa vontade e da aliança que quero manter convosco.

Teresa beijou-o na face, sem se precipitar para ver o que continha o documento, como era seu desejo. Henrique beijou a mão do seu senhor e jurou-lhe fidelidade.

Só quando Burgos era já um ponto pequeno no horizonte é que Teresa pediu:

— Estou ansiosa por saber o que diz. Abre, Henrique.

O marido riu:

— Já abri.

Teresa olhou-o incrédula:

— Como, se estiveste todo o tempo sob o meu olhar desde que deixámos o paço?

Mas, não obtendo resposta, encolheu os ombros, e irritada acrescentou:

— Vais-me dizer o que contém?

Henrique riu:

— Claro que sim, antes que me lembres pela milionésima vez que o Condado Portucalense e todas as terras até ao rio Tejo que banha Santarém são teus, herança direta do teu pai, de que me limito a ajudar-te a gerir.

Teresa não desfez o semblante pesado:

— Se o fizesse, recordava-te só a verdade. Mas, se não me queres dizer, passa-me a carta que a leio eu. Ou também achas que as mulheres não deviam saber ler?

Henrique esporeou o cavalo, para o chegar mais próximo do da mulher:

— Outorgou à Sé de Braga o direito de cunhar moeda e ainda rendimentos para apoiar o esforço de reconstrução.

Teresa saltou de contentamento na sela.

— Urraca vai-se arrepender de ter deixado o seu orgulho levar a melhor.

## *Astorga, maio de 1107*

*Vinda do nada, uma rajada de vento fez derrubar o tabuleiro de xadrez pousado num banco junto à parede. Ximena sobressaltou-se com o estrondo, e quando olhou viu rolar pelo chão as peças, bispos, cavalos, reis e rainhas, que uma das suas damas correu a repor no tabuleiro caído.*

*A partir daí as mãos tremiam-lhe sempre que pegava no bordado para o continuar. Tentou escrever, mas a caligrafia saía desordenada, a mão incapaz de lhe obedecer.*

*— Ai senhora, que me parece tudo isto de tão mau agoiro — gemeu a velha ama, que Teresa, depois da morte do pequeno Henrique, devolvera à mãe, certa de que no Bierzo encontraria mais paz.*

*Ximena olhou-a preocupada. Sentia o mesmo. Sentia-o nos ossos, talvez fosse esta mudança de tempo.*

*— E se chamasse a cigana que aí anda a ler a sina? — perguntou, fingindo brincar. — Sempre nos entretinha nestas tardes tão longas e enfadonhas.*

*— Senhora! Sabe bem como o abade prega contra essas mulheres que fazem pactos com o Maligno.*

*Mas qualquer advertência já vinha tarde e a ama sabia-o: Ximena não descansaria até levar a sua ideia a cabo. Como a filha, gostava de andar no fio da navalha.*

*— Deixe ao menos que fique consigo na sala. Tenho aqui uma relíquia de S. Bartolomeu que nos protege. Se for caso disso — acrescentou a medo.*

*— Não te mostro a palma da mão, nem penses nisso — disse Ximena à rapariga de lenço na cabeça e olhos descarados.*

*A cigana sorriu, revelando os dentes, impecavelmente brancos, mais brancos ainda em contraste com a sua pele escura:*

*— Adivinhar sem ler as linhas do destino, custa mais dinheiro — ripostou. A oportunidade de entrar na sala de Ximena Moniz era boa de mais para desperdiçar, e sabia bem que nos próximos dias todas as damas da dama, e todas as outras de Astorga, solicitariam os seus serviços.*

*Ximena sorriu:*

*— Só o que te vou dar a ganhar por ter cometido a imprudência de te ter convidado a este paço te vai enriquecer, por isso não brinques comigo e diz-me só o que vai levar a escurecer os céus e a agitar os ares, que o pressenti no vento...*

*O rosto da cigana mostrou-se subitamente preocupado. Ximena não queria que brincasse, fingindo perceber nas mãos aquilo que, bem conduzidas, as pessoas lhe iam contando, e depois era só preciso repetir... Ximena queria saber a razão do vento da manhã que, vindo do nada, levantou as tendas do acampamento e os levara a todos a benzerem-se apressadamente.*

*Pediu para se sentar. Pediu a Ximena que se sentasse à sua frente, e para espanto da ama a senhora do Bierzo obedeceu.*

*— Não quero falar disso... Estou proibida de falar nisso.*

*A voz era tão baixa e envolvente que Ximena quase parou de respirar:*

*— Não conto a ninguém — prometeu a senhora do Bierzo. — E pago-te as duas moedas que me pediste.*

*Mas agora o dinheiro parecia não importar à rapariguinha:*

*— De que valem as moedas se me mandarem para a fogueira — estremeceu.*

*— Ninguém te manda para a fogueira — assegurou-lhe Ximena. — Aqui em Astorga e em todas as terras próximas mando eu. Um juiz não decide sem me ouvir.*

*— E os homens do rei, também mandas nesses? — perguntou a cigana, olhando-a nos olhos.*

*Ximena mordeu o lábio e contornou o assunto:*

*— Porque se há de interessar o imperador e os seus soldados por uma ciganita de Astorga? Tem suficientes infiéis com que se ocupar.*

*A cigana abanou a cabeça pensativa:*

*— Duas moedas e proteção?*

*Ximena estava, por esta altura, disposta a muito mais:*

*— Duas moedas e proteção, mas espero que essa vidência valha a pena — acrescentou.*

*A cigana pediu as moedas.*

*— Quero ver nelas o futuro — disse.*

*E Ximena admirou-lhe a esperteza e foi buscá-las à pequena arca.*

*Rodopiando uma moeda, até que parecia ter desaparecido engolida pela velocidade, disse, mantendo a voz subitamente monocórdica, quase inaudível, como se estivesse em transe:*

*— O imperador vai sofrer um grande desgosto.*

*Ximena cerrou os punhos, pelo menos nada parecia acontecer a Afonso.*

*— Vai morrer aquela que o imperador escolheu.*

*Ximena inspirou fundo. Não podia estar a falar dela...*

*— A que lhe deu o filho que quer ver rei depois dele.*

*— Zaida! — exclamou Ximena.*

*— Isabel, Isabel, a princesa que veio do Oriente, e que vai morrer, a morte que não lhe estava destinada.*

*Ximena não conteve um grito:*

*— A salvar o filho?*

*A cigana parecia não ouvir os seus comentários.*

*— Dá a sua vida pela dele, mas ódio com ódio se paga e mais gente vai morrer...*

*Ximena fez-lhe sinal para que parasse. A ama rezava baixinho agarrada à sua relíquia, e a senhora do Bierzo estava lívida, o sangue a fugir-lhe da cabeça, deixando-lhe as pernas fracas, a cabeça tonta.*

*— Posso avisar? Ainda vou a tempo de a avisar?*

*A cigana olhou-a com súbito desprezo:*

*— Ninguém muda o destino.*

*E erguendo-se, como se estivesse também ela cansada, dirigiu-se para a porta, sem mais uma palavra, e Ximena deixou-a ir. Junto da cortina, antes de sair, virou-se e disse alto:*

*— Mesmo que Ximena Moniz a pudesse avisar, não o faria. Não preciso de ver as linhas da sua mão para saber tão pouco.*

*Vinte vezes segurou Ximena na pena para escrever a Afonso. Vinte vezes segurou na pena para avisar Alberto, talvez Alberto a pudesse salvar, dizendo que tivera uma visão... Vinte vezes segurou na pena para escrever a Teresa. E vinte, mais vinte e mais vinte vezes não chegou o bico ao tinteiro.*

*«Mesmo que Ximena Moniz a pudesse avisar, não o faria.» As palavras ressoavam-lhe na cabeça. Mas não a levavam a reagir. O destino cumpre-se. Quem era ela para se meter com o destino.*

## Paço de Viseu, maio de 1107

Teresa observou com orgulho as suas três filhas, sentadas na borda do tanque redondo deste paço reconstruído que queria fazer seu. Urraca estava orgulhosa dos seus 10 anos, mais determinada do que nunca, uma determinação que chocava com a da mãe, ou não fossem tão parecidas. Sancha, aos oito anos, era suave e feminina, ansiosa por agradar. A morte do pequenino Henrique deixara-lhe as noites cheias de pesadelos, e por muitas relíquias com que enchesse o quarto, nada a parecia sossegar completamente. «A consciência da mortalidade muda-nos para sempre, até nos conformarmos a ela, aceitando que pertencemos a Deus, e ele nos chama quando assim entender, vamos viver em sobressalto interior», dizia-lhe D. Geraldo quando lhe perguntava como a havia de ajudar. Teresa agradecera o conselho, mas não via como aquelas palavras pudessem sossegar alguém. Depois havia Teresa. Teresa pequenina que corria para o pai e guinchava de felicidade quando ele a rodopiava pelo ar e a deixava cair sobre uma pilha de almofadas, ou a esteira da cama, quando a ia deitar. Aos seis anos, a mãe olhava-a como um milagre, uma criança que escapara a uma doença mortal que dizimara ricos e pobres neste ano tão duro, e acreditava que fora poupada porque tinha uma missão a cumprir. Teresa sempre fora especial, passando do riso às lágrimas e das lágrimas ao riso, capaz de seduzir e encantar sem sequer dar por isso. Bastava ver como até Urraca lhe cedia o lugar na borda do tanque, para que se aquecesse ao sol, Urraca que nunca cederia nada a Sancha...

Da varanda de onde as via, o olhar chegava a um horizonte distante, havia dias em que acreditava ver dali Coimbra, e quem sabe o castelo de Guimarães. Sentia-se segura aqui, entre estas muralhas, a serra da Estrela de um lado, território portucalense a rodeá-la, terras férteis, que era preciso povoar, mosteiros que precisavam de doações para protegerem as populações, cuidando das crianças e dos mais velhos, espalhando a fé, fortificando uma Igreja una, católica e apostólica.

Henrique aceitara o seu pedido de construir aqui um paço digno dos condes de Portucale e de Coimbra, quem sabe um dia muito mais do que isso, e pela primeira vez passavam aqui um longo verão no convento contíguo à sé.

Via-o lá em baixo nas obras, uma fita a prender-lhe o cabelo, como se fosse um homem do campo, uma túnica curta, sobre calças de sarja, e sandálias de pescador.

Henrique viu-a e acenou-lhe, sorrindo. Estavam casados há praticamente doze anos, e eram felizes, soubera escolher, pensou satisfeita.

Ainda bem que Raimundo chegara primeiro e a rainha Constança, na urgência da doença que a consumia, tenha querido apressar o compromisso com a sua filha Urraca. Teresa suspeitava que mais tarde se arrependera, quando chegara o sobrinho Henrique, mais bonito, mais próximo de Hugo de Cluny, de sangue mais azul. Mas talvez fosse só impressão sua, pensou sorrindo.

Olhou de novo para as terras queimadas pelo sol do verão e viu que uma nuvem de pó se levantava pelo caminho — chegava alguém com pressa, e os mensageiros com pressa, que à vista das muralhas esporeavam com ainda mais força os seus cavalos, metiam-lhe medo. Os risos e as vozes das suas filhas chegavam-lhe lá de baixo, pelo menos com elas estava tudo bem, e Henrique estava à vista dos seus olhos, já não era mau.

Ouviu os portões abrir, e o barulho dos cascos do cavalo contra as lajes de granito das ruas que conduziam à sé fazendo eco nas casas e subindo aos céus, naquela manhã tão silenciosa.

— Henrique! — exclamou, sem ser capaz de se conter, ao ver que as mantas que cobriam o cavalo ostentavam as armas de Leão. — Henrique — repetiu, mas o marido também ouvira os cascos do cavalo e dirigira-se rapidamente para o terreiro, onde recebeu das mãos do mensageiro exausto um pergaminho negro, a que só o vermelho do lacre dava vida.

Teresa desceu as escadas apressada, segurando-se à parede com medo de cair, e segundos depois debruçava-se sobre o ombro de Henrique:

— Zaida? Morreu a rainha Isabel? — perguntou alto, recusando-se a acreditar. Era a morte do pai a que parecia iminente, não a de uma jovem princesa, da sua idade ou pouco mais.

E só então reparou que o marido tinha na mão uma segunda carta, com as armas dos condes da Galiza:

— O que diz Urraca? — perguntou, ansiosa. — Talvez explique o que se passou...

O rosto sem uma gota de cor do conde D. Henrique deixou-lhe as pernas a tremer:

— O pequeno Afonso — quis saber, a mão sobre o peito, que depois da morte do seu único filho não desejava uma dor tão grande a ninguém.

— Não! Morreu o nosso cunhado Raimundo.

Teresa apoiou-se no seu braço, para não cair:

— Raimundo? Mas pensei que a doença era pretexto para não irem a Burgos, para não verem Sancho...

— Pelos vistos não era, ou entretanto apanhou outra doença. Não diz do que morreu, só que morreu há pouco mais de oito dias. As cartas estavam dirigidas a Guimarães, o mensageiro deve ter andado às voltas até nos encontrar aqui.

— Temos de partir já?

Henrique deu-lhe o braço, levando-a para dentro:

— Temos de pensar. Temos de pensar muito bem. Neste momento todos os passos devem ser planeados. Não posso partir sem falar, em segredo, com os senhores de Portucale... morreu o conde da Galiza, tudo pode mudar agora. Tudo vai mudar.

— Mas se não aparecermos nos funerais, sabes que será interpretado, que dirão que não presto homenagem à moura princesa, que não rezamos junto da sua campa. Terá ido para Sahagún? Urraca não vai gostar de ver Zaida ao lado da mãe...

Henrique encolheu os ombros, impaciente:

— São coisas de mulher, Teresa. Neste momento Urraca pensa em tudo menos na mãe e em ofensas. Urraca, a esta hora, tem D. Gelmirez junto dela e planeia o futuro. Não era o que tu farias?

Teresa mordeu o lábio. Teria um enorme desgosto se Henrique morresse, mas era uma princesa, senhora de um reino, e agiria como tal:

— A esta hora tem junto dela os senhores da Galiza. Já não é a herdeira do meu pai, e o imperador pode tirar-lhe o título, passá-lo diretamente para Afonso Raimundes, nomeá-la apenas regente.

Era injusto o mundo das mulheres como ela, Elvira e Urraca, dependente dos maridos para terem acesso ao que lhes pertencia por direito, bem fizera a tia Urraca que nunca quisera casar.

— Os senhores da Galiza vão apostar em Afonso Raimundes. Quando chegarmos a Leão haverá já dois partidos formados, os que querem o neto do rei e aqueles que continuam a ver vantagens em apoiar o favorito, Sancho, que perdeu a mãe... Sem mãe a recordar a ascendência moura, será mais fácil agradar a Roma e ao tio Hugo.

Teresa aceitou a infusão de verbena que uma das irmãs lhes trazia, para depois sair de novo da sala, fechando a porta atrás de si. Quando ouviu a porta fechar, Henrique recomeçou:

— Mas o regente em nome de Afonso Raimundes devia ser o seu tio Henrique.

Teresa sobressaltou-se:

— Tu? Mas ele tem mãe, e a mãe é filha do imperador — protestou.

Mas Henrique não a quis ouvir:

— Raimundo ter-me-ia escolhido a mim. Sou seu primo, sou um homem.

— E um estrangeiro... — comentou perplexa Teresa.

— E um estrangeiro, como o pai, sobrinho de Hugo de Cluny, com a força de Roma atrás dele. Sem filho varão.

Teresa sentiu que lhe tinham dado um murro no estômago, mas Henrique estava demasiado absorto no que dizia para reparar.

Levantando-se com dificuldade, a respiração acelerada, levantou a voz umas décimas, a voz da tia Urraca, e exclamou:

— Chega, Henrique, chega. Manda os teus mensageiros. Explica ao meu pai e a Urraca que vamos a caminho de Santiago, onde certamente Raimundo será enterrado, e em que o meu pai não deixará de estar. Ah, e já agora não te esqueças de lamentar as mortes — acrescentou irónica.

## Santiago de Compostela, junho de 1107

Teresa entrou de braço dado com Urraca, véus negros a cobrirem-lhes os rostos, e não conseguiu conter uma exclamação de espanto.

— D. Gelmirez não dorme em serviço — comentou entredentes Urraca, e a irmã sorriu de satisfação.

— Dizem que nem a Abadia de Cluny é tão magnífica — respondeu Teresa. — Pelo menos esta também é paga com o dinheiro de peregrinos franceses, enquanto a outra fomos nós que a pagámos integralmente — não resistiu.

Urraca estranhamente concordou.

Estava tão magra que parecia transparente, a túnica que outrora fora justa baloiçava em redor do seu corpo, e aos 27 anos o rosto parecia ter perdido a beleza que ainda há tão pouco tempo tinha.

— Tens de comer, Urraca, os teus filhos precisam de ti — disse-lhe Teresa, com uma ternura invulgar que fez estremecer o lábio à irmã.

— Coitadinha da Sancha, percebia perfeitamente que o pai estava a morrer. Batia na porta e pedia-me, implorava-me para o ver, mas como podia deixá-la, se a doença é contagiosa, se estas doenças devoram as crianças de um dia para o outro, sem que nada se possa fazer.

Teresa apertou-lhe a mão com força.

* * *

O corpo de Raimundo estava selado num caixão de madeira e jazia em câmara-ardente na nave principal da Catedral de Santiago. D. Diego Gelmirez atrasara as cerimónias o mais que podia, no desejo de que de todo o lado chegassem os mais importantes senhores, bispos e arcebispos, até Hugo de Cluny prometera um enviado à altura do conde da Galiza, e de Roma chegaria um alto dignitário, destinado a honrar o cruzado que dedicara toda a sua vida à luta contra o infiel. Pena que não tivesse morrido em batalha, pensava para consigo o arcebispo de Santiago de Compostela, mas era preciso fazer o melhor que se podia com o que se tinha.

Subia e descia do altar-mor para a sacristia, e atendia secretários e comerciantes no seu escritório no paço episcopal que crescia a par e passo com a catedral — seriam as exéquias mais extraordinárias alguma

vez vistas, para que quem a elas assistisse tivesse vontade de reservar um lugar na catedral para a sua campa, e tempo de encomendar, aos extraordinários pedreiros que trabalhavam ao seu serviço, pedras tumulares admiráveis, que honrassem quem morria, deixando o registo da sua importância em vida.

Teresa e Henrique estavam na sua mira, assim como Urraca, obviamente, e todos os outros senhores da Galiza, que ao reservar o seu espaço passavam a ser contribuintes assíduos da catedral.

Enquanto esperavam, os senhores gastavam dinheiro e davam às ruas e aos lugares um toque de grandeza que contrastava com o despojamento dos peregrinos, mas que por isso mesmo marcavam a cidade como um lugar onde todos tinham o seu lugar.

Aos mais importantes recém-chegados, Diego fazia uma visita guiada pessoal, mas Teresa agarrara-se ao braço da viúva, e usando-a como pretexto para a recusa. Urraca, condessa da Galiza, mostrar-lhe-ia tudo o que havia para ver, respondeu, deixando claro que, do seu ponto de vista, o arcebispo não era mais do que um vassalo, também ele, da filha do rei, das filhas do rei.

Diego era inteligente de mais para se mostrar ofendido, mas Teresa sussurrara à irmã: «Podes ter a certeza de que já comprei mais um prego para o meu caixão.» E o caixão, tinha ela a certeza, era a crónica que o assessor do vaidoso bispo escrevia afanosamente. «Felizmente acredito que Alberto me tratará com mais generosidade», suspirara.

# S. Pedro de Montes, junho de 1107

*Ximena pegou na pena e escreveu:*

Teresa, uma nota rápida, que segue a toda a velocidade, na esperança de te avisar antes que outros o façam. Soube agora que o teu pai nomeou Urraca «senhora de toda a Galiza». Dá particular atenção ao «toda», e escuso de te lembrar que procura incluir as terras portucalenses nessa denominação. Manterá o título até que se volte a casar, altura em que passará para o filho.

Venham passar o Natal à corte de Leão. Afonso está frágil, doente, sente-se humilhado por não poder voltar a um campo de batalha, e sentir-se-á inclinado a proteger a filha que perdeu o marido, e que é mãe de um neto varão. Sei que esta última afirmação te magoa, mas uma rainha não pode reagir como uma menina afetada e sensível. Mando-te ervas. Envio-te um medalhão que deves usar num cinto preso à cintura, com uma reza que te ajudará a conceber um rapaz, mas sabes tão bem como eu que a melhor forma de engravidar é praticando. Não deixes que Henrique se afaste de ti, nem no Advento, nem em qualquer outro dia. Precisam de um herdeiro.

Acrescento uma novidade que me acaba de chegar. Parece impossível mas o partido de Roma procura já uma nova mulher para o teu pai, um homem de 64 anos. Não se conformam a Sancho. Há uma nova brecha a explorar, Henrique pode influenciar esta escolha ou adiá-la conforme vos convenha. Não percam tempo, é junto do imperador que devem estar.

*Beijando o pergaminho, Ximena assinou a missiva.*

## Mosteiro Real de Sahagún, primavera de 1108

— Alberto, o que vais escrever sobre este casamento do meu pai, com sessenta e cinco anos, com Beatriz da Aquitânia? — perguntou Teresa, enquanto caminhavam lado a lado, a uma distância segura que não suscitasse a má-língua de quem os visse.

Alberto deu uma gargalhada:

— O bom papa Pascoal II bem se esforça por explicar aos poderosos que a Igreja não tem de lhes dar contas, mas a tentação é irresistível, não é? Antes de si, senhora D. Teresa, já recebi o mesmo pedido do senhor seu pai e de Pedro Ansurez e de...

Teresa deitou-lhe a língua de fora, como fazia tantas vezes em criança:

— Dizes bem os poderosos, mas não são necessariamente reis nem senhores. Vê como Diego Gelmirez tem o seu duende Hugo sempre uns passos atrás, ansiosos por retratar o mestre como um santo, um iluminado...

O rosto de Alberto contraiu-se e as rugas da testa tornaram-se fundas:

— Há maus exemplos em todas as organizações — rosnou.

— O que fica claro é que quem pode, manda. E é legítimo que alguém queira saber como vai ficar retratado para a posteridade.

Alberto sorriu de novo, e cortando um pezinho do alecrim que despontava feliz nesta primavera quente, ofereceu-lho, dizendo numa voz mais doce:

— Este casamento é do agrado de Roma, mas não de Cluny. Os nobres de Leão apostam como o papa num filho varão nascido de um casamento legítimo e que não tenha sangue infiel, mas revelam a sua desconfiança para com os «estrangeiros» vindos da Borgonha e com demasiado poder... Escolheram D. Beatriz, de uma família rival...

Teresa riu, a trança a saltar-lhe com o riso, a mulher mais bonita que conhecera alguma vez, pensou Alberto, corando. Mas a princesa nem deu pelo embaraço, estava demasiado divertida:

— Alberto, estás um diplomata. Dado que Raimundo morreu e há apenas um borgonhês com poder, entendo que o que me queres dizer é que o partido de Leão não quer ver no trono nem Henrique nem Sancho... E com a possibilidade de Beatriz vir a dar à luz, pelo menos,

um filho do meu pai, percebo que a aposta dos homens mais próximos do meu pai será, apesar de tudo, em Urraca... É isso que vais escrever, portanto?

Alberto entrelaçou as mãos sobre o peito:

— Tudo deduções suas, senhora D. Teresa.

Teresa riu:

— A tia Urraca, lá de cima, olha-te certamente com orgulho. Não só te dedicas às letras como estás um verdadeiro político. Henrique não consegue ver as coisas com tanta frieza. Há anos que serve o meu pai e arrisca a vida em cada batalha, o que não lhe falta é coragem e inteligência, mas desespera-o que Afonso VI utilize os seus serviços mas não lhe dê mais poder... Neste momento está zangado, não faz sentido que o rei prefira entregar o pequenino Afonso Raimundes aos cuidados dos nobres galegos do que aquele que é primo do seu pai e seu tio.

Alberto sentiu que o terreno era minado. Não queria dar mais opiniões que podiam depois ser usadas contra ele. Desejava ser um cronista isento, contar a sua história, a história que se desenrolava à sua frente. Não queria fazer parte dela.

Mudou de assunto:

— Vi hoje as princesas a montarem a cavalo no picadeiro real. A pequenina Teresa lembra-me tanto a senhora D. Teresa, os nossos primeiros encontros no Bierzo. Lembra-se como fiquei zangado quando pediu ao imperador para me deixar ficar como seu professor?

Teresa sentiu uma súbita nostalgia, que doía:

— Era uma menina mimada. Lembras-te como o abade de S. Pedro de Montes me obrigou a pedir-te desculpa?

Alberto riu:

— Deve ter sido a única vez.

Teresa sorriu, um sorriso meio triste:

— Não é uma coisa que me venha com facilidade, confesso, mas mudei um pouco depois da morte do pequenino Henrique. A pequenina Teresa tem, apesar de tudo, o bom feitio do pai. O génio de Urraca é mais parecido com o meu...

— Lembra-se quando dizia ao imperador que queria ir combater os infiéis? Pelo que vou ouvindo aos comerciantes que chegam ao nosso portão, suspeito que o filho de Yusuf vai continuar o trabalho que o pai

não acabou.

Teresa estremeceu:

— Há alturas em que gosto de ter apenas filhas. Pelo menos não têm de vestir a armadura e partir para um campo de batalha, onde a possibilidade de sobreviver é um mero golpe de sorte.

Mas Alberto sabia que o orgulho de Teresa estava ferido de morte. Por muitas medalhas que pendurasse ao pescoço e à cintura, por muitas rezas que fizesse, Deus parecia negar-lhe a alegria de engravidar. A alegria de um filho varão.

— Terei feito alguma coisa para Lhe provocar tamanha ira? — perguntou Teresa, num fio de voz.

Alberto acenou que não com a cabeça:

— Não se esqueça dos livros de medicina que lemos na biblioteca de Leão, os compêndios com a sabedoria dos médicos árabes e judeus. Não acredito num Deus mau que nos quer castigar e ver sofrer, mas em doenças fisiológicas que ainda não sabemos tratar e curar. Em desequilíbrios da natureza... A senhora D. Teresa devia ver o nosso jardim de plantas medicinais e ouvir o nosso irmão farmacêutico.

Teresa olhou-o nos olhos:

— Talvez ele conheça alguma erva... Zaida conhecia, mas nem as de Zaida parecem surtir resultado.

Os sinos da abadia de Sahagún tocaram.

— Oh, não, vou chegar tarde às vésperas — disse Alberto, genuinamente aflito, e depois de uma curta vénia partiu a correr. Teresa sabia que ele não se esqueceria do seu pedido.

## Paço de Guimarães, 5 de junho de 1108

Teresa ordenou que as damas saíssem todas da sala. Que chamassem D. Paio, gritou, e D. Geraldo, acrescentou numa voz estridente, esquecida de que o pobre arcebispo já quase não se conseguia mexer. Urraca, que aprendia junto da mãe a bordar, aproximou-se da mãe, que a afastou com um gesto da mão.

— Não saio sem me dizer se aconteceu alguma coisa ao meu pai — respondeu a princesa, que aos 11 anos estava mais alta do que a mãe.

— Não, filha, graças a Deus Nosso Senhor, o pai está bem. Mas agora, por favor, desaparece.

Paio afastou a cortina para que a infanta pudesse sair e aproximou-se a passos largos. Teresa estendeu-lhe a carta que recebera e pondo-se de pé foi para junto de uma das janelas, de onde via o castelo.

Paio ainda perguntou:

— Mas o que diz, senhora D. Teresa?

Mas ela indicou de novo a carta e remeteu-se ao silêncio.

O mordomo leu a primeira linha.

— Teresa, Sancho foi morto em Uclés — e deu um grito.

— O herdeiro do trono foi assassinado em batalha? Aos catorze anos? Quem o deixou correr perigo, quem deixou o único varão correr o menor risco?

Teresa, lívida, incitou-o a continuar a ler. A dor e a ira de Afonso VI eram inimagináveis. Ia correr mais sangue, iam rolar cabeças. Ninguém dava um desgosto destes ao imperador das Espanhas sem pagar um preço alto. E Henrique tinha lá estado.

A custo, Paio concentrou-se de novo no relato do seu senhor:

*O exército almorávida encontrou-se com o nosso em Uclés. Os infiéis, com os seus panos pretos a taparem-lhes o rosto, os seus tambores infernais, saquearam e marcharam de todos os pontos até aqui, e teriam chegado a Toledo, e depois mais além, a terras nossas, se não os tivéssemos impedido. Tamin, irmão de Ali ben Yusuf, comandava o exército, que era composto por tropas dirigidas por outros grandes do infiel, vindas de Córdova, Múrcia, Valência, de todos os lugares que os almorávidas têm como seus.*

*Atacaram Uclés de madrugada, de surpresa. Mataram-nos um por um e destruíram pelo fogo tudo o que encontraram. Destruíram as igrejas e as cruzes, e substituíram os símbolos cristãos pelos deles, as portas abertas pelos de sangue infiel, que fingem viver em paz com os nossos mas que na hora certa nos traem e apunhalam pelas costas. E vês*

*porque desconfio dos de sangue mouro que fingem viver em paz connosco?*

*Mas porque te conto isto que já sabes? Viste-nos partir de Sahagún, o teu pai desolado porque esta era a primeira batalha em que não conduzia os exércitos, preso que está pela sua perna ferida. E se tivesse vindo talvez nada disto tivesse acontecido.*

*Sei que foste dos que se opuseram a que Sancho viesse com os 27 nobres que partiram de Sahagún e que eu fui dos que mais insisti para que o deixassem vir, e sei também que vou pagar caro por isso. Pela saúde dos nossos filhos, não o fiz por desejar que alguma coisa acontecesse ao infante, mas porque imaginei o que teria sentido, com a idade dele, se me guardassem em casa como a uma menina, impedindo-me de lutar contra o infiel, e mais ainda em defesa de terras que eram minhas.*

*Mas não te conto como tudo aconteceu, mil desculpas. Ainda estou demasiado atordoado, mas quis escrever porque sei que tens de regressar depressa a Leão, o teu pai precisa de ti. A ira e a dor vão misturar-se numa explosão de que temo as consequências, mas temos de as enfrentar, e Afonso VI precisa das filhas num momento como este.*

*Dou conselhos em lugar de factos. Na noite de 28 para 29 de maio, os exércitos estavam frente a frente. Mal o Sol se levantou atacámos, e parecíamos levar a melhor. O infante Sancho estava sempre ao lado de Ordonhez, o conde de Nájera não deixou por um momento o príncipe, que lhe tinha sido confiado pelo próprio rei.*

*Corria bem, e deixou de correr porque estupidamente, nunca parecemos aprender com os erros, deixámos que os cavaleiros almorávidas nos encurralassem, atacando-nos pela frente e pela retaguarda, como em Zalaca.*

*Dizem-me que o infante Sancho gritou quando o seu cavalo foi abatido. Dizem-me que Garcia Ordonhez saltou do seu e que com a mão que estava livre o defendeu a golpes de espada. Mas o príncipe foi ferido e, quando percebeu que caíra, Ordonhez lançou o seu corpo sobre o de Sancho, protegendo-o, e gritou por ajuda.*

*O pânico instalou-se entre os condes que lutavam próximos. Nada mais lhes interessava senão retirar do campo com vida o pobre príncipe. Os infiéis perceberam que tinham atingido alguém importante e perseguiram os cavaleiros em fuga, que se dividiram para que dispersasse. Sancho foi levado para o castelo de Belinchón, e eu fiquei no terreno, procurando salvar os que pudesse. Belinchón foi um erro, os mouros que lá vivem sublevaram-se e mataram-nos a todos. Se é verdade que o príncipe lá chegou com vida, mais de vinte quilómetros a galope sobre uma ferida que sangrava a rodos, foram eles que o mataram. O conde de Nájera e outros sete nobres morreram com ele. Se fosse o Ordonhez, preferia mil vezes morrer assim do que me apresentar perante o imperador com o seu filho morto nos braços.*

*Sigo para Toledo, deixando para trás um rio que corre vermelho, do sangue dos nossos homens. Poucos sobreviveram e não houve prisioneiros. Os homens de Tamin degolaram-nos, um por um. Temo que com esta vitória sejam imparáveis, é preciso proteger Saragoça, senão tomá-la-ão também em breve.*

*Parte depressa, o teu pai precisa de ti.*

*Henrique, conde*

Paio enrolou o pergaminho e entregou-o de novo a Teresa.

— Que tragédia! — comentou.

— Sinto-me tão dividida de sentimentos, Paio. Não o devia confessar. Dou graças a Deus por ter levado a Zaida antes do Sancho, não sei como uma mãe suporta uma dor assim. Tenho dó do imperador, perde um filho muito amado. Tenho medo do imperador, se estivesse no lugar dele procuraria o alívio da vingança.

Paio concordava com um aceno da cabeça. E sabia o que Teresa diria a seguir, será que se atrevia a enunciar aquilo que ambos pensavam? Mas Teresa calou-se. Mais tarde diria a D. Geraldo, no segredo da confissão: «É pecado, sei que é, mas vi na morte de Sancho uma oportunidade. Talvez agora o meu pai faça justiça a Henrique, faça justiça a Teresa, filha de Ximena, que devia ter sido rainha.» Geraldo escutou-a, sem comentários, mas a penitência que lhe impôs revelava o desespero que sentia por não ser capaz de calar a ambição desmedida daquela mulher.

Teresa beijou-lhe a mão, comovida. Poucos a conheciam como este bom homem. Poucos a amavam assim, como um pai que quer o melhor para os seus filhos e, lúcido, compreende que lhes deve moldar o caráter.

Geraldo passou-lhe a mão pelo cabelo, num gesto de intimidade que nunca antes se tinha permitido.

— Velarei por ti, lá de cima — disse-lhe.

E os olhos de Teresa encheram-se de lágrimas. Sabia que Geraldo se despedia. Estava velho e cansado, merecia sentar-se junto do Pai do Céu.

Num gesto impulsivo abraçou-o:

— Obrigada. Obrigada por tudo. — Chorou.

## Cidade Imperial de Toledo, setembro de 1108

Teresa esticou os braços e deixou que as criadas a vestissem. A túnica era de um azul-escuro, como o do céu numa noite de lua nova, que só os tintureiros de Toledo faziam, as estrelas bordadas a ouro, um pedido expresso às mulheres que numa das salas do alcácer costuravam e bordavam sem parar os vestidos das damas da grande corte de Castela e Leão. Todos negros, todos escuros, porque a ninguém era permitido esquecer a morte do infante Sancho.

Sentou-se no banco e deixou que lhe escovassem cem vezes o cabelo com uma escova de prata e que entrelaçassem fios de seda do mesmo azul do vestido numa trança, presa em redor da cabeça com ganchos de pedras preciosas.

Depois respirou fundo, como se quisesse encher os pulmões de ar para sempre, e sem uma palavra indicou a coroa pousada sobre a cama, a coroa que herdara da tia Urraca, e que até hoje não se atrevera a usar.

Hoje entraria na grande sala do alcácer, virada para o rio Tejo que corria lá em baixo, iluminada pelo Sol de setembro que ainda andava alto, com a coroa das suas antepassadas mulheres-rainhas. Com a coroa que os nobres da corte de Afonso VI temiam e respeitavam, a coroa de Urraca Fernandez, que reinara ao lado do seu irmão. Recordaria hoje a todos os nobres que o imperador mandara reunir na cidade real que fora ela a escolhida, e sabia que a admirariam na sua beleza, no seu corpo de formas perfeitas que as gravidezes não tinham alterado, e que ao levantarem os olhos para a encarar saberiam ler o símbolo. Saberiam o que representava. Teresa, a filha favorita do rei, Teresa, a rainha. Teresa, a que lutaria pelo que era seu por direito.

Só assim conseguia viver com a raiva e a amargura, só assim conseguia entrar naquela sala sabendo de antemão o que ia acontecer. Porque sabia.

* * *

Teresa e Henrique permaneceram, de pé, ao lado do imperador, os rostos impenetráveis. Teresa e Henrique distraíram os olhos nos magnatas portucalenses e galegos, que formavam um grupo largo e atento no lado esquerdo da sala, de cujas paredes as tapeçarias tinham

sido arrancadas em sinal de luto.

Teresa e Henrique fixaram os olhos no vazio quando Afonso VI colocou a mão no ombro direito de Urraca Raimundes e declarou, numa voz forte que silenciou todas as outras, que Urraca, a sua única filha legítima pela rainha Constança da Borgonha, era a única herdeira de todo o seu império. Urraca, magnífica, com um manto de ouro puro, beijou a mão do pai e disse alto e em voz firme: «Que esse dia nunca chegue!»

Teresa e Henrique percorreram a sala com o olhar, procurando em cada rosto uma reação, procurando sobrolhos franzidos, contando militantes para a sua causa.

— Nunca lhe prestarei vassalagem — murmurou Teresa, entredentes.

Alberto, que estava junto de D. Bernardo de Toledo e de D. Diogo de Sahagún, suspirou fundo: começava a guerra entre as duas irmãs. Uma guerra que não poderia acabar bem.

* * *

Teresa ouviu a porta do quarto bater com estrondo. A luz da Lua iluminou Henrique, que se aproximando deixou-se cair ao seu lado, na cama.

Quando estendeu a mão para lhe tocar o cabelo, percebeu que estava húmido, e a barba parecia de fogo, num rosto que fervia.

— Estás doente? — perguntou, aflita, sentando-se na cama para o olhar com mais cuidado.

— Quase que o matei — disse Henrique, a voz embargada.

— Mataste quem, Henrique, por amor de Deus, o que é que estás para aí a dizer?

— Ao teu pai! Quase que matei o imperador.

Teresa ficou lívida, e segurando-o pelos ombros abanou-o:

— Estás bêbado? Não digas uma coisa dessas, nem na cama — disse, aflita, olhando em redor como se esperasse ver um espião de Urraca, um espião de Afonso.

— Não estou bêbado. Estou zangado. Furioso, de cabeça perdida. Decidi que não podíamos partir daqui sem tentar dissuadir o teu pai da decisão de deixar todos os seus reinos sob o comando de uma mulher.

De uma mulher — gritou, a voz envenenada de raiva.

— De Urraca — corrigiu Teresa, mas Henrique soltou-se das suas mãos, e pondo-se em pé andou pelo quarto como um animal enjaulado.

— De uma mulher, Teresa! Como se pode uma mulher impor a estes nobres ambiciosos e prontos a fazerem dela um fantoche para os seus desejos? Como é que uma mulher organiza a estratégia militar, nos defende dos almorávidas que já nos levaram tantas vezes a melhor e estão cada vez mais perto?

Teresa só lhe pedia que falasse mais baixo, mas Henrique perdera todo o controlo.

— Não falo mais baixo. Se já disse tudo isto na cara do imperador, porque hei de temer que alguém lho repita? Disse-lhe que não aceitava a forma como me tinha desonrado, a mim que lutei ao seu lado, a quem confiou as suas conquistas, que não se cansou de elogiar como estratega militar, como exemplo de coragem. E depois, depois de tudo isto, entrega tudo a Urraca? Não desminto a legitimidade da tua irmã, mas não fazia sentido confiar-me a regência? Até que o nosso sobrinho Afonso pudesse governar?

Teresa já estava também de pé, sem se atrever no entanto a tocar-lhe. Temia que a esbofeteasse, nunca o vira assim:

— Henrique — disse, procurando que a voz soasse calma e razoável —, e o que é que o meu pai respondeu a tudo isso?

Henrique sentou-se na borda da cama, arrancando na fúria as cortinas do dossel, que se emaranhavam à sua volta:

— Disse-me que não deixava o trono a uma mulher.

Teresa demorou uns segundos a entender o que ouvia:

— Não deixava a uma mulher?

— Não! Vai casar Urraca e deixa o trono à filha e ao genro. Deixa um homem em comando.

Teresa sentiu uma tontura e apoiou a mão no varão da cama:

— Casar Urraca? E o pequenino Afonso Raimundes?

Henrique passou as mãos no seu próprio cabelo revolto, antes de responder:

— Se Urraca e o novo marido tiverem filhos, Afonso fica apenas com a Galiza.

Teresa deu um grito:

— Deserda-o assim? Os senhores da Galiza nunca vão aceitar uma decisão dessas... Nem Pedro Ansurez... A não ser...

— A não ser que o teu pai aceitasse que Urraca casasse com um dos nobres de Leão. Dizem que Gomes Gonzalez é o mais forte candidato, e o conde de Lara também estará interessado.

Teresa riu, com desprezo:

— Ambos andaram sempre de volta das saias de Urraca, acredito que ela não se importasse, mas é uma solução impossível, Henrique, em menos de nada estavam divididos e à pancada. Para não falar nos senhores de Castela, a quem o meu pai deu tanto poder em troca do apoio que concederam à sua decisão de deixar tudo a Sancho...

— Disse-lhe isso tudo, Teresa.

— E o que aconteceu?

Henrique subitamente caiu em si, como uma criança que percebe o passo precipitado que deu, e numa voz sumida gemeu:

— Expulsou-me daqui. Deu-me umas horas para me pôr a andar. Para sempre!

— Para sempre? Exilou-te da corte — gritou Teresa aterrorizada. — Meu Deus, o que fizeste, Henrique. E agora?

Henrique esfregou a testa com a mão.

— Agora vou a Cluny. Vou falar com o tio Hugo, pode ser que ainda consiga pôr juízo na cabeça de um velho doente.

Teresa deixou-se cair sobre a cama e escondeu a cara nas almofadas. Tinha de pensar, tinha de pensar depressa.

— Vou partir agora. Por esta altura toda a gente sabe o que aconteceu, até o Dr. Ferrusiel se atreveu a puxar-me pelo braço e a atirar-me pelas escadas abaixo, dizendo que não permitia que gritasse assim com o soberano. É perigoso ficar — disse Henrique, a raiva a crescer de novo. — Mas volto. Se for preciso volto com um exército.

Teresa já não o ouvia. Sentia-se tão dividida. Admirava a coragem de Henrique, compreendia o seu desespero, e a sensação de injustiça partilhava-a em absoluto. Partiria também sem se despedir do pai. Não podia trair Henrique, que se sentia já traído. Se queria ter algum poder negocial, se queriam manter a força dos condes portucalenses, tinha de aceitar a ofensa ao seu marido, como se tivesse sido feita também a ela. E não era? Além do mais, não suportaria voltar a olhar Urraca, ver a

excitação com que a esta hora discutiria com as suas damas, e quem a quisesse ouvir, sobre o homem que meteria na sua cama. Um homem que se subjugasse ao poder da rainha de todas as Espanhas. Que era aquilo que agora era. Por decisão pública do pai, do pai de ambas, que a esquecia a ela.

Atirou a almofada com fúria contra a parede e ficou a ver as penas a esvoaçarem pelo ar, à contraluz da alvorada. Partiria. Sem se despedir dele, sem olhar para trás.

* * *

Urraca viu-a partir. Escondeu-se na sombra das paredes grossas do castelo, mas seguiu-a até a perder de vista.

Estranhamente, não se sentia vitoriosa. Estranhamente, preferia que Teresa tivesse ficado, que a tivesse escutado. Tinha medo, não podia confessá-lo mas tinha medo. É claro que exultara com a decisão do pai, mas horas passadas o coração apertava-se, e sentia-se terrivelmente sozinha. Não fora capaz de comer ao jantar e acordara sem fome. Sentia de novo a tristeza descer sobre si, aquela tristeza que a deixava prostrada, às vezes semanas inteiras viradas para a parede, sem sequer olhar a filha, porque o filho, o pequenino Afonso, tinham-lho tirado com menos de um ano e estava entregue a outra mulher, que certamente achava agora ser a sua mãe.

Se ao menos a deixassem casar com Lara, que conhecia desde criança, mas já escutara o suficiente para saber que era uma miragem. Ouvira o pai repetir vezes sem conta o nome de Afonso, *o Batalhador*, o rei de Aragão, que todos diziam ser um guerreiro frio e sem paixão, um homem que nem sequer gostava de mulheres. Se ao menos Teresa tivesse ficado, se a apoiasse junto do pai, Afonso VI sempre tinha escutado Teresa.

Raspou o braço com força contra a pedra áspera da parede, e por momentos a dor da pele que se rasga deu-lhe alívio. Porque se enganava a si mesma? Teresa nunca a apoiaria, Teresa nunca faria nada que não fosse do seu próprio interesse, só lhe diria que confiasse o poder a Henrique, como Henrique ainda há horas tentara extorquir do seu pai. Teresa, naquela voz melíflua que sabia usar, dir-lhe-ia que

assim elas podiam dedicar-se aos cueiros e aos filhos. Como se Urraca acreditasse. Como se acreditasse que qualquer uma das filhas do imperador de todas as Espanhas se conformasse a ser menos do que era, menos do que aquilo que nascera para ser. Como se não fossem as duas discípulas da tia Urraca, seguras da sua inteligência e do seu poder, dispostas a honrar a raça de mulheres de que traziam nas veias o sangue.

Deixou-se escorregar até ao chão e encostou a testa a ferver à pedra fria. Só queria dormir.

## Paço de Coimbra, abril de 1109

Henrique pousou a carta com desespero, e Teresa levantou a cabeça daquela que estava a escrever, para lhe perguntar o que se passava:

— D. Hugo morreu, santo homem.

Teresa olhou-o, em silêncio. Não sabia como o podia consolar.

— Vi com os meus próprios olhos que estava a definhar de dia para dia, mas temos sempre a ilusão de que a morte não vai levar aqueles que amamos — murmurou Henrique, enquanto nervosamente enrolava e desenrolava o pergaminho.

Teresa concordou, não podia fazer mais nada e não confiava em si mesma para encontrar as palavras certas. Temia começar a lamentar-se da falta que lhes faria o apoio do poder de Cluny, as influências junto do papa, o poder que lhes advinha de serem os favoritos do grande Hugo. Foi por terreno mais seguro:

— Morreu em paz?

Henrique voltou a abrir a carta:

— Dizem-me que foi na Terça-Feira Santa que se começou a sentir mal, por isso há cerca de duas semanas, mas nesse dia ainda supervisionou a distribuição de comida aos pobres, e acredita, Teresa, que é uma multidão que ali acorre, entre comida e dinheiro a abadia tem a seu cargo milhares de pessoas.

Teresa incitou-o a continuar:

— Esteve deitado nos dias seguintes, mas no dia de Páscoa entrou na «sua» igreja, vestido de branco, e caminhou com os seus irmãos na procissão. O meu primo escreve-me que nesse dia quem o conhecia melhor dizia que «os seus olhos sempre radiosos ficaram sem luz. A sua língua pesada, os joelhos tremiam e a sua face ficou branca». Dois dias depois, pediu que o deitassem frente ao altar na capela de Nossa Senhora que tinha mandado construir. Mandara fazer uma cama de cinzas frente ao altar, e quando o deitaram nela fechou os olhos para sempre. És pó e em pó te tornarás...

As lágrimas corriam pela cara de Henrique, e Teresa pôs-se de pé e aproximou-se da janela, acalmava-a sempre a vista do casario que descia até ao Mondego, ainda largo e forte da cheia. A mão correu para a barriga, já de seis meses, instintivamente a proteger o bebé que

crescia dentro de si.

— Não fales mais de morte, Henrique, sabes bem que pode assustar o bebé.

O marido limpou as lágrimas com as costas das mãos e depois fez o sinal da cruz no ar:

— Que Deus proteja esse nosso filho — rezou.

— Ou filha — acrescentou logo Teresa.

Henrique protestou, a voz com um timbre de irritação, que nele era tão raro:

— Teresa, não pode ser uma filha! Tem de ser um rapaz. Tem de ser um Afonso, e é preciso que nasça antes de o teu pai morrer.

Quantas vezes tinham discutido este assunto, pensou a condessa, subitamente cansada. Era preciso que fosse um rapaz, criando a oportunidade de uma tentativa de conciliação com o imperador. Desde aquela saída intempestiva de Toledo, nunca mais lhe tinha escrito. Primeiro imaginara que o pai se ressentiria da falta das suas cartas semanais, mas quando percebeu que não lhe escrevia a indagar o porquê do silêncio, entendeu que teria de ser ela, teriam de ser eles, a dar o primeiro passo...

Mas como lhe custava dar o primeiro passo...

Henrique sacudiu a cabeça, como que a tentar libertar-se da tristeza e do medo:

— Isto não pode continuar assim. Tenho estado demasiado passivo e não temos muito tempo. Todos os relatos sobre a saúde do imperador dizem que a sua vida está por um fio, e a notícia da morte do seu grande amigo Hugo só pode apressar a amargura do teu pai.

— Não queres que tenha o bebé já porque te dá jeito — retorquiu Teresa, enervada.

Henrique conseguiu rir:

— Sei que eras capaz de tudo, mas não, minha querida, quero que descanses, descanses mais porque nunca paras quieta, quero que deixes de montar a cavalo todas as manhãs e que não voltes a caçar, quero que comas a carne mais tenra e a fruta mais fresca... E que rezes, queimes velas à Senhora do Ó, faças tudo para estares bem e Afonso nascer bem.

Teresa esboçou também um sorriso:

— Teimoso como tu és, até já começo a acreditar que vai ser um Afonso Henriques. Mas e tu, o que é que vais fazer?

— A primeira coisa é mandar D. Maurício a Roma, precisávamos de fortificar a nossa influência, agora que Hugo de Cluny já não é deste mundo. É fundamental que o papa escreva a Afonso VI e lhe lembre a importância da união no seio das famílias, lhe recomende que faça as pazes com o genro, e mais do que isso confie nele... D. Maurício passará em Toledo para pedir a D. Bernardo que comece a semear a ideia...

Teresa encolheu os ombros:

— Pela minha parte, quanto mais depressa D. Maurício for para algum lado, melhor. Não consigo gostar dele, não consigo confiar nele, e de cada vez que o vejo lamento a morte de D. Geraldo.

— É um homem inteligente e hábil, tem capacidade para fazer frente à influência de Diego Gelmirez, vou dizer-lhe que parta logo. E vou partir também. O papa Pascoal II exortou-nos a sermos cruzados contra o infiel, não vou ficar de braços cruzados. Já convoquei os magnatas, já prometi terras e favores a todos os homens que se alistem nas nossas forças, e vou expulsar os mouros de Sintra, quem sabe se de Lisboa também. Até o fazermos, Santarém está sempre em perigo.

Parou por uns segundos e, abraçando a mulher, acrescentou, cheio de esperança:

— Com um filho varão e mais vitórias, apresento-me então a Afonso VI e peço-lhe que reconsidere a minha expulsão da corte.

— Não te esqueças de que te chamou traidor — lembrou Teresa.

Henrique corou, zangado:

— Tenho a certeza de que alguém lhe falou do pacto.

— A própria Urraca?

Henrique anuiu, e Teresa continuou:

— Quanto mais penso nisso, mais tenho a certeza de que só pode ter sido ela. Estou a ver a cena, atirou-se aos pés do nosso pai e pediu-lhe perdão em nome do marido morto. Depois contou-lhe tudo, fazendo o papel de mulher dócil, que não soube de nada...

Henrique deu um salto na cadeira:

— Ensaia bem a cena na cabeça, Teresa, porque vais ter de fazer uma igual quando eu voltar de além-Mondego e tiveres um bebé ao colo.

Teresa explodiu:

— Não sou igual a ela! Chega dessas comparações, pareces o Alberto quando éramos miúdos.

Mas Henrique já estava próximo da porta. Agora nada o desviaria dos seus planos.

## Paço de Guimarães, 4 de julho de 1109

Teresa pediu que a deixassem descer à igreja sozinha. Afastou as damas que a queriam acompanhar com um gesto irritado: «Deixem-me em paz», protestou, fechando a porta da sacristia.

A pequena igreja cheirava a cera e a mofo, e a alumiá-la havia apenas a luz de presença do sacrário. Teresa ajoelhou-se frente ao altar, e escondendo a cara nas mãos chorou. Primeiro devagarinho, um choro quase forçado, de quem procura vencer a barreira que impede as águas de correrem, depois mais intenso, até que o seu corpo estremecia com a intensidade dos soluços.

Fechava os olhos, e a mesma imagem repetia-se, vez após vez, como num sonho. «Pai», exclamava uma criança de túnica de burel e touca a cair-lhe dos cabelos loiros, enquanto corria e se lançava nos braços de um homem tão bonito e tão forte como nenhum outro, que a atirava ao ar para a acolher num abraço apertado, enquanto exclamava «meu cabritinho do monte». Cheirava a urze, cheirava a sabão, a água de rosas depois do banho, e as mãos do homem eram o dobro das suas, e agora tinham entre elas as tábuas dos mandamentos, a voz segura a dizer-lhe «Teresa, filha minha».

Ao meio-dia do dia 1 de julho, na cidade real de Toledo, morrera Afonso VI, imperador, e ela, Teresa, não se despedira dele, não o beijara como uma filha beija um pai que vai partir, não recebera dele a bênção, que assegura que um pai fica com uma filha até ao dia em que se reencontram no império celeste.

Tirou as mãos do rosto e quase às cegas procurou um dos bancos da igreja, sentando-se nele, os braços em redor da barriga agora de quase nove meses. Se fosse varão, seria Afonso. Afonso, com a força e a determinação do avô. Do seu querido pai.

## *Castelo de Urvel, julho de 1109*

*Ximena subiu à torre do castelo de Urvel e olhou em direção a Leão, nesta noite quente de julho.*

*Não precisava que lhe dissessem, sabia dentro de si que Afonso partira. Sabia-se viúva.*

*E repetiu para si mesma: «A minha história é a história da ninfa do lago de Carucedo, que se estende pelo vale no sopé deste castelo de Urvel, que pertence à minha família desde tempos imemoriais. Foi na margem destas águas que, como Ondina, seduzi e encantei o maior dos homens e fui seduzida e encantada por ele.» E era agora nas margens deste mesmo lago que as suas lágrimas se juntariam de novo às da ninfa, chorando a morte do único homem que amara.*

# III PARTE

# GUERRA DE IRMÃS (1109-1112)

## Viseu, 29 de julho de 1109

— Eu, Henrique pela graça de Deus, conde e senhor de todo o Portucale — proferiu Henrique, numa voz alta e forte que encheu a igreja, enquanto pousava no altar da Sé de Viseu a escritura de doação do Mosteiro de São Mamede de Lorvão à Sé de Coimbra.

Teresa sorriu-lhe, um sorriso de orgulho e encorajamento, a barriga mais proeminente do que nunca deste bebé que rezava para que fosse varão, e os senhores de Viseu, Coimbra e Guimarães, e de mais além, entreolharam-se. «Henrique pela graça de Deus, conde e senhor de todo o Portucale», repetiam baixinho uns aos outros. Esperavam o grito de guerra, mas não tão explícito, mas Henrique voltara com o entusiasmo de um conquistador, derrotara o infiel e reconquistara Sintra, que se revoltara mal soubera notícias da morte do imperador, mantendo mais a sul as fronteiras do seu condado. E agora já não havia Afonso VI, o sogro e senhor, a quem entregar a vitória. Agora o mérito e os benefícios eram seus, e responderia apenas perante Deus, porque era de Deus que recebia o poder que detinha e exercia. Que ficasse claro que não o devia a Urraca, que não responderia perante a rainha Urraca, pensou Teresa, satisfeita.

Um por um, os magnatas aproximaram-se do altar e juraram a escritura, um costume novo, costume de algum bispo franco, mas pouco lhes importava neste momento, o que os empolgava era o que simbolizava. Reuniam-se em torno do seu senhor, que os levaria em combate contra os mouros e os premiaria com mais terras e privilégios. Leão era longe e o governo de uma mulher, mesmo que filha de rei, era algo que olhavam com desconfiança.

Repetiriam em breve a cerimónia na Sé de Coimbra, para desagrado do bispo de Braga, que via mover-se para sul a diocese favorecida pelos condes. Mas Teresa perdera a cabeça quando soubera que D. Maurício Burdino estava em Leão. «A conluiar com a minha irmã», gritara ao saber da notícia, jurando a si mesma humilhá-lo sempre que possível.

Mas neste momento Teresa sorria. Sorriu a Pedro Froilaz, conde de Trava, quando o viu passar, e o conde respondeu com uma inclinação da cabeça, era impossível tirar os olhos daquela mulher, mesmo quando estava grávida de nove meses... Quando os espiões de Urraca lhe

contassem que o aio do infante Afonso Raimundes participara nesta cerimónia, a irmã entenderia que os senhores da Galiza, na posse do seu filho, se poderiam aliar aos condes portucalenses, para tentarem um assalto ao trono.

Teresa passou a mão pela barriga, num gesto discreto, e suspirou fundo: tudo seria possível se esta criança fosse, como sonhava, Afonso Henriques.

* * *

O conde de Trava gesticulava furiosamente nesta conversa com D. Henrique e D. Teresa. A sua indignação era bem patente em cada palavra que proferia:

— Urraca resiste ao casamento com Afonso de Aragão, honra lhe seja feita, mas Pedro Ansurez não a vai deixar recuar, prometeu a Afonso VI, paz à sua alma, que cumpriria a sua vontade, e vai fazê-lo. Mesmo sendo o resultado desastroso para os nossos reinos.

Henrique pôs a mão discretamente no ombro de Teresa, para que a deixasse a ele falar, mas a condessa não resistiu a dizer com ironia:

— Urraca preferia um casamento com o conde Gomes Gonzalez, pelo menos esse gosta de mulheres.

Pedro Froilaz riu:

— A fama do rei de Aragão, nesse capítulo, deixa muito a desejar, mais de trinta anos, não casou e não se lhe conhecem mulheres ou filhos.

Henrique interrompeu, pertinente:

— O que não é mau, conde, porque o contrato prevê que, se Urraca e Afonso tiverem filhos, o seu infante fica apenas com a Galiza.

Pedro Froilaz franziu o sobrolho, zangado:

— É uma enormidade. Não se pode roubar o trono a um príncipe que chegou primeiro, que nasceu de um casamento legítimo. Há momentos, e que me desculpe a senhora D. Teresa, em que penso que o imperador não estava bem nos últimos tempos.

Foi a vez de Henrique procurar controlar a irritação. Reconhecia as capacidades militares do rei de Aragão, ao lado de quem lutara tantas vezes contra os sarracenos, mas que o sogro tivesse preferido um futuro

genro ao genro que tinha, e que era tão bom ou melhor militar do que o Batalhador, era-lhe ainda insuportável. O conde de Trava sabia da ferida aberta e aproveitou o momento para a lisonja, declarando:

— Fazia muito mais sentido que a regência do reino tivesse sido entregue ao conde D. Henrique, na certeza de que eu prepararia o príncipe Afonso Raimundes, cedo e bem, para assumir o trono.

Teresa deu um salto na cadeira:

— Não fale no passado, senhor D. Pedro. Faz sentido, continua a fazer todo o sentido! Não podemos ficar de braços cruzados enquanto roubam o trono ao meu sobrinho. Já que a mãe não protege os interesses do filho, estamos disponíveis para sair em sua defesa.

Henrique teve medo de que a mulher tivesse ido longe de mais. Cautelosamente recuou.

— E D. Bernardo, qual é a posição de Bernardo de Toledo? — perguntou.

O conde de Trava pareceu aliviado por não ter de responder ao apelo da condessa:

— D. Bernardo e a maioria dos bispos discordam do casamento, tendo como base o facto de os noivos serem primos, possuem um bisavô comum. Sabem bem como a Igreja se esforça por terminar com os casamentos consanguíneos, por estabelecer regras claras, e se o exemplo não é dado pelos reis...

Henrique concordou:

— Se Urraca não respeitar a opinião do braço-direito do pai, D. Bernardo não descansará enquanto não conseguir declarar a união nula. Diego Gelmirez estará na primeira fila do protesto. Se o aio do infante Afonso Raimundes não concorda com esta solução, o seu tutor segui-lo-á — discorreu, lisonjeiro. Pedro Froilaz mordeu o isco:

— Como o senhor D. Henrique sabe melhor do que ninguém, um dos tios do pequeno príncipe, irmão de D. Raimundo, paz à sua alma, é um dos principais conselheiros de Pascoal II, dizem mesmo que candidato à cadeira papal. Ora, sei que Diogo Gelmirez já lhe escreveu, avisando-o do que se passa. Estou certo de que também ele não deixará que roubem o trono ao sobrinho...

Teresa interrompeu a conversa, com um encolher de ombros:

— Pelo que conheço da minha irmã Urraca, a esta hora está a

preparar o vestido! Ninguém a vai dissuadir de casar. Por esta hora, digo-vos eu, ponderou os argumentos de que precisa de um homem ao seu lado, e não podendo ser nem o conde Gomes Gonzalez, nem o conde de Lara, por quem estava caída de amores quando estivemos em Toledo, diga-se de passagem, casará com o rei de Aragão.

Henrique riu, e dirigindo-se ao conde de Trava confirmou:

— Nestas coisas, a minha mulher costuma ter sempre razão. São irmãs e mulheres — acrescentou irónico. — Teresa, mas se o nosso filho for varão, como rezo a Deus e à Santíssima Virgem que seja, aqui o senhor D. Pedro não acreditará que lutamos por Afonso Raimundes...

Pedro Froilaz escondeu o embaraço. Bem se dizia que os francos eram peritos na arte da adivinhação. E das artes negras, pensou. Henrique, lendo-lhe a expressão, deu uma gargalhada:

— Não é precisa uma bola de cristal para adivinhar estas coisas, senhor conde. — E dando-lhe uma palmada nas costas acrescentou: — Vamos fazer como o meu sogro fazia quando a conversa já não podia ir mais longe: almoçar!

Por segundos, Teresa voltou a ver-se por detrás da tapeçaria no paço de Leão, ouvindo escondida a conversa entre o pai e Pedro Ansurez, e o coração pareceu falhar uma batida: nem sequer se despedira dele, do homem mais importante da sua vida.

## Paço de Viseu, 15 de agosto de 1109

— Não vou ter este filho na escuridão — protestou Teresa quando viu as criadas entrarem no quarto com panos pretos para tapar a luz, deixando de fora as forças do mal, que, disfarçadas de pós, podiam entrar neste espaço que se desejava sagrado.

As criadas estacaram, olhando para Gontrode Moniz, à espera de uma ordem. Teresa percebeu a hesitação e quando a dor aliviou aproveitou o fôlego para confirmar:

— Porque é que olham para a minha tia, porventura não estou aqui eu? Levem-me daqui esses panos.

Gontrode fez-lhes sinal de que obedecessem e aproximando-se da cama disse-lhe baixo:

— Sabes os riscos que corres? Desafias assim o Diabo?

Teresa sacudiu os cabelos soltos, passando a mão pela testa suada, a que uma criada aplicava pachos molhados:

— A imagem que tenho da morte do pequenino Henrique é a de um quarto escuro, escuro como breu. Não aguento que este menino nasça nas trevas. Quero luz. Que mal faz a luz? As mulheres do campo não têm os filhos tantas vezes num campo aberto, na berma do caminho?

Gontrode sabia bem que não valia a pena contrariar Teresa. Muito menos agora. Passou-lhe a mão pelo cabelo, num gesto maternal, e com uma voz serena consolou-a:

— Este menino vai ser Afonso, Afonso como o avô, e vai ter a sua força...

Os olhos de Teresa encheram-se de lágrimas:

— Se o avô não o amaldiçoar — murmurou entredentes.

— Como podia desejar mal ao filho da sua filha tão amada?

O ventre de Teresa tornou-se duro, com mais uma dor que a fez gemer:

— Amada, tia? Como amada, se não hesitou em deixar tudo a Urraca e expulsou Henrique do reino como um traidor?

Gontrode esfregou-lhe as costas com uma mistura de cânfora, mentol e sal, aquecendo-a com gestos firmes das mãos:

— Teresa, Teresa, que disparates dizes. Querias que dividisse o reino que levou mais de quarenta anos a unificar? Querias que deserdasse a

sua filha legítima?

Teresa queria isso tudo e muito mais.

* * *

Urraca, Sancha e Teresa entraram no quarto e precipitaram-se para o berço colocado frente a uma lareira que apesar do calor de agosto fora acesa. Cuidadosamente, esforçaram-se por não pisar o círculo de sal que a ama, supersticiosa, desenhara em torno do pequenino infante e espreitaram o bebé adormecido. Teresa, do alto dos seus oito anos, exclamou:

— É muito maior do que o mano Henrique — concluiu, satisfeita.

Urraca, que com a importância dos seus doze anos e o estatuto de primogénita não resistia a educar as irmãs, riu:

— E isso é relevante para quê?

A pequena Teresa encolheu os ombros:

— Sabes tudo menos isto? Os bebés maiores têm mais probabilidades de sobreviver do que os outros — explicou.

Sancha mandou-as calar:

— Acordam o mano e acordam a mãe!

— Posso pegar-lhe? — perguntou Sancha à ama, que sentou as três irmãs em grandes almofadas e as deixou, uma após outra, segurarem o pequenino Afonso.

Fazendo-lhe festas, a pequenina Teresa suspirou:

— Não sei porque é que ficam tão contentes quando nasce um rapaz. Luto com a espada e monto a cavalo tão bem como eles, e tu também, Urraca, e tu também, Sancha. Além disso, só importa ter um filho varão para reinar quando o pai morrer, e eu não quero que o pai morra, nunca, nunca!

Surpreendentemente, Urraca concordou com ela:

— E mesmo quando os homens morrem, as filhas podem ser rainhas. Como a tia Urraca.

— E a mãe — acrescentou Sancha, olhando para a cama onde Teresa fingia que dormia.

## Paço de Viseu, setembro de 1109

Já era tarde quando as danças e os jogos terminaram, e Teresa conseguiu ver-se sozinha com Henrique. Sentaram-se em bancos no *scriptorium*, lá fora o ruído dos criados que tiravam as mesas e estendiam colchões, preparando as salas para a noite.

— Henrique, tenho de te contar o que dizia a carta que recebi hoje da minha mãe, e não, esta não era sobre o netinho Afonso Henriques! Preferia ler-ta, porque nunca consigo ter o humor da minha mãe, mas à luz desta vela não consigo.

Henrique sorriu:

— Não me poupes aos detalhes, gosto muito da perspicácia da minha querida sogra.

Teresa pousou-lhe uma mão num joelho e procurou repetir a carta da mãe ao pormenor.

— O escudeiro que espia na corte de Urraca, por um punhado de moedas, veio descrever-lhe o casamento de Urraca e de Afonso, *o Batalhador*.

— Os detalhes sórdidos, entenda-se, porque ninguém paga para saber da felicidade dos noivos.

Teresa deu uma gargalhada:

— Sabes muito sobre a arte da lisonja, mas não me interrompas, vais gostar de ouvir. Mas enganas-te, o pobre rapaz estava tão fascinado com o Batalhador, que a seguir a ti é o maior guerreiro destas terras, que descreveu à minha mãe como ia vestido: túnica dourada, cruzada por uma faixa encarnada, com estrelas de ouro, a capa vermelha forrada a arminho, presa sob o pescoço por um enorme alfinete de ouro e pedras preciosas que lhe oferecera a rainha, e à ilharga a espada, a espada que qualquer soldado reconheceria, a espada com o punho cravado a pedras preciosas, a lâmina que o sangue dos sarracenos tornara perpetuamente brilhante.

— E Urraca? — perguntou Henrique, provocador. Sabia que a mulher odiaria descrever a beleza da sua meia-irmã.

Teresa deitou-lhe a língua de fora, entendendo que a procurava irritar:

— Repito-te a descrição do escudeiro: «Cabelos castanhos dourados sob uma coroa magnífica, como nunca vira igual, e uma túnica branca,

como o luto recente pelo imperador impunha, mas num tecido tão rico que só podia vir das mãos de costureiras moçárabes.» Estás contente?

— Já me parece conto de fadas a mais. Não me digas que por um saco de moedas não disse nada que nos interessasse ouvir.

— Mais fantasia, mas mostra que as prédicas dos padres já espalham a convicção de Bernardo de Toledo de que este casamento é adúltero e uma calamidade para as Espanhas. Segundo contou, caiu uma geada como nunca ninguém vira, queimando a vinha e tornando mau o vinho, que ia matando os convidados.

— O teu pai foi um homem glorioso, extraordinário, com uma força e uma inteligência ímpares, mas naqueles últimos tempos de vida a doença e o desgosto pela morte de Sancho fizeram-no perder qualidades: escolher Afonso de Aragão para Urraca foi um erro. É um militar fabuloso, mas vai querer os seus homens em todos os lugares de decisão, mesmo dentro dos mosteiros. D. Bernardo não vai deixar a tua irmã em paz, o papa vai secundá-lo com uma acusação de incesto, podes estar certa.

Teresa concordou:

— É exatamente isso o que a minha mãe diz.

— Para não falar na questão de Afonso Raimundes.

— Nunca o conde de Trava aceitará ver o seu poder diminuído, como ficará quando Afonso passar a ter como horizonte de ambição apenas o título de conde da Galiza. Mas segundo dizem não há perigo de nascer dali rapaz ou rapariga, dizem que o rei de Aragão é inepto na cama — sorriu Teresa. — Em breve a minha mãe terá notícias da criada de quarto de Urraca...

— Mulheres!

— Por falar em mulheres, podes ter a certeza de que os nobres agora desconfiam do poder nas mãos de uma mulher, mas vão preferir mil vezes Urraca sozinha a um estrangeiro de Aragão, cujos interesses são contraditórios com os seus.

Henrique pôs-se de pé, subitamente agitado:

— Não nos vamos submeter nem a Urraca nem ao Batalhador.

— Nós — disse Teresa — vamos jogar um contra o outro e ficar a ganhar. — Henrique beijou-a na testa, satisfeito.

## Paço de Guimarães, janeiro de 1110

Teresa abriu a porta do quarto de Afonso e saudando a ama ajoelhou-se junto do berço. O seu bebé tinha já cinco meses, era sorridente e bem-disposto.

Aos poucos conseguia vê-lo por quem era, um novo filho, um novo filho varão, sem a sombra do sorriso doce do pequenino Henrique. Tinha esperança de que sobrevivesse. O médico dizia-lhe que era uma criança forte e resistente, mas limitara o número de pessoas que o atendiam. «Não quero que as criadas saiam do paço. Estão proibidas de ir à vila ou de visitar as famílias», impusera, e nem no Natal levantara o interdito.

Henrique decidira que era preciso escolher um aio, entregá-lo ao cuidado de uma das famílias nobres do condado, falara-lhe em Ermígio Moniz, mas ela recusara. Havia tempo para pensar nisso, agora queria-o protegido e junto de si. Além disso, argumentara, bastava ver a sobranceria com que Pedro Froilaz falava para perceber o poder imenso do homem a quem é entregue o herdeiro. Quem lhe garantia que os senhores portucalenses não agiriam como os galegos, usando a criança como estandarte, atrás do qual arregimentavam as suas tropas, se necessário fosse contra os próprios pais? Não era exatamente isso que acontecia agora na Galiza?

Levantou o bebé do berço, beijou a penugem loira que cobria a cabeça do seu pequenino e deixou-o mordiscar o osso de coelho que enrijecia as gengivas e ajudava os dentes a crescer. Respirou o seu cheiro, como se o quisesse aprender de cor.

Afonso Henriques, repetiu baixinho. Depositava nele tantas esperanças, todas as esperanças. Cresceria forte e corajoso como o pai, sobrevivendo a todas as doenças e males, e quando chegasse a adulto governaria ao seu lado, aconselhando-se um ao outro, juntos batalhariam por um reino cada vez mais forte e mais poderoso. Conspirariam, derrotando todos os que lhes quisessem fazer frente, a filha e o neto do glorioso imperador das Espanhas, honrando a memória dos seus antepassados.

O bebé choramingou de tão apertado nos seus braços e Teresa sorriu:

— Não gostas que faça planos para ti, é?

Entregou-o de novo à ama, fingindo protestar:

— Vê lá se não o mimas de mais. Quero um filho obediente, bem-educado, e não um daqueles meninos cheios de si, que ainda bebem leite e já se julgam à altura dos adultos.

A ama riu:

— Obediente não sei, senhora! Esse menino sabe o que quer desde que nasceu.

E depois aventurou-se:

— Igualzinho à senhora D. Teresa...

Teresa deu uma gargalhada:

— Olha que dois iguais na mesma casa não me parece boa ideia.

E debruçando-se de novo para o beijar disse alto:

— Saberá que a vontade da mãe prevalece sobre a sua. E se não souber aprende.

A ama embalou o pequenino Afonso, despedindo-se da rainha. Não conhecia nenhum Afonso que fosse dócil. Pousando a criança para lhe trocar os panos, disse baixinho:

— Tivessem pensado no que queriam antes de te batizarem, meu menino!

## Paço de Guimarães, fevereiro de 1110

Decididamente, o *scriptorium* era o seu local favorito no paço, pensou, inspirando o cheiro a couro e a tinta, como quem enche os pulmões com o perfume das rosas em flor, numa noite de verão.

Passou as mãos pelas lombadas dos livros e sobressaltou-se quando Paio, que não vira, encavalitado como estava junto de uma janela procurando decifrar um documento à escassa luz da manhã enevoada e cinzenta, comentou:

— Nunca conheci ninguém que gostasse tanto de livros.

— Se soubesses como refilava todos os dias para ir para as aulas da tia Urraca! A Elvira e o Alberto, sobretudo o Alberto, iam como se fossem para um torneio, mas eu fazia gala em dizer que preferia a espada e o escudo.

Paio deu uma gargalhada:

— Não a conheci em pequena, mas imagino que a infanta Urraca se tenha moldado à sua imagem e semelhança. Sempre que lhes vou dar aula, é a que mais protesta e, no entanto, a que mais se aplica.

— Eu era igual, acho que queria ser o filho que o meu pai e a minha mãe tanto tinham desejado... Não sei bem quando é que comecei realmente a gostar, mas neguei-o sempre.

O ruído de cascos de cavalo a galope interrompeu a conversa.

— Dois cavalos? — perguntou, como por instinto.

Paio espreitou para o terreiro e confirmou:

— O da frente vem montado, o segundo vem sem sela. Os panos não são nossos — acrescentou, mas Teresa já não o ouviu.

Abrindo a porta, deu indicação a um dos criados que passava com lenha para as lareiras:

— Larga isso e vai dizer-lhes que me tragam aqui o cavaleiro que acaba de chegar — ordenou, cerrando os punhos e sentindo as palmas das mãos a humedecer. «Virgem piedosa, que nada tenha acontecido a Henrique, que não seja com o Henrique», implorava. Quanto lhe custara deixá-lo partir para integrar o exército de Afonso, *o Batalhador*, mas como podia o cunhado do rei recusar-se a lutar ao seu lado contra o infiel?

Paio pediu-lhe que voltasse para dentro da sala, sossegando-a:

— Não eram as nossas cores, não vem da direção de Valtierra nem de Saragoça — foi dizendo.

— E se atraíram Henrique para que parecesse que morria em batalha, que conveniente era... — murmurava Teresa, torcendo as mãos uma na outra, como uma criança pequena.

Quando o mensageiro entrou, inclinando-se numa vénia profunda, o coração bateu mais compassadamente:

— Condessa, uma carta urgente da sua mãe — disse o pobre homem, e a condessa recebeu-a mordendo o lábio, zangada consigo mesma. Porque se deixara enervar daquela forma, quantas vezes é que Henrique já partira e já chegara? Que pressentimento negro era este que há dias a perseguia e hoje parecera tomar forma?

Partiu o selo, e Paio viu-a empalidecer, a cada linha que os seus olhos devoravam:

— Mato-a, mato-os com as minhas próprias mãos — murmurou entre-dentes.

Paio despediu rapidamente o cavaleiro e esperou que a condessa se acalmasse.

Teresa inspirou, procurando controlar a voz:

— Urraca retirou a Ximena Moniz a tenência do castelo de Urvel. Notificou a minha mãe como se fosse uma rendeira de um qualquer - terreno.

Paio aproximou-se e Teresa entregou-lhe a carta:

— Nunca lhe perdoou ter sido a mais amada pelo rei. Nunca lhe perdoou ter tido duas filhas, desculpe, engano-me, ter tido uma filha chamada Teresa, que um dia chegou à corte de Leão e lhe roubou o protagonismo. Mas vingar-se assim? Logo depois de o meu pai morrer? Foi o imperador que fez a doação a favor de Ximena, foi um presente do rei.

— Por isso mesmo — atreveu-se a dizer Paio.

— Por isso mesmo devia ser sagrado! E quem é que João Peres se acha para aceitar?

Paio segurou na escritura da doação feita agora a João Peres e não conseguiu conter uma exclamação de espanto. Teresa estendeu a mão para o documento:

— O que é que viste?

Paio recusou-se a entregar-lho.

— Mais tarde, senhora D. Teresa. Vemos isto mais tarde.

Mas Teresa arrancou-lho da mão e numa voz estridente, lembrando a da tia Urraca Fernandez, gritou:

— É verdadeiro este documento, Paio?

Paio ergue-o à luz:

— É um original, redigido por um notário experimentado, caligrafado por um copista experimentado, e as assinaturas… — hesitou.

— As assinaturas são verdadeiras?

Paio queria tanto que não fossem. Levou de novo o documento para a luz e com um aceno da cabeça confirmou:

— Tanto quanto consigo apurar, sim, sim, são todas verdadeiras. Mas está aqui também a de D. Diego Gelmirez — avisou.

— Que não é pior nem melhor do que os outros — vociferou Teresa, irritada, e passeando de um lado para o outro da sala, como Henrique fazia tantas vezes, ditou-lhe o plano de vingança.

— E nem tentes apagar o rasto. É uma ordem de Teresa, filha do glorioso imperador, condessa portucalense — exclamou enfurecida.

Paio desceu até às cavalariças e pediu um cavalo. Se ao menos o conde D. Henrique aqui estivesse, mas não estava, e não se atrevia a desobedecer. Se fosse honesto consigo mesmo, teria de confessar: não queria desobedecer.

* * *

Teresa esperava-os. Ordenara às aias que tirassem a melhor túnica e o manto mais quente. Usava a cabeça tapada por um véu e sobre ele a coroa da tia Urraca. Enchera os dedos de anéis, os pulsos de pulseiras, e perfumara-se com óleos preciosos e perfumes.

Os archotes já ardiam na sala quando desceu, e o pequenino grupo de nobres que convocara abrira alas para que passasse até ao seu lugar, a cadeira onde nunca se atrevera a sentar-se sem a presença de Henrique.

Vendo o bispo Maurício Burdino, cumprimentou-o.

— Vejo que regressou de Leão numa hora trágica — disse-lhe, numa voz gelada.

O arcebispo parecia pronto a desatar num pranto, nem entendeu a ironia, e num lamento desolado contou que a Sé de Braga fora atacada durante a noite por bandos de homens armados, que não se sabia de onde vinham, nem para onde tinham ido. Os sacristãos, que dormiam por ali, tinham conseguido salvar muitas das relíquias, mas alguns altares já não estavam de pé, os portões arrancados das dobradiças, lajes levantadas. O povo dizia que vinham a mando de D. Gelmirez, como se não chegasse o que já tinha roubado...

Teresa interrompeu-o, com uma placidez que surpreendeu a todos:

— Que cada um de nós meta a mão na consciência e se pergunte porque desejaria Deus que a ira dos céus descesse sobre o templo. Porventura, tornara-se numa casa de vendilhões? — perguntou numa voz gelada.

Maurício Burdino pareceu atingido por um raio e quando a olhou de frente não viu Teresa, condessa portucalense, mas o Diabo sob a forma de mulher.

Recuou um passo, assustado, mas Teresa não desviou o olhar:

— Quanto maiores as responsabilidades, maior a exigência — ditou.

Maurício pareceu recuperar do embate e baixando a cabeça anunciou:

— Presidirei amanhã a uma cerimónia penitencial nos destroços da nossa sé. Que todos e cada um peçam perdão pelos seus pecados e que Deus seja misericordioso para com os seus filhos. E filhas — acrescentou entredentes.

* * *

Nessa tarde escreveu uma carta codificada a Henrique. Contou-lhe que o arcebispo de Braga se atrevera a reconhecer Urraca como rainha, confirmando cartas da nova rainha. Pior, revelara a sua natureza vingativa reborando documentos que removiam a tenência de Urvel a Ximena Moniz. Não queria escrever mais, apenas dar-lhe conta destes factos e avisá-lo de que já providenciara o castigo. Maurício Burdino pensaria duas vezes antes de afrontar de novo os condes portucalenses. Esperava que Henrique tratasse da sua parte. Era preciso que Urraca também sofresse um castigo.

Henrique recebeu a mensagem da mulher quando regressava a Leão, vitorioso, da tomada de Saragoça.

Chegou-lhe logo depois uma outra: Pedro Froilaz, o conde de Trava, chamara a si mesmo o título de conde da Galiza, prometendo conseguir para o seu protegido o título que lhe pertencia, o de rei.

Henrique assistiu à fúria do Batalhador. Por momentos teve pena de Urraca, colocada entre a espada e a parede — como se protege um filho contra um padrasto, a quem se deu tanto poder?

Era tempo de ir para casa e deixar que se destruíssem mutuamente. O Batalhador não podia ser mais diferente de Raimundo, insensível às manipulações e jogos de Urraca.

Estava certo de que a cunhada usaria o filho para se livrar do Batalhador, usaria os avisos papais para se descasar, porque Henrique conhecia-a, como conhecia a sua mulher — nem uma nem outra permitiriam que fosse quem fosse lhes roubasse o poder. Teresa e Urraca eram, decididamente, filhas do mesmo pai. Mas tão seguro como estava de tudo isso, punha as mãos no fogo que o Batalhador atacaria as terras de Trava sem piedade, queimaria casas, profanaria igrejas, roubaria as colheitas e o gado e atacaria todos os castelos de quem se opusesse ao seu poder. Era, sem dúvida, do lado de um guerreiro assim que devia estar.

## *S. Pedro de Montes, junho de 1110*

*Ximena refugiara-se mais uma vez no mosteiro, deixando a Henrique a negociação da tenência de Urvel, certa de que o genro conseguiria persuadir o novo tenente a deixar-lhe o uso do castelo. Tudo o que queria era retomar o castelo sobre o lago da ninfa de Carucedo, o único lugar a que chamava casa.*

*Distraía-se agora do desgosto com as coscuvilhices que lhe chegavam da corte, abençoada dama que lhe fazia chegar a informação.*

*«Urraca não engravida. A semente de Afonso, o Batalhador, ou é fraca ou ele pratica pouco», escreveu a Teresa, com satisfação. Depois a mão que segurava a pena acelerou, tal o entusiasmo no que tinha para contar:*

A tua irmã deve estar fora de si porque, ao que me contam, achincalha-o, diz-lhe que ele não é capaz, e quando o homem reage com fúria, partindo bancos ao pontapé, ela amedronta-se e esconde-se, para durante a ceia, num lugar público, lançar de novo uma piada que o humilha. Ele acusa-a de fazer de propósito para não engravidar, diz que usa ervas, feitiços e poções para não ficar de bebé, e, de facto, quem tem vantagem em não ter mais filhos é ela, porque assim não deserda o próprio filho. As criadas temem por Urraca, porque dizem que o Batalhador quando se enfurece perde a cabeça. E é preciso reconhecer que ela, ao não engravidar, por vontade própria ou porque o Batalhador, de facto, não é homem que chegue, expõe publicamente a fragilidade de um homem que ninguém vence num campo de batalha. Já sei que me vais dizer que é teatro, mas algumas criadas garantem que ele lhe pôs os pés onde devia pôr as mãos e que a cara e o corpo da tua irmã estão cheios de nódoas negras, que disfarça com pós. Talvez seja maldade minha, mas depois de me ter roubado a tenência de Urvel, cá para mim só se perdem as que caírem no chão, que Deus me perdoe.

Ao que me contam, D. Bernardo de Toledo visitou-a com a declaração de nulidade do casamento e mais um apelo a que não viva em pecado, e a rainha chorou dizendo que a sua vida era um inferno, que se separaria imediatamente do Batalhador, porque não queria incorrer na excomunhão, com que o papa a ameaça. D. Bernardo terá ficado muito comovido, esquecido talvez de que ela é tão sonsa como o teu pai sabia ser. Dizem-me que vai alegar este impedimento da Igreja para se separar de facto, mas vamos ver quanto tempo dura.

As más-línguas da corte, entretanto, espalham que ela é amante do conde Gomes Gonzalez e de Pedro de Lara, logo dos dois é inverosímil, mas sabes bem como são estas víboras ansiosas por acicatar as discórdias, para ficarem com os destroços. Cá para mim é conversa de Diego Gelmirez, podes estar certa de que a esta hora o retrato da tua irmã naqueles livros já está traçado, como uma desavergonhada, como corresponde à ideia que aquele homem nojento, de melena oleosa, tem das mulheres.

*Ximena releu o que tinha escrito e sorriu. Teresa ia gostar desta carta, pensou satisfeita.*

## Paço de Guimarães, julho de 1110

Quando Teresa percebeu no pergaminho o selo de Sahagún, sentiu o coração acelerar. Desceu à capela vazia e sentou-se no banco mais próximo de uma vela e abriu-o. Alberto escrevia-lhe diretamente, fugindo a licenças do abade, e acusava-a, sem rodeios, de ter incorrido num pecado grave, de ter provocado a ira do Altíssimo. Como era possível que tivesse mandado destruir a casa do Senhor, como se fosse um pardieiro? Como era possível que tivesse deixado que a ira a tomasse e atentasse contra um bispo sagrado pela Igreja, voltando contra si a inclemência do Senhor?

Atirou o pergaminho ao chão, o sangue a subir-lhe à cara, num misto de fúria e vergonha. Que sabia Alberto do mundo, fechado no seu mosteiro, rezando a horas certas, passeando pelos seus jardins geométricos, copiando livros, longe do mal dos homens, gritou. Como é que era possível que não reconhecesse que ela, filha do imperador, condessa portucalense, deserdada pelo pai, substituída na herança por Urraca, tinha de se defender, em seu nome e no dos seus filhos?

Chorou de desespero, até estar exausta, os olhos inchados, limpando o nariz que corria à manga da túnica, e quando uma das suas damas veio saber dela, disse-lhe que desaparecesse dali.

Sentia-se acusada pelo seu melhor amigo, traída pelo seu melhor amigo, chamada à razão pelo seu melhor amigo, um homem reto, a quem não podia acusar de nada.

Alberto era a voz mais pura que lhe podia chegar aos ouvidos. Não incorria no pecado da lisonja, como toda esta cúria que a rodeava. Nem Paio, nem Paio, primo e conselheiro, alferes e protetor, se atrevia a mais do que uns reparos. E mesmo Henrique hesitava...

Alberto ensinara-lhe a usar a espada e o escudo, ensinara-lhe a pensar como um guerreiro num campo de batalha, a imaginar a melhor estratégia para vencer. Alberto contara-lhe, vezes sem conta, como as casas das aldeias se desfaziam em labaredas atiçadas pelos soldados do rei cristão, e os traidores eram torturados e presos de uma corda no pelourinho da vila, e como não se perdoavam nem o autor de uma traição, nem a família, nem tão-pouco os filhos pequenos — morriam todos, eram todos mortos, para que ninguém esquecesse. Para que a

traição não se repetisse. E era agora ele, irmão Alberto, que a envergonhava, e lhe pedia que repusesse o mal que tinha feito, pedindo-lhe arrependimento e penitência?

Como é que não via que era Urraca que lhe devia um pedido de desculpas pelo atrevimento de pedir a D. Maurício, o «seu» bispo, que a traísse, que assinasse um documento contra a sua própria mãe, como...

Abanou a cabeça em desespero.

Teresa ajoelhou-se junto da imagem da Virgem e chorou. Pediu a Deus que lhe perdoasse, pediu a Deus que salvasse a sua alma, pediu ao Santíssimo que os filhos não pagassem pelos seus pecados, que não lhe levasse Afonso, como levara o pequenino Henrique.

Deixara-se tentar pelo Diabo, que se esconde em todo o lado e espreita sempre.

Agira por impulso, levada pela emoção e pela raiva — Urraca tirava a Ximena o que lhe pertencia, Urraca provava assim que não só ficara com tudo o que era do pai, como ainda que se podia arrogar o direito de magoar aquela a quem Teresa mais amava, roubando-a do sinal do amor do imperador por ela, da forma como selava publicamente a relação de que Teresa e Elvira eram fruto. Urraca tratava Ximena como uma concubina. Humilhava-a, mas sobretudo procurava humilhar a irmã.

Como podia Alberto pedir-lhe que esquecesse aqueles que alinhavam neste ato ignóbil?

Teresa tapou o rosto com as mãos. Alberto acusava-a de se ter deixado cegar pelo rancor. Alberto garantia-lhe, e agora estava certa de que tinha razão, de que fora Diego Gelmirez a fazer chegar aquela escritura às mãos de Ximena, sabendo que a enviaria imediatamente àquela que queria que fosse a sua destinatária final, Teresa.

Estava consciente de que era ele o único a ganhar com tudo isto. Quem peregrinaria agora a um templo destruído, amaldiçoado por Deus?

Levantando-se, os joelhos dormentes, fez lentamente o caminho para o quarto e deixou que a despissem sem uma palavra.

## Paço de Guimarães, setembro de 1110

Da janela do paço, viu chegar o arcebispo de Braga, com o seu pequeno séquito. Maurício Burdino parecia-lhe sempre pálido, porque, ao contrário de Geraldo, fugia do sol e preferia as sombras, pensou com azedume. Bastava ver o magnífico cavalo de que desmontava para perceber que não herdara a humildade do seu antecessor, que ia para todo o lado no seu pequeno jumento. Se Jesus Cristo escolhera um animal tão modesto para entrar na cidade santa, não seria ele a usar montada diferente.

Afastou-se da janela, com medo de ser vista, e recordou a si mesma, pela milionésima vez, que não tinha chamado o arcebispo de Braga ao paço para o atacar.

Entrelaçou as mãos, e apertou-as tanto uma contra a outra que os seus dedos brancos e longos ficaram sem sangue. «Nem tão-pouco para te rojares aos seus pés, pedindo desculpas excessivas», ouviu dentro de si a voz do Diabo. Calou-a, ou tentou calá-la. Sacudiu o véu que lhe cobria os cabelos, impaciente. Alberto exigia-lhe mais inteligência, mais espírito cristão, e ela, ela mentiria a si própria se não dissesse que tinha medo, medo da ira divina, medo de que a sua alma ardesse nas chamas do Inferno, porque nunca sabemos o dia nem a hora em que a morte reclama o nosso corpo. Até Ximena lhe recomendava prudência e oração.

Sentia o palpitar do coração no pescoço e num gesto impulsivo procurou esconder a veia que latejava com a mão. Sentou-se. Talvez sentada o seu nervosismo se tornasse menos evidente, mas quando a chegada do arcebispo foi anunciada, estava de novo de pé.

Cumprimentaram-se à distância, saltando o beija-mão, num entendimento implícito de que hoje, aqui nesta sala onde estariam só os dois, se encontravam como iguais.

Falaram do tempo e do verão que este ano parecia estender-se pelo outono, e finalmente Teresa, não aguentando mais o interlúdio, disparou:

— Não somos crianças, senhor D. Maurício. O que levou o arcebispo de Braga a apor a sua assinatura num documento que reconhece Urraca como rainha, sem antes nos ter ouvido?

Maurício Burdino manteve os olhos nos dela, e Teresa pôde ler a raiva

que o consumia, mas a voz, a voz era suave, como num sermão de domingo:

— Um erro, senhora D. Teresa.

A princesa olhou-o espantada, quase a medo — Geraldo tinha a serpente no báculo, Maurício transportava-a dentro dele, pensou. Esperou que o bispo se justificasse.

— Estive em Toledo para prestar uma última homenagem ao senhor D. Afonso, como era dever de quem o conheceu de perto, um dever que cumpri com solicitude, porque o admirava muito.

Teresa tomou nota que não se referia ao imperador como seu pai, Teresa tomou nota da acusação: ela, ao contrário dele, não tinha lá estado.

Mordeu o lábio, contendo-se e cerrando os punhos, sentiu que a dor das unhas a furar a pele lhe provocava alívio e a acalmava. E, depois, instigou-o a continuar, como se até agora o arcebispo não tivesse dito nada de relevante.

— E, depois — sorriu pela primeira vez Maurício —, acompanhei o corpo do imperador ao lado de Bernardo de Toledo, de Gelmirez de Santiago e de tantos outros, e durante mais de uma semana atravessámos aldeias e vilas, e rezámos a santa missa para aqueles que queriam oferecer orações para que Afonso VI fosse recebido em glória pelo Criador.

Teresa içou as sobrancelhas e o bispo entendeu que não podia levar o seu discurso tão longe, atalhando:

— Quando o corpo do imperador desceu à terra na igreja do Mosteiro de Sahagún, a... senhora D. Urraca pediu-nos que confirmássemos as primeiras cartas da sua chancelaria. E foi o que fiz, em perfeita boa-fé.

Teresa percebera a hesitação. Maurício ia tratar Urraca por rainha, mas travara-se a tempo, ou talvez não passasse de uma manobra para a fazer perder a paciência. Sabia, com certeza, que a esta hora o conde D. Henrique regressara aos exércitos do Batalhador e lutava contra ela...

— E foi com a mesma boa-fé que confirmou um documento que retirava a Ximena Moniz a tenência de Urvel? — perguntou Teresa com ironia.

O rosto de Maurício pareceu revelar genuína surpresa:

— Não me lembro de ter alguma vez confirmado tal documento —

disse, cauteloso, temendo uma armadilha.

Teresa aproximou-se da mesa e passou-lhe a escritura:

— Talvez não saiba que foi um presente que o imperador meu pai — frisou — deu à minha mãe, por altura do meu casamento com o senhor D. Henrique.

As mãos do arcebispo tremiam e o seu protesto pareceu autêntico:

— Por S. Miguel, juro-lhe, senhora D. Teresa, que nunca vi este documento e que esta assinatura não é minha...

Teresa olhou-o perplexa:

— Não é sua? Mas os meus copistas garantem-me que é...

— Mas não é! Sei o que assino. Leio tudo o que corroboro. Reconheça que um monge criado numa casa de Cluny não comete o erro grosseiro de apor o nome àquilo que não sabe o que é.

E levando o documento à luz, tal como Paio havia feito, abanava a cabeça perturbado:

— Reconheço que é uma cópia quase perfeita, talvez aqui o «u» seja ligeiramente mais acentuado, não sei, senhora D. Teresa, não sei, mas garanto-lhe que não assinei este documento.

Teresa recebeu da mão do prelado o pergaminho e inspirou fundo. O bispo estava fora de si:

— Quem o falsificou, sabe? Quem lho enviou?

— Ximena Moniz — respondeu Teresa, direta.

— E quem fez chegar à senhora do Bierzo um presente envenenado como este?

— Certamente D. Diego Gelmirez — respondeu Teresa, como se fosse uma criança ajoelhada num confessionário.

— Quem ganhou com tudo isto? — perguntou Maurício numa voz que perdera toda a candura.

— D. Diego Gelmirez — confirmou Teresa, vermelha de fúria.

Maurício Burdino impacientou-se:

— Vez após vez, caímos nas armadilhas do arcebispo de Santiago de Compostela, cuja ambição não tem limites. Um homem sem escrúpulos, disposto a tudo, mas mesmo a tudo, para conseguir reinar. Não se cansará enquanto não atiçar uns contra os outros, dividir os que devem estar unidos, unindo os que devem estar separados, traindo os que nele confiaram, fingindo-se tão convincentemente amigo dos que dele

desconfiaram, que os fará duvidar do que veem, ouvem e sentem.

Teresa voltou a cerrar os punhos. Queria pedir desculpa, mas não conseguia admitir um erro tão grosseiro perante o arcebispo. Sentia-se tão miserável, tão primária, como uma mulher sem estudos nem letras, enganada como uma analfabeta.

— Vou encontrar forma de desvendar tudo o que se passou, vou encontrar forma de reparar os danos feitos.

Maurício era demasiado inteligente para lhe exigir mais do que isto. Sabia que a condessa seria generosa a compensá-lo pelo sucedido, tantas vezes quantas se lembrasse que fora enganada por Gelmirez. Sabia que os sonhos de Teresa, de agora em diante, seriam povoados pelas gargalhadas trocistas do bispo de Santiago. Com as palavras venenosas que o cronista D. Hugo a esta hora já inscrevera na história de Compostela, acusando-a de ser uma criatura do Diabo, levada pelos sentimentos e não pela cabeça, desprezando-a, recordando a todos, e para todo o sempre, que a decisão fora tomada quando Henrique estava fora do condado.

Controlou um sorriso vencedor. Reconstruiria as colunas destruídas pelos homens de Teresa, as capelas vandalizadas, mas deixaria algumas pedras fora do sítio, bem visíveis, memórias vivas do sucedido, para que Teresa nunca esquecesse.

— Julgo que temos todos a ganhar com uma diocese mais forte — disse-lhe, como quem manda rezar dois pai-nossos e quatro ave-marias de penitência.

Teresa sabia que teria de cumprir a penitência, reparar o mal feito, porque iria continuar a precisar de Maurício Burdino, da Sé de Braga.

## Sé de Braga, 29 de outubro de 1110

Paio estava à direita de Teresa, e à esquerda a sua filha Urraca, de 13 anos, no dia em que a condessa confirmou a doação do couto à Sé de Braga, concedendo à respetiva Igreja todos os proventos dos impostos e direitos fiscais.

Paio conhecia de cor o texto que escrevera e reescrevera com Teresa, e Urraca insistira com a mãe que não era preciso deixar tão claro o seu arrependimento. Mas Teresa não quisera suavizar uma única palavra. Quem lesse com atenção saberia quem era o «iníquo inimigo» a que se referia, e quanto ao resto esperava que Deus Nosso Senhor lhe perdoasse.

O arcebispo Maurício, de mãos unidas frente ao peito, como que em oração, escutava a leitura do notário, e a pequena Urraca, que o observava com atenção, jurou depois à mãe que o rosto impassível do prelado tornava impossível saber o que pensava.

Quando chegou à confissão, a condessa recebeu a escritura das mãos do notário e leu, a voz clara e forte:

> *Eu, Teresa, a mais humilde serva das servas de Deus, filha do imperador de Toledo, a Vós Gloríssima Mãe de Deus, Maria, perpétuo múnus em Cristo. Escritos antigos e recentes asseveram que a Igreja de Braga é a mãe das sedes provinciais e por isso mais deve ser honrada. Mas o iníquo inimigo da Santa Madre Igreja agiu com inveja, a ponto de os meus maiorinos, sem o respeito pelo santuário de Deus, invadindo armados a igreja e o claustro, quase arruinaram os bens da referida Igreja de Braga. Depois de varões católicos me fazerem ver quão iníquo e quão detestável crime tinha sido perpetrado, eu cheguei à feliz conclusão de que os prédios e herdades que usufruía a toda a volta deveria doá-los à referida Igreja, pondo em prática o princípio: «Redime com esmolas todos os teus pecados», e aquele outro do Evangelho: «Com a mesma medida com que medires os outros também sereis medidos.»*

Teresa manteve os olhos baixos e sentiu lágrimas a encherem-lhe os olhos. Lembrava-se das palavras de Alberto, queria muito que Deus lhe perdoasse, queria muito emendar-se, ser capaz de controlar as suas fúrias.

Nessa tarde, Teresa escreveu a Alberto uma longa carta. Agradeceu-lhe o cuidado que punha em velar pela sua alma, como em tempos a protegera com a espada.

Nessa noite ajoelhou-se junto da imagem da Virgem, com as filhas ao

seu lado, e rezaram para que Henrique voltasse para casa depressa e seguro.

— O pai foi lutar contra a tia Urraca? — perguntou a pequenina Teresa, e a mãe percebeu que as irmãs a tinham tentado dissuadir de colocar a questão, mas que estavam tão interessadas como ela em ouvir a resposta.

Respondeu com convicção, com a convicção com que a tia Urraca e a mãe respondiam às suas questões sobre o tio Garcia, preso pelos irmãos dezassete anos num castelo:

— Há coisas que um conde é obrigado a fazer e que Deus abençoa, por muito que as outras pessoas não entendam.

## Paço de Coimbra, outubro de 1110

Teresa deixou que o canto do grupo moçárabe que cantava na sala maior do paço de Coimbra a tranquilizasse. Desde que nessa manhã soubera por Egas Moniz que Henrique ia lutar de novo ao lado do Batalhador, mais uma vez contra Urraca, que o coração batia descompassadamente. Fora surpreendida, completamente surpreendida, e percebera pelas curtas palavras dos senhores portucalenses que também eles não estavam menos perplexos.

Tocando o ritmo com a mão, olhou disfarçadamente para os nobres que falavam num canto, percebendo pelos seus gestos que estavam exaltados.

Paio avisara-a. Não podia esquecer que tinham sido todos vassalos de Afonso VI, o imperador, e que não lhes era fácil apoiar uma guerra contra a filha que o rei indigitara. Contorceu as mãos sobre o colo. Irritava-a supinamente verificar que mesmo estes magnatas que a rodeavam hesitavam, pesavam lados, como se não entendessem que deviam vassalagem, antes de mais, aos condes portucalenses, aqueles que nos últimos anos os tinham coroado de terras e privilégios.

Teresa teve vontade de os mandar calar, e num gesto impulsivo fez sinal para que os cantores se aproximassem e cantassem mais alto, obrigando os outros ao silêncio.

Percebeu pelo olhar de Paio, que acabara de entrar na sala, que uma carta tinha chegado. Só podia ser de Ximena Moniz. Era preciso controlar a impaciência, se saísse agora todos se perguntariam o que acontecera.

Distraiu-se com o ritmo da música que conhecia desde criança, observou com cuidado o cabelo sedoso da rapariga que cantava, a coroa de folhas de outono a adornar-lhe os cabelos, e riu com as piruetas do homem que tocava tambores — gostava de Coimbra, e como era mais animada e viva esta melodia do que o monótono canto que tomara conta de cada vez mais igrejas e mosteiros. Mas isso era tão perigoso de confessar como dizer que esperava que o Batalhador vencesse a irmã, a derrotasse de uma vez por todas. Entender-se-ia melhor com o cunhado do que com ela, estava certa disso. «Irmãs gémeas», ouviu dentro de si a repreensão de Alberto, e afastou os

pensamentos com violência. Não tinham nada a ver uma com a outra, confirmou a si mesma, com resolução.

* * *

Leu a carta, já na cama, à luz de uma candeia, quantas vezes lhe diziam as damas e as criadas que um dia ia pegar fogo ao paço com este seu hábito. Estremecia com a ideia, lembrava-se de como o marido de Elvira morrera queimado, mas no dia seguinte voltava a fazer o mesmo.

Ximena contava-lhe que Henrique estivera com ela em Astorga e lhe confidenciara os motivos que o tinham levado a aliar-se ao Batalhador. O cunhado oferecera-lhe metade das terras que conseguissem conquistar a Urraca e um lugar ao seu lado na conquista de muitas mais aos mouros.

«O teu marido procura, afinal, fazer justiça, reavendo para ti a parte que te cabe na herança de Afonso VI», escrevia Ximena.

Teresa leu e voltou a ler a frase. Não lhe dissera sempre a mãe que era ela a favorita do pai, não selara o pai com ela um pacto invisível no dia em que nascera? Henrique limitava-se agora a lutar pelos direitos da sua mulher, pelos direitos do pequenino Afonso Henriques, de Urraca, Sancha e Teresa.

Tanto quanto percebia pela carta, o Batalhador preparava-se para ir ao encontro do exército inimigo em Candespina, comandado pelo conde Gomes Gonzalez, que escondia sob esta devoção a Urraca a esperança de lhe matar o marido em batalha, casando depois com a rainha.

Urraca, dizia-lhe a mãe, pedira proteção como uma donzela em apuros, queixara-se da violência com que era tratada pelo marido e apelara aos seus súbditos que se reunissem em seu redor para pôr fim a um casamento que, agora todos o sabiam, era condenado pela Santa Madre Igreja.

Teresa encolheu os ombros com despeito. Era típico de Urraca fazer o papel de mulher frágil, quando sabia bem que pedir proteção a um homem trazia sempre consigo uma fatura demasiado alta — esquecera tudo o que a tia Urraca lhes ensinara? Esquecera que as suas tias tinham ficado solteiras para assim poderem ser rainhas, exercendo o

poder sem interferências? A irmã não só cedera ao casamento com o Batalhador, apesar dos avisos de D. Bernardo, como agora acolhia-se aos braços de Gonzalez? A um mal contrapunha outro!

Aqueceu as mãos com um sopro que se transformou numa pequena nuvem, tal o frio do quarto, e escondendo a carta de Ximena debaixo da almofada, aconchegou-se sob os cobertores, abraçando a filha Teresa, que hoje dormia com ela. Que conforto era tê-la junto de si. Pobre Teresa pequenina, desde que Henrique partira que acordava à noite em sobressalto. Chorava e dizia que via as árvores da floresta do Gerês transformarem-se em soldados, cercando o conde quando atravessava a serra. Será que alguma vez lhe tinha contado que era essa a sua visão sempre que passava por ali? Com um sorriso lembrou-se do que a tia Urraca dissera a Alberto antes de morrer. Não podia ter mais razão, esta pequenina Teresa era igual à mãe.

## Paço de Coimbra, novembro de 1110

— O pai venceu a batalha! — exclamou Sancha, entrando a correr pelo escritório, onde Teresa aproveitava as horas de luz para ler e assinar documentos.

Teresa pôs-se de pé de um salto, deixando cair com estrondo um pequeno pote de barro cheio de penas, que se espalharam pelo ar.

— Vê o que fizeste, Sancha. Isso são modos de uma princesa de onze anos entrar numa sala? — repreendeu, enquanto dois dos notários se precipitaram para apanhar os cacos.

— Mãe, os homens que foram com o pai já chegaram — ouviu a voz de Urraca, que chegava atrás da irmã, mais contida e menos ofegante.

Teresa olhou-as, orgulhosa: ralhava-lhes, e sabia que as damas desta corte, que conseguia simultaneamente ser tão recente e tão tradicional, achavam que lhes dava demasiada rédea, mas ainda bem que eram assim tão seguras de si mesmas, tão interessadas...

— E se deixassem estes senhores trabalhar — disse-lhes, empurrando-as para a sala ao lado e fechando a porta atrás de si.

— Contem lá o que sabem. — Riu, sem esconder a euforia. — O conde D. Henrique venceu Urraca?

Mas já chegava Paio, e com ele dois dos magnatas que tinham seguido o conde na batalha.

— Rainha Teresa — disse um deles, e as duas infantas entreolharam-se contentes. Quantas vezes não lhes contara a mãe que as mulheres da sua linhagem eram rainhas.

Teresa sorriu-lhe, grata. Sensível à lisonja como sempre, pensou Paio.

— Contem-me — ordenou, sentando-se.

O homem olhou de soslaio para as infantas, mas não resistiu:

— As guerras são sempre lamentáveis, mais ainda entre marido e mulher — disse, cauteloso.

Mas o gesto impaciente de Teresa levou-o a continuar, com entusiasmo:

— Cercámos o castelo de Candespina, antes mesmo de o conde Gonzalez ter percebido o que acontecera. O Batalhador desafiou-o a entregar a senhora D. Urraca, mas Gonzalez mandou dizer que esperasse, porque sairia ele para destruir o inimigo.

O outro nobre não resistiu a intervir:

— O exército da senhora D. Urraca saiu das muralhas do castelo, mas era fraco e desorganizado, apesar da experiência de D. Pedro Ansurez. O conde de Lara, percebendo a derrota iminente, fugiu, deixando a retaguarda livre. Dizem que queria que o conde Gonzalez fosse morto — murmurou mais baixo, incomodado com a presença das infantas.

Teresa ignorou-o de novo:

— O conde Gonzalez morreu? — perguntou, suspensa da história.

— Trespassado por uma espada — hesitou o homem, de novo nervoso.

— A espada do Batalhador? — perguntou, numa voz segura, a condessa.

— Não — gaguejou o homem.

E o outro aproveitou a indecisão do amigo para dizer, empolgado:

— Morreu pela espada do senhor D. Henrique.

Sancha soltou um grito, e Urraca tapou-lhe a boca de imediato, mas Teresa ignorou-as, e escondendo a alegria que a notícia lhe dava perguntou com naturalidade:

— Quando volta o senhor D. Henrique?

Os homens pareceram embaraçados:

— Não voltará tão cedo, senhora D. Teresa.

Uma sombra de medo perpassou o rosto da condessa, mas Paio tranquilizou-a:

— O conde está bem, mas decidiu ficar. Tem ainda conversações para fazer.

Teresa acenou o seu acordo com a cabeça. Era natural, havia agora que escolher as terras que lhe seriam entregues, já enviara a Ximena e a Henrique uma lista daquelas que mais desejava, que mais sentido fazia que lhes pertencessem.

— Disse para onde lhe devo escrever? — perguntou.

Os homens empalideceram:

— Para Leão ou Sahagún, não sabemos ao certo, já foram notícias que recebemos no caminho de regresso.

Teresa não escondeu o espanto:

— Leão, Sahagún?

— Onde está reunido com a rainha D. Urraca — disse um deles,

preocupado com a reação.

Teresa sentiu o chão fugir-lhe debaixo dos pés, e Urraca e Sancha abriram e fecharam a boca como peixes, inibidas pelo olhar intimidador da mãe.

— Obrigada pelas informações. Vemo-nos certamente à ceia. Bem-hajam e descansem — disse Teresa, despedindo-os.

## *S. Pedro de Montes, novembro de 1110*

*Era difícil imaginar o vale verde e cheio de vida quando a neve o cobria de forma tão decidida, afastando para a proteção das tocas os animais, e levando os pássaros a voar para sul, pensou Ximena, enquanto o seu cavalo afundava as patas naquele manto branco e relinchava para libertar as narinas do gelo que condensava no calor da sua respiração. Deixara Astorga por precaução e recolhia-se ao Mosteiro de S. Pedro de Montes, agora que o castelo de Urvel estava nas mãos de um inimigo.*

*«Com a morte do conde Gonzalez, trespassado pela espada de Henrique, imaginei que a fúria de Urraca não conheceria limites, nem contra ele, nem contra ti, e decidi recolher-me em segurança. Mas recebi agora uma nota de que Henrique se aliou à tua irmã, mas fujo na mesma — não acredito, por um momento, que Urraca não tenha um plano de vingança», escrevera a Teresa antes de partir.*

*Sabia que o genro fora aliciado pelas propostas dos nobres que rodeavam a rainha, e que não queriam, de forma nenhuma, que um militar como ele reforçasse as capacidades bélicas já de si extraordinárias do rei de Aragão, e não tinha dúvida nenhuma de que lhe teriam oferecido mundos e fundos.*

*Sorriu, levantando a cabeça como que à procura do Deus que lá de cima tudo via. Do Altíssimo, o conde de Lara não conseguiria esconder o que lhe ia na alma: primeiro a fuga cobarde do campo de batalha de Candespina, deixando o exército de Urraca sem retaguarda, e agora esta aproximação a Henrique, que lhe fizera o enorme favor de eliminar o seu mais perigoso rival. Os Laras eram poderosos e bonitos, já o pai o era, e Pedro saberia encontrar o caminho para a cama de Urraca. Secar-lhe as lágrimas, até, pensou com ironia.*

*Teria, também, a arte da dissimulação necessária para conseguir escapar ao ódio do Batalhador, que Ximena estava certa voltaria ainda para Urraca — ele na tentativa de uma gravidez que lhe lavasse a imagem, ela porque precisava da força do exército do marido para resistir às pressões como as do cunhado e da irmã, que saberiam aproveitar-se das suas fragilidades.*

*Aquele que mais a preocupava era o genro. O conde D. Henrique era ambicioso, mas generoso, crédulo na bondade das pessoas, e longe da perspicácia da mulher seria fácil levá-lo pela lisonja. Como poderia recusar ajuda a Urraca, que lhe lembraria certamente que eram primos de sangue, além de cunhados, que fora a sua mãe, a rainha Constança, a dar-lhe todas as oportunidades nesta terra?*

*Se Henrique jogasse os trunfos que tinha demasiado cedo, arriscava-se a que, uma vez reunido, o casal se voltasse contra os condes portucalenses e o seu filho Afonso Henriques. E o ódio de Urraca era capaz de muito.*

*Apertando o manto de pele de urso e dobrando o corpo sobre a sela, abençoou o facto de o cavalo já conhecer de cor o caminho, e mesmo que o frio a fizesse perder os sentidos, levando-a até ao bom abade.*

*Não podia estar assim tão longe, cavalgava já há mais de seis horas, e ainda há pouco vira o pico da serra, que só se tornava visível quando o mosteiro estava próximo. Que bem lhe saberia o conforto do seu quarto, o refeitório, com a gigantesca lareira, como a deixaria mais calma e segura as horas cantadas, o entoar da voz dos monges, que anunciavam ao mundo que aquele era um lugar de paz.*

*Não tinha a energia de outrora. Era preciso que Teresa se habituasse a passar sem ela. Avisara-a de que deixasse o governo do condado aos seus homens de confiança e fosse ao encontro de Henrique. Recomendara-lhe mil vezes que entregasse o pequenino Afonso Henriques em segurança. Acreditava que Urraca tinha os seus espiões, como ela tinha os seus, acreditava que Urraca não hesitaria em conspirar para retirar o sobrinho do caminho. Estava*

*certa de que, na Galiza, Diego Gelmirez e Pedro Froilaz a esta hora escondiam também o infante Afonso Raimundes. Como pode uma criança estar segura quando a mãe e o padrasto se digladiam, quando a mãe e o padrasto temem que um filho lhes tome o trono?*

*O fumo a sair de uma chaminé encheu-lhe o coração de alegria. Ali estava o mosteiro, as casas da aldeia na encosta. Que bom era chegar à casa de Deus.*

## Paço de Viseu, 30 de novembro de 1110

Teresa envolveu as três filhas num abraço largo e beijou a cada uma a testa.

— Não quero dramas, filhas minhas. Quantas vezes fui a Leão? Parece que vou em peregrinação a Jerusalém — disse, procurando rir. E virando-se para Urraca comandou: — Agora que já assinas documentos com a tua mãe, ficas responsável pela tua irmã Sancha. — Urraca acenou apenas com a cabeça com medo de que o tremor da voz denunciasse a comoção que sentia. — E tu, Teresa — disse à mais nova, endireitando-lhe a touca no cabelo e puxando para cima o queixo molhado pelas lágrimas. — E tu, Teresa — repetiu numa voz doce —, vais com a tia Gontrode e tomas conta do pequenino Afonso, ouviste?

E olhando de soslaio para o bebé, de caracóis dourados, que palrava alegremente ao colo da irmã da sua mãe, a quem o confiara, sentiu o peito apertar-se, como se lhe faltasse o ar: era a primeira vez que o deixava, com medo de na volta o encontrar, como acontecera com Henrique pequenino, num quarto forrado a panos encarnados, a arder em febre.

A pequena Teresa limpou as lágrimas com a parte de trás da mão, e correndo para perto do irmão mais novo estendeu-lhe os braços, e o príncipe veio para o seu colo, risonho.

Urraca, já mais segura de que não denunciaria o nervosismo, insistiu:

— Mas, mãe, porque é que não podemos ir todos consigo, ou pelo menos eu, que já sou mais velha. Ia sempre quando o avô estava vivo.

Uma sombra passou pelos olhos da condessa, e como acontecia sempre que se sentia comovida, protestou com irritação:

— Sabes bem porquê e não tenho tempo para esta conversa, os cavalos já devem estar enregelados! Fiquem com Deus, minhas filhas. — E virando as costas atravessou o pátio, e pousando o pé no estribo improvisado por um dos seus nobres subiu agilmente para a sela.

Confirmou que estavam as mulas carregadas de baús: levava consigo as melhores túnicas, as melhores joias, os melhores mantos. A rainha Teresa ia ao encontro da rainha Urraca, era nesses termos que se voltavam a ver, nesta primeira vez desde a morte do pai.

A viagem ia ser dura com este frio, pensou, enquanto esporeava a

montada, os soldados abrindo caminho pelas ruas estreitas da cidade, que começava só agora a acordar. Seguiam em direção a Salamanca, por ordem sua. Henrique mandara dizer-lhe que se reunira com Urraca em Monção, e que ela lhe propusera ser príncipe dos seus exércitos e dividir com eles uma parte dos seus territórios. Teresa olhara para a carta com toda a desconfiança do mundo: sabia que o marido se convenceria de que, finalmente, se concretizava o plano que um dia apresentara a Afonso VI, o de reger todos estes reinos, pelo menos até à maioridade de Afonso Raimundes. Estremeceu pela sua ingenuidade. Seria usado e descartado, era preciso conseguir o pagamento dos serviços antes de os prestar, era necessário assinar um pacto, determinar quais eram as cidades e terras que entregaria aos condes de Portucale, antes, sempre antes, e não depois.

Mas Henrique parecia inebriado, solicitado por uns e por outros, desejoso que lá do Céu o imperador percebesse o quão tolo fora em recusar-lhe o trono, em tratá-lo como um traidor.

Com medo de que a mensagem fosse descodificada, o conde não dissera onde se faria o confronto com os exércitos do Batalhador, nem tão-pouco quando seria a batalha, mas quando o rumor chegara de que o rei de Aragão se refugiara com os seus homens no poderoso e inacessível castelo de Peñafiel, perto de Valladolid, mal ouvira da deserção do cunhado, não tivera dúvidas de que seria ali o campo de batalha e decidira partir. Ximena dizia-lhe que partisse, Henrique precisava dela, mesmo que não o soubesse. Em linha reta de Viseu, não demorariam mais de três a quatro dias a chegar.

Parariam apenas para dormir. Não tinha dúvida de que o exército de Urraca cometeria o disparate de cercar o aragonês, esquecidos de que ninguém derrotava aquela fortaleza oblonga, no topo de um monte escarpado, de grutas cavadas na montanha que permitiam a entrada de água e víveres àqueles que conheciam os seus labirintos subterrâneos.

Henrique e o conde de Lara estavam demasiado cegos pela ambição para raciocinar. E ainda diziam que eram as mulheres que se deixavam levar pela emoção. Não precisava de ver para saber: frustrados e ansiosos por mostrar serviço à rainha, queimariam as terras em redor, destruiriam celeiros e vazariam as pipas de vinho, e depois?

Depois chegaria ela e não deixaria que o seu marido arruinasse o

futuro confiando em promessas de uma mulher que nunca as cumpriria. Nisso eram irmãs, nisso eram do mesmo sangue: nem uma nem outra esqueciam o mais pequeno agravo. Não confiava em Urraca, como tinha a certeza de que Urraca nunca confiaria nela. E fazia bem.

## Mosteiro de Valladolid, 3 de dezembro de 1110

Teresa ajoelhou-se aos pés da abadessa, que lhe colocou as mãos na cabeça e lhe pediu que se levantasse.

— Nesta casa, somos todas filhas de Deus — disse-lhe, numa voz cantada, e levando-a pela mão conduziu-a a um pequeno quarto deste pequenino mosteiro de Valladolid, a que visivelmente tinham sido acrescentados à pressa alguns luxos para a receber.

A cama tinha colchão, a candeia azeite para muitas horas, e a arca de madeira e marfim onde a princesa guardava as suas melhores roupas já lá estava aos pés da cama. Amanhã teria de vestir o que de melhor tinha, amanhã iria usar a tiara de pedras preciosas, o manto encarnado forrado a arminho, a túnica de seda, que lhe perdoasse a abadessa ferir assim a austeridade do seu lugar santo.

— Já há mais notícias do cerco? — perguntou, antes que a abadessa a deixasse sem nada saber.

— Parece que ainda nada se resolveu — murmurou a beneditina.

A resposta era cautelosa, hoje em dia todas as respostas eram cautelosas, bem o sabia Teresa, porque de um momento para o outro o Batalhador podia destituir quem favorecia Urraca, e a rainha deixar na miséria quem se punha do lado do Batalhador. Ou depois, de novo juntos, escolheriam nova gente para novos lugares, baralhando e voltando a dar, deixando a Espanha tão instável como ninguém se lembrava de a conhecer. Queixavam-se os nobres, porque o aragonês desprezava-os e substituía-os por gente sua, queixava-se o clero, porque o rei favorecia os burgueses, que não pagavam impostos, queixavam-se os burgueses, porque os estrangeiros davam cabo dos seus negócios, e no meio de tudo isto o povo não sabia só que estava mais pobre. E depois havia os rumores, bastava olhar para a cara da abadessa quando dizia o nome da rainha Urraca para perceber que, embora se esforçasse por não acreditar que a filha da rainha Constança da Borgonha se tornara numa rameira, era impossível ignorá-los.

Teresa não voltou a insistir, mas a abadessa não resistiu:

— Dizem-nos que a rainha mandou armar a tenda real o mais acima possível, frente à porta norte do castelo de Peñafiel, e que ao verem a coragem da senhora todos os nobres aproximaram também as deles.

Teresa disfarçou um encolher de ombros, a sua irmã repetia a tática do pai, nada de novo. A abadessa compreendeu depressa que devia referir-se o menos possível à rainha, e optou por contar o que ouvira sobre Henrique — certamente que a condessa gostaria de saber que diziam ser o mais bonito cavaleiro que por aqui se tinha visto, com a sua pele branca e a barba arruivada pelo sol, e como se dizia também que a rainha lhe prometera a chefia dos seus soldados e o iria recompensar com terras e cidades. Zamora até, diziam.

«Muitos anos a lamber as botas aos patronos», pensou para consigo Teresa, mas agradeceu as palavras generosas da freira. Daqui não vinha informação que lhe valesse, a referência a Zamora era óbvia, a cidade da tia Urraca, a cidade onde Ximena e Afonso tinham sido felizes, quem conhecesse minimamente a condessa de Portucale saberia que estaria sempre na lista das suas prioridades.

Pediu-lhe a bênção e ajoelhou-se para as orações da noite. Ganhava mais com umas boas horas de sono do que a ouvi-la.

## Castelo de Peñafiel, 4 de dezembro de 1110

Mandara três escudeiros à frente para anunciar a sua chegada. Conhecia Henrique, e sobretudo Henrique conhecia-a a ela, e sabia que faria tudo para que fosse recebida com pompa e circunstância. Apostava que teria convencido Urraca a deixar que as ruas fossem engalanadas e que os trompetistas tocassem à sua vista, e certamente que mesmo neste inverno em que não era fácil pôr caça na mesa haveria um jantar das melhores carnes e com o melhor vinho.

Imaginava com prazer a irritação que Urraca sentiria com estas provocações. Se não dependesse de Henrique e dos seus soldados, recebê-la-ia como uma gata borralheira, a irmã ilegítima, que comia os ossos que caíam da mesa. Mas nunca fora assim e nunca seria assim, prometeu a si mesma.

Montada num cavalo branco, coberto de panos brancos, as rédeas largas, da mesma cor, debruadas com o vermelho do seu manto, Teresa deu graças a Deus por aquele dia de céu azul, gelado mas sem chuva, quando atravessou num trote rápido os campos que a separavam do sopé do castelo de Peñafiel. Exigira que os escudeiros usassem capas da mesma cor, e os senhores de Portucale estavam tão decididos como ela a impressionar os castelhanos e os galegos, e até os aragoneses, que hoje eram o inimigo, mas amanhã podiam não ser.

A menos de um quilómetro da cidade, Teresa ouviu e depois viu o séquito de cavaleiros que seguia Henrique, o cruzado porque se apaixonara, o homem que ainda a fazia perder a respiração.

Ao chegar quase ao seu lado, o conde saltou do cavalo em andamento, as rédeas na mão, e a pé aproximou-se dela, estendendo as duas mãos para as suas. Saudaram-se, num protocolo rigoroso. Não se viam há tantos meses, mas não era o momento de pôr a conversa em dia, agora era preciso que os gestos e as palavras fossem cuidados. Todos os vigiavam e entre os seus haveria gente de Urraca, como entre a de Urraca havia dos seus.

— A rainha Urraca pede desculpa por não ter saído a receber a sua querida irmã, mas está adoentada — disse alto Henrique, tentando que a voz não tivesse a mais ligeira indicação da ironia, mas Teresa entendeu-a nos seus olhos.

— Quero que me leves já até ela — respondeu, simulando preocupação, e, montando de novo, Henrique conduziu-os até ao acampamento, tão grande que se perdia de vista.

— Quem paga estes soldados? — perguntou Teresa baixinho, cavalgando ao lado do marido, e cumprimentava com um aceno real os que vinham vê-la passar.

— Bernardo de Toledo, os mosteiros e as igrejas. Odeiam o Batalhador e querem-no fora destas terras.

— E Bernardo perdoou-te, tão facilmente como a minha irmã?

Henrique reagiu ao acinte na voz:

— Se bem me recordo, a sugestão foi tua...

— Contra os mouros temos todos de nos unir — respondeu ela. — Quanto ao que veio a seguir… não acredito que D. Bernardo esqueça tão depressa.

— De qualquer forma, o Batalhador está sitiado e daqui não pode sair. Urraca está-me grata — atirou, como uma criança que não gosta de ser repreendida.

— Grata?! Já te pagou adiantado, como faz a estes homens, que deixa aqui a morrer ao frio? Imaginas como vão passar o inverno quando tiverem acabado de comer as galinhas que pilharam aos pobres lavradores?

— Os mosteiros têm-nos alimentado. Já te disse que esta guerra é para eles vital.

— Mas para nós só será se tivermos da minha irmã um pacto assinado.

— Acabaste de chegar — disse Henrique, impaciente.

— É verdade, podemos tratar de tudo isto logo à noite — concordou Teresa, e dedicou-se a exercer todo o seu encanto nos homens da corte da irmã que vinham ao seu encontro, sem deixar escapar Pedro de Lara. Que bonito era, e que divertido iria ser provocar ciúmes à irmã.

* * *

Teresa fingiu que não se admirava com o luxo daquela tenda, que os olhos não lhe fugiam para as tapeçarias penduradas, nem para os candelabros de velas acesas que pendiam do teto. Fingiu que não se

espantava com a mesa armada para cem pessoas, nem com as pratas que reluziam sobre a toalha de linho.

Beijou a irmã nas duas faces, tomando nota que Urraca nem se dignara a vir esperá-la à entrada, e sentou-se na cabeceira, ao lado dela, como lhe era indicado. Vendo chegar Pedro de Lara, saudou-o com entusiasmo, e quebrando todos os protocolos exclamou:

— Conde, dê-me a honra de se sentar ao meu lado, que o senhor bispo de Palência não se importa com certeza. — Pedro sorriu-lhe, incapaz de resistir ao charme da mais bonita das princesas, tão satisfeito como ela por picar o amor-próprio da rainha. Henrique, do outro lado da mesa, franziu o sobrolho com impaciência: até onde iria Teresa levar a provocação, mas Teresa fez questão de nem olhar na sua direção.

Foram servidos cinquenta pratos diferentes, e a condessa portucalense elogiou cada um deles, exclamando por fim:

— Se fosse a Afonso, quebraria o cerco à hora da ceia! Tão entretidos estão os nobres da rainha Urraca, que podia passar-lhes à porta sem que dessem por isso.

Pedro de Lara deixou pender a cabeça para trás e riu às gargalhadas:

— Pelo contrário, senhora D. Teresa. A técnica do nosso exército é outra: acredite que, se o cheiro deste borrego chega lá acima às muralhas, os soldados de Aragão rendem-se já hoje.

Urraca mordia nervosamente as unhas, sem saber se devia juntar-se à conversa ou fingir que não os escutava, mas os senhores de Portucale fizeram questão de rir abertamente.

— Rainha Teresa, amanhã vamos atraí-los com o resto do porco assado — exclamou um deles, já demasiado ébrio para pensar no que dizia.

Urraca empalideceu. Um outro escudeiro, tão bebido como o primeiro, espicaçou:

— Rainha Teresa, o castelo de Peñafiel, se não cai pelas armas, cai pela argúcia.

Teresa não os corrigiu, e Henrique também não o fez.

Pisavam terreno movediço, sabiam-no, mas era irresistível testar os limites do poder, da provocação.

* * *

Henrique, que não conseguia deixar de se sentir contagiado pela beleza da mulher, olhava-a com desejo. Há quanto tempo não dormiam juntos, há quanto tempo não sentia o seu corpo contra o dele, há quanto tempo estava sozinho, demasiado sozinho.

Num impulso levantou-se e erguendo a caneca alto gritou:

— Vivam as filhas do imperador.

Urraca mantinha as palmas das mãos suadas sobre a toalha, sem se mover. Como era possível que Teresa fosse chamada de rainha, como era possível que Henrique não a saudasse primeiro a ela, como é que era possível que se atrevesse a beber à saúde das duas irmãs como se fossem iguais?

Talvez porque já tivessem bebido muito ou porque não tinham sequer entendido o que o conde portucalense pretendia, todos se levantaram e repetiram:

— Vivam as rainhas.

Todos exceto Pedro Ansurez, que permaneceu sentado, a caneca pousada sobre a mesa. Trocou um olhar com Urraca, procurando sossegá-la. Dizia qualquer coisa como: «Não esperam pela demora», e a certeza do seu querido aio permitiu-lhe suportar a afronta e fingir ignorá-la.

Por minutos apenas, porque depois, alegando cansaço, anunciou que se iria retirar.

— Estamos em guerra, não em festa — acrescentou, ácida.

Teresa desejou-lhe uma boa noite, e por uma fração de segundo sentiu remorsos. Que diria Alberto se aqui estivesse? E Deus, que via tudo? Ainda fez menção de se levantar para a ir beijar, mas Pedro de Lara contava-lhe mais uma história, que não podia deixar de ouvir. Virou-se para o conde e, rindo, soltou o cabelo dourado pela camomila e pelo vinagre, que se espalhou sobre os seus ombros, enfeitiçando-o.

* * *

Urraca naquela noite chorou como uma menina. De raiva, de ódio, de pena de si própria. Que voltas dera a sua vida para que estivesse ali sozinha e gelada numa cama de campanha, numa tenda armada à porta do castelo, a metros do homem com quem era casada, que sentido fazia

tudo isto?

Abraçando-se à almofada para abafar os soluços, sentiu que a cabeça estoirava numa dor lancinante, e apertou-a com as mãos, em agonia. Que loucura a possuíra quando imaginara que podia governar sozinha, que podia ser rainha sem um homem ao lado, se nem o pai acreditara nela? Como deixara que a encurralassem nesta situação impossível, como um cordeiro entre o lobo e o precipício: se voltasse para o Batalhador, tudo recomeçaria, as discussões, os insultos, as agressões, e não tinha dúvidas de que, mais tarde ou mais cedo, o marido a deixaria fechada na torre de um castelo, sozinha e desolada, a apodrecer aos poucos como o tio Garcia, com as grilhetas nos tornozelos. Estaria isolada, sem o apoio do seu querido D. Bernardo, excomungada pela Igreja, que amava mais do que tudo, longe dos filhos, a alma condenada a arder eternamente nas chamas do Inferno. Mas, e se não se aliasse ao marido, o que lhe sucederia? Estes nobres que agora a rodeavam contra o marido não a queriam a ela, mas ao seu filho Afonso Raimundes, um homem no trono sem os desvarios das mulheres, ou, pior do que isso, talvez aceitassem Henrique como regente...

Mordeu com força o linho do lençol, procurando abafar um grito: não, não suportava a arrogância de Teresa, filha de Ximena Moniz. Não suportava a forma como a irmã dominava todos em seu redor. Até Pedro de Lara. Como se atrevera a descaradamente seduzir Pedro de Lara, o seu Pedro, não lhes bastava que tivesse sido o próprio Henrique a matar pela espada o seu leal Gonzalez.

Soltou um uivo, que tentou calar tapando a própria boca com a mão. O pai deixara-lhe os reinos, a ela, só a ela, filha de Constança da Borgonha.

Tinha de pensar, era preciso encontrar uma saída. A criada, assustada com o barulho, abriu a cortina do dossel e perguntou, a medo:

— Senhora, está bem?

Mas Urraca não lhe respondeu, fingindo que gritara num pesadelo e adormecera de novo.

«Rainha Teresa», a frase martelava-lhe os ouvidos, e a decisão estava tomada: preferia ser humilhada por Afonso de Aragão a voltar a sofrer um vexame igual ao de hoje. De madrugada chamaria Pedro Ansurez. Seria arguta. Fingiria. Até ser tempo de atacar.

* * *

Frente a Urraca, sentada num trono magnífico, Henrique impôs as suas condições. Teresa, ao seu lado, deixou o olhar passear pelas tapeçarias como se não estivesse a prestar atenção a nada. Tinham concordado que seria Henrique a falar, afinal era ele o comandante dos exércitos, aquele a quem a rainha prometera terras e privilégios. E Henrique fazia bem o papel — reconhecia Teresa —, pedia sem arrogância, como se fosse a coisa mais natural do mundo. E era. Era preciso que a transação das terras se fizesse antes da grande batalha.

A divisão de terras e um pacto assinado era o que pediam, repetia agora Henrique, e Teresa resistia a olhar Urraca no rosto para perceber como reagia, não queria provocá-la num momento em que o que mais desejava era que cedesse. Um momento único, em que precisava desesperadamente do exército chefiado pelo conde portucalense.

Foi Urraca que, por fim, se lhe dirigiu diretamente:

— Teresa, só assino este acordo se aceitares também as minhas condições.

Teresa passou as mãos pelo seu manto azul, como quem alisa os vincos do tecido, e sorriu-lhe:

— E que condições são essas?

— Vamos a Palência, como sugeres, dividimos as terras do nosso pai, algumas terras — retificou —, mas assinas um documento em que juras não atentar contra a minha vida, nem me sujeitares à prisão...

Henrique abriu a boca de espanto, mas Teresa não pareceu surpreendida:

— As coisas que tu dizes, Urraca! Com certeza que assino, desde que te comprometas a fazer o mesmo em relação a mim. Tem tanto de absurdo de um lado como do outro — acrescentou, numa voz suave.

Urraca sentiu-se na necessidade de se justificar:

— Exigências de conselheiros desconfiados.

Teresa concordou com a cabeça. Pensou em irritá-la lembrando que, se estavam neste campo de batalha, nas faldas do castelo de Peñafiel, com o rei de Aragão preso dentro das suas muralhas, é porque a sua irmã ligava pouco aos documentos que assinava, mas desistiu. Estas

terras que Urraca finalmente lhe passava eram a sua justa herança, nada mais do que isso. Zamora, a posse de Zamora, valia bem estes dez minutos de humildade.

* * *

Pedro Ansurez entrou na tenda, dobrou o joelho e beijou-lhe a mão.

— Missão cumprida.

Urraca sorriu. Nos últimos dias parecia ter rejuvenescido, recuperada a sedução do seu sorriso, desaparecidas as olheiras de noites mal dormidas.

— Estou-lhe tão grata. Acho que fizemos bem. Acredito que desta vez é que tudo vai funcionar.

Ansurez concordou. Tudo era melhor do que suportar a arrogância de Teresa e Henrique, tão seguros de si, tão seguros de que seriam capazes de derrotar a irmã, enganar os senhores de Leão e ficar a ganhar ainda por cima. E os barões que os acompanhavam eram igualmente sobranceiros, que saudades tinha do punho forte de Afonso VI, que nunca permitiria que vassalos seus, soldados seus, se passeassem nesta linha de batalha como se estivessem numa caçada. Estava velho e cansado de mais para suportar a prepotência destes magnatas.

* * *

Teresa e Henrique aconchegaram-se sob os cobertores, que frias eram estas noites, que saudades tinham do paço de Guimarães, das lareiras a crepitar, da companhia de Urraca, Sancha, Teresa e do bebé Afonso.

Teresa sentia o coração pequeno quando pensava nos seus filhos. Será que estavam bem, que doenças lhes teria trazido este inverno tão rigoroso.

Henrique deu-lhe uma festa no cabelo:

— Está quase a acabar, mulher minha. Urraca concordou em retirar as tropas na condição de que o Batalhador saia diretamente para Aragão e não volte...

Teresa chegou-se mais perto:

— Ingenuidade dela. Sei que a ideia de quebrar este cerco que não faz mais do que doenças e mortes foi minha, mas o Batalhador não vai ceder assim. Aliás, Henrique, desconfio de tanta docilidade da parte de Urraca.

Henrique concordou:

— Vou partir amanhã para tomar Zamora. Depois deixo lá os meus homens a segurarem a cidade e volto para Guimarães, temos de lá estar antes do Natal.

Teresa suspirou:

— Não tenho vontade nenhuma de aceitar o convite de Urraca e seguir com ela para Sahagún, mas sei que, se não o fizer, tudo o que combinámos vai por água abaixo. E quero ver Alberto — sussurrou.

Henrique abraçou-a com força, beijando-a:

— Mas agora pensa em mim — disse-lhe baixinho.

## Mosteiro Real de Sahagún, 10 de dezembro de 1110

Teresa procurou-o entre os frades que cantavam as vésperas, mas do lugar distante onde estava todos lhe pareciam iguais. Estava certa de que Alberto sabia que estava alojada na hospedaria real há dois dias, mas há dois dias que não dava sinal de si. Esperara um bilhete, uma nota discretamente presa na sua sela ou um recado para se encontrarem no jardim dos sentidos ou na horta, mas nada.

E não podia estar doente, não podia, porque não tinha dúvida nenhuma de que Alberto saltaria da cama para a ver mal soubesse que estava ali, sozinha, com Urraca. Desconfiaria, porque melhor do que ninguém sabia que as «gémeas» há muito tinham criado um abismo irreconciliável entre si.

Subitamente afligiu-se. Ajoelhada, escondeu o rosto nas mãos em oração, para que as damas ao seu lado não percebessem que a respiração se tornara ofegante, que o rosto empalidecera. Podia Alberto ter morrido, inesperadamente levado pelas bexigas ou pela peste, sem que ninguém lhe tivesse dito nada, ou, tendo dito, a carta se extraviara sem que chegasse até ela, ou, chegando, estivesse à sua espera em Guimarães ou em Coimbra? Abriu ligeiramente os dedos e espreitou de novo os cinquenta irmãos que saíam ordeiramente pela porta de acesso ao mosteiro, e o olhar ficou preso na grande laje frente ao altar, sóbria e sem adornos. Era ali que o pai jazia. Chegara a Sahagún havia dois dias, inquietava-se com Alberto, mas não tivera ainda coragem de se aproximar do lugar onde o imperador estava sepultado e rezar pela alma do seu querido pai.

Sentiu um toque no ombro:

— Senhora D. Teresa, passa-se alguma coisa? — perguntava uma das damas.

Teresa disse-lhe que queria ficar sozinha, disse-lhe que queria rezar. Urraca, ao ouvir a resposta, olhou-a de soslaio, sem saber se a devia consolar ou desconfiar desta súbita piedade, e optou por sair sem nada dizer.

A enorme igreja parecia ainda maior agora que todos a tinham abandonado, o tremelicar da luz das velas a projetar sombras nas colunas de pedra, a nuvem de incenso ainda visível em redor do altar,

onde os oblatos tinham aspergido o sagrado livro.

Teresa sentiu um arrepio de medo, mas recordou-se de que o Diabo não se atreveria a entrar por estas portas. Aqui estava segura.

Sem pensar duas vezes, abriu a porta para as escadas de caracol que levavam à nave principal, e tateando o caminho desceu os degraus o mais depressa que lhe foi possível. Empurrou a portinhola que sabia do lado esquerdo do altar e para sua alegria ouviu os gonzos ceder, e os seus olhos habituados ao escuro perceberam a luz das velas.

Respirou fundo quando se viu sob a enorme cúpula, e agora mais devagar desceu os dois degraus compridos que a separavam da ala principal, levando consigo um dos castiçais de prata com uma vela acesa, para lhe iluminar o caminho.

Pousou-o no chão e ajoelhou-se junto da campa do pai, passou o dedo sobre cada uma das palavras da inscrição que marcava o lugar onde jazia o grande imperador das Espanhas. Murmurou o nome de Afonso, como se precisasse de ouvir a sua própria voz, mesmo que num sussurro, para se certificar de que não sonhava.

As lágrimas caíram-lhe pela cara e, fechando os olhos, não viu um buraco na terra, nem um corpo embalsamado pelos artistas de Toledo, mas o pai, os olhos claros, a barba arruivada, o sorriso de orelha a orelha e os braços estendidos, prontos a acolhê-la e a lançá-la ao ar: «Meu cabritinho do monte», dizia ele, e ela corria ao seu encontro desejosa daquele abraço.

Fechou os olhos com força para saborear o momento. Afonso VI, imperador de Toledo, não a olhava afinal com a frieza de Moisés, com as tábuas da lei nas mãos, mas como o pai que tanto amara, o pai que no dia do seu nascimento se deixara hipnotizar pelos olhos verdes da pequenina ninfa de Carucedo e murmurara: «Teresa, filha minha!»

Subitamente ouviu uma porta a bater, e pondo-se de pé, agitada, viu a luz da vela estremecer e apagar-se. No escuro, sentiu o sopro de um vento frio e benzeu-se.

— Vade retro, Satanás — gritou, assustada, mas a resposta foi um riso conhecido.

— Alberto!

E o riso aproximou-se mais e mais, e sentia que se aproximava dela alguém que não conseguia ver:

— Senhora D. Teresa — ouviu uma voz trocista dizer.

Teresa sentiu as pernas tremer como varas verdes, e sentando-se de novo no chão cruzou os braços sobre o peito como uma criança amuada:

— Que susto! Acende a porcaria de uma vela, Alberto.

E à luz da vela que milagrosamente se acendeu, viu Alberto na sua camisa de lã branca, o escapulário branco a cobrir-lhe os ombros, e os olhos a brilharem como os de um lince.

— Desculpe tê-la assustado, senhora D. Teresa, mas não gosto muito que me chame Satanás — disse ainda a rir, sentando-se ao seu lado.

— Tens bom remédio, não apareças como ele, fazendo bater portas e apagando a luz das velas com o seu vento gelado — disse Teresa, sentindo um impulso, que logo reprimiu, de abraçar o seu escudeiro.

— Vim procurá-la mal cheguei a Sahagún — respondeu Alberto, numa voz agora grave.

— Ah, então não estavas cá, bem me parecia. Há dois dias que espero uma visita ou um recado teu, e hoje não senti a tua presença na igreja...

Alberto comoveu-se por um segundo:

— Não me sentiu? — não resistiu a perguntar.

Teresa encolheu os ombros:

— Não sei explicar essas coisas, mas quando entro numa igreja ou numa sala, sinto logo se lá está a pessoa que procuro. Mas diz-me onde tens estado. Cheguei com Urraca, soubeste disso?

O monge acenou que sim com a cabeça, e pondo-se de pé pediu-lhe:

— Vamos dar um curto passeio. Se alguém entra, este nosso encontro pode parecer o que não é.

Teresa pôs-se de pé de um salto e agradeceu que a escuridão escondesse o sangue que lhe subia às faces:

— Ainda não me disseste onde foste, nem tão-pouco o que é que tens para me dizer de tão urgente.

Alberto conduziu-a para fora da igreja, e parando no quebra-vento da porta principal insistiu:

— Está tanto frio lá fora, é melhor conversarmos aqui. Estive em Leão, a pedido de D. Bernardo e com autorização de D. Diogo. Queriam que confirmasse se, após o levantamento do cerco, Afonso, *o*

*Batalhador*, regressara realmente a Aragão.

— E regressou? — perguntou Teresa, inquieta.

— Não! Por ordem da rainha, a cidade de Palência abriu-lhe as portas...

— Por ordem de Urraca! — exclamou Teresa, horrorizada. — E perseguiu Henrique até Zamora? — perguntou, ansiosa.

— O senhor D. Henrique teve uma surpresa desagradável quando procurou tomar a cidade que a senhora D. Urraca vos deu, senhora D. Teresa, mas conhece o seu marido, acabou por franquear as portas e tomá-la pela força — disse Alberto.

— Urraca enviou um mensageiro secreto para que Zamora não lhe abrisse as portas? Que ingénuos fomos!

Alberto pousou uma mão suavemente sobre o braço da condessa, um gesto rápido, mas tão surpreendente que a deixou sem voz.

— Vou direito à verdade, à verdade que conheço — acrescentou. — A senhora D. Urraca, através de Pedro Ansurez, combinou regressar ao matrimónio com o Batalhador, pouco querendo saber das penas da excomunhão. Depois agiu em conformidade, voltando atrás no pacto que assinou com a irmã e o cunhado. E nas promessas que fizera a D. Bernardo!

Teresa tentou manter baixa a sua indignação:

— Eu sabia, Alberto, eu sabia. Víbora. Assinou o que não tencionava cumprir.

— Exatamente — disse Alberto, esperando uns segundos para que Teresa discorresse sobre as consequências do que estava a dizer.

— Alberto, isso quer dizer que estou em perigo. Vai mandar prender-me, aqui longe dos meus vassalos, tendo distraído Henrique com o isco de Zamora.

Os olhos faiscavam como um animal encurralado:

— Alberto, tenho de fugir, já hoje, já hoje à noite.

O monge sossegou-a:

— Hoje à noite não. Tem de ser mais inteligente e mais fria do que ela — disse-lhe.

— Mais inteligente como, se for levada presa para um castelo de Aragão? O Batalhador não tem meias-medidas e a minha irmã não conhece escrúpulos.

Aberto suspirou e não confessou que havia momentos em que desconfiava que nenhuma delas os tinha, ainda bem que com a Urraca Fernandez ele aprendera só as letras:

— Conheço o plano, a sua irmã Urraca vai dizer-lhe amanhã que tem de ir a Leão. Dirá que foi chamada por D. Bernardo. Fará o papel — suspirou de novo — da mulher arrependida que precisa da bênção do seu confessor e bispo.

— Para me deixar aqui, onde o Batalhador matará dois coelhos de uma cajadada só: ataca o mosteiro real, na tentativa de destronar D. Diogo, que odeia, e colocar em seu lugar um homem da sua confiança, e prende-me, como se fosse um acaso, vingando-se assim da traição de Henrique! — acrescentou, já mais calma, terminando a história.

— Exatamente. Por isso, enquanto nós preparamos a nossa defesa para o ataque deste homem sem escrúpulos, que nem um lugar sagrado respeita, a senhora D. Teresa vai deixar a sua irmã partir, e minutos depois partir... noutra direção.

Teresa apertou contra si o manto quente, mas apesar do calor do pelo de urso que o forrava, tremia:

— Mas Urraca deixará espiões, Alberto, vai deixar-me presa aqui, tenho a certeza.

— Teremos de contornar essas limitações, senhora D. Teresa, não será difícil. Uma confissão que demora mais tempo, cavalos da cavalariça do mosteiro real, um dos nossos moços de estrebaria a fazer de guarda, um hábito sobre as roupas...

— E as três damas e as duas criadas que vieram comigo? Agora percebo porque Urraca insistiu que bastava a guarda dela, que bastava a corte dela...

— As damas e as criadas ficam. Não lhes pode dizer nada. Nem levar nada consigo, senhora D. Teresa, nada...

Teresa concordou. Levaria as relíquias mais sagradas cosidas debaixo do manto, levaria as joias mais preciosas nas bainhas da túnica. Teria de as coser ela própria, sem que ninguém desse por isso. Quem a mandara trazer tanta coisa na ânsia de ofuscar a irmã...

Alberto interrompeu-lhe os pensamentos:

— Entre de novo para a igreja e suba pelas escadas interiores. Já estarão à sua procura...

— E mandas alguém chamar-me para a confissão, depois de Urraca partir.

Alberto acenou que sim com a cabeça, e beijando-lhe a mão abriu a grande porta de madeira para a rua e desapareceu no frio daquela noite de dezembro.

Teresa encheu o peito de ar e expirou com força, a irritação a tomar conta dela, afugentando o frio e o medo. Se Urraca queria brincar ao gato e ao rato com ela, veríamos quem ganhava. Só esperava que Henrique, tendo entendido a armadilha, não a viesse salvar — estava certa de que D. Bernardo encontraria forma de o avisar.

Durante segundos repetiu para si mesma as palavras do acordo assinado há dias: «Que lhe seja amiga de verdade e sem engano, como de boa irmã para boa irmã, e que não lhe provoque a morte, nem a prisão, nem aconselhe alguém a fazê-lo, e se houver aconselhado, tome a decisão de o desaconselhar.»

Não daria a Urraca a oportunidade de «desaconselhar» coisa nenhuma, nem de se tentar redimir. Mal se apanhasse montada, galoparia os quilómetros até Guimarães. Como queria abraçar as suas filhas, beijar o pequenino Afonso Henriques. E, claro, preparar a vingança.

* * *

Teresa, vestida com o hábito de um monge beneditino e montada num dos melhores cavalos dos estábulos da abadia, galopou na direção contrária à que a irmã tomara, virou a cabeça para olhar Sahagún, quase um ponto no horizonte.

— Senhora D. Teresa, não podemos parar — implorou um dos dois rapazes que a acompanhavam.

Teresa apontou-lhe a mancha escura que como um vespeiro se aproximava das portas da cidade:

— Fugimos mesmo a tempo, já ali está o exército do Batalhador. Se entrarem em Sahagún com a fúria com que cavalgam e usarem a lança e a espada com a inclemência que lhes é conhecida, ninguém vai escapar.

Os rapazinhos olharam-na aterrorizados:

— Mas o nosso mosteiro é terra sagrada, certamente que o rei não se atreverá a afrontar assim a ira do Altíssimo.

Teresa cortou o ar com um gesto impaciente e blasfemou entredentes:

— Parece-me que às vezes o Altíssimo dorme.

E esporeando o cavalo voltou a partir a galope, era preciso pôr distância entre ela e o cunhado, só esperava que não tivesse comprado para o seu lado os pequenos mosteiros onde teria de trocar de cavalos e dormir, antes de chegar sã e salva a Guimarães.

Mas à medida que se afastava de Sahagún, esmorecia a euforia de ter enganado Urraca e Afonso e crescia a ansiedade e o medo de que os assassinos do Batalhador pudessem ter feito mal a Alberto... Não escaparia a um interrogatório de Urraca, que desconfiaria dele antes de qualquer outro.

Tocou nas relíquias que cosera junto ao corpo e pediu à Santíssima Virgem por ele. E já agora por si. Ainda faltava muito para chegar ao seu destino.

* * *

Nesse mesmo mês de dezembro, chegara a notícia de que D. Diogo resignara de abade de Sahagún. Depois de ter visto a vila destruída pelos homens de Aragão, as mulheres violadas, as crianças a chorarem sem leite, depois de ter olhado para a ruína da hospedaria real, depois de perceber como o coração dos homens, mesmo os que viviam na casa de Deus, se podia tingir das cores mais negras, implorara a D. Bernardo que o deixasse partir.

O que se seguiu depois mostrou que os tempos eram de escuridão e tristeza. Bernardo escolheu um monge honesto e honrado, Garcia, mas oito dias após o ter ordenado o novo abade morreu. Seguiu-se D. Domingos, um monge novo, esclarecido e prudente, paciente e bondoso, mas até quando resistiria ao desejo do Batalhador de ver um homem seu naquele lugar?

## Paço de Coimbra, maio de 1111

Teresa não se conseguia concentrar na leitura, a cabeça andava às voltas, não o reconheceria a ninguém, mas os últimos meses tinham-na deixado exaurida.

Depois da traição de Sahagún, Urraca procurara fingir que não soubera de nada, alegando-se tão vítima quanto ela, jurando-se desejosa de voltar a assinar o pacto de amizade entre irmãs. Mas ao mesmo tempo que clamava inocência, voltara a unir-se ao Batalhador, fazendo pano morto de tudo o que ficara combinado entre elas.

Urraca subestimara até onde podia manipular os outros, e desta vez enfurecera, em conjunto, os nobres de Castela, de Leão, da Galiza e do Condado Portucalense, que se tinham unido para pôr fim à situação. As tropas cercaram o casal real em Carrión, e desta vez Henrique insistira que a rainha Teresa, filha do glorioso imperador, estivesse ao seu lado.

Nas hostes que cercavam o castelo, Teresa encontrara divisões. Lembrava-se das certezas dos homens, no acampamento à noite, jurando pela sua rainha, certos de que só poderia estar de novo com o marido, porque ele a retinha cativa, presa na torre mais alta do castelo. Escondera o riso, estava certa de que a irmã, como ela, só estava onde queria estar.

E ela estava em Carrión para reaver as terras prometidas. Ainda durante o cerco tinham usado mensageiros para negociar, mas o Batalhador era intransigente, cedia-lhes Zamora e apenas Zamora. Urraca, contudo, tinha outros planos, e já cansada certamente desta nova lua de mel abriu as portas da cidade aos seus súbditos, obrigando Afonso de Aragão a escapulir-se por outra das saídas de Carrión.

Sorriu com a memória da entrada, lado a lado com Henrique, na cidade, perante os aplausos da multidão que se reunira para os saudar como libertadores. Enquanto o povo aclamasse assim os condes portucalenses havia esperança.

Certa de que humilhara Urraca, procurara espicaçar a irmã, levando-a a ceder-lhe mais terras do que aquilo que estava previsto, mas fora então que os seus planos tinham sido destruídos.

Henrique recebera um chamamento urgente: os almorávidas atacavam de novo Santarém, e tomando Santarém subiriam até Coimbra

num abrir e fechar de olhos. Era preciso esquecer as ambições a norte e seguir para sul, protegendo aquela que era a parte mais rica do seu património. E aí começara um novo terror, que exigira dela todo o engenho e arte.

Não admira que estivesse tão cansada, pensou, fechando o livro pesado com determinação. Esperava que um dia Alberto escrevesse na sua crónica como a rainha portucalense, deixada sozinha na cidade, aguentara a revolta dos burgueses, que queriam expulsar dos lugares de poder três dos francos que já há alguns anos Henrique encarregara de colher os tributos do comércio. Clamavam ainda por mais liberdade: não desistiam do rito moçárabe, ingénuos eram os que imaginavam que era possível apagar a cultura ancestral de um povo.

Reunira vezes sem conta com Martim Moniz, governador de Coimbra, mas sem o génio do seu sogro, Sesnando Davides, procurando sossegar a revolta. Procurara esconder a irritação que sentia com o oportunismo desta gente — sabiam que o conde D. Henrique lutava por Santarém e que mais do que nunca esta cidade, esta fronteira, era vital.

Mandara chamar o marido, consciente de que só ele teria mão sobre os franceses instalados, mas para apressar a resolução do problema passara horas, com Paio, a redigir a carta de foral da cidade, que sabia de antemão ser a única forma de garantir um acordo.

Que alívio sentira quando vira o marido marchar sobre a cidade, furioso. Perdera Santarém, mas recusava-se a assumir uma postura de derrotado frente à revolta. Em dois dias correra com os seus correligionários, mas pedira em troca o exílio de Martim Moniz, não podia deixar o povo imaginar que tinha o poder na mão para sequestrar o seu senhor.

Agradecido, tomara das mãos de Teresa o foral da cidade e entregara-o aos novos representantes. Os habitantes de Coimbra ganhavam força e autonomia, mas juravam não voltar a levantar armas contra os condes portucalenses.

Teresa refugiara-se de novo no *scriptorium*, com alegria.

Inclinando a cabeça sobre o livro e rodeando-o com os seus braços, deixou-se adormecer. Ali, onde o cheiro a tinta e a pele curtida era como um bálsamo.

## *Paço de Astorga, julho de 1111*

*Ximena pediu que lhe trouxessem mais velas, queria escrever a Teresa ainda naquela noite, sabia que Henrique lhe contaria pouco ou nada, como era típico dos homens. Enquanto esperava, na penumbra que se seguia a um dia longo de verão, olhou em redor para as tapeçarias que cobriam as paredes deste seu magnífico quarto no paço de Astorga. Ficara tão satisfeita quando a filha lhe mandara dizer que conseguira de Urraca a doação desta vila tão magnífica.*

*«Não consegui ainda que a minha irmã lhe devolvesse a tenência do castelo de Urvel, mas o Henrique e eu queremos que saiba que pode reinar em Astorga, de que temos tantas memórias. Lembra-se como foi de lá que partimos para Leão, da primeira vez que fomos para a corte?» Como poderia esquecer o dia em que se separara das pequeninas Teresa e Elvira, a certeza que tinha ao deixá-las partir de que vingariam o seu passado, deixado incompleto.*

*Mas ainda havia muito a fazer, e era preciso estar à altura dos caminhos inesperados que se iam abrindo. Hoje, quando descera a escadaria pelo braço do seu genro Henrique, para receber Pedro Froilaz, conde de Trava, e os seus filhos Bermudo e Fernão, fora tomada de um pressentimento estranho, como se um tempo estivesse a acabar e outro a começar. Talvez fosse por ver como Pedro Froilaz, que conhecia desde criança, estava envelhecido, e os filhos já adultos, casados e já pais também.*

*Meditou por momentos se iria ou não contar a Teresa que a sua irmã mais velha estava de novo apaixonada? Será que a própria Elvira já lho tinha dito? Nestes meses de guerras e desavenças, sentia Elvira pela primeira vez na vida crítica em relação à irmã mais nova. «Não faz sentido esta guerra aberta entre irmãs, ninguém fica a ganhar», protestava vezes sem conta, e nenhum dos argumentos de Ximena a parecia convencer de que Teresa agia apenas quando provocada.*

*Talvez agora, quando casasse com Fernando Fernandez, mais um nobre galego para a causa de Henrique e Teresa, se voltasse a sentir em paz.*

*Nunca mais chegava o azeite, refilou impaciente. Odiava que demorassem a obedecer-lhe. Mal chegasse a luz, pegaria na pena e diria a Teresa que viesse depressa e lhe trouxesse as netas e o neto. Se estivessem todos juntos, em S. Pedro de Montes, de certeza que as irmãs se aproximariam.*

*E havia muito a discutir. Pedro Froilaz tinha um plano, era preciso discuti-lo com calma. Era preciso que Teresa e Henrique decidissem juntos.*

*Não escreveria na carta, um trunfo que guardava na manga: a criada que continuava a servir a rainha Urraca confidenciara-lhe que o sangue já lhe faltara por duas vezes...*

*Se Urraca nada dizia é porque não era certamente o filho do Batalhador que lhe crescia no ventre.*

*A fúria de Afonso de Aragão, quando o soubesse, seria capaz de destruir tudo. Um filho, ou uma filha, do conde de Lara, era impossível medir as consequências. Pobre D. Bernardo, sorriu maquiavelicamente, a vida não lhe corria bem desde que o imperador partira. O que fazer a uma rainha que desafiava constantemente as ordens de excomunhão papais, mas que agora estava grávida de um homem casado, há três anos casado e pai de três filhos?*

*Não revelaria o que sabia. Era grave de mais. Podia não acontecer. Urraca, excomungada por excomungada, poderia ainda tentar ervas, procurar abortar este filho que nascia como marca do pecado.*

*Benzeu-se. Quando a criada chegou com as velas, resmungou:*

*— Achas que são horas para escrever? Ajuda-me a deitar-me, escrevo amanhã.*

## *S. Pedro de Montes, agosto de 1111*

*— Mãe, mostre-nos o sítio onde viu chegar o imperador e depois a tia Elvira espirrou e o Alberto quase que vos apanhou — implorou a pequenina Teresa, puxando a mão da mãe em direção aos caminhos da montanha.*

*Elvira, que tinha ao colo o bebé Henrique, que se debatia para se soltar dos seus braços, ansioso por testar a independência dos seus dois anos, deu uma gargalhada:*

*— É típico da vossa mãe, dizer que fui eu que nos denunciei. Limitei-me a espirrar, porque ela cortava as ervas e espalhava o pó das flores por todo o lado.*

*Bermudo de Trava, que chegava de um passeio a cavalo, ficou a olhá-las, sorridente:*

*— Se tivesse talento, pintava o retrato das filhas e netas de Ximena Moniz, qual delas a mais bonita.*

*Teresa olhou-o, divertida:*

*— Já vi alguns dos seus esboços, porque não tenta!*

*— Se conseguir que a minha irmã Teresa fique quieta mais do que dois minutos, dou-lhe um prémio — acrescentou Elvira.*

*Bermudo olhou de novo para Teresa-rainha, como tantos dos seus vassalos lhe chamavam, e não conseguiu desviar o olhar. Teresa franziu o sobrolho, perplexa consigo mesma, porque não conseguia deixar de retribuir aquela atenção, pensou irritada consigo mesma, e procurando desviar a atenção de si apontou para a sua filha Urraca, tentando rir:*

*— Parece-me mais apropriado que comece por pintar a minha filha Urraca, que tem o meu génio, ou se quer alguém parecido com aquilo que eu era quando andava aqui pelos montes e vales com a minha irmã Elvira, tem a pequenina Teresa...*

*Elvira, vendo o embaraço da pobre Urraca, que aos 14 anos queria tudo menos ser pintada, veio em seu socorro, passando o bebé Henrique à ama, e desafiou-os a todos:*

*— Vamos antes apanhar amoras! E de caminho mostro-vos os sítios onde eu e a vossa mãe passeávamos, quer dizer, treinávamos a arte da espada, com as espadas que o imperador nos deu.*

*Fernão de Trava, que chegara depois, deu uma curta corrida para as apanhar:*

*— Não podem partir sem um escudeiro. — Riu.*

*Teresa voltou a olhá-lo de soslaio. Ontem achara-o muito mais inteligente do que o irmão e quase tão capaz como o pai. Seguira os seus argumentos contra a coroação do infante Afonso Raimundes, o trunfo que os nobres da Galiza se preparavam há tanto tempo para usar:*

*— Coroar Afonso Raimundes rei, aos sete anos, pondo-o à frente dos nossos exércitos contra um homem como o Batalhador, é colocar a sua vida em risco. E depois o que fazemos quando tiver morrido em batalha, como aconteceu a Sancho em Uclés?*

*Henrique, para seu espanto, reagira com irritação, que não lhe era habitual, aos argumentos de Fernão:*

*— Se Urraca concordar com esta coroação, se aceitar a inevitabilidade de ser rainha regente pelo filho, e juntarmos todos os nossos exércitos por uma vez, com um inimigo comum, o Batalhador, talvez se acabe de vez com esta sangria de gentes sem sentido.*

*Teresa contivera-se para não rebater o marido. Onde estava com a cabeça? Os senhores de Portucale remetiam-se agora ao papel de tios extremosos, dedicando o seu esforço e energia a proteger o sobrinho? Esquecia Henrique que lhe teriam de prestar vassalagem, que os seus territórios seriam pertença de Afonso VII?*

*Henrique pressentira a sua irritação, mas não cedera no seu ponto de vista, mas a noite terminara com um acordo de colaboração entre os Trava e Henrique.*

*Teresa usara o pretexto de uma dor de barriga da filha mais nova para se meter na cama com ela, evitando deitar-se com Henrique. Sentia sempre um nó amargo quando o marido decidia por*

*ela, escolhia por ela, se comprometia por ela, esquecido de que lhe devia tudo. Esquecido de que era a ela, Teresa, que o pai entregara aquele reino.*

*E agora era Fernão de Trava que estava aqui mesmo ao seu lado, atencioso, apontando o pico da montanha:*

*— Que verão tão frio, ainda há neve naquele pico, tenho vontade de subir até lá, a vista deve ser deslumbrante — disse, e a sua voz era envolvente.*

*Teresa olhou-o, rindo:*

*— Tenha cuidado com os desejos que formula!*

*Elvira, escutando-os, confirmou:*

*— Veja lá, Fernão, que a Teresa adora o despique e quando der por isso já está a meio da montanha e ela dois quilómetros à sua frente. — Riu.*

*Fernão riu com a certeza de que Elvira tinha razão. Havia qualquer coisa em Teresa que o fazia perder a razão.*

*Elvira tentou avisar Teresa de que Fernão era um sedutor, mas Teresa, nitidamente, evitou o seu olhar. Como se não bastassem os problemas de Urraca... Esperava que a altitude não a tivesse feito perder o senso. Mas sabia que, se a avisasse, Teresa faria tudo ao contrário. Daria um toque à mãe. Ou não diria nada. Porque se metia onde não era chamada. Agora que voltara a casar, tinha era de pensar no seu Fernando, queria tanto que Afonso Jordão viesse para o conhecer.*

## Santiago de Compostela, 17 de setembro de 1111

Nem Teresa nem Henrique compareceram à coroação de Afonso Raimundes em Santiago de Compostela.

— Se Urraca não se atreve a ir, muito menos eu — protestara Teresa, argumentando que não lhe faltava mais nada do que entregar-se nas mãos de D. Diego Gelmirez.

— O nosso pobre sobrinho não é mais nada senão um fantoche nas mãos de Gelmirez e do conde de Trava, e não acredito que, mesmo com a tua ajuda, tenham força para fazer frente ao exército e à falta de escrúpulos do Batalhador — insistira. — Ou queres que te leia outra vez a carta que recebi de Alberto?

As notícias da forma como Afonso de Aragão invadira a terra de Sahagún, destruindo tudo o que via à frente, levando a fugir o novo abade Domingos, que Ximena reportava ter chegado aterrorizado a S. Pedro de Montes, era prova do que dizia. O Batalhador atrevera-se a mais, e numa clara afronta a Roma e a D. Bernardo colocara como abade do mosteiro real nada menos do que o seu irmão Raimundo.

Enviaram Paio e ouviram depois contar da pompa e da circunstância da coroação. Ouviram como o pequenino Afonso Raimundes, de sete anos, alto para a idade, dizia-se, chegara vestido a prata e ouro, resplandecente, desmontando do cavalo branco, beijando a mão de Gelmirez, que o recebera na porta principal. Em seguida descalçara os sapatos como um peregrino, perante a ovação da multidão que se reunia na praça e entrava como podia dentro da basílica, e fora ungido junto do túmulo do santo, a espada e o cetro entregues por Fernão de Trava, o seu aio, e Gelmirez, ambicionando que este dia ficasse gravado para sempre, mandara inscrever o nome de Afonso no altar do apóstolo São Tiago, Afonso Rei.

— Mas já estão todos zangados! Trava já levou o pequenino para as suas terras, enquanto armam um exército — noticiou Paio.

— E a esta hora o Batalhador tem três vezes mais soldados, para o impedir de chegar a Leão, onde o querem coroar imperador de todas as Espanhas — profetizou Teresa.

E cinicamente acrescentou:

— Preparem-se para mais uma surpresa: não me admira nada que a

própria Urraca boicote a coroação do seu filho e se volte a juntar ao Batalhador.

Henrique concordou:

— Afonso VII reuniria provavelmente à volta de si o consenso, e Urraca não quer ser uma figura de segunda.

Nem ela nem a sua irmã gémea Teresa, pensou Paio, mas não o disse.

## Bierzo, outubro de 1111

Estavam à mesa, na tenda armada para a noite, quando as trompetas deram o alarme. Mas era já tarde para armar as defesas, tirar os soldados das tendas e do conforto das fogueiras.

— É uma emboscada — disse o conde de Trava, pegando na espada e fazendo sinal a Gelmirez para que desaparecesse com o pequeno rei.

— É uma cilada — gritou o bispo de Santiago, em pânico.

— Salve-se, salve o rei, e que Deus esteja convosco.

As cabeças já rolavam sobre a mesa, misturando o sangue dos galegos com o da carne que pousava na mesa, mas Gelmirez conseguiu correr, procurando arrastar consigo Afonso Raimundes, incitando-o:

— Venha, senhor, não pode ser preso, temos de fugir.

Mas Afonso não queria partir e pegou na espada, gritando:

— Tenho de defender o meu aio, não o posso deixar.

Gelmirez tapou-lhe a boca com a mão e falou-lhe zangado:

— É preciso saber quando ficar e quando fugir. Não percebe que, se ficar nas mãos do Batalhador, não haverá mais nada a fazer?

Ofegante, Gelmirez conseguiu finalmente que Afonso Raimundes corresse com ele, escondendo-se na floresta, fugindo para norte, abrigando-se entre as árvores que ali cresciam cerradas.

Os soldados de Trava conseguiam segurar as hostes de Aragão, ou talvez tivesse sido milagre, talvez o menino-rei tivesse a proteção dos céus, e aos poucos o silêncio foi sufocando o ruído da batalha, que parecia cada vez mais distante.

A criança caminhava, já exausta, os pés a enterrarem-se na neve, e o arcebispo de Santiago arfava, pouco habituado que estava a caminhar grandes distâncias, quanto mais a corrê-las.

## Paço de Guimarães, novembro de 1111

Teresa recebeu a carta da mãe quando estava no escritório com Paio. Passou-lha, sem censurar nada. Há quantos anos a servia, sabia mais sobre ela do que ela própria, primo-irmão, alferes, mordomo, o que sabia é que a sua lealdade não era questionável.

— O que terá sentido Urraca quando viu o filho, Paio?

Há pelo menos cinco anos que ela não via o próprio filho, educado por outros, uma criança que julga certamente que a mulher do conde de Trava é a sua mãe.

Paio deu uma gargalhada:

— Tanto sentimentalismo não parece seu, senhora D. Teresa, sente-se bem?

Teresa teve vontade de lhe deitar a língua de fora, como em criança tantas vezes deitara a Alberto. Limitou-se a responder com um resmungo:

— Sei bem o que é passar muitos anos sem ver uma mãe, e agora que sou mãe não me imaginava passar anos sem ver os meus filhos.

— Passei muitos anos sem ver a minha mãe e não me fez mal nenhum! Aliás — disse rindo —, de cada vez que estou com ela dez minutos, lamento a reunião — acrescentou com uma gargalhada.

Teresa riu também:

— O conde D. Henrique quer que entregue o pequenino Afonso a Ermígio e Egas Moniz, diz que para ser aceite como um dos nobres portucalenses terá de ser educado por eles, como um deles... Diz que não paramos quietos e é demasiado perigoso andar com uma criança tão pequena connosco, há o perigo das doenças, o perigo de ser um chamariz de assaltantes. E se o levassem, e se o prendessem...

— Fica bem com os Ribadouro. Dordia é uma boa mãe, Afonso Henriques é um pouco mais velho do que os seus dois filhos Lourenço e Afonso. Vai dar-se bem naquele quarto de brinquedos.

Teresa conseguiu sorrir:

— Queres dizer que vai poder mandar nos outros, como ele tanto gosta.

— Ermígio é um homem inteligente e um bom professor — insistiu Paio.

— Mas Egas é um pouco fanfarrão. Gosta de tiradas muito teatrais, mas acredito que nos seja leal. De qualquer maneira, está decidido. Vai custar-me imenso, e as irmãs vão ficar desoladas, mas se tem de ser, tem de ser.

Durante a noite, Teresa levantou-se e percorreu o curto espaço entre os seus aposentos e o dos infantes.

A ama sobressaltou-se, mas Teresa fez-lhe sinal de que queria apenas ver o bebé a dormir. Numa cama larga, Afonso Henriques dormia a sono solto, as bochechas rosadas, a respiração suave.

Passou-lhe a mão devagarinho pelos caracóis, o cabelo macio e suave, o cheiro a rosas, e sem saber porquê Teresa sentiu saudade de D. Geraldo. Sabia que ele a ajudaria a decidir: Alberto escrevera-lhe a pedir que deixassem de apoiar o cruel Batalhador, ao lado de quem Henrique voltara a lutar, implorando-lhe que dessem o seu apoio a Afonso VII. Tentou pensar como o santo Geraldo pensaria.

Depois escreveu a Henrique pedindo-lhe que apoiasse Afonso VII. Mas apoiar Afonso era apoiar Urraca! Seria ela capaz de cumprir a promessa?

## Paço de Astorga, maio de 1112

Henrique mandara pedir a Teresa que se juntasse a ele em Astorga. Dissera-lhe que precisava que viesse assinar doações, era preciso tratar o mais rapidamente possível de povoar os novos territórios que tinham recebido de Urraca, subvencionar aqueles que os podiam defender. Prometeu-lhe também uma surpresa.

Teresa deixara Afonso Henriques com Egas Moniz, insistindo que levasse com ele o boneco, a bola e o pião, o casaco quente e as túnicas. Dordia Moniz fora generosa, grávida de seis meses como estava, prometera que trataria dele como se fosse seu. Teresa tivera vontade de lhe lembrar que Afonso Henriques era muito mais do que os dela todos juntos, mas conteve-se.

A primavera despontava por todo o lado, e ao atravessar de novo a serra do Gerês, com as três filhas, sentiu um aperto no coração quando viu ao longe o Mosteiro de Santa Maria, onde há doze anos pernoitara com Henrique, na primeira visita ao Condado Portucalense. Lembrou-se de como a mãe lhe recomendara que não deixasse a cama de Henrique, fosse em que dia fosse, e passando a mão sobre o ventre desejou um novo filho, se ao menos Henrique passasse mais tempo em casa. Ganharia agora o tempo perdido. Precisavam de um outro rapaz, pelo menos de um outro rapaz, a doença e a morte rondavam sempre por perto, e nada seria mais trágico do que perderem, agora, o herdeiro. Estremeceu com a ideia de que alguma coisa pudesse acontecer ao pequenino Afonso Henriques, e tocando na relíquia de St. André que tinha de novo ao pescoço rezou para que a Virgem o protegesse. Os protegesse a todos.

* * *

Teresa abriu a boca de espanto quando Henrique lhe perguntou:

— Lembras-te deste nosso bom amigo?

— Dalmácio Geret! — exclamou ela, com um largo sorriso.

Era impossível esquecer os olhos cinzentos e penetrantes do monge de Cluny, que há tantos anos moderara a assinatura do pacto sucessório, no pequeno mosteiro de Peñalba de Santiago.

— Não te disse que viesses depressa, que tinha para ti uma surpresa

— disse Henrique, e apontando para um outro monge apresentou-o: — Honra suprema, Stéphane de Cluny.

Teresa completou:

— O abade de Cluny — disse, ajoelhando-se e beijando-lhe a mão. — Há muitos anos tive a honra de conhecer D. Hugo.

Henrique não tivera tempo de lhe dizer porque estavam aqui estes embaixadores da ordem religiosa mais importante da Europa, e para o engrandecimento da qual eles também tinham contribuído.

Não teve tempo de trocar sequer com ele um olhar, porque os soldados abriam as portas para a rainha Urraca, que chegou com Elvira e Afonso Raimundes, já com quase nove anos.

Como lhe custou sorrir e cumprimentar a meia-irmã, e que vontade teve de lhe perguntar pela nova sobrinha, nascida um ano antes com discrição mas não em segredo. Batizada Elvira Peres de Lara, não deixava dúvidas de quem era o pai.

* * *

— Henrique, o que é isto, onde me meteste? — perguntou-lhe Teresa, zangada, quando finalmente se foram deitar.

— Querem formalizar um pacto entre ti e Urraca, querem acabar com esta guerra entre irmãs.

— Guerra de irmãs, Henrique? Ela faz um Inferno na Terra com as uniões e separações do Batalhador e eu é que tenho a culpa? Desculpa, mas isto parece-me uma emboscada.

— É injusto, Teresa, tu é que me escreveste a pedir que apoiasse Afonso Raimundes, o que sabias bem era igual, por agora, a apoiar Urraca. Estranhei, mas fiz-te a vontade. Quando recebi uma mensagem do abade de Cluny, senti que vinha ao encontro da tua estratégia.

— Não tinha estratégia, por uma vez, Henrique, não tinha plano nenhum. Limitei-me a ceder ao pedido de Alberto, que me descreveu as barbaridades do Batalhador contra o Mosteiro de Sahagún, de como o papa condenou a expulsão do abade Domingos e a sua substituição pelo irmão de Afonso, um homem pérfido. Alberto pediu, pela salvação da minha alma, que não me associasse a este rei sem escrúpulos. Aceitei. Talvez soubesse já que o abade dos abades da sua congregação vinha

a caminho com esta missão — suspirou.

— Talvez. O abade Stéphane quer garantir o trono para os nossos filhos, garantir que Afonso Raimundes e Afonso Henriques nos sucedam, garantindo que o sangue borgonhês continua a correr naqueles que reinam nestas terras.

Teresa entusiasmou-se:

— Não digas mais, temem que Urraca coloque no trono um filho de Pedro de Lara, já que do Batalhador todos percebemos que não vai acontecer.

Henrique parecia igualmente convencido:

— Querem obrigar Urraca a ceder-nos terras, construindo um território maior e mais firme para o nosso filho, e simultaneamente garantindo assim a lealdade ao nosso sobrinho.

Teresa sorriu:

— São tão ingénuos, Henrique, depois voltam para lá dos Pirenéus e nós ficamos aqui, tão longe. Quem lhes garante que um dia não é o nosso filho Afonso Henriques que disputa o trono a Afonso Raimundes?

O conde sorriu:

— Afonso Henriques ainda não tem dois anos, acho que por enquanto se preocupam mais com Urraca e o filho.

Teresa mordeu o lábio, pensativa:

— Mas nada nos impede de lutarmos por ele.

Henrique deitou as mãos à cabeça, num gesto teatral:

— E se deixássemos a política para amanhã, porque quero dormir. — Mas quando Teresa o abraçou, afastou-se assustada:

— Henrique, estás tão quente. Sentes-te bem? — Mas estranhamente o marido já parecia ter adormecido.

* * *

— O Batalhador está às portas da cidade — anunciou agitado um dos barões que acabavam de entrar na sala onde estavam sentados a quebrar o jejum.

— Atreve-se a voltar a Astorga — gritou Urraca, numa voz que procurava firme, mas na palidez que subitamente descera sobre o seu rosto era evidente o pânico. Talvez Afonso de Aragão já soubesse da

pequena Elvira, talvez viesse travar-se de razões.

Pedro de Lara sorriu-lhe, procurando sossegá-la, e pondo-se de pé veio atrás da cadeira da rainha e pousou-lhe as mãos nos ombros, dizendo-lhe:

— Não se preocupe, senhora D. Urraca, somos suficientes para o deter.

Henrique saltara do seu lugar e começara a dar ordens, desaparecida a apatia adoentada em que parecia ter mergulhado nos últimos dias. Ontem nem quisera ir à caça com Urraca e Sancha.

Pouco depois, antes de partir, aproximou-se de Teresa, pedindo-lhe para o abraçar.

Teresa nervosamente troçou:

— Nunca foste esse género de homem, o que se passa contigo?

— Tu não estás muito melhor, tens-me andado a apaparicar estes dias, sempre a perguntar como estou.

Teresa levantou a proteção do capacete e beijou-o:

— Estou é ansiosa por voltarmos para Viseu. Não gosto desta companhia. — Forçou-se a rir.

Henrique, antes de enfiar as luvas, passou-lhe a mão pelo cabelo:

— Prometo que feito este acordo nos vamos embora.

Teresa benzeu-se e ficou a vê-lo partir.

* * *

Urraca entrou no quarto onde Teresa descansava, sem bater à porta, e sentando-se na cama ao lado da irmã disse-lhe:

— Quis ser eu a dizer-te. Pedro chegou agora com a notícia de que Henrique foi ferido em combate.

Teresa sentou-se, uma agonia profunda, o sangue a fugir da cabeça, a sensação de desmaio iminente.

Urraca estendeu a mão e segurou-a por um braço, impedindo-a de se levantar a correr.

— Respira, Teresa. Levanta-te mais devagar ou vais cair no chão com uma síncope, o que não adianta a ninguém — disse.

— Mas é grave, Urraca? — perguntou, e cobrindo o rosto com as mãos murmurou: — Tem de ser grave, nunca virias pessoalmente dizer-

mo se não fosse grave.

— Deixa-te de dramas. Pedro disse-me que, mais do que a ferida, que parece ser apenas num braço, pressente que ele não está bem. Pedro diz que nunca deixaria que o braço fosse apanhado se não estivesse doente...

— O Batalhador sabe? E o ataque, o ataque foi vencido?

Urraca abriu um sorriso forçado:

— Afonso deveria querer apenas assustar-nos. Recuou rapidamente. Talvez tenha sabido do que aconteceu a Henrique e não quisesse a responsabilidade...

— Agora vou levantar-me. Pedes que o tragam para aqui, chamas o médico, chamas o médico — repetiu e, pondo os pés no chão, gritou pelas criadas para que a vestissem.

* * *

O choro de Teresa, Sancha e Urraca encheu o quarto, mas a mãe falou-lhes com dureza:

— Só me faltavam três crianças! Acham que esses gemidos ajudam alguém? Tu, Urraca Henriques, manda um bilhete a Alberto e pede-lhe que venha depressa. Tu, Sancha, vai dizer a todos os padres e monges que encontrares que rezem pelo pai, não te esqueças do abade de Cluny. E tu, Teresa, ajuda as criadas a preparar a cama, certifica-te de que tem água fresca na cabeceira.

As três infantas correram a cumprir as missões, e Teresa gritou a uma das aias:

— E vocês chamem a mulher das ervas que trata sempre a minha mãe. Precisamos de todas as ciências, de todos os saberes.

Henrique ardeu em febre durante quatro dias e quatro noites. Por vezes delirava e falava em francês, noutras chamava o nome de Teresa, numa voz doce e sedutora. O pior eram os pesadelos, em que tentava desprender o braço ferido atado à cama e bramir a espada, protegendo-se do golpe que o fizera perder tanto sangue.

Teresa deixara de perguntar ao médico qual o prognóstico, e Ximena, que regressara a toda a pressa, revezava-se com a filha à cabeceira da cama. Vigilante.

Aplicaram ervas, colocaram sanguessugas, deram-lhe a beber poções, mas o médico parecia tão perdido como todos eles.

— Se ao menos estivéssemos em Coimbra ou em Toledo, algum dos médicos judeus, o Dr. Ferrusiel, saberia o que era preciso fazer — vociferava Teresa quando estava mais desesperada.

Olhava a almofada ensopada de suor onde os cabelos crespos e loiros pelo sol de Henrique descansavam, e para a pele branca de onde as sardas e a barba ruiva sobressaíam, e pensava que nunca, nunca, nestes anos todos, e já eram dezassete anos de casados, pensara seriamente que lhe podia acontecer alguma coisa. Henrique era demasiado forte, demasiado alegre, demasiado otimista, demasiado necessário. Precisava dele. Precisava dele!

Dobrando-se e pousando a cabeça sobre o seu peito, chorou:

— Henrique, não vás embora, preciso de ti.

Ao perceber que o coração do seu amado parara, deixou-se ficar, não queria, não ia dizer a ninguém, ficaria ali para sempre, enganando a morte, talvez a morte se cansasse e se fosse embora, ou talvez Henrique, como os troncos de urze na floresta do Gerês, estivesse só à espera de voltar à vida.

Sentiu uma presença no quarto e sobressaltou-se. Virou os olhos inchados de chorar e viu Alberto, que se ajoelhou ao seu lado, e tirando de uma bolsinha um pequeno frasco de óleo sagrado, ungiu Henrique seis vezes, nos olhos, nas narinas, nos ouvidos, na boca, nas mãos e nos pés, enquanto ia dizendo: «Por esta santa unção, e por sua grande misericórdia, que Deus te perdoe tudo o que fizeste de mal pela vista, olfato, ouvido, gosto e palavras, tato e passos.»

Teresa assistia, com as mãos em oração.

Alberto rezou:

— A força do Espírito Santo está com ele, e Cristo será engrandecido pelo seu corpo, pela sua vida e pela sua morte.

Alberto recuou, deixando a pobre viúva entregue a toda a gente que entrava no quarto. Teve vontade de gritar «Anasisapta». A palavra mágica escrita no pergaminho. A palavra que o irmão de Astorga lhe dissera que valia menos do que aquela que inscrevera — Jesus Cristo. Que Nosso Senhor Jesus Cristo abençoasse a rainha Teresa nesta tragédia.

# IV PARTE

# A TRAIÇÃO DE UM FILHO (1113-1125)

## Paço de Coimbra, abril de 1116

— Mãe, mãe, veja como sou bom com a espada — gritou Afonso, acenando-lhe do terreiro do paço de Coimbra, ao vê-la chegar-se à janela.

Teresa acenou-lhe de volta. O filho de sete anos lembrava-lhe tanto Henrique, alto para a idade, os cabelos claros e encaracolados, mas acima de tudo o entusiasmo otimista que punha em tudo o que fazia. Esforçava-se para ser digno de um pai de que falava constantemente, mas de que não tinha nenhuma memória nítida. Quantas vezes lhe pedia para contar as histórias em que defrontara os mouros, frente a enormes exércitos, sem medo da fúria dos cavaleiros negros. Das batalhas que comandara contra a tia Urraca, todos se calavam, pelo menos à mesa, mas não tinha dúvida nenhuma de que o herdeiro do Condado Portucalense as conhecia de cor e salteado, senão pelos adultos, então pelos filhos de Egas Moniz e por todas as outras crianças da corte. Já para não falar na língua comprida dos escudeiros e moços de cavalariça, com quem Afonso passava a vida. O nome sabia de quem o herdara, e Doria Moniz contara-lhe, ainda há dias, que nas aulas de caligrafia procurava copiar a assinatura do avô, o imperador de todas as Espanhas. Do feitio temperamental do filho, herdado certamente da mãe, ninguém se atrevia a falar, pensou Teresa, com um sorriso divertido, mas bastava estar com ele mais de um dia para perceber que, como ela, flutuava de humores e não gostava de ser contrariado.

Deixou a janela e sentou-se, de novo, no seu banco alto, mas em lugar de pegar na pena inclinou-se para a frente, pousando a cabeça entre as mãos. Fechou os olhos e tentou recordar o rosto de Henrique, mas a imagem era difusa, os olhos não ficavam no sítio dos olhos, e o nariz aquilino parecia desdobrar-se como um harmónio. A boca, concentrou-se na boca, que conhecia de cor, quantas vezes havia percorrido os seus contornos com a ponta do dedo, e pareceu-lhe tão concreta e definida, tão real, que se sobressaltou.

Contavam-se praticamente quatro anos desde a morte do marido, e por vezes parecia-lhe uma eternidade, e noutras como se tivesse acontecido apenas ontem. Ou não tivesse acontecido de todo e Henrique estivesse apenas fora numa das suas viagens, de que

regressaria sorridente e vitorioso.

Mas depois lembrava-se do túmulo de pedra fria na Sé de Braga, para onde o mandara trasladar, para fúria de Diego Gelmirez, que, como uma mulher apoderada pelos nervos, se indignara por não o ver na «sua» Catedral de Santiago, num acumular de corpos e relíquias que não tinha fim.

A ambição do bispo não parava de crescer, pensou com irritação, e nem as tentativas de Urraca para o colocar no seu lugar tinham resultado. Depois da última tentativa que fizera de limitar os direitos feudais de Santiago, o amuo de Gelmirez fora tão violento que a rainha se apressara a fazer imediatamente as pazes. Mas nem por isso os sabujos dos cronistas de Diego tinham sido mais generosos a recordar o episódio. Alberto, abençoado Alberto, que era o único que ainda a conseguia fazer rir com as suas cartas cheias de detalhes, mandara-lhe cópia — sabe-se lá como a arranjara — do relato do episódio, em que o cronista escrevera: «Pois o ânimo da mulher é débil e instável e rapidamente se desorbita. Segundo está escrito; melhor é a malícia do homem do que a bondade da mulher.» Respondera, lembrando ao seu querido escudeiro que esperava que fosse mais generoso a avaliá-la a ela.

Quando tomara conhecimento de que o cronista Hugo, um dos mais medíocres dos serviçais, que até no roubo das relíquias de Braga estivera envolvido, fora nomeado pelo próprio Gelmirez para a diocese do Porto, esquecendo todas as normas canónicas, esquecendo que essa decisão cabia a D. Maurício, ouvindo-a a ela, enfurecera-se. E quando, um ano depois, a cena se repetira com o bispo de Lugo, zangara-se de novo, mas D. Maurício perdera a cabeça ao ver-se completamente ultrapassado pelo rival de Compostela e comunicara que partia para Roma, em busca de um ajuste de contas.

No meio de tudo isto, quase esquecera a malícia de Urraca, de tal forma estivera preocupada a salvar o seu território das mãos dos sarracenos, que desde que tinham tomado posse de Santarém atacavam constantemente Coimbra e os seus castelos defensivos. Quantas vezes saíra a cavalo com os barões para confirmar o estado dos castelos de Soure e de Montemor-o-Velho, mas, para terror de todos, os almorávidas aventuravam-se agora a entrar por Valência e

ameaçavam o Norte.

Pensando bem, talvez tivesse sido uma sorte que as ofensivas se sucedessem logo à morte de Henrique, porque os magnatas chamados a defender a fronteira nem tinham tido tempo de pôr em causa a liderança de uma mulher.

À cautela reforçara as doações de terrenos e privilégios, decidida a dividir os ovos por vários cestos — doara a gente que não tinha brasão nem era padroeira de mosteiros, premiando os comerciantes e os que sabiam tirar proventos da terra. No dia em que precisasse de homens que lutassem pela sua causa, acreditava que seriam muitos os que estariam ao seu lado.

Porque haveria mais batalhas, estava certa disso.

A família Moniz educava Afonso Henriques para suceder ao pai e ao avô, mas competia-lhe continuar a tarefa que tinha abraçado com Henrique, não desistira ainda, ou melhor, não desistiria nunca, de recuperar a Galiza, que sentia sua por direito. Quantas vezes recordava que era a sua parte no negócio que o pacto sucessório fechara?

Voltaria a enfrentar Urraca, estava certa disso. A irmã, que, apesar da excomunhão, se unira e separara do Batalhador, deixando as suas hostes e o seu povo perdidos. Finalmente, ao engravidar segunda vez de Pedro de Lara, deixara os jogos de parte, e diziam-lhe que agora aparecia com os pequeninos Elvira e Fernando, que inclusivamente assinavam escrituras ao lado de Afonso Raimundes, que aparentemente aceitava estes meios-irmãos sem protesto.

Subitamente recordou, com um sorriso triunfante, como aproveitara um destes episódios de discórdia para levar o Batalhador a acreditar que Urraca o envenenava, como lhe fizera saber do plano maquiavélico da sua meia-irmã, levando-o a revoltar-se mais uma vez contra a mulher. Riu abertamente. Não podia esconder que lhe dera uma satisfação imensa a fúria que provocara em Urraca, mas como boa cristã cabia-lhe avisar o cunhado de que era vítima de uma tentativa de homicídio. Urraca negara sempre, mas Ximena garantira-lhe que era verdade, e a palavra da mãe bastava-lhe.

Tempos passados. Felizmente as incursões contra os mouros e as conquistas de terras mais ricas tinham motivado Afonso de Aragão a assinar um acordo em que jurava não voltar a pôr o pé nas terras de

Leão e Castela, nem tão-pouco na Galiza, e pelo menos por enquanto mantinha-se fiel ao juramento. Por uma vez.

Mas estavam longe da paz. Estava certa de que o seu sobrinho Afonso Raimundes não se conformaria com a coroa da Galiza — os próximos confrontos seriam entre mãe e filho. O partido de Afonso Raimundes era poderoso e seria capaz de convencer o herdeiro a agir antes que a mãe e Pedro de Lara decidissem colocar o pequeno Fernando no trono — afinal não acordara Urraca a roubar a herança ao filho do primeiro casamento em favor de um descendente do Batalhador, o que a impediria de o voltar a fazer, ainda para mais a favor de um homem poderoso e por quem estava perdidamente apaixonada? Teresa estava atenta. Quando o sinal da revolta soasse, teria de o saber aproveitar a seu favor.

Sem dar pelo que fazia, aproximou-se de novo da janela, olhando o terreiro silencioso, agora que Afonso e os seus amigos se tinham cansado de brincar aos torneios e às justas. Desde que entregara o filho aos nobres, sabia que corria o mesmo risco que a irmã. Os magnatas de Portucale também prefeririam, certamente, um jovem moldado por eles a uma mulher. Dentro em breve faria questão de que Afonso voltasse para a corte, voltasse para junto de si e das irmãs.

A porta rodou sobre os gonzos e a pequena Teresa entrou a correr, atirando-se para os braços da mãe, num pranto. Aos 14 anos, continuava o bebé da família:

— Que cena é esta, Teresa — repreendeu-a.

— A Urraca diz que vai casar, que a Sancha vai casar e que nenhum homem me vai querer a mim.

Teresa deu uma gargalhada.

— Nem com esses teus olhos verdes, capazes de conquistar tudo e todos? — perguntou.

A filha esfregou-os com força e voltou-os cintilantes para a mãe:

— Os homens não se interessam pela cor dos olhos, pelo menos foi o que a Urraca disse, mas acho que ela tem ciúmes! Tem ciúmes porque ele brinca comigo, senta-me ao colo e conta-me histórias, e não lhe liga nada a ela. Mas, mãe, ela foi tão má, mãe, tão má para mim, que perdi a cabeça e disse-lhe a verdade, disse-lhe que ele em primeiro lugar gostava de si, mãe, e depois de mim, porque tenho o mesmo nome e a

mesma cor de olhos. E ela atirou-me com uma almofada à cabeça e chamou-me nomes. Mãe, nunca vi a Urraca tão zangada, até tive medo... Até a Sancha teve medo...

Teresa sentiu que o coração parava.

— Teresa, calma, não percebo nada do que dizes. Ele quem, Teresa?

— O Bermudo Peres de Trava, quem é que havia de ser, ripostou a filha mais nova.

Teresa abriu e fechou a boca de horror, mas não reagiu. Não podia confiar àquela criança fosse o que fosse.

* * *

Bermudo, o filho mais velho do conde de Trava, entrou na sala e aproximando-se de Teresa ajoelhou-se, e beijando-lhe a mão agradeceu a honra de ser aceite na sua presença, os olhos subindo lentamente até aos seus, fazendo-a estremecer.

O que se passara entre eles pouco depois da morte de Henrique era para manter em segredo. Tinha sido uma fraqueza de uma mulher sozinha, irresistivelmente atraída por um sedutor, que lhe provava na cama que ainda estava viva, que ainda podia amar e ser amada.

Bermudo era casado, pai de filhos, e ela, ela a senhora de um reino de homens, que deviam ser liderados por uma mulher sem favoritos. «Não posso ser igual à minha irmã Urraca», chorara uma madrugada em que acordara ao seu lado, mas já era tarde, o rumor corria, e a carta de Ximena a chamá-la à razão viera dar-lhe a coragem de pôr uma pedra sobre o assunto. Tinham-se despedido, e ele partira tão ligeiro como chegara, como o general romano do lago de Carucedo, e ela ficara a chorá-lo. Contudo, a situação de Bermudo alterara-se, e o filho mais velho do conde de Trava era agora viúvo, viúvo pela segunda vez, e voltara com planos mais arrojados. Agora podia ambicionar à mão da condessa, a um casamento legítimo, ao posto mais importante do reino. Mas a ninfa já não chorava por ele...

— O que o traz ao Sul? — perguntou-lhe Teresa, com um sorriso acolhedor, nada mais do que isso.

— Para além do prazer de a voltar a ver? — tentou, sedutor como sempre. Teresa pensou que não a admirava nada que Urraca, aos 19

anos, achasse este homem de trinta irresistível.

Reparando que Paio acabara de entrar, Teresa vestiu o seu ar mais sereno. O seu, agora, alferes-mor fingira sempre que nada entendera dos amores da prima e senhora, mas era evidente que desprezava o galego, o qual não lhe podia dar mais razões de suspeita.

O tom de Bermudo também mudou imediatamente e sem esperar pela resposta anunciou:

— Infelizmente, senhora D. Teresa, o que me traz hoje aqui é a necessidade de lhe dar más notícias. O nosso aliado e amigo comum Mendo Nunes recebeu uma visita desagradável da rainha Urraca. Os soldados incendiaram-lhe os celeiros e esvaziaram-lhe as pipas de vinho, destruíram casas e regressaram a Santiago de Compostela para se gabarem dos feitos em todas as tabernas.

Teresa sentiu o sangue subir-lhe à cara, os punhos a cerrarem-se de fúria, numa ira que estranhamente lhe sabia tão bem, como se estivesse adormecida e agora acordasse de novo. Já não se lembrava de se sentir assim, por onde andara?, perguntou a si mesma, enquanto com uma voz carregada de indignação protestou:

— É uma provocação direta, Bermudo. A minha irmã sabe, certamente, que Mendo Nunes se juntou à minha corte, tem testemunhado documentos e doações, e quer provar aos nobres galegos que não me devem vassalagem a mim mas a ela.

Bermudo concordou:

— Desta vez Diego Gelmirez está do lado da rainha D. Urraca.

O sangue subiu à cara de Teresa, que, fora de si, protestou, fugindo para um tom demasiado íntimo que denunciava muita coisa a um ouvido atento como o de Paio:

— Quantas vezes preciso de lhe dizer que a minha irmã é tão rainha como eu? Se a trata a ela por rainha, deve então...

Bermudo não hesitou:

— Tratá-la também por rainha, senhora D. Teresa? Sabe que o faço com todo o gosto. Tenho a sua licença para o fazer?

Teresa olhou de soslaio para Paio, que se fingia entretido com o cinto da túnica, e irritada com o silêncio do alferes-mor retorquiu:

— Rainha Teresa, filha do glorioso imperador de todas as Espanhas, sobrinha da rainha Urraca e de todas as rainhas da ascendência de Na-

varra.

A decisão estava tomada. A partir de hoje assinaria como rainha Teresa, comandaria que a tratassem assim. Rainha Teresa seria e defrontaria, em pé de igualdade, a rainha Urraca. E se era rainha tinha de agir como tal:

— Paio, Bermudo, quanto tempo precisamos para reunir os barões, para arregimentar os soldados? Vamos ter com o conde de Trava. Quem ataca um amigo da rainha Teresa, ataca-a a ela.

Sem esperar resposta, levantou-se e saiu da sala.

* * *

Paio entrou suavemente no escritório onde Teresa se sentava no seu banco favorito, fingindo-se concentrada na leitura de um documento.

— Os barões reuniram-se ontem em casa de Ermígio e Egas Moniz e não estavam satisfeitos.

Teresa levantou os olhos, impaciente:

— Não querem apoiar o conde de Trava e Afonso Raimundes contra as pretensões de Urraca a governar tudo e todos?

Paio hesitou por segundos:

— Os magnatas portucalenses não querem apoiar Gelmirez. E não duvidam que servem Gelmirez ao apoiar Afonso Raimundes, pelo menos neste momento.

— As ambições de Gelmirez não têm fim, reconheço, e jogará mãe contra filho, irmã contra irmã e sobrinho contra tia, e tudo o mais que for preciso, para conseguir mais poder...

— Mais poder sobre o Condado Portucalense. Senhora D. Teresa, ainda está quente a isenção que D. Hugo do Porto conseguiu, e dizem que Gelmirez o vai pôr a mandar também em Lamego. Depois de tudo o que D. Maurício fez em Roma, faz em Roma — corrigiu —, o bispo de Santiago de Compostela ignora as bulas papais, ignora as ordens de D. Bernardo e expande o seu poder, sem rodeios.

— O que queres dizer é que, ao pedir aos barões que me sigam, estou a correr um risco? — perguntou Teresa, rápida a seguir o raciocínio do seu alferes-mor.

— O meu papel é protegê-la e avisá-la — disse Paio, com um tom

invulgarmente sério.

— Mas como podemos fingir que não percebemos estes ataques de Urraca ao nosso território? E como podemos não ambicionar a Galiza, Paio? Sabes bem que estava no acordo que Henrique fez com Raimundo, sabes bem que o reino nos pertenceria, ficando eles com Leão e Castela.

Paio pareceu embaraçado, como se as palavras não lhe passassem na garganta. Teresa conhecia-o:

— Desconfiam da rapidez com que respondo ao pedido do conde de Trava, de Bermudo de Trava? — quis saber, impaciente. E como Paio não lhe respondesse, suspirou: — Nem na sua cama uma mulher pode estar longe dos olhares e das críticas daqueles que a rodeiam! Durmo com quem quero, Paio, e não é por isso que não sou lúcida nas minhas decisões.

O alferes desviou a conversa:

— Talvez as nossas prioridades devessem estar a sul... Um ataque almorávida será quase inevitável nesta primavera.

Teresa mordeu o lábio com força:

— Chegaremos para os dois, a norte e a sul. Nunca os magnatas se recusaram a lutar, aliás não sabem fazer outra coisa — acrescentou com desprezo. — Pouco importa onde é a terra ou o amigo que Urraca ataca, se cedermos agora, virá por aí abaixo, pior do que os mouros, que Deus me perdoe, vocês não a conhecem como eu a conheço...

Paio concordou:

— Sugiro que os convoque, que lhes diga tudo isto, com a convicção que sabe pôr nas palavras, rainha Teresa — acrescentou.

Teresa perscrutou-lhe o rosto em busca de alguma ironia, Paio era sempre o primo capaz de lhe dizer o que mais ninguém se atrevia, mas não encontrou um pingo de cinismo. Concordou. Falaria com os nobres.

## *Bierzo, abril de 1116*

*Ximena pegou na pena e, decidida, escreveu:*

*Filha minha,*

*Sei que chegaste aos Trava, e que preparam os vossos exércitos para cercar Urraca, que se refugiou no castelo de Sobroso. Nem imaginas como me entusiasma a ideia, e confesso-te que, se tivesse idade para subir a um cavalo e usar um arco e setas, estaria ao teu lado. Mas cautela, filha, muita cautela. Tudo se sabe, tudo se conta, e nós mulheres precisamos de cuidados redobrados contra o que pode contra nós a maledicência. É injusto, Teresa, sabemos que sim, mas que importa ficar por aí a chorar o que não tem remédio?*

*Não te quero enervar, mas apenas que pares e penses. Sabes o que dizem alguns dos teus barões: que saíste de Guimarães como as tuas filhas e o teu filho em gargalhada com Bermudo de Trava, como se fossem uma família que parte para uma caçada.*

*O que te deu para cavalgares ao lado de Bermudo, depois de tudo o que se passou? Porque te acolhes nos Trava, lá em cima na Corunha, quando podias ficar no teu paço de Astorga? Onde a minha presença e a da tua irmã Elvira te protegeriam?*

*Lembra-te que Pedro Froilaz é uma raposa. Podes vê-lo como aio dedicado a Afonso Raimundes, mas puxa pela memória e vais-te lembrar de como, em tempos, roubou o título ao seu protegido, e não te esqueças de que acima de tudo quer, como todos eles, mais poder, mais terras, mais dinheiro.*

*Por esta altura já deitaste fora esta carta, furiosa por me imiscuir na tua vida, mas aguenta mais um pouco, lê mais umas linhas, porque tenho outros avisos de que te virás a arrepender de não escutar.*

*Digo-to assim diretamente porque foi assim direto que me chegou: sei que a tua filha Urraca, tão parecida contigo de temperamento, está apaixonada por ele. Um homem que aos trinta anos é viúvo de duas mulheres, e com cinco filhos, é um alerta para uma mãe, mas uma atração particular para uma rapariga como a tua filha. Por isso, cuidado, muito cuidado com os passos que dás. Pensa bem se vale a pena magoá-la, age com cuidado, para que não amargue contigo.*

*Não tenhas ilusões e vê para lá da lisonja, vê para lá da arte que possa ter na cama, Bermudo só tem, neste momento, um intuito: levar-te a casar com ele.*

*Um dia será conde de Trava, mas se conseguir reinar no Condado Portucalense é um salto de gigante.*

*Por isso, pensa a sério, pensa se estás interessada nesse consórcio. Poderá fazer sentido juntar o território vasto dos Trava ao teu, conseguindo assim reunir à vossa volta os nobres da Galiza e os magnatas de Portucale, criando um reino maior, mais seguro, mais poderoso. E tu, Teresa, ganharias em ter ao teu lado um homem forte e experiente, quatro anos depois da morte de Henrique, que tanta falta te faz.*

*Mas se for este o teu objetivo, sonda rapidamente os teus nobres, arregimenta-os para a tua ideia. Infelizmente, suspeito que encontras uma forte oposição, a batalha entre Santiago e Braga está demasiado acesa, e a relutância que sei que tiveram em acompanhar-te nesta expedição já diz muito do estado de espírito dos teus senhores. Preferem, certamente, estar na linha da frente na luta contra os sarracenos, os primeiros a aceder ao espólio conquistado. Acima de tudo perderam Afonso VI, o imperador, perderam depois o conde D. Henrique, recebendo em troca duas mulheres e anos sem fim de discórdia e sarilhos. Sim, admiram-te e respeitam-te, mas não te iludas, confiam em ti porque és mãe de Afonso Henriques, que*

*educam e preparam para os liderar. Não têm razões para querer pactos com a Galiza, não querem favores feitos a Gelmirez, o oleoso e detestável Gelmirez, que se revelou ainda pior do que tudo o que sempre suspeitei dele, que não esconde a sua intenção de roubar a autonomia da tua Igreja, o seu desejo de os espezinhar, roubando-os, como pela noite roubou as relíquias dos seus santos.*

*Por isso pensa e pondera. Se queres casar com Bermudo, casa, já que de todos os que te rodeiam parece ser o único que te atrai. Prepara-te, no entanto, para ser abandonada por Paio, por Ermígio e por Egas Moniz, por todos eles, à vez.*

*Tem cuidado para que os teus filhos não façam o mesmo. Talvez a tua filha Urraca pudesse ir para Leão, para a corte da sua tia, alargando mundo, e talvez Afonso Henriques devesse voltar para a tua. Deixe que te conheça. Que te veja atuar. Que te admire, como admira o pai e o avô, de que certamente lhe contam histórias todos os dias. Se for Bermudo que escolhes, escolhe depressa.*

*Ximena pousou a pena no tinteiro e ficou a olhar o que tinha escrito. Esperava que, por uma vez, Teresa não fosse casmurra e seguisse os seus conselhos.*

## Castelo dos Trava, maio de 1116

Pedro Froilaz tentara dissuadi-la de partir à frente dos exércitos, dizendo que era demasiado arriscado, o que fariam se uma seta a trespassasse, mas Teresa respondera com acinte que preferia morrer no campo de batalha a morrer de tédio em casa.

Bermudo rira, e pelo canto do olho Teresa reparara como a sua filha Urraca se voltara imediatamente para ele, rindo também, sem saber se o devia fazer, o olhar a saltar entre o rosto da mãe e o do mais velho dos Trava, procurando indícios que confirmassem o que ouvira às criadas, e em que não queria acreditar.

Lidaria com as paixonetas da filha quando voltasse, por agora chamou-a e encarregou-a de tomar conta de Afonso Henriques, de não o deixar sair de debaixo de olho. Urraca mal lhe respondeu, limitando-se a proferir uns monossílabos, de uma birra que a mãe sabia estar reservada para quando a apanhasse desprevenida. Não queria parecer uma criança à vista de Bermudo, ao menos isso, pensou, e nunca mais deu um segundo ao assunto.

Mais difícil foi travar Afonso Henriques, que agarrado à túnica de Egas Moniz implorava para que o levassem também:

— O Afonso Raimundes vai e só tem mais dois anos do que eu, e se ele é rei, eu vou ser rei também — insistia, batendo o pé.

Bermudo aproximou-se dele e ajoelhando-se à sua frente tirou da ilharga uma adaga, no seu estojo de couro, e entregou-lha:

— Se Afonso Raimundes vai, mais uma razão para que tu fiques e defendas a minha casa e a minha família — disse-lhe com o ar mais sério do mundo, e Afonso tirou a adaga para fora e passou o dedo devagar pela lâmina afiada:

— Egas, é verdadeira! — exclamou encantado, e o aio teve vontade de cortar a cabeça a Bermudo, logo ali, mas, inteligente, limitou-se a dizer:

— Julgo que o senhor D. Bermudo não quer que use essa adaga exceto em caso de grande perigo — ao que Bermudo assentiu:

— Guarda-a debaixo da tua cama, e se um assalto estiver iminente usa-a. Mas entretanto treina com a tua espada no terreiro, com os meus filhos, porque vamos precisar de vocês todos em breve.

Bermudo tinha tanto jeito com as crianças como com as mulheres, pensou Teresa, sorrindo, mas Afonso e Urraca, e todos os outros, depressa passaram a segundo plano quando o armador lhe entregou o escudo e a espada. Dava tudo para que Alberto a visse de novo a partir para uma batalha.

— Posso ajudá-la a montar? — perguntou um cavaleiro galego que ainda não conhecia. O cabelo ondulado, escuro como a noite, chegava-lhe aos ombros e contrastava com os olhos mais azuis que alguma vez vira. Era alto e magro, e a armadura parecia mais leve do que a de todos os outros, ou talvez fosse ele que a usasse com mais graça.

Pondo um pé nas suas mãos fechadas em estribo, subiu para o seu cavalo de guerra, de que só se via a crina e a cauda brancas, de tal forma estava engalanado de panos vermelhos e dourados:

— Desculpe, não ouvi o seu nome — disse-lhe, e o cavaleiro sorrindo mostrou uns dentes impecavelmente brancos e perfeitos.

— Fernão Peres de Trava, rainha D. Teresa.

— Vai connosco ou fica com as crianças? — perguntou, desejosa de o provocar, sem saber porquê.

A gargalhada de Fernão fez voltar sobre ele a atenção dos cavaleiros que se preparavam para partir, mas não se pareceu importar minimamente com isso e, estranhamente, Teresa também não.

— O meu marido está a fazer-se de engraçado, senhora D. Teresa, não lhe dê corda senão nunca mais se cala daqui até Sobroso — escutou atrás de si a voz de uma mulher a dizer, e virando-se para a ver reconheceu uma das damas que lhe tinham sido apresentadas na véspera.

— Sancha Gonçalves, senhora D. Teresa.

E Teresa sentiu-se incompreensivelmente perturbada. Sorriu em sua direção, mas porque é que lhe custava o sorriso?, e tentou ter graça quando respondeu:

— Se for insuportável, fecho o elmo para não o ouvir.

Bermudo, que se aproximara, já montado, entrou na conversa que o parecia ter perturbado também:

— É com todo o gosto que lhe empresto o meu! Há trinta anos que oiço o meu irmão mais novo e sei o sacrifício que é. — E debruçando-se do cavalo beijou a cunhada afetuosamente: — Sim, prometo tomar conta

dele, que tem filhos para criar, eu sei. E tu, se me acontecer alguma coisa, toma conta dos filhos da tua irmã.

Teresa ouviu, meio estonteada — «filhos da tua irmã», então Bermudo fora casado com uma irmã de Sancha, será que tinha chegado aqui a Finisterra notícia do seu caso com o cunhado? Sem querer corou, e esporeando o cavalo dirigiu-se para a porta, procurando Ermígio, Egas ou algum dos seus barões. Por todas as razões, devia fugir destes galegos.

## Castelo de Sobroso, maio de 1116

O castelo de Sobroso, empinado no cimo de um monte, com o rio a correr-lhe aos pés, lembrava-lhe o castelo de Urvel, onde crescera. A encosta estava coberta de sobreiros, que davam o nome à fortificação, e quando olhava a água, Teresa dava por si a pensar que talvez também ali corressem as lágrimas de uma ninfa abandonada.

Cercada a fortificação, enviados os mensageiros, armadas as tendas, Teresa recolheu a uma esteira de muitos colchões, a luz da Lua a entrar por entre os panos. Uma brisa trazia o perfume da urze e das alfazemas, um cheiro inebriante, o perfume da sua infância, o perfume de Ximena Moniz. O ressonar dos homens nas tendas ao lado tornou-se cada vez mais alto, e enervada procurou tapar a cabeça com uma almofada, mas pareceu tornar-se ainda mais alto e mais insuportável. A certa altura saltou da cama, impaciente, sobressaltando a criada e o soldado que guardava a sua porta.

— Quero passear um pouco ao ar livre — justificou-se, e o pobre rapaz, que nem 12 anos devia ter, ainda tentou dizer-lhe que era perigoso, que o matavam logo ali se acontecesse alguma coisa, mas Teresa já ia longe, ignorando-o.

— Vai assaltar o castelo sozinha, rainha D. Teresa? — ouviu uma voz ao seu lado, e preparou-se para mandar decapitar o insolente. Mas Fernão só riu: — Já lhe disseram que à noite os seus olhos são como os de um gato, faíscam no escuro?

Teresa sentiu-se irritada. Quem se julgava este irmão Trava? Porventura imaginava que, por Bermudo ter tido sorte, era uma mulher fácil!, pensou com uma fúria crescente.

— As pessoas comuns não se atrevem a fazer comentários como esses — respondeu numa voz gelada, mas Fernão não pareceu minimamente indisposto pela reprimenda.

— Peço imensa desculpa, senhora D. Teresa, não pretendia ser mal-educado, longe de mim, mas é impossível não reparar na beleza do seu olhar. O meu pai diz-me que o herdou da sua mãe, a magnífica Ximena Moniz.

Teresa observou-o em silêncio, enquanto caminhava decidida para a beira do rio, grata pela luz da Lua de maio. Gostava de ouvir elogios à

mãe, tão pouca gente se atrevia a fazê-los, talvez só o pai e Henrique, mas o pai e Henrique estavam mortos, pensou com um suspiro.

Fernão esteve calado por uns minutos, pressentindo que a senhora de Portucale não queria companhia no lugar de memórias para onde fora.

Foi Teresa que sentiu vontade de recomeçar a conversa:

— Não consegui dormir com o barulho dos homens a ressonar. Acredito que, se Urraca sentir o mesmo, é a primeira a desejar quebrar o cerco. E ela sempre teve um sono ainda mais leve do que o meu — acrescentou.

Fernão pareceu curioso:

— Cresceram juntas, não foi...?

Teresa sacudiu o cabelo solto, que apanhou a luz da Lua e brilhou:

— A partir dos seis anos. Não foi fácil, Urraca era a filha da rainha Constança, nós, eu e Elvira, as filhas do rei Afonso VI que vinham do Bierzo...

Sem dar por isso, Teresa foi falando da sua infância, como nunca falara, nem com Henrique, que afinal a conhecera quase criança, e a quem não era preciso explicar nada. Fernão parecia que além de bom conversador era bom ouvinte:

— Senhora D. Teresa, estamos longe de mais do campo, é preciso voltar. Além de que...

Teresa pareceu acordar de uma crise de sonambulismo, e aflita viu as tochas como pontos pequenos no horizonte:

— Não posso voltar consigo, Fernão, não posso! Sobretudo depois...

Calou-se, torcendo as mãos uma na outra, num nervosismo que lhe era absolutamente invulgar. Fernão recriminou-se:

— Desculpe, não a devia ter deixado afastar-se tanto, mas estava tão interessado no que dizia... Mas não vai voltar comigo, senhora D. Teresa, vai à frente e chegará sozinha, um passeio solitário na noite, nada mais. Não volte a olhar para trás, ninguém me verá na sombra. Mas não corra, não corra como se tivesse alguma coisa a esconder. Teresa, rainha, não tem nada a esconder.

Teresa sorriu-lhe, grata:

— Até amanhã — despediu-se.

— Que Deus a acompanhe — concluiu Fernão.

* * *

Evitou encontrar-se com Bermudo, evitou encontrar-se com Fernão, manteve-se tão próxima quanto possível de Afonso Raimundes, enquanto esperaram dias e noites.

Depois chegou a notícia: Urraca estava em Santiago de Compostela e preparava-se para fugir da Galiza.

Utilizara um túnel antigo que ligava o castelo ao rio, e com mais dois cavaleiros tinham andado a pé até uma quinta próxima, comprando três cavalos ao pobre agricultor, que tremia de medo.

Teresa observou o rosto do sobrinho quando o conde de Trava lhe leu a nota que chegava de Diego Gelmirez, viu o nervosismo misturado com a raiva, o medo do ridículo acima de tudo. Não era justo que um rapazinho de nove anos tivesse de passar por isto, fosse levado pelos que juraram aos seus pais guardá-lo e servi-lo a revoltar-se contra a sua própria mãe. De soslaio olhou para o rosto de Ermígio e Egas Moniz, definitivamente decidida a trazer para a corte Afonso Henriques. Não queria que a história se repetisse.

* * *

No silêncio da noite, Teresa levantou-se e, dirigindo-se à arca onde guardava as suas joias, abriu devagarinho a tampa para que não rangesse, e depois procurou o objeto maior, embrulhado num pano de lã macio. A coroa da tia Urraca, murmurou baixinho, levantando-a à luz da candeia que ardia, e pondo-a sobre os seus cabelos soltos disse para si mesma «Teresa, rainha», mas o que ouviu foi a voz do pai, suave e doce, num repetido «Teresa, filha minha».

As lágrimas caíram-lhe pela cara, silenciosas. «Teresa, filha minha», dizia o pai, o imperador de todas as Espanhas, e ela não se despedira dele, não recebera a bênção das suas mãos trémulas. Tudo por culpa de Urraca, tudo porque Urraca se aproveitara da doença do pai para ficar com tudo.

Mas agora Teresa era rainha. Rainha de facto. O papa Pascoal II escrevera-o, preto no branco, «Rainha Teresa» dissera dirigindo-se a Teresa de Leão, à condessa Teresa de Portucale. E a bula ficava para sempre.

Mandara fazer uma cópia do documento para a enviar a Ximena Moniz. Os sonhos da mãe tinham-se realizado. E no bilhete que a acompanhara dissera: «Serei a rainha que a mãe foi, serei a rainha que a mãe poderia ter sido.»

## Coimbra, junho de 1116

Vestidos, lençóis, colchões, tapeçarias e sapatos, também os sapatos, e as joias, claro, e igualmente alguns livros, foram embalados à pressa nas arcas e nos caixotes, enrolados como pergaminhos e colocados em cima de carros de bois, tudo pronto para partirem com a maior pressa possível. Não havia tempo para gozar vitórias, nem tão-pouco para desenhar mais estratégias a norte, o aviso de que o emir de Marrocos Ali ben Yusuf reunira um exército de guerreiros ferozes e subia de Santarém para Coimbra obrigava a que todos corressem para a fronteira.

Os barões já tinham partido, Egas Moniz levou Afonso o mais rapidamente que podia para o Mosteiro de Cárquere, e Teresa e as filhas seguiam agora, e levariam cinco ou seis dias até Coimbra.

Bermudo e Fernão, e muitos nobres galegos, seguiriam com elas, o conde de Trava insistira, as alianças servem nos bons e nos maus momentos, dissera, vezes sem conta, e agora nem os barões portucalenses se podiam dar ao luxo de os dispensar.

Paio franziu o sobrolho ao vê-la entrar no terreiro do paço de Coimbra, ladeada por Bermudo e Fernão, mas não havia tempo a perder com congeminações, quantos mais braços melhor, era demasiado assustador para que qualquer outra coisa importasse.

Teresa abraçou-o calorosamente, e o primo e alferes sentiu que talvez tudo fosse imaginação e tudo estivesse como dantes.

— Senhora D. Teresa, as notícias são terríveis: não sobreviveu ninguém em Miranda do Corvo, as casas foram incendiadas e as muralhas derrubadas.

Teresa, pálida, perguntou:

— E Soure?

— Os de Soure nem tentaram resistir, incendiaram os seus próprios celeiros, envenenaram a água e fugiram o mais rapidamente que puderam. Estão recolhidos em casa de gente boa que disponibilizou os cantos, os estábulos, as lojas. Graças ao bom Deus, não tem chovido.

— Pergunto-te agora pelos de Santa Eulália — disse Teresa, percebendo que Paio ainda não tinha acabado de lhe dar as más notícias.

— Os de Santa Eulália não conseguiram fugir, foram apanhados e

acorrentados, levados para escravos, nem as mulheres e as crianças escaparam.

Teresa empalideceu. Fernão, que estava próximo, amparou-a, e Teresa não protestou para espanto de Paio, deixando que o seu braço repousasse no dele.

Bermudo parecia tão espantado como o alferes da rainha Teresa, mas, como ele, calou-se.

— Como está Montemor-o-Velho, e o que se fez aqui para fortalecer a cerca da cidade, as portas, e para proteger os arrabaldes? — perguntou.

— Os que vieram de fora e os de dentro não dormem. Cristãos, muçulmanos e judeus, nunca esta cidade foi tão unida, nem no tempo do senhor D. Sesnando.

Paio tinha vontade de falar nos francos e nos galegos, mas por cortesia calou-se. Em lugar disso, deu a última notícia que tinha para dar:

— Pedem-lhe que fique dentro do paço, que não se deixe ver, senhora D. Teresa, porque foi por um triz, por um triz, que não a fizeram prisioneira pelo caminho. Sabemos que a queriam capturar a si e às suas filhas, e a guerra estaria ganha se vos levassem.

Urraca, Sancha e Teresa aproximaram-se da mãe, que as envolveu com os braços:

— Não lhes vamos dar essa satisfação. Para dentro, filhas, vamos ver em que é que podemos ajudar.

E benzendo-se deu graças por Afonso Henriques não estar com elas. Estava certa de que capturá-lo seria o maior prémio para a investida destes sarracenos.

* * *

Durante vinte dias, os combates não cessaram. As portas da cidade estavam guardadas por centenas de homens, e nas muralhas os soldados caíam mortos pelas setas do inimigo, pelas bolas de fogo dos almorávidas. Teresa, contra todas as ordens, subira à torre de menagem e olhara para os campos em redor da cidade, o coração dividido entre o terror e a curiosidade: então eram estes os mouros vindos de África, comandados pelo próprio emir de Marrocos, dispostos a chegar mais

longe, a conquistar mais, a destruir os cristãos que ocupavam aquela que, do seu ponto de vista, era terra que lhes pertencia. O ruído dos combates, o relinchar dos cavalos que rebolavam por terra feridos, era ensurdecedor.

O pó do verão quente e tórrido, de uma Coimbra que não era abençoada pela brisa há mais de duas semanas, cobria os corpos que jaziam no chão, os panos pretos dos turbantes desenrolados como mortalhas. O rio Mondego parecia apenas um ribeiro, lá ao fundo, depois de um longo ano de seca, mas Teresa observava-o na ânsia de encontrar barcos que o subiriam com reforços inimigos.

As trompetas assinalavam que a Porta de Almedina se abria, e Teresa viu sair uma carga de homens galegos comandados por aqueles que só podiam ser Bermudo e Fernão, o estandarte dos Trava içado alto, na esperança de que os soldados encontrassem nas cores do senhor que serviam o alento para mais uma investida em território aberto. Pobre gente, arrastada do campo para marchar de lança na mão para uma morte certa, choque de corpo com corpo, de que ninguém tinha hipótese de sobreviver. Dentro em breve seriam carne para os abutres, que rondavam o céu, ávidos, foco de doença se não fosse possível enterrá-los a monte, numa vala comum, com uma bênção rápida dos padres e frades, que, pela noite, saíam das suas igrejas e mosteiros, na ânsia de lhes dar uma morte cristã, um passe para a vida eterna.

Teresa viu, lá em baixo, a Igreja de Santa Justa, que D. Maurício entregara às irmãs de Cluny, e benzeu-se. Era preciso trazer para dentro das muralhas as monjas, por muito que não quisessem abandonar o seu claustro, ou acabariam como as de Santa Eulália, acorrentadas em barcos que as levariam para a África bárbara, onde as esperava pior do que a morte.

Benzeu-se novamente. Nos últimos dias benzia-se e benzia-se, e quando não se benzia ajoelhava-se perante a imagem da Virgem Maria e pedia pelos cristãos que defendiam as suas fronteiras.

Fernão tinha-lhe dito que ia hoje procurar chegar a Montemor-o-Velho com reforços, não podiam deixar que a fortaleza caísse, a única que se mantinha. Recompensá-lo-ia com terras e castelos se saíssem de tudo isto vivos, mostrar-lhe-ia que a rainha de Portucale era grata. Quanto a Bermudo, a sua meta era Soure, acreditava que podia reconstruir as

muralhas, pelo menos o suficiente para que se tornasse de novo um bastião avançado. Era estranho como já não sentia nada quando o via, como se tudo não passasse de memórias fugazes, ou nem isso, como era possível que se tivesse esquecido tão facilmente do único homem, além de Henrique, a quem se entregara.

Mordeu o lábio com força. Uma coisa era deixar de sentir, ela deixar de sentir, ela rejeitar ou empurrar para longe de si, outra era aceitar a facilidade com que Bermudo se conformara a que o fizesse. Deixava-a com a sensação de que não fora mais do que um entretém, uma aposta que não tinha resultado. Teria de agir da mesma forma. E pensar no futuro. A sua filha Urraca parecia andar nas nuvens. Ainda ontem a repreendera quando se apresentara para a ceia como se estivessem em tempo de festa. A túnica encarnada de seda, sobre a camisa amarela, justa e cintada por um fio de couro com pedras preciosas, brilhando no meio de nobres que se apresentavam à mesa como tinham chegado do campo de batalha, sujos e poeirentos, porque não havia água para banhos. Não se conseguira zangar demais, de tal forma a lembrava de como ela própria se comportava quando o cruzado Henrique chegava das incursões feitas com o exército do seu pai e se lhe pendurava no braço, pedindo-lhe que lhe escrevesse da frente da batalha, que sabia ela então da frente da batalha...

Bermudo também parecia não ver na beleza da princesa Urraca motivo de ofensa, muito pelo contrário. Para irritação de Paio, e de muitos outros, aparecia à mesa como se tivesse acabado de sair das termas de Finisterra, e arranjava sempre forma de se sentar ao lado das infantas e das suas damas e de as seduzir, como se estivesse noutros tempos na corte de Leão. Como se Coimbra não ardesse às mãos dos mouros.

Nem sequer parecia pretender fazer-lhe ciúmes, conquistando a filha depois da mãe, reconhecia Teresa. Era mais como se tivesse posto um ponto final a uma história e estivesse disposto a começar outra. Tinha de se comportar como a rainha que era e pensar friamente, pensar como Ximena Moniz, uma ligação entre Bermudo e a sua filha podia servir os interesses do reino.

Voltou a olhar para o campo de batalha à sua frente. Tantos dos seus nobres arriscavam a vida lá em baixo, e só a afligia que Fernão não

voltasse. Sacudiu a cabeça, desesperada consigo mesma. Era Teresa rainha, que liderava as tropas para salvar a sua cidade, não uma jovem enfatuada. Comportava-se como a sua filha Urraca, dava razão aos maldizentes que afirmavam que o espírito das mulheres era volátil e tomado por humores. Uma dor súbita fê-la voltar a si, e olhando a mão em que se apoiava nas ameias percebeu que sangrava, na ansiedade raspara-a com demasiada força nas pedras de granito. Chupou o sangue com a boca, e sacudindo-a para aliviar a dor começou a descer em direção ao paço. Era melhor obedecer às ordens de Paio, em lugar de se pavonear ali, tornando-se um alvo fácil para os besteiros inimigos.

* * *

Fernão entrou no seu quarto, passando a guarda de soldados, de damas e de criados, sobressaltando-a. Perguntar-se-ia sempre porque não tinha gritado, bastava um grito, mas não o tinha dado.

Estupefacta vira-o sentar-se no fundo da sua cama, como um irmão que visita uma irmã doente, casual, descontraído, com o ar mais inocente do mundo.

— Vim dar-lhe a boa nova, rainha Teresa, dizer-lhe que a conjugação dos planetas nos deve ser favorável porque, sem percebermos bem porquê, os mouros recuam. Parecem afastar-se de Coimbra, ou é uma cilada ou vão-se de vez.

Teresa ficara tão aliviada que subitamente a visita do filho do conde de Trava parecera fazer sentido. Pusera um pé de fora, para se vestir à pressa, mas percebendo a perna nua, recolhera-a para debaixo do lençol. E depois, ou em simultâneo, não sabia dizer, corara, e Fernão rira, como um jovem que brinca ao toca e foge com uma rapariga do campo que quer fazer sua.

Não sabia nem queria descrever o que acontecera a seguir, mas a euforia da vitória conjugara-se com um sentimento indescritível, e parecera-lhe fazer todo o sentido, convidá-lo a que se deitasse ao seu lado, deixando que Fernão a beijasse e a fizesse sua.

* * *

Teresa pediu à criada que lhe trouxesse água quente para a tina do

banho. Da cama ficou a ver a rapariga acartar os baldes de água, e depois a lançar na água óleo de alfazema e pétalas de rosas, como fazia todas as manhãs. Mas quando tudo estava pronto, em lugar de lhe pedir que lhe esfregasse as costas e ensaboasse o cabelo, Teresa ordenou-lhe que saísse. Tocaria a sineta, colocada ao lado da tina, se precisasse dela.

Pondo-se em pé, deixou cair a camisa, e viu como estava vermelha a pele em que a barba mal feita de Fernão roçara, passando a mão pelos arranhões, beijando os seus próprios dedos em seguida. As pernas tremiam, de emoção e de terror, quando deixou o corpo deslizar para dentro da água morna. Fechou os olhos com força, não queria acordar, não queria enfrentar o mundo, não queria enfrentar Fernão.

Como adivinhara a paixão que sentia por ele já há tantos meses? Noites e noites a fio sonhara com aquele passeio em Sobroso, em que lhe tinha contado mais sobre si mesma do que alguma vez fizera a fosse quem fosse, esquecendo o perigo de se aventurar longe do acampamento, o risco de que imaginassem que escapara para um encontro impróprio logo com o irmão de Bermudo?

Abriu os olhos e atirou com a barra de sabão contra as pétalas de rosa, como um arqueiro que tenta que a seta atinja o alvo. Que raiva que sentia da segurança com que Fernão se comportava. Como se atrevera a entrar no seu quarto, a sentar-se na sua cama, a seduzi-la, tocando cada bocadinho do seu corpo.

Deixara, claro que deixara, que mulher não deixaria que o homem que desejava há meses lhe tocasse assim, tornando reais os seus sonhos? Mas agora, para onde iam depois disto? Lembrava-se dos avisos de Ximena, do perigo da má-língua, de como é fácil derrotar uma mulher, insinuando que é diabólica, que não tem virtude. E se Fernão, como Bermudo, estivesse apenas a cobiçar um lugar ao seu lado no governo do reino? E ambiciosos eram todos os Trava.

A água arrefecia à velocidade com que o medo a tomava. Tinha de o enfrentar, de os enfrentar. Chamaria Fernão para um passeio discreto, ninguém desconfiaria de nada, já tantas vezes tinham discutido estratégia e política caminhando pelo adarve. Explicar-lhe-ia que a relação não podia continuar, lembrar-lhe-ia o que ele aparentemente esquecia com facilidade, que era um homem casado e com filhos,

chamá-lo-ia à razão — a ele e a si própria. Não podia envergonhar os seus filhos, não podia deixar que Afonso Henriques fosse insultado por sua conta, não podia dar-se ao luxo de ser humilhada pelos seus vassalos, de suscitar a ira dos bispos e arcebispos, e do papa. Que destino era este em que, contra a sua vontade, acabava a seguir os passos de Urraca, gémeas, como profetizara Alberto.

Quando ouviu bater à porta do quarto, o coração acelerou.

A criada atrevia-se a regressar com um novo carregamento de água quente. Teresa sorriu-lhe:

— Chama quem me ajude a vestir — pediu.

* * *

Noite após noite, Fernão entrou no seu quarto e deslizou por baixo dos lençóis. Por vezes falavam apenas, e ele tranquilizava os seus medos, dizia-lhe que nunca amara ninguém como a amava a ela, que seria incapaz de viver sem o seu amor. Teresa acusava-o de se aproximar dela com o único intuito de chegar ao poder, mas Fernão respondia com gargalhadas, garantindo-lhe que não precisava de mais poder do que tinha, filho do conde de Trava, senhor de terras a perder de vista, e um cavalo, um arco e uma espada.

Outras faziam amor até de madrugada, e nesses momentos Teresa acreditava com todas as suas forças que era este o homem da sua vida, que pecado seria recusar tudo aquilo que tinha para oferecer.

De manhã arrastava-se, cansada, até à capela, e de joelhos sobre as lajes frias pedia a Deus que a perdoasse, pedia a Deus que o casamento de Fernão fosse declarado nulo, e pudessem ser abençoados, legitimando à luz de Deus e do direito uma relação tão plena como a deles.

Aos poucos, com toda a naturalidade, começaram a descer juntos para a missa, depois parecia-lhe evidente que era ele que se devia sentar ao seu lado às refeições, e aos poucos o dia a dia tornava-se o de um casal apaixonado e feliz.

Passaram-se meses sem que ouvisse nada. Nem um riso escondido, nem um aviso, nem por uma vez encontrara as damas naqueles risinhos que indicavam sempre que se entregavam a discutir a luxúria alheia.

Urraca, Sancha e Teresa rodeavam Fernão como fariam a um amigo mais velho, e Fernão tinha um cuidado especial por cada uma delas, seduzindo-as também. Teresa suspirava de felicidade quando os via todos juntos, convencida, ou querendo fingir que o estava, de que ali, longe da terra dos Trava, podiam ser uma família. Era tão fácil esquecer Sancha e os filhos quando Fernão agia como se não existissem.

Como podia Deus não estar contente, se com um mesmo golpe lhe dava uma vitória militar e o amor de um homem extraordinário?

Nos momentos de dúvida, Teresa recordava a si mesma que era ela a rainha, que era ela que fazia a lei, recordava que era filha do glorioso Afonso VI, que casara com uma moura e declarara herdeiro o varão nascido dessa união. Não era menos do que o pai. Não dissera a mãe, não dissera a tia Urraca, que os poderosos podem reger-se por outras regras? Estava segura de que ninguém podia estragar a sua felicidade.

* * *

A cidade chorava os mortos e celebrava a vitória, numa mistura de sentimentos contraditórios que afogavam em vinho nos dias longos de verão e em missas de ação de graças, num repicar de sinos constante. Ninguém se importava que na alegria os cânticos moçárabes voltassem às cerimónias, como pouco queriam saber que os médicos judeus e as ervas mouras se juntassem em pensos que procuravam salvar os homens feridos.

No paço, Urraca, Sancha e Teresa pareciam já ter esquecido o medo, e afadigavam as costureiras em roupas novas, à altura dos nobres francos, galegos e portucalenses que percorriam as salas e se sentavam à mesa para jantar, dançando ao som da música com um ritmo contagiante, rindo com as graças dos jograis.

Mas, lentamente, Paio e um grupo de magnatas pareciam incapazes de se juntar à festa, cochichando entre eles sempre que Teresa descia para cear no braço de Fernão de Trava, e os senhores da Galiza ocupavam os lugares de cima da mesa, como se a sua senhora tivesse esquecido aqueles que há tantos anos a serviam.

Teresa parecia não os ver, não os ouvir. E mesmo quando a tia Gontrode teve a franqueza de a abordar, chamada pelo filho, numa

tentativa de incutir algum senso na rainha, mesmo então limitara-se a sorrir e a encolher os ombros. Finalmente, a irmã de Ximena deixara de lado os avisos e os sermões, e para espanto da sobrinha recomendara mezinhas de ervas para que não engravidasse. Teresa sentira o sangue subir-lhe à cabeça, de vergonha e embaraço, desvalorizara o conselho, protestando: «Tia, sinceramente, quem é que engravida aos 36 anos.» Gontrode ficara séria.

Não muita gente, é certo, mas alguma! Humilde, estendera a mão para receber o saquinho de pano com os segredos que a Igreja proibia. «Mais um pecado», murmurara Teresa. «Mais um pecado, mas menor do que um outro, o de tirar a vida a um menino que cresce no ventre da mãe», respondera a tia, com uma frieza que a gelara por dentro.

Mergulhara no trabalho, certa de que, se a vissem fechada no *scriptorium* com Paio, a escrever documentos e a preparar doações, com as quais recompensava os bravos que haviam lutado para salvar Coimbra, estimulando todos aqueles que tinham descido a sul a ficar por ali, protegendo a fronteira, deixariam de se importar com quem dormia ou deixava de dormir.

Mas nem isso serviu para os distrair de coscuvilharem a sua vida íntima, pensava, irritada. Percebia que Paio, Ermígio, Egas Moniz e tantos homens da sua cúria continuavam a reagir à presença constante do conde galego, mas o que agora já lhe parecia uma birra só a enervava mais: não viam que a aliança com os Trava só poderia trazer benefícios a todos? Como teriam vencido esta guerra sem a ajuda dos galegos?

Contudo, os seus argumentos pareciam nem sequer demover Paio. O seu leal Paio cada dia falava menos, ria menos, dizia menos. Gontrode podia ajudar a proteger o seu amor por Fernão, mas pelos vistos não podia contar com o primo. Despeitada, reagia: se quer ir-se embora, que vá! Haveria mais quem a quisesse servir.

## *Bierzo, outubro de 1116*

*Ximena não tinha dúvida do que trazia Teresa a S. Pedro de Montes, sozinha, neste início de outono tão frio. Pedira-lhe que deixasse Astorga e enveredasse pelos caminhos do Bierzo, com urgência, a maior das pressas. Esquecia-se de que a mãe já tinha quase sessenta anos, o reumático a prender-lhe as mãos e a afligir-lhe os pés? Mas Teresa esquecia, é claro que esquecia, quando é que Teresa tinha pensado nos outros?*

*Mas o que lhe podia dizer? Que fora tola em perder-se de amores por Fernão, um homem casado, que agora deixava a mulher por ela, sem hesitação, como podia hesitar trocar a pobre Sancha pela condessa, pela rainha Teresa? Quem era ela para pregar, ela que sabia e acreditava que há amores na nossa vida aos quais não podemos, não conseguimos, dizer não?*

*Esfregando as mãos, tentou acalmar-se. Nem parecia seu, enervar-se com uma coisa destas, quantos problemas maiores resolvera? E além do mais havia o precedente de Urraca, que fizesse uma rainha o que fazia a outra!*

*Só uma coisa estava certa, aquela criança tinha de nascer, porque arde nas chamas do Inferno quem mata o próprio Cristo que lhe cresce no ventre. Tudo o resto se resolveria.*

*Agora era preciso rezar fervorosamente para que fosse uma menina. Que ironia, quantas vezes ao longo destes anos se ajoelhara frente à Virgem a pedir um rapaz. Mas um rapaz, neste momento, seria uma tragédia. Não para os Trava, é claro que não, mas para Teresa, que no mesmo instante veria os magnatas reunirem-se em redor de Afonso Henriques, o filho do conde. E a história voltaria a repetir-se. Estava cansada, o povo estava cansado de guerras entre marido e mulher, de guerras entre irmãs, de guerras entre mães e filhos.*

*Seria uma menina e cresceria ali, no Bierzo, com a avó, longe da maldade da corte, e entraria para um convento livre do peso da mácula dos seus pais. Viveria o tempo suficiente para a proteger. Como protegera Elvira e Teresa.*

## S. Pedro de Montes, outubro de 1116

As folhas caíam das árvores e o rio corria mais forte das primeiras chuvadas depois do verão. Os castanheiros abanavam os troncos ao vento já frio, as castanhas saltavam das suas carapaças espinhosas, e as crianças da aldeia corriam a apanhá-las, enchendo com elas sacos que exibiriam triunfantes nas cozinhas das suas mães. Hoje não vai haver fome naquelas casas, pensou Teresa, sorrindo para os gaiatos que inclinavam a cabeça numa saudação quando passavam por ela. Estava certa de que Afonso Henriques e os filhos de Egas Moniz fariam o mesmo.

Viera até aos vales da sua infância em busca do conselho da mãe, imaginando que ela, como sempre, resolvesse os seus problemas, mas desta vez a solução de Ximena parecia-lhe impossível. Como poderia ficar por aqui durante tantos meses, longe do governo do seu reino, escondendo uma gravidez que a apanhara de surpresa?

Uma andorinha atrasada esvoaçou por cima da sua cabeça, e a rainha Teresa olhou o céu, procurando nele uma resposta. Que hipócrita era, ignorando a lei de Deus na terra, mas voltando-se para os céus em aflição.

Tudo aqui lhe recordara como fora feliz, mas também como o estigma do seu nascimento a marcara. Fingira sempre não ouvir o sermão do padre que, propositadamente ou não, lembrava que os filhos devem nascer apenas de casamentos legítimos, vociferando contra o pecado da luxúria que levava a que esses pobres inocentes ficassem para sempre marginais. «Concupiscência», repetiu a palavra, sem conseguir deixar de sorrir, quantas vezes perguntara a Elvira o que queria dizer.

De que servira a Ximena e a Afonso VI terem renegado o seu amor? Ela escondera-se aqui nestas montanhas recônditas e ele seguira com a sua vida, somando esposas e filhos. Mas Ximena não era rainha e ela era. Rainha solitária, num esforço constante por manter o poder que lhe fora entregue pelo pai, comparada a Jezabel e a víboras, denegrida a cada momento porque os homens viviam mal a prestar vassalagem a uma filha de Eva.

Nesta altura do ano não havia malmequeres, mas se os houvesse repetiria, como em criança, o «bem me quer, mal me quer, muito, pouco

ou nada», para concluir, e que sorte tinha, que era muito amada. Quem podia desistir de ser muito amada?

A decisão estava tomada. Voltaria à sua corte, rezaria à Virgem Maria pedindo-lhe a proteção que dava a todas as mulheres, e enfrentaria a consequência dos seus atos. Revelaria aos seus filhos, primeiro, e depois a todos os outros, que o bebé que crescia dentro de si era filho de Fernão, e que acreditava que, aos olhos do Altíssimo, Fernão era seu marido. E que alguém se atrevesse a atirar a primeira pedra.

## Paço de Guimarães, abril de 1117

— Senhora D. Teresa, não me parece boa ideia que, nestas condições, o senhor D. Afonso Henriques venha para a corte — declarou Ermígio, endireitando as costas e assumindo todo o poder e estatuto dos Ribadouro.

— A mim parece-me impossível — rugiu Egas, e o tom da sua voz era o de um pai que descompõe uma filha que lhe desobedeceu.

Paio olhou para Teresa, temendo o pior. Nunca ninguém lhe falara assim. Num gesto impulsivo, tocou-lhe, ao de leve, num braço, como dantes fazia quando a queria recordar de que não valia a pena explodir, que tinha de ter cuidado com as consequências da explosão.

Mas de nada valeu. Teresa não se recordava do que sucedera a seguir, mas tinha a certeza de que tinha gritado que Afonso Henriques era seu filho e que lhe cabia a ela, e só a ela, decidir o seu futuro, com quem devia ficar, quem o devia educar. Recordava-se da insolência com que Egas a olhara, e sentia uma dor no peito funda quando recordava a desilusão no olhar de Ermígio, cuja amizade lhe custava perder.

Seguira-se a pergunta que temia, mas feita de forma tão descarada que ainda agora a enchia de raiva, como se atrevera Egas Moniz a fazê-la naqueles modos, como ousara dizer:

— A senhora D. Teresa espera um filho!

Não dissera um filho de Fernão Peres de Trava, mas antes deixara a frase propositadamente a meio como se pudesse ser filho de qualquer um, como se ela fosse uma dessas prostitutas que satisfazem os homens por dinheiro, nas tabernas e nos banhos públicos.

Completara ela a frase.

— Espero um filho, ou uma filha, de Fernão Peres de Trava — respondera, procurando que a voz não tremesse.

Como se atrevia Egas a tanto desprezo, a tanto acinte, mas se ele falava assim, como falariam as mulheres da corte, como falaria a sua mulher e as aias e criadas da sua casa, da casa onde o seu filho Afonso vivia. E ouvia.

A chantagem era evidente e ela cedeu. Concordara em esperar mais um tempo, concordara que Afonso ficasse com os seus aios, pelo menos até que esta criança que carregava nascesse. Em troca, recebera dos

irmãos Moniz a promessa de que o príncipe Afonso Henriques seria protegido, a todo o custo, dos rumores que difamavam a honra da mãe.

De dia, Teresa erguia a cabeça, a barriga a crescer.

Não se admirou quando Paio lhe disse que Egas Moniz não voltaria a testemunhar nem mais uma única das suas doações.

— Desconfio que não voltará à corte — disse Teresa, sem esconder o alívio.

E olhando para Paio atreveu-se finalmente a perguntar:

— E tu?

Paio esforçou-se por manter a cabeça alta:

— Fico enquanto sentir que sou preciso.

Teresa passou-lhe a mão pelo braço, agradecida:

— Mais do que nunca, Paio, mais do que nunca.

Mas Paio sentiu que o seu braço fugia e a pele se eriçava. Não entendia como Teresa era capaz de arriscar tudo o que conquistara. Se D. Geraldo estivesse vivo, seria capaz de a levar ao caminho certo, mas não estava.

Teresa esboçou um sorriso triste:

— Estás a pensar que, se D. Geraldo estivesse entre nós, tudo seria diferente? Penso o mesmo tantas vezes. Mas nem ele me podia perdoar, sabes isso, pior do que isso, nem ele me conseguia fazer mudar de ideias. De sentimentos.

A cabeça de Paio descaiu sobre o peito, o olhar nos botins de couro. Estaria Teresa enfeitiçada?

## Paço de Viseu, maio de 1118

Teresa sentou a filha de um ano ao colo e deixou-a brincar com os seus anéis. Era tão bonita esta Sancha Peres de Trava, afilhada da meia-irmã Sancha, com os seus olhos azuis muito grandes, a pele branca e o cabelo clarinho, da cor do seu.

Nada tinha sido fácil desde que decidira viver abertamente a gravidez, viver abertamente a sua relação com Fernão Peres de Trava.

Afonso Henriques reagira com fúria e revolta, aos oito anos incapaz de perceber a opção da mãe, certamente envenenado pelas conversas que escutava nas cavalariças e, quem sabe, em casa dos seus aios, apesar da promessa feita.

As três mais velhas tinham-se habituado a vir brincar com o bebé, e pareciam aos poucos ter-se esquecido de que não era apenas mais uma irmã.

O batizado tinha sido discreto, na Sé de Viseu, Fernão levara a criança à pia batismal, e Teresa agradecera o facto de a quarentena a impedir de sair do seu quarto isolado para evitar doenças e outros perigos. A igreja estava praticamente vazia, e Egas Moniz pretextara uma indisposição do pequeno conde Afonso para não o trazer à cerimónia, da mesma forma que o bispo deixara a função a um padre novo, acabado de chegar. Teresa engolira todos estes sapos, consciente de que não valia a pena agitar as águas mais do que aquilo que já estavam.

Fernão criara mais ressentimentos entre os criados da casa, ao trazer para a corte a ama que cuidara dele em pequeno, e que a princípio hostilizava a rainha, como se o filho do seu menino lhe pertencesse por direito e a mulher que o dera à luz não fora mais do que uma barriga emprestada, sem quaisquer direitos sobre o bebé. Aos poucos, e depois de umas palavras duras do seu amo, afeiçoara-se à rainha e aprendera a ignorar a hostilidade com que a tratavam nas cozinhas.

«Ai, Sancha», protestou Teresa, sentando a filha no chão e passando a mão discretamente no ventre. Seria mais fácil ou mais difícil dizer a todos que estava grávida de novo? Suspeitava que as ervas contracetivas da tia Gontrode estimulavam a fertilidade, porque aqui estava, aos 38 anos, de novo à espera de um filho. Sabia bem o perigo

que corria, mas a Virgem havia de a proteger, o amor de Fernão não a deixaria morrer num parto, como acontecia a tantas e tantas mulheres.

Quanto à sua corte, habituar-se-iam, mais uma vez. De qualquer forma, o que era a sua corte agora, abandonada por tantos dos senhores de cuja lealdade até agora nunca duvidara? Tinham-na magoado fundo, e como acontecia quando a feriam, respondera de forma fria e distante. Se queriam ir embora, que fossem.

Graças a Fernão e a Bermudo, e às suas qualidades militares inigualáveis, tinham vencido um novo ataque almorávida a Coimbra, ainda mais feroz do que o primeiro, desta vez com o inimigo a chegar por mar. Como é que era possível que os magnatas não entendessem que sozinhos teriam perdido a cidade, e, perdendo a cidade, nada travaria os sarracenos de chegar mais a norte, tomando os seus castelos, as suas terras? E como é que não entendiam que sem o apoio dos condes galegos não poderiam fazer frente a Urraca e a Afonso Raimundes unidos num pacto, ele prometendo conformar-se ao reino da Galiza, a Toledo, e a respeitar a mãe, que se mantinha senhora absoluta de Leão e Castela.

Mas não viam, não queriam ver. Até a culpavam pela morte do papa Pascoal II e pela eleição do papa Gelásio II, como se tivessem resultado de maquinações suas, que delírios loucos. Que responsabilidade podia ter, Virgem Santíssima, no comportamento de D. Maurício, ela que nunca escondera como o detestava, como o poderia ter influenciado a tomar o partido do imperador Henrique, e a deixar-se eleger Gregório VIII, um antipapa logo excomungado, como era óbvio?

E, claro, assacavam-lhe as culpas por Diego Gelmirez ter sido capaz de elevar Santiago de Compostela a sé metropolitana, como se Gelmirez precisasse do pecado dos outros para alimentar a sua ambição.

Fernão procurava acalmá-la, pedindo-lhe que afastasse os pesadelos que lhe povoavam os sonhos, mas não havia infusões nem poções que lhe garantissem um sono descansado. Pobre menina que crescia dentro de si, menina sim, como conseguiria aplacar a fúria do seu filho Afonso Henriques se pressentisse um rival neste quarto de brinquedos?

Mas nada disso se comparava com o que vinha aí. O novo bispo de Braga era Paio Mendes, sobrinho do «seu» Paio, descaradamente sagrado há dias em Segóvia, frente à rainha de Leão e Castela, que o

premiara com mais terras para o couto de Braga, como se Braga lhe pertencesse, como se ela, rainha Teresa, lhe devesse vassalagem. E os senhores do Condado Portucalense, depois de tudo por que tinham passado, preferiam Urraca a Teresa, pensou furiosa, as lágrimas de raiva a saltarem-lhe dos olhos. Hipócritas, não era o seu pecado com Trava que afinal abominavam, porque o pecado de Urraca com Lara bradava aos céus tanto como o seu!

A pequenina Sancha Peres de Trava começou a chorar, e da mão de Teresa escorria sangue, fazendo-a gritar pela ama.

— Não foi nada, senhora, quando se pôs em pé agarrada às suas saias deve ter batido com a boca num dos seus anéis — sossegou a pobre mulher.

Teresa pediu-lhe numa voz cheia de aflição:

— Leva-a, leva-a, vê se partiu algum dos dentinhos novos.

A ama sossegou-a.

— É beber um gole de água e já passa — garantiu.

* * *

Nomeara Fernão tenente de Coimbra, parecia-lhe mais do que justo que o fizesse, depois de tudo o que fizera pela cidade. Fernão, por seu lado, escolhera para os postos principais de defesa da fronteira gente sua, quem haveria de escolher, aqueles homens que agora fingiam que não o viam e o podiam apunhalar pelas costas?

Fosse como fosse, fora a última gota a fazer transbordar o copo. Paio anunciara que se ia dedicar ao cargo de governador da Maia, e Teresa aceitara a sua demissão sem discussão. Entre eles tudo se havia quebrado.

Teresa pôs a mão contra o coração e respirou fundo. Se os corações se partiam, Paio partira o seu. Mas a vida continuava, tinha de continuar.

## *S. Pedro de Montes, setembro de 1119*

*Para Ximena fora uma surpresa amarga e doce. Quando uma das suas damas lhe viera dizer que ali estava o irmão Alberto, do mosteiro real de Sahagún, pedindo para ser recebido, sentira vontade de correr a acolhê-lo, como quem recebe um filho há muito em viagem. Mas refreara o impulso. Naquele instante tivera a certeza de que Alberto vinha ter com ela porque a situação de Teresa o impedia de se lhe dirigir diretamente, até mesmo de lhe escrever. A sua visita tinha um outro lado da moeda, e Teresa ia sofrer esta exclusão com um sofrimento imenso. Ao lado do silêncio de Alberto, o de Paio pareceria, pelo menos por momentos, irrelevante.*

*O nascimento da segunda filha da rainha Teresa e de Fernão de Trava fora, para muitos, inadmissível. Não podiam, genuinamente, aceitar esta ofensa pública à moral, partindo de quem devia dar o exemplo. Detestava os hipócritas, mas era obrigada a reconhecer a sinceridade daqueles que, como Alberto, agiam conduzidos pelas suas convicções.*

*Alberto, que, sentado à sua frente, tomava uma infusão quente para lhe aquecer as mãos, neste fim de verão antecipadamente frio, perdera a expressão jovial e divertida, a graça rápida que desconcertava sempre. «Nunca me vou esquecer da crueldade dos soldados do Batalhador que devastaram a vila de Sahagún, o rosto das mães, os corpos dilacerados dos bebés», confessara-lhe, quase num lamento.*

*Com a dor viera também o ressentimento. Alberto procurava culpados, e exigia ainda mais de quem governava o destino dos homens. A rainha Urraca, com as suas hesitações, os seus repúdios e reencontros com o Batalhador, tinha-o desconsiderado definitivamente aos seus olhos. A união com Pedro de Lara e os dois filhos chocavam-no, mas já não o conseguiam desiludir. Teresa, contudo, Teresa sempre fora diferente, de Teresa esperava sempre o melhor. Por ela quebrara regras, desobedecera, conspirara, arriscara a vida. Mas, agora, parecia tê-lo traído: ao voltar as costas a uma vida de virtude, enganava-o.*

*Num fio de voz, confessara a Ximena o que não contava ao seu confessor, de como tantas vezes se lembrava daquele dia em que a princesa e ele se tinham debruçado sobre o caixão do rei Garcia da Galiza e lhe tinham visto as grilhetas nos tornozelos.*

*«Sabe», dissera a Ximena, o rosto a iluminar-se com orgulho, «a infanta Teresa, ainda tão criança, confrontou a senhora D. Urraca Fernandez, quis saber se era verdade que ela e o pai tinham mandado prender o tio. E, na altura, a resposta de que os poderosos por vezes têm a obrigação de fazer coisas terríveis pareceu-me razão que baste.» Mas hoje, explicara, franzindo o sobrolho, como se naquele momento ainda pensasse sobre o assunto, hoje a formação que recebera em Cluny, tudo o que lera desde então, não lhe permitia fazer batota com a verdade. Quem recebia de Deus a graça do poder sobre os outros, recebia também a responsabilidade acrescida pelos seus atos. «Reinar é servir», argumentara com ela, e Ximena colocara a sua mão sobre a dele, procurando sossegá-lo.*

*Já não se lembrava de tudo o que lhe tinha dito, mas sabia que tinha fugido a defender a filha. Falara-lhe antes de misericórdia e de perdão, de que para julgar temos de saber tudo e, quando sabemos tudo, não queremos julgar. Fora sonsa, sonsa como uma raposa que finge que se afasta do galinheiro, para depois atacar. Não tinha orgulho em usar Alberto, como o usara já tantas vezes, mas primeiro estava Teresa, primeiro estava a rainha. E Teresa precisava de Alberto, e da informação que lhe trazia.*

*Não se enganara. Consolado por se sentir compreendido, como quem paga a pena antecipadamente pelo pecado que vai cometer, Alberto mudara de tom e fora direto ao assunto que ali o trazia. Percebia que, ao informar Ximena Moniz, informava Teresa, com a urgência necessária, e era isso que lhe importava. Ximena escutara-o com avidez. O conclave para eleger o novo papa preparava-se na casa-mãe de Cluny, e o monge copista tinha conhecimento certo de que dentro de semanas o irmão do conde D. Raimundo, o arcebispo Guido da Borgonha,*

*seria escolhido para papa, com o nome de Calisto, Calisto II. O pequeno rei Afonso Raimundes contava agora com um advogado da sua causa em Roma, mais alto não podia ambicionar. Um papa borgonhês, decidido a sentar um borgonhês no trono de todas as Espanhas, restabelecido o triângulo Leão, Cluny e Roma, como no tempo de Afonso VI e D. Hugo, e que tão útil fora a todos. «O novo papa acredita que assim se poderá retomar a ofensiva contra o infiel, em lugar de nos digladiarmos uns aos outros», suspirara. Tudo isto significava que Urraca e Pedro de Lara eram inimigos a abater, antes mesmo que decidissem colocar no trono o seu filho comum.*

*Alberto notara a incredulidade no rosto de Ximena e justificara, sorrindo: «Acredite, senhora D. Ximena, que o senhor D. Bernardo de Toledo pode estar mais velho, e muito mais sofrido depois da perseguição que o Batalhador lhe fez nos últimos anos, mas ninguém o bate na arte de montar uma conspiração.»*

*Depois fora Ximena a fazer as previsões. Em breve, mal a notícia lhe chegasse, Diego Gelmirez iria avançar sobre a rainha Urraca, fingindo defender Afonso Raimundes de uma imaginária conspiração da sua mãe, que se encarregaria de tornar o mais credível possível. Intrigaria até que mãe e filho entrassem de novo em conflito, movendo depois todos os seus peões, incluindo o sabujo cronista D. Hugo (ao ouvi-la referir-se assim ao bispo do Porto, Alberto dera uma genuína gargalhada, recordou Ximena satisfeita), para levarem a Roma notícias, presentes e promessas, todas com o objetivo de convencerem o novo papa de que todas as suas apostas devem ser feitas no arcebispo de Santiago.*

*Alberto interrompera-a, de sobrolho franzido: «Sei que D. Hugo já partiu. Disfarça-se de mendigo, com um olho cego, para enganar os inimigos que o querem impedir de chegar ao seu destino.»*

*Ximena dera uma gargalhada: «Gelmirez adora pensar que o mundo inteiro o persegue, e pelos vistos o seu lacaio segue-lhe as pisadas.»*

*Mas Alberto não se juntara ao riso: «Não sei se imagina tudo. Diz-se que Fernão Peres de Trava tem espiões por todo o lado, e o senhor de Lara não lhe fica atrás. Nem um nem outro têm interesse em que cheguem notícias dos seus relacionamentos pecaminosos aos ouvidos do Santo Padre.»*

*Ximena não confessara que, também ela, tinha homens e mulheres a soldo em lugares-chave, na corte de Urraca, como desde sempre, entre os prelados de Santiago de Compostela e, mais secreto ainda, entre os próximos de Peres de Trava, pai e filho, não confiava em nenhum. Mas dessa parte da sua vida não queria nem podia dar contas, muito menos a Alberto.*

*Por isso rira, como se a cilada que se armava ao bispo do Porto fosse delírio de loucos: «Continuo na minha, D. Diego Gelmirez e o seu escriba gostam de se imaginar o centro do mundo! Se forem assaltados no caminho de Santiago, imaginam uma conspiração, enquanto, quando o mesmo acontece a centenas de outros peregrinos, sustentam que é a vontade de Deus, e que melhor seria se tivessem deixado tudo o que tinham nos peditórios da catedral.»*

*Alberto não resistira à ironia amarga de Ximena, sorrindo. Gostava de saber escrever com aquela acutilância. Mas segundos depois o rosto tornara-se de novo sério. «Deixemos a Deus a avaliação do caráter dos homens que o servem, o que nos importa agora é salvar a senhora D. Teresa. E para isso a rainha», e Alberto pronunciara o epíteto com ternura, «tem de se deixar de caprichos e agir rapidamente em duas frentes, resolvendo a incompatibilidade com o bispo de Braga, sob risco de que a associação de Paio Mendes à rainha Urraca lhe custe caro, e resistindo a fazer incursões militares na Galiza, sob risco de que o exército de Afonso Raimundes, reforçado por francos e borgonheses, e manipulado pelo bispo Gelmirez, a obrigue a uma vassalagem que não deseja.»*

*Ximena concordara com tudo, e o monge copista, aliviado por ter partilhado as suas preocupações, aceitou o copo de licor e, descontraído pelo álcool, falaram dos montes e vales do Bierzo, até que as vésperas o chamaram.*

*«Reze por nós, reze por ela», pedira-lhe Ximena, sem ironia. Teresa ia precisar de todas as*

*orações do mundo.*

## Paço de Viseu, abril de 1120

Teresa andava de um lado para o outro como uma fera enfurecida:

— Destruiu o teu castelo, o nosso castelo, que tinhas acabado de construir? Como é que Gelmirez se atreve! Com que direito é que destrói, queima e incendeia? Em nome de quê e de quem?

Fernão, sentado a cavalo no banco junto à lareira, tentava acalmá-la:

— Teresa, é uma provocação, temos de pensar bem na melhor forma de reagir.

Mas Teresa não o escutava:

— É tudo pior do que aquilo que Alberto nos disse. Foi tudo longe demais. Gelmirez é legado papal, e tem direitos sobre Braga, sobre Mérida, Fernão, e Mérida ainda está sob jugo dos sarracenos, tem poder sobre Coimbra, e tu, que és governador de Coimbra, devias estar ainda mais irritado do que eu, mas não, aí estás a aquecer-te à lareira como se nada fosse.

Fernão deu uma gargalhada. Na forma como reagiam às suas fúrias, Henrique e Fernão eram parecidos, desvalorizavam-nas e, ao contrário do que acontecia com todos os outros na corte, não revelavam a mais pequena gota de receio. Talvez fosse isso, pensou por segundos Teresa, que a levou a escolhê-los, a amá-los.

Mas Teresa não estava disposta a ceder à razão:

— Fernão, só pode ser Urraca que está por trás de tudo isto. Urraca entendeu que tinha de se aliar a Gelmirez caso se quisesse manter no poder, e a esta hora mandou emissários a recordar ao seu querido cunhado Calisto II que nunca pensou em roubar o trono ao filho, que a única inimiga aqui é a sua irmã Teresa.

Fernão pôs-se de pé e pousou as mãos sobre os ombros da rainha, olhando-a nos olhos:

— Exatamente por isso não podemos agir sem pensar.

Teresa soltou-se das mãos de Fernão e deu um grito de triunfo:

— Já sei, já sei, Fernão. Vamos fazer doações ao Porto, besuntar as mãos a D. Hugo, criando em D. Gelmirez a suspeita de que se vendeu aos condes de Portucale. Como Gelmirez avalia os outros pela medida em que se tem a ele próprio, não vai ser difícil.

Satisfeita com a ideia, entusiasmada continuou:

— E mais, Fernão, acabaram agora as cedências a Egas Moniz. Afonso Henriques volta definitivamente para a corte agora. Sempre disse, e a cada dia o confirmo, que o príncipe não deve estar nas mãos dos aios. É preciso que assine as doações que faço, esteja ao meu lado nas decisões, é preciso que mesmo aos nove anos se sinta parte do governo que fazemos. Só assim estará a salvo das intrigas, verá com os seus próprios olhos que não ajo a mando de ninguém, que ninguém lhe quer roubar nada.

Fernão concordou:

— Pela minha parte vou procurar arregimentar o máximo de homens possíveis. Seria melhor convocares a cúria e consultares os barões.

Mas Teresa encolheu os ombros, irritada:

— Não consulto ninguém. Anuncio que vou partir. Se não me seguirem, tiro desse gesto as devidas consequências.

Fernão discordou:

— Sabes que tenho de ficar em Coimbra, temos novos rumores de um ataque almorávida, é aqui o meu posto, neste momento, e Bermudo fica comigo. Com quem é que vais para norte?

Teresa sentiu-se por uns segundos angustiada, mas não o quis revelar:

— Claro que tens de ficar aqui. Com os homens que o teu pai conseguir convencer a deixarem os campos, com os homens que responderem ao meu apelo e que sabem que, no final, serão bem recompensados. Não há de faltar gente. Acredito que as gentes de Toronho prefiram aliar-se a mim do que a Urraca.

* * *

Afonso Henriques chegara ao paço de Viseu, saltara do cavalo e subira as escadas a correr. Sabia que a probabilidade de encontrar a mãe no escritório era maior do que em qualquer outro lugar e foi para lá que se dirigiu.

Empurrou a porta com o ombro, e Teresa viu surgir o filho que em breve faria dez anos, os caracóis loiros até aos ombros, os olhos claros que faiscavam, tornando-o cada vez mais bonito.

— Mãe, porque é que me mandou regressar ao paço com tanta

pressa, se tinha justas e torneios de Páscoa? — perguntou, num tom insolente.

Teresa olhou-o de cima a baixo, demoradamente, contendo a urgência de o mandar para o quarto de castigo. Afonso deixou o peso passar de um pé para o outro, menos seguro de si agora que estava perante a rainha:

— Porque quero e posso — respondeu-lhe, provocadora.

Afonso sentiu-se desconcertado e retaliou, nervoso, como se precisasse de se confessar:

— Há dias ouvi os barões à mesa, ouvi atrás de uma cortina! — justificou, parando de seguida.

Teresa teve vontade de contar ao filho que também ela ouvia atrás de cortinas com a idade dele, mas não era este o momento, e por isso incitou-o, com uma voz calma:

— E que escutaste?

— Que a rainha de Portugal se iria precipitar a responder aos ataques da rainha Urraca — disse cauteloso.

— Ficaste com a ideia de que os barões achavam bem que a rainha cruzasse os braços e esperasse que Urraca lhe roubasse mais terras?

Teresa fazia um esforço por controlar a irritação, e Afonso quis justificar-se:

— Pelo que percebi, acham que esses territórios pertencem, de facto, à minha tia Urraca, ou melhor, ao meu primo Afonso Raimundes, e que nos devíamos ocupar com a fronteira a sul, com a conquista aos mouros, como manda o Santo Padre.

Teresa explodiu:

— E porque não podemos crescer a sul e a norte, reclamando os territórios que me pertencem, quem duvida que me pertencem? Só um bando de cobardes que prefere acomodar-se ao seu cantinho. O que querem? Continuar a ser vassalos de Leão e Castela, em lugar de senhores de um território mais vasto, das terras que ficam para cá e para lá do Minho? Têm medo de Diego Gelmirez, é isso?

Afonso Henriques esfregou os olhos, agitado. Se a mãe fosse contar a Egas Moniz esta conversa, seria tido como um traidor da confiança dos homens que o criavam, da família que o educava, o que pensariam dele...

Teresa entendeu o dilema, antes de o filho sequer o pôr, mas nada a conseguia fazer retroceder. Sentia-se traída, profundamente traída, por estes homens a quem doara terras e privilégios, a quem escutara os conselhos, em quem acreditara que a protegeriam depois da morte do marido, e que afinal só pensavam neles e no que lhes convinha, desconfiando do governo de uma mulher, como os reles escribas de Gelmirez, que a acusavam de ser Jezabel, uma mulher de perdição. Deixavam-na entre a espada e a parede.

— Dizem, certamente, que obedeço a Fernão Peres de Trava, é isso, meu filho?

Afonso Henriques baixou os olhos, e Teresa continuou:

— Só tinhas dois anos quando o teu pai morreu, mas se esses teus aios te ensinaram alguma coisa, devem ter-te contado que o teu pai e o teu tio Raimundo assinaram um pacto.

Afonso levantou de novo a cabeça, como um aluno que põe o dedo no ar, feliz por saber a resposta à pergunta do professor:

— Sei, mãe, sei que foi moderado por um representante de D. Hugo de Cluny, sei que foi assinado nas terras da avó Ximena... Que a tia Urraca e o tio Raimundo lá estavam...

— E sabes então o que previa.

— Que o conde D. Raimundo ficaria com Leão e Castela, e o conde D. Henrique com Toledo e uma parte do tesouro da cidade, ou, não podendo ficar com Toledo, ficaria com o reino da Galiza!

— Não é, portanto, uma ideia de Fernão de Trava, que nem conhecia, é um desejo meu e do teu pai que Fernão me ajuda a concretizar. Mais ainda, que muitos nobres galegos não desejam porque preferem, como os portucalenses, sentir-se donos do seu próprio destino do que vassalos.

Afonso Henriques estava a pensar em cada uma destas palavras, sossegado. Aos poucos, a raiva que trazia dentro de si pareceu dissipar-se e correu para os braços de Teresa, que o apertou contra si por uns minutos e depois o afastou, olhando-o no rosto, que manteve próximo:

— Afonso Henriques, espero que tenhas sempre a lealdade de deixar que a tua mãe te conte o seu lado da história, antes de a condenares.

Afonso corou, a pele muito branca e sardenta, a deixar perceber a cor do sangue que lhe subia à cara:

— Prometo, minha mãe.

Teresa sorriu-lhe:

— O que importa é que tenhas vindo. Vai mudar de roupa, saudar as tuas irmãs, e ao jantar explico-te porque te pedi para vires com tanta urgência. Quero que assines ao meu lado uma doação à diocese do Porto.

Afonso abriu a boca de espanto:

— A D. Hugo! — exclamou.

Teresa escondeu o sorriso. Estava segura de que por muitas vezes, nos últimos meses, Afonso escutara os senhores de Ribadouro e os seus amigos a dizer que a rainha de Portucale abominava o bispo do Porto, quase tanto quanto detestava o de Braga. Se os desconcertasse tanto quanto desconcertava o seu filho, já ficava contente.

— A D. Hugo, e uma doação importante. É fundamental reforçar o poder da diocese do Porto, mas vai, Afonso, vai tomar um banho, tens os olhos encarnados dos pós das árvores, pareces a tua tia Elvira, quando brincávamos nesta altura do ano nos montes do Bierzo.

Afonso Henriques fez uma vénia funda e saiu. Teresa mordeu a mão com força para não gritar. Quando aí chegassem Egas ou Ermígio para discutir o futuro do príncipe, seria firme, usaria esta história para lhes dizer que o filho não ficava nem mais um dia num antro de traidores. Ainda bem que o pequeno Afonso lhe dera uma carta tão forte para jogar.

* * *

Teresa estava magnífica, o cabelo preso em tranças, que hoje não tapara com véus nem toucas, deixando-o à vista de todos, as faces rosadas por pós de rosa, os olhos mais verdes do que nunca, a cor realçada por uma cor vinda do Oriente e que uma das damas lhe comprara no mercado da baixa de Coimbra, e a túnica da cor do Mondego, um verde reflexo das árvores das margens, tingido com o azul do céu. A capa era de um verde-escuro, um burel tecido com seda, quente para este dia de Páscoa, mas não demasiado quente, preso à frente com um broche de ouro.

Quando entrou na sala, percebeu a admiração na expressão do rosto

de Fernão e Bermudo, e dos galegos e francos que a esperavam, e fingiu não dar pela ausência de Paio e daqueles que durante tantos anos tinham formado a sua corte. Se os barões preferiam celebrar a Páscoa longe de Teresa, o problema era deles, pensou, mas a raiva traduziu-se num morder do lábio, gesto que os que lhe eram familiares conheciam. Urraca, Sancha e Teresa estavam tão bonitas como ela e rodearam-na de sorrisos e coroas de flores, neste dia de ressurreição. Afonso Henriques parecia magnífico, a capa branca e a espada à ilharga, e ao trocar olhares com a mãe, confirmou-lhe como se sentia importante com o destaque que lhe davam na cerimónia.

Junto da mesa de carvalho comprida, onde se fariam as assinaturas, o notário esperava um sinal da rainha para começar a ler o documento que os trazia aqui.

Aclarando a voz, leu alto:

> *Por isso, eu, a rainha Teresa, filha do glorioso imperador Afonso, para louvor e glória de Nosso Senhor Jesus Cristo, por amor da Santíssima Virgem Maria, pela remissão dos nossos pecados e pela salvação da minha alma e da dos meus familiares, faço testamento e carta de doação por autoridade desta escritura à Sé do Porto.*

Teresa foi a primeira a assinar, depois Afonso Henriques e de seguida as raparigas. Fernão rubricou o seu nome após os de todos eles, mas antes de qualquer um dos senhores presentes.

Espreitando sobre o ombro do notário, a rainha sorriu satisfeita: esperava bem que a notícia da escritura corresse mundo. A raiva que provocaria no arcebispo de Santiago e em Urraca dava-lhe particular prazer, mas a satisfação que sentia ao ver a sua família unida naquelas assinaturas era maior ainda. Sentiu a mão de Fernão no seu ombro e deixou que o seu corpo se encostasse discretamente ao seu. Amava-o profundamente, tinha a certeza disso. O próximo passo, o próximo passo seria conseguir que a Igreja declarasse a nulidade do casamento de Fernão com Sancha.

Talvez D. Hugo aceitasse fazer mais uma viagem a Roma, agora que acabara de o tornar num homem rico.

## Castelo de Lanhoso, junho de 1120

Teresa sentou-se numa enxerga de palha e olhou a escada que os guardas acabavam de recolher, impedindo-a de sair do alto da torre de menagem do castelo de Lanhoso, impedindo fosse quem fosse de subir a esta caixa-forte, onde estava guardada em segurança.

Quando em pequena brincava com Elvira, na sala idêntica do castelo de Urvel, quantas vezes não tinha perguntado a Ximena Moniz: «Mãe, qual é a diferença entre estarmos presas e seguras?» Sorriu ao recordar a gargalhada de Ximena quando lhe respondia: «Quantas vezes já te disse, filha minha, que a diferença não é entre estar preso e seguro, mas é entre estar vivo ou morto!»

Há duas semanas que estava aqui fechada, por segurança, pondo e retirando a escada para que subissem os seus generais e lhe contassem como os homens sobreviviam ao cerco que o exército de Urraca os sujeitava.

Fora obrigada a recuar para esta fortaleza depois de intensos combates, Urraca à cabeça de um exército, Teresa do outro, nunca se tinham encontrado frente a frente, a sombra de uma e a sombra de outra a planarem sobre os campos, como aves de rapina que circulam no céu.

Os homens não gostavam de combater sobre as ordens de mulheres, os homens não gostavam de combater por uma irmã contra a outra, diziam-lhe os chefes do exército. E o lado dela era mais fraco, sabia-o bem, sem Fernão e Bermudo, que teriam o condão de dividir os galegos que se tinham unido a Urraca, sem os nobres portucalenses, que reforçariam a sua legitimidade.

Por isso recuara, fora recuando, até fugir, porque fugir era o termo, para o castelo de Lanhoso, fortaleza que sabia inexpugnável, o precipício de um lado, do outro gigantescas plataformas de basalto escorregadio, sobretudo quando molhadas com azeite a ferver lançado das muralhas, que tornavam qualquer tentativa de subir as pedras impraticável.

Sabia que teria de ceder. Os soldados já comiam a carne de cavalos mortos, e com o calor do verão, a fome e a falta de água, a doença chegaria depressa. Urraca aproveitaria a ausência da rainha de Portucale para ocupar o seu lugar, para fazer valer o seu poder, sabia

que sim, se ao menos soubesse ler nas estrelas o que se passava lá fora...

Mas como?

Não suportaria o olhar de Afonso Henriques. Não aguentava a ideia de que o filho ouvisse os nobres dizer que a mãe era uma mulher frágil, que Deus protegia Urraca, a rainha ungida, que o pecado da sua vida adúltera se pagava caro, como se também nisso não estivesse a par da irmã... gémea, quantas vezes achava que Alberto lhes lançara um feitiço.

Queria fazer estragos no campo de Urraca. Queria minar a sua segurança. Estava segura de que teria de assinar um acordo de paz, Urraca só a iria deixar sair dali quando lhe jurasse vassalagem. Mas a vitória de Urraca seria efémera, não duraria mais do que uns dias. Porque ela ganharia, perdendo. E já sabia como.

## *Bierzo, junho de 1120*

*Ximena escreveu apressada, procurando que a mão não tremesse, esborratando a tinta. Era urgente fazer saber a Teresa que Urraca fazia uma doação à Sé de Braga, num gesto que simbolizava o seu poder sobre o Condado Portucalense. Teresa era sua prisioneira e Urraca assumia-se como senhora do seu território. Mas essa notícia não duvidava que a rainha de Leão e Castela faria triunfantemente chegar ao castelo de Lanhoso. O que Ximena sabia, e Urraca não contaria, era a promessa feita, nas barbas de Gelmirez, ao tonto do bispo de Braga, um homem tosco, sem o polimento dos franceses, reconhecia com tristeza. Urraca a D. Paio Mendes prometera Santiago de Compostela! E para lhe oferecer a diocese só podia ter planeado retirar Diego Gelmirez do caminho. Com este trunfo, talvez Teresa fosse capaz de arquitetar uma forma de sair vitoriosa, mesmo perdendo. E Ximena sabia que era agora apenas esse o sonho da sua filha…*

## Castelo de Lanhoso, junho de 1120

Quando o jovem criado, ao servir o caldo de couve, lhe deixou cair sobre o colo um pergaminho, Teresa ia gritar pela guarda, mas o rapaz, ajoelhando-se ao seu lado, como que a ajeitar a malga, murmurou:

— Silêncio. Se me denuncia, fica sem mensageiro para lhe levar resposta daqui.

Teresa olhou-o cheia de curiosidade e admiração, mas pegou na taça cheia e sorveu-a, resistindo à tentação de abrir a carta. Só podia ser de Ximena, pensou, o coração a bater-lhe tão alto que estava certa de que o soldado que vigiava a escada o escutaria.

Como fora capaz de vencer o cerco e chegar até ali, só podia ter escalado o penhasco, escondendo-se por baixo da vegetação rasteirinha, ou haveria outra forma de passar? Vezes sem conta se lembrara que a reconstrução do castelo fora feita por D. Pedro de Braga, amigo de Ximena, o bispo caído em desgraça que encontrara acolhimento em S. Pedro de Montes. Será que partilhara algum segredo com a senhora do Bierzo, dando-lhe a chave para a fortaleza mais segura deste Norte, de onde do cimo deste monte pilar se via quem chegava a milhas de distância?

Pouco importava como o rapaz chegara, o importante é que saísse com a resposta a esta carta.

* * *

Quando viu o pergaminho lacado com o selo de Teresa, Diego Gelmirez olhou em redor como quem procura um assassino, escondido entre as tapeçarias da sua tenda, pronto a esfaqueá-lo. Como era possível que Teresa, cercada naquela fortaleza, mandasse cartas; como é que era possível que alguém tivesse vencido a atenção dos guardas que guardavam os seus aposentos vinte e quatro horas por dia e ali deixasse, na esteira da sua cama, fosse o que fosse?

Procurou na arca aos pés da cama um par de luvas. Sabia-se que o pergaminho envenenado levava à morte em segundos de quem lhe tocava, e que Teresa — aliás, bem como Urraca — o queria morto, não duvidava. E agora tinha o álibi perfeito, há semanas fechada no alto de uma torre de menagem, ninguém a poderia acusar de nada.

Com as mãos protegidas, tapou o nariz, receoso de inalar algum pó mortal, e só depois cautelosamente partiu o selo e desenrolou a carta:

> *Cuide-se o arcebispo, pois, se não se cuida, sem dúvida a minha irmã prendê-lo-á. Os mesmos íntimos que intervieram na decisão deste crime explicaram-me como vão fazer. Pelo que refugie-se em qualquer dos meus castelos para que não seja capturado e, se não, regresse nas minhas naus à sua cidade. De outro modo, no momento em que passar o Minho, será feito prisioneiro.*

Gelmirez soltou uma gargalhada, que trouxe a correr ao quarto o soldado postado à abertura da tenda, e que demitiu com um sinal da mão. Teresa delirava. Presa num castelo, sem o que comer ou beber, delirava certamente, era do calor. Oferecia-lhe barcos e castelos, quando sabia que pertenciam todos agora a Urraca, e que Urraca se aliara a Gelmirez para a derrotar.

Jogava agora com a intriga, como mulher que era, pensou enquanto tocava a sineta para que os criados o viessem ajudar a despir-se para se deitar. Porque havia a rainha de Leão e Castela de o querer preso? Enquanto pudesse contar com o seu apoio, e o dos burgueses que só ele conseguia levar a pegarem em armas, Urraca tinha poder, podendo até fazer frente ao seu filho, mas se ficasse sozinha nem o seu Lara a salvaria — *o que se passa com Urraca, Lara, Lara, laralá...* Trauteou, cantando a canção mordaz que corria já a corte contra a rainha e o seu grande amor.

Nessa noite dormiu, como sempre, como alguém a quem falta uma consciência, como lá longe, em Sahagún, Alberto o descrevia nas suas crónicas.

## *Bierzo, junho de 1120*

*Teresa, filha minha,*

*Nem sabes o alívio que sinto de te saber em segurança. Que importa que tenhas assinado mais um desses acordos com a tua irmã prometendo ser-lhe fiel e a vassalagem de uma condessa de Portucale. Esquece agora tudo isso, e conforta-te com a companhia dos teus filhos, que tão aflitos estavam.*

*Escrevo-te o mais rapidamente que posso para confirmar que Gelmirez está preso, aqui perto, em Vila Nova do Bierzo, não sei se o trouxeram para estas terras na esperança de nos imputar esta detenção, mas julgo que a esta hora já todos sabem que é obra de Urraca. Como deve Gelmirez lamentar não ter escutado os teus conselhos.*

*Nem ele nem a maioria das pessoas entendem pela certa o motivo, que só tu, eu e D. Paio Mendes conhecemos, e que estou certa de que a esta hora o bispo de Braga fará por esquecer, tremendo aí escondido algures, com receio de que a conspiração que urdiu com Urraca chegue aos ouvidos do bispo de Santiago, ou mais alto ainda, aos do papa. Podes contar comigo para espalhar a notícia, alguma vantagem teria viver aqui tão perto do caminho francês dos peregrinos!*

*Consta que Urraca está fechada na Catedral de Santiago, temendo o povo, que reclama saber o que é feito do seu bispo, não sei como se sairá desta. As gentes procuram já forçar as grandes portas, pobre São Tiago Maior, que tem menos paz neste recanto da Galiza do que alguma vez teve durante a sua santa vida, que Deus me perdoe a blasfémia. Faz agora o que entenderes com a informação que te dou.*

*A tua mãe,*

*Ximena Moniz*

## Paço de Leão, 20 de junho de 1120

Fernão deitou-se sobre o pescoço do cavalo, tirando os pés dos estribos e esticando as pernas doridas por mais de dois dias a cavalgar sem parar:

— Já vejo as muralhas de Leão — exclamou de repente, como se aqueles dez minutos de descanso tivessem sido suficientes para o acordar da exaustão.

Bermudo, ao seu lado, concordou:

— As bandeiras de Afonso Raimundes esvoaçam. O rei está em casa — gritou entusiasmado.

Tinham partido de Coimbra mal haviam recebido a nota de Teresa em que a rainha falava da conspiração. Era preciso agir depressa, e só eles podiam ser os mensageiros das más notícias.

— Nestas guerras em que nunca sabemos de que lado estamos, espero que Afonso não se tenha esquecido de que cresceu connosco desde que nasceu — desabafou Bermudo.

Fernão esporeou o cavalo, ansioso por chegar:

— Que nos deixe tomar um banho antes de nos expulsar, é tudo o que peço.

Bermudo riu:

— E já agora uma ceia de carne, regada a bom vinho. Esperemos que o pai não se tenha precipitado. Com o ódio que tem a Gelmirez, vamos descobrir que foi o conde de Trava que mandou prender Gelmirez.

Fernão encolheu os ombros:

— Tudo o que temos de dizer a Afonso é que é preciso salvar a rainha Urraca dela própria! Se quando chegarmos à Galiza as gentes de Santiago não a tiverem feito em postas, já é qualquer coisa. Não sei o que imaginou a rainha para desafiar assim a Igreja.

Bermudo fingiu encolher-se, antes de provocar:

— É preciso reconhecer que as duas filhas do glorioso imperador Afonso têm pelo na venta e pensam mais depois dos atos do que antes de os cometer.

Fernão deu uma gargalhada:

— Felizmente para mim. Se Teresa tivesse escutado tudo o que as vozes sensatas lhe diziam, não teria havido nada entre nós. E quanto a ti

prepara-te: Urraca Henriques é igual à mãe!

— Temos uma grande diferença de idades, e trata-me com deferência e respeito. — Bermudo riu.

Fernão deu uma gargalhada:

— Fia-te nisso e não corras.

Bermudo deu uma palmada no pescoço suado do cavalo, porque, apesar de ser ainda cedo, o sol ardia:

— Sabes o que dizem nas cozinhas dos paços e nas casas dos barões? Que casámos com duas irmãs e depois escolhemos a mesma mulher, e não a podendo ter em simultâneo, ficámo-nos por mãe e filha. Insinuam coisas — acrescentou, o desconforto na voz.

Fernão indignou-se:

— Vê lá o que repetes, Bermudo, já basta o que basta. Se alguém se atrever a insinuar coisas menos boas acerca da senhora D. Teresa, juro que o mato no mesmo momento.

A chegada aos portões da cidade de Leão lembrou-lhes de novo a missão: agitar ainda mais as águas, até que Urraca se arrependesse mil vezes da humilhação a que sujeitara Teresa. Nunca haveria outra senhora de Portucale.

## Paço de Viseu, 10 de julho de 1120

Teresa sentou-se na cama e abraçou as pernas com força, como fazia em criança, ofegante. Acordara de um pesadelo em que monges vestidos de preto a lançavam numa gigantesca panela, com água a ferver, e ela soltava gritos de dor. Pedia misericórdia e estendia os braços procurando socorro, mas os rostos da mãe, do pai e de Elvira permaneciam impávidos, como se não ouvissem, ou, ouvindo, não quisessem entender, e pior de tudo, e pior do que tudo, era o rosto do seu filho Afonso Henriques, os seus olhos azuis eram de acusação e desprezo.

O terror fizera-a saltar do sono, acordara a pingar de suor, nesta noite quente de Viseu, e em vão procurava sossegar a respiração.

Fernão continuava a dormir a seu lado, os roncos de quem tinha bebido de mais ao jantar, indiferente ao medo que se apoderara dela. Como podia dormir assim descansado, quando era ele o adúltero, ele o que rompia os votos do casamento, ele que traía Sancha.

Carregou com os polegares nas fontes que latejavam, procurando afugentar a dor de cabeça que se instalava e os pensamentos negros. Mas a verdade voltava sempre ao de cima: que importava que tudo estivesse resolvido na Galiza, que os exércitos de mãe e filho não se tivessem confrontado, a pedido de um Gelmirez hipócrita que, solto da prisão, fizera o papel de conciliador, apelando à paz. O papa Calisto II fora implacável no seu julgamento, e a bula que chegara ameaçava Urraca de excomunhão se não soltasse o bispo, era tudo o que importava ao arcebispo de Santiago, cujo verdadeiro xadrez se jogava em Roma e não ali. Mas que importavam estes recados papais que chegavam sempre depois dos problemas resolvidos e a que os destinatários só davam ouvidos se lhes conviesse? Fosse como fosse, tinham levado a irmã a tremer, embora o que lhe importava uma excomunhão se já tinha sofrido tantas. Com a mediação de Fernão Peres e Pedro de Lara, devolvera-lhe algumas das terras pilhadas, pedira silêncio a D. Paio Mendes, acima de tudo era preciso que não falasse do cargo que lhe oferecera, e afastara-se para Burgos, onde se entretinha em novos confrontos com o Batalhador.

Mas que lhe interessavam, Virgem Santíssima, todas estas quase

vitórias, se a sua alma estivesse destinada a arder nas chamas do Inferno?

Olhou de novo para o rosto adormecido do amante: seria capaz de acabar com tudo, de lhe dizer um não quando a procurasse à noite, de viver sem encontrar nos seus olhos a confirmação do seu amor? Encostou de novo a cara aos joelhos, inspirando o perfume a urze e alfazema que chegava na brisa que finalmente se levantava. Para que é que fazia a si mesma estas perguntas, se sabia que não abriria mão de Fernão Peres de Trava, o amor da sua vida, que escolhera de entre todos, não como uma criança a quem apontam um marido, a quem se conforma e habitua, mas como alguém que seduz e conquista e a quem nos entregamos indiferentes às consequências, anos após anos, nascidos filhos, passados os anos? Como Ximena com Afonso, mais do que Ximena com Afonso...

Só havia uma solução, pedir ajuda a Alberto, implorar a Alberto que intercedesse junto do abade de Cluny, e ao abade de Cluny que falasse ao papa, o caminho afinal que sempre tinham seguido os seus pedidos, os pedidos de Henrique, os pedidos do seu glorioso pai.

Em troca doaria dinheiro e propriedades aos mosteiros de Cluny instalados nos seus territórios, resultara sempre, resultaria também agora.

Amanhã escreveria a Alberto, sabia que a sua situação o incomodava, seria o primeiro a ter interesse em ajudá-la a que tudo ficasse segundo Deus e o direito. Era preciso construir o processo, encontrar razões, justificar a inexistência do casamento de Fernão e Sancha, sabia que as exigências da Igreja cresciam a todos os dias, que o papa Calisto II pretendia moralizar a obediência aos sacramentos e impedir que os mais poderosos conseguissem benefícios, privados aos que não tinham dinheiro.

Teria de recordar a estes homens da Igreja, tão distantes dos assuntos das mulheres, que ao contrário da irmã Urraca não tinha outro filho varão que não Afonso Henriques, e era velha de mais para voltar a engravidar. Era preciso que alguém dissesse a Calisto II que nem ela nem Fernão Peres roubariam o trono ao seu sobrinho.

Amanhã trataria de tudo, disse a si mesma, enquanto mais sossegada se deixou escorregar de novo para debaixo do lençol, e apesar do calor,

do calor deste verão tórrido, encostou-se a Fernão, que num gesto automático a prendeu num abraço apertado.

Antes de fechar os olhos, tocou na relíquia que lhe pendia ao pescoço. Como podia o seu amor por Fernão não ser abençoado. Amanhã, amanhã pediria ajuda a Alberto.

* * *

— Não volta a pôr o pé em reino meu! — gritou Teresa, lançando para o chão a carta que acabara de receber.

A sua filha Teresa saltou da almofada onde se sentava a bordar e apanhou o pergaminho, preparando-se para o ler:

— Entrega-me já isso, Teresa. O que te passou pela cabeça? — indignou-se a mãe, subitamente assustada com a ideia de que a filha pudesse ler o que ali vinha escrito. Sancha, que estava mais próxima, tirou a carta da mão da irmã e devolveu-a à rainha, que atravessara a sala a passos largos.

Mas Teresa filha lera o suficiente para repetir:

— «Maquinações da mulher que frequentemente falharam e que não podia, pela força ou pelo engano, saciar a sua raiva.» Mãe, é Gelmirez que a chama de novo Jezabel?

Sancha e Urraca olharam chocadas para a mãe, que, corada de fúria e de vergonha, já nem ela sabia qual era mais forte, indignou-se:

— Palavras tão pouco cristãs — vociferou — só podem vir de um inimigo de Deus!

— De D. Diego Gelmirez, eu bem dizia — disse Teresa, satisfeita por ter razão.

Urraca aproximou-se da mãe, indignada:

— O que quero saber é se me vão impedir de casar com Bermudo, porque a rainha Teresa vive em concubinato com o irmão...

Um estalo ressoou na sala, e Urraca, dando um grito, levou a mão à cara esbofeteada.

— Cabra — gritou descontrolada num pranto. Soube que tinha ido longe demais quando sentiu o corpo chocalhado pelas mãos fortes da mãe.

Sancha correu a separá-las:

— Por amor de Deus, por amor da Virgem, parem, parem!

Teresa estacou, horrorizada:

— Desculpa, Urraca. Desculpa, filha — disse, procurando abraçá-la, mas a filha mais velha saiu da sala a correr, e Sancha implorou:

— Mãe, já chega, mãe! Deixe-a ir, deixe-a acalmar-se, depois logo falam.

No chão, paralisada, Teresa olhava a mãe com horror, e Teresa ajoelhou-se ao lado dela, abraçando-a com força, e beijou-lhe repetidamente o cabelo:

— Desculpem, desculpem, mas são todas estas acusações que me põem fora de mim, minhas filhas.

Sancha fez-lhe uma festa na cabeça, pobre mãe, e nem ela imaginava o que se coscuvilhava nos corredores, nos adros das igrejas, em casa dos nobres.

— Não há esperança de que o irmão Alberto consiga interceder junto do papa Calisto? — perguntou Sancha na sua voz meiga, que tanto lhe recordava a de Henrique.

Teresa encolheu-se, tentando recuperar a compostura:

— Alberto ajudou como pôde, mas as notícias que agora me manda — disse, apontando a carta que voltara a cair no chão — não são animadoras. Imaginei que o assunto fosse tema do concílio de Sahagún, que aconteceu há quinze dias, mas nunca pensei que fosse — e a voz de Teresa tornou-se dura — o nosso próprio arcebispo de Braga a levantar a situação, a denunciá-la, a protestar contra a minha vida marital! D. Paio Mendes quer-me crucificada.

Sancha estremeceu. Não era preciso conhecer bem a mãe para saber que o ciclo de vingança ia recomeçar. As traições de Diego Gelmirez eram já o pão nosso de cada dia, mas que D. Paio Mendes tivesse tido a coragem de levantar a voz contra a senhora de Portucale era impensável. E significava que os seus parentes, os barões, não só se afastavam de Teresa, como conspiravam para a afastar... pelo menos de Fernão Peres de Trava.

A mãe nem deu pelo seu silêncio, nem tão-pouco pelo da sua filha Teresa:

— O casamento anunciado de Bermudo com Urraca só pode ter desencadeado mais ódios e mais medos. Alberto tinha-me avisado de

que...

E a rainha calou-se. Como ia explicar às suas filhas que em tempos idos tinha aceitado Bermudo na sua cama?

Pondo-se de pé, abraçou de novo Sancha:

— Filha, todos os dias agradeço a Deus a graça de ter uma filha como tu — disse beijando-lhe a testa.

A pequena Teresa deu um salto do pufe, reclamando:

— E não dá graças por mim?

A mãe abraçou-a, sorrindo:

— Não consigo imaginar a vida sem ti, nenhum de nós consegue, pois não, Sancha?

— Diria mesmo impossível — respondeu Sancha com um sorriso.

— Bem, vou ter de ir acalmar a vossa irmã — suspirou Teresa, apanhando a carta de Alberto do chão.

— Mas vai haver casamento ou não, mãe? Já desenhei o meu vestido, e a ama diz que vai mandar vir umas fitas de cores de um fornecedor mouro de Coimbra — implorou a filha Teresa, já esquecida da aflição de há momentos.

Teresa concordou com a cabeça:

— É isso que vou dizer a Urraca! O casamento mantém-se. Se Urraca quiser casar com Bermudo e Bermudo com Urraca, mais faltava que não acontecesse.

Nessa tarde, Teresa fechou-se no escritório e escreveu cartas. Agradeceu a Alberto. Protestou com Gelmirez. E a D. Paio Mendes dirigiu a mais dura das missivas, e a ameaça era clara: não se atreva a pôr um pé nas minhas terras!

Que Urraca e Gelmirez, zangados ou em paz, pouco lhe importava, tratassem de proteger o bispo e fizessem todas as queixas que quisessem a Roma. Pela sua parte, continuaria a insistir em fazer justiça na terra: com Fernão Peres reconquistaria os territórios perdidos na Galiza, fazendo doações a Orense e a Límia, recompensando os senhores e os bispos galegos que lutavam ao seu lado, precisava deles mais do que nunca, agora que era bem visível que o afastamento dos magnatas era definitivo. Ou condicional, pelo menos, ao fim do seu amor por Trava. Faria questão de que Fernão assinasse consigo todos os documentos, o seu sinal ao lado do dele.

Se a Igreja não abençoasse a ligação, imporia Fernão pelo poder, dando-lhe o mesmo posto que ocupava Henrique, o do homem que escolhia para estar ao seu lado. Pouco lhe importava que dissessem que era isso que Fernão via nela, uma escada para o poder. Governariam juntos, guiados pela mesma ambição. Henrique não lhe perdoaria que deixasse ao filho Afonso um quintal de Urraca.

## Mosteiro de Toxosoutos, 25 de julho de 1122

A cerimónia foi discreta, no mosteiro de que Fernão era patrono, na costa da Galiza, num vale onde quando o vento norte soprava chegava o cheiro do mar. O abade abençoou Bermudo e Urraca, e apenas os filhos de Bermudo e os irmãos de Urraca estiveram presentes, procurando não abrir feridas maiores na família dos Trava, de que a mulher de Fernão ainda fazia parte.

Teresa não resistira, no entanto, a surgir magnífica, um vestido preto, bordado com estrelas douradas, os botões de ouro nos punhos e em redor do pescoço, e na cabeça a coroa da tia Urraca, sinal do seu estatuto de rainha, que assumira em público, e sem timidez, desde que o papa lho reconhecera.

Urraca, reconciliada com a mãe, estava radiosa, mais bonita aos 25 anos do que nunca, vestida num manto encarnado, de uma seda brilhante, sobre uma camisa verde-escura, e Bermudo, tão feliz como ela, vestia-se com as cores contrárias, o manto verde sobre uma camisa encarnada.

As irmãs Sancha, com 23 anos, e Teresa, com 21 anos, tinham procurado apanhar o ramo de flores que a noiva lançara no final da cerimónia, rindo às gargalhadas, perante o olhar impaciente de Afonso Henriques, que aos quase, quase 13 anos achava todos estes festejos uma perda de tempo e ansiava por voltar aos Ribadouro, onde por esta altura haveria torneios e justas.

Fernão chegou tarde e afogueado, e Teresa procurou a primeira oportunidade para se lhe juntar:

— Já tens notícias?

— Sei que os teus soldados cercaram D. Paio Mendes, amordaçaram-no, sentaram-no de novo no jumento branco que escolhera para regressar a Braga, como Jesus Cristo a entrar em Jerusalém, e levaram-no até ao castelo, como indicaste, prendendo-o. Aguardam agora as tuas ordens.

Teresa corou até à raiz dos cabelos:

— Fernão, tenho medo, teremos ido longe demais?

— Não me pediste conselho antes de decidir este passo, pois não? Então não me peças conselhos agora — respondeu o amante, a voz

num sussurro irritado.

Teresa benzeu-se:

— O que está feito, está feito, e ele merecia. O desplante de aproveitar o casamento de Urraca a norte para regressar a Braga, quando o tinha proibido expressamente de o fazer.

Fernão encolheu os ombros:

— Reconheço que o homem é um cobarde, mas é bispo, e a Igreja pouco se importa que tenhas dado ordens que viesse ou deixasse de vir...

Teresa enervou-se:

— Não estragues agora o casamento da nossa filha. Resolvemos depois esse assunto. — E voltando para junto dos filhos, só rezou para que Afonso Henriques não soubesse que tinha prendido numa torre um dos magnatas de Portucale, aquele que fora, inclusivamente, o confessor do príncipe em pequeno. Quando o Sol se pusesse e a festa acabasse, pensaria no passo seguinte.

E apontando para Sancha acrescentou:

— Ou me engano muito ou temos novo casamento à vista.

Fernão olhou com cuidado e exclamou divertido:

— Sanches Nunes de Celanova... As tuas filhas gostam decididamente de homens mais velhos, este deve ter a nossa idade, mas é boa pessoa e um ótimo partido.

Teresa riu:

— Mais um casamento galego, que vai enfurecer os magnatas de Portucale! Só faltava arranjar uma noiva nestas terras para Afonso e a revolta estaria declarada.

## *Paço de Astorga, julho de 1122*

*As mãos de Ximena tremiam. Olhou-as, ansiosa, como quem vê o tempo a escoar por entre os dedos. De há uns tempos para cá, as mãos estremeciam quando tentava pegar na pena fina. Respirou fundo e pousou-as sobre a mesa, como que a dar-lhes uma oportunidade de se controlarem. Não ia ceder à velhice, as mulheres do seu sangue desafiavam o tempo, viviam até aos oitenta anos, até havia quem as achasse bruxas ou insinuasse que tinham vendido a alma ao Diabo. De si, sorriu, diziam certamente as duas coisas, mas pouco lhe importava, incomodava-a bem mais o que comentavam sobre Teresa, temia que lhe destruíssem o futuro. E onde tinha a filha a cabeça? Mandar prender o bispo de Braga, aos olhos de todos? Porque não ervas envenenadas misturadas com a sopa do dia, doenças e pestilências que ninguém podia acusar ninguém de ter provocado. Desistia de entender a impulsividade da filha mais nova, em que pelos vistos Fernão Peres não tinha mão. Teresa agia sem pensar, saía mais ao pai do que à mãe, pensou com saudade, mas o tempo não era de nostalgia. Era preciso chamá-la à razão, antes que Gelmirez tirasse ainda mais dividendos da situação.*

*Olhou de novo as mãos e comandou-lhes obediência. Decidida, pegou de novo na pena, molhou o bico no tinteiro e começou a escrever. Nunca medira as palavras quando falara com Teresa, não era agora que ia começar.*

*Minha querida filha,*

*O que te passou pela cabeça ao mandares prender D. Paio Mendes, à luz do dia, sem qualquer cuidado em ocultar a quem cabia a decisão? Subiu-te à cabeça o facto de o bispo de Orense te escrever como rainha, o teu nome ao lado do de Urraca? Diz-me, filha minha, porque te jogas assim nas mãos de Diego Gelmirez, que a esta hora já fez chegar um apelo ao papa, pintando-te como a mais diabólica e instável das mulheres? Que Paio Mendes te traiu vez após vez, não tenho dúvida nenhuma, mas usa de mais subtileza. Nas tuas vinganças. Paio Mendes, além de sangue do teu sangue, é um agora protegido de Urraca, de Gelmirez e dos barões do teu condado, todos eles ansiosos por te roubarem o reino.*

*Não te impacientes, não atires com esta carta ao fogo, não resolve nada. Sei que a esta hora já corrigiste o teu ato tresloucado, soltando o homem e dando-lhe ordem de que fique longe, mas Teresa, tens de aprender a controlar as expressões públicas do teu ódio. Assim como as do teu amor. Sei que doaste a Fernão o castelo de Seia, o castelo de Santa Eulália, a vila de Quiaios e o castelo de Soure, não sei se mais algum. A gratidão fica bem a quem reina, e deves-lhe a defesa corajosa da fronteira, mas filha, é o homem que dorme na tua cama, o homem que ocupa os lugares que os magnatas do teu condado mais ambicionam, aqueles que permitem provar a coragem na batalha, e simultaneamente enriquecer. Como imaginas que algum dia voltarão para o teu lado, ou lutarem contigo, e por ti, se privilegias assim o teu favorito, descartando-os para segundo ou terceiro plano? Um estrangeiro ainda por cima, porque é assim que o querem ver, e tu bem sabes os problemas e as dificuldades pelas quais Henrique e os seus francos passaram por aí.*

*Sei que no testemunho das doações tentas salvaguardar que o fazes por vontade tua e não pelo poder de outros, mas acreditas que quem te quer mal se importa com o que alegas nesses documentos? Acreditas que os homens, sejam de Portucale ou da Galiza, de Castela ou de Leão, acreditam que é Teresa quem quer doar o seu território a Fernão, e não Fernão que seduz, pede e exige? Querida filha, sei que dói, acredita que sei como dói, aceitarmos que aqueles que nos rodeiam, e dizem que nos amam, sejam capazes de renegar simultaneamente as nossas escolhas, mas é assim que o coração dos homens funciona. Conheço-te, querida*

*filha, sei que o abandono do teu querido primo e conselheiro Paio, de Ermígio Moniz, braço-direito de Henrique e um homem tão sereno em que te apoiavas tanto, e até de Egas, sempre mais fanfarrão, mas tão dedicado, te abalou muito. Sei que te magoaram e que, quando te sentes frágil, reages com agressividade e violência, acreditas que, se não vão lá a bem, vão a mal. Mas não é assim, e tens de ser capaz de pensar à distância, pensar no amanhã...*

*Não te zangues, não estou contra ti, sei bem como dói quando não reconhecem o nosso amor, sabes o que sofri às mãos da tua tia Urraca, de toda uma corte, que me expulsou e substituiu. Talvez a esta hora pouses esta carta, protestando que tu és rainha e eu nada mais era do que uma senhora do Bierzo, mas não te deixes cegar. Falta aqui o teu pai para te lembrar que o poder nos é dado por Deus e pelos homens, e que nos pode ser retirado por qualquer um deles. E quando somos mulheres, mais depressa ainda!*

*O que me traz a um problema ainda mais grave, mas este vais a tempo de prevenir, e espero que o faças. Sei que tens unido Afonso Henriques às doações que fazes a Fernão, acreditando assim que dás uma bofetada aos seus aios, aos nobres que o criaram e a todos aqueles que olham para o teu filho como um peão que pode ser usado contra a mãe.*

*Não te esqueças de que Afonso te admira, como podia não admirar? Mas é teu filho, e herdou de ti a ambição e a determinação. Junta-lhe agora os sonhos que terá, inspirados num pai guerreiro e corajoso e num avô glorioso, imperador de Toledo, senhor de todas as Espanhas. Quererá testar-se no campo de batalha, empunhar a espada, não só em justas e torneios, mas contra inimigos de carne e osso, e inimigos não faltam. Imagina-o como um potro puro-sangue, que relincha para se soltar da cabeçada, e partir a galope. Tem 13 anos, Teresa, dentro de um ano será maior, por favor não o imagines uma criança pequena e não imagines que Fernão vai conseguir suplantar a influência daqueles que o educaram, lembra-te que os seus melhores amigos, quase irmãos, são os filhos desses homens, tão ansiosos quanto Afonso de lutar ao seu lado. Não maltrates ostensivamente aqueles que o teu filho ama, aqueles que lhe deram o leite e a sopa na boca, com quem aprendeu a usar a espada, aqueles que admira. Lembra-te que D. Paio Mendes é amigo do teu filho, foi seu confessor...*

*Não obrigues Afonso a abençoar, com a sua assinatura ao lado da tua e da de Fernão, a vossa relação, por muito que goste de ambos, porque vais perder. Mais força terão os padres, o confessor, os aios e os amigos, que lhe dirão que o adúltero que acolhes na cama lhe quer roubar o reino, o trono. É assim que lhe contarão a história, é assim que a quererá ouvir.*

*Não te esqueças, também, que o meu neto observa e certamente se guia pelo primo Afonso Raimundes, rei da Galiza, senhor de Toledo, e que, por muito que te desagrade, será em breve rei de Leão e Castela, provavelmente derrotando a própria mãe pelas armas. Teresa, olha para Urraca e evita cometer os mesmos erros. Estranho que não tenhas entendido que também ela não colheu vantagem nenhuma quando aprisionou Gelmirez. Há dias em que, sinceramente, pareces querer tornar verdadeiro o ditame de Alberto, quando vos chamava gémeas. Certa de que agora é que atiraste a carta ao fogo, despeço-me pedindo que Deus Nosso Senhor nos abençoe a todos.*

*A tua mãe,*

*Ximena Moniz*

## Mosteiro de S. João de Vieira, outubro de 1122

Teresa abriu os olhos e gemeu, o corpo dorido, como se tivesse sido torturado, abriu os olhos mas não via nada, cegara ou era uma noite tão cerrada que nem a luz das estrelas a iluminava? As mãos procuraram uma venda, mas nada lhe cobria a cara...

Cheirava a cera de velas, a incenso e a mirra, e um murmúrio de orações chegava-lhe aos ouvidos, mas não via de onde vinham, estaria morta, ou julgavam que estava e velavam-lhe o corpo, supondo que a alma já partira?

Chamou por Fernão, onde estava Fernão.

— Sancha — chamou, pelo menos a sua querida filha Sancha não a teria abandonado —, Sancha — disse mais alto, fechando os olhos que nada viam, em terror.

Não queria ser de novo visitada por soldados do mal, os elmos fechados a esconderem os rostos, gente ou espíritos, diabos que a conduziam às chamas do Inferno.

— Sancha — gritou, procurando levantar-se, tinha de fugir dali, esconder-se na serra do Gerês, pedir a proteção das árvores, das suas amigas árvores.

Uma mão empurrou-a de encontro à esteira, e Teresa deixou-se cair, perdida.

— Senhora D. Teresa, sossegue, está na casa de Deus — disse-lhe uma voz meiga, que lhe deu a mão, apertando-a na sua.

— Mas não vejo, não vejo nada. Quem está aí? — perguntou, agora num fio de voz.

— Sou a irmã Margarida, sossegue, está no Mosteiro de S. João de Vieira, porque estava às portas da morte, mas Nosso Senhor Jesus Cristo quere-a mais tempo entre nós.

— E os meus olhos, os meus olhos — implorou Teresa, levando uma mão à cara, a procurá-los.

A monja prendeu-lhe agora as duas mãos nas suas e insistiu:

— Senhora, os seus olhos ainda estão doentes, mas vão ficar bons, vai voltar a ver...

E inclinando-se sobre ela sussurrou-lhe aos ouvidos:

— A erva que levou a visão há-de-a trazer de volta.

Teresa não entendeu o que dizia a monja, mas nem teve tempo para pensar, porque uma voz mais forte fez-se ouvir:

— Só Ele perdoa todas as tuas iniquidades e sara todas as tuas iniquidades — citou, e antes que a rainha lhe pudesse responder, acrescentou: — É preciso muita fé, muita fé e vontade de retirar primeiro a trave que nos impede de ver, para depois procurarmos o escolho nos olhos dos outros...

— Temos tempo para isso, senhora abadessa, deixe agora que a senhora descanse, foi uma doença longa — interrompeu a irmã, que lhe dava a mão.

Mas a abadessa, que esperava há dias que Teresa desse finalmente de si, sentia que não havia um momento a perder. Não era esta a mulher que se atrevera a prender o arcebispo de Braga, a rainha que dormia com um homem casado e dele tinha filhas? Que estava tão segura do poder que detinha que se esquecia da obediência devida às leis de Deus?

Teresa ouvia em silêncio, só a respiração ofegante a dar sinal da raiva que sentia. Como era possível que Fernão, Bermudo, Urraca, os seus filhos e filhas a tivessem deixado aqui, à guarda de gente que a odiava?

Cerrou os lábios com força, não diria nada. Estava em posição de fragilidade, como se defendia uma mulher que não via o caminho, sozinha entre gente que a considerava culpada? Apertou com força a mão da irmã Margarida, era preciso fazer dela uma aliada, da única que ainda parecia ter um pingo de misericórdia. Mas porque falara ela de ervas que trazem a cegueira e depois a levam?

Bebeu o líquido que lhe chegavam agora aos lábios e sentiu-se de novo confusa, a adormecer. Será que a envenenavam?

A abadessa parecia ter desistido perante o seu silêncio, e a voz jovem e cantada da irmã Margarida sossegava-a aos poucos.

— Vou contar-lhe o que aconteceu e onde está, para que não tenha medo. Não foi abandonada — riu —, teve de vir aqui para o mosteiro porque estava muito doente, temiam que contagiasse os seus filhos, a gente do paço...

Teresa agitou-se:

— A minha filha Sancha apanhou o mal? E Urraca, Urraca espera um filho.

— Sossegue, sossegue, senhora, ninguém adoeceu, mas acharam melhor trazê-la para um lugar resguardado, um lugar santo.

— Porque não fui para o Bierzo, para junto da minha mãe? — perguntou Teresa, a voz arrastada, sabendo que se comportava como uma criança pequena.

A irmã Margarida atreveu-se a ajeitar-lhe a touca, como a ama sempre fazia:

— Sabe, senhora, quando vim para aqui, adormecia todas as noites a chorar pela minha mãe. É dela que nos lembramos sempre que a saúde nos foge, mas a sua mãe manda todos os dias alguém saber de si...

— E os olhos? Vou cegar, vou perder a visão? — perguntou Teresa, num fio de voz.

A irmã Margarida hesitou. Parecia haver qualquer coisa que se esforçava por esconder. Depois escolheu repetir o que sabia e que a mandavam contar:

— Dizem que um milagre é possível, se rezar com devoção à nossa fundadora, Santa Senhorinha, que já tantos milagres fez. Pelo menos é o que oiço, é o que diz o abade, é o que diz o senhor bispo de Braga quando aqui vem.

Teresa gelou de terror:

— O senhor D. Paio Mendes vem aqui?

A irmã Margarida ajeitou-lhe os lençóis e puxou para cima as mantas:

— Nunca o tinha visto antes, mas o mosteiro pertence à diocese de Braga e achei natural que viesse quando aqui acolhemos uma rainha.

Teresa não respondeu e num gesto instintivo procurou a relíquia de Santo André que trazia de novo ao pescoço. Sentiu um enorme alívio quando a apertou entre os dedos. A irmã Margarida riu:

— Ninguém lhe roubou nada, senhora! Bem precisa da ajuda de Santo André e de todos os santos. Se pedir, acho que o senhor bispo de Braga lhe traz a relíquia de Santa Susana, ou o que resta dela, depois do roubo de D. Diogo Gelmirez.

Teresa esboçou um ligeiro sorriso. Ninguém esquecia o pio latrocínio de Diego Gelmirez, pelo menos isso. Mais uma razão para que o povo estivesse por Braga, apoiasse Paio Mendes contra o arcebispo de Santiago, raciocinou de imediato.

Fora um erro afrontar a sua gente com a prisão do bispo! Agora era

prisioneira daquele que tinha detido entre os muros de um castelo. O feitiço virava-se contra o feiticeiro, era preciso agir com cuidado.

Comportava-se como a doente mais dócil, como a cristã mais exemplar, como a pecadora arrependida que expia os seus pecados. Ouvira os sermões da madre abadessa, reconhecera que a doença que a acometera era certamente sinal de que Deus não estava satisfeito com os seus atos e lhe enviava uma oportunidade de redenção. Aceitara que, ao cegá-la temporariamente, o Altíssimo lhe mostrara que a soberba e a vaidade nos podem impedir de ver, de decidir com sabedoria.

Meditava sobre os horrores das penas do Inferno, como Santa Senhorinha havia dedicado a vida a fazer, e havia noites em que acordava aos gritos, segura de que a camisa de noite ardia em chamas. Nessas noites não voltava a pregar olho, ouvindo as monjas despertar ao som dos sinos para rezarem as horas, mas nem embalada pelos seus cantos conseguia readormecer. Por vezes roçava os braços na parede fria, como se o frio e a aspereza do granito lhe dessem a certeza de que estava viva.

Aos poucos a visão voltara, e os emplastros de ervas medicinais colocados sobre os olhos faziam efeito: primeiro vira os contornos do quarto, depois, aos poucos, aguentara olhar a luz que entrava pela frincha na parede, e aos poucos percebia o rosto da irmã Margarida, o seu sorriso doce, o seu rosto oval e rechonchudo, as maçãs vermelhas do frio das horas passadas na horta, porque o trabalho é uma forma de oração, explicava-lhe, sempre tão feliz.

Duas semanas depois de ter voltado a si já a deixavam acompanhar as monjas nas orações ao longo do dia, mas era ainda poupada às que cortavam a noite, porque precisava do bálsamo do sono, explicavam.

«Ainda que eu andasse pelo vale da sombra e da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam», era o seu salmo favorito, que repetia nos momentos em que se sentia mais sozinha, mais abandonada.

O encontro com Paio Mendes fora o momento mais difícil. Na sua túnica de burel, em tudo igual à de uma noviça, sem sedas nem capas de arminho, sem coroas nem sequer os seus anéis, Teresa ajoelhara-se para receber a bênção do arcebispo de Braga, aceitando depois o seu pedido de que se sentasse.

Paio Mendes fora hábil, reconhecia. Não dissera uma palavra sobre o passado, e Teresa também não se procurara justificar. Há coisas que deviam ficar enterradas, e esta era uma delas. Mas o bispo de Braga não se calara quando o assunto era o futuro. Discutia as obras que fazia na sé, os altares que edificava, no desejo de que Braga não ficasse atrás de Santiago de Compostela e das catedrais e igrejas mandadas fazer por Diego Gelmirez. Deixara claro que a sua missão era manter a independência, fazer crescer em importância e força este centro de peregrinação, e em breve resgatar as relíquias roubadas.

Teresa concordara com tudo, ou quase tudo, e voltara a sentir o entusiasmo que a ideia de um desafio sempre lhe suscitara, mas o rosto inchado do bispo, as mãos papudas, o sorriso malicioso impediam-na de sentir por ele a menor simpatia.

Depois viera o inevitável: Paio Mendes atrevera-se a pedir-lhe que se afastasse de um comportamento moral que ofendia os seus vassalos, falara-lhe do sacrifício da fundadora do mosteiro, Santa Senhorinha, que renunciara a todos os homens que pretendiam desposá-la, para se dedicar apenas a Deus, preferindo a oração e a meditação aos prazeres da carne, lembrara-lhe que o exemplo vem de cima e que todo o esforço da Igreja seria em vão se aqueles a quem Deus delega o poder de governar se voltassem contra as suas leis. Parecia-lhe bem que reis e rainhas se comportassem como os infiéis, que desejavam derrotar? Não queria ela honrar a herança recebida do seu glorioso pai, Afonso VI, imperador de todas as Espanhas?

Foi cauteloso ao falar-lhe da doença como castigo, preferiu incitá-la à virtude, mas não podia negar que o mal que quase lhe ceifara a vida poderia ser um aviso. Que a cegueira e a escuridão eram um sinal. E a cura, que recebera aqui neste mosteiro sagrado, a luz que apontava um novo caminho.

Não sabia Paio Mendes que a carta de Ximena fazia mais do que todas as suas homilias particulares. Fora pouco depois de a receber, de a atirar às chamas, de inalar aquele cheiro a pele queimada que lhe recordava sempre o martírio dos santos imolados pelo fogo, que adoecera. As palavras da mãe escritas a tinta podiam ter desaparecido, mas pouco importava, porque estavam gravadas dentro de si. O apelo a que escondesse o seu amor, a que pensasse pela cabeça do inimigo,

mas sobretudo a que não imitasse Urraca. E o que fizera ela nos últimos tempos senão aliar-se a um homem casado, de quem tivera filhos, tal como Urraca e Pedro de Lara, senão distanciar-se dos seus amigos leais de sempre, mais uma vez como a irmã, semeando a revolta do filho. Não podia fazer igual. Afonso Henriques não podia seguir Afonso Raimundes, nem tão-pouco ser seduzido pelos magnatas portucalenses, levantando a espada contra ela e o seu amante.

Aqui, entre as paredes despidas do mosteiro, aqui, sentada num banco do claustro, a olhar — e que graça era ver! — a água que corria no centro do jardim, parecia tudo tão fácil. Bem vistas as coisas, ao fugir dos homens, Santa Senhorinha fugira às dores de cabeça, sorriu para si mesma. Ajoelhava-se aos pés da imagem da fundadora, implorando-lhe força para se despedir de Fernão, para ficar sozinha.

No final de dezembro, pediu para se confessar ao arcebispo de Braga, e de joelhos recebeu a absolvição de todos os pecados, e com as lágrimas a caírem pelo rosto ouviu a penitência. A dura penitência de uma adúltera, que está decidida a pagar o mal que fez, a pedir para si a clemência divina.

Partiu do mosteiro, as portas abertas da igreja a deixar que os cânticos das monjas a seguissem, como se Deus lhe dissesse: «Vai, faz o que combinámos, que estou contigo.» Virou apenas uma vez a cabeça para trás, acenando à irmã Margarida, a única que levava consigo no coração. No bolso da capa trazia consigo o saquinho de ervas que lhe dera à partida. «Use estas, use só estas, não deixe que lhe apliquem outras», dissera-lhe baixinho.

## A caminho de Viseu, 5 de janeiro de 1123

«Ano de 1123, da graça de Deus», pensou com um sentimento de inesperada euforia, à medida que ia atravessando os campos, por caminhos enlameados, e aldeias que de tão sujas e pobres metiam dó. As mulheres vinham à porta dos seus casebres, com bebés ao colo, acenando um adeus, coscuvilhando entre elas que ali ia a condessa Teresa, a rainha Teresa, corrigiam outras, e os pobres e desvalidos reuniam-se à saída das terras, cobertos de farrapos, ensopados pela chuva recente, estendendo a mão na esperança de uma esmola.

Os mosteiros e as igrejas multiplicavam-se nos vales mais férteis, e as crianças sorriam-lhe das bermas, algumas tentavam correr ao lado dos cavalos, iam a caminho da catequese, e do pão e do vinho que os frades lhes haviam de dar, alimentando corpo e alma como Jesus Cristo ordenara.

O passo lento a que a doença a obrigava a viajar permitia-lhe ver uma realidade que habitualmente não via, e a pobreza desta gente confrangia-a. Talvez fosse para ver com olhos de ver que Deus lhe tivesse devolvido a visão. Era mais escandaloso um homem separar-se de uma mulher para viver com aquela que amava do que deixar morrer à fome e de doença os vassalos que trabalham as nossas terras? O que seria desta gente se não pudesse recorrer ao mosteiro mais próximo quando adoecia, se não se pudesse refugiar entre as suas paredes fortes quando os soldados lhes queimavam os campos e as colheitas, deixando-os sem nada?

Quando percebeu que dentro de horas estaria de novo em Viseu, nada mais lhe importava senão chegar. Fernão viria certamente ao seu encontro, Afonso com ele, assim como Sancha e Teresa, Urraca, Urraca talvez não, a gravidez devia ir adiantada, era melhor que ficasse em descanso.

Sentiu um nó apertar-lhe na garganta: o que diria, quando diria a Fernão que a vida em comum tinha de acabar, pelo menos até que o papa declarasse o casamento nulo? Como explicaria que se comprometera com Deus e Paio Mendes a viver uma vida sem pecado, sem ele...

Amanhã, amanhã seria o dia das conversas sérias, das ruturas, hoje

só queria abraçar a família, sentir-se em casa. Amanhã, só amanhã, porque certamente Deus lhe concederia um dia de felicidade, antes do desgosto a que se condenava para sempre.

## Paço de Viseu, 8 de janeiro de 1123

Sancha abraçara-a com força e desatara num pranto sem fim, e a sua filha Teresa agarrara-se-lhe à cintura, escondendo a cara no seu regaço como uma menina pequena depois de um grande susto. Afonso Henriques estava ainda mais alto e mais bonito, e limitara-se a um beijo apressado, como fazem os rapazes desta idade. A sua filha Urraca sorrira-lhe, um sorriso largo, apontando para a barriga, ufana. «A ama diz que vai ser um rapaz», murmurara confiante.

— E onde está Fernão e as minhas filhas mais novas? — perguntou Teresa, tomando subitamente consciência das ausências.

Sancha pediu-lhe que se sentasse e por segundos Teresa temeu o pior:

— Estão doentes? — perguntou, a voz num fio.

Sancha negou com um gesto da cabeça e com coragem acrescentou:

— Partiram!

Teresa sentiu uma vertigem e empalideceu:

— Partiram, mas para onde?

Urraca ajoelhou-se junto dela, como quem se faz do tamanho de uma criança para lhe dar uma má notícia:

— Fernão mandou as criadas arrumarem as arcas de Sancha e Teresa Fernandes e partiu. Julgo que foram para a Galiza, ouvi dizer que Fernão voltou para casa, mas não sei...

Teresa enfureceu-se:

— Julgou-me morta e decidiu voltar para a mulher, é isso que me estás a dizer, Urraca? Voltou para a tua cunhada Sancha, é isso, Urraca?

A filha pôs-se de pé também, tão zangada como a mãe:

— Não sei, já lhe disse que não sei! E não me meta nem a mim nem a Bermudo nesta história. Não sei porque partiu, não sei para onde foi.

Teresa inspirou fundo, lembrou-se de Santa Senhorinha, das penas do Inferno, das orações nas manhãs geladas, nas palavras da mãe, na promessa de que seria menos impulsiva. Olhou para Afonso Henriques, que escutava junto da porta, como quem se prepara para abandonar a sala, e conteve-se.

— Melhor assim — murmurou. — Melhor assim. Tanto melhor assim.

Nessa noite, de regresso ao seu quarto, à sua cama, fechou com força as cortinas em seu redor e chorou até que adormeceu, entre soluços de cansaço e desilusão.

A meio da noite acordou a sentir que o ar lhe faltava. O que queria dizer a irmã Margarida quando falara em ervas, ervas que provocavam os sintomas que tivera, que levavam à cegueira. Tocou a sineta com violência e uma criada estremunhada abriu a porta.

— Traz-me penas e tinteiros, pergaminhos e um mensageiro — ordenou.

Tinha de escrever a Ximena, era preciso deslindar o que se passava. Só ela teria explicações para tudo isto…

## Paço de Viseu, fevereiro de 1123

Teresa fechara-se no quarto. Postara à porta dois soldados, com ordens para que não deixassem nem as criadas entrar. Queria ler e reler de novo a carta de Ximena, antes de a queimar. Sentou-se junto da lareira e releu:

*Minha adorada filha,*

*Deus seja louvado pela tua saúde, mas toda a cautela é pouca.*

*Teresa, demorei a escrever-te porque queria estar segura do que tenho para te dizer. Trago-te boas e más notícias, peço-te que uses ambas com inteligência. Não te aconselhes com ninguém, não reveles a ninguém o que te vou contar, ou correrás, de novo, perigo de vida. Disfarça, dissimula, joga o jogo do teu inimigo, até ao momento em que tenhas a força suficiente para lhe dar um golpe mortal.*

*Fernão encarregou-me de te escrever, porque é demasiado perigoso que seja ele a fazê-lo. Quando adoeceste, ninguém suspeitou de nada, e tal era a aflição que aceitaram de bom grado a ajuda de Paio Mendes, que sugeriu que fosses acolhida no Mosteiro de S. João de Vieira, onde velariam por ti noite e dia. Onde o milagre que te devolveria a visão e a vida era possível. Todos os dias mandávamos saber de ti, todos os dias nos davam notícias de que lutavas contra a morte. Até que a boa nova veio, estavas livre de perigo, falavas, e havia esperança de que voltarias a ver.*

*Fernão mandou rezar missas de ação de graças, acendeu velas em todas as igrejas, e as tuas filhas e o teu filho ajoelharam-se com ele.*

*Mas o plano de Paio Mendes era mais diabólico. Certa noite, chamou Fernão a Braga e disse-lhe que o encarregaras pessoalmente de se certificar de que o teu valido desaparecia do paço, que desaparecia do condado, que abandonaria todos os cargos, deixando tudo o que lhe havias doado. Ameaçou-o com a ira de Deus, mas mais ainda, com a ira dos senhores de Portucale.*

*Fernão Peres de Trava entendeu que, se não lhe obedecesse, corrias perigo de vida, afinal Paio tinha-te naquilo que se revelara um cativeiro, e a tua vida na mão.*

*Decidiu que era preciso ceder à chantagem, agir com convicção, para que pudesses voltar segura a casa. Mandou nessa mesma noite que se fizessem as arcas, e por cautela trouxe com ele as tuas filhas mais pequenas. Deixou-as comigo. E de seguida partiu para Jerusalém. Sabia que teria de fazer a peregrinação para expiar os seus pecados, que é certo que os tem, mas sobretudo para que Paio Mendes não tivesse nada contra ele, nada contra ti.*

*A tua filha Urraca contou-me que te enfureceste imaginando que voltara para a mulher. Preferimos que assim o pensasses, porque sabemos que a raiva ajuda a suportar melhor a dor. Tanto mais segura estás quanto mais essa gente imaginar que Fernão te deixou e que sonhas com a vingança. Mesmo agora que sabes a verdade, filha minha, peço-te que continues a agir como se desconhecesses tudo.*

*Partiu Fernão, e fiquei eu com a certeza de que Paio Mendes tinha arquitetado tudo o que aconteceu. Desconfiei que a tua doença não fosse de causas naturais, desconfiei do bispo de Braga, que procurara formas de se ver livre da mulher que o humilhara.*

*Os meus espiões encontraram um pequeno frasco de beladona entre os pertences do bispo, e por esta altura já deste pela ausência da tua criada Godinha, que cumpria as ordens desse diabo vestido de homem da Igreja — mandei-a vir, a pretexto das tuas filhas, e uma vez aqui prendi-a.*

*Mandei procurar a mulher que junto do Mosteiro de Santo André de Espinareda conhece as ervas melhor do que ninguém. A mulher, como um lobo saído do covil, era de poucas falas, mas quando lhe pus o frasco na mão, tirou a rolha, cheirou-o e pareceu assustada. «Senhora, são flores e folhas de beladona, picadas numa poção de morte.» Imaginas como fiquei ao saber que o bispo tinha atentado contra a tua vida. Pedi-lhe para que mais servia, e a mulher respondeu-me: «Usam-no as bruxas para voar, vão tão alto como as estrelas, usam-no os adivinhos, porque veem o que aos olhos dos outros está escondido, e usam-no os que querem dormir ou querem adormecer alguém, o coração tão lento que parece o de um morto... Usam-no para toldar a vista ou cegar.» Disse-me que a tintura era tão forte que bastavam duas gotas, mas que podia ser misturada com a comida, deixando que a vítima enfraqueça aos poucos. Primeiro a visão parece a de uma manhã de nevoeiro, depois a escuridão desce, como uma noite sem Lua. Foi esse o serviço que prestou ao bispo a tua malvada criada.*

*Felizmente sabia naquela altura que já estavas bem, e que D. Paio imaginava que te controlava de novo, tendo obrigado Fernão a partir.*

*De qualquer forma, disse-me que deves beber muita água, misturando carvão de troncos de castanheiro queimados na farinha do pão. Pede agora a alguém de confiança que te faça a poção para reforçares os olhos.*

*Teresa, agora é o teu tempo de agir. Confronta Paio, esse verme, com a tentativa de homicídio, diz-lhe que tenho a prova do seu crime, promete-lhe silêncio. Dá-lhe a escolher a prisão, por atentar contra a vida da rainha, ou um exílio em Zamora. Vais ver que escolhe Zamora.*

*Dá-me notícias o mais depressa que puderes. E Teresa, se puderes esquecer Fernão, esquece. É um homem digno, ama-te profundamente, mas há um bem maior, os teus filhos, os teus vassalos e a paz com Deus Nosso Senhor. Livre da cegueira, procura o bom caminho. Foi o conselho que dei a Fernão, e por amor a ti acredito que o acate.*

*Que Deus te guarde.*

*A tua mãe,*

*Ximena Moniz*

Teresa pediu que lhe trouxessem fogo da cozinha, e pousou a carta sobre duas pinhas na lareira vazia, e sentou-se a vê-la arder. A raiva contra Paio Mendes fora mitigada pela notícia de que Fernão não a traíra, não voltara para a mulher, e que deixara as suas filhas seguras com a avó, seguras nos vales do Bierzo.

Nos últimos meses, rezara, jejuara e penitenciara-se, doando terras a mosteiros e igrejas, procurando cumprir a pena que o confessor lhe havia imposto. E agora, agora descobria que o confessor lhe provocara uma doença, para a poder salvar dela, num malabarismo que imaginava

que justificasse com a responsabilidade suprema de salvar a sua alma. Talvez tivesse razão.

Estava diferente, pensou com um sorriso irónico e triste: até já desculpara o carcereiro sem que ele se rojasse a seus pés a pedir perdão. Recordou o rosto redondo de moçoila do campo da irmã Margarida, a bondade com que a tratara, e pela primeira vez fez sentido que lhe tivesse passado, tão às escondidas, um saquinho de ervas, dizendo: «Use estas e só estas.»

Lembrou-se de Alberto, da bondade de Alberto, procurando vir em seu auxílio por portas e travessas, mas tão desiludido por a ver desafiar os mandamentos do Senhor, ele que a apoiara em todas as suas loucuras, o escudeiro que se apressara a escrever «Anasisapta», para que a proteção da mãe sobre as filhas não cessasse nunca. E ainda havia Elvira, com quem já não falava há tanto tempo e que se afastara dela, dela e de Urraca, porque dizia não reconhecer as irmãs...

Talvez este mal tivesse vindo por bem, talvez o exemplo de Santa Senhorinha devesse ser o seu. Não se vingaria de Paio Mendes, não iniciaria de novo o ciclo de ódio e retaliação. Mandá-lo-ia vir ao paço, e faria uma proposta de tréguas, de que se unissem na luta contra Gelmirez. Mais tarde falariam de Urraca. Esses sim eram os inimigos...

* * *

«Por muito agitados que fossem os tempos e as lealdades, ninguém nesta corte parecia ter perdido o apetite», pensou Teresa nesse dia ao jantar, enquanto os seus homens se reuniam à mesa, onde se serviam os veados caçados nessa manhã.

Pelo canto do olho viu entrar o mensageiro e fez-lhe sinal para que se aproximasse, era certamente a resposta de Paio Mendes por que aguardava. Mas o rapaz não trazia nada na mão, e chegando-se mais perto disse-lhe baixo:

— Sua Eminência D. Paio Mendes partiu ontem ao fim do dia para Zamora.

Teresa sentiu que o teto rodopiava e o ar lhe faltava. Alguém lera a carta, alguém avisara o bispo de Braga, que achara por bem fugir antes que a fúria da rainha se voltasse contra ele. Mordeu o lábio com tanta

força que o sangue lhe tingiu a saliva.

Sancha, ao seu lado, percebeu que não estava bem e pôs-lhe a mão no braço, protetora. Teresa inspirou fundo e sossegou-a:

— Já passa, já passa, filha, foi só uma tontura.

Que falta lhe fazia Fernão.

## Paço de Viseu, maio de 1124

Teresa sentou o neto ao colo, brincando com os caracóis negros, que enrolava em torno de um dedo e depois deixava cair sobre os ombros do bebé. Visitava mais vezes esta criança do que alguma vez visitara qualquer um dos seus filhos, pensou, mas a verdade é que o pequenino Fernando viera animar-lhe os dias desde aquele mês de janeiro de há mais de um ano em que Fernão partira. Um varão logo à primeira, Urraca acertara na previsão.

Entregou-o à ama, e preparava-se para sair do quarto quando ouviu os passos de Afonso, só podiam ser de Afonso, a galopar pelas escadas acima, dois degraus de cada vez, só podia ser ele. Regressado já de Santiago de Compostela?

A porta abriu-se de par em par, a corrente de ar fazendo esvoaçar as tapeçarias, e Teresa indignou-se:

— Afonso, não se entra sem bater, muito menos no quarto de uma criança.

Mas Afonso, ainda com a cota vestida, abraçou-a entusiasmado:

— Mãe, tenho de lhe contar tudo!

Teresa observou-o, embevecida. De cada vez que o via estava mais alto, e agora que se aproximava dos 15 anos, os ombros pareciam ter alargado, tão parecido com o pai, pensou com um suspiro.

O filho encolheu os ombros:

— Não me vai dizer que não sabe como é que não paro de crescer, porque para isso basta o Ermígio e todos os outros — comentou. Mas Teresa, decididamente, não queria falar nos heróis do filho, não destes pelo menos, e dando-lhe o braço sugeriu:

— Vamos deixar em paz o teu sobrinho e conversamos perto de uma lareira, porque podemos estar em maio, mas aqui em Viseu continua a parecer inverno.

Afonso foi falando pelo caminho, incapaz de se conter:

— Mãe, o Ermígio disse que nunca se tinha visto antes uma investidura como a do meu primo Afonso Raimundes. Fez-se tudo seguindo os costumes novos da Borgonha, mãe. O primo Afonso Jordão garantiu-me que em França era também assim, mãe.

Sem deixar que Teresa o interrompesse, continuou:

— O rei é o primeiro de todos os cavaleiros. O seu poder vem diretamente de Deus, por isso não toma as armas do arcebispo, mas arma-se a si mesmo, retira-as do próprio altar e cinge-se com elas. E depois é ele que arma os seus companheiros de armas, os seus escolhidos, e todos prometem usar a espada em defesa da justiça, leais uns com os outros...

Teresa, imaginando a irritação de Gelmirez aos novos costumes, que certamente um legado do papa borgonhês se certificara de que eram cumpridos, conseguiu interrompê-lo:

— Espera, Afonso, explica-me mais devagar. D. Diego Gelmirez não presidiu à cerimónia? E o que é que estás a dizer, foram investidos mais cavaleiros?

Afonso impacientou-se:

— A que pergunta é que quer que lhe responda primeiro? É claro que Gelmirez presidiu à cerimónia, não o conhece? Estava à porta a receber o primo Afonso Raimundes, desceu a ala principal à sua frente e conduziu-o ao altar, mas não lhe deu a espada e o cetro como é habitual, esperou que Afonso retirasse a espada e a armadura do altar, não lhe tinha já dito isto?

Teresa levantou ligeiramente a voz:

— Compreendo que tens passado estes dias a falar com os teus amigos, mas agora estás perante a tua mãe, a quem, já agora, deves vassalagem — sorriu, mas o sorriso continha uma ameaça.

Afonso baixou o tom, mas nada o conseguia sossegar:

— Depois de se ter investido a si próprio, Afonso Raimundes investiu seis dos seus melhores amigos, e todos receberam das mãos do arcebispo moedas de ouro e de prata. Ermígio comentou que Gelmirez teria de saquear os nossos territórios para conseguir dinheiro para pagar as dívidas que contraiu para pagar tudo isto. A seguir aconteceram torneios e justas, e as festas acabavam de madrugada...

Teresa franziu o sobrolho, preocupada:

— Ermígio tem razão. Pagar festas assim, num ano de colheitas tão más, vai ser difícil, e Gelmirez não terá outro remédio senão aumentar os impostos sobre os burgueses de Santiago, que se revoltarão de novo...

Afonso não estava minimamente interessado nas previsões

económicas da mãe:

— Posso ser investido cavaleiro, senhora D. Teresa?

A rainha fingiu não entender:

— Não me disseste que Afonso Raimundes já escolheu os seus, agora que a tua tia Urraca se viu pressionada a reconhecer que é ele o legítimo sucessor ao trono de Leão e Castela...

— Como eu sou o do Condado Portucalense — comentou, rápido, Afonso Henriques. — Posso investir-me cavaleiro, não preciso de esperar que o meu primo me escolha.

Teresa sobressaltou-se:

— Quem é que te meteu uma coisa dessas na cabeça, Afonso?

O filho encolheu os ombros:

— Ninguém me mete nada na cabeça, mãe, mas sei muito bem de quem sou filho, de quem sou neto. E sei quem me educou e para quê...

— Para seres leal à tua mãe, que herdou do imperador de todas as Espanhas o reino que governa, e agora não quero ouvir nem mais uma palavra sobre tudo isso.

Mas Afonso insistiu:

— Tenho a certeza de que D. Paio Mendes presidiria com bom grado à cerimónia, já sou maior, e os magnatas ficariam mais contentes se soubessem que...

Os olhos de Teresa faiscaram:

— Já te disse que hoje a conversa sobre esse assunto acabou. Se nem sequer és capaz de obedecer a uma ordem é porque não estás preparado para ser cavaleiro de nada...

Os olhos de Afonso faiscaram tal e qual os da mãe, mas saiu da sala sem mais um protesto.

Teresa deixou-se cair num banco, exausta. Como queria a mãe que não repetisse os passos da sua irmã Urraca, se Urraca e o seu filho Afonso Raimundes desestabilizavam cada momento da sua vida?

Onde estaria Fernão, suspirou, como podia enfrentar Afonso e os nobres sem o seu conselho, o seu apoio, a sua força militar?

O filho não lhe falara da família Peres de Trava. Não fizera sequer uma referência ao conde de Trava, aio de Afonso Raimundes, que certamente estivera ao seu lado durante toda a cerimónia, nem tão-pouco dos filhos Trava, «irmãos» desde o berço do rei da Galiza e em

breve de Leão e Castela...

## Paço de Viseu, junho de 1124

Julgou que sonhava, Teresa julgou que sonhava, mais uma vez, com Fernão, com o toque suave com que lhe desembaraçava o cabelo revolto na almofada, a sua pele contra a dele, os lábios sobre os seus. Era tão real, a memória doía tanto, que os olhos encheram-se de lágrimas, que deixou deslizarem pela cara, como se qualquer gesto pudesse trazê-la de novo a uma realidade de que Fernão já não fazia parte. Queria dormir para sempre, sonhar para sempre, cada manhã lhe parecia mais insuportável, a ponto de haver dias em que não encontrava um único bom motivo para sair da cama.

Rebolou sobre si mesma, escondendo a cabeça na almofada, e ouviu um riso baixinho, e uma voz murmurou-lhe ao ouvido:

— Meu amor, gosto tanto de te ver dormir!

Teresa sobressaltou-se, e de um movimento sentou-se na cama, os olhos abertos com toda a esperança do mundo. Quando o viu deitado ao seu lado, abraçou-o com força, sentiu o seu corpo contra o seu, o seu corpo de carne e osso, incapaz de dizer fosse o que fosse, com medo de quebrar a magia.

Fernão falou por ela:

— Expiei os meus pecados, como sei que expiaste os teus. Peregrinei até Jerusalém, e a cada passo que dava, a cada paisagem que via, em cada igreja que entrava, só pensava: «Tenho de contar isto à Teresa, tenho de lhe dizer isto, levar aquilo. Teresa, tudo era sobre ti, tudo só fazia sentido por causa de ti.» A voz embargou-se e foi incapaz de continuar. Teresa beijou-lhe os lábios, soluçando:

— E o que fazemos agora, Fernão, e o que fazemos agora?

Fernão Peres de Trava aconchegou-a a si:

— Pensei muito, aproveitei todos os contactos que fiz nesta peregrinação, as longas conversas com os padres e os abades que fui encontrando, e não acredito que Deus nos queira separar.

Teresa riu:

— E quem é que vai acreditar em ti? Nem o meu querido Alberto acredita. Tem-me escrito, porque sabe que estou sozinha e sou, de novo, uma «mulher de virtude» — disse, num tom amargo —, e confessou-me que fez tudo, mas tudo, para que o nosso processo

chegasse a Roma, mas em Roma ninguém se atreveu a levá-lo ao papa.

Fernão beijou-a de novo:

— Enquanto lá estiver Calisto, nem vale a pena pensar nisso. Envenenaram-lhe os ouvidos contra ti e contra Urraca, convenceram-no de que as irmãs procuram destituir os filhos de sangue borgonhês.

Teresa indignou-se:

— Urraca ainda tem um filho varão com Pedro de Lara, mas nós só temos raparigas, e não me digas que imaginam que aos quarenta e quatro anos vou ficar grávida de novo...

Fernão riu:

— É um mundo de homens, sabem lá dessas coisas.

Teresa sorriu.

— Se estás disposto a suportar o acinte de bispos e arcebispos, o ódio dos magnatas do Condado Portucalense, eu também!

Fernão abraçou-a de novo:

— Até que a morte nos separe — disse baixinho.

— Na saúde e na doença, até que a morte nos separe — respondeu Teresa, benzendo-se, deixando-se levar nos braços do seu amado.

* * *

Teresa sentou-se no banco, frente à mesa alta onde estavam os seus tinteiros e penas favoritas, e escolhendo uma de pato selvagem, segurou-a contra a luz, observando os milhentos tons de verde. Precisava de se acalmar antes de começar a escrever a Alberto. Queria usar as palavras certas, o tom correto, ser capaz de lhe dizer, sem dizer de mais, o quanto gostava dele, o quanto precisava dele.

Não podia contar-lhe como o regresso de Fernão trouxera de novo sentido à sua vida, não podia falar-lhe de como estava disposta a ficar ao lado dele, contra tudo e contra todos, até que a morte os separasse, porque Alberto não o entenderia, mesmo que lhe lembrasse que também ele deixara a espada e o mundo, a deixara a ela, por amor a Deus, por amor à escrita...

Mas como podia não falar de Fernão, se tudo começava e acabava em Fernão, se o favor que lhe vinha pedir era consequência de Fernão? Suspirou, passando o dedo suavemente pela pena. Depois pousou-a,

impaciente. Porque é que as pessoas eram tão complicadas e era preciso andar de roda delas em pezinhos de lã? Estava cansada de tentar agradar e conciliar tantos interesses, quando tinha o poder suficiente para se fazer obedecer, ponto final. Mas Ximena insistia, nas suas cartas, que não podia vergar Afonso Henriques com a sua prepotência. Era demasiado perigoso.

Não conseguia esquecer o olhar de desilusão no olhar do filho quando regressara de uma caçada, com os homens que lhe eram mais próximos, e encontrara Fernão Peres de Trava sentado à direita da sua mãe, presidindo à mesa do jantar. Desilusão e vergonha, que o levaram a recuar de novo até à porta, por onde desaparecera para comer na cozinha, rodeado dos seus cavaleiros, os filhos dos magnatas do Condado Portucalense, que o envenenavam com aquilo que ouviam aos pais.

Fernão apertara-lhe a mão sob a mesa, discretamente, sabendo o que lhe custava pagar este preço. Fora o princípio de uns meses turbulentos, em que por vezes acreditava ter conquistado o filho com os seus argumentos, mas depois entendia que o perdera mais uma vez.

Pegou na pena e começou a escrever, e a cada palavra que escrevia Alberto ficava mais próximo, atravessavam a correr os campos de trigo já alto, subiam as veredas dos montes, rindo por tudo e por nada, felizes com o sol a queimar-lhes a pele, os campos cheios de flores, Elvira a espirrar atrás deles, a neve lá no topo, como o limite inalcançável, a chegada a Leão, lado a lado, o olhar sereno dele a sossegar o seu, agitado com este palácio que não conhecia, e onde não era bem-vinda, a voz da tia Urraca Fernandez, a descida escondida ao panteão onde o tio Garcia jazia no caixão de pinho, as marcas das grilhetas nos tornozelos...

A cada linha que passava, sentia menos constrangimentos, menos medos, menos reserva.

E depois contou-lhe. Contou-lhe que suspeitava que Afonso e Paio Mendes planeavam traí-la, e sabia bem do que o arcebispo de Braga era capaz. Pediu-lhe que descobrisse, que perguntasse, e que lhe dissesse. Queria agir antes que fosse tarde de mais.

* * *

Teresa viu o filho ajoelhado frente à imagem da Virgem e hesitou. O Sol nascia no horizonte que se via para lá da janela, e os primeiros raios incidiam sobre o seu cabelo encaracolado, que lhe chegava aos ombros, a capa quente de viagem sobre os ombros, as mãos unidas em oração. O filho de Teresa e de Henrique, neto do glorioso Afonso VI, imperador de todas as Espanhas. Em agosto faria 16 anos. Afonso era alto e magro, e o homem mais bonito que alguma vez vira, pensou com um sorriso triste. Se ao menos Henrique aqui estivesse para o ver, para o guiar...

O infante sentiu-se observado, e quando viu a mãe pôs-se de pé de um salto, sem conseguir esconder a expressão de surpresa e ansiedade.

— Acordada tão cedo, mãe? — perguntou, tentando que a voz não tremesse.

— Tão cedo como tu... e pelos vistos ambos com vontade de pedir luz à Mãe de Deus.

Afonso beijou-lhe a mão:

— Gosto de partir para a caça abençoado...

Teresa remexeu-lhe o cabelo, sorrindo:

— Tens de aprender a mentir, Afonso, porque não o consegues fazer sem que os olhos baixem...

— Lá começa a mãe com essas coisas... — disse irritado.

Teresa afastou-se até à janela:

— Dou-te um conselho, porque sei que no nosso lugar temos de mentir muitas vezes, e se o vamos fazer, então que o façamos bem.

Henrique impacientou-se:

— Não faço tenções de mentir a ninguém, pelo menos àqueles que me forem leais...

— Estás a dizer que eu não sou? — irritou-se Teresa. E perante o silêncio de Afonso insistiu: — Não te esqueças de que és tu que me deves lealdade a mim e não o contrário. — E fazendo um gesto de impaciência com a mão, continuou: — Sei que partes para Zamora, preferia que fosses tu a contar-me o resto.

Afonso começou a andar de um lado para o outro da pequena sala, «tal e qual o avô Afonso», pensou Teresa, num momento de saudade, como se estivesse a pensar no que devia ou não revelar.

— Nunca fui a Zamora — acabou por dizer.

Teresa riu:

— Falha minha não te ter levado a uma das cidades mais magníficas que já vi, a cidade favorita da avó Ximena, e que nos pertence... Vais ver a vista sobre o Douro e aproveitas para visitar D. Paio Mendes? Afonso, diz-me a verdade, é mais fácil para todos.

O príncipe respirou fundo:

— A verdade, mãe? A verdade é que, se tenho de fazer as coisas às escondidas, se é preciso ir a Zamora para falar com o arcebispo de Braga, é porque a mãe se incompatibilizou com ele, se incompatibilizou com todos.

O sangue subiu ao rosto de Teresa, que sentiu a cara a ferver:

— Fui eu que me incompatibilizei com ele, é isso que te diz? É isso o que te contam os magnatas? E se me perguntasses a mim, à tua mãe, a quem governa este reino, como tudo aconteceu? Não te disse o arcebispo de Braga porque é que escolheu, e nota bem a palavra, meu filho, porque é que escolheu deixar a sé e viver longe dela? Não te disse que tentou matar a tua mãe e que depois fugiu com medo das represálias?

Afonso estremeceu. D. Paio Mendes, o seu confessor desde criança, a tentar matar a mãe? Franziu o sobrolho, numa expressão de incredulidade que só irritou mais Teresa.

— Não acreditas? Não te lembras da minha cegueira há uns anos? — E depois, recordando-se dos conselhos de Ximena, de Alberto e até de Fernão, inspirou fundo e continuou num tom mais contido: — Posso contar-te tudo o que se passou quando tivermos tempo, mas agora quero saber porque é que partes como um clandestino. Porque te queres armar cavaleiro sem me contar do teu plano?

Afonso empalideceu de tal forma que Teresa teve medo que caísse no chão.

— Como é que a mãe sabe? — perguntou, a voz trémula.

— Porque sei tudo — respondeu Teresa, conseguindo esboçar um sorriso. — Desde o dia, há um ano, em que entraste aqui com os olhos a brilhar depois da cerimónia em Santiago de Compostela, sabia que em breve este dia chegaria. Não pensaste que o posso encarar como um gesto de rebeldia?

Afonso queria dizer-lhe que era um gesto de rebeldia, que a sua

ligação com Fernão e os senhores da Galiza desagradava ao seu filho e aos seus vassalos, mas Teresa fez-lhe sinal de que não fosse por aí.

— Quebra o jejum comigo e vamos chegar a um acordo. Se te queres sagrar cavaleiro, e se precisas de o fazer na presença de um arcebispo, e o nosso arcebispo está em Zamora, entendo que tenhas de ir a Zamora. Mas vamos negociar as condições — disse, e o seu tom não admitia discussão.

Afonso olhou em redor como que à espera que um dos seus conselheiros caísse do céu, mas se dúvidas houvesse esta cilada matutina provava que a mãe via e ouvia tudo. Não tinha outro remédio senão negociar, e subitamente a palavra pareceu-lhe cheia de emoção e promessas.

Nesse dia partiu, e embalada junto das armas com que se iria cingir seguia a espada do seu pai, a espada do conde D. Henrique, que a mãe lhe dera embainhada. «Quero que esteja sobre o altar», dissera-lhe, e despediram-se com um abraço forte.

* * *

A carta de Alberto chegou dois dias depois do Pentecostes, que nesse ano de 1125 calhou a 17 de maio. Teresa recebeu-a diretamente do mensageiro que cavalgara sem parar de Zamora a Viseu, para lha entregar em mão.

Teresa levantou-se da mesa apressada, levando a que todos os cortesãos, surpreendidos, se levantassem também, fez-lhes um gesto de que ficassem nos lugares e saiu para o escritório, onde sabia que àquela hora estaria sossegada.

Alberto cumprira a promessa, pensou, exaltante. Fora a Zamora, estivera com Afonso, e agora contava-lhe como tudo se tinha passado. Resistira naquela manhã a proibir o filho de cumprir a investidura, resistira nos dias seguintes a segui-lo até lá, mas pedira a Alberto que estivesse por ela e que transmitisse a Paio Mendes o seu desejo de que voltasse a Braga — a cautela aconselhava-a a que fomentasse a proximidade com o arcebispo, que parecia pronto a aliar-se ao filho contra ela. Recordara-se bem de como Ximena lhe dissera que era melhor ter os nossos inimigos debaixo de olho do que a conspirar à

distância. E demasiada gente conspirava à distância contra ela.

Partiu o lacre e começou a ler:

*Senhora D. Teresa, que Deus esteja consigo, e a força da Virgem e dos santos a inspire a seguir sempre o bom caminho. Aqui segue a crónica que escrevi sobre a investidura como cavaleiro do senhor D. Afonso Henriques…*

*Zamora, 16 e 17 de maio, véspera e dia de Pentecostes*

*Na véspera do dia em que o Espírito Santo desce sobre nós, o infante D. Afonso Henriques jejuou e rezou, fechado numa cela do paço da cidade de Zamora. Ao fim do dia ajoelhou-se e confessou todos os seus pecados ao arcebispo de Braga, D. Paio Mendes, que de penitência lhe pediu que passasse a noite em claro, rezando de joelhos frente à imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo na cruz, Deus feito ao homem, e que deu a vida para nos salvar.*

*Ainda o Sol não tinha nascido, o senhor D. Afonso Henriques tomou um banho que o libertaria de todas as impurezas. O seu criado ajudou-o depois a vestir uma camisa de linho, coberta por uma cota cor de ouro, a cor dos seus cabelos, tornados mais claros e luminosos com azeite e limão.*

*Saiu do paço rodeado pelos seus companheiros, dois dos filhos mais velhos de Egas Moniz, dois filhos de Paio Mendes da Maia e outros a que não conheço o nome nem a cara, e montaram os cavalos magníficos, cavalos mouros, ligeiros, nervosos e cheios de genica, adornados com panos e rédeas de couro trabalhado. Nenhum deles levava armaduras ou armas, e percorreram o espaço curto até à velha sé, onde D. Paio Mendes recebeu o infante, que se ajoelhou e lhe beijou a mão.*

*As paredes tinham sido cobertas de tapeçarias e panos trazidos do paço, segundo as ordens da senhora D. Teresa, mãe do infante, mas no interior estava escuro, apenas o altar iluminado por velas, o caminho das trevas para a luz assim indicado.*

*D. Paio Mendes, bispos, padres e monges, entre os quais me incluía, concelebrámos a santa missa, e depois da bênção final as alfaias litúrgicas foram recolhidas e as armas militares e a armadura foram colocadas em cima do altar.*

*O silêncio desceu sobre aquela igreja, e o príncipe, saindo do lugar onde se ajoelhava, aproximou-se da mesa do santo sacrifício e, de costas voltadas para todos e os olhos postos na cruz de Cristo, vestiu-se e cingiu-se como é costume fazerem os reis. Vestiu-se com uma armadura de gigante, pois é grande de corpo, e cingiu-se a si próprio com as armas para as batalhas. A espada cintilante, de punho reforçado, do conde D. Henrique, com o cunho de Toledo, onde todas as espadas são feitas, e que a mãe fizera questão que aqui estivesse, a espada do pai que passa para o filho, um destino, um fio do tempo que amaldiçoado seja quem interromper.*

*Armado, ajoelhou-se de novo, o elmo preso no braço, e rezou com fé, e quem, como eu, estivesse perto veria como as lágrimas lhe escorriam pela cara. Recebida a força e a graça diretamente de Deus, empossado do poder dos cavaleiros que juram dedicar a vida a servir a Deus e ao próximo, mandou que os seus companheiros se aproximassem e um a um armou-os cavaleiros, prometendo eles fidelidade e jurando afrontar o mal e o infiel até que lhes sobrasse um sopro de vida.*

*Durante a tarde, no grande terreiro do castelo, o povo acorreu a ver os torneios e as justas, nesta cidade onde cristãos, mouros e judeus parecem conviver lado a lado, como acontecia em Coimbra, na minha infância.*

*E foi ali mesmo perante todos os que o acompanhavam que Afonso Henriques jurou um dia recapturar Lisboa aos mouros, como tinha sido desejo do seu pai e do seu ilustre avô.*

*Quanto ao arcebispo de Braga, a pedido do infante prometeu esquecer desentendimentos passados e voltar à sua sé, onde se irá comprometer em fazer crescer a sua diocese, lutando em Roma para que volte a ser o ponto de referência da Igreja, lugar de peregrinação, lugar onde os filhos dos magnatas do Condado Portucalense possam ser, também eles, armados cavaleiros.*

*Tudo vi e tudo escrevi, e regresso agora ao mosteiro real, onde continuarei a rezar para que tudo aconteça como combinado, para que a paz volte a esta terra, tão dilacerada por desentendimentos desde a morte do muito amado Afonso VI.*

*Alberto, cronista de Sahagún.*

Teresa sentiu os olhos humedecer. Como desejava lá ter estado, como desejava ter visto. Talvez um dia Alberto lhe mandasse uma iluminura, a iluminura que ilustraria um dia a crónica. Fechou os olhos por segundos e teve a certeza. Estava segura de que, no caminho de regresso de Zamora, frei Alberto apanharia insetos coloridos, as flores amarelas e roxas dos campos, as ervas de seiva amarela, as bagas de espinheiro, as pedras de onde se tiravam cores, e até o carvão da fogueira que acenderia para se aquecer, para os transformar em tintas, que entregaria ao seu melhor iluminista, pedindo-lhe que transformasse as suas palavras em imagens. Sorriu, subitamente em paz, um dia, um dia cedo, veria o que não tinha visto. Agora era preciso pensar e planear, envolver Afonso e Paio Mendes nas suas decisões. Não era ingénua, sabia que agira da única forma possível, mas sabia bem que acabara de armar o inimigo... Afonso respondia agora diretamente a Deus pelos seus atos, seria isto e mais nada do que isto que os senhores portucalenses diriam ao seu filho quando o quisessem voltar contra ela. E ela dera-lhe a espada, a espada do seu pai, a espada forjada na cidade imperial do seu avô. Era preciso agir com pinças, e, como dizia Fernão, a senhora de Portucale preferia a catapulta! Mordeu o lábio, com determinação, Afonso Henriques acabaria por entender que a aliança com os senhores da Galiza fazia todo o sentido, que se limitava a desejar o que lhe tinha sido roubado e que um dia seria dele. Mas aguardaria, saberia esperar.

# Paço de Astorga, março de 1126

*— Elvira, antes de partires escreve uma nota à Teresa, porque com esta luz de inverno já não consigo ver o suficiente para lhe escrever.*

*Elvira pareceu hesitar, mas sentou-se e pegou na pena.*

*— Dite-me então o que quer que escreva.*

*— Escolhe as palavras que entenderes, mas pede-lhe que reze por Urraca.*

*Elvira nem sequer mergulhou o bico na tinta.*

*— Parece-me uma perda de tempo e esforço, mãe. Teresa não vai rezar por Urraca, nem tão-pouco a vai chorar, e a culpa, querida mãezinha, é sua...*

*Ximena entrelaçou os dedos e fechou as mãos, angustiada, mas a resposta foi brusca:*

*— Eu trato de confessar os meus pecados, quando chegar a hora, e tu tratas dos teus, mas faz o que te peço.*

*Elvira sentiu um nó apertar-se na garganta. Não gostava de se sentir amarga, de ter envelhecido amarga, mas o regresso a casa não fora aquilo que esperava: Urraca e Teresa numa constante guerra sem tréguas, demasiado envolvidas em si mesmas para se preocuparem com os outros, nem com ela. Mas tudo isso lhes teria perdoado, como lhes perdoara sempre, não tivesse sido a frieza com que haviam manipulado o seu marido, seduzindo-o para as suas fileiras, ora de uma, ora de outra, sem remorso e sem virtude, até que se cansara e saíra de casa, refugiando-se no Bierzo. Ela que peregrinara até à Terra Santa na primeira grande cruzada, coroada em Jerusalém, que com Raimundo criara um reino e o governara, tinha visto mundo suficiente para se impacientar com a mesquinhez desta guerra de irmãs. Gémeas, como dizia Alberto.*

*Ximena parecia ter adormecido frente ao fogo. Aos 67 anos, não tinha a força de há alguns anos. Elvira, vencendo a relutância, avisou Teresa de que ia ter com Urraca, que estava às portas da morte. Pediu à irmã que deixasse os rancores e fosse ter com elas. Não resistiu e acrescentou: «Se não conseguires chorar, pelo menos finge.»*

*De facto, pensou, a vida fizera dela outra pessoa.*

## Paço Real de Leão, 10 de março de 1126

Estremeceu quando viu as muralhas de Leão, e o coração batia tão descompassadamente que estava certa de que todos o ouviam no momento em que franqueou a porta da Basílica de Santo Isidoro, neste regresso ao lugar onde tanto da sua vida se tinha decidido.

As suas cinco filhas seguiam logo atrás, mas nem a seda, nem o ouro, nem a prata que usavam, e Teresa ordenara que tirassem dos baús tudo o que de melhor possuíam, pareciam surtir qualquer efeito nesta igreja que a tia Urraca enchera com todas as riquezas do mundo, recolhidas durante uma vida inteira.

Sentia a sua presença, como se ali estivesse, pronta a repreendê-la por revelar demais dos seus sentimentos, por ser impulsiva, inquieta, irreverente. Usava a coroa que dela herdara, como se desafiasse a irmã que jazia naquele caixão magnífico a atrever-se a roubar-lha.

Virou a cabeça num gesto rápido para a janela no andar superior, como se esperasse vê-la ajoelhada em oração, e a mão fugiu para o coração, procurando aliviá-lo do susto, porque lá em cima encontrara antes as vestes negras de um monge em oração. Só podia ser Alberto, disse a si mesma, Alberto que, como ela, se sentia tocado por este lugar de infância, que procurava sentido nos lugares onde tinham tantas raízes.

Os nobres de Leão e Castela, os senhores da Galiza e de Portucale, abriam alas para que passasse, e Teresa sentiu um impulso de fugir dali, de correr pelas escadas de caracol acima, de procurar o seu quarto, a sua cama de dossel, e de se esconder entre as almofadas de penas, como naquele dia, naquele dia em que soubera do casamento de Urraca e desmaiara de inveja...

Mas que invejava agora?, perguntou a si mesma, zangada. Nascidas no mesmo ano, Urraca morrera sem se saber de quê, e era ela que aos 46 anos ainda tinha a vida pela frente.

Pedro de Lara beijou-lhe a mão, e Teresa olhou-o espantada, como se não esperasse ver olhos tão encarnados de tanto chorar, como se duvidasse de que alguém pudesse amar assim a sua irmã. Os soluços da sobrinha Sancha trouxeram-na à realidade, e abriu-lhe os braços, estreitando-a neles. Pobre Sancha, disse-lhe, numa voz sentida, pobre

Sancha, e as memórias da pequenina filha de Urraca no quarto de brinquedos do paço, ao colo do avô Afonso, comoveu-a subitamente. Tanto que já fora, tanto que se perdia.

* * *

— Está tudo preparado — disse Fernão, entrando no quarto, já de camisa de dormir, fugindo dos seus aposentos no paço de Leão para os de Teresa.

A rainha pôs um dedo frente aos lábios e disse num sussurro:

— Aqui todas as paredes têm ouvidos.

Fernão enfiou-se entre os lençóis e murmurou-lhe ao ouvido:

— É para que mais ninguém oiça que me deito aqui ao seu lado, senhora D. Teresa — disse rindo.

Teresa riu:

— És incapaz de perceber quando um assunto é sério. Mas conta-me o que sabes.

— Primeiro as notícias do paço de Leão. Afonso Raimundes vem a caminho e será coroado dentro de dias, numa cerimónia preparada com toda a pompa.

Teresa suspirou, angustiada:

— Finalmente consegue o que sempre quis, o trono. Mas não lhe vou entregar o nosso reino com a facilidade com que a mãe lhe entregou o dela.

Fernão conteve uma gargalhada:

— Minha querida, se chamas «facilidade» a morrer, não sei bem o que podemos fazer que seja difícil.

Teresa impacientou-se:

— A situação é grave, Fernão. Não quero ficar para a cerimónia, não quero prestar vassalagem ao meu sobrinho, parto logo que possível, ele entra por uma porta da cidade e eu saio por outra...

Fernão concordou:

— Além do mais, quando souberem que mandámos as nossas tropas atacar as cidades que Urraca nos roubou na Galiza, o ambiente vai tornar-se demasiado tenso. Temos de sair daqui, alegar uma ofensiva moura em Coimbra e fingir que as revoltas são espontâneas.

— Pouco me importa o que pensam — disse Teresa, impaciente.

— Não te esqueças que o meu pai é o aio de Afonso Raimundes, que fará questão em estar ao seu lado quando for coroado.

A resposta de Teresa foi ácida:

— Mais uma razão para que seja eu a defender o meu território! Se o conde de Trava deixar de apoiar a minha legítima aspiração ao reino da Galiza e se se aliar ao futuro rei, o meu reino corre perigo. Prefiro atacar enquanto comem e bebem.

— E Afonso Henriques? — perguntou Fernão, preocupado.

— Afonso Henriques vai partir amanhã connosco, é necessária a sua presença em Coimbra, não concordas?

Fernão passou-lhe a mão pelo cabelo, a expressão séria:

— Em quem confias para levar um recado a Bermudo? É preciso que o meu irmão simule umas escaramuças na fronteira de Coimbra para que Afonso, Afonso VII — corrigiu —, não desconfie.

Teresa encolheu os ombros:

— O meu filho vai desconfiar, não é estúpido, não é nenhuma criança. Afonso Raimundes então vai saber com toda a certeza que lhe mentimos, mas não é isso que agora importa. O que importa não é o que parece, é o que conseguimos fazer. E o que conseguimos fazer é sair daqui antes de lhe jurar fidelidade de boca e mãos, e isso Afonso Henriques entenderá melhor ainda do que nós.

## A caminho de Ricobayo, abril de 1126

Teresa e Fernão cavalgavam lado a lado, rodeados de um pequeno séquito, com Ricobayo como destino. O mal-estar que se sentia no paço de Viseu levara-a a aceitar o convite que o sobrinho-rei lhe dirigira, pedindo-lhe que se juntasse a ele próximo de Zamora, na companhia de Fernão e de toda a família Trava, para que negociassem serenamente um pacto de concórdia. «Não quero continuar as lutas que a minha mãe perseguia», escrevera Afonso Raimundes, e se noutra altura a rainha Teresa se teria esquivado ao encontro, neste momento esta oportunidade parecia-lhe caída do céu. Nem que fosse pelo pretexto que lhe dava de abandonar o condado por uns tempos, refugiando-se na sua cidade de que tanto gostava.

Agora a caminho, Teresa olhou em seu redor, para se certificar de que os outros estavam suficientemente longe para não a conseguirem escutar, e disse baixo:

— Se não saísse hoje mesmo de Viseu, mandava destruir a igreja e já agora com o prior lá dentro — vociferou.

Fernão fez sinal para que não proferisse nem mais uma palavra sobre o assunto. Bastava a expressão do rosto para que quem a observasse soubesse imediatamente do que falava. O episódio era tema de conversa tanto entre os nobres como entre os soldados, e no paço não havia ninguém que não o comentasse das cozinhas à sala de costura. Afinal a missa de domingo estava cheia até à porta, sabendo que ia ser assistida por D. Teresa, Fernão, o infante Afonso Henriques e duas das filhas da condessa portucalense. Estava certa de que o prior, venerado por toda aquela gente, aproveitara-se desse facto para a humilhar em público.

Reparando que o casal real se sentava na primeira fila, o padre recusara-se a prosseguir com a celebração, e apontando para Teresa e Fernão chamara-lhes «casal adúltero» e ordenara-lhes que saíssem, porque aquele não era lugar para abençoar os que afrontavam Deus com o seu comportamento.

Teresa ficara tão chocada que demorara a entender o que se passava, e tivera que ser Afonso Henriques a implorar-lhe que saísse pela porta lateral e não insistisse em desafiar a ira do prelado, a desafiar

a fúria do Altíssimo. A rainha obedecera, atordoada, e Fernão seguira-lhe os passos, deixando atrás de si uma assistência em silêncio, mas que, mal os viram bater a porta, desataram a língua para comentar o feito mais extraordinário a que tinham assistido em todas as suas vidas.

Teresa regressara ao paço, e desde esse dia não voltara a dirigir palavra a Afonso Henriques. Como se atrevia um miúdo de 16 anos a impelir a mãe a sair do templo, em lugar de a defender perante quem a insultava?

Afonso Henriques não fizera qualquer menção de lhe pedir desculpa. Pelo contrário, ao vê-la amuada, atrevera-se a dizer-lhe descaradamente que «quem anda à chuva molha-se», saindo todos os dias para a caça como se nada fosse. Teresa sabia quem eram os seus amigos, e não tinha dúvida nenhuma de que tudo isto seria aproveitado por Ermígio e Egas Moniz, D. Paio Mendes e todos os outros nobres portucalenses afastados da sua corte, e eram muitos, e eram quase todos. E, claro, pelo prior, D. Teodósio, que não deixara dúvidas nenhumas de que lado se encontrava.

Fernão não lhe trouxera boas notícias. Diziam-lhe os seus espiões que Afonso Henriques era tratado pelos dissidentes como o conde portucalense de facto, já armado cavaleiro, já maior, já pronto a substituir a mãe, mulher e regente, que perdera toda a confiança ao amantizar-se com um estrangeiro.

Fora nesse dia que Teresa, furiosa, decidira que era dia de partir. Despedira-se das filhas, mas Afonso Henriques, mais uma vez, não estava no paço. «Foi confessar-se a D. Teodósio», murmurou Sancha, preocupada com a reação da mãe, e Teresa, zangada, ripostara: «Podes dizer ao teu irmão que vai ter de escolher entre a companhia da sua mãe e a do homem que a insulta em público», mas Sancha negou com a cabeça. Teresa atirara com duas almofadas ao chão e saíra da pequena sala em fúria, os olhos cheios de lágrimas. Perdia o filho. Quantas vezes Ximena a avisara.

## Ricobayo, abril de 1126

Teresa vestiu-se com cuidado. Aos 46 anos, e depois de sete gravidezes, não tinha o corpo elegante de outrora, mas orgulhava-se de ainda ser capaz de usar uma túnica estreita e cintada e de não ter um único cabelo branco. Apesar de tudo por que tinha passado, pensou, sorrindo para a criada, que lhe pintava as pálpebras com pó verde, que realçava a cor dos seus olhos.

O plano estava traçado, mas precisava de usar toda a sedução para o concretizar. O conde de Trava e os seus filhos mais novos jurariam vassalagem ao novo rei, mas Teresa e Fernão tentariam negociar um pacto mais subtil. Não estava em momento de exigir grande coisa ao sobrinho, gorados que tinham sido muitos dos ataques que perpetrara na Galiza, e sabendo-se do afastamento dos nobres da sua corte — infelizmente as notícias corriam depressa. Por seu lado, o sobrinho, Afonso VII, também não tinha qualquer interesse em comprar para já novas guerras, neste momento em que procurava unificar o seu território, construindo alianças. Estavam, por isso, os dois interessados num pacto temporário, a ser renegociado mais tarde, numa altura em que um e outro acreditariam que lhes seria mais favorável.

Teresa deixou que a criada lhe aplicasse pó de rosas no rosto, o cheiro da mãe dava-lhe sempre um novo alento, e a cor no seu rosto pálido acentuava-lhe a beleza.

Subitamente viu a sua imagem de fugida no espelho e sentiu um nó apertar-se na garganta. Recordara-se de Urraca, lembrara-se de que, desta vez, não havia uma Urraca para impressionar, uma Urraca a quem ganhar. Sentiu os olhos molhados e esfregou-os com força, apesar dos protestos da criada: que raio se passava com ela, para subitamente sentir que um bocadinho de si tinha morrido com a irmã? Quarenta anos a pensar em função dela, quarenta anos a tentar imaginar o que pensava, quarenta anos a rivalizar com ela, quarenta anos em que Urraca tinha sido, quer quisesse, quer não, a imagem que via no espelho. «Gémeas, são gémeas!», a voz de Alberto ecoava-lhe nos ouvidos. Sacudiu o cabelo zangada, deixando cair a tiara que há momentos uma das damas lhe tinha posto. «Teresa, o que se passa contigo», disse a si mesma zangada. Respirou fundo, pediu uns minutos

para se recompor, e a criada pacientemente tirou de novo as tintas e o pequeno pincel.

Afonso Raimundes recebeu-os com a pompa de um rei. Beijou a tia com genuína ternura, e Teresa surpreendeu-se ao fazer o mesmo. Depois de jantares de tantos pratos que lhes perdeu a conta, de danças e música, com jograis e animais amestrados, como se o luto tivesse sido esquecido, vieram manhãs de conversações em que um e outro fizeram o *bluff* que puderam. Teresa nunca, por uma vez que fosse, mostrou sobranceria ou desrespeito pelo novo rei de Castela e Leão, mas não deixou de recordar ao novo imperador a herança devida e que nunca tinha chegado a receber. Afonso VII não negou os seus direitos, mas também não os reconheceu, e finalmente Teresa conseguiu o que queria: um pacto de paz por tempo indeterminado, que não a vinculava a nada. Verdade que Afonso VII também não ameaçara entrar-lhe pelo condado adentro, mas ficara tacitamente combinado que, se alguém ameaçasse a rainha Teresa, se lhe quisesse roubar o poder ou pôr outro no seu lugar, o sobrinho viria em seu auxílio. A rainha estava certa de que Afonso Raimundes entendera que a tia temia agora o avanço do filho, mas nem ele nem ela, nem por uma vez, pronunciaram o seu nome. Afinal, Afonso VII tinha a experiência, desde criança, do poder que aios e senhores da terra tinham sobre o príncipe que criavam desde o berço, para que fosse capaz de medir os riscos de apoiar o primo. Era preferível uma tia frágil e sem apoio interno, apoiada pelo seu amigo de infância que conhecia como as suas mãos, do que um herdeiro cheio de pujança e ansioso por empunhar a espada, rodeado por senhores que ambicionavam ser senhores de si mesmos.

Fizera-lhe um único pedido, quase à saída. Pedira-lhe que corrigisse a vingança que a sua mãe, Urraca, deferira contra uma inocente Ximena Moniz, e reconsiderasse devolver-lhe o castelo de Urvel. Afonso ouvira com atenção, e Teresa reconheceu que era um milagre que este menino, usado por uns e por outros, arrastado por montes gelados pelo braço de Gelmirez, coroado e depois escondido, promovido e depois destituído, amado pela sua mãe e logo de seguida esquecido, mantivesse aquele olhar transparente e generoso.

Despediram-se com um abraço longo, na certeza de que a paz assinada era, sem dúvida nenhuma, precária.

## Vimieiro, maio de 1127

— Mãe, acha que o Afonso vem? — perguntaram quase em coro Sancha e Teresa.

A rainha aconchegou ao colo o novo neto, filho de Sancha, fugindo à pergunta:

— Sabes, Sancha, esta criança está cada vez mais parecida com o avô Henrique, olha para este cabelo ruivo, que encanto. Sabes que quando conheci o teu pai...

— Mãe — interrompeu a sua filha Teresa, desesperada —, nunca vi uma pessoa que conseguisse desviar as conversas com tanta facilidade.

Sancha deu uma gargalhada:

— Depois ouvimos as suas histórias de amor com o nosso pai, mas agora diga lá se tem notícias de Afonso. Há quase um ano que não o vemos, não faz sentido esta dança de paços, vamos para um, ele passa para outro.

Teresa continuou a dar festas ao neto:

— Não sei o que te diga. Mandei dizer que estávamos aqui para fazer a doação do Mosteiro de Vimieiro à Ordem de Cluny, e que se rezaria missa em seguida pela alma do vosso pai. Não vejo como possa não aparecer.

Sancha e Teresa entreolharam-se, satisfeitas:

— Mesmo Egas Moniz não o vai aconselhar a que não venha.

Teresa franziu o sobrolho, pondo o neto no chão e dando-lhe uma mão porque os seus passos ainda eram inseguros:

— O teu irmão e aqueles que o rodeiam sabem bem que cá estará um representante da ordem, que ainda não chegou, nem sei quem será, mas sabem, e não vos posso esconder que procuro o apoio de Cluny, que sempre foi o braço-direito do imperador e do conde D. Henrique.

— Procura apoio contra o Afonso — atreveu-se a dizer a filha Teresa.

A rainha agradeceu estar dobrada, com as mãos nas mãos da criança, para que não lhe lessem a expressão:

— Preciso do apoio de Cluny contra aqueles que me atacarem ou quiserem usurpar o poder.

Sancha contrapôs, rapidamente:

— Mãe, ninguém acredita que Cluny lhe dará apoio contra o primo

Afonso. Roma e Cluny uniram-se para o apoiar, mesmo contra a tia Urraca. Sobra só assim...

Teresa voltou a pegar no neto ao colo, e virando-se para as suas duas filhas zangou-se:

— Não sou eu que me tenho voltado contra Afonso Henriques, e não fui eu que o afastei, nem a ele, nem a Paio, nem aos nobres portucalenses. São eles que me desafiam.

As suas filhas mais velhas viram entrar as suas meias-irmãs de Fernão de Tavra e calaram-se. Não era altura para lembrar à mãe que era a sua ligação a Fernão que estava na base de todo este diferendo. Depois de a terem visto às portas da morte, depois da cegueira provocada por D. Paio Mendes, estavam irredutivelmente do lado da condessa. Além do mais, gostavam de Fernão...

Afonso Henriques chegou quando o notário já tinha a doação sobre a mesa, Teresa e Fernão à frente dela, e as filhas mais velhas, e juntos de si alguns dos nobres e burgueses indefectíveis. Entrou sorridente, e a rainha sentiu que o coração lhe saltava do peito, ao olhar aquele seu único filho, tão bonito, tão alto, tão mais homem do que quando o vira da última vez, há quase um ano.

Afonso Henriques sorriu-lhes, como se os tivesse visto ontem, cumprimentando-os a todos com entusiasmo, beijando a mãe, primeiro a mão e depois a cara, aceitando o abraço com que ela respondeu ao cumprimento.

— Afonso Henriques, chegas a tempo da assinatura — disse-lhe Teresa, e não resistiu a acrescentar: — Faço esta doação pela salvação da minha alma e dos meus pecados, sabendo que esta era a ordem que o meu pai mais venerava e que o teu pai considerava sobre todas as outras.

O enviado de Sahagún inclinou a cabeça numa vénia, e Teresa recordou o desgosto que sentira quando tinha percebido que não era Alberto que vinha e que este monge nem uma mensagem de Alberto lhe trazia.

Viu-se na cara de Afonso Henriques que se preparava para dizer que muitos mosteiros teria a mãe de doar para atenuar os seus pecados, mas conteve-se. Vinha em paz, vinha aliás cheio de saudades de todos eles. Por isso, aproximou-se da mesa e tirando a pena mergulhou-a no

tinteiro e assinou o seu nome abaixo do de Teresa e Fernão.

* * *

Nessas noites conversaram sobre o futuro, Teresa e Afonso Henriques. Fernão, cautelosamente, partira para Coimbra, deixando-os sozinhos, sem a sua intromissão. Mas o plano estava traçado.

— Afonso, o teu primo está entretido em guerra com o antigo padrasto, mas o Batalhador vai acabar por deixá-lo em paz, tem demasiado com que se ocupar e já percebeu que não há por onde dividir.

Afonso Henriques concordou:

— Ao contrário do que acontecia com a tia Urraca, o povo de Leão e Castela está unido em redor de Afonso VII. E mãe, ele sabe o que faz.

Teresa impacientou-se. Porque é que o seu filho insistia nesta admiração cega pelo primo, replicando tantos dos seus atos, a começar pela investidura como cavaleiro e a acabar nesta ligação ao bispo de Braga, como o primo se ligara a Gelmirez, para não falar nesta afronta à mãe, como o príncipe fizera em relação a Urraca.

Disfarçou a irritação, prometera a Fernão que se conteria, lembrando-se que Afonso Henriques era um jovem cheio de entusiasmo e desejo de aventura, e «que herdou de ti a teimosia», acrescentara. Por isso falou de Afonso VII.

— Tanto sabe o que faz que em breve estará na Galiza, exigindo vassalagem aos nobres que conhece desde o berço, exigindo que D. Gelmirez pare com as conspirações e braços de ferro. E depois disso virá pedir o mesmo aos senhores portucalenses, e obviamente à rainha.

Afonso teve vontade de lhe lembrar que ele era o herdeiro do conde portucalense, recordar-lhe que em breve faria 18 anos, que era tempo de assumir o poder, mas calou-se. Ermígio pedira-lhe respeito e cautela. Egas lembrara-lhe que ainda não era tempo. Paio recordara-lhe que era melhor ouvir e calar.

Teresa percebeu que o filho se continha, mas decidiu continuar a falar:

— Temos de preparar uma estratégia. Precisamos de, juntos, defender Guimarães, conseguir que o teu primo perceba que não há qualquer hipótese de nos submeter. Mas para isso precisamos de nos

unir todos...

Afonso Henriques percebeu onde Teresa queria chegar:

— Quer que fale com os nobres que saíram da sua corte?

Teresa irritou-se, não estava habituada a pedir favores a ninguém, muito menos a um filho em quem não confiava plenamente:

— Não estou a pedir nada, estou a avisar de um perigo. Nunca prestarei vassalagem a Afonso VII, nem abrirei mão de uma herança que recebi diretamente do meu pai. Não te esqueças que foi por este reino, e ainda pelo da Galiza, que nunca nos foi entregue, que o teu pai morreu.

Afonso Henriques olhou para a tapeçaria estendida no chão, evitando os olhos da mãe:

— Porque hão de voltar se nada mudou? Se a razão que os levou a sair permanece?

Teresa pôs-se de pé, exaltada:

— Afonso, desde quando é que os senhores de um reino põem condições à rainha? Desde quando é que decidem o que faz da sua vida? Esqueces, por acaso, que o imperador escolheu Ximena Moniz, e que segundo os preceitos de então bastava que um homem e uma mulher pedissem a Deus o sacramento? Porque não hei de eu fazer o mesmo?

Afonso Henriques indignou-se:

— Porque é contra Deus e contra a lei.

Teresa levantou de novo a voz:

— E que sabes tu do que Deus quer ou não quer? E quem te diz que homens tão pouco escrupulosos como D. Paio Mendes conhecem melhor a vontade de Deus do que outros que convivem e abençoam o meu casamento com Fernão?

Afonso levantou-se, também indignado:

— Não aceito que blasfeme contra D. Paio Mendes — gritou.

Teresa gritou ainda mais alto:

— És meu filho e vais-te sentar e ouvir. Ouvir o que nunca te contei. Senta-te.

Afonso Henriques sentou-se, incapaz de lhe desobedecer, e Teresa contou como Paio Mendes a tinha envenenado com beladona, como a tinha privado da visão, para depois lha restituir como um milagre, contra a promessa de nunca mais ver Fernão.

Afonso levantou-se de novo, o cabelo pelos ombros em desalinho, as faces rosadas por debaixo da barba que deixara crescer:

— Não acredito! A mãe inventa para justificar a forma como vive.

Teresa fulminou-o com os olhos:

— Não é a tua mãe que mente! Que Deus me fulmine aqui se te minto.

Mas Afonso era incapaz de abrir mão da sua fé em Paio Mendes, seu confessor desde criança, em Ermígio e Egas, os aios a que tinha sido entregue. Afinal, Teresa, a sua mãe, Teresa, era apenas uma mulher, e as mulheres, quantas vezes lhe tinham dito, eram tomadas por Satanás, capazes das mais diabólicas artimanhas para se fazerem acreditar, para se fazerem gostar. Era preciso afastarmo-nos delas, antes que nos levassem a cair em tentação. Confuso e agitado, Afonso Henriques saiu determinado, sem olhar para trás. Se a mãe recusava o caminho da virtude e mantinha a recusa de abrir mão do poder, teria de o conquistar pela força.

## Paço de Coimbra, setembro de 1127

Teresa e Fernão chegavam da capela quando Bermudo veio ao seu encontro. A expressão era de preocupação, e a túnica amarrotada deixava claro que acabara de desmontar depois de uma longa viagem.

Saudou-os com um abraço rápido e pediu que se sentassem num lugar onde as paredes não tivessem ouvidos. Por segundos, Teresa sentiu uma imensa tristeza — quantas vezes não se refugiara com Paio no *scriptorium*, o lugar favorito de ambos, quantas coisas não tinham acontecido naquele lugar entre duas pessoas que acreditavam, então, que a sua amizade era indestrutível.

— Vamos para a sala pequena — indicou Fernão.

Fernão nunca parecia ter hesitações ou dúvidas, pensou Teresa, subitamente cansada de tudo e de todos.

Mas depressa esqueceu o passado.

— O rei prepara os exércitos para descer sobre o castelo de Guimarães — anunciou o cunhado e genro.

— Afonso Henriques sabe disso? É ele que está em Guimarães? — perguntou Teresa, e Bermudo encolheu os ombros:

— Se sabe, não fui eu que lhe disse.

Fernão interrompeu:

— Sabe certamente e prepara-se. É um cavaleiro de dezoito anos, rodeado de jovens cavaleiros como ele, ansiosos por se experimentarem pela primeira vez em batalha.

Teresa interrompeu:

— A tua ingenuidade! Esta é a oportunidade pela qual os magnatas esperam. Virão em socorro de Afonso Henriques, rodeando o infante, que querem ver conde. Temos de virar esta oportunidade a nosso favor.

Fernão e Bermudo não a interromperam, e Teresa continuou, a cada palavra mais entusiasmada:

— Afonso VII vai vencer o cerco. Tem mais homens e mais experiência. Afonso Henriques vai ser obrigado a prestar-lhe vassalagem, não terá outro remédio, o que lhe dará uma lição de humildade de que precisa. Os magnatas entenderão, também, que os galegos fazem falta nas suas hostes.

Fernão continuou o seu pensamento:

— O rei vai conformar-se com a vassalagem de Afonso Henriques, mas saberá perfeitamente que não conseguiu aquela que vinha obter, a da rainha Teresa.

Teresa sorriu-lhe, satisfeita:

— Exatamente. De que vale a promessa de um infante? Nada.

Bermudo, cauteloso, quis saber:

— Se abandonar o seu filho, deixando-o defender uma cidade tão vital e simbólica como Guimarães, mesmo que seja derrotado colherá os louros de defender o povo. As gentes ficar-lhe-ão imensamente gratas. Os nobres portucalenses olharão para ele como alguém que tem coragem para pegar nas armas, mesmo quando está sozinho.

Mas Teresa já estava demasiado entusiasmada para voltar atrás no seu plano, e o prazer de ver Afonso Henriques vergado cegava-a a qualquer aviso que implicasse desistir.

Fernão sugeriu:

— Vamos fingir que não temos informação do ataque. Quando Afonso nos enviar a notícia, Teresa, terás de dizer que Bermudo e eu partimos para sul, com um pequeno exército, numa operação de reconhecimento (o que vamos fazer, de facto) e que levarás alguns dias a chamar-nos de volta. Tudo junto, chegaremos tarde de mais.

Bermudo insistiu:

— Tudo se sabe! Porque não pôr Afonso Henriques a par desta estratégia? Certamente entenderá que faz sentido.

Teresa suspirou fundo. Talvez Bermudo tivesse razão. Talvez fosse melhor confiar em Afonso Henriques do que rivalizar com ele. Subitamente, recordou-se de como ele lhe virara as costas quando lhe revelara que D. Paio Mendes atentara contra a sua vida.

— Não, não lhe vamos contar nada — decidiu.

## Castelo de Guimarães, setembro de 1127

Há semanas que resistiam ao cerco. No primeiro embate, Afonso Henriques saíra a cavalo, rodeado pelos magnatas portucalenses, a espada erguida alto, o «A eles» gritado a plenos pulmões. Lutara com coragem, a armadura a brilhar ao sol, a espada do pai bramida com destreza, o cavalo obediente, seguido por aqueles que tinham sido investidos com ele em Zamora, os filhos de Egas, os filhos de Paio, e de tantos outros. Mas rapidamente entendera que eram em muito menor número, e era urgente regressar para dentro das muralhas e repensar a estratégia.

Afonso Henriques subira agora ao topo da torre de menagem e olhava o horizonte, na esperança de ver chegar o exército da mãe, que cortaria a retaguarda ao exército do rei. Nessa altura, poderiam voltar a sair e encurralar os homens de Leão e Castela, que estavam tão exaustos como eles. Embora bem melhor alimentados com os saques feitos a todos os pobres agricultores da região, aos celeiros e às adegas, nem os mosteiros tinham sido poupados. Mas Teresa não chegava.

O antigo secretário Paio seguiu-o até lá e esperou a seu lado um momento, até se atrever a dizer:

— A senhora D. Teresa não virá, senhor D. Afonso. Sempre soube que a sua mãe era ambiciosa, mas nunca acreditei que usasse o filho como peão.

Afonso Henriques ainda protestou:

— Não acredito que deixe o filho, os nobres do seu condado e o povo da sua cidade serem trucidados pelo exército inimigo.

Paio cofiou a barba que crescera nestes tempos entre muros e continuou:

— Pense, senhor D. Afonso, esta é a única forma que a senhora D. Teresa tem de manter o poder. Para ela é melhor que seja o infante a jurar do que a rainha...

Afonso Henriques olhou-o sem saber o que dizer. Não podia deixar de admirar a frieza e a inteligência com que a mãe governava, mas a raiva de se sentir usado como peão cegava-o. Desesperado, levantou os braços ao ar e deixou-os cair em silêncio.

* * *

Afonso Raimundes e Afonso Henriques reuniram-se na grande tenda do rei de Leão e Castela montada próxima do castelo de Guimarães. Abraçaram-se, Afonso Henriques a princípio relutante, os braços soltos, mas o primo estreitou-o contra si. «Partilhamos o sangue da Borgonha, partilhamos o mesmo avô, o glorioso imperador de todas as Espanhas, não faz sentido que nos digladiemos, continuando as guerras infrutíferas das nossas mães», disse o rei, e Afonso Henriques quis responder que sim, desde que não quisesse para ele o território doado aos condes D. Henrique e D. Teresa. Mas não disse. Quando se perdia um cerco, aceitava-se com coragem a derrota e esperava-se uma nova oportunidade, pensou, olhando para Egas Moniz, que concordou com um gesto discreto.

Ajoelhando-se, o infante portucalense jurou fidelidade ao rei, um gosto a fel na boca quando teve de pronunciar o «juro servir-te» por palavras. Mas sorriu. Com a mãe aprendera o jogo da diplomacia, e das histórias do seu pai recolhera o ensinamento de estar à altura de cada momento, procurando depois uma nova oportunidade.

Afonso Raimundes não fez menção à tia Teresa, como se não esperasse encontrá-la no castelo. Conhecia bem de mais a rainha, que tanto exasperara Urraca com o seu título, para imaginar que se deixasse surpreender num assalto como este. O rei teve vontade de sorrir, ao perceber que a mãe usara o filho para não ser obrigada a jurar-lhe fidelidade. Que assim fosse. Contentar-se-ia por agora com a vassalagem de Afonso Henriques, não era preciso ouvir muitos dos seus conselheiros, nem perder demasiado tempo a ler a expressão de Egas Moniz e restantes magnatas aqui reunidos e que conhecia desde criança, para perceber que tinham desistido da rainha e era com o seu herdeiro que teria de lidar. Mediu forças no olhar destes senhores, entre os quais se encontravam alguns galegos, e resolveu naquele momento que não passaria as fronteiras do condado, desde que o exército portucalense não pisasse o solo da Galiza. Era, afinal, só isso que estes nobres pareciam desejar, a autonomia do seu território, e sempre mais a sul, tanto quanto lhes fosse possível chegar.

Sentou-se à mesa repleta de iguarias, que os criados tinham posto

sob um toldo, e fez sinal ao primo para que se sentasse ao seu lado.

— Gostava que fosses a Santiago roborar doações que vou fazer a D. Gelmirez — convidou.

Afonso Henriques voltou a olhar em direção de Egas e Ermígio, e desta vez foi Ermígio que lhe fez sinal de que devia aceitar o convite.

— Lá estarei — respondeu o infante, o coração a bater-lhe forte no peito. Afonso Raimundes convidava-o a ele em lugar de convidar a mãe. Era o primeiro passo de uma nova era, disse a si mesmo.

## *Castelo de Urvel, novembro de 1127*

*Teresa desmontou do cavalo no terreiro do castelo de Urvel, que finalmente tinha sido restituído à sua mãe, e subiu as escadas até aos aposentos da mãe, com um passo tão rápido que parecia a menina que ali tinha crescido. Abriu a porta, sem bater, e Ximena deu um grito de alegria:*

*— Teresa, filha minha, não te esperava tão cedo.*

*Teresa, impedindo a mãe de se levantar, ajoelhou-se aos seus pés, pondo as suas mãos entre as dela, beijando-as.*

*Elvira tinha-lhe escrito a dizer que Ximena, embora se mantivesse tão ativa como sempre, gerindo as suas terras com pulso de ferro, estava cada vez mais frágil, as pernas bambas, com uma dificuldade crescente de aguentar as escadas para cima e para baixo e o frio deste castelo que tinha sido deixado ao abandono. Os cabelos brancos da mãe, a cara enrugada, não tinham, no entanto, modificado a sua expressão viva.*

*Teresa beijou-a de novo, sentando-se num pequeno banco à sua frente:*

*— Fugi o mais depressa que pude do casamento de Afonso Raimundes.*

*O rosto de Ximena animou-se:*

*— Conta-me tudo! As tuas filhas foram contigo?*

*— Não me fale nas minhas filhas — suspirou, rindo, Teresa. — Hão de chegar por estes dias, mas não consegui arrancá-las da festa, queixam-se de que não acontece nada em Coimbra e Viseu, agora que...*

*— Agora que a tua corte está dividida.*

*Teresa atirou a cabeça para trás, rindo:*

*— Dividida é um eufemismo para deserta. Deserta pelo menos de homens com quem as queira casar, embora verdade seja dita que os galegos são bem mais animados do que muitos dos sorumbáticos nobres portucalenses, e os burgueses que agora a frequentam em Coimbra têm conversa mais interessante do que a habitual tertúlia sobre caça, caça e mais falcões de caça.*

*Ximena olhou-a preocupada. Continuava a ter os seus informadores. Na corte da própria filha, sem que ela o soubesse, na corte paralela dos magnatas que se reuniam nos paços uns dos outros e conspiravam.*

*— Sempre foste uma otimista, sempre foste capaz de encontrar o lado divertido mesmo da situação mais trágica, Teresa, nisso sais ao teu pai! Mas também, como ele, és capaz de não ver o que não te interessa ver.*

*Teresa mordeu o lábio, sabia que o que a mãe dizia era verdade. Não era tanto que não visse, era mais que preferia não pensar naquilo para o qual não encontrava solução. Num acesso de honestidade confessou:*

*— A estratégia que adotei para o cerco de Guimarães só resultou parcialmente... Foi um sucesso no sentido em que não me ajoelhei perante o rei, prestando-lhe vassalagem. Era incapaz, mãe, depois de tudo o que conquistámos, eu e o Henrique, como era possível beijar a mão ao meu sobrinho e jurar servi-lo.*

*Ximena concordou.*

*— Julgo que Afonso Raimundes não tem sequer coragem de to pedir. Convidou-te para o seu casamento com a princesa de Barcelona, apesar de saber que fugiste de Guimarães para não o jurares.*

*Teresa irritou-se. Não gostava de imaginar que o rei a tratava com condescendência por não a temer, por a dar como uma figura secundária.*

*— O que está a dizer é que lhe basta a vassalagem do meu filho?*

*Ximena não a quis provocar, neste primeiro encontro desde há tanto tempo, e suavizou a*

*resposta:*

*— Não, Teresa, ele sabe que a vassalagem de Afonso Henriques não significa nada, mas julgo que, desde que desistas da Galiza, estará perfeitamente disposto a não contestar a autonomia que sempre tiveste nas tuas terras.*

*Teresa levantou-se, aproximando-se mais da lareira, abrindo as palmas das mãos para saborear o calor que vinha dos troncos grossos de oliveira que ardiam sobre um brasido de muitos dias:*

*— Mas não vou desistir da Galiza até morrer. O pai de Afonso Raimundes jurou entregar-nos o reino, temos tudo a ganhar numa união, e os Trava, Fernão acima de todos, concordam comigo. Reconhecem-me como rainha...*

*Ximena teve vontade de lhe lembrar que Fernão tinha todas as vantagens em reconhecer a sua amante como rainha, porque assim era ele rei, mas manteve-se calada. Não valia a pena o seu silêncio porque Teresa adivinhava o seu pensamento:*

*— Está a pensar que, quanto mais poder eu tiver, mais poder Fernão tem, e é assim que deve ser. Fernão é meu marido, ocupa os lugares mais importantes no condado, controla a fronteira com o Sul, é dono dos castelos mais vitais, e é isso que os nobres portucalenses não aceitam...*

*Ximena puxou sobre si a manta de pele de carneiro, estremecendo:*

*— Não aceitam, Teresa, e nunca vão aceitar. A idade dá-nos uma sabedoria que não temos na juventude. Sei que te incitei a querer sempre mais, filha, e estou feliz de o ter feito. A coroa de Urraca Fernandez que usas não é um adereço, mereceste-a, aproveitaste todas as oportunidades, governaste indiferente ao que os cronistas a mando de Gelmirez vão deixar para a posteridade escrito sobre a mulher caprichosa e emotiva que reinou, disfarçada de serpente, a mando do Diabo. — E Ximena riu com a sua própria descrição. Teresa interrompeu-a:*

*— Está a dizer que me devo conformar a que o meu tempo acabou e deixar que Afonso Henriques seja rei depois de mim?*

*Ximena concordou com um gesto da cabeça:*

*— Não sei se tens alternativa, Teresa.*

*A filha empalideceu. Nunca Ximena Moniz lhe tinha dito para desistir. Nunca, desde o dia em que a enviara para o paço de Leão, a relíquia de Santo André ao pescoço, Alberto a protegê-la. Respirou fundo e atirou uma pinha para a lareira, com uma violência que as brasas saltaram, salpicando o tapete.*

*— Incendiar o castelo não te vai servir de nada — comentou Ximena, com calma. — Não te estou a dizer para desistires, Teresa, estou a sugerir que encontres a melhor estratégia para não perderes tudo, que é o que vai acontecer se continuares de costas voltadas ao teu filho Afonso.*

*— Ou ele de costas voltadas contra mim. Sabe que tem feito doações sem me pedir licença, roboradas por estes traidores que me juraram fidelidade e me abandonaram?*

*Ximena disse que sim. É claro que sabia. Não era uma nem outra doação, mas dezenas delas, dando terras e lugares que pertenciam por direito à sua mãe para pagar a lealdade dos que o tinham ajudado aquando do cerco. E Teresa tinha razão, a assinar cada uma delas lá estavam Ermígio e Egas e tantos outros.*

*— Só estás a ir ao encontro do que te digo, Teresa. Se fores capaz de te unir a Afonso Henriques, se lhe cederes uma parte do teu poder, deixando que aos poucos vá comandando o reino, ficas a ganhar. Teresa, Afonso foi educado a pensar que ia herdar o título e o condado do pai, foi educado para lhe suceder.*

*Teresa impacientou-se:*

*— Então contaram-lhe mal a história. Sabe tão bem como eu que o imperador me deu a mim este reino, que foi uma doação feita por altura do meu casamento com o Henrique, mas foi sempre para mim que se destinava o condado. Quantas e quantas vezes o discuti com o Henrique, e ele por vezes agia como se fosse dele, mas chamado à razão cedia sempre, governava sempre comigo, sabendo que governava o que me pertencia.*

*Ximena levantou um pouco a voz:*

*— Teresa, quantos pensam hoje como tu? De pouco importam essas memórias, se os magnatas do condado quiserem entregar o poder ao teu filho.*

*O rosto de Teresa incandesceu:*

*— Tenho o meu exército, tenho os meus homens. Nestes últimos anos fiz doações a gente de Viseu e Coimbra, seguir-me-ão para reclamar o que é meu. Quando Afonso Henriques perceber que ainda sou capaz de levantar o povo comigo, pensará duas vezes. Tem dezoito anos, pode esperar pela herança, tem muito que aprender.*

*Ximena deu um suspiro de cansaço. Estava demasiado velha e cansada para manter estas longas discussões. E se calhar fazia mal, contagiando a filha com uma desilusão que era sua. Estendeu-lhe as mãos:*

*— Ajuda-me a levantar, tenho fome e tu depois de uma longa viagem também deves estar esfomeada, vamos para a mesa.*

*Teresa encolheu os ombros. Que família esta, onde todos pensavam em comer quando não tinham soluções para os problemas. Mas dando as mãos à mãe, percebeu como estava frágil, e beijando-a de novo pediu a Deus Nosso Senhor e à Mãe do Céu que não a levassem. Precisava de Ximena. Não sabia viver sem Ximena Moniz.*

## Sé de Braga, 19 de março de 1128

«Eu, rainha Teresa, faço esta carta de testamento a Deus e aos cavaleiros do Templo de Salomão, em favor da cura da minha alma e da remissão dos meus pecados», leu Teresa, a voz firme.

«E eu, conde Fernão Peres de Trava, doo o que a rainha Teresa aí me deixou, e concedo a Deus e ao Templo», afirmou Fernão.

E pegando na pena, primeiro um e depois o outro, apuseram a sua assinatura à primeira doação feita no Condado Portucalense, cedendo o castelo de Soure, próximo de Coimbra, à Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão, uma ordem de cavalaria que tinha por missão proteger os peregrinos que se deslocavam a Jerusalém, e que a rainha admirava como nunca admirara nenhuma outra. Depois afastaram-se da mesa, para deixar que Afonso VII, rei de Leão e Castela, assinasse também, seguindo-se-lhe mais de doze nobres reunidos para a cerimónia, de que D. Paio Mendes tinha sido ostensivamente afastado. Os dois primeiros monges, jovens borgonheses de manto branco onde estava pintada a cruz encarnada dos cruzados, tinham chegado de França, preparando-se para instalar a ordem na fronteira sul deste território, de cujas ameias se viam as terras do infiel, que era preciso voltar a reconquistar.

Teresa olhou-os recordando-se daquele tempo em que Henrique e Raimundo haviam chegado à corte de Leão para combater ao lado do imperador. Estava segura de que estes soldados a cavalo estariam do seu lado se precisasse deles, e quanto mais riqueza pusesse à sua disposição mais viriam.

Precisaria deles, estava certa, mas antes disso era urgente assegurar que Afonso VII visse neste gesto um pacto de lealdade, era preciso que o rei de Castela e Leão entendesse que ganhava em apoiá-la contra Afonso Henriques e os magnatas portucalenses. O primeiro passo de uma nova aliança estava dado.

Nessa noite, abraçados um ao outro, Teresa e Fernão celebraram a sua nova estratégia. O rei convidara-os para o acompanharem até à corte de Leão, que voltara à pompa de outrora, sem falar em casamento adúltero, aceitando-os como aquilo que eram, marido e mulher, apesar de na Galiza, no paço dos Trava, Sancha se continuar a chamar de

esposa legítima.

## Paço de Viseu, 28 de maio de 1128

Os três filhos de Urraca entraram na sala a correr ao encontro da avó Teresa, estacando meio a medo a uns metros de distância, como que a avaliar se hoje era dia em que se podiam precipitar para o seu colo ou se um daqueles em que a rainha exigia um cumprimento formal e rapidamente os mandava lá para fora brincar. Teresa abriu-lhes os braços, acolhendo-os aos três juntos, como se fossem cachorrinhos de uma mesma ninhada, separando-os depois para lhes perguntar, a cada um à vez, se já sabiam ler e escrever, como usavam a espada e o arco, e, ao mais pequenino, se montava o cavalinho pequeno que lhe enviara. Dois rapazes de seguida, Urraca e Bermudo tinham sorte, pensou, certa de que, se o pequenino Henrique tivesse crescido para adulto, não teria este feitio belicoso e desconfiado do irmão mais novo. Afonso Henriques fora demasiado desejado, demasiado mimado, sem ninguém que lhe disputasse o lugar, e se lhe admirava, não podia deixar de o fazer, a coragem e a determinação, desiludia-a a falta de lealdade, a forma como se deixara enredar pelos aios Moniz e por todos aqueles que os circundavam.

Não teve tempo para mais divagações, porque atrás dos netos chegava a sua filha, e exclamou de alegria quando a viu de novo de barriga empinada:

— Não me disseste nada, Urraca! — exclamou, e a filha riu às gargalhadas:

— Queria fazer-lhe uma surpresa, e de qualquer maneira a mãe tem estado demasiado ocupada com a política para ligar às suas filhas, que só se dedicam à maternidade — disse.

Teresa beijou-a, e Urraca cheirava a rosas como Ximena Moniz. Disse-lho e a sua filha mais velha sorriu, um sorriso terno, quase de saudade:

— Pedi a fórmula do perfume à avó, e uso-o porque me lembra dela, me lembra os verões em S. Pedro de Montes.

Teresa pediu-lhe que se sentasse junto da janela, de onde se viam as árvores já cheias de folhas verde-clarinhas, de uma primavera tardia, mas que chegava como sempre.

— Espera aqui por mim por um documento que Fernão foi buscar a

Braga. O teu irmão fez ontem uma doação à sé, artimanhas de D. Paio Mendes, que não perde a oportunidade de se aproveitar dessa fissura nas nossas relações...

Urraca, que não perdera a acutilância, corrigiu:

— «Fissura» parece-me uma palavra muito diplomática, minha mãe. Diria que tanto a sua relação com o meu irmão Afonso como a sua relação com o arcebispo de Braga são já separadas por ravinas, ou melhor dito, precipícios...

Teresa encolheu os ombros:

— Estou ansiosa por ver o texto desta doação. Temo que agora Afonso tenha ido longe de mais.

Urraca olhou a mãe preocupada. O seu marido Bermudo, governador de Viseu, seria um dos primeiros «estrangeiros» sob ataque dos magnatas portucalenses, já para não falar no desprezo que muitos lhe tinham por o imaginarem «devasso», fama que nem um casamento estável e três filhos e um a caminho dissolviam. Sabia que fora amante da mãe por uns meses, mas só podiam usar um episódio distante porque lhes convinha para denegrir a fama da rainha Teresa. Não compreendia como é que Afonso Henriques, depois de tantos avisos das irmãs, se unia àqueles que conspurcavam o bom nome da mãe, como pretexto para lhe enfraquecerem o poder.

Afonso Henriques era novo, sugestionável por aqueles que o rodeavam, mas sobretudo estava possuído pelo pecado da ambição, que, era preciso dizê-lo, herdara de Teresa.

A rainha mantinha os olhos postos no terreiro fronteiro à casa, na ânsia de ver chegar Fernão, e embora não o confessasse a sua filha Urraca percebia nela uma ansiedade desconhecida. Pobre mãe, festejara sempre que Afonso Raimundes tirara o tapete de debaixo dos pés da sua meia-irmã Urraca, e agora via-se na exata mesma situação. Temia que fosse imprudente e precipitada, Fernão não tinha sobre ela o mesmo efeito apaziguador do seu pai, reconheceu com saudade. Só havia um homem que a poderia ajudar a entender a necessidade de negociar com o filho, antes que perdessem tudo. Esperava que, de alguma forma, Teresa pedisse conselho a Alberto.

* * *

As mãos da rainha Teresa tremiam quando segurou a doação que, finalmente, Fernão lhe entregara. Beijara-a na testa e pedira-lhe calma, mas ela arrancara-lhe o documento, irritada:

— Vai tu beber uma infusão de camomila se precisas de acalmar os nervos — dissera entredentes, e Fernão trocara um olhar exasperado com a enteada Urraca.

Depois de ter passado os olhos pelo que estava escrito, vociferou:

— D. Paio Mendes faz o que quer do meu filho! Mais valia que me tivesse cegado do que ver o meu próprio filho entregar-lhe todo o poder, sem restrições. Fernão, dá-lhe o direito de cunhar moeda — acrescentou, exaltada. — Cunhar moeda? Um gaiato de dezanove anos compara-se ao imperador de Toledo? Fernão, Afonso Henriques nem sequer tem o direito de revogar um diploma real, quanto mais através dele dar poder e riqueza ao meu pior inimigo. Ao homem que tentou matar-lhe a mãe, e eu contei-lhe tudo, Fernão, ele sabe o que Paio Mendes me fez.

Fernão tentou pousar-lhe uma mão apaziguadora no braço, mas Teresa sacudiu-a.

— Não me trates como se fosse uma criança. Repara aqui, repara como revela todo o seu plano. E aqui repara como diz «Quando eu tiver adquirido a terra de Portucale»!

Depois respirou fundo e numa voz inesperadamente calma anunciou:

— Afonso Henriques acaba de fazer uma declaração de guerra à rainha Teresa.

Urraca saltou do banco onde se sentara e pegou no pergaminho que a mãe lançava pelo ar, sem acreditar no que ouvia. O seu irmão Afonso Henriques passava todos os limites, agia como se fosse rei, provocava a mãe para lá da razão, deixando-se apanhar na armadilha de Paio Mendes. Será que lera o que assinara? Será que Ermígio, Egas e Paio, e tantos outros que subscreviam o documento, tinham ensandecido?

A voz de Teresa voltou a ecoar na sala:

— Fernão, vou atacar antes que me ataquem. O meu filho atreve-se a referir o pai nesta doação, a pedir pela alma dele, só pode estar possuído pelo Diabo. Será que Afonso Henriques imagina que o pai o apoiaria nesta revolta contra a mãe? Digo-te, Urraca, D. Paio Mendes é Satanás e vou libertar o teu irmão das suas garras!

## Veiga de Creixomil, 24 de junho de 1128

Teresa aceitou a ajuda de um dos escudeiros para montar o seu cavalo andaluz, coberto com panos vermelho-vivo, as rédeas brancas, debruadas a dourado, a crina entrançada com fitas de cores. Vestia uma cota leve e um manto branco de estrelas douradas, as mesmas estrelas que decoravam o escudo que segurava no braço, mas recusara-se a usar elmo, porque queria enfrentar o filho de cara descoberta. A espada estava à cintura, pronta a ser desembainhada à vista do inimigo.

Naquela manhã do dia de S. João Batista, o profeta que anunciara a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo, rezara com os seus homens, ajoelhados na terra seca. O confessor abençoara-os, estava com eles Deus e a lei, clamou, o filho que rouba a mãe deve ser chamado à razão, pelas armas se necessário for, e os vassalos que traem os seus senhores merecem o pior dos castigos.

Teresa sentia a força da razão, mas estava consciente de que o seu exército de trezentos homens ficaria aquém daquele que Afonso Henriques e os nobres portucalenses seriam capazes de reunir. Contava, no entanto, com Fernão e Bermudo para comandarem estes homens de Coimbra e Viseu, que já tinham enfrentado a fúria cruel dos almorávidas, para vencer os homens mais habituados à agricultura do que à guerra.

Fernão sorriu-lhe, encorajando-a. Sabia que, por esta hora, no castelo de Guimarães, D. Paio Mendes abençoava os homens do enteado, reforçando o ânimo dos que se confrontariam com a rainha, dissipando dúvidas de lealdade, dizendo-lhes que o condado não podia estar entregue a um casal adúltero que ofendia Deus, nem aos estrangeiros que se tinham imiscuído nos assuntos de um reino que não era o deles. A culpa era toda sua, sabia-o, e neste momento em que caminhavam para o campo de batalha, escolhido por Bermudo, pensava em como teria sido a história se não tivesse voltado para Teresa depois da peregrinação a Jerusalém. Mas bastava vê-la a cavalgar em direção ao perigo para ter a certeza de que a vida sem ela não teria valido a pena.

O exército da rainha posicionou-se no cimo do outeiro, lá em baixo um terreno plano, onde serpenteava um pequeno rio.

Bermudo aproximou-se do cavalo de Teresa e apontou para uma

nuvem de poeira que se levantava na direção de Guimarães.

— Os escuteiros do inimigo sabiam bem da nossa posição. Vêm ao nosso encontro. E são muitos...

Quando Teresa deu por isso, galopava no meio de nuvens de setas, o tinir de espadas, os cascos dos cavalos evitando pisar nos corpos que jaziam no chão. Onde estava Afonso Henriques? Como se atrevia a desembainhar a espada de Henrique contra ela? Depois agiu por instinto, chamando a si tudo o que Alberto lhe tinha ensinado.

## *Castelo de Urvel, 24 de junho de 1128*

*Elvira bordava, sentada ao lado da minha cama, velando por mim. A filha dileta que nunca amei como merecia. Borda ponto a ponto, do direito e do avesso, um ponto perfeito, tão perfeita como é esta filha primogénita do único homem que amei.*

*Olho para o teto deste quarto que é meu, desde que me lembro de mim, neste castelo que é a minha casa, e antes de ser minha foi da minha mãe, e da mãe dela antes dela, das mulheres Moniz que nasceram no Bierzo, e nele bebem a sua força.*

*Digo baixo: «Ouves, Elvira, ouves?», mas Elvira sorri, passa a mão pela minha, procurando sossegar-me, e regressa ao pano, julgando que imagino ou sonho.*

*Estremeço por dentro, tento levantar-me, quero sair da cama, ir em auxílio de Teresa, da minha Teresa, que esquiva-se às lâminas das espadas, cavalgando entre as fileiras dos seus homens, incitando-os a derrotarem o inimigo. Aqueles que roubam o que lhe pertence. Usa a coroa, Teresa lançou para longe o elmo e usa a coroa, a coroa de Urraca Fernandez, sobre os seus cabelos dourados, que esvoaçam, porque é mulher e não o esconde. Corre-lhe nas veias o sangue do imperador, do glorioso Afonso VI, conquistador de Toledo, do seu pai. Corre-lhe nas veias a força de Ximena Moniz, a mãe que nunca deixou de sonhar por ela, de planear, de conspirar, de vender a alma ao Diabo, que Deus lhe perdoe, que agora espera aqui no leito da morte a misericórdia do Altíssimo.*

*O ouro reflete o sol e encandeia quem ousa enfrentá-la, e ao seu lado cavalgam os homens destemidos de Viseu, de Coimbra e desta Galiza que nunca desistiu de conquistar, o reino que é seu por direito. Que não lhe perdoam ter desejado.*

*Repito, insistente: «Ouves, Elvira, ouves?», mas Elvira não ouve, mas finge que se esforça por escutar, larga a costura e caminha até à janela, tão generosa esta minha querida filha, e regressa para junto de mim, e sorrindo diz-me que lá fora, nesta tarde tórrida de S. João, até os bichos se deitam à sombra, fugindo do calor, calados.*

*Sacudo a cabeça em desespero. Porque é que Elvira não escuta o grito de dor e raiva da rainha sua irmã, quando um cavaleiro, num golpe hábil, fere de morte um dos seus, que galopa ao seu lado, e aproxima-se dela procurando detê-la.*

*Levo as mãos à cara e tapo-a em terror:*

*— Elvira, Elvira, ouves? — pergunto, num grito de desespero. E a minha filha mais velha beija-me a testa suada, e diz-me que sim, diz que ouve o vento nos sobreiros, e o chilrear das andorinhas que fazem ninho nos beirais do castelo de Urvel.*

*Sossego por momentos, a respiração mais calma, o coração mais sereno. Não quero fechar os olhos, debato-me para os manter abertos, mas surge diante de mim o campo de batalha cruzado por um rio, e gemo quando vejo a água tingida pelo sangue dos mortos e dos feridos.*

*O relinchar dos cavalos é ensurdecedor, rebolam pelo chão, e alguns voltam a levantar-se, e, levantando o pó do terreiro, fogem perseguidos pelo terror. Tento ver quem vem aí, tento reconhecer o cruzado que galopa em direção a Teresa, mas vejo apenas um elmo fechado, uma armadura brilhante, um braço içado acima da cabeça, erguendo a espada.*

*Soluço convulsivamente, falta-me o ar, não consigo respirar. Elvira assusta-se, chama a criada, pede o remédio, e chega-mo à boca, deixando as gotas cair do cantil, uma a uma, nos meus lábios gretados.*

*— Henrique, é a espada de Henrique! — exclamo, quando consigo um fio de voz, e o suor pinga do meu rosto, ensopando a almofada onde pouso a cabeça. — Elvira — imploro —, Elvira, é a espada de Henrique. A espada de Henrique, Elvira, a espada de Henrique contra a de Teresa.*

*A minha filha debruça-se sobre mim, os olhos a transbordarem lágrimas, julga que enlouqueci, que perdi de vez a razão, porque não vê Elvira o que eu vejo? Tento de novo.*

*— Elvira, Elvira, fecha os olhos como eu e escuta, escuta como eu escuto, porque o ruído da batalha chega até aqui, onde será, Elvira, vai à janela e espreita, espreita com cuidado, e diz-me se Teresa está a salvo, se é Teresa que aí vem.*

*Obediente, de novo se chega à janela, iluminada pela luz do dia que jorra através dela, e inclina-se, inclina-se para fora como se quisesse ver, como se acreditasse ver, e consola-me, dizendo-me que Teresa está certamente a chegar, que a irmã sabe que estou muito doente e virá mal a mensagem lhe chegue. Mas Elvira não vê nada. Finge ver. Não vê que num campo de batalha Afonso Henriques derrota a sua mãe. Os magnatas portucalenses, Ermígio, Egas, Soeiro, Paio e tantos outros, pegaram em armas contra a sua senhora. Dizem que se defendem, alegam que se reuniram para proteger o herdeiro, como se Teresa quisesse fazer mal ao seu filho muito amado. Não acredito. Aceno que não com a cabeça, atiro para trás os lençóis e as cobertas, Ximena Moniz não vai permitir que humilhem assim a rainha.*

*Impeço com determinação os olhos de se voltarem a fechar, entretenho-os a contemplar de novo este teto, onde os meus antepassados pintaram o lago de Carucedo, no fundo vale, os picos das montanhas que se erguem em redor.*

*E rezo. Rezo com um fervor que nunca tive, rezo para que o imperador surja do nada com a sua cavalaria e vença o neto que tem o seu nome, protegendo a filha. «Teresa, filha minha», choro. «Teresa, filha minha», chamo, esperando vê-la chegar, a touca desalinhada, os cabelos revoltos onde se prenderam dentes-de-leão e o pólen das flores dos caminhos, as faces rosadas, correndo para os braços do pai, que a lança ao ar.*

*Vejo que Elvira pretexta bordar. Não compreende, nunca entenderá porque chamo pela irmã, quando é ela que, noite após noite, está ao meu lado, abdicando dos filhos para cuidar de mim, presa entre estas muralhas, a minha filha que partiu para longe, seguindo o destino que o profeta viu nas estrelas.*

*Sou eu, agora, que em arrependimento lhe estendo a mão, deixando que os meus dedos enrugados passem suavemente sobre a sua pele macia, e como me conforta este toque. Quero dizer-lhe que a amo, mas falham-me as palavras. Para Elvira, sempre me falharam as palavras. E também os atos.*

*Procurando que a voz não me trema, digo-lhe: «Filha, Afonso Henriques derrotou Teresa, a mãe é prisioneira do filho», e agora é Elvira que estremece. Olha em redor, como que à procura do mensageiro, que sabe que aqui não esteve. Contempla a porta como que à espera de ver a irmã entrar por ela, sem bater, sem a fechar, como sempre faz.*

*«Foi só um pesadelo», anuncia-me, de novo segura, mas há qualquer coisa no meu olhar que a inquieta. Quer perguntar-me onde foi a batalha, se Teresa está bem, se o sobrinho sobreviveu, quer saber se Fernão e Bermudo foram feridos, mas resiste a embarcar no que acredita ser a minha loucura. E, no entanto, treme.*

*Fecho-me em copas, guardo o silêncio. Talvez tenha razão e não passe de um sonho negro, como o piar dos corvos lá fora, que, negros, regressam às árvores junto das muralhas. Talvez seja apenas o medo.*

*Adormeço num sono profundo, que nenhum fantasma perturba, e sonho com Zamora, o quarto grande, a cama maior, e o corpo do meu amante junto ao meu, o seu riso cristalino a encher-me de alegria, o anel sorrateiramente enfiado no meu dedo, a promessa de um futuro que não aconteceu. Cheira a rosas e a laranjeiras em flor, e sinto o ardor provocado pela sua barba, que deixa marcas na pele branca que beija sofregamente.*

*Quando acordo, por momentos sinto-me inacreditavelmente feliz, como só ele me soube fazer, e depois reparo que a noite já caiu, e agora é o brilho da lua cheia, um luar, que espero conduza Teresa a casa. Pressinto que ela vem aí. Sei que ela regressa, para chorar nos meus braços.*

*«Ouves, Elvira, ouves?», pergunto, feliz. «Elvira, ouves o canto da ninfa de Carucedo, que saiu das águas do lago e penteia os longos cabelos na margem? Elvira, vês, vês que é o teu pai que volta, encandeado pelos meus olhos verdes, soldado arrependido por ter fugido do seu amor?»*

*Elvira debruça-se sobre mim, pousa a cabeça no meu peito e chora.*

*Passo-lhe a mão nos cabelos e murmuro, com o que me resta de voz: «Diz a Teresa que não pude esperar. Afonso chama por mim.»*

# V PARTE

# UMA RAINHA SEM REINO (24 de junho de 1128-11 de novembro de 1130)

## Castelo de Lanhoso, 24 de junho de 1128

Enquanto lhe atavam os pulsos atrás das costas, Teresa olhou o campo de batalha, onde os corpos dizimados dos seus homens marcavam a derrota, depois de uma luta feroz, resolvida a favor de Afonso Henriques pela perícia dos nobres e pela ausência do apoio das forças do conde de Trava.

Ao longe viu o filho tirar o elmo, só podia ser ele, alto no seu cavalo branco, aclamado pelos seus cavaleiros fiéis, os estandartes erguidos, celebrando a vitória contra a própria mãe. Afonso Henriques, rei.

Olhou o horizonte tingido de vermelho, o Sol uma bola de fogo, da cor do rio, que arrastava consigo corpos trespassados pelas lanças, braços e pernas desconjuntados, pedaços de armaduras desfeitas.

Olhou em redor à procura de Fernão ou de Bermudo, de algum dos seus homens, mas a penumbra já não lhe permitia distinguir nada. Afastara-se deles, perdendo-os de vista. Esforçou os olhos, desesperada, e tocando na relíquia de Santo André pediu a Deus para que não fossem nenhum dos corpos esventrados, que só depois, na contagem dos que tinham caído em batalha, seriam reconhecidos. Talvez tivessem conseguido escapar, talvez a resgatassem pelo caminho, talvez tomassem de assalto o castelo de Lanhoso, onde estava certa de que a iriam prender.

Procurou manter-se direita, o olhar em cada sombra, na longa viagem pela noite escura, mas nem Fernão, nem Bermudo, nem nenhum dos seus saiu da sombra.

Agradeceu que o terreiro do castelo estivesse apenas iluminado por archotes, protegendo-a de ver as caras daquela milícia ébria, que se atrevera a rir e a cuspir para o chão à sua passagem, eufóricos por verem Jezabel capturada. Derrotada. «Por agora», sibilara, como a serpente que a julgavam ser, e de cabeça erguida ouvira a porta fechar-se atrás de si, na sala onde vivera tanto tempo, cercada por Urraca. Vencera a irmã, venceria o filho.

Tentara dormir, o corpo exausto, sentada contra a parede gelada, apesar do calor de junho, mas subitamente, quase de madrugada, uma angústia tomara-a de assalto. Um terror que a fazia tiritar como se a alma tivesse gelado, tornando tudo o resto insignificante. Ajoelhando-se,

arrancou a relíquia de Santo André, fechando-a nas duas mãos, presas em oração. «Não, não, tudo menos isso, tudo menos perder Ximena Moniz.»

* * *

Ouviu a voz de Afonso Henriques, era a voz dele, tinha a certeza disso, gritar com os soldados, comandando que o levassem à rainha Teresa. Abriu a porta e, ao ver que nem uma enxerga havia no chão, a sua voz trovejou ameaças para os homens que a guardavam. Quem julgavam eles que era Teresa, que sangue imaginavam que lhe corria nas veias, como ousavam tratar a filha do imperador desta maneira? A minha mãe!

Teresa ergueu-se para o receber, gemendo:

— Afonso, Ximena Moniz morreu, a minha mãe morreu.

O filho estremeceu. Como podia Teresa, aqui detida, saber de uma nova que chegara há pouco a Guimarães?

Teresa escondeu a cara nas mãos, em desespero.

— Tudo o resto parece não ter qualquer importância, Afonso. Que loucos somos em imaginar que controlamos a vida, que Deus Nosso Senhor não levará aqueles que mais amamos.

Afonso Henriques estendeu-lhe a mão, que Teresa segurou entre as suas:

— Vou pedir a Paio que a acompanhe a Urvel — disse, e saiu do quarto, deixando a porta aberta de par em par.

## Serra do Gerês, 25 de junho de 1128

Estavam em silêncio desde a partida de Lanhoso. Quando começaram a subir a serra do Gerês, Teresa estremeceu ao passar pelos lugares mais sombrios, as florestas profundas onde o sol não chegava, e os troncos das árvores cobertos de líquenes retorciam-se em busca de um raio de luz. Não se enganara quando vira em cada um deles um soldado, e no seu conjunto um exército pronto a sair-lhe ao caminho, de espadas desembainhadas.

O exército chegara, derrotando-a, perseguindo-a para fora das suas terras. Fugia, trinta e três anos depois de ter chegado ao Condado Portucalense, com tanta esperança, tantos projetos, tantos sonhos. Ao lado de Henrique, entrara aos 15 anos na posse do reino que o pai lhe dera, num reino que seria seu para sempre. Era essa a promessa.

Seguia agora para mais uma despedida. A morte de Ximena deixava-a sem ar, sem norte. Quem vigiaria os céus por si, quem conspiraria em seu benefício, quem a amaria de forma tão incondicional, acreditando em Teresa rainha, mais do que Teresa, rainha, acreditava em si própria?

Olhou de soslaio para Paio, que, apanhando o seu olhar, lhe sorriu de volta. Estendeu-lhe a mão, deixando que ele, por segundos, a segurasse. Nestes momentos, de que valia guardar rancores?

## Santo André de Espinareda, 30 de junho de 1128

O mosteiro estendia-se pelo vale, lascas de pedra sobre lascas, num trabalho de paciência e arte, ladeado por uma igreja majestosa, Santo André repousava num nicho sobre a porta de madeira, trabalhada. Era aqui, num túmulo que Ximena mandara esculpir na pedra, que a senhora do Bierzo queria ser sepultada.

Do terreiro, um arco abria passagem para uma fonte de pedra, e lá em baixo, passado um campo verde onde pastavam ovelhas, corria um rio cristalino, tão diferente das águas tingidas de sangue do ribeiro que atravessava o campo de São Mamede.

Recebera mensagem de Fernão, que Afonso Henriques só libertara há dois dias. A nota não dava detalhes, dizia só que a encontraria o mais rapidamente que pudesse. Esperava que soubesse chegar até aqui, sentia-se insegura sem ele, e havia tanto que falar, tanto que contar, não se tinham voltado a ver desde a derrota.

Teresa seguiu o carreiro que levava ao jardim das ervas aromáticas, as alfazemas ainda em flor, um perfume que lhe lembrava Sahagún. Debruçou-se para apanhar um pequeno molho, para deixar junto do caixão que esperava em câmara-ardente a chegada do bispo, das netas e bisnetos, dos senhores de Astorga e da Galiza, que lhe queriam prestar uma última homenagem.

Quando levantou os olhos, o que viu deixou-a fora de si de alegria.

— Alberto — gritou, e correu para ele como uma criança, abraçando-o como quem encontra um irmão há muito perdido. — Alberto, Alberto — soluçou, limpando as lágrimas com as costas das mãos. O monge sorriu-lhe:

— A senhora D. Elvira disse que a podia encontrar aqui, senhora D. Teresa. Queria dar-lhe pessoalmente os meus pêsames.

— Lembras-te como pensava que a tia Urraca era eterna? Com a minha mãe, nem nunca pus a hipótese de que ela me deixasse. Não sei viver sem ela — disse, recomeçando a chorar, deixando correr todas as mágoas.

Alberto pôs as mãos nos bolsos da túnica e começou a andar pelos carreiros de terra bem cuidados. Teresa acompanhou-lhe o passo, desabafando:

— A Elvira diz que a minha mãe viu a batalha de São Mamede, que lha descreveu com todos os detalhes, Alberto, ela via pelos meus olhos, vivia dentro de mim... E eu dentro dela. Senti a sua morte enquanto estive presa no castelo de Lanhoso, uma ansiedade tirou-me o ar, soube logo que Ximena tinha partido.

Alberto concordou com a cabeça:

— Um amor tão profundo como o vosso pode tudo. Supera a morte, senhora D. Teresa. Não fica sozinha. Do Céu velará por si, deixará de precisar de mim — sorriu.

Teresa negou:

— Nunca vou deixar de precisar de ti.

Apontando para as montanhas em redor, para o verde dos campos, onde ainda havia algumas amendoeiras em flor, disse:

— Sou melhor pessoa quando volto para aqui, sou melhor pessoa quando estou ao pé de ti. Aqui não sinto vontade de me vingar dos nobres que me traíram e voltaram o meu próprio filho contra mim, não tenho vontade de reunir tropas e marchar sobre Guimarães para recuperar o meu castelo, o meu reino.

Alberto testou as palavras com cautela, não era dia para abrir feridas, entrar em discussões.

— Talvez seja tempo de descansar, de abrir mão do poder, deixando-o a Afonso Henriques.

Teresa reagiu:

— Recompensar os traidores? Deixar que um filho que se voltou contra a mãe se torne rei num estalar de dedos?

Alberto concordou com a cabeça. Sabia bem que com Teresa era preciso semear e deixar crescer.

— Mas uma mãe vingar-se de um filho? De um filho que criou do berço para que um dia assumisse o poder...

A rainha engoliu em seco. Quando Fernão, as suas filhas e os seus netos chegassem, quando Ximena Moniz descansasse em paz, então pensaria no futuro.

Alberto apontou para uma trepadeira de pequeninas rosas, com um perfume forte:

— Deixe-me juntar rosas ao seu molho.

Teresa inspirou fundo:

— O perfume da minha mãe.

## Santo André de Espinareda, setembro de 1128

Teresa acordou sobressaltada com o abrir da porta do quarto. Esforçou os olhos no escuro e viu um vulto aproximar-se, os contornos indefinidos fracamente iluminados pela Lua em quarto minguante.

— Quem está aí? — perguntou, sem saber se deveria chamar uma das criadas.

Um riso conhecido, tão conhecido que lhe fazia estremecer o coração, respondeu:

— Gosto tanto de te surpreender, Teresa. Foi assim no nosso primeiro dia...

Teresa saltou da cama, com um grito de alegria:

— Fernão, Fernão, és tu?

Fernão prendeu-a nos braços e rodopiou-a como se fosse uma criança, pousando-a na cama e beijando-a com fervor.

Teresa encostou a cabeça ao seu ombro, em silêncio.

— Não dizes nada? — perguntou o amante, preocupado. — Não queres saber como estou aqui? Não queres discutir o que vamos fazer a seguir?

A rainha sorriu, no escuro:

— O meu pai dizia sempre que não se devem gastar forças em batalhas perdidas. Afonso Henriques é rei, Fernão. Mandou que me prendessem, mas abriu-me a porta da prisão. Sabíamos os dois que Ximena tinha morrido, e a partir daquele momento esta guerrilha deixou de fazer sentido. Fui rainha para Ximena. Deixei de ser com a morte dela.

Fernão apertou-a contra si, passando-lhe as mãos pelos cabelos:

— O que vamos fazer, o que queres fazer? — perguntou.

Teresa contemplou as vigas do teto. Custava-lhe tanto fazer esta pergunta, mas há dias que sabia que teria de a colocar. Mordeu o lábio e depois encontrou dentro de si a força para a formular:

— Fernão, entendo que não queiras viver comigo na Galiza... Tento esquecer-me de que tens outra família, mas não consigo... E agora aqui ao lado.

Fernão beijou-lhe a boca, um beijo zangado:

— Como é possível que duvides de mim? Estavas convencida de que

estava contigo porque gostava do poder? Porque esperava as tuas doações?

Teresa fechou os olhos e as lágrimas molharam-lhe a cara. Fernão beijou-a de novo:

— Vamos viver juntos, como até aqui, em Límia, tenho um paço em Límia. Vamos frequentar a corte de Afonso VII.

Teresa, sentindo uma alegria irreprimível, lançou os braços ao seu pescoço:

— Vou usar os meus bens, as minhas terras, para engrandecer os mosteiros, para apoiar a nova Ordem do Templo, e Fernão, vou dedicar-me a traçar o destino das nossas filhas mais novas, dos meus netos e netas. São filhos e netos de Teresa rainha, sobrinhos do rei Afonso Henriques, são primos do poderoso Afonso VII, há tanto a fazer.

Fernão engasgou-se no riso:

— Ximena morreu, viva Ximena.

Os olhos verdes de Teresa brilhavam:

— Farei por eles o que a minha mãe fez por mim. Conspirarei, moverei contactos, procurarei os melhores partidos, construirei uma rede de influências que lhes permita chegar mais longe. E tu, Fernão, vais partir em breve para o Condado Portucalense, vais garantir a tua amizade com Afonso Henriques, de forma a que Bermudo e Urraca não percam os lugares que lhes cedi, nem as terras, nem os rendimentos. O mesmo terá de acontecer com Sancha. É preciso assegurar que Afonso Henriques se lembre de que antes de mais são suas irmãs e feche os olhos ao facto de serem casadas com galegos.

Fernão calou-a com um novo beijo:

— Um marido chega da guerra e a mulher põe-no logo a trabalhar. Posso dormir antes de me pôr de novo ao caminho? — Riu.

Teresa aconchegou-o junto a si, suspirando:

— Estou tão cansada, desde a batalha que não durmo. Vejo a espada de Henrique, nas mãos do meu filho, a erguer-se sobre a minha cabeça, vejo o sangue vermelho a correr no leito do rio, e procuro-te, desesperada, e não te encontro.

— Mas agora estou aqui — disse Fernão, chegando-a a si.

Os olhos de Teresa fecharam-se e adormeceu. Fernão velou pelo seu sono durante uns instantes, contemplando-lhe o rosto sereno, e depois

adormeceu também.

## Paço de Límia, véspera de Natal de 1129

— Fernão, desculpa, não estragues o espírito de Natal contando-me as terras que Afonso Henriques anda a devolver aos nossos inimigos, não leves a minha benevolência longe de mais — disse Teresa, quando Fernão lhe relatara tudo o que aprendera na sua viagem ao Condado Portucalense.

Fernão sorriu-lhe:

— Deixa-me só contar-te o que anda a fazer D. Paio Mendes, satisfeito com todo o poder que o rei lhe concedeu.

Teresa parou a carta que estava a escrever e de sobrolho franzido trovejou:

— Queres mesmo pôr-me maldisposta? Sabes muito bem que há uma única pessoa a que não perdoei o que aconteceu! Não pronuncies o nome desse criado do Diabo nesta casa. Ou já não te lembras de tudo o que fez? De como me tentou cegar, de como nos separou?

Fernão beijou-lhe os cabelos, quase brancos, e perguntou:

— Escreves a quem?

A rainha inspirou fundo e sorriu:

— Mando desejos de bom ano novo a Pedro de Lara. A sua filha mais velha era ideal para o meu neto Fernando. Com tudo o que a minha irmã Urraca lhe deixou, será um bom partido. Mas para as nossas filhas, Fernão, quero barões do Condado Portucalense. É uma forma de vingança — declarou, sorrindo.

Fernão riu também:

— Para arranjares esses casamentos, vais precisar de toda a diplomacia e arte, qualidades que tens de sobra. Mas aconselho-te a esperar mais um bocadinho. Deixa ver como Afonso Henriques reage perante os territórios que me deste e que doaste a Bermudo e Urraca.

Teresa olhou-o, preocupada:

— Achas que confiscará territórios a Bermudo?

Fernão encolheu os ombros:

— Temo que o próprio Bermudo e outros com ele, revoltados com o confisco e novas doações, se levantem contra o rei.

A rainha olhou-o, preocupada:

— Tens de o dissuadir, Fernão, só pode acabar mal. O meu filho tem a

unanimidade dos magnatas, e com esta redistribuição de terras que tanto me enerva vai conseguir mais apoios e apoios ainda mais firmes. Deixa absolutamente claro que quem fica do lado dele é recompensado. Bermudo não pode arriscar o património que lhe dei e que é também da minha filha e dos meus netos.

Fernão sossegou-a:

— Desculpa, a culpa é minha, não devia ter vindo perturbar-te com estas conversas. Afonso Henriques foi um bom aluno dos seus pais — disse, beijando-a na testa, e dando-lhe a mão ajudou-a a levantar-se:

— Vamos ter com a família, vamos jantar, deixa a pena e as cartas para o próximo ano.

Teresa, ao erguer-se, sentiu uma dor forte, pondo a mão sobre o peito:

— Esta maldita dor de novo. E fico tantas vezes ofegante — queixou-se.

Fernão deixou que se sentasse de novo e recuperasse o fôlego:

— É o pó dos pedreiros, tenho a certeza disso. Passas demasiado tempo nas obras do Mosteiro de Montederramo. Refundar um mosteiro não implica colocar pedra sobre pedra.

A respiração da rainha voltou a normalizar e conseguiu sorrir:

— Sabes que me dá um prazer enorme acompanhar a construção do novo convento. Afonso VII entusiasmou-se tanto como eu com esta obra, e promete-me solicitar a vinda de monges cluniacenses para o ocupar. Sonho que Alberto, um dia, possa ser abade desta ordem.

Fernão abanou a cabeça, em desacordo:

— O cronista de Sahagún nunca deixará a sua casa-mãe. A promessa que fez a si mesmo de contar a história destes tempos conturbados só terminará quando morrer.

Teresa, num impulso, deitou-lhe a língua de fora, como fazia em criança:

— Estás mesmo um chato hoje. Sabes lá tudo o que Alberto fará ou deixará de fazer! É como um irmão mais velho para mim, e gostava de o ter mais próximo. Pode muito bem continuar a sua obra em Montederramo, mais perto de nós.

Fernão voltou a dar-lhe a mão:

— Sim, talvez tenhas toda a razão, mas anda, esperam-nos, e

passados estes dias de festa vou chamar o físico para te ver. Não quero que te aconteça nada.

— Estás a falar com uma filha de Ximena Moniz, que viveu quase até aos cem anos.

Seguindo-o até à sala, onde as três lareiras ardiam em simultâneo, Teresa abraçou os netos que corriam para ela. Será que queria viver tantos anos, num mundo sem Ximena, num mundo em que não se sentava na cadeira do poder, decidindo a vida dos seus vassalos?

Sacudiu a cabeça procurando afastar os pensamentos mais negros. Não era dia de tristezas.

## Paço de Límia, 11 de novembro de 1130

Afonso Henriques apareceu sem aviso. Teresa regressava da missa quando o viu chegar, ao longe reconheceu o vulto, que mãe não reconhece o seu filho? Conteve-se, dando passos curtos, olhando e esperando, e se não fosse, como suportaria a desilusão caso se enganasse. O cão correu à frente, ladrando ao desconhecido, que desmontou do cavalo, deixando que o sujasse com as patas enlameadas do passeio.

Teresa ouviu a voz de Afonso, a mandar sossegar o bicho, a sua gargalhada de que tinha tantas saudades. Estacou, paralisada. Há dois anos que não o via, e o filho alargara os ombros, parecia um homem, mais alto e ainda mais bonito do que Henrique.

Afonso aproximou-se e ajoelhou-se, sem se importar com o pó do caminho na sua túnica branca, e segurando-lhe em ambas as mãos pediu-lhe a bênção. Não o perdão, pensou Teresa, mas que a mãe comandasse sobre ele a graça do Senhor.

Quantas vezes imaginara este encontro, este dia, quantas vezes ensaiara as palavras que lhe diria, a distância que guardaria, mostrando nos seus gestos toda a amargura pelo que se passara. Mas o toque suave das mãos de Afonso nas suas, os joelhos no chão e a cabeça dobrada derreteram toda a sua frieza e beijando-lhe a cabeça murmurou:

— Meu filho, meu rei.

Afonso levantou-se e abraçou-a, o abraço que lhe dava quando vinha do terreiro a correr pelas escadas acima e a encontrava no escritório, entre os seus livros e penas, um abraço impulsivo, que não obedecia à razão.

Entraram em casa, e as irmãs correram para ele, falando todas ao mesmo tempo. Teresa continuava solteira, dedicada estes últimos anos a proteger a mãe, e as duas mais pequenas tinham crescido.

Fernão saudou o enteado com a inclinação da cabeça, não ousando a mais. Já se encontrara com Afonso Henriques muitas vezes ao longo destes dois anos, regressando ao condado, negociando os seus terrenos, tratando da doação dos de Teresa a mosteiros e às filhas. Afonso tratara-o sempre com amizade, certo de que seguro no seu lugar, rodeado dos seus homens, chefiando com facilidade o governo, não

tinha qualquer razão para alimentar inimizades, que já não faziam sentido.

Jantaram, falaram da incursão que Afonso Henriques fazia à Galiza, dos mortos e de vivos, de Paio, o seu querido primo que morrera há pouco, de Diego Gelmirez, que caíra em desgraça junto de Afonso VII, falaram dos almorávidas, das incursões a sul, do sonho de Henrique de conquistar Lisboa.

Depois Afonso Henriques partiu, ladeado por dois soldados, ao encontro do exército que o esperava próximo.

Teresa subiu ao quarto e deixou que a criada lhe penteasse o cabelo cem vezes, deixando-o solto e brilhante. Depois pediu-lhe que saísse, e procurando na arca a coroa de Urraca Fernandez, pousou-a na cabeça, sorrindo para si mesma. Teresa, filha minha, escutou, como um sussurro ao ouvido, a voz do pai, doce e firme, o cheiro das flores de laranjeiras esvoaçando pelo ar. Teresa, filha minha, escutou, como um sussurro, a voz de Ximena Moniz, ecoando nos vales do Bierzo.

Fechou os olhos e sentiu a brisa na cara, enquanto corria pelos campos com Elvira. Sorriu ao ver a ingenuidade com que se escondiam e um espirro as denunciava. Riu, lembrando-se de Alberto, um escudeiro de 14 anos, parando o cavalo para ver de onde vinha o ruído. Sentiu o veludo das pétalas do malmequer na mão, «bem me quer, mal me quer, muito, pouco ou nada». Tinha sido amada, tinha tido sempre o muito em tudo. Nos lábios sentiu o beijo ardente de Fernão, que deixara tudo por ela, que há dois anos estava ao seu lado no exílio, amando-a como no primeiro dia. Levou a mão à coroa e suspirou de satisfação: Teresa rainha.

# EPÍLOGO

Alberto deixou a cabeça cair sobre os braços pousados numa das secretárias de madeira do *scriptorium* do Mosteiro de Sahagún. O cheiro da tinta e das peles dos pergaminhos sossegava-o, trazendo-lhe a memória de Teresa, mais viva e mais forte do que em qualquer outro lugar. Bastava-lhe fechar os olhos para recuar àquelas manhãs no paço de Leão em que, empoleirados em bancos altos, escutavam as aulas da tia Urraca e descobriam a escrita e a leitura. Teresa estaria sempre aqui entre os livros, como estava certo de que a encontraria nos vales do Bierzo, ceifando as ervas com a espada na mão, gritando por ele, para que lhe ensinasse mais um golpe e a preparasse para se juntar aos exércitos do pai contra os sarracenos. Caprichosa, autoritária, mas profundamente leal e generosa. Que vazio parecia o mundo sem ela.

Participara nas cerimónias fúnebres no Mosteiro de Montederramo, onde a rainha insistira em ser sepultada, mas embora rezasse aos pés do túmulo de pedra, sabia bem que não era ali que estava Teresa, rainha. Teresa, rainha, nunca se confinaria a espaços fechados, dissera com um sorriso às desconsoladas filhas da condessa portucalense, pedindo-lhes que a procurassem a cavalgar entre as estrelas. À noite, quando se tinham reunido em redor da lareira, procurando aquecer os pés gelados pelo granizo, contara histórias de três meninas, Elvira, Teresa e Urraca, aos netos de Teresa, constatando com alegria que muitos deles tinham herdado os olhos verdes da avó e de Ximena Moniz.

Afonso Henriques não estivera presente, não pudera estar presente, mandou dizer, mas dias depois chegara o pedido de que Fernão tratasse, o mais breve possível, de trasladar o corpo da mãe para junto do conde D. Henrique, para que repousassem lado a lado na Sé de Braga. Fernão rasgara a nota, procurando disfarçar a raiva: enquanto fosse vivo, confidenciou a Alberto, Teresa não sairia da paz de Montederramo, não seria entregue a D. Paio Mendes. Amava-a de mais para o consentir. Um dia, um dia, quando o bispo de Braga fosse outro, cumpriria a ordem, e entretanto partiria para Coimbra, pedindo que se rezassem missas nas igrejas, capelas e mosteiros por aquela a quem

deviam tudo.

Alberto despedira-se na certeza de que nunca mais os voltaria a ver. Também o seu tempo chegava ao fim. Gozara uma vida plena, e os personagens da sua *Crónica* tinham partido para a glória de Deus. Conhecera-os de perto, admirara-os como a nenhuns outros, fora o privilegiado historiador de um tempo que acreditava sem igual.

Acima de tudo conhecera Teresa. Contara a história de Teresa. A história de uma mulher que governara contra a vontade de todos e lançara os alicerces de um novo reino, dera à luz aquele que seria o seu líder. Afonso Henriques, rei de Portugal. Mas essa história seria outro a escrevê-la.

Num súbito assomo de alegria, acendeu todas as velas, iluminando o *scriptorium*, como se todos os copistas estivessem a trabalhar. Abriu as janelas para o claustro pequeno, colhendo inspiração no som da água a correr no pequeno tanque, como os rios que atravessavam o coração do Bierzo. Depois sentou-se de novo à mesa de madeira de cerejeira e no topo do pergaminho escreveu: «Último Capítulo da *Crónica Anónima de Sahagún.*»

A partir daí a pena de pato macho correu mais depressa do que o pensamento. Contou tudo, sem esquecer nenhum detalhe. Fazia justiça a Teresa, fazia justiça a um tempo que acabava.

Já era de madrugada quando, exausto, enrolou o longo pergaminho que amanhã teria de ser trabalhado. Mas, de repente, num impulso irreprimível, voltou a desenrolá-lo e na última linha escreveu «Anasisapta».

# NOTA DA AUTORA

Recuar nove séculos no tempo tem tanto de aliciante como de difícil. É um mundo de que só conhecemos bocadinhos, tantas vezes através do cinema, em filmes que misturam as épocas e nos deixam uma visão cheia de anacronismos. Então quando o enfoque se coloca na História de Portugal, muitos de nós estamos presos às lendas e aos mitos, cultivados com o intuito de alimentar mais um patriotismo, tantas vezes bacoco, do que o conhecimento da verdade. Recordamos as imagens dos livros da escola primária, em que os heróis (os portugueses) degolavam animadamente a cabeça a infiéis, reconquistando um território que alegávamos pertencer-nos, a gente que denominávamos de «bárbara», facciosa e inculta.

E nesta história passada, D. Teresa estava congelada na figura de uma mulher ambiciosa, adúltera, posta no lugar por um filho, sujeito de milagres e educado pela mais alta estirpe da nobreza, que repunha a moralidade e dava o primeiro passo da nacionalidade. Afinal esse filho era Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal, que tinha de sair bem na História, consolidando um pequeno Estado que se mantinha autónomo ao longo dos séculos contra todas as probabilidades.

Quando, para escrever este livro, mergulhei nesta época, através das obras de historiadores tão fantásticos como José Mattoso, que conheci de perto nos meus tempos de universitária e admiro profundamente, e Luís Carlos Amaral e Mário Jorge Barroca, autores de *Condessa-Rainha: Teresa*, a primeira coisa que entendi é que são mais as dúvidas do que as certezas. Mas com inteligência e honestidade, conseguem construir uma narrativa coerente, sempre ressalvando as questões que permanecem em aberto, e para as quais contra todas as expectativas vão aparecendo, por vezes, novas respostas.

A conjuntura «macro-geográfico-económica», como suponho que hoje se diria, é matéria já muito segura, mas os detalhes pessoais, as datas de nascimentos, casamentos e mortes vão-se encontrando por aproximação, assim como o retrato mais fiel da vida do dia a dia

(obrigada, Oliveira Martins, por uma escrita tão cativante). Por vezes sabe-se melhor o que seguramente não aconteceu do que aquilo que terá acontecido sem sombra de dúvida.

É o que sucede quando se procura encontrar D. Teresa, maridos e filhos, e com eles as raízes da nossa história. Adeus ao lugar onde nasceu D. Afonso Henriques (Guimarães, Coimbra, Viseu?), *idem* aspas para a história que o dá como recém-nascido com deficiências, para o milagre que o cura, e para os feitos heroicos de Egas Moniz, que provavelmente não foi sequer o aio de Afonso Henriques, papel que terá sido desempenhado pelo seu irmão Ermígio. Mas onde já vou. Quem quiser saber mais sobre tudo isto tem nas páginas seguintes a bibliografia que consultei, e muitas outras referências para que estes livros por sua vez remetem.

Volto atrás. À experiência de escrever sobre D. Teresa. Ao pacto que ao longo dos meus romances históricos sempre tenho cumprido, de permitir ao leitor saber onde começa a ficção.

Não é tão fácil neste livro como aconteceu nos outros, mas mais uma vez o método de trabalho manteve-se igual: primeiro a busca de todos os factos comprovados, a tentativa de compreender a «dinâmica» da época, o esforço de entender a mentalidade de quem viveu no século XII, na Península Ibérica, o papel da Igreja, o choque entre o culto moçárabe e a reforma gregoriana, para a construção de uma grelha o mais fidedigna possível. E, porque entre tantas opções é preciso escolher um fio cronológico, optei pelo de José Mattoso, que situa o nascimento de D. Teresa em 1080, no mesmo ano que o de D. Urraca (essa sim comprovada).

Desenhada a grelha, o passo seguinte foi insuflar de vida os personagens, que rapidamente reclamaram para si uma personalidade própria. Não totalmente fruto da imaginação, mas mais de um esforço de os tornar coerentes. Dou-lhe um exemplo: se sabemos que a relação adulta entre Teresa e a irmã Urraca se pautou por uma rivalidade constante, então faz sentido que tenha começado na infância. Por outro lado, se é certo que a tia Urraca, irmã do pai de ambas, era uma mulher dominadora, fortíssima, que se manteve solteira para não abrir mão do poder e da riqueza, e que governou lado a lado com Afonso VI, então é perfeitamente natural que esse exemplo de mulher tenha marcado as

suas sobrinhas. No entanto, também conhecemos momentos de ternura e aproximação de Teresa e Urraca, que em comum tinham contra elas o facto de serem mulheres, e mulheres de poder. Não admira que tantas vezes o comportamento de uma pareça decalcado do da outra.

Mas, se chegou a estas páginas, é porque leu o livro, e se leu o livro tenho a certeza de que, como este exemplo, encontrará facilmente outros. Nomeadamente a presença de ligações amorosas que «ofendiam Deus e o direito», D. Teresa com Fernão Peres de Trava, D. Urraca com Pedro de Lara, e a ousadia de gerarem e assumirem os seus filhos.

No meio deste *puzzle* complicado, a que faltam tantas peças, há no entanto momentos de verdadeira epifania para quem investiga e escreve. Ximena, mãe de D. Teresa, era senhora do castelo de Urvel (hoje nos mapas como de Cornatel), de onde se vê o lago de Carucedo, nas margens do qual, conta a lenda, uma ninfa sai das águas para cantar na noite de São João. Imaginem a emoção que senti quando, de repente, tomei consciência de que a data é a exata da batalha de São Mamede... Ou quando percebi que o momento em que o bispo de Braga, D. Maurício, enfurece de sobremaneira a rainha Teresa, levando-a a mandar destruir a Sé de Braga, corresponde ao momento em que, num gesto que só pode ser interpretado como de vingança, a recém-rainha Urraca retira a tenência de Urvel a Ximena Moniz! Quem resistiria a ligar estes factos, vendo aqui mais uma das comprovadas conspirações do bispo de Santiago, Diego Gelmirez?

Como foi, também, irresistível aproximar D. Teresa e o monge que escreveu as *Crónicas Anónimas de Sahagún*, que, tal como a *História Compostelana*, constituem dos documentos mais próximos da época, e que nos contam episódios fantásticos, como o maravilhoso cerco de Peñafiel, em que Urraca perde a cabeça por ouvir chamar rainha à irmã Teresa. Quando descobri que tudo indica que o monge se chamava Alberto, Alberto saltou para estas páginas!

Ficção e realidade misturam-se em todas as páginas deste livro, unindo-se muitas vezes no momento em que visito os locais onde tudo aconteceu, mesmo que não restem mais do que pedras. O Bierzo tocou-me particularmente, porque naqueles vales de silêncio, entre conventos perdidos em aldeias serranas, acredito que ainda é possível escutar os

cascos do cavalo do imperador em visita ao Mosteiro de S. Pedro de Montes, ouvir os passos e os risos de D. Teresa, entre os cânticos dos monges que elevavam a voz aos céus.

Foi a partir de tudo isto que encontrei a «minha» D. Teresa, uma mulher cheia de contradições, mas com a força admirável de se impor num mundo de homens e de lutar por aquilo que acreditava ser seu por direito. Espero que nestas páginas também tenha encontrado a sua.

Isabel Stilwell
Sintra, 14 de março de 2015

# *DRAMATIS PERSONAE*

**Afonso VI** — Pai de Teresa, passou a denominar-se imperador após a conquista de Toledo. Reinou 44 anos, depois de ter tomado o trono de Castela ao irmão mais velho, e mandado prender o irmão mais novo, rei da Galiza, segundo se diz numa conspiração com a sua irmã mais velha, Urraca. A sua relação com Ximena Moniz terá acontecido entre a primeira mulher de Afonso, Inês da Aquitânia, e a segunda, Constança da Borgonha. Trouxe as duas filhas de Ximena para a corte, estima-se que pelos seis, sete anos, e ofereceu à amante a tenência do castelo de Urvel, num gesto de consideração invulgar. Teve a ousadia de declarar herdeiro o seu único filho varão, Sancho, filho ilegítimo de uma princesa moura, e sofreu um enorme desgosto quando este foi assassinado na sequência da batalha de Uclés, em 1108. Morreu em Toledo, depois de nomear a filha Urraca rainha, comandando que casasse com o rei Afonso de Aragão, *o Batalhador*.

**Sancho Afonsez** — Filho de Afonso VI e de Zaida, uma princesa moura, foi o seu único descendente varão. Apesar de ilegítimo e da ascendência moura, era o herdeiro do trono. Morreu na sequência da batalha de Uclés, em 1108, julga-se que com 14 anos.

**Zaida** — Nora do rei de Sevilha, a princesa foi amante de Afonso VI, à proteção de quem estava depois de o marido, o califa de Córdova, ter sido assassinado pelos almorávidas. Quando ficou grávida de Afonso, converteu-se ao cristianismo, sendo batizada na Catedral de Burgos, com o nome de Isabel. O filho nascido foi Sancho, que o pai declarou anos depois seu herdeiro. Os historiadores acreditam que é ela a Isabel que casou em quartas núpcias com Afonso VI. Teve dele mais duas raparigas. Foi sepultada ao lado das outras mulheres legítimas de Afonso, no Mosteiro de Sahagún.

**Urraca Fernandez** — Irmã de Afonso VI, partilhou com ele o poder. Herdeira, com a irmã Elvira, dos bens do infantado, era uma mulher muito rica e poderosa, que se manteve solteira. Investiu elevadas somas no enriquecimento da Colegiada de Sto. Isidoro, em Leão. Não se sabe

se educou as sobrinhas, mas faz sentido que tenha tido sobre elas grande influência.

**Ximena Moniz** — De uma família nobre, Ximena teve uma ligação sentimental com Afonso VI, de que resultaram Elvira e logo depois Teresa. A relação e o nascimento das filhas estão documentados, assim como a referência de que ela era «muito amada pelo rei». Há teorias que defendem que casou com o rei, porque então, na Península, o casamento fazia-se muitas vezes de forma informal, apenas com o consentimento dos dois noivos. Contudo, a tese parece mais um desejo de legitimar o nascimento da mãe do nosso rei Afonso Henriques. Afonso VI deu-lhe, de facto, a tenência do castelo de Urvel e outros benefícios, que lhe foram tirados pela rainha Urraca quando chegou ao trono. Do castelo de Urvel, agora com o nome de Cornatel, vê-se o lago de Carucedo, e se o visitar ouvirá a lenda da ninfa que surge na noite de S. João. Morreu aos 68 anos, e foi sepultada em Sto. André de Espinareda.

**Hugo de Cluny** — Foi um dos abades mais importantes da Ordem de Cluny, a mais importante ordem religiosa de então, sendo o «arquiteto» da grande abadia, a maior e mais magnífica do seu tempo, financiada em parte pelos donativos de Afonso VI. Teve um papel fundamental na sua época, comparando-se a sua importância à do papa (alguns deles foram seus discípulos). Visitou Leão pelo menos duas vezes. Morreu no mesmo ano que Afonso VI, com quem tinha uma ligação forte.

**Elvira** — A primeira filha de Ximena Moniz e Afonso VI, nascida provavelmente em 1079. Casou com o cruzado Raimundo de St. Gilles, mais tarde herdeiro do título de Toulouse. Acompanhou-o na primeira cruzada à Terra Santa e esteve envolvida em batalhas e conquistas. Foi mãe de Afonso Jordão. Depois da morte do marido voltou a Espanha e herdou da mãe as terras do Bierzo. Voltou a casar com Fernando Fernandez, de quem teve três filhos, mas de quem aparentemente se separou.

**Teresa, condessa portucalense** — Teresa é filha de Ximena Moniz e Afonso VI, irmã de Elvira e meia-irmã de Urraca. Estima-se que tenha

nascido em 1080, mas não há certeza da data. Casou com Henrique da Borgonha e como dote recebeu o Condado Portucalense. Dele teve cinco filhos, o primeiro varão, Henrique, morreu em bebé, sendo o segundo varão o primeiro rei de Portugal, Afonso Henriques. A partir de 1117 assina como «regina Taresia de Portucale». Após a morte do conde D. Henrique teve uma relação longa com Fernão Peres de Trava. A história conta que terá tido uma primeira ligação amorosa com o irmão deste, Bermudo, que depois casou com a sua filha Urraca. Morreu na Galiza, dois anos depois de ter sido derrotada na batalha de São Mamede. Terá sido sepultada no Mosteiro de Montederramo, na Galiza, e mais tarde trasladada para a Sé de Braga, para junto do conde D. Henrique, a pedido expresso de Afonso Henriques. Obviamente que a história da cegueira provocada por D. Paio Mendes é ficção, mas não o seu desentendimento constante com ele.

**Urraca (rainha)** — Filha de Afonso VI e da rainha Constança da Borgonha, era meia-irmã de Teresa, e prima do conde D. Henrique. Nasceu em 1080. Casa com o conde Raimundo da Borgonha, de quem tem dois filhos, Sancha e Afonso, mais tarde Afonso VII. Pela morte do pai herda o trono, mas com a condição do casamento com Afonso de Aragão, *o Batalhador*, o início de uma guerra entre marido e mulher que durou anos e lançou o reino numa guerra civil. O casamento foi declarado nulo pela Igreja. Teve um amante, o conde de Lara, de quem teve dois filhos, Elvira e Fernando de Lara. Morreu em 1126, sucedendo-lhe o filho Afonso (VII).

**Henrique da Borgonha** — Sobrinho da rainha Constança, chegou à Península Ibérica para lutar junto do rei Afonso VI contra os mouros. Casou com Teresa, filha ilegítima do rei, e foi-lhe dado como dote o Condado Portucalense. Ambicioso, assinou com o primo Raimundo um «pacto sucessório» que previa uma divisão dos territórios do sogro, por morte deste, entre Raimundo e ele. Depois da morte de Raimundo e de Sancho, filho de Zaida, terá procurado que o imperador lhe deixasse o trono, pelo menos como regente, mas as conversações entre ambos acabaram com a expulsão da corte. Morreu em Astorga, em 1112, com 44 anos e 17 anos de casamento.

**Raimundo da Borgonha** — Chegou à Península para lutar contra os mouros, tal como o seu primo Henrique. Casou com Urraca, filha legítima do rei ao tempo. Foi pai de Sancha e depois de Afonso (mais tarde Afonso VII). Morreu precocemente em 1107.

**Raimundo de St. Gilles (Toulouse)** — Veio para a Península para lutar contra os mouros, e casou com Elvira, filha do rei Afonso VI. Apesar da idade avançada, chefiou a primeira cruzada à Terra Santa e destacou-se como militar. Quando conquistou Jerusalém, recusou-se a usar a coroa, numa terra onde Jesus fora aclamado rei dos Judeus. Morreu num incêndio no castelo que construíra nas vizinhanças de Tripoli.

**Bernardo de Toledo** — Bernardo de Sedirac era um monge cluniacense, abade do mosteiro real de Sahagún. Quando conquistou Toledo, o rei, que se autodenominou imperador, promoveu-o a bispo de Toledo, e a partir daí a carreira eclesiástica do mais poderoso membro da Igreja foi subindo até chegar ao lugar de primaz de todas as Espanhas. Era um homem inteligente e extremamente poderoso, que se debateu sempre contra a independência de Braga e as prepotências de Santiago de Compostela.

**Soeiro Mendes da Maia** — Magnata de uma das famílias mais antigas do Condado Portucalense, era tio de Teresa, pelo seu casamento com Gontrode Moniz, irmã de Ximena. Foi braço-direito do conde D. Henrique e governou o condado com Teresa por várias vezes.

**Paio Soares da Maia** — Primo de Teresa, foi também seu mordomo-mor e alferes-mor. Afastou-se, com outros nobres portucalenses, aquando da relação de D. Teresa com Fernão Peres de Trava. Apoiou depois Afonso Henriques contra a mãe.

**Alberto** — O personagem de Alberto foi inspirado no autor das *Crónicas Anónimas de Sahagún*, redigidas por um monge Alberto (pelo menos parte). As crónicas são uma das fontes mais importantes para os acontecimentos no reinado de Urraca e as suas lutas com o Batalhador. Faz referências a Teresa, nomeadamente na discrição ao detalhe do cerco de Peñafiel, de como a rainha Urraca se enfureceu ao ver a irmã

intitulada de rainha, e em muitas outras ocasiões. A ligação pessoal a Teresa é obviamente ficcionada.

**Maurício Burdino** — Trazido para a Península por D. Bernardo de Toledo, foi nomeado bispo de Coimbra e depois de Braga. As suas ligações privilegiadas a Roma levaram-no a visitar o papa por várias vezes, caindo na «ingenuidade» de se deixar nomear (anti) papa, nas conturbadas guerras com o imperador alemão. Foi excomungado.

**São Geraldo de Moissac** — O arcebispo de Braga foi canonizado e é padroeiro da cidade. Foi um homem extraordinário, e extraordinariamente importante para a autonomia daquela diocese, nomeadamente na construção da sé e na implantação do rito romano. Nasceu em França, numa família nobre, professou num mosteiro beneditino, e veio para a Península pela mão de D. Bernardo de Toledo. Morreu em 1108 e está sepultado na Capela de São Geraldo, na Sé Catedral de Braga.

**Urraca Henriques** — A filha mais velha de D. Teresa terá nascido por volta de 1095 ou 1096 e casou com Bermudo Peres de Trava em 25 de julho de 1122. Segundo consta, teve seis filhos que sobreviveram até adultos.

**Sancha Henriques** — A segunda filha de D. Teresa terá nascido por volta de 1097 e faleceu em 1163, tendo casado primeiro com Sanches Nunes de Celanova e depois com Fernão Mendes de Bragança. Do primeiro casamento terá tido quatro filhos e do segundo nenhum.

**Teresa Henriques** — A terceira filha de D. Teresa e do conde D. Henrique terá nascido por volta de 1098 e pouco se sabe dela.

**Henrique Henriques** — O primeiro filho varão dos condes portucalenses nasceu depois de 1098 e morreu antes de 1110.

**Sancha Peres de Trava e Teresa Peres de Trava** — Teresa e Fernão Peres de Trava terão tido duas filhas. Os historiadores atribuem-lhes mais duas, mas, pelo menos tendo estas datas como referência, não faz qualquer sentido, já que implicariam gravidezes muito para lá dos 40

anos, o que não se considera possível.

**Fernão Peres de Trava** — Filho de Pedro Froilaz, conde de Trava e aio do infante Afonso Raimundes (Afonso VII), tem uma relação amorosa intensa com a condessa portucalense, apesar de ser casado. Figura ao lado dela em documentos desde inícios de 1121. Nessa altura já exercia o cargo de tenente de Coimbra. Alguns historiadores consideram que a relação teria sido a partir daí, mas não faz sentido, atendendo às gravidezes da rainha que terão de ser anteriores a esta data, e aos cargos que já ocupava. Há registo de que foi expulso com a condessa depois de São Mamede. Após a morte da «rainha Teresa», manda rezar missa por ela em Portucale, e volta para a mulher, Sancha Gonçalves de Lara.

**Afonso VII** — A vida do filho da rainha Urraca foi no mínimo atribulada, disputado constantemente entre os partidos que ambicionavam o poder e a sua mãe, que não queria abrir mão do poder. Aparentemente condenado a ser apenas rei da Galiza se a mãe e Afonso de Aragão tivessem tido um filho varão, acabou por herdar todos os reinos do seu avô, o imperador. Afonso VII reinou bem e conseguiu, diplomaticamente, manter consensos.

**Ermígio Moniz** — Da família dos Ribadouro, das mais prestigiadas do condado, é considerado pelo grande historiador José Mattoso como tendo sido o verdadeiro aio de D. Afonso Henriques. Nomeado logo após a batalha de São Mamede como seu braço-direito, tudo indica que o fosse de facto. Não casou nem teve filhos.

**Egas Moniz** — O irmão de Ermígio Moniz, suposto aio de Afonso Henriques, está rodeado de mitos e lendas que os historiadores, nomeadamente José Mattoso, consideram não serem mais do que isso mesmo, histórias criadas *a posteriori* para justificarem a ligação do rei à nobreza e a importância que esta tinha na ascensão ao poder do jovem filho dos condes portucalenses. Nada disto refuta, no entanto, a sua importância durante o tempo de Teresa e Henrique, e mais tarde no reinado de Afonso Henriques, de quem recebeu muitos benefícios.

# BIBLIOGRAFIA


*Alfonso VI y Su Legado, Actas del Congreso Internacional Celebrado en Sahagún, 2010* (2012), C. Estepa, E. Fernández, J. Rivera (eds.), Leão.

Almeida, F.-A. (2005), *Vidas Maravilhosas de Antigos Santos*, Círculo de Leitores.

Alonso, J. P. (1920), *Las Crónicas Anónimas de Sahagún. Boletín de la Real Academia de la Historia*.

Amaral, L., e Barroca, M. (2012), *A Condessa-Rainha-Teresa*, Círculo de Leitores.

Barba, I. G. (1995), *Por Tierras de El Bierzo*, Edilesa.

Bishko, C. J. (1971), *Spanish and Portuguese Monastic History. IX Count Henrique of Portugal, Cluny, and the Antecedents of the Pacto Sucessório*, The Library of Iberian Resources Online (publicado originalmente na *Revista de História*, 13).

Brito, B., e Brandão, A. (1632), *Terceira Parte da Monarchia Lusitana*, Impressa em Lisboa em o Mosteiro de S. Bernardo, por Pedro Craesbeck.

Cassagnes-Brouquet, S. (2003), *La Passion du Livre au Moyen Âge*, Ouest-France.

Cassagnes-Brouquet, S. (2009), *La Vie des Femmes au Moyen Âge*, Ouest-France.

Cassotti, M. (2008), *D. Teresa*, A Esfera dos Livros.

Dawson, C. (1934), *Mediaeval Religion and Other Essays*, Sheed & Ward.

Duby, G., Braunstein, P., Barthélemy, D., Contamine, P., Ronciére, C., Régnier-Bohler, D., e Ariès, P. (1990), *História da Vida Privada* (vol. 2). Edições Afrontamento.

Estefânio, A. (2013), «Proposta de aclaração do "pacto sucessório" à luz de novos dados».

Ferreira, M. d. R. (2011), «Entre conselho e incesto: a irmã do rei» *(e-Spania)*.

Ferreira-Alves, N. M., Cardoso Rosas, L., Moreira da Rocha, M. J., e Barros, M. S. (2011), *Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro*, Município de Felgueiras.

Geremek, B. (1986), *A Piedade e a Forca*, Terramar.

Guthrie, S. (2001), *Arab Women in the Middle Ages*, Saqi Books.

Iberia, Q. (1999), *Sexualities, Cultures, and Crossings from the Middle Ages to the Renaissance*, Duke University Press.

Irisarri, Á. d. (2007), *La Reina Urráca*, Temas de Hoy.

Isaac, F. M. (2013), «Sesnando Davides» (dissertação de mestrado em História), Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Lay, S. (2011), *Os Reis da Reconquista Portuguesa*, Texto Editores.

Livermore, H. V. (1967), *A New History of Portugal*, Cambridge University Press.

Marques, A. H. (2010), *A Sociedade Medieval Portuguesa: Aspectos da Vida Quotidiana*, Esfera dos Livros.

Martín, B. P. (s. d.), *La Recepción de los Valores Caballerescos por la Monarquía Castellano-Leonesa*, Universidad Complutense de Madrid.

Martinez, S. T., Almeida, M. R., e Pinto, A. C. (2009), *Natural Ballucinogens: a Flight from Medieval Europe to Brazil*, São Paulo: Instituto de Química, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mattoso, J., Gonçalves, I., Miranda, M., Serra, T., Gomes, R., e Cunha, E. (2004), *Estudos Medievai*s, Livros Horizonte.

Mattoso, J. (2007), *D. Afonso Henriques*, Círculo de Leitores, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Temas e Debates.

Mattoso, J. (2009), *Naquele Tempo,* Círculo de Leitores.

Mattoso, J., e Vasconcelos e Sousa, B. (2010), *História da Vida Privada em Portugal: A Idade Média*, Círculo de Leitores.

Mullins, E. (2006), *Cluny*, Blue Bridge.

Oliveira, A. R., e Miranda, J. C. (s. d.), «Da *História Compostelana* à *Primeira Crónica Portuguesa*: O discurso historiográfico sobre a formação do reino de Portugal. Universidade do Porto e Universidade de Coimbra.

Reilly, Bernard F. (1988), *The Kingdom of León-Castilla Under King Alfonso VII, 1126-1157*, University of Pennsylvania Press.

Reilly, Bernard F. (1982), *The Kingdom of León-Castilla Under Queen Urraca, 1109 -1126*, University of Pennsylvania Press (Libro, The Library of Iberian Resources Online).

Rosenwein, B. H. (2004), *A Short History of the Middle Ages*, Broad View.

Runciman, S. (1992), *História das Cruzadas* (vol. 1), Livros Horizonte.

Sánchez-Pacheco, F. (1998), *Urraca Reina*, Alderabán.

Saraiva, A. J. (1998), *O Crepúsculo da Idade Média em Portugal*, Gradiva.

Saraiva, A. M. (2009), «Viseu — do governo condal ao reinado de D. Afonso Henriques (1096-1185)», *Revista de História da Sociedade e da Cultura*.

Schmidt, J.-J. (2003), *Sabedoria Árabe*, Pergaminho.

Sumption, J. (1975), *The Age of Pilgrimage*, Hidden Spring.

Tourault, P. (1996), *História Concisa da Igreja*, Europa-América.

Vasconcelos e Sousa, B., Pina, I. C., Andrade, M. F., e Santos, M. (2006), *Ordens Religiosas em Portugal*, Livros Horizonte.

Veloso, M. T. (2003), «D. Maurício, monge de Cluny, bispo de Coimbra, peregrino na Terra Santa», Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Zaidan, J., e Allen, R. (2010), *The Conquest of Andalusia*, Zaidan Foundation.




**O cavaleiro de Borgonha e a infanta de Leão.**
D. Henrique chegou à Península Ibérica para lutar contra o infiel nos exércitos de Afonso VI. Era sobrinho da rainha Constança, que terá apoiado o casamento da sua enteada D. Teresa com o cavaleiro da Borgonha. Não se conhece a data exata do casamento, mas estima-se que tenha acontecido em 1095, teria a infanta 15 anos. (© Oronoz/AIC)



**Afonso VI, o imperador de todas as Espanhas.** A personalidade do rei de Leão e Castela é fascinante. Conspirou, e diz-se que matou, para roubar a coroa aos irmãos, e intitulou-se imperador a partir da conquista de Toledo. Casou por cinco vezes e teve duas relações fora do casamento: a primeira com Ximena Moniz, de que resultaram as infantas Elvira e Teresa, a segunda com uma princesa moura, Zaida, que lhe deu o único filho varão. D. Teresa citará em todas as ocasiões a sua ascendência real. (© Oronoz/AIC)



**D. Henrique na luta contra o infiel.** O «partido» de Borgonha, de que D. Henrique era figura destacada, tinha um enorme poder na política do reino de Leão e Castela. Escultura do conde portucalense, datada do século XVII, na Sala dos Reis, do Alcácer de Segóvia. (© Oronoz/AIC)



**A origem de uma nova dinastia.**
Iluminura de António de Holanda e Simão Bening, feita para a *Genealogia do infante D. Fernando de Portugal*, com o conde D. Henrique e D. Teresa, em cima ao centro. (© British Library Board/Robana/Scala, Florença)



**O poder como objetivo comum.** Henrique era determinado, corajoso, um excelente militar, sabendo aproveitar as oportunidades, sempre em busca de mais terra e mais poder, e ambicionando a coroa de Leão e Castela. O casamento com D. Teresa foi pautado por uma forte união em torno de objetivos comuns, até à sua morte prematura aos 44 anos. (© Oronoz/AIC)



**Rainha Urraca, a guerra das irmãs.** Urraca era tão ambiciosa, inteligente e determinada como a meia-irmã. As relações entre ambas ficaram ainda mais ácidas quando se tornou rainha de Leão e Castela. A entrada em cena do seu segundo marido, o rei de Aragão, transformou a realidade política num barril de pólvora. Só com a sua morte, e a subida ao trono do filho Afonso VII, voltará a chegar a paz. (© Oronoz/AIC)



**Bermudo Peres de Trava, D. Teresa e a sua filha Urraca.**
Bermudo Peres de Trava (à esquerda), D. Teresa (ao centro) e D. Urraca Henriques (à direita), no mosteiro galego de Toxosoutos, por altura do casamento da filha da rainha com o irmão do seu amante. Nesta altura já D. Teresa teria uma filha de Fernão Peres de Trava, que era casado... (© Oronoz/AIC)



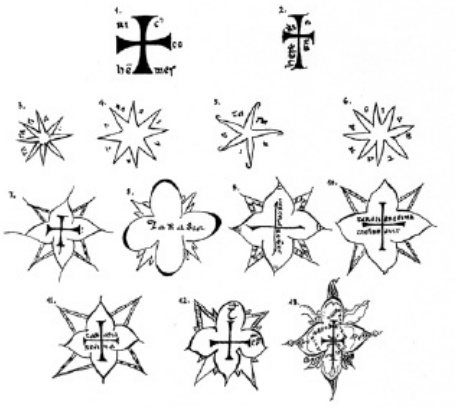
**O todo-poderoso Diego Gelmirez.**
O arcebispo de Santiago de Compostela manipulou, como ninguém, a política da Galiza e não só. Com uma persistência admirável, mexeu os cordelinhos para conseguir sempre mais poder. Procurou aniquilar a diocese de Braga, e o roubo das relíquias (pio latrocínio) ficará para a História como um episódio de descaramento e ousadia. (© Oronoz/AIC)



**Conde D. Raimundo, o cunhado invejado.**
D. Raimundo era menos «nobre» do que D. Henrique, mas chegou primeiro, conseguindo casar com a filha legítima do imperador, D. Urraca. Ambicioso, terá perdido a confiança do sogro quando não foi capaz de manter Lisboa e Sintra. Pai de um filho varão, seria provavelmente o sucessor de Afonso VI se não tivesse morrido inesperadamente.
(© Oronoz/AIC)



**Consagração do altar-mor da Abadia de Cluny.**
A ligação entre Afonso VI e Hugo de Cluny marcou a nossa história medieval, ligação essa continuada pelo conde D. Henrique, sobrinho do poderoso abade. Nesta imagem, o papa Urbano II consagra o altar-mor de uma abadia construída com os impostos cobrados aos califados do Al-Andaluz. (© Oronoz/AIC)



**Sinais de soberania dos condes portucalenses.**
Sinais de soberania dos condes portucalenses, encontrados nas doações e noutros documentos assinados por D. Henrique e D. Teresa ao longo do seu governo. (Biblioteca Nacional de Portugal)



**Carta de Couto de Osseloa. O sinal público em cruz, com o nome e título.**
Diz a tradição que a rainha Teresa, passando por Assiló, se hospedou em casa de Gonçalo Eriz e lá deu à luz um filho. Em sinal de gratidão, instituiu ali uma albergaria, mais tarde Albergaria-a-Velha. De facto, o documento data de 1117, o ano em que terá nascido Sancha, filha de Fernão Peres de Trava. Terá sido em Assiló o nascimento? Se assim foi, a ilegitimidade da bebé não lhe abalou a confiança: «Eu, infanta Dona Teresa, Rainha de Portugal», diz o documento, a que é aposto o sinal público em cruz, com o seu nome e título. (Carta de Couto dada por D. Teresa a favor de Gonçalo Eriz de uma propriedade em Osseloa, na qual instituí uma albergaria. PT/TT/MSPP/012/0002/28, «imagem cedida pelo ANTT»)



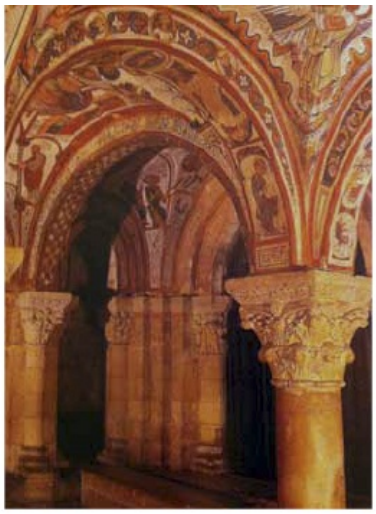
**Teresa assume-se Rainha.**
Após ter recebido uma carta do papa Pascoal II, expedida a 18 de junho de 1116, dirigida à «Rainha Teresa», a infanta passou a utilizar o título em todos os documentos. A doação do reguengo de Santa Cruz, na imagem, data de 1117 e é a primeira (que chegou até nós) em que surge como «Rainha Teresa de Portugal». (Ordem de S. Bento, Mosteiro de S. Pedro de Pedroso, mç. 1, doc. 23, «imagem cedida pelo ANTT»)



**Castelo de Urvel, onde começa a história.**
O castelo de Urvel, hoje no mapa do Bierzo como de Cornatel, é onde esta história começa: a tenência pertencia a Ximena Moniz, mãe de D. Elvira e de D. Teresa. Lá de cima vê-se o lago de Carucedo, onde, diz a lenda, a ninfa canta nas noites de São João. *(DR)*



**São Pedro de Montes «patrocinado» pela família Moniz.**
Fundado no século VII por São Frutuoso, o mosteiro foi abandonado no início da invasão muçulmana, sendo reconstruído em 895 por São Genadio. Ximena Moniz patrocinou o mosteiro, onde esteve muitas vezes decerto com as filhas. *(DR)*



**A basílica de Santo Isidoro estava no centro do paço de Leão.**
D. Teresa cresceu na corte de Leão, que vivia em torno da basílica, a grande obra da tia Urraca Fernandez, sepultada no seu panteão. A cidade é central na vida dos condes portucalenses. *(DR)*



**Mosteiro Real, em Sahagún, de que se adivinha a imponência.**
A abadia que foi entregue aos monges de Cluny. Afonso VI engrandeceu-a, e a família real passava aqui temporadas, nomeadamente no Natal. As *Crónicas Anónimas de Sahagún*, da autoria, supõe-se, de um monge Alberto, são uma fonte insubstituível para entender esta época. *(DR)*



**Zaida, a princesa que veio de Córdova.**
A princesa Zaida, amante de Afonso VI, foi mãe do seu único filho varão. Depois da queda do califado de Córdova, a nora do famoso rei de Sevilha, Al Mutamid, refugiou-se em Toledo e Leão. A mesquita revela a magnífica arquitetura árabe. *(DR)*



**Santiago de Compostela, destino de todos os peregrinos.**
Santiago tornou-se, no tempo de D. Teresa, um dos maiores centros de peregrinação da Europa. O arcebispo Diego Gelmirez conseguiu torná-la sé metropolitana, libertando-a da tutela de Braga, fazendo crescer a sua importância política e religiosa. *(DR)*



**Castelo de Guimarães, sede do governo portucalense.**
Quando os condes portucalenses chegaram a Guimarães, encontraram um castelo a precisar de obras e um pequeno paço, que nos primeiros anos foi o centro político da sua governação. O cerco do castelo e a batalha de S. Mamede tornam-no absolutamente incontornável. *(DR)*



**O poder dos arcebispos de Braga.**
D. Geraldo, D. Maurício, D. Paio Mendes, os arcebispos de Braga, foram fundamentais na luta pela independência da diocese. D. Teresa gostou do primeiro, não gostou do segundo e odiou o terceiro, um dos principais aliados de Afonso Henriques na revolta contra a mãe. *(DR)*



**Viseu, berço de Afonso Henriques?**
Terá sido em Viseu, segundo a tese apoiada por José Mattoso, que nasceu D. Afonso Henriques (na imagem). O lugar do nascimento (entre Guimarães, Viseu e Coimbra) tem sido motivo de enorme polémica, desde que se sabe que D. Teresa, grávida de quase nove meses, ali assinou uma doação. *(DR)*



**Penalba de Santiago, cenário do Pacto Sucessório.**
O pequeno mosteiro de Penalba de Santiago, nas montanhas do Bierzo, foi fundado no século x, tendo como patronos os Moniz. No livro decorre aqui a assinatura do Pacto Sucessório entre D. Henrique e D. Raimundo. *(DR)*



**Toledo, a magnífica cidade imperial.**
Quando, em 1085, Afonso VI conseguiu conquistar aos mouros a magnífica cidade imperial de Toledo, passou a intitular-se imperador. E foi nesta cidade, onde cristãos, mouros e judeus viviam em paz, que o rei morreu em 1109, pouco depois de ter expulsado o genro Henrique da corte. *(DR)*



**Zamora, onde Afonso Henriques se armou cavaleiro.**
D. Urraca acordou ceder Zamora à sua meia-irmã, em troca do apoio dos condes portucalenses à guerra que fazia ao marido, Afonso, *o Batalhador*. Foi na Sé Catedral desta cidade que D. Afonso Henriques se armou a si mesmo cavaleiro. *(DR)*






**Sepultura de Afonso VI sem a pompa que desejou.** Sahagún foi escolhido por Afonso VI como lugar de sepultura, ao lado das suas esposas. A destruição de que o mosteiro foi alvo séculos depois levou a que as ossadas fossem escondidas e mais tarde trasladadas para um convento contíguo. Os restos mortais das rainhas foram guardados numa única sepultura. *(DR)*



**O cerco ao castelo de Póvoa de Lanhoso.**
Foi no castelo de Póvoa de Lanhoso que D. Teresa se refugiou, fugindo dos exércitos da rainha Urraca. Erguido no topo do Monte do Pilar, o maior monolítico granitoide português, é uma fortificação inexpugnável. Diz-se que após S. Mamede teria aqui sido presa pelo filho, mas sabe-se que fugiu para o exílio na Galiza. *(DR)*



**A sepultura de Ximena em Santo André de Espinareda.**
No Bierzo, foi o local escolhido por Ximena Moniz para a sua sepultura. Uma pedra tumular, com um poema que fala da história de amor com o rei Afonso VI, foi retirada para um museu de Madrid, mas tudo indica que será uma homenagem posterior. *(DR)*



**Santa Maria de Montederramo e a sepultura de D. Teresa.**
O mosteiro, na Galiza, foi refundado por D. Teresa, já no exílio. Julga-se que terá sido aqui sepultada, antes da trasladação do corpo para a Sé de Braga, onde hoje descansa ao lado do conde D. Henrique, na capela de São Geraldo. *(DR)*